This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY

THE GIFT OF

Dr. J. C. Branner

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LVII

PARTE I

(1°. E 2°. TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
93, RUA DOS INVALIDOS, 93

1894

222860

STANFORD LIBRARY

AMERICA ABREVIADA

Suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas e instrucções a sua conservação e augmento mui uteis

PELO

PADRE JOÃO DE SOUZA FERREIRA

Presbitero da Ordem de São Pedro, Natural da villa de Basto.

Para quem houver de vêr.
Esta obra, tem seis capitulos :

O primeiro serve á curiozidade.

O segundo á utilidade portugueza, e desengano estrangeiro.

O terceiro, quarto e quinto uma parte á curiozidade, outra ao conhecimento do que tratam, para o certo de sua dispozição.

O sesto á segurança do que aponta para que, andando estampado nas mãos dos homens d'aquella banda, e de seus governadores, possam fazer tal estudo, que em nenhum tempo lhes suceda dizer: Não cuidei.

E nem por apontar nossos acertos se podem valer d'elles os estranhos; antes lhes podem servir de desengano para que nos não ponham em cuidado. Nem lhes póde servir de escandalo, por historia sincera e acautelada, excepto das verdades que lhes inculcam paciencia, e a nós conveniencia, tanto em que os nossos estejam de acordo, como para que os mais se reprimam de excessos abominados.

Ao Illustrissimo Senhor Dom Frei Joseph de Lancaster, Bispo de Leiria e Inquizidor Geral dos Reinos de Portugal, que Deus Guarde.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Lúcro parece poder-se aos grandes grandes cousas offerecer; mas como para principes nenhuma possa ser grande, logo me pareceu seria melhor lugar qualquer singular, ainda que pequena, como esta, pelo amor, pela obra, e pelo que comprehende: si bem espero eu seja este compendinho mineiro avaliado, como de Nosso Senhor foi a moeda da pobre, que não teve mais que dar: e supposto por muitas razões pequeno tem as grandezas, de que achei V. S. se satisfaria mais.

Grandeza de minha ousadia em sair com a verdade a campo, quando por abundia só o engano triunfa: grandeza do meu sentimento das cousas do Estado do Maranhão cada vez a menos, podendo ser um dos melhores do ultramar da corôa de Portugal; grandeza de minha temeridade, passando de verdades palpaveis a ouvidas circumstancias pela experiencia de 30 annos d'aquelle Estado, e alguma cousa ter visto; grandeza de humilde dezejo, com que em primeiro lugar procurei agradar a Deos, e confesso, que sem sua divina prezença para nada em mim se acharia valor; mas todo receios, e desconfianças de meus defeitos acobardando-me a experiencia das censuras, que ordinariamente padecem em seus escritos os mais doutos e graves escritores: porém alentando-me a esperança da protecção de V. S., achei poderia assegurar meu zelo com este reverente offerecimento, ainda que tosco, á sombra de tão grandes prendas e esclarecida familia, que por descendencia real seria necedade minha querel-a eu recitar, de que arribando meu cuidado só tratou sacrificar-se no assumpto, que empreendi por fazer (quanto a possibilidade de meu talento póde alcançar) algum serviço a el-rei Nosso Senhor D. Pedro Segundo, que Deos guarde, e para seus vassalos alguma melhora; ainda que esta linha inferior sirva só para melhorarem mais superiores artifices, como ainda succederia n'esta fraca officina, si a opportunidade do tempo dera mais lugar confessando minha confiança com que ao dito

Senhor faço serviço do que posso por mão de V. S., que Nosso Senhor guarde por muitos annos para lhe fazer muitos serviços, e meter em sua graça.

Lisboa 20 de Maio de 1693. De V. S. menor capellão

Q. S. M. B. *João de Souza Ferreira.*

PROLOGO

Temeraria empreza (dirá o leitor) em cortezão do Brazil, por não dizer das matas do Pará, donde só é minha tenção fazer do auzente espelho, em que os prezentes o vejam para remediar o futuro.

Vendo no Estado do Maranhão as repetidas leis, que a seu favor se tem dado para sua melhora, e o pouco cazo que d'ellas se fez sempre, ou a muita diligencia que os que deviam ser executores fazem, para que a nenhuma se dê seu cumprimento, havendo as Reaes Magestades premeditado para o bom regimen e encarregado ás camaras as guardem e façam guardar, porém adulterando-se sempre, não só se põe em esquecimento seu vigor, mas ainda serve a real recomendação aos pobres cidadãos, quando ex-officio intentam qualquer requerimento de sua injuria e destruição, por melhor cada um assim disfarçar as que lhes faz, sendo necessario requerer-se sempre de novo como com incerteza do que está mandado, si se deve guardar, ou deixar tudo arruinar, e conhecendo quanto dezejam os Principes lhes proponham seus vassalos os meios de sua conservação, obriguei minha curiozidade (com bem custo por inutil) ajuntando ao descuido as circunstancias que me foram possiveis, para que se podesse estampar n'este pequeno volume, capaz de que sem enfastiar em todo o tempo se possa ver e sempre guardar, expondo-me á nota das interessadas partes, que, sendo seis, serão nas quatro diversos os pareceres; e de Sua Magestade, pelo dezejo que tive de lhe fazer este serviço, espero seja minha confiança relevada ; o governo secular

teria que emendar; o eccleziastico que reprovar; o politico que a sua parte inclinar; e o espiritual que melhorar; por que a paixão propria de cada um lhe faz parecer melhor a sua que todas: porém a Deos, que de vontades se paga, offereço (como menos interessado) a com que, sem mais afeição que a de seu amor, a esta tormenta de afeições me arroja, quanto a modestia permite, a umas singelas razões; não porque da minha fie alguma couza, mas para que de uma fraca se infira sempre outra melhor.

CAPITULO I

AMERICA ABREVIADA, COMO SE ESTENDE, COMO SE DESCORRE O MUNDO TODO Á RODA, COSTA DO BRAZIL E CONQUISTAS DO ESTRANGEIRO NA AMERICA

§ 1. Fica a America ao poente de Africa e de Europa, communica-se pelo mar Oceano, por outro nome Atlantico, ao qual na America chamam tambem Mar do Norte, por lhe ficar da parte do sul outro mar chamado Pacifico.

Estes dois mares pela equinocial apertam aquella terra pelo meio, ficando por ali de um mar a outro só 17 leguas de largo a terra com uma garganta, como de calix.

O pé inclue em si o reino da Nova-Espanha, corre para o norte da equinocial pela zona torrida, ocupa a temperada, e pela frigida se vai desvanecer no Artico em peninsulas; mas para o poente se estende pelas Californias, e chega a avistar-se com a Azia no estreito de Anian, por outro nome estreito de Jesse, que por aquella parte divide estas duas maiores partes do mundo uma da outra. *

O corpo d'este calix ou terra abraça em si o Brazil pela face, que olha ao nascente, e o reino do Perú pelo

---

* No capitulo V se trata da muita variedade de barbares naturaes, de que esta grande parte do mundo é povoada.

do poente, corre para o sul do mesmo limite pela torrida, passa pela temperada, e fenece na frigida em o estreito de Magalhães, dividindo por aquella parte a America da Terra-Queimada, que para o oriente se aparta definindo para o Antartico em ilhas, por onde se affirma haver 6 mezes de noite, e outros 6 sempre dia, tanto no polo do sul, como no do norte; ainda que não haja testimunha de vista, que até o prezente se arriscasse a encontrar tão mortal noite.

§ 2. Nasce-lhe o Sol por Europa e Africa, e põe-se-lhe pela Azia; de modo que, assim como Azia é oriente para Europa e Africa, são estas partes oriente para America; e para Azia é America o mesmo oriente; quando o Sol levanta na Europa para meio dia, vai amanhecendo na America, e do mesmo modo vai rodeando o mundo.

Assim o entende João de Laet, e a navegação de Portugal e Espanha mostram bem esta experiencia; saem ambas de Europa uma para a India Oriental, fazendo rosto do nascente, outra ao poente para as suas Indias Occidentaes, donde a que se acha da banda do sul, passando a equinocial para o norte e navegando assim para o poente, vai ás Filipinas; como a nossa á India buscando o nascente, porque o que esta descrepa até o cabo da Boa-Esperança emenda dahi para diante, e ambas pela mesma altura; mas como fugindo uma á outra, depois de haverem rodeado toda a esfera do mundo, uns por uma parte, outros por outra, se vão avistar todos onde os Portuguezes chamam Oriente, e os Espanhoes Occidente; porque indo elles seguindo o poente, e nós a encontrar o nascente, assim nos vamos achar com elles, e elles comnosco em varias partes orientaes, Molucas e outras; principalmente na cidade de Manilha, aonde os Portuguezes da India muitas vezes vão a seu negocio.

§ 3. Desagua o estreito de Magalhães em 52 gr. sul no mar Oceano do Pacifico, por outro nome Mar do Sul, por ficar ao sul da America, cuja costa do nascente vem buscando o nordeste quarta de léste pelo Rio da Prata, que está em 35 gr. sul até Cabo-Frio 23 gr., e dahi vem indireitando ao norte pelo Rio de Janeiro, bahia de Todos os Santos, e rio de São-Francisco, até o cabo de

Santo-Agostinho 8 gr. e 560 leguas do Rio da Prata, por cuja margem do Prata se estendem as povoações de Buenos-Aires pertencentes ao reino do Perú, por onde os Espanhoes uns com outros se communicam 800 leguas por terra com varias provincias, cidades e villas, de que a mais rica em ouro, é Cusco e de prata Potosi, até o mar do sul, pelo qual só descorre a navegação d'aquelle reino com o da Nova-Espanha e Filipinas.

As dificuldades dos baixios e correntezas, com que a maré d'aquelle estreito * no mesmo tempo de ambos os mares levanta e abaixa com grande furia, impede o commercio e nevegação do Oceano para o Pacifico; excepto dando volta ao largo da Queimada, que por sua grandeza tem o titulo de terra firme, por onde hoje os piratas do norte, alongando suas derrotas, vão fazer suas prezas nos navios, que conduzem a prata do reino do Perú para o da Nova-Espanha, deitando-a em Panamá, e dahi passa aquellas 17 leguas por terra até Porto-Bello, onde os galeões pelo nosso mar Oceano a recebem. No Pará se acham hoje alguns Espanhoes, que um pirata trouxe do mar Pacifico pelo cabo da Boa-Esperança, e os veio deitar n'estas praias, onde foram achados ao desamparo, e por terra ou pelo rio das Almazonas veio tambem quazi no mesmo tempo um missionario, que, saindo de Quito ao rio por adoecer, lhe foi mais facil vir se curar ao Pará, do que tornar a atravessar as matas de Quito, gastando mais de 2 mezes de jornada rio abaixo, donde o governador d'aquelle Estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, depois de curado, o mandou pôr seguro dos Cambebas para cima, pelo capitão Antonio de Miranda, com ordem para registar as vontades dos Indios, ainda mais remotos, onde chegasse, e todos a uma voz protestaram serem vassalos de el-rei de Portugal, e que de nenhum modo do de Castella, pela dificuldade que havia de nunca de lá poderem ser socoridos, assim das ferramentas de que necessitam, como de todos os mais ministeres, e que lhes não

* Por este estreito se arriscou só um Inglez por nome Draque, com trez navios, dos quaes perdendo dois, sahio com um cheio de roubos.

importavam mais razões que as de seu remedio e utilidade commun.

Ao sul do Rio da Prata 170 leguas se fizeram, por commun acôrdo do Senhor Rei Dom João III e Magestade cezaria de Carlos V, os primeiros e verdadeiros actos de posse com marco, que se meteu na bahia de São-Mathias para divizão do que havia de tocar a cada uma das corôas por aquella banda; o que depois perverteram os Espanhoes situando-se ao sul do rio por lograrem suas comodidades, e melhor as lograriam da nossa banda do norte, donde lhes ficava melhor barra, madeiras, lenhas, de que da sua banda carecem, ilha de São-Gabriel, e outras utilidades, de que nós não fazendo cazo perto de 200 annos, nem elles todavia se demaziaram mais, ainda que melhor lhes estivesse.

Na volta de Santo-Agostinho está Pernambuco, donde a terra recolhe para loéste correndo a costa de léste a oéste, até assim passar pela Nova-Espanha, e dahi buscando o norte corre pela Terra-Nova a profundir no setentrional.

§ 4. Descendo do Brazil dá principio a sua ultima provincia do Estado do Maranhão abaixo do Rio-Grande 70 legoas do cabo de Santo-Agostinho junto aos baixos de São-Roque em 4 gr. 30 m. sul, donde correm 125 leguas até o Ceará em 3 gr. 20 m. sul, e dahi ao Maranhão 120 leguas, que demora em 2 gr. 40 m. e long. 338; do Maranhão á barra do Pará 135 leguas em 15 m. norte; donde ao Cabo do Norte, que lhe chamamos assim por ser a ponta da terra, que o rio das Almazonas da outra banda deita ao mar em 2 gr. 40 m. norte, são 70 leguas, * que tem este imperador dos rios de largo na boca, e alguns querem sejam 80, e não é muito, pois das inumeraveis ilhas que tem é a principal a de Joanes com 300 leguas de circunferencia correndo pela costa, e dahi rio acima até junto ao Gurupá.

Dobrando para o poente d'este cabo, chamado por outro nome dos Humos, fica em suas espaldas 40 leguas o rio

* Duas mil e tantas leguas decorrem das fraldas do Perú até a foz do Cabo do Norte, como declara João Butero na descripção de Francisco de Orelhana.

Vicente-Pinçon, por outro nome tambem Rio-Fresco, e os naturaes lhe chamam na sua lingua Quatipuru, pelo qual rio termina a divizão do Brazil por esta parte do norte, e dahi começa a das Indias Occidentaes, como declara a Historia Pontifical, part. 5, liv. 9, cap. 5, sendo que ali se meteram dois padrões de marmor, um da banda do nascente com as armas de Portugal, e outro da parte do poente com as armas de Castela, que mandaram fixar a Magestade cezaria de Carlos V e rei D. João III.

§ 5. D'este rio dista Caiana 60 leguas, correndo a costa à vista d'ella em 4 gr., primeira ilha das muitas que se derramam por aquella grande enseada de 400 leguas povoadas de estrangeiros, até a ilha de São-Domingos, que jaz em 9 gr. norte, apartada da costa da Nova-Espanha 220 leguas, primeiro descobrimento de Christovão Colon depois das Ilhas Fortunadas, que os Espanhoes habitaram; mas hoje é esta ilha povoada mais por um lado de Inglezes e por outro de Francezes, onde ordinariamente estas trez nações (a pretesto do saque das Indias) não tem pazes; ainda que seus principes a tenham na Europa, e do mesmo modo possuem a ilha de São-Christovão; por uma banda Francezes e por outra Inglezes, e na de Jamaica, por uma parte Olandezes, por outra Francezes; como na costa da terra firme vizinha á Caiana Francezes, e correndo 100 leguas mais a loéste, onde banha o rio Orinoco * junto á Trindade, dão principio em suas ribeiras do poente as primeiras culturas e domicilios espanhoes, a que elles chamam ilhas de cima, e os Olandezes senhoream os sertões, e beira rio de Oriente, em que tem sua principal colonia em meio d'aquella distancia, correndo de Caiana, a que chamam Surinam, cabeça d'aquellas suas conquistas e ilhas, como das dos Inglezes é Barbadas, e das dos Francezes Martinica, os quaes são os primeiros que povoaram Caiana no anno de 1635.

Porém andados poucos annos, foram desbaratados pelos Olandezes, e ficando estes prezidindo, não lograram

* Das cabeceiras d'este rio se communica um braço com o Rio-Negro.

muito o sucesso, porque logo foram expulsados pelos Inglezes, aos quaes tambem poucos annos tornaram os Francezes a invadir; mas tendo depois entre si guerras civis pelo governador, que prezidia, não querer obedecer ao que o ia render, se convocou o gentio, saindo do mato, e convidando-se uns por uma parte, outros pela outra, como a dar escolta debaixo de paz, como elles costumam, e com este estratagema mataram mil e tantos homens de armas sem perdoar a couza viva franceza; porém tornando esta nação a passar de novo á ilha, rezidindo n'ella poucos tempos, foram os Inglezes a saquear a terra, pondo tudo a ferro e fogo, por haverem experimentado na ilha de São-Christovão o mesmo damno dos Francezes, e tornando estes dos que pelos matos escaparam a repovoar, sem muita demora foram lançados pelos Olandezes, aos quaes ultimamente tornaram os Francezes a expulsar no anno 1676, e são os que ficaram permanecendo na celebre Caiana, tão combatida mais pelos pertences da terra firme, que a seu lado corre, do que pelo interesse da ilha, que não é grande.

CAPITULO II

AMERICA ABREVIADA, COMO SE DESCOBRIO, O QUE D'ELLA TOCA Á CORÔA DE PORTUGAL, COMO LHE TOCA E SUAS CONFERENCIAS.

§ 1. Foi descoberta a America, pela parte do Brazil, no anno de 1500, por Pedro Alvares Cabral, que indo para India a espensa e direcção do felicissimo Senhor rei D. Manoel, obrigado de tempestuozos ventos, chegou a avistar aquelle novo mundo, o qual tomou o nome America de Americo Vespucio, por ser o primeiro que o dito Senhor rei mandou com a noticia, que o Cabral lhe havia mandado, a reconhecer e sondar a costa e portos d'aquella terra firme no mesmo anno de 1500, sendo este explorador o primeiro que entrou e navegou pelo Rio da Prata, tomando posse d'elle e de suas terras pela corôa de Portugal.

N'este tempo andava já ocupado Christovão Colon com os mesmos descobrimentos, que correm ao norte, a que tinha dado principio no anno de 1492 com as ilhas de Goaneani, Florida e Cuba, a que pozeram por nome Fortunadas, donde se foi proseguindo nos annos seguintes o descobrimento do reino da Nova-Espanha, e se passou ao do Perú, tomando um e outro o nome de Indias de el-rei de Portugal D. João Segundo dizer, quando Colon portou para a Espanha em Lisboa com alguns d'aquelles gentios: «Estes homens parecem, e devem ser Indios da India,» donde chegaram a Espanha com este nome, que dali lhe ficou; como tambem o das Indias, a que só acrescentaram Occidentaes, por defirir da India Oriental.

§ 2. Seguio-se a estes descobrimentos, por suplica de el-rei Dom Fernando e Izabel, uma bulla do Padre Santo Alexandre VI passada no anno de 1493, para que não se prejudicasse a Portugal, respeitando não só os descobrimentos que este reino trazia entre mãos, mas estabelecendo assim com esta excepção as bullas que seus predecessores haviam passado a instancias dos reis de Portugal e de suas proezas em Africa, principalmente a el-rei D. Fernando, tudo quanto em terras de infieis fosse pelas armas portuguezas descoberto e conquistado sem excepção, clauzula, nem dependencia alguma, e com esta condição se lançasse para o poente de uma das ilhas dos Açores e de outra de Cabo-Verde a mais occidental 100 leguas, e que do ponto finitivo d'aquellas 100 leguas corresse de norte a sul uma linha imaginaria de pólo á pólo, para que tudo que ficasse da banda do poente tocasse á conquista de Castela e da parte do oriente á de Portugal; do que mostrando-se descontente el-rei D. João Segundo, com effeito reclamou esta bulla, pedindo mais 300 leguas ao poente d'aquelle ponto sobre as 100 já destinadas; e como n'aquelle tempo os reis de Castela estavam mui aparentados com os de Portugal, e esperavam estar mais, da sua parte convieram no que pedio el-rei D. João, e de boa conformidade, e autoridade do proprio Alexandre VI se passou segunda bulla d'aquelle ajuste em 7 de Julho de 1494, como declara

o padre Simão de Vasconcellos, nas suas Noticias do Brazil, liv. 1, n. 3 até 14; e Guaribay no seu Epitome, tom. 2, liv. 19, cap. 4, diz, que, pedindo Portugal aquellas 300 leguas para o poente, Castela, da sua parte, demitira mais 70 além das 300, e das 100 já declaradas na primeira bulla, com que fizeram 470 leguas, tanto por já os Espanhoes terem entendido o que podiam liberalizar em um novo mundo, como para que por aquella graça ficasse el-rei de Portugal tão satisfeito que depois, ainda que viesse em mais conhecimento, não tivesse que repetir, fazendo este autor e outros Espanhoes estudo de mostrar como com Portugal assim ficára prejudicado sem ter mais na America que o que os seus reis nos largaram por aquelle contrato celebrado em Tordesilhas, fundando-se em que a Santa Sé Apostolica não déra a Portugal mais que a *capitibus de Bojador « et nam usque ad Indos;* » como falam as bullas de Nicoláo V e Calixto III, mas não se dão por entendidos, ou não querem, que entendamos, que aquella clauzula não foi limitativa, nem Sixto IV a entendeu como tal na sua bulla que começa: *Æterni regis clementia etc. sub data apud S. Petrum anno 1481: Kalendas 11 Julii*, e a Santidade de Leão X, que por sucessor de Alexandre VI saberia bem d'aquellas bullas e precedencias, solidou suas consequencias tirando todas as duvidas, que nas conquistas podesse haver com a bulla, que passou a instancias de el-rei de Portugal D. Manoel, em 3 de Novembro de 1514, no segundo anno de seu pontificado, a qual começa: *Præcelsæ devotionis etc.*, que serve de confirmação, declaração e ampliação ás doações dos pontifices passados, seus antecessores, feitas a Portugal, no fim da qual bulla, *ibi*, declara o seguinte:

Et propitiari cautela omnia, et singula in eisdem literis contenta (fala das bullas dos antecessores) ac quacumque alia imperia, regna, principatos, ducatos, provincias, terras, civitates, oppida, castra, dominia, insulas, portos, maria, litora, et bona quæcumque mobilia, et immobilia, ubicumque consistentia per eundem Emanuelem Regem, et predecessores suos a dictis infidelibus, etiam solitaria quæcumque recuperata, detecta, inventa, et acquisita, ac per ipsum Emanuelem Regem, et

successores suos in posterum recuperanda, acquirenda, detegenda et invenienda, tam a capitibus de Bajador, et nam usque ad Indos, quam etiam ubicumque, et in quibuscumque partibus, etiam nostris temporibus forsan ignotis eisdem auctoritate, et tenore de novo concedimus, literasque supra dictas, ac omnia, et singula in eis contenta ad prœmissa etiam extendimus, et ampliamus etc. *

§ 3. Onde se vê não dependia Portugal de Castela para o direito, que tem ás conquistas, pois o tinha já por doação dos pontifices passados, como por nova doação de Alexandre XVI; só faltava aos Portuguezes, como ainda lhes falta, paciencia e estudos para reverem os archivos reaes, e não pagarem descuidos (como sucedeu a el-rei D. João III com a contenda das Molucas) estando tão prevenidos por seu vigilantissimo antecessor, e remediados por aquelle Santissimo Padre.

Fez-se o descobrimento do Brazil na sobre dita forma, e estabelecidas as suas principaes colonias com copiozos principios, começaram os governadores por ordem dos seus reis (que não gastaram poucos cabedaes n'esta empreza) a conseguir o descobrimento do Maranhão, com tanto fervor como requeria a fabuloza fama, que se alcançava pelos naturaes d'aquella região, por ser esta nação de todas as gentes a mais ocioza e mentiroza.

Fizeram-se por terra varias expedições de esquadras, que depois de enfadados os exploradores de romper matas e contrastar vontades de bàrbaros, vendo-se impossibilitados de chegar a varar e sacudir 300 leguas de bosques, em que haviam perecido muitos, foram sempre obrigados a voltarem-se, até que o governador Diogo de Menezes, informado dos gastos, que se tinham feito, e das guerras em que tinha andado Pedro Coelho de Souza com Mel Redondo nas serras de Goapaba, e aquella gente dava noticia do Maranhão, mandou em um barco por mar renovar e continuar as pazes, que havia feito com os naturaes do Ceará o capitão Martim Soares Moreno, onde assistindo 3

* Veja-se o bullario do padroado real das conquistas.

annos chegou a ter bons pilotos e verdadeiras noticias do Maranhão.

§ 4. N'este tempo Luiz de Mello da Silva, filho do alcaide-mór de Elvas, que navegava n'aquella costa afim de a reconhecer, sondar e descobrir seus portos, foi obrigado de suas correntes a descer até a ilha de Margarita, onde achou homens que lhe deram largas noticias da terra do Maranhão a dentro, por terem acompanhado a Francisco de Orelhana, para onde havia descrepado pelo rio das Almazonas abaixo da ordem de seu general Gonçalo Pizarro, que, governando Quito, o tinha mandado continuar com o descobrimento do fabulozo lago dourado, depois que o mesmo Gonçalo Pizarro se havia affligido com gentios e matos em busca d'esta nova empreza, mui propria de Indios pela ambição que notam em nos darem similhantes alvitres por certos, sendo supostos, para verem as diligencias que fazemos; com o que Luiz de Mello da Silva, assim pelas informações d'estas testimunhas, que tinham sido de vista de mais de mil leguas d'aquelles sertões e ribeiras das Almazonas com o dito Francisco de Orelhana no anno de 1553, como pela amenidade, que elle de proximo havia experimentado em alguns portos, que tinha tomado e principalmente no rio Maranhão, e pela bella vista, que toda aquella costa vestida de verde lhe havia offerecido a seus olhos, se foi a toda pressa a Portugal a pedir a el-rei D. João III aquella capitania para a conquistar e povoar; para o que lhe deu Sua Magestade 3 navios e 2 caravellas, com que foi ao Maranhão, e que em seus baixos se perderam, donde voltando elle com alguns mais, que escaparam em uma caravella, que se ficou fóra do risco, por ficar Luiz de Mello da Silva mui arruinado d'esta jornada, o despaxou o mesmo rei D. João para a India, donde voltando rico com animo de repetir a sua primeira empreza do Maranhão se perdeu em a náo São-Francisco, sem mais se saber d'elle.

Por estas e outras informações o grande historiador João de Barros, que as tinha d'esta terra, como quem escrevia d'ella uma década intitulada «Santa Cruz», se moveu a pedir a el-rei esta capitania, e armando com Francisco Alvares de Andrada, thezoureiro mór de

Portugal, e Aires da Cunha, em companhia d'este mandou 2 filhos seus no anno de 1535, a qual armada levava 900 homens e 113 de a cavalo, e chegando á barra do Maranhão n'ella se perderam por falta de pratico, onde agora chamam o Boqueirão, e como era junto á terra em que hoje está Nosso Senhora da Guia, ali sahiram para fóra, mas como lhe faltassem mantimentos assim como todos os mais ingredientes, os navios se desfizeram na furia d'aquellas grandes correntezas, em que ainda os praticos continuamente estão naufragando. Pouco tempo os naufragos se conservaram perecendo nas mãos d'aquelles carniceiros gentios sem haver mais noticia de nada, e só n'aquelles sertões adentro corre fama haver uma nação de homens barbados; e como é contra a profissão de todos os mais, que se observam sem barba, se prezume procederem aquelles de alguns Portuguezes de alguma desgraça, a quem os barbaros, depois de enfadados de matar e comer, como elles costumam, perdoariam a alguns mais moços para terem entre si, e com elles se iriam retirando para aquelles seus bosques, de que estes brancos e os que d'elles procedessem iriam ficando n'aquelle uzo de barbas. No Boqueirão se achou, e ainda hoje ha muita pedra lavrada das de Alcantara, com que no Maranhão se tem ornado muitas obras.

§ 5. Com estes contrastes dos tempos e de diligencias, que por repetidas insinuavam ao mundo grandes indicios e promessas de haveres, se foram áquella costa alguns corsarios, e uzavam de suas liberaes politicas com aquelles naturaes por terem lugar de poderem espalmar seus navios em quanto se iam fazendo praticos, até que no anno de 1610 conduziram para ali varios companheiros.

Sucedeu n'este tempo, que o governador Gaspar de Souza mandou com particular ordem da Magestade Catholica, sendo rei de Portugal, a Alexandre de Moura e a Jeronimo de Albuquerque no anno de 1613 por mar com 200 homens entre brancos e Indios em 4 barcos, os quaes, descorrendo aquella costa do Brazil pelo Ceará adiante, e chegando ao cabo da terra firme, que puzeram por nome das Tartarugas, já á vista da ilha do Maranhão, tomaram lingua, e achando que ali estavam estrangeiros com demaziado poder ao que traziam, e que tinham os

naturaes da sua parte, tomaram terra, onde ficando Jeronimo de Albuquerque com a infantaria, voltou Alexandre de Moura ao Brazil a pedir mais gente, e quando voltou achou já a Jeronimo de Albuquerque na ilha do Maranhão senhor do prezidio; porque, tendo os occupantes noticia do sucesso dos Portuguezes, convocaram a multidão de seus confederados Tupinambás, que assim se chamavam aquellas nações que do Maranhão até o Pará habitavam, para onde haviam corrido do Brazil, por temerem que os Portuguezes se vingassem da grande mortandade que haviam feito nos primeiros povoadores, cuja furia nem a um bispo perdoou, como por tradição se conta; sendo certo serem naturaes do Brazil, com que indo incorporados com grande vozearia (uzo d'aquella gentilidade) acometer aos poucos e enfraquecidos, que consideravam já assaduras d'aquelles barbaros naturaes, para que satisfeitas as vontades, que mostravam ter aos Portuguezes, ficassem mais seguras as suas amistades, como bem assim depois se soube, tratando aos Portuguezes de impertinentes por lhes não permitirem muitas mulheres, beiços furados, açougues de carne humana, e outros ritos dos seus antepassados, que os novos hospedes lhes não prohibiam, nem elles os largariam, ainda que lhes custe a vida.

Jeronimo de Albuquerque, que tudo estava prevendo, alentava a sua gente trazendo-lhe á memoria o direito com que pelejavam, e as heroicas facções, a que em similhantes occaziões Deos tinha ajudado poucos Portuguezes contra muitos inimigos, como elle n'aquella occazião do valor de seus companheiros esperava, e que elle lhe prometia o socorro divino da sua parte, pois pelejar até morrer era a todos forçozo, porque ainda que se quizessem fortificar não tinham já mantimentos, nem mais remedio que vencer ou morrer, e assim dessem a vida, como esforçados soldados, pela não darem nas mãos d'aquelles carniceiros Tapuias; e dando o nome Santa-Maria, que dali ficou este nome, ao que era das Tartarugas, saindo fóra das trinxeiras, foram esperar pela praia a furia, com que aquella gente por mar vinha ao seu uzo vozeando, e chegando já uns onde queriam que os outros

ali os buscassem, por ser parte de muita junqueira, carrapixos e xarcos de agua, ao desembarcar deram os Portuguezes sobre elles com uma rezolução de desesperados, onde logo fizeram tal espalhafato, como si cada arma portugueza fôsse um raio, e depois de bem ensopados e cansados da primeira refrega, vendo Jeronimo de Albuquerque, que suposto com os seus cento e tantos companheiros, com que no conflicto só se achava, tinha já bem dizimado a fereza de trez mil e tantos inimigos brancos e pardos; comtudo notando a muita parte que ainda d'aquella xusma se ia compondo e fazendo cerco, chamou, com os olhos no céo, por Nossa Senhora da Victoria que lhe valesse, e fazendo pé atrás, assim por tomarem alento como por se incorporarem e ajudarem das junqueiras, por onde os Pernambucanos descalços e meios nús descorriam melhor do que os contrarios calçados, que suposto levavam comsigo Tupinambás, sem mais vestidos que os que haviam trazido das barrigas das mãis, os faziam incorporar para atrás com seus amigos ás armas portuguezas, que não erravam tiro, a quem assistia uma bizarra mulher com o regaço sempre cheio de polvora e bala, insinuando e esforçando aos poucos com dispozição tanto mais divina que humana, que a maré se reportou todo um dia baixa mar, faltando com seu curso ordinario, e dando lugar a que aquelles se não podessem retirar por lhe haverem ficado as embarcações em sêco, e a que estes continuassem a victoria de calidade que os cento e tantos ficaram sem diminuição alguma, e mataram mais de 100 dos soldados contrarios e 500 Tupinambás, pondo em fugida perto de 3.000 d'estes, os quaes de sua fereza voltaram tão arrependidos, que dali fôram com animo de se pôrem da parte dos vencedores, como elles costumam, e logo assim o fizeram, levando os que escaparam as novas de prodigios tão espantozos e mais evidentes maravilhas que as de Jozué, assim pela mulher que se lhes havia reprezentado com varonis promessas de suas ruinas, como pela maré que contra elles se havia armado, porque, si enchera, pelas praias ficariam os Portuguezes sem campo para continuarem a victoria, e faria boiar as canoas dos contrarios, em que se poderiam retirar com menos perda.

Chegou Jeronimo de Albuquerque no dia seguinte com seus companheiros e alguns dos prizioneiros ao prezidio do Ravardiere, que assim se chamava o cabo; e como elle já tinha visto, que o céo havia declarado sua pouca ou nenhuma justiça, a muitos dos Portuguezes recebeu com bizarra paz, dizendo não permitisse Deos, que elle porfiasse contra quem a potencia divina tanto se manifestava da sua parte e pedindo suspensão das armas emquanto capitulavam o conveniente. Como Jeronimo de Albuquerque estava já de melhor partido, não faltou áquella petição cortez, onde chegando n'este tempo Alexandre de Moura com copiozo poder, concluiram, que a gente do Ravardiere, que se quizesse ir, o podesse fazer, e os que quizessem ficar ficassem, e assim tudo se fez como elle pediu, conforme se vê da Pontif. liv. 9, cap. 5 até cap. 6, e mais bem ajustado se mostra com melhores testos e testimunhas de vista que acompanharam Jeronimo de Albuquerque de Pernambuco em todos aquelles transes, Agostinho Corrêa, que achei no Maranhão governando o Estado, e no Pará o capitão João Ferreira Cego e Filipe da Costa, * e no Maranhão se observa em memoria e acção de graças d'aquelle vizivel milagre de Nossa Senhora todos os annos em dia de Nossa Senhora da Aprezentação, dia assignalado d'aquella tão desigual batalha, uma festa que sempre se celebra com missa cantada e sermão, no qual se recitam estas e outras estupendas e maravilhozas circunstancias de Nossa Senhora da Victoria, invocada por tão bom cabo, que dizem conservava, como á hora em que havia nascido, sua pureza.

§ 6. Diz João de Laet na prefacção da sua Historia das Indias Occidentaes, que a rainha Izabel da Inglaterra respondera a uma queixa dos reis da Espanha sobre algumas conquistas que os Inglezes iam invadindo, dizendo que os Inglezes não estavam sugeitos ás leis do papa, nem elle podia dar o que não era seu, e que os mares erão livres para por elles navegar quem quizesse e ir povoar as terras que podesse, porque nem os Espanhões

* E varios principaes e Indios velhos com quem tratei bem de vagar n'estas materias.

se podiam valer de suas posses, por onde não haviam feito mais que umas palhoçazinhas, e outras similhantes razões, com que este autor affectou a parte por quem escreveu, sem advertir na justiça do direito commun a todas as gentes, de que quem toma novas posses para constituir dominio, não é obrigado a fazer juntamente logo castellos, torres ou grandes edificios, mas por taes formas ou actos na forma do estilo; e sendo estes com tão bom titulo com os reis de Portugal e Castela, logram pelas bullas pontificias passadas, quando toda a Europa reconhecia o poder papal assim no espiritual como no temporal, como canta a igreja: *Tibi tradit Deus omnia regna Mundi*, havendo Deos por feito no céo o que elles fazem na terra: *Quodcumque ligaveris super terram erit ligatum et in cœlis, et quodcumque solveris super terram erit solutum*; e isto inda mais cabivel é nas conquistas de habitadores sem fé, lei nem rei, barbaros, crueis e antropofagos, comendo-se uns a outros, sendo este o melhor titulo para corroborar similhantes doações, e com ellas um principe christão poder conquistar e sugeitar a seu dominio similhantes gentes, ainda por força, não sendo elles capazes ou não querendo por vontade vir no conhecimento de seu creador; Solorzanus, liv. 2, *De jure Indiarum* cap. 9 e cap. 15, onde cita e comprova com outros muitos autores; e sem duvida que esta é a razão, parece, porque os Indios, mediante a dispozição divina, como naturalmente se sugeitam melhor e obedecem mais aos Portuguezes e Espanhoes do que a qualquer outra nação.

Termos e boa fé são estes, com que Portugal desde o tempo de sua concessão tem adquirido posse, jurisdição e dominio de multiplicados annos, dos que para similhante retenção e confirmação se requerem *ipse De jure Indiarum* liv. 3 cap. 2, e Bonac. tom. 1 lei. cap., legis abrogatio, e tom. 2 pag. 49 n. 6 et sequitur pag. 50 e 51.

Deferiram os S. S. P. P. as suplicas dos reis de Portugal conforme ao merecimento de seus progressos, despezas e armas, que arriscaram com perda de muitas vidas desde Africa, por onde começaram, passando á India e depois á America com descobrimentos por mares nunca vistos nem navegados.

Com menos fundamento se fez Jacob senhor do morgado, por ser o primeiro, que pedia a benção a seu pai Izac, e não faltaria depois vontade a este patriarca de satisfazer as queixas do primogenito Ezaú; mas não lhe pôde ser bom por já ter dado o que elle pretendia, e mais razão de queixa tinha Ezaú de seu irmão se adiantar a pedir o que lhe não tocava, do que os principes da Europa, que, fazendo primeira experiencia na cabeça alheia, não fizeram cazo das conquistas, sinão depois que viram o proveito, que ellas davam; como bem assim sucedeu a um amante romano, que tendo feito pouco cazo de solicitar uma dama a procurava depois de já cazada com outro, a quem um cortezão respondeu: « Spes tua lenta fuit, quod petis alter tulit.»

§ 7. Com a variedade de pretendentes d'aquella costa do Cabo do Norte desapareceram d'ella não só os primeiros padrões, mas tambem o segundo, que estava metido ao nascente da boca do rio Vicente-Pinçon com as armas de Castela esculpidas na face, que olhava para o occidente, e na que fazia rosto ao oriente as armas de Portugal, como testimunham os conquistadores, que ainda vivem, terem apalpado e visto o dito marco trazido de Portugal, e metido pelo segundo governador do Estado Bento Maciel Parente, que tomou posse d'aquella capitania do Cabo do Norte em cumprimentos da mercê, que d'ella lhe fez a Magestade de Filipe IV por data de 14 de Junho de 1637, governando Portugal, e despaxando nas terras d'este reino pelas secretarias e ministros portuguezes, e de sua real mão firmada, como tudo consta do registo das alfandegas do Pará, citando os proprios em Portugal nos livros dos registos da fazenda, e na caza da India e Mina em o livro XIII fl. 141 até 146, e o padre Manoel Rodrigues na sua Historia do Maranhão e Almazonas, que escreveu pela informação da relação, que havia feito o padre Christovão da Cunha, da companhia de Jezus, prelado da missão de Quito, vindo pelo rio das Almazonas para o Pará com os Portuguezes, que d'ali tinham lá ido, a qual Historia, suposto que o dito autor a escreveu a fim de melhorar o que o primeiro havia notado, estando as duas corôas unidas, ainda assim não nega este

autor, que a capitania do Cabo do Norte é de Bento Maciel Parente, por data e mercê de el-rei catholico, escrevendo em Madrid, onde foi visto e aprovado no anno de 1684 depois da inutil e sem vigor concordata do Sacramento, a qual como se não chegou a sentenciar, menos podia ter effeito para seu cumprimento.

E foi o cazo que mandando Portugal povoar a capitania de São-Vicente no anno de 1680, tendo os novos povoadores dado principio a sua colonia intitulada do Sacramento, desceu a inveja do governador de Buenos-Aires com todo o seu poder de gente branca e parda, e uma noite sem serem sentidos a salteou, e a sangue frio degolou e desbaratou aos descuidados innocentes Portuguezes, sem sua impia e menos merecida tirania perdoar a sexo algum, levando prizioneiros os semivivos, que de tal furia escaparam, com o governador D. Manoel Lobo; do que pedindo Portugal satisfação a Castela, veio a este negocio o Duque Juvenaço, senhor de muito ouro, e tudo se acommodou, por artigos condicionaes e concordata de 1681, sendo os demais sustancia: que Castela reporia o que se havia tomado, assim de munições, como tudo o mais, e outra tanta gente ao governador D. Manoel Lobo, ou a quem seu lugar tivesse; como tambem se mandariam restituir os damnos, que os homens de São-Paulo houvessem feito; que o governador de Buenos-Aires seria castigado, conforme merecia sua operação, e que a nova praça e couzas d'ella estariam no ser d'aquelle incidente sem se innovar nada, até que por juizes arbitros de ambos os reinos fosse ajustado e sentenciado o direito de cada uma das corôas; o que decidiriam dentro de dois mezes, e quando elles o não fizessem, desde logo se comprometiam os dois reinos na Santidade do Sumo Pontifice, para estarem pelo que elle dentro de um anno determinasse.

Porém dando os arbitros Portuguezes sentença por Portugal, e os Espanhoes a favor de Castela, indo por decizão a Sua Santidade, se não quiz intrometer em declarar a razão por quem estava; com o que não se podendo esta melhor declarar, por quem só com um desengano a costuma alcançar, mandou Sua Magestade o Senhor rei

D. Pedro II reedificar e aprezidiar a cidade do Sacramento, e povoar aquella sua capitania de São-Vicente. E muito de acordo nas nullidades de tal concordata d'esta maneira desvanecida, e como si não fosse nada, havendo-se juntamente faltado ás condições, o governador prizioneiro foi mandado meter pelo reino do Perú dentro, até lhe tirarem a vida, o homicida em Castela foi premiado, e nada foi reposto; nem ella tirava o direito, a quem o tivesse, como declarava, e concluia com o artigo 12, dizendo que por aquella concordata não ficaria cada uma das coroas perdendo o direito do que lhe tocasse, e em boa fé estivesse de posse; porque só se havia feito por meio provizional da boa paz, e não afim de prejudicar a uma nem outra parte.

Varios autores se alegaram n'esta justificação, sendo os mais d'elles Espanhoes, Garibay ut supra, e tom. 4, livro 35, e cap. 25. da sua Historia Geral de Espanha, frei Antonio de São Romão na que escreveo da India, liv. 1 cap. 6, affirma, que aquellas 470 leguas se mediram da ilha de Santo-Antão para o poente, e o lecenciado Bartolomeu de Argensola, na sua historia das Molucas diz, que a linha d'aquelle ponto terminativo corta por diante do Rio da Prata, com quem concordam Diogo de Castro e Francisco da Cunha com outros praticos, que testimunham em seus exactos roteiros haverem visto e apalpado o marco, que pela parte do sul divide o Brazil na bahia de São-Mathias, 170 leguas a loéste do Rio da Prata, e o mesmo testimunho estão dando claramente os mappas, não só portuguezes, mas ainda feitos por independentes nações, indo calculando aquella costa, chegando á bahia de São-Mathias todos descrevem esta letra que diz — Marco; e em geograficos càlculos, e doutas cartas Jorge Reinel, João de Laet, Fernão Rodrigues de Castro, Bartolomeu Velho e o famozo Pedro Nunes mostram partir a demarcação e divizão, de que toca a cada uma das corôas na America, pelo cabo dos Humos e boca do Rio-Fresco ao norte do das Almazonas, correndo seu meridiano por loéste do Rio da Prata 84 leguas para o sul.

§ 8. N'esta justificação se alegou com o rio das Almazonas e da Prata *per accidens* de sua grandeza; mas

declarando juntamente além d'elles os pontos certos e definitivos, sem haver razão que obrigasse a exprimir todas as da parte do norte, por já ser limite independente de questão expressada pelo proprio rei catholico, faculdade que os Portugezes sempre exercitaram, não só desalojando com repetidos combates aos Olandezes de varias partes, em que por aquella costa se tinham introduzido e fortificado: no Torrego com uma fortaleza, em Camahú outra, no Rio de Filipe outra, e no Sapanó uma caza forte, e outra em Maiacari: como tambem sugeitando os naturaes com multiplicadas entradas, avassalando e dando os governadores aquellas nações e a seus principaes as cedulas e provizões, por onde governam e administram, e o mando de suas gentes com domestico e quotodiano trato temporal e espiritual, doutrinando os missionarios da companhia de Jezus, onde continuamente residem, ha mais de 60 annos como de proximo, fazendo o mesmo officio pela costa d'aquella capitania e Cabo do Norte as gentios com odio de sua doutrina, principalmente porque lhes não evitassem as muitas mulheres que cada um costuma ter, martirizaram dois, quebrando-lhes as cabeças com paus nos lagos de Araguari, e depois os penduraram em arvores, sendo estes o padre Antonio Pereira, natural do Maranhão, sugeito de tão boas prendas, que no tempo em que lhe chegou de seu geral patente para ser superior da missão estava elle já no Céo logrando outra melhor, e seu companheiro o padre Bernardo Gomes, natural de Pernambuco, tambem de missa, ambos similhantes nas vontades, que mostravam, de dar as vidas pelo serviço de Deos; e como bem assim serviram de primicias d'aquella vinha de Lusbel, queira Deos venha ser toda de Christo, pelo merecimento d'estes seus servos.

A mesma diligencia fazem os religiozos da ordem capuxa de S. Antonio pelas povoações de Aroans e nações, que por aquella costa e barra do Cabo do Norte habitam.

Nem foi de menos effeito a muita fazenda, que gastou com aquella gentilidade, para constituir em boa paz o donatario e seu filho Vital Maciel Parente, de que seus herdeiros vivem ainda empenhados, pagando-se só

do cartaz e doação que em seu poder tem da dita capitania do Cabo do Norte, ainda que hoje metida na coroa por falta de legitima sucessão; e quando Portugal não tivese titulo algum, lhe bastaria o direito adquerido com posse de 70 annos, como actualmente está gozando, assim da dita capitania do Cabo do Norte, como de todo o rio das Almazonas, suas terras e aguas vertentes de uma e outra banda do rio Vicente-Pinçon até a nação dos Cambébas e boca do Rio do Ouro, onde em 26 de Agosto de 1639 Pedro Teixeira, capitão-mór das entradas e descobrimento do rio das Almazonas até Quito, vindo de volta com os Portuguezes, que o tinham acompanhado, e com alguns Espanhoes e dois padres da companhia * d'aquella provincia, tomou posse pela coroa de Portugal, sob pretesto de ali se ir fazer uma povoação do Pará na forma da ordem, que para isso levava, e regimento do governador Francisco Coelho de Carvalho, como tudo mais por extenso consta dos registros das alfandegas do Pará, do que nem de uma nem outra couza nas capitulações de pazes se fez cazo, por não haver que arguir; como tambem se não fez da cidade de Ceuta, de que Castela assim ficou de posse, pertencendo por bem differente e custozo titulo a Portugal.

§ 9. Differentes pareceres ha como se devam ajustar aquellas leguas pelo parallelo de uma das ilhas dos Açores com a de Cabo-Verde para o cumprimento das bullas, querendo alguns que, principiando a medição de ambas as partes para loéste em demanda uma da outra, vão fazer cabeça ambas juntamente em um ponto, para dahi correr o meridiano para o sul; couza impossivel; porque, si as ilhas de Cabo-Verde estão em 18 gráos e as dos Açores em 40, havendo de distancia em meio 22 gráos, que fazem pelo rumo direito 374 leguas, e são mais de 400 por sua longitude, e a primeira bulla de 1493 manda que a linha imaginaria corra 100 leguas para loéste de umas e outras ilhas; como logo em distancia de 400 leguas poderiam ajustar-se 100? sendo que a bulla bem se declara, como si dicesse, que, deitada a primeira

* Era o padre Christovão da Cunha e seu companheiro, sendo o dito prelado da missão de Quito.

linha de uma das ilhas dos Açores para a de Cabo-Verde, do meio d'esta se lance para loéste 100 leguas e na mesma fórma depois 370, que fazem 470, por cujo ponto finitivo corresse para o sul uma linha imaginaria, que dividisse o que tocasse a cada uma das corôas; Garibay *ut supra* e outros; ainda que guiando agua as suas correntes, supondo o mundo partido pelo meio, para que assim o que nos estendessemos por uma banda nos faltasse pela outra; sendo que o que por uma parte ganhamos nos não faz perder, o que pela outra descobrimos, porque as bullas são só as que prevalecem, e não se deve entender, como elles supõem, mas sim como ellas declaram, a saber: que o que ficasse d'aquella linha para o poente fosse de Castela, e para o nascente de Portugal; segue-se que tudo, que os Portuguezes descobriram pelo nascente é seu; como na mesma fórma é de Espanha o que pelo poente descobriram os Espanhoes, e onde se encontraram comnosco e nós com elles ahi fez termo o que a cada uma das corôas toca; como pelas primeiras bullas se lhes assignou, sem nos poderem privar das Molucas, que primeiro tinhamos descoberto e habitado pelo oriente, quando os Espanhoes pelo poente as chegaram a avistar, nem jús para lhes as pagarmos, como fizemos com pouco exame do nosso direito; conforme as ditas bullas de Alexandre VI, e ainda mais a de Leão X, sem nenhuma nos mediar o mundo, mas por evitarmos razões ainda que artificiozas, sendo seu norte Antonio de Herrera por florecer n'aquelles tempos de descobrimentos das conquistas, e o primeiro que d'ellas escreveo, si apaixonado ou não, eu o não julgarei; antes me parece, que quando similhantes testos faltam á pureza, a que são obrigados, ou com a ficção exageram o bem natural, dissimulando o alheio, o fazem sómente por falta de bastante noticia; como depois a experiencia tem mostrado aos modernos; e ainda João de Laet, que suposto escreveo pelos principes estrangeiros por escrever em Anverez, como vassalo de Espanha se devia inclinar a este autor; porém onde o refere diz assim: si havemos de dar credito a Herrera mas o meu parecer é assim, rezolvendo o contrario; e o certo é, que até os poucos Portuguezes, que d'esta

materia trataram, não escaparam d'este sequito por menos dados de principio a esta industria de escrever, nem deixaram estampadas nossas prerogativas, a quem outros podessem imitar, sendo couza tão necessaria á boa conservação dos Estados.

§ 10. Mas si nos estranhos ha de amor proprio demazia, de que nos nossos houve falta, esta me obrigou a fiar de mim este cuidado, com que, deposta minha diligencia de 10 annos, ultimamente supria a douta aplicação do padre Francisco Barreto, da companhia de Jezus, descobrindo na Torre do Tombo, depozito das doações d'este reino, a bulla de Leão X, ut supra, §. 2, com outras mais, que facilmente poderá ver quem quizer ler seus originaes nos archivos reaes, onde estão, e nos pontificios, donde se não despederiam bullas tão notaveis sem ficarem registradas.

Estes são os titulos, autoridades e fé, com que Portugal logra o dominio do que vai da bahia de São-Mathias, onde se demarcou e tomou primeira posse, até o Rio da Prata, e com posse actual desde as ribeiras do poente e foz d'este por costa até o rio Vicente-Pinçon, ha 190 annos, e do Rio Vicente-Pinçon pela terra dentro, e rio das Almazonas acima, ha 70 annos, até o mais intimo donde é navegavel com seus adjacentes e terras, tudo dos Portuguezes actualmente frequentado com tão boa fé e titulos, que não pode haver outro, que sobre este em boa consciencia possa prevalecer, como bem assim a experiencia tem mostrado maravilhozos sucessos com varios intruzos, saindo-lhes sempre a seu pezar frustadas as instancias do que sem titulo por repetidas vezes quizeram gozar.

CAPITULO III

AMERICA ABREVIADA E EM PARTICULAR O MARANHÃO

§ 1. Demora a cidade de São-Luiz do Maranhão em meio quazi da demarcação; donde para qualquer parte fica mais facil o commercio, por onde passam os navios para

o Pará, os Espanhoes para as Indias Occidentaes, e toda a navegação estrangeira para as suas conquistas do sul, por tudo ficar correndo a costa mais a loéste.

Está aquella praça pobrissima, e como sem remedio, podendo ser a mais rica e remedio das conquistas; fica na costa do salgado, em um bizarro terraplano superior a uma grande bahia, * ainda que d'ella retirada um tiro de mosquete por um braço, que a poucos passos da bahia se aparta em dois, um por cada lado, cingindo uma alta ponta de diamante em que está a cidade, cercada de mar por trez partes.

Clima dos mais sadios e favoravel á vida humana, e sitio dos mais acomodados para se fortificar da banda da terra, cortando com um muro de pouca distancia de um rio a outro, da fonte das pedras pelo curral atraz de de Santo Antonio, com um forte no meio, e em cada ponte um baluarte; e da parte do mar ao entrar da bahia para dentro na terra, que aparta um dos rios, para fóra da cidade já quazi debaixo d'ella, onde chamam Ponta do João Dias * por junto da qual corre o canal, e passam os navios; ou melhor em um parcel, que na mesma paragem descobre a vazante ao mar do canal, onde ficaria um forte livre de poder ser sitiado, e reedificando-se mais duas plataformas, que estão velhas e arruinadas, correndo o canal já; por debaixo da cidade com retirada coberta de uma para outra, e de ambas para palacio, que acima d'ellas fica, o qual, acrescentando-se para a parte mais vistoza da Mizericordia, e com um baluarte a cada cabeceira, que de dentro se guarnecesse, por não multiplicar guarnições, em lugar de outro, que ali fica perto sem utilidade, bem se poderia d'esta maneira franquear a praça a toda a nação, que por ali se quizesse refrescar, trazendo utilidade ao Estado; o que é certo lhe bastaria para ser bem provida pelas ocaziões que vemos perde cada dia, e muitas teria constando franquia.

---

* Tem esta bahia ou rio do Maranhão 15 leguas de largo.

* Onde se está obrando uma boa fortaleza.

§ 2. Entre aquella bahia da costa por loéste da ilha e cidade do Maranhão, corre a terra por dentro 12 leguas, onde se divide em 5 rios cultivados de moradores, e um mais estreito de tiro de pedra chamado Rio dos Mosquitos, que faz o Maranhão ser ilha, porque, voltando pelo sertão para traz, buscando a costa, torna por léste a sair no mar onde chamam Santa-Maria, fazendo ali outra bahia, que chamam de São-Jozé, a qual pelos muitos baixos, que tem, sendo primeira barra, só offerece entrada a pataxos pequenos, por onde desaguam mais o rio de Ucatu, * e outros de menos conta, ainda por cultivar, mas todos facilitam ao Marahnão a cultivação das abundantes terras, e são providissimos de bom pescado, caça, e tão dilatados, que dos cinco que cortam pelo sertão dentro, sendo todos navegaveis, a nenhum se tem chegado ao fim, excepto ao Maracu, que logo fenece em lago, onde se podia abrir caminho por terra para o Pará, por ser o ultimo que mais se inclina n'aquelle rumo, e mui fertil, de cuja boca se aparta o Pinaré, donde se tem tirado algum cravo, e não falta n'elle, mais pela terra dentro, com risco de gentio, e de tão pingues campos, que o gado, que se lhe deita, de gordo não concebe nem pare. E primeiro que estes dois se apartem um de outro, se apartam ambos juntamente do Miari, de todos os climas e rios o mais abundante, dotado de dilatados campos, em que ha algumas fabricas de engenho com varios moradores, e tanto gado vacum, que as pessoas que querem courama, levando polvora e bala, matam quanto querem, sem necessitarem de licença nem da carne, que deixam no campo, sendo que é boa, e tanta a caça, que dos veados, antas, e das demais terrestes ordinariamente se aproveitam os caçadores só dos couros, e a volatil sem fazer ponto, não ha grão de munição que se perca ao montão em terra, ou ás nuvens de adens, ganços, patos, marrecas, e outra variedade; o peixe da mesma maneira muito, e vae se carregando em carros, quando se pesca.

Monim, que desagua no rio dos Mosquitos, é rio de boas terras e campos para gados, perto da cidade;

* N'este rio está já uma villa.

mas pouco povoado, pelo damno que lhe faz o gentio do mato.*

Tapucuru á mesma parte desce, jardim que era do Maranhão por ser o rio, que mais se avizinha á cidade, mui fertil, de excellentes terras, o melhor pescado, caça da mesma maneira, muita canafistula, pastos de natureza, em que multiplica e ha muito gado; e suposto tem hoje algumas fabricas de engenhos e moradores, para os que já teve, e para o que é capaz e dezejado, está como despovoado pelas assaltadas e damno, que o inimigo do mato por repetidas vezes lhe está dando, e geralmente todos ou a maior parte estão hoje desmantelados de suas fabricas, assim pelos respeitos referidos como pela falta, que, depois que os governadores passaram a assistir no Pará, lhes fazem os poucos Indios escravos, que lá lhes chegavam, atenuando-se tambem com imperial trato os forros domesticos, servindo tudo de animar os silvestres; aonde os Portuguezes acham pouca conta trazerem pretos por tão alto preço, que parece impossivel ganhar um negro em sua vida 100$ reis, que é o menos que custa; difficuldades que não parecem faceis de remediar.

E' região em si abundante de mantimentos, carne, peixe, arrôz e toda a sorte de legumes e frutas, como tambem de farinha, de que se faz pão tão similhante ao de Europa, que só lhe inveja servir de especie ao altissimo misterio de Jezus sacramentado; estas são hoje suas lavouras, e tambem os algodões, os quaes se produzem melhor n'aquella parte que em nenhuma outra, sendo a melhor moeda do Estado, de que o commun todo uza; assim como servem de vestir preto, e varios picotilhos, como roupa branca de toda a sorte. Mas por não terem gente de serviço não lavram canas, tabacos e outros generos, de que as terras são capazes.

Compõe-se a cidade de 600 e tantos vizinhos, em que ha muita nobreza e gente boa, mas muita pobreza;

---

* A este gentio tem desbastado e atemorizado o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e os homens de São-Paulo tambem se vão chegando em seu alcance, e se espera ficarem aquelles sertões desempedidos.

uma matriz, 4 conventos, collegio, S. Antonio, Mercês e Carmo; uma mizericordia, uma igreja de S. João, tão bem acabada, que para a cidade podia servir de hospital, e uma ermida de N. S. do Desterro em um retiro sobre o mar, todas as tardes frequentada por devotos.

§ 3. O amor com Sua Magestade é servido attender pelo bem e augmento do Estado, a experiencia o tem mostrado; mas como os pecados tem aos moradores os olhos vendados para não verem nem reprezentarem o haver em que andam tropeçando, tomarei eu essa confiança. Foi em vida do Senhor rei D. João IV, de glorioza memoria, mandado ao Estado um Bartolomeu Barreiros de Atahide com uns mineiros, Antonio da Costa, Veneziano, Justo Fortunato e João Estaes, Francezes, para descobrirem ouro e prata; e depois de terem descorrido pelos sertões das Almazonas 2 annos sem effeito, voltaram por desordens de obrigarem a ir com os ditos um Pero da Costa Favella por soldado razo, tendo engeitado ir por sargento-mór, a quem os Indios rendiam muita fé e obediencia, assim por ser seu natural Pernambucano, como por ter sido seu cabo em boas ocaziões de guerra (a que n'aquella ocazião havia aspirado). Mas recolhidos os mineiros ao Maranhão, faziam partido, obrigando-se a fazer ferro, si lhes comprassem quanto fizessem a 4$000 réis o quintal, * do que no Maranhão se não lançou mão, temendo se fizesse tanta quantidade que não tivessem com que lhes pagar; frivola desculpa, e menos de admittir; mas seria a principal estarem n'aquelle primeiro tempo tão abundantes que de nenhuma couza faziam cazo, e é tal a pedra, que não ha pessoa, que vindo ao Maranhão, com alguma experiencia d'este metal, não diga é a melhor para ferro, que se tem visto em tanta quantidade, e tão sabido, que os cosmografos estrangeiros lhe chamam em seus mapas Ilha de ferro; e como esta certeza não padeça duvida, tambem podiamos considerar

* E outros dizem, que mais barato o faziam.

mina de ouro, em poupar o que continuamente está saindo de Portugal por ferro, fazendo-se juntamente com escuzar o alheio melhorar assim as conquistas.

Duas couzas dificultam ao Maranhão o commercio do Brazil ; primeira, não terem frete, com que voltem ; segunda, ventos, e aguas pouco favoraveis * ; excepto de Maio até Agosto, em que ha bons terraes ; mas rompendo-se a primeira, se facilitaria a segunda em todo tempo com bons barcos longos de coberta, capazes de remo em falta de monções, 12 ou 15 dias até o Ceará, onde acaba a dificuldade ; de que se prepararíam para essa carreira, assim os do Brazil, como os do Maranhão, e frequentando-se aquella costa poderiam os missionarios fazer por ella suas rezidencias. Assim como do Brazil se vai povoando o Ceará, si com este commercio se fosse fazendo mais alguma povoação no Camocim, por outro nome Giquaquara, ou no rio Paraguassú, que por ficar nas espaldas do Maranhão lhe serviria de uma boa paz, e facilitando-se assim a cultivação das terras, ficaria de qualquer parte facil o socorro, quando fosse necessario, e pertenceria ao governo de cada Estado o que caisse em sua demarcação ; sendo Sua Magestade servido mandar algumas pessoas de experiencia beneficiar a fabrica, correndo pela fazenda real, a quem poderia vir muita utilidade, lançando-se á sua conta a importancia de qualquer pataxo carregado de ferro, com que se computaria o rendimento das alfandegas de Portugal, e não poderia o empenho ser tal, que lhe não excedessem outras heroicas emprezas para partes mais remotas, arduas e arriscadas ; e esta seria a porta mui facil, sadia, de pouco empenho e grande esperança ; dando pelo Brazil aos navios de comboi o que levar, ou aos da India, quando por ali se achassem sem carga ; e si estas fabricas se estabelecessem com o preço do ferro tão acomodado que do Brazil trouxessem os

* E ainda que n'estas viagens gastassem 3 ou 4 mezes, nas do rio das Almazonas lhes é necessario annos inteiros, e com que remeiros ! E com que poderão chegar ás suas cazas, e remediar-se assim todo o povo, que hoje ha, e amanhan será maior sem um desengano de nova vida?

negros pelo mesmo preço, que lá custassem, prata, e o mais de que carecesse o Estado, pelo interesse do ganho no retorno, seria negociação, de que todos assim participariam, e o Maranhão resuscitaria. Mas para florecer com bom sucesso, e se communicar a todos os que dizem são pobres, se escuzariam os poucos Indios, que já ha, poupando-se para a rezistencia dos do mato; aldeando-se nas raias acomodadas, assim a esse intento, como para outros futuros contingentes, onde se achassem, quando se não podessem escuzar, e se ocupariam homens brancos e pretos, assim no serviço do ferro, como tambem no das fortificações, em correndo as primeiras com tão boa conta que a tudo se estendesse; uns com seus escravos, e os menos sobrados trabalhando, os mais com seus mantimentos, outros administrando, barqueando, e degradando para aquelle trabalho os que por mal feitores deviam sair fóra do Estado.

§ 4. Para o Maranhão tomar tão excellente forma creio seria a nobreza a primeira, e o maior com elles o primeiro; porque si os dias tem 12 horas para uns, tambem para outros teriam duas; outros de manhan por exercicio e de tarde o mesmo jogo, quando lhes tocasse o seu turno, até se porem em termos de se poderem fiar de todas as nações, para haverem os negros de quem os trouxesse mais baratos, deixando pagos os direitos, assim dos que saissem como dos que entrassem. Um navio até dois fossem vizitados, e só pretos podessem vender, e não os Portuguezes a elles; assucar, tabaco, cravo, ou cacao e nada fiado; aliás perdesse o direito o vendedor, e o comprador o valor, para a fazenda real. Alguns poderiam deixar pagos os direitos do ferro em Portugal, si a barateza fosse tal, que os obrigasse a isso, pelo menos por tantos ou quantos annos, como parecesse, e o Maranhão juntamente com Tapuitapera tem hoje melhor de 2.000 homens d'armas e o Brazil á porta, e suposto suas melhoras começassem primeiro, pois a prevenção não mostra seria o perigo grande, e liberdade seria esta n'aquella estrada commun, que faria aquella alfandega muito rica, e o Maranhão um ramalhete, permitindo Deos se faça cazo de couza, que sirva de augmento; porque si estes mineiros, como é notorio, com tanta facilidade

se queriam dispor a esta fabrica, maior deve ser o nosso desazo que a dificuldade.

Muito me tenho espraiado em alvitre tão sabido e desprezado; mas considerando-o, quando Sua Magestade fôr servido olhar para elle, diamante, jardim e ramalhete, não me posso sair d'elle sem notar dois defeitos n'aquella cidade, deixando-os *per accidens*, os quaes de prezente a fatigam.

A Mizericordia está sobre as fortificações, e tão chegado a palacio que lhe impossibilita melhorar-se; e o convento do Carmo está em meio da cidade, parte mais eminente, devasso e devassando, e melhor serveria para cathedral, apozento de bispo e seminario de meninos, a cuja mudança os religiozos deram principio ha annos, e se poderia conseguir, mudando-se a fraqueza do Maranhão.

§ 5. Fica defronte da outra banda da bahia em outro alto terraplano a villa de Tapuitapera, que consta de 300 vizinhos, matriz e dois conventos, Carmo e Mercês, em que tambem seria de muita utilidade alguma fortificação, na qual bahia e passagem anda um barco de coberta; e da mesma maneira com grande risco passam as canoas, que vão do Maranhão e vem do Pará, 32 bahias, tão espaçozas que em algumas apenas se alcança com a vista a terra de uma banda á outra, similhantes á do Maranhão, que a natureza d'aquellas 100 leguas reparte pela terra dentro de toda aquella costa, dando a mão umas a outras por braços de limitados rios, por onde entrando com a enchente de umas, e saindo com a vazante de outras se vencem a remo em 30 dias, mais ou menos, conforme as monções e a esquipação de remeiros.

Isto por terra se podia andar em 8 ou 10 dias, aldeiando-se meia duzia de cazaes no rio Turiassu, que é só o que corta o sertão, e o do Gurupi, em que o donatario podia pôr outra meia duzia n'a aldeia, que ahi tem perto no Caeté, por ser tambem em utilidade sua, principio de povoações em concurso, a que podiam sacramentar os prelados das religiões, que aquella passagem frequentam no anno 8 vezes, duas cada um, em ir e vir, e teriam os Indios remeiros menos essa fatiga. Ahi tambem se podiam

deitar alguns jumentos para facilitar aquella passagem tão necessaria á prevenção de futuros contingentes.

§ 6. Ultimamente está a cidade de Belem na capitania mór do Grão-Pará, navegando da barra 3 marés pelo celebrado rio das Almazonas acima, sita á margem d'elle em uma lameda 35 m. sul; clima sadio, assim pela grande abra, que do rio * corre ao norte, e dá lugar aos ventos, que com sua frequencia estejam refrescando a terra, como por sua frescura toda coberta de arvoredo sempre verde, natural de toda a America, como primavera; dias e noites sempre iguaes; paiz baixo; rio largo, a que promette mais segurança o bom tratamento dos naturaes Indios do que outra fortificação; porém ainda assim se poderia fortificar um bairro, a que chamam Cidade por ter mais superioridade, para se lhe facilitar alguma segurança; ainda que sem defensão ficasse outro bairro chamado Campina, por se estender por uma dilatada planice Como é conq iista, em que cada dia se vão descobrindo novos generos, e algum dia pode ser de muita estimação, si já hoje não é invejada a Portugal (como vaticinam instancias de introduções estrangeiras), parece ao menos, se não devia parar com um forte, a que se tem dado algum principio em boa paragem, correndo da barra á vista da cidade, e melhor seria em uma ilha, que chamam Redonda, e está no mar d'aquella paragem, por junto da qual corre o canal, e passam os navios, a que se põe alguma dificuldade, que parece se podia suprir por melhorar tão singular beneficio.

D'esta ilha se vão continuando por aquelle grande rio outras, que facilitam a travessia e navegação por todo elle; si bem com monções e seus riscos, onde mais se apartam, dando lugar á furia das correntezas, pelas quaes ilhas os moradores tem algumas grangearias, e é a principal a ilha grande de Joanes, que dizem ter 300 leguas em redondo, onde se beneficia um pesqueiro efectivo pela fazenda real, provendo a cidade com 15 ou 20.000 tainhas cada mez, a qual ilha corre da barra rio acima

* A este rio chamam alguns autores, que escreveram da America, rio Maranhão.

até perto do Gurupá; donde, dando volta pela banda do norte, torna a espraiar a costa do mar com varias nações de Indios, todos hoje de paz com os Portuguezes, mas tambem dão entrada aos estrangeiros, que ordinariamente com elles negociam e com mais familiaridade com os que a estes se avizinham do Cabo do Norte, do qual cabo a capitania do Cabo do Norte, * que é a mesma corda rio acima, navegando junto de terra com as marés a remo se gastam 6 dias, e 4 em atravessar do cabo rio acima * á capitania do Gurupá, que fica na terra, que corre, 6 dias do Pará, e 3 em tornar a atravessar do Gurupá á capitania do Cabo do Norte, rio acima, por onde ha o cacáo silvestre, assim pelas fraldas da terra firme, que vão correndo cabo até a capitania, como pelas ilhas, que de toda aquella distancia se multiplicam por todo aquelle mar doce até o Gurupá, e dali para cima o ha por varias partes do rio das Almazonas, e pela maior parte d'elle se acha cravo, buscado pelos sertões com muito trabalho e risco de vida, como a tem tirado a muita gente, assim os gentios, como as doenças; as quaes duas capitanias era mui necessario povoarem-se, ou por emquanto fazer-se ao menos um forte com algum prezidio na do Cabo do Norte, em alguma das eminencias, que descem sobre o rio, donde se seguem as serras, de que são compostas, com seus vales, ribeiras e tão boas terras, * que não só se lograriam n'ellas todos os frutos do Brazil, mas tambem os do reino, com varios haveres; e quem plantasse cacáo faria ali grandes fazendas por ser seu natural com as quebradas das terras rôxas, por onde elle melhor se produz.

E a capitania do Gurupá devêra ser bem povoada, pois se acha como dezerta; e na verdade não só pelo que

---

* Começa esta capitania da costa, mas divulgou-se-lhe este nome na parte superior como a cidade de Napoles pelo reino.

* Ordinariamente se andam 10 leguas cada maré a remo, que fazem cada 24 horas 20 legoas.

* N'esta parte se tem já reedificado algumas fortalezas, onde no principio da conquista se haviam edificado as primeiras, uma pelo governador Bento Maciel Parente no Parú, e outra pelos Olandezes no Cumaiú.

demanda a boa prevenção do Estado, como tambem pelo merecimento do sitio não só póde ser villa, mas grande e rica cidade ; para tabacos e toda novidade, que se lhe planta, é tão fertil o terreno, que a todos os mais excede na abundancia com que produz.

O cravo, salsaparrilha, canafistula, quinaquina e outras drogas, tudo lhe fica á mão, correndo d'aquellas duas capitanias para cima, como tambem o cacáo á vista da praça ou fortaleza, e melhor si o quizerem plantar e beneficiar, como já vão fazendo os moradores da cidade de Belém, ainda que em clima mais retirado do seu natural, que vai correndo para o loéste.

§ 7. Demora o Gurupá em um terraplano eminente ao rio, 1 gr. 19 m. sul, capaz de toda a fortificação, que se quizer fazer, e muito sadio pelas razões já dadas, donde fortificando-nos como recolhidos de nossas cazas poderiamos varejar as fronteiras sem necessidade de nos ir pôr á barreira do risco de ficar um dia em cerco de qualquer nação, que para isso se preparasse com mais poder, e lhe ficassemos servindo de guias, sendo que as terras, que correm para aquella banda, não são as que mais utilidade promettem por baixas, excepto Cumahú, onde, querendo-se pôr guarda na porta, é capaz de um bom forte e melhor povoação, por boas terras, junto ao canal d'aquella barra, 3 dias do Gurupá; como tambem seria de utilidade que os Indios, que por aquella banda habitam, para a nossa podessemos retirar com tão bom agazalho, que uns convidassem outros.

De maneira que como a ilha grande de Joanes se estende tanto ao mar, faz mostrar ao rio duas bocainas, e com effeito tem duas barras, uma das quaes vae da ilha para o cabo, por onde, navegando os Olandezes, quando ocupavam algumas fortalezas, no Cabo do Norte, iam pelo Gurupá com navios até os Tapajós, 15 dias de navegação rio das Almazonas acima; e tambem houve já navio portuguez, que, errando a primeira barra, foi entrar pela segunda, e dando volta pelo Gurupà, veio para o Pará ; no que gastou vinte e tantos dias.

Corre a primeira barra pelo Pará, sem mais veredas que as ilhas que se vai deixando, mas passando a cidade

se vai divertindo com multiplicados rios, que pelo sertão dentro, como veias, vão entrando e deixando a mãi, que diante do Gurupá se vai encorporar com o do Cabo do Norte, fazendo-se todo um, frequentado e sulcado pelos Portuguezes até Quito, provincia do Perú; viagem em que gastaram 2 annos com alguma demora os Portuguezes, que lá foram.

§ 8. São as fontes d'aquelle eminente reino, as que dão principio ao rio das Almazonas, e das mesmas fraldas e lado mana o da Prata, de cuja copioza inundação se estende este 40 leguas na boca de largo, e este outro 70 por se dilatar seu curso, tanto mais ainda ao da Prata obedecem alguns braços, como a carta de marear mostra. O dos Tocantins porém tem origem innavegavel por bosques, como reclamam os homens de São-Paulo, dos quaes subindo uma grande tropa pelo da Prata, se empenharam tanto que depois de gastarem 3 annos pelos sertões e terem seus encontros com os Castelhanos do Perú, voltaram alguns para onde haviam sahido com tanto enfado e risco do gentio, que uma escolta d'elles, descendo pelo rio da Madeira, entrou no das Almazonas, dando graças a Deos quando toparam com Portuguezes.*

Mas não dão mais noticia do celebrado lago dourado do que proceder o rio da Prata de varios lagos e campinas alagadas, pelas quaes muitas vezes se acharam perdidos, andando dias inteiros com a roupa na cabeça e a agua pela barba, de sorte que em jangadas, comendo olhos de palma, se deitaram para onde a agua com mais facilidade os deitou e os trouxe ao Pará.

§ 9. Suposto por todo este rio se vão seguindo variedade de ilhas, é sua maior espessura desde a boca da barra até 10 dias de navegação, *id est*, até adiante do Gurupá duas jornadas, confundindo-se umas com outras, de calidade que em muitos mezes com dificuldade se poderiam contar, e todas, que são do commercio do Pará, a loéste vão ficando, e a terra firme por léste para o sul vai andando, por onde os rios e lagos dos sertões se vão na mãi dos

* D'estes homens vivem ainda no Pará um secular e um frade, com quem passei alguns serões sobre esta materia.

rios despenhando, e com a mesma porfia da outra banda continuam do Cabo do Norte por aquella capitania e Aroaquis 30 dias de navegação até o Rio-Negro, do qual se vai um braço communicar com as cabeceiras do Orinoco.

Até este afamado rio da margem poente do das Almazonas, é o que mais se frequenta do Pará; e pela margem do nascente fica defronte do Rio-Negro o da Madeira, tão copiozos um como outro, tornando cada um a despedir muitos de si. Descendo abaixo 6 jornadas, está o rio dos Tapajós, pelo qual quanto mais se navega mais se alarga sem se vêr terra : tambem se entende pender do da Prata, e parece ter misterio não o termos descoberto mais que até um pequeno limite; mas é a principal cauza uzarem os gentios d'elle tão refinada frexaria hervada, que nenhum ferido tem cura, os quaes ocultam um barro, de que debaixo da agua lavram pedras como as de leite, que dizem tem a mesma serventia. * Ha outra variedade de pedras de grande estima entre elles, ficando depois verde claro e duras como o coral, e com tal conformidade que nem ainda se acaba de entender, si estes as lavram ou as alcançam por conta de outra nação, e assim devem ocultar outros haveres, de que nós fariamos mais cazo.

Descendo d'este rio outras 6 jornadas, junto ao Gurupá, se divide o rio do Xingú pelo sertão dos Jurunas, mui largo e dilatado, não havendo quem lhe tenha chegado ao fim, embora tenha-se por elle bem navegado, assim a pretestos de escravos como de cravo.

Descendo do Gurupá lhe vai pelas costas cortando o rio dos Guanapús, de boas terras, donde se tem tirado algum cravo, e logo pouco abaixo se divide o rio dos Pacajás, similhante ao do Xingu.

---

* A maior certeza que se tem alcançado é, que a estes gentios as dão outros que lhes ficam defronte, os quaes as alcançam dos maridos das Almazonas, a quem ellas as dão, quando elles vão maridar com ellas e as fazem de um barro que ha em um lago, onde ellas vivem sem varões e sem teta esquerda, por lhes não prejudicar ao seu arco e frexa: si não é fabula o que os Indios contam.

Chegando mais ao distrito do Parú, corta o rio dos Tocàntins, * por outro nome Camutá, muito povoado de ilhas; e onde se abrem umas de outras escassamente se vê terra de uma banda a outra, por sua largura; donde se tem tirado algum cravo, e ha n'elle muita madreperola, em que se tem achado algumas perolas por acazo, sem se saber razão em que se faça melhor experiencia. Existem boas terras em que fabricam muitos moradores, e n'esse rio atravessam os homens de São-Paulo, e fazendo ahi canoas discorrem por todo elle, levando os Indios que acham para suas administrações, como tambem iam por elles os homens do Pará ao resgate, onde, ha poucos annos, se encontrou uma esquadra com outra, sendo cabo da do Pará Francisco da Mota Falcão.

§ 10. Chegando á vista quazi da cidade, se apartam de uma boca dois rios; Mojú, o mais cultivado de engenhos e outras fazendas, e o Acará, em que tambem ha alguns engenhos e moradores, e junto bem á cidade por suas espaldas se aparta o rio Capim, virando a léste, como em busca da costa, principalmente um braço chamado Guamá, do qual dizem se pode abrir caminho breve ao Maranhão pelo Maracu.

A este rio se não tem alcançado seu fim, tendo-se por elle bem navegado o cravo, e foi o primeiro por onde se começou achar, e se tira ainda d'elle algum, como dos mais do que vai crescendo; tem alguns engenhos e outras lavouras, como pelos mais, ainda que hoje tudo mal fabricado, por falta de escravos; porque suposto cada rio d'estes poderia acomodar quazi um reino, si todo o quizessem povoar, terras boas e capazes de todas e quaesquer fabricas e lavouras, que se lhes quizessem beneficiar, produzindo com abundancia tudo o que se planta, comtudo é necessario muito braço e ferro para romper e devorar as altas e densas matas ou robustas

* E' este rio tão dilatado que tendo-se por elle bem navegado, ainda se lhe não sabe o fim; a carta de marear mostras, que procede do lago dourado e do Prata; porém os homens de São-Paulo dizem, que, suposto para aquella parte do sul se encaminham alguns braços, fenece em bosques, e que a mãi vai dobrando a léste, como em demanda do rio de São-Francisco.

madeiras, de que todas são cobertas, taes que de cada pao se tiram do pé 70 e 80 palmos de comprido, e cavacados os troncos por dentro se fazem canoas de 12 e 15 palmos de largo na boca, assim como galés, que carregam 400 e 500 arrobas, com 15 ou 20 negros de remo; do que depende todo o commercio, por não poder haver outras estradas, assim pela difficuldade dos matos, como por estarem cortados de aguas.

Por todos estes rios ha muita caça e varias sortes de peixe, em que se singulariza Camutá, por onde passando qualquer canôa de noite, acendendo luz, é tal a nuvem de tainhas, que a cerca e acompanha, saltando como fazendo floreio de verem entre si aquella novidade, que do muito que se engana no salto e cae na canoa é necessario retirar d'ella com brevidade, apagando a candeia, por não meter a canoa no fundo. Os moradores d'aquelle rio ordinariamente escuzam mandar fazer aquella pescaria, pela quantidade que pelas praias dá á costa vindo uns mortos, outros quazi mortos, do violento salto, com que se encontram os peixes no cardume, e tambem se attribue abafar com a muita gordura, que tem, o bom peixe.

§ 11. Compõe-se a cidade de Belem * de 400 moradores, gente luzida, e varia nobreza, em que tambem não falta pobreza; tem uma matriz, uma mizericordia, 4 conventos, collegio de S. Antonio, Mercês e Carmo, uma igreja de Nossa Senhora do Rozario, uma igreja de S. João, e uma linda e bem guarnecida ermida da Exaltação da Cruz com a invocação de Santo Christo.

Entre a gente, que tem alguns servos, de que se possam ajudar, si se não demaziam em gastos, e tem conta comsigo e prestimo, não ha pobreza pela opulencia da terra ajudar a quem d'ella se aproveita, e pela variedade de drogas de que uns e outros se valem, por cuja largueza os homens são pouco e os naturaes menos ambiciozos, e assim é a cidade mal provida de peixe, por não haver pescadores brancos, e serem os Indios naturalmente pre-

* Com seus contornos.

guiçozos com alguma especie de apatia; suposto que quando querem, * só elles tem tanto prestimo, que quem faz com elles jornadas, não costuma levar mais matalotage que farinha e sal, e remando de pela manhan até ao meio dia, como é uzo, tomando terra, emquanto se acende fogo, entram uns pelo mato, outros pela agua, e logo trazem provimento; o que o branco nem o negro de Africa póde fazer; porque, além de pela maior parte não saberem nadar, si entram no mato não sabem sair; porém sempre alguns negros entre os Indios são de muita utilidade. A cidade tambem é mal provida de carne, por não haver pastos de natureza; só na ilha grande de Joanes, que não fica fóra de mão, ha 20 ou 30 leguas de campinas de pasto agreste, que cultivando-se se poderá com o tempo melhorar. Ahi que já ha bom principio de gado, e os pastos que os moradores fazem por suas fazendas, desbastando madeiras, não superabundam até o prezente, e os tigres são em tanta quantidade, por não haver descampados, que em se metendo uma rez no mato não sai, e o mesmo risco corre a gente, si não anda acompanhada. Pelos rios e lagos ha perigo dos jacarés; são estes de feitio de lagarto, cabeça de cavalo, e peito mais dorado, boca de cão, rasgada por cada banda mais de palmo, e a toda pessoa ou animal, que acham na agua, pegam e levam ao fundo: algumas vezes saem á terra sentindo caça, de que se aproveitam, ou caxorros, que não lhes escapam, quando se deitam á agua atraz da caça. Em terra os tigres, feitio de gato, altura de meio jumento, menos barriga, mais compridos, e dobrados de peito e pulso, matam de salto, descarregando com a mão na cabeça a um homem, boi, ou qualquer outro animal; tudo estendem, como si fosse um raio. Por outro nome se chamam onças, são de côr uns pretos, outros pintados de

* E' a principal cauza d'esta falta a de dinheiro, que pelo não haver no Estado, faltando á ambição de ajuntar mialheiro, ninguem se desvela, e tambem por se haver fundado a cidade muito rio acima agua doce, onde não podem pescar redes de consideração; mas vive cada morador de ter seu pescador, e quando no cabo da semana quer voltar á caza, conta primeiro os brancos d'ella, e apenas traz outras tantas rações para escapar do castigo; razão porque padece o commun.

pardo e negro, e ha outros vermelhos, a que em outras partes chamam leopardos; estes são menos ferozes; porém as outras duas sortes são tão severos, que se não desviam de nada, nem apressam o passo encontrando gente; e si é uma pessoa só, corre risco tornar para traz, nem ir para diante, até que lhe acuda alguem com quem se retire.

§ 12. Provê a natureza com abundancia a região de muita caça, que se acha, tanto nos matos, como nos rios, e de muito peixe, assim nos rios como nos matos; porque, como é clima quente, terras baixas, e todas cobertas de matas e cortadas de aguas, onde ficam empossadas por lhes entrarem de marés grandes ou chuva, ahi criam em qualquer parte muita variedade de peixe, e pela mesma razão toda a caça se acha passando de umas partes para outras, buscando suas comerias, ou fugindo aos contrarios; e como todo o commercio é pelos rios, ahi ordinariamente se encontram veados, antas, capivaras, bandos de porcos, e outras caças, onde com facilidade se aproveitam os navegantes do encontro, e só o de tigres não aceitam de boa vontade, porque se vão enfadados; e si desconfiam de algum agravo, viram a canôa, e é necessario apertar o remo, porque lhes não chegue a fera a saltar dentro e a todos desbaratar; mas como só as pessoas, que podem ter por fóra suas vivendas, e têm com que descorrer o termo vivendo por suas fazendas, logram estas abundancias, em distancias apartadas da cidade, de poucas participa o commun, que não tem boa canoa e negros, com que se vençam os riscos das ondas e féras.

Por não haver dinheiro na praça não se acha n'ella nada de venda. São os frutos moeda com preços certos; a vara de panno de algodão a 200 reis, a arroba de assucar a 1$200, a de tabaco a 1$600, a de cacáo a 4$000, a de cravo a 6$000: vai um homem ao cravo, * beneficia-o como canela, vem com elle á praça, dá-o pelo preço

* Excelente couza seria, que Sua Magestade fosse servido mandar dar fórma a este genero com graves penas, de que não sendo limpo, seco e de canudos pequenos, quanto só coubesse em uma casca de libra para baixo, fosse todo o mais queimado; e logo reputação do genero, rendimento, consciencias, estado e fazendas, tudo melhoraria.

sabido; vai outro e colheu com o musgo do pao, e molhado o amontoa em grandes canudos, em que depois fica preto, ardido, sem pezo, nem sustancia, e como este valha o mesmo preço, quando outros traficantes tornam a elle, fazem peior; e assim sucede com todos os generos. Porém si houvesse dinheiro, valendo cada couza a respeito de sua bondade, tudo melhoraria, e parece não perderia qualquer mercador o seu dinheiro, metendo-o pelo ganho do dobro, sendo todos obrigados a vender os generos a taes pessoas, que achassem mais capazes para se embolsar pelos preços communs, ficando ao alvedrio das partes, depois que houvesse 50 ou 100 mil cruzados de dinheiro miudo, ainda que servisse só para mantimentos; porque as contas grossas a uns e a outros não estaria mal fazel-as com generos, e as dividas antigas ficassem obrigadas pelo estilo, com que se contrahiram, até se acabarem de satisfazer.

§ 13. Conquista é esta, que não só é dotada das riquezas já declaradas, mas com largas promessas pelas experiencias que de novo sempre se fazem, e com algumas de que os moradores se não sabem aproveitar.

Produz a terra uma arvore como de açafrão, a qual se enche de semente grossa e parda, a que chamam almiscar pelo grande cheiro, que tem, de que lá se não faz cazo, por lhe não saberem a virtude; sendo que é grande antidoto da ventozidade, e d'ella eu em Portugal, por informação de um Espanhol das Indias, fiz experiencia, com alguma que tinha, em um doente, que não lograva nada, e logo que bebeo o cozimento quente em lugar de outra agua e em caldos, dormio, descançou e sarou.

Do mesmo modo a quinaquina se tem adulterado em sua virtude: não sei, si é traça estrangeira, si menos industria portugueza, porque a casca é a mesma, que vai á Espanha e á Inglaterra, e toda vai da America, da mesma terra e do mesmo páo.

§ 14. A experiencia que tenho d'ella é, que estando no Pará adoeceu de febre malina um guardião da ordem capuxa, a quem certo sugeito de boa opinião, que tinha vindo do reino, mandou aplicar quinaquina preparada

em vinho do melhor, que houvesse; assim se fez em um frasco de Carcavellos, que podia acender uma faxa, quanto mais malina, e assim que se começou a dar ao doente, se lhe alterou a febre, de calidade que o vinho se deitou fóra, e o frade se vio em artigo da morte.

Sucedeu lá tambem a um meu vizinho aplical-a a um seu servo, com quem tinha esgotado a medicina, sem haver sangrias nem remedio, que o podesse privar de uma febre lenta, com que se ia definando, até que finalmente mandou moer uma pouca d'esta casca, e deitando-se de infuzão em um cantaro d'agua, sem conta, pezo nem medida, dice ao doente, que quando tivesse sede bebesse d'aquella agua; assim o fez, e logo começou de melhorar, tanto que em breve tempo se vio livre do axaque.

Feitas estas experiencias dice eu ao primeiro aplicante: Senhor, as virtudes das couzas d'America nós nem os Espanhoes ou Inglezes as souberamos, si os naturaes nol-as não ensinaram, e si elles uzavam d'ellas onde não havia vinho, mas em agua, como logo nós subimos de ponto mudando-lhes as guardas? Respondeo-me, que assim em vinho se aplicava no norte, e sem duvida que na aplicação assim ou mais assim vai a melhora ou peiora, e não na casca, que toda é uma; mas si no norte se aplica em vinho, será de França, como agua, e não duvido, que em tal vinho tenha efeito, porque na diferença dos climas do norte ou da Europa para o da America, ainda que lá seja melhor em agua, haverá misterio, porém que nos digam, que em vinho branco, sem declararem que calidade de vinho, sem duvida parece, que ahi está o engano, pela muita diferença que vai dos nossos vinhos de Portugal fortes e prejudiciaes a qualquer alteração do sangue.

Com vinho branco se faz este medicamento em outras partes, porém do modo seguinte.

Toma-se agua em almeirões ou azedas duas partes, e uma parte de vinho branco, que não tenha gesso, nem enxofre, mas puro; e junto este mistico com a casca moida de infuzão, se põe a serenar em redoma de vidro ou frasco, recolhendo-se pela manhan a parte fresca, e melhor, havendo neve, se mete n'ella até o doente ter e lhe passar a sezão, e na declinação se lhe mete na mão o

frasco tão frio como a mesma neve, com licença para que beba quanto quizer.

Assim me declarou um Portuguez, vira obrar no reino de Valença com um infermo de sezões, tambem Portuguez, de que elle tinha cargo, a que assistiam dois medicos espanhoes, os quaes, depois de terem purgado o doente com meia duzia de sangrias, lhe meteram na mão o frasco de quinaquina tirado da neve, tão frio como ella, o qual doente depois de o pôr trez vezes a boca, largando o frasco para uma banda e adormecendo para outra, ao outro dia não teve nada; suposto que pondo-lhe os medicos preceito que não passasse por carniçarias, nem fosse a hortas por alguns dias, por não recair com aquelle cheiro, elle fôra a uma quinta antes do tempo cumprido, e lhe sucedera como os medicos lhe tinham dito, recaindo; mas que tornando-se a curar como dantes, com melhor regimento, sarára.

§ 15. Ha muita nóz-moscada, ainda que mais pequena que a da India, por não ser beneficiada, porém com a mesma virtude conhecida pela experiencia, que da cêra e do oleo d'ella se uza, obrando em pontadas, corrimentos e similhantes infermidades admiravelmente, e não se faz cazo da nóz nem da carregação, por se não saber separar do muito oleo com que está ligada, e que a faz apodrecer.

Baunilhas ha as melhores e maiores do que em parte alguma, porém silvestres, sem ainda mostrar a experiencia o beneficio e utilidade de algumas, que os moradores vão plantando.

Anil é o primeiro, que renasce nos matos, que se cortam; mas como estes pulam por cima d'elle com mais violencia, e não ha campinas de natureza por onde se semêe, é a razão porque se não beneficia.

Cresce muito páo de umeri, que dizem ser balsamo, mas não se sabe fazer de que qualquer migalha de cortiça; deitando-se no fogo, escuza o mais fino pivete.

Arvore de lacre ha em cantidade.

Os mantimentos que se cultivam se colhem com singularissimo sucesso em abundancia todo o anno, pelo temperamento do clima; o maior verão é de um mez, e sem impertinente inverno.

Arroz não só se produz como os mais mantimentos plantando-se, mas de natureza o ha em varias partes, pelo rio das Almazonas, em campinas, que no inverno se alagam; e crescendo sempre á flor da agua o conduzem os naturaes Indios, entrando em canoas pequenas por elle, e sacudindo-o n'ellas com os remos, antes que o rio abaixe na primavera.

§ 16. Muita variedade ha de frutas,* assim de cultura, como silvestres, sendo d'estas rainha a mangaba, cheia de uma suave massa branca como nata, e uma pelica vermelha tão tenue, que pondo-se nos labios se deixa coar como sorva, pouco maior.

Das de cultura é rei das frutas o ananáz, do tamanho de um melão feito de pinha, em arvore pequena com folhas de erva-baboza, com que faz na ponta da fruta uma corôa, e não ha duvida, que de mezas de principes na Europa seria esta fruta estimada. Esbruga-se como nabo, da mesma côr, em talhadas ao comprido, como as de melão, com que, acompanhando o mais comer, se desfaz em agua agro-dôce, sem haver fastio que se atreva.

E si damas ha no Brazil da meza são as bananas,* fruta de todo o anno, cento e tantas em cada caxo, sua pintura não a permite a modestia, boa fruta para gente moça, e tambem a todo o doente se dá assada, como uma pequena de marmelada.

CAPITULO IV

QUE GOVERNADORES TEM GOVERNADO O MARANHÃO, LEIS QUE A SEU FAVOR TEM PRECEDIDO, E SUAS CONSEQUENCIAS ATÉ O ANNO DE 1686

§ 1. Governou-se o Maranhão os primeiros oito annos por capitães móres, e logo o primeiro, que foi Alexandre de

* Para tintas ha muita variedade de páos e frutas, e ainda a terra mais ordinaria, que é quazi vermelha, dá tinta parda, outra que chamam cori dá côr vermelha, e outra chamada taguá dá côr amarella, e outra que chamam tijuco dá côr preta.

* Com misterio se tem esta fruta pela em que pecou Adão, porque cada folha basta para cobrir um homem, e pela cruz que mostra, cortando-se pelo meio, como para signal do instrumento, em que havia de ser redemida aquella culpa.

Moura, por noticias que teve do famozo rio das Almazonas, fez passar a descobrir e situar n'elle o Pará por Francisco Caldeira de Castello Branco.

Chegou depois o primeiro governador do Estado Francisco Coelho de Carvalho no anno de 1622, que governou 13 annos até morrer, em cujo governo veio o Olandez a querer prezidiar o Gurupá; e suposto queimou as cazas, que achou fora da fortaleza, voltou bem rechaçado das sortidas portuguezas, como tambem n'estes annos foram acabados de expugnar de toda aquella costa do Cabo do Norte, por onde se tinham introduzido e fortificado; com o que se desenganaram de tornar a reedificar e povoar, como antecedentemente haviam feito, depois dos repetidos assaltos que o segundo capitão-mór do Pará Bento Maciel Parente havia dado, desalojando uns, prizionando outros, e metendo navios a pique com notaveis sucessos portuguezes.

No Maranhão sucedeu n'este tempo, que tivesse uma mulher morto, com um machado, o seu marido dormindo, como depois no Estado têm feito outras; mas livrando-se por devotos peditorios, como se uza, começou outra a dar má vida ao marido, ameaçando-o com aquelle exemplo; soube o governador e mandou meter na cadeia com um confessor a que já estava livre e logo na forca, e fazendo depois vir á sua prezença a que se aproveitava do exemplo, dice-lhe, que si lhe chegasse mais alguma noticia, por vida de el-rei lhe mandaria fazer o mesmo; com o que assim aquella, como todas as mais tiveram conta comsigo n'aquelle tempo; mas hoje corre tão differente moeda como a mesma differença do Estado, e bem mostra permettir Deos uma couza pela outra.

§ 2. A este governador sucedeu por eleição da camara o provedor mór Jacome Raimundo de Noronha, e tendo governado quazi dois annos, lhe sucedeu por provizão real o governador Bento Maciel Parente no anno de 1638, que no anno de 1618 tinha já vindo de Pernambuco, como fica dito, ao Estado por capitão-mór do Pará, com 200 soldados e 400 Indios, com que reforçando-se no Maranhão castigou o gentio das rebeldarias, que tinham feito aos primeiros conquistadores, escalando um forte em

Tapuitapera, onde mataram 30 homens, no Pará 14, que em uma lanxa aportaram, e outros atrevimentos, de que tomou heroica satisfação, pondo tudo em paz. Dahi a poucos tempos, descobrindo-lhe uma India, sua confidente, que todo o gentio entre si havia passado palavra para se levantarem em uma semana santa na noite da quinta para sexta-feira, e não deixarem vestigio de Portuguez vivo, se antecipou fazendo chamar todos os principaes, e recolhidos estes a um forte, em um dia justiçou 24 em bocas de peças, e varios suplicios de morte, com o que se desanimaram os naturaes, e ficou pacifico o Estado.

Mas passando este capitão-mór do Pará a governador de todo o Estadó nos sobre ditos annos, tendo 4 de governo, em idade já quazi decrepita, entrou o Olandez no Maranhão,* e tomando-o por entepreza no anno de 1642, o possuio anno e meio em paz, até que os moradores concordados com os Indios, levantaram por capitão-mór Antonio Muniz Barreiros, e deram sobre o Olandez com bom sucesso, e morrendo este capitão-mór, elegeram Antonio Teixeira de Mello, e com igual valor em anno e meio de guerra viva, á custa de muito sangue de uma e outra parte, expulsaram o inimigo, indo com differente excesso destroçado.

§ 3. E chegou ao Pará, no ultime extremo da guerra, por governador do Estado Pero de Albuquerque, o qual no anno de 1645, desgostado de não haver tomado o Maranhão por não alcançar lá fala, tendo feito essa diligencia, e haver naufragado na barra do Pará, onde perdeu o navio com duzentos e tantos soldados, 20 religiozos da companhia de Jezus e outros homens do mar, morreu com 6 mezes de governo, ficando por sua nomeação Feliciano Correia capitão-mór do Pará, e Antonio Teixeira de Mello, do Maranhão, onde n'este tempo havia concluido com a guerra.

Aos quaes, passado anno e meio, sucedeu Francisco Coelho de Carvalho, o Sardo, por governador do Estado

---

* Invadio o Olandez a Pernambuco em 8 de Maio de 1634; e foi expulsado em 1 de Fevereiro de 1651, donde vindo ao Maranhão foi do mesmo modo expugnado.

no anno de 1647, e morrendo com 15 mezes de governo, deixou no Maranhão por capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, e no Pará fez a camara por eleição Aires de Souza Xixorro, aos quaes, passados 17 mezes, sucedeu Luiz de Magalhães por governador do Estado no anno de 1649, governou 4 annos.

§ 4. Foi o senhor rei D. João IV, de glorioza memoria, servido mandar dividir o governo do Estado em capitanias com Baltazar de Souza Pereira por capitão-mór do Maranhão, e Ignacio do Rego Barreto, do Pará, no anno de 1652, e tendo um governado pacificamente no Maranhão 3 annos, e o do Pará passado a outra vida, mandou Sua Magestade tornar a encorporar o governo a requerimento do Maranhão por entender lhe iriam assim lá mais escravos. Foi mandado André Vidal de Negreiros por governador do Estado no anno de 1656, o qual, depois de um anno de governo, passou por terra a governar Pernambuco, para dahi passar a Angola; trez governos em que juntamente foi despaxado por premio da primeira nova que tinha levado a Portugal da restauração do Brazil, tendo n'ella com o posto de mestre de campo immortal nome alcançado.

Até o tempo d'este governador costumavam assistir no prezidio do Gurupá 40 homens, dos quaes revezadamente andavam sempre 4 em uma canoa com alguns Indios da aldeia, serviam só de guarnição á praça, vigiando e communicando aquellas nações pelo Cabo do Norte, e si achavam alguma demazia, não a podendo remediar, voltavam com avizo á praça, a que se acudia com a diligencia necessaria, com o que diversas nações se reprimiam, e os naturaes viviam sugeitos; porém já hoje não ha mais dispozição que cada um tratar de seu negocio, nem mais Indios que para sertões de cravo, por onde vão acabando sem a forma que lhes devia dar e fazer guardar quem só trata de vindimar e fugir, venha atrás o que vier.

§ 5. E deixando na fórma de seu regimento Agostinho Correia governando o Estado, lhe sucedeu D. Pedro de Mello no anno de 1658, ao qual, tendo governado 4 annos, tempo em que se alterou o povo contra os religiozos da companhia de Jezus, sucedeu Rui Vaz de Siqueira

no anno de 1661, que fez tornar a admitir os ditos religiozos, e tendo governado 5 annos com varios sucessos de guerra, fome e peste, pois não havia permitido menos o sucesso passado, lhe sucedeu Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho no anno de 1667, o qual, governando 6 annos pacificos, e com temor de Deus, se singularizou na restituição da aldeia dos Conduris, obrigando a quem lhes os mandou do Gurupá ao Maranhão por escravos, sendo forros, que os tornasse a repor á sua custa em liberdade do sertão, onde estavam servindo de estalagem e remeiros dos brancos. Antes da expulsão dos padres, havia igreja em que foi sepultado o padre Manoel de Souza, da companhia de Jezus, que lá morreu, sendo seu parroco; porém depois que se viram alguns indigenas escapos dos desarranjos d'este sucesso, e postos nas suas terras, se meteram pelo sertão dentro, fazendo liga uns com outros, e não sabem mais que fazer frexaria ervada para se defenderem dos Portuguezes.

A este governador sucedeu Pedro Cezar de Menezes no anno de 1673, que governou 5 annos, e lhe sucedeu Ignacio Coelho da Silva no anno de 1678, que governou 4, e a quem sucedeu Francisco de Sá deMenezes no anne de 1682.

§ 6. Por uma provizão, que trouxe o primeiro governador, mandou a Magestade Cathólica fossem cativos todos os gentios, que estivessem prezos e captivos de outros para os comerem, e que os taes se podessem comprar com declaração, que, não passando o preço da quantia que o governador com os mais adjuntos assentassem, seriam captivos sómente por 10 annos, e depois ficassem em sua liberdade.

Antiga é esta lei, e não dizia como alguns querem, que no fim de 10 annos se tirasse Indio algum a quem o tivesse, mas como se dicera, que passados 10 annos, aos d'aquella condição se declare sua liberdade e alvedrio para ficarem ou se irem como se lhes estivesse melhor; porque depois de estarem por caza dos moradores criando seus filhos, e tomando amor reciproco uns a outros, para se sahirem da caza chorando uns, e assim ficarem os outros, seria necessario preceder escandalo grande ou força,

sendo que indevida parecia esta a quem os ia buscar ao sertão, não pelo custo do preço, por ser o menos, mas por ir um anno fóra de sua caza gastando ordinariamente o que não tem; si não morreu na excursão nem adoeceu, vem inchado e palido, sendo mister muito tempo para se curar, e si lá lhe tocaram 8 escravos não faz pouco chegar com 4 escapos da morte e fugida á sua caza, e ahi primeiro que se naturalizem so fica depois com o que Deos é servido.

Pela qual razão em virtude do dito capitulo se assentou em junta de governador, provedor da fazenda e mais dignidades seculares e eccleziasticas, feita no Maranhão em 29 de Setembro de 1626, que os escravos, que custassem mais de 5 machados ou o valor d'elles, que eram 10 patacas, seriam captivos por toda a vida.

§ 7. Depois foram os capitães-móres do Maranhão e Pará advertidos por capitulo de seu regimento no anno de 1652, que em nenhum cazo podessem os gentios ser cativos, salvo aquelles que se cativassem em guerra, que se lhes mandasse fazer por provizões reaes, e os que d'outra maneira fossem cativos se houvessem por livres na forma de outra lei de 1570, passada para o Brazil, e que da mesma maneira se guardasse no Estado do Maranhão com todo o aperto.

Ao que acudiram os povos com seus requerimentos e embargos, dizendo que n'aquella lei devia proceder de mal informarem a Sua Magestade, a quem elles queriam recorrer e informar bem e verdadeiramente por seu procurador, e que por emquanto se abstivesse a execução d'aquella geral liberdade de Indios, que elles estavam possuindo na forma de uma junta feita em virtude de uma provizão real, em que se acharam frei Christovão de Lisboa, filho da reformada e serafica provincia capuxa de Santo Antonio, bispo eleito de Angola, e Luiz Figueira, da companhia de Jezus, pessoas bem conhecidas em virtudes e letras, como tambem o vigario geral, e outros prelados letrados com o governador e mais dignidades de conceito; que com elles assim estavam fabricando assucar, tabaco e outros generos, e mantimentos com que sustentavam suas familias e os prezidios do

Estado, e que sem elles não podiam ter, nem viver nos matos.

E' estilo viver cada familia na sua ilha, ou no seu igarapé, que são os rios pequenos, que dos grandes, como veias, se apartam retalhando as terras e bosques, pelos quaes, buscando as paragens conformes ao grangeio de cada um, estavam todos divididos com grandes riscos, assim das bahias e furiozos rios, que atravessam, como dos matos em que viviam muito distantes uns de outros, e muito mais das aldeias dos Indios forros, e que deixando-os assim esbulhados de escravos ficavam sem communicação; nem para ainda poderem chegar ás aldeias a remediar-se de algum Indio forro, quando algum lhes tocasse. Si a poucos tocariam escravos e menos os alcançariam, como e de quem se haviam de valer e socorrer, quando o gentio do mato désse sobre qualquer familia, ou outro qualquer inimigo de mar em fóra se viesse senhoreando da terra? Como se poderiam preparar para a rezistencia sem seus escravos companheiros de caza, que eram os primeiros, que tomavam as armas nas mãos, levados do amor da criação, como tinha mostrado a experiencia em todas as ocaziões, que houve no Maranhão, e Pará? Aos escravos, mediante a industria de seus senhores, e a de Deos primeiramente foi sempre devido bom socorro, porque com elles romperam sempre as guerras com admiraveis principios e bons sucessos primeiro que a divulgassem aos forros e a outras gentes, achando-se assistidos com os seus esforços até o fim; o que sucederia muito pelo contrario, si os não tivessem.

Nem estas terras eram como as do Brazil, onde todos os mezes entravam quantidade de negros; o que não tinha o Estado do Maranhão por suas dificuldades, e pois si os estilos das terras faziam lei, não eram estas capazes (ainda que em algum tempo tivessem pretos) para se viver só com elles, e sem alguns Indios para guias e pilotos dos mares, por não haver outras estradas, de que os pretos nem a si se saberiam livrar, quanto mais aos brancos, e menos entrar e sair dos matos com a caça, de que no Estado se vive (pelo menos no Pará), por não haver açougue, por falta de pastos, e ser tudo mares e matos, em cujos sertões

não deixava de haver sempre escravos licitos, por ser estilo entre os naturaes cativarem em suas guerras, e comerem os cativos,servindo-se de outros,emquanto os não comem; e si as leis se faziam da boa razão, nenhuma parecia estar muda vendo servir-se aquelles brutos com seus escravos, e os homens brancos com preceito de lhe os não comprarem para remediar as dificuldades, que só os Indios sabem e podem vencer, por filhos d'ellas. Não ha lei divina nem humana, que prohiba possessão de escravos, e si no mundo ha alguns por barbaros, nenhuns mais que estes, inconstantes, e sem fé, lei, nem rei; além de que que injustiça se fazia em redimir para o gremio da igreja, ainda que fosse para servir, os que em tal cativeiro tinham assim arriscadas vidas e almas?

Com estas e outras similhantes razões, mandaram por seu procurador reprezentar a el-rei, que não só os ouvio e piamente lhes differio, mas tambem os honrou com os privilegios dos cidadãos do Porto.

§ 8. E mandou rezolver por lei de 19 de Abril de 1665, que os Indios se podessem captivar em 4 cazos: guerra justa offensiva e defensiva; si impedirem a pregação do Santo Evangelho; e os que fossem captivos dos que os vendessem pelos haverem tomado em suas guerras justas que tivessem uns com outros. N'essa lei ultimamente se declara o seguinte:

Hei outro sim por bem e mando, que nenhum governador ou ministro, que tiver o supremo lugar nas capitanias do dito Estado, possa mandar lavrar tabacos, e por sua ordem, nem entreposta pessoa, nem outro fruto algum da terra, nem o mandem para nenhuma parte, nem ocupem, nem repartam Indios, nem ponham capitães nas aldeias, antes as deixem governar pelos principaes de sua nação e parrocos, procedendo n'isto e no mais na forma do regimento, que lhes mandei dar; pelo que mando aos governadores, capitães-móres, officiaes da camara, e mais ministros, e pessoas do Estado do Maranhão de qualquer qualidade e condição, que sejam, que todos em geral, e cada um em particular cumpram e guardem esta lei.

Com esta prohibição a trienal ambição, para quem até aquelle tempo todos os Indios eram poucos para ocupar

em suas despedições, e quando chegava a vender o serviço de algum, não custava pouco ao pobre morador, passou depois a interessar-se nos sertões e os governantes elegiam pombeiros de taes consciencias, que só era tido por melhor o que mais escravos mandava, bem ou mal resgatados era o menos, que se examinava. Os que assim os faziam, como lhes era necessario ajuntar esses escravos em um curral por 8 ou 9 mezes, para de uma embolada se aliviarem de seus encargos, quando chegavam a mandal-os eram mortos, e fugidos metade, e d'essa metade chegava abaixo menos de metade, pelos embarcarem já infezados, e expostos como sardinhas por um mez ao rigor de qualquer tempo, e dos que assim chegavam, quem os comprava o sentia, permanecendo como couza violenta e mal adquirida, e da mesma maneira sucedia a quem embolsava o dinheiro, logrando-se d'elle poucos governadores; porque ainda aquelle que mais se justificou, ou fosse pela potencia feita ao subdito, ou pelo escravo mal adquerido, e pelos forros constrangidos, e dos pobres a quem tocam devertidos, sempre é sangue, que clama.

Carta de Sua Magestade

§ 9. Juiz, Vereadores e Procurador da Camara da Cidade de Belém da Capitania do Pará.

Eu El-Rei vos envio muito saudar. Mando-vos remetter em companhia d'esta carta o parecer, que me deram as pessoas a que mandei communicar a materia do captiveiro dos Indios d'essa capitania e a copia da lei, que nasceu d'aquella consulta; e porque dezejo muito, que este negocio fique d'esta vez ajustado, para o não alterar mais ao diante, por rezolução, que n'elle tomei, tão conforme a direito e á segurança da minha e de vossas consciencias, como entendereis d'aquelles papeis, executareis e fareis executar, por vossa parte, aquella lei, com tal pontualidade, que se não atreva haver quem a encontre, advertindo que terei d'isso muito desprazer e mandarei castigar os que commeterem este excesso com

tal demonstração, que sirva de exemplo para se saber n'essa capitania a fórma, em que se hão de executar as rezoluções, que tomo com tanta consideração, como tomei aquella. Escrita em Lisboa a 9 de Abril de 1655.

Debalde tratam os principes de assegurar sua real consciencia, encarregando a quem entendem, que lhe a póde desencarregar; porque, quando se não segue algum poder a qualquer recommendação, fica servindo só de uma odioza contenda sem fruto.

Privilegios dos cidadãos do Porto concedidos aos do Pará; como tambem por alvará particular tem a mesma mercê o Maranhão.

§ 10. D. João, por graça de Deos, Rei de Portugal, etc. Faço saber a todos os corregedores, ouvidores, juizes, justiça, e outros quaesquer officiaes, e pessoas de nossos reinos, a quem o conhecimento d'esta por qualquer via pertencer, e esta nossa carta ou treslado d'ella em publica fórma virem, que havendo nós respeito aos muitos e estremados serviços, que sempre os reis passados receberam, e nós recebidos temos da nossa mui nobre e leal cidade do Porto e cidadãos d'ella com muita lealdade, e fidelidade, e conhecendo d'elles o amor com que nos dezejam servir, não menos do que sempre fizeram, por isso e pelo que a nós convém fazer aos taes vassalos, e por ennobrecimento, e querendo-lhes fazer graça e mercê, havemos por bem, e privilegiamos a todos os cidadãos, que ora são em a dita cidade e adiante forem, e queremos e nos apraz, que daqui em diante, para sempre sejam privilegiados, e que não sejam mettidos a tormentos, por nenhuns maleficios, que tenham feitos, commetidos, commetterem e fizerem daqui por diante; salvo nos feitos, e d'aquellas qualidades, e nos modos, que o devem ser, e são os fidalgos de nossos reinos e senhorios, e isso mesmo não possam ser prezos por nenhum crime, sómente sobre suas homenagens, e assim como o são e devem ser os sobreditos fidalgos; outrosim queremos e nos apraz, que

possam trazer e tragam por todos os nossos reinos e senhorios quaesquer e quantas armas lhes parecer de noite e de dia; assim ofensivas como defensivas, posto que em algumas cidades e villas especialmente tenhamos defezo, ou defendamoss que as não tragam; outrosim queremos e nos apraz, que hajam e gozem de todas as graças, liberdades e privilegios, que são e temos dado a nossa cidade de Lisboa, rezervando que não possam andar em bestas muares, porque não havemos por nosso serviço, nem bem do reino andem n'ellas; outrosim queremos que todos os seus cazeiros, amos, mordomos, lavradores e encabeçados, que estiverem e lavrarem suas proprias herdades, cazaes e todos os outros que com elles continuamente servirem, não sejam constrangidos para haverem de servir em guerras, nem outras idas por mar, nem por terra, onde gente mandemos, e sómente com elles ditos cidadãos, quando suas pessoas nos forem servir; outrosim queremos, que não pouzem com elles e nem lhes tomem suas cazas de moradas, adegas, nem cavalarices, nem outra nenhuma couza de seu contra suas vontades e lhes catem e guardem mui inteiramente suas cazas, e hajam em ellas e fôra d'ellas todas as liberdades que antigamente haviam os infanções* e ricos homens, e mandamos a todos os corregedores, ouvidores, juizes, justiças, alcaides e meirinhos e quaesquer outros nossos officiaes e pessoas, a quem esta nossa carta fôr mostrada, e o conhecimento pertencer, que lhes cumpram e guardem, e façam mui inteiramente cumprir e guardar assim e tão inteiramente como n'ella se contém, porque nossa mercê lhes seja guardada sob pena de 6.000 soldos* para nós qualquer que lhes contra ella fôr em parte ou em todos os pagar, os quaes mandamos ao nosso almoxarife ou recebedor de cada um lugar, que os arrecade e receba para nós de qualquer pessoa ou pessoas, que contra esta nossa carta fôr, e mandamos ao escrivão do almoxarife, que os ponha sobre elle em receita, para nós havermos d'elles a boa arrecadação, sob pena de os pagarem ambos em dobro de suas cazas. Dada em a nossa

* Infanções eram netos de reis.
* Era um soldo a paga de um official, 3 vintens d'aquelle tempo.

cidade de Evora ao primeiro dia do mez de Junho. Gil Fernandes a fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1490.

§ 11. Eu El-Rei faço saber aos que esta minha provizão virem, que havendo mandado ver os serviços e razões, que por parte e em nome dos officiaes da camara da cidade de Belém, capitania do Grão-Pará, se me reprezentaram, e tendo respeito ao amor, fidelidade e satisfação, com que me serviram na ocazião, em que os Olandezes nos annos passados entraram a cidade de São-Luiz do Maranhão, aonde foram de socorro e assistiram até de todos os expulsarem d'ella e d'aquelle Estado, hei por bem de lhes fazer mercê, de que possam gozar dos mesmos previlegios, de que gozam os cidadãos da cidade do Porto, esperando d'elles, que, animados com esta mercê e honra que lhes faço, se disponham a me servir com o mesmo e maior fervor nas ocaziãos, que ao diante se offerecerem, como d'elles confio; e esta se cumprirá tão inteiramente, como n'ella se contém sem duvida alguma, e valerá como carta sem embargo da Ordenação do liv. 2. tit. 40 em contrario, e se passou por trez vias, e pagaram o novo direito. Antonio Serrão a fez em Lisboa a 20 de Julho de 1655. O secretario Marcos Rodrigues Tinoco a fiz escrever.

REI

§ 12. Honram os reis aos vassalos, que em alguma esforçada virtude se assignalam. N'isso tiveram principio todas as nobrezas do mundo; e assim benignamente sahiram providos os do Pará e Maranhão, por serem filhos e genros dos conquistadores do Estado, que a elle passaram com as armas nas mãos, e que derramaram muito sangue, tanto na conquista da gentilidade e nações estrangeiras, por duas vezes no Maranhão, como tambem das fortalezas do Gurupá e Cabo do Norte, sem mais dispendio que seu valor e o zelo de leaes vassalos.

Mas mal se lhes guardam privilegios alguns, antes por qualquer conceito de conveniencia ou respeito são descompostos e destruidos; como proximamente sucedeu ao vereador mais velho do Pará, largando a vida no degredo

do Caeté com geral sentimento de todos, assim pela injustiça feita ao companheiro, como por ser um dos cidadãos que muito se singularizavam no zelo do bem commun, por que foi perseguido, até lhe tirarem a vida por uma leve desconfiança de seu officio, que era obrigado declarar.

Ordem sobre o governo dos Indios do Estado do Maranhão em 29 de Maio de 1649

§ 13. Manda El-Rei Nosso Senhor, que os Indios d'este Estado não sejam obrigados servir a alguem mais que a quem elles quizerem voluntariamente, por seu pagamento; pelo que os que estiverem em canaviaes, fumaes ou outro serviço oprimidos, se podem livremente ir para as suas aldeias, sem que ninguem lhes o impeça, e qualquer pessoa que houver mister Indios pode ir ás aldeias a concertar-se com elles a avença de cada qual, e trazel-os, por sua vontade, para seu serviço, e nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que seja, seja tão ouzada, que em parte nem em todo encontre esta ordem, sob pena de 4 annos de degredo para um dos lugares da Africa e 500 cruzados de pena, metade para a camara real, e outra metade para o acuzador, e na mesma pena encorrerá quem os oprimir, violentar ou agravar.

Assim se uza nas Indias de Castela; porém além dos Indios lá serem de mais capacidade, não tem os Espanhoes tantas drogas, com que os oprimam; mas no Estado do Maranhão se seguio d'esta ordem, que quando chegava um pobre pai de familia a uma aldeia de repartição, para remediar sua necessidade, não achava já com que, assim por lhe haverem preferido respeitos, como porque nem official havia, que de seu officio quizesse uzar; e tambem por que qualquer pessoa de vaga vida se via pelas aldeias, que mais a mão lhe ficavam, com aguardente, que é a coca dos Indios, batendo a moeda, que a cada um parecia com illicitos exemplos. Dahi procedeu encarregar-se, por provizão real de 1655, este governo dos Indios de repartição aos parrocos das aldeias,

religiozos da companhia de Jezus, para que com os principaes das ditas aldeias governassem n'ellas o espiritual e temporal, mas foi ocazião de que, andados poucos annos, se levantasse o povo expulsando os religiozos do Estado; porque quando entre a variedade de um povo não ha quem tenha alguma aversão á virtude, de que basta um para o seguirem muitos; pelo menos nunca deixa de se achar quem trate só de remediar cada um sua necessidade prezente sem mais consideração de futuros contingentes; porém as melhoras de tal obstinação se pergunte aos tempos seguintes; bexigas, sarampos, que é a peste do Brazil, fome de farinhas, guerras com a nação de Aroaquis, em que prodigiozamente pereceram de mortes desastradas todos os fomentadores d'aquella mudança em aborrecimento dos Christos na terra, e assim se foi pondo o Estado de cabeça abaixo, como hoje está.

§ 14. Daqui rezultou uma provizão real em forma de lei de 18 de Outubro de 1663, a qual determinou, que os ditos religiozos tornassem a ser admitidos no espiritual, em que seu santo zelo era muito necessario; que tambem fossem obreiros os das mais religiões, por ser justo que todos trabalhassem na vinha de Christo; que uns nem outros religiozos tivessem mais jurisdição alguma temporal sobre os Indios; * que as camaras os administrassem, elegendo uma pessoa no principio de cada anno, para que fizesse a repartição com o parroco de cada aldeia, para apontar os Indios que deviam servir; que os cabos das entradas ao sertão fossem nomeados pelas camaras, quando ellas o requeressem com um religiozo da religião, que lhe tocasse por turno, comtanto que o tal religiozo para si nem para sua religião podesse trazer nem resgatar escravos, com pena de perdimento, metade para o acuzador e o mais para afazenda real; que o cabo da dita entrada, governadores, capitães móres e mais ministros e officiaes

* Trabalhozo foi sempre este negocio de Indios de repartir fou de defender de uns para terem seu descanço, e para se poderem consignar a outros; mas si houve tempo de menos queixas, parece foi este; porque mais val o mal de uma republica para a sua conservação, do que o bem de qualquer particular, quando os maiores faltam; suposto que só elles com seu poder tudo podiam melhor obrar.

do dito Estado de nenhuma maneira mandassem fazer resgates para si, sob pena, além de se lhes dar em culpa em suas rezidencias, de se proceder contra elles com todo o rigor; e que no serviço das Indias se praticasse o exemplo das orfans no reino, e o que dispõe a Ordenação, porque, não sendo o risco menos na honestidade, não seria razão se fizesse diferença no serviço.

Sempre se deve pelo menos entender por aquellas que não tiverem caza nem vida para remediar as necessidades mais urgentes, e da mesma maneira alguns rapazes já doutrinados; porque tomando as couzas meio racionavel, sem que para tudo seja necessario inquietação e sempre recorrer, possam permanecer. Não parece ser esta a sorte a que a lei de 1680 limita 2 mezes, mas do parroco da aldeia podiam ir advertidos, advertindo-se tambem aos principaes para assim o praticarem e obrigarem as suas gentes, que depois de remediar aquellas necessidades para que são procurados, quando quizessem voltar antes de anno, o não fizessem sinão por meio do superior d'aquella religião, para examinar primeiro entre os dois a razão; porque si o necessitado o estivesse ainda, lhe poderia mandar vir *alternatin*, acommodando-se o servente no entanto; ou em quanto se quizesse acommodar, melhor seria continuarem pelo menos por um anno, do que tirar aquelle que já estaria por vontade, e a pessoa ficar com a mesma necessidade e dificuldade de ir buscar outro com menos vontade, como sucede em similhantes *primus motus*; mas tudo um bom modo poderia remediar, reformando-se as aldeias, e os Indios com seu descanço e communicação de suas mulheres poderiam crescer para haver gente de serviço e repartição, não se metendo meus pecados de por meio, onde a conformidade para conseguir o serviço de Deos é mais necessaria, porque sem esta todas as emprezas se acham frustadas.

§ 15 Fez Nosso Senhor o Céo com diversidade de espiritos angelicos, e assim logo a Terra com varias gentes para o serviço uns de outros, conforme o estado de cada um, por assim achar conveniente ao bom governo dos homens, e da mesma maneira as regiões, com a prevenção necessaria para n'ellas se poder viver. Destinou aos reis de Portugal

as remotidades de ultramar, para nos levar a ellas com seu santo nome, tendo-as já povoadas de gente capaz para o serviço d'ellas, porque si entre os povos tem a nobreza muito por si, com mais razão parece, que em terra de gentilidade se deve reputar qualquer pessoa branca, criada com o leite da igreja e fé de Christo, de maneira que para viver vivamos todos uns com outros; porque assim todos têem prestimo para uma couza e outros para outra; nós para lhes levar a fé ás suas terras, polir e doutrinar, e elles para nos servirem, caçar e pescar. Criados n'esse exercicio de mares e matos, nós nos ajudamos d'elles, e nos esforçamos sustentando o Estado para elles lograrem o bem que ignoram da sua salvação; porem si nós houvessemos de ter essa obrigação, reputando-os e separando-os de nós, mal poderiamos sustentar o Estado, nem o Estado poderia ter padres, nem os padres poderiam viver com elles sem nós; porque tanto que o zelo não é coartado, já vai perdido; si é que a perseverança do bem está na remuneração, assim na politica divina como na humana.

E suposto na America como na India prevaleça muito um pecado, em Italia um mais que outros, como no norte outros, todos aborrecidos de nossa santa fé catholica, e Deos castigue uns com herezias, outros com cidades inteiras a pique, e outros com um desamparo de desolações, volvendo tudo a menos ou a nada, qual outro Egipto, *penitet me fecisse hominem*; nem por isso os cavadores da vinha de Christo, que se acham em uma parte, tratam de se separar, mas de laborar; o que podem, sim, fazer os que assistem em outra parte é se sacrificarem com as verdades, a que só são obrigados, aceite-as quem as aceitar, nem os que rezidem em outra se devem desconsolar, por não sermos todos como deviamos, e não suceder tudo como queriam-os; porque a similhantes jornaleiros com explicar o mal e fazer entender o bem a quem o quizer seguir, basta para não perderem jornal, antes quanto mais sofrimento, maior merecimento: ainda que assim tenha o livre alvedrio de cada um maior conta que dar a Deos: *Si me audistis, quare non credidistis?*

§ 16. Mas sendo a dita lei remetida ao governador, que se achava no Maranhão, e por elle enviada aos officiaes

da camara do Pará, estes a abraçaram, registraram e promulgaram; porém pelo haverem feito sem *cumpra-se*, em que não repararam, que o dito governador o não havia posto, por se querer primeiro avistar com elles, como no Maranhão, onde já tinham embargado a dita lei, foram os do Pará prezos, e levados ao Maranhão, onde os teve divididos até lhe vir sucessor; excepto um dos veadores, Vicente de Oliveira, que antes quiz fugir para o reino, donde depois chegou com o dito sucessor despaxado com o habito de Santiago, mas com reprehensão pela informação, que do Maranhão se tinha dado; á vista do que, desanimados os companheiros, se não deram por pouco satisfeitos, quando se viram restituidos a suas cazas, ainda que jamais recuperassem as perdas.

Não houve n'aquelle tempo vontade de opinião secular nem eccleziastica, que se deixasse de grangear, com seu pombeiro a cada um para o sertão; e como para contentar a tantos era forçozo descontentar a muitos, assim sucedia aos Indios, que, quando lhes parecia buscarem a paz, se achavam com a liberdade rendida, não faltando para tudo examinantes, os quaes todos eram mui bem aceitos, porque é perigoza a sêde de ambição em quem atravessa o mar, ainda que seja igreja.

E continuando-se assim similhantes tragedias por 12 annos com muita compaixão dos paizanos tementes a Deos, se tornaram a animar os officiaes da camara no anno de 1675, prometendo o vereador mais velho Manoel Guedes Aranha (capitão maior que então havia sido d'esta praça) 600$ reis de sua fazenda, como com effeito logo os deu, para que as leis de Sua Magestade se guardassem. Requereo o senado ao governador lhe fizesse dar cumprimento; pois bem notorias eram as injustiças, que se faziam, e sobre isto houve varios combates, demonstrações e papeis assignados por parciaes, que em similhantes termos poderozos nunca faltam; nem faltou pretesto de culpar a dois officiaes da camara, não aquelle que á sua custa tinha feito maior diligencia com o sobredito dispendio, por já em outro tempo, *ut supra*, se haver achado na côrte por procurador, que poderia saber dar razão de si; mas dos menos poderozos, e que menos se tinham

achado em negocios, nem tinham visto o reino. Quando o navio já dava á vella, se achou cada um a bordo, sem mais preparação que ferros nos pés, e chegando assim lá sem culpas se remeteram outra vez ao governador, para que lhes désse livramento, conforme a culpa, o qual, por não andar mui satisfeito da paixão, com que os havia remetido, estimou muito o sucesso, e os deixou ir livres e izentos para suas cazas, comtanto que se desenganassem de que não havia mais leis que as vontades dos governadores.

§ 17. E antes que os dois vereadores voltassem, concedeu aos que por officiaes da camara sucederam déssem, na fórma da lei, regimento ao cabo da escolta, que elle mandava ao sertão escolhido de entre os trez pela camara propostos; o que fizeram com o zelo que nas republicas sempre se acha, na fórma seguinte:

Regimento que dão os officiaes do senado da camara d'esta cidade de Belém ao cabo o capitão Francisco da Mota Falcão.

1. Ordenamos ao dito cabo se haja com toda a caridade com os Indios forros, que vão n'esta tropa, não consentindo que por nenhum modo sejam molestados, nem se lhes falte com o sustento, e com mais aplicação aos infermos, mandando-lhes administrar os sacramentos e doutrinar a todos, como do missionario e sua grande virtude esperamos.

2. Os resgates dos escravos, que fizer, serão só os conteúdos na lista de que levará o treslado; como tambem os por despaxos verbaes nossos, e não para outros por nenhum cazo, com condição de os repor dos que lhe consignamos ao povo, e serão feitos com toda a christandade na fórma da lei de Sua Magestade, que Deos guarde, da qual levará o treslado.

3. As peças que remeter será cada 2 mezes em razão dos damnos, que a dilação cauza, e com toda a clareza, para se evitarem controversias, mandando lista de todas ellas para se saberem seus donos.

4. Na repartição das ditas peças preferirão as pessoas de maior necessidade e mais pobreza, viuvas e orfãos alternativamente, conforme a cantidade dos resgates que na lista vão herdando; e n'este capitulo esperamos obre com o zelo, que nossa eleição espera de seu procedimento, e este povo tenha que lhe agradecer.

5. Todas as discordias e vexações que achar se tenham feito aos Indios d'aquelles sertões, nossos aliados, nos fará avizo, para requerermos o castigo, que convier ao serviço de Deos, de Sua Magestade, e bem commun, e lhes mandará fazer as praticas necessarias á boa conservação.

6. Será obrigado a seguir viagem ao rio das Almazonas com toda a diligencia, obrando o que lhe encarregamos, para lhe haver por boa a data que lhe consignamos, e tendo que alegar o fará logo para se rezolver o que mais convier; aliás não será admitido à defeza alguma, sem primeiro repor as perdas e damnos, que do sobredito rezultarem, e lhe serão tomadas todas as peças para o povo que se achar prejudicado, sem embargo de qualquer ordem, privilegio ou izenção em contrario a este nosso regimento, o qual só será obrigado a guardar, como n'elle se contém.

7. Será obrigado a se recolher com a dita tropa até o mez de Outubro, para nos dar conta do que obrou, conforme os resgates que levar e os que trouxer por fazer, para se satisfazerem a seus donos dos que trouxer para si.

8. Todas as peças que remeter, assim do povo, como suas, e mais particulares o fará a este senado, para n'elle se registrarem, e se darem a seus donos, e as que em outra forma mandar serão tomadas por perdidas para a fazenda real.

9. Será obrigado a guardar na repartição das peças, assim do povo como suas, um termo, que n'esta camara se fez, em que se acham prezentes as condições d'elle; e de como esteve por tudo assignou, de que se lhe dará o treslado.

10. E por falecimento do dito cabo, que Deos não permita, o missionario e thezoureiro da tropa elegerão ambos pessoa sufficiente, e não a havendo, uniformemente

ambos irão continuando com os resgates, na forma d'este regimento e com os mesmos encargos, não innovarão couza alguma, antes logo nos avizarão para confirmarmos ou provermos de maneira que tenhamos que lhes agradecer e não que estranhar.

§ 18. Não se descuidam as republicas do officio para que forão creadas; mas quando mais poderozas conveniencias sobrepujam envolvendo-se nas diligencias dos menores, debalde se cansam estes com as mostrar sem poder para as executar, como sucedeu. Não satisfeito aquelle governador de fazer com esta capa sua negociação honesta e christanmente, mas vendo-se bem sucedido e os pobres respublicos á sua eleição remetidos, largou a redea assim á ambição como aos salteadores dos sertões, e continuando-se assim com pouca christandade incendas impiedades, houve depois governador, que, fazendo-se legislador contra a fórma das reaes leis, não só tirou toda a faculdade aos senados das camaras, mas dispensando só comsigo trouxe em todo o tempo de seu governo pelos sertões pombeiros, fazendo cravo e escravos, sem missionario nem cabo nomeado pela camara, contra a fórma da dita lei e prohibindo a todos os mais, que passassem do Gurupá para cima, e si alguem passou com cauza urgente comprando áquella imitação alguns escravos, lhe fazia confiscar para a fazenda real; porque sò os seus tivessem lugar.

Dahi procedeu mandar Sua Magestade prohibir captiveiro de Indios de toda a sorte, e porque no fim de seu governo os officiaes da camara denunciaram por seu procurador do conselho, a qual denuncia remeteram á corte, por verem si de algum modo podiam exercitar sua obrigação, porém como lá não tivessem quem alegasse de seu direito, nem se atrevesse a opor a poderoza ida do denunciado, ou da muita fazenda que aos povos havia mal levado, foi o procurador do conselho * á revelia

* Com que não ha já procurador, que requerimento queira assignar, nem tal officio aceitar, mas brancos e negros cada vez tudo mais espantado, como si trienaes raios estivessem caindo, e de se falar em leis se envergonham já.

sentenciado em trez dobros das custas e em degredo de 4 annos para fora do Estado.

Não satisfeita a bem aceita ouzadia, passou a procurar cartas firmadas da mão real para as justiças do Estado não faltarem a tal execução ; cauzas todas de não haver jà executor, que de lei alguma faça cazo, excepto para prohibição dos pequenos. Dispensando só comsigo a imitação do passado, fazendo-se-lhe algum requerimento, como *verbi gratia*, que aos pobres Indios se désse algum tempo de descanço, se aproveita do requerimento para os prohibir a quem lhe faz e só para si os ter de todos mais desempedidos, *et sic in cœteris*, ficando os povos de todo desanimados, e ainda em seu credito defraudados pelos que assim lhes convém, para que só elles fiquem acreditados, calumniando todo o zelo, que o não é de seus particulares, até lhes fazerem perder o credito, fazenda e vida.

§ 19. Capaz era o Estado do Maranhão de agazalhar muita gente pobre, como a experiencia mostrou emquanto os conquistadores se poderam ajudar dos muitos Indios, que havia, por seu pagamento, e daqui procedem as cazas, que hoje têm alguma sustancia; porém depois que chegaram imperiaes ambições, não houve mais Indio avassalado, que deixasse de ser perseguido e extinguido, Indio do sertão, que deixasse de se retirar, missionario, que deixasse de ter escrupulo de sel-o, nem pobre que deixasse de ficar sempre pobre, como hoje estão principalmente os cazaes das ilhas, metendo-se familias inteiras por caza dos moradores mais antigos, estando todos assim oprimidos. Uma das cauzas, que estes tiveram, foi que chegando ao Estado no ultimo tempo, em que se faziam resgates, e tendo-lhes as camaras mandado fazer um par para cada cazal principiar sua vida, houve governador, que chegando n'aquelle tempo fez descer os resgates dos pobres sem se empregarem, para que só os seus tivessem lugar, sem permitir que mais se fizesse nenhum, nem admitir replica alguma das que por repetidas vezes lhe fez a camara, até que a esta foi necessario baixar os hombros, fazendo conceito de tal rezolução ser alguma dispozição real, como se dava a entender; o que depois

deu bem que notar e sentir, vendo-se a prohibição dos pobres rezultar em conveniencia propria por todo aquelle trienio, e ficando assim os mizeraveis sem remedio. Não se atendeu mais ás suas queixas e gemidos, e quando algum pobre d'estes lhe chegava a pedir uma esmola, lhe respondia, que tivesse a menos paciencia, que podesse; ficando elle se rindo, os circunstantes compungidos, e o pobre voltando enxugando as lagrimas.

D'esta maneira geralmente onde reina a cobiça, se compadece da piedade, blazonando aquella, quando se vai enchendo, que o Estado se vai fazendo; tomando esta ao mesmo tempo o sangue do pobre e Deos por testimunha do contrario; porque suposto no delirio d'esta doença se descubram veias de augmento, ahi é certo o principio, quando a peste é de cabeças, e a todos os membros se faz sentir, satisfazendo seus apetites por mão do coitado corpo, e fazendo-o instrumento de magoas proprias, afim de lograr seus intentos, e abono na perturbação de desabonos alheios, não havendo pedra, que insaciaveis tragedias deixem de arruinar desfazendo-as, e arguindo-lhes desluzimentos; porque só luzam as suas, como melhor lhe está pintar. Coitada da inocencia dos pobres sempre auzentes réos!

§ 20. Correram as desordens passadas até o anno de 1681, em que, chegando aos ouvidos do senhor rei D. Pedro II, foi elle servido mandal-as atalhar por lei do 1° de Abril de 1680, prohibindo cativeiro de Indios, não porque deixasse de ser justo, como declara, por justas razões de direito nos cazos exceptuados na lei de 1655, mas pelo máo modo com que se faziam; por isso a dita lei de 1655 já estranha o excesso, com que os ministros, que passavam ao Estado do Maranhão, procediam n'esta materia.

E declara a dita lei de 1680, que, ficando o mais em seu vigor, revoga só o cativeiro de Indios em todos os cazos, e que sucedendo quebral-a alguma pessoa de qualquer qualidade ou condição que seja, o ouvidor geral a prenda, e tenha a bom recado, sem no cazo conceder menagem, alvará de fiança, nem fieis carcereiros, e com os autos, que processar, a remeta ao reino, entregue ao capitão

ou mestre do primeiro navio, que fôr, para entregar no Limoeiro, e ser castigada conforme a culpa, fazendo repôr nas aldeias de repartição os Indios assim adquiridos.

Quem deixará de confessar tão justificada rezolução? Porém aos pobres moradores resta lamentar o pagarem as ovelhas pelos lobos, que, devendo ser exemplares e executores das reaes leis, o são só de odios contra quem n'ellas lhes fala, fazendo só de suas conveniencias justiça, apezar de injustiças.

§ 21. Por carta de 4 de Dezembro de 1677, a instancias dos governadores, manda Sua Magestade á camara do Pará o seguinte:

Fui informado, que por qualquer leve couza costumaveis chamar ao senado os governadores, para lhes propor algum negocio, e que elles assim o faziam, sendo contra a autoridade e regalia d'este lugar, por que reprezentam n'elle minha pessoa, e me pareceu ordenar-vos, que vos abstenhaes de similhante excesso, pois as camaras não têm esta faculdade, nem nas mais partes ultramarinas ha tal estilo e abuzo, e só terá isto lugar, quando, havendo-se de tratar algum negocio commun no senado, em que sejam chamados os estados, eccleziasticos, nobreza e povo, e então para maior autoridade assistirá o governador, não por vosso chamado, mas indo elle para melhor acerto do negocio; e nos mais que não forem d'esta qualidade, chamando-vos o governador para os de meu serviço, ireis á sua caza em corpo de camara.

Não faltam as camaras com sua devida obediencia, ainda que já não haja negocio commun, mas do serviço de Sua Magestade, ou com esse pretesto muitos, sendo uma republica por qualquer supozição ou acinte chamada a palacio debaixo de um corpo de guarda,* e n'uma sala postos em pé os vereadores esperando, quando o governador lhes quer falar; o que muitas vezes é de caminho, depois de

* Em toda a parte, onde ha governador, se assenta debaixo do arco da parochia, e do seu hombro correndo para a grade se assenta a camara nos dias em que para as funções reaes n'aquelle lugar se costumam incorporar, e defronte ficam os mais ministros. D'esta maneira em todos os actos publicos deve nas preferencias haver pouco que ventilar.

larga espera; ou como já sucedeu sair com um páo na mão, posto em fresco de menores,* dizendo uma semsaboria, com que, voltando-se, se ocazionam varias desconfianças em menos credito de uma parte e prejuizo de ambas; porque si *abyssus abyssum invocat*, assim sucede a desvanecimentos remotos; tanto que toda a redea alcança na mão por mais que se lhe coarte, e quando similhantes consultas chegam a ser de alguma utilidade, são para rezolver vontades, e não para consultar acertos; porque ainda quando assim fosse, quando as materias não pedem segredos, e se não dão a gostar primeiro que d'ellas se peça rezolução, confesso da minha parte, que si no mesmo tempo, em que se propõem, me pedem parecer, ordinariamente digo alguma couza de que depois me arrependo.

§ 22. Esse nome de senado, com que Sua Magestade na carta proxima, como em outras, honra a seus vassalos, lhe o risca no Estado quem a seu vituperio o atribue, ou julga, que tanta honra lhe prejudica, sendo que, si este nome de senado quer dizer ajuntamento de homens anciões, *a senex*, parece não haver nome mais proprio para um corpo de camara.

Tambem a dita carta, fazendo menção de ajuntamento de estados para negocios communs, diz: eccleziasticos, nobreza e povo; sendo que no Estado se não faz mais menção em similhantes funções de eccleziasticos e nobreza; razão por que os povos muitas vezes se acham mal contentes e exasperados. Assim parece se devia nas eleições fazer ao menos dois misteres, que podessem reprezentar as necessidades mais communs, como se diz: vóz do povo, vóz de Deos, os quaes nos actos publicos tivessem seu lugar sucessivo, como em outra parte se uza.

E tambem em muitas partes, onde bem se governam, é o procurador do conselho perpetuo, emquanto tem aquelle prestimo pessoa autorizada com seu ordenado, e como este cria os negocios da republica, com o mesmo amor os

---

* Foi para o reino capitulado.

* Não seria esta praxe de pouca utilidade, onde os homens com suas infrutiferas inquietações têm razões para até de si mesmo se esquecerem.

solicita, quando esses negocios começam, como quando acabam, dando razão dos que se intentaram em um anno aos officiaes das camaras, que se vão sucedendo. Estes melhor exercitariam e dariam razão de si em as cazas publicas da camaras deputadas para similhantes actos, onde se costumam propôr, consultar e rezolver negocios communs, como Sua Magestade ordena, *ut supra*, si os maiores mandassem, quando tivessem algum recado ao procurador da camara, que tal dia e hora se achasse na caza do senado. Tambem conviria, que os officiaes d'elle, quando lhe sucedesse o mesmo, lhe o mandassem reprezentar, * para que elle, querendo se achasse prezente, e assim logrando cada um a izenção do seu officio o fizesse sem dependencia de avizo; e ainda seria esta boa forma ocazião de todo o bom termo. Não sendo a caza do senado capaz para as graves ocaziões iriam á sua, não demandando junta pelo procurador nem já por dois officiaes do senado, e em cazos, em que a todo o tempo seja necessario constar comvem por carta, * como os tribunaes e senados uzam, pedindo por mercê, e requerendo da parte de Sua Magestade com todo o respeito, por não poderem mandar uns a outros, superioridade que só assenta nos maiores, como juizes das forças, e para obrigarem a cada um fazer seu officio, si elles não faltam ao seu.

§ 23 Reprezentam os governadores as pessoas reaes, e as suas respublicas os primeiros governos do mundo, que os reis conservam e honram como principaes confidencias de seus Estados.

Ha nas capitaes praças das Indias de Castela um tribunal, a que chamam audiencia real, com poder para conservar o geral e emendar o particular, principalmente aos que se atrevem a profanar as reaes leis; e assim tem sucedido mandarem para Espanha varios governadores emprazados.

---

* Antes que os ouvidores (quando chegam com sua primeira judicatura, como se uza para estas em tudo desgraçadas partes) admitam esta razão, se arrojam a varios excessos e dissabores, que cauzam e tomam para si, parecendo-lhes que com o titulo de geraes podem tudo, e em qualquer tempo, não sendo ainda em correição.

Parece, que alguma couza similhante intentava elrei D. João com a carta já mencionada, si ao encargo se seguira faculdade para o que o direito dispõe : « Quemadmodum sine legibus respublica esse non potest ; ita leges sine magistratibus inutiles sunt ; hœc quidem nervi et artus reipublicæ, illi legum custodes, et vindices merito appellantur. L. 1. pag. hujus studii just. et jure. »

Chama o direito aos senados e magistrados guardas vingadoras das leis de seus principes, por serem os verdadeiros membros das respublicas compostas dos homens, a que regularmente chamam homens bons dos povos : *vox popoli, vox Dei.*

Logo como poderá permanecer Estado, onde os que haviam de ser guardas são oprimidos ? E não haver leis, é o mesmo que não se guardarem, e peior ainda haver leis, onde só servem de odio e de decompozição das respublicas, sem estas poderem servir já mais que de abrigada capa de ruinas.

Lastimoza couza parece, e assim se experimenta em partes remotas de recurso, estarem estas leis, quando intentam alguma dispozição congruente a seu officio, na dependencia de quem lhe o empeça e dificulte ; e ainda argúa de pecado, quem só trata de desfrutar com qualquer pretesto, sem atender ao geral mais importante; de sorte que particulares e artificiozas opiniões hajam de preceder ás communs.

§ 24. Manifesto é o desvelo com que Sua Magestade é servido justificar seu real zelo pelas melhoras d'este seu Estado, e dos pobres vassalos, mais desgraçados por membros apartados ; si bem em parte se poderia remediar, havendo Sua Magestade por bem honral-os com pena aos maiores similhante ás do privilegio da carta regia de 1 de Junho de 1740 atraz citada; mas dobradas pela diferença da moeda, e remotidade do recurso, por cada um dos officiaes da camara, contra quem procedesse, nem quando d'ella saisse durante aquelle governo, mas só formar-lhe culpa por autos e remetel-a para no segundo governo se tomar esse conhecimento; e ouvida a defeza, punir ou absolver, conforme seu merecimento. No politico se intrometessem os governadores só em castigar, quem

não fizesse seu officio, obrando assim como juizes das forças e dispozições reaes, que seriam registadas em camara; e em fazer o que por esta lhes fosse requerido segundo a necessidade do Estado, e o que pertencesse á fortificação, defensa do Estado, e provimentos de vacaturas, excepto os das camaras, como escrivão ou outro qualquer seu official; mas deviam estes servir por provimento da camara em falta do real.

E depois que os governadores acabassem o governo, os podessem as partes que se achassem lezas demandar e executar pelas justiças na forma da Ordenação; de maneira que depois por qualquer provizão particular ou clauzula, como costumam alcançar, não podesse esta nunca ser revogada, sem informação da camara, por ser tão justa, como é pedir justiça; porque si houver má consciencia com privilegio, de que acabado o governo os não possam demandar mais que até certa quantia limitada, como sucede, e que quem tiver maior pleito os vá demandar a Portugal, não, digo eu, por que assim sucederá peior. Mas coitada da pobreza, a quem tudo se lhe dificulta; tudo contra ella se arma, e só n'ella se executa; todos serão de mui nobre e extremada consciencia, porém excelente couza é a prevenção.

§ 25. E melhor si fossem capitães-móres, para que cada um governasse o militar na sua capitania e todo o Estado; como governador, aquelle por onde se oferecesse inimigo, ainda que fossem naturaes eleitos pelas camaras, na falta de provimentos reaes, do reino, cazados para viver no Estado com suas familias; pelo menos para o Pará; como os estrangeiros fazem nas suas colonias; ainda que se obrigassem com mais annos e soldo, como Sua Magestade fosse servido, e ainda que fossem de uma esfera, quando faltassem de outra. Com isto qualquer conquista podia melhorar muito, e tambem com portos livres e os pretos que fôr possivel, preferindo sempre na carga quem mais negros metesse, como é concedido.

---

* Chamam-se as taes cartas de tribunal a tribunal precatorias, e as cartas aos maiores propostas; porque a elles só se lhes propõem e reprezentam os negocios.

Governador tinha o Maranhão, quando o Olandez entrou e o tomou. Depois os moradores portuguezes, largando fazendas e suas proprias mulheres em poder do inimigo, pelas não poderem retirar, levantaram capitão-mór seu natural, a cujo socorro acudio logo a gente do Pará, e assim á custa de muitos sacrificios restauraram a patria; porque alfim só quem n'ella tem suas familias e fazendas as sabe perder, e pelas defender vender as mesmas vidas e sangue ; os de mais só sabem tiral-o.

Quando é necessario meter mão ás armas, não faltam homens; porém quando os particulares tratam de desfazer no geral, por só a si acreditarem, não ha homens; mas que mostras de seu pano mostram taes mostras? Si bem que, si os trabalhos e climas mudam gestos, não mudam sangue, e com facilidade se prova serem as conquistas povoadas de boa gente; porque si um humilde mais quer servir a outrem na sua patria do que atravessar mares, não é assim o valor dos honrados, que tanto que chegam a ser muitos irmãos, os segundos são os que se acham pelo mundo estendidos ainda que seja ao pé de um páo, por onde se acham, quando são necessarios.

Ha no Maranhão quantidade de familias descendentes de conquistadores com 5 e 6 filhas e outros tantos filhos, sem poderem cazar nenhuma, por sua pobreza, e não terem escravo nem escrava, que é a riqueza do Estado ; porque as terras sempre sobejam cobertas de matas, * a quem as pode cultivar e sabendo as linguas. Veteranos, filhos de pais e avós, que floreceram em procedimento e bens (com que se fizeram todas as nobrezas do mundo), tornaram a declinar por falta de zelozos governos, que com domestico agazalho augmentassem de assento, e não desfrutassem sempre de passagem, desmembrando e

---

* Teriam os Indios menos a opressão das vizitas, ut cap. 3, ainda que se deputasse uma das aldeias, a menor, para andarem os Indios d'ella revezadamente n'aquella carreira com uma boa canoa de passagem, correndo pela camara da capitania, de que fosse em utilidade

* Onde a pobreza é geral, parece não haver homens de conta; porque até a darem de si se envergonham.

desanimando a qualquer dispozição, que não seja a seu negocio dirigida.

E si tambem se abrisse caminho por terra, muita d'aquella mocidade daria ao tempo o que é seu, passando para o Pará, onde multiplica menos a gente que no Maranhão, clima tão fecundo que, si todos podessem ter modo de vida, bastariam para povoar toda a America.

§ 26. Por provizão de 18 de Março de 1662 manda el-rei livrar metade dos direitos, que é estilo pagarem os negros de Angola aos Portuguezes, que os meterem no Estado do Maranhão por serem de mais serviço que os de outras partes, e por provizão de 30 de Março de 1681 ordenou, que o cacáo cultivado e baunilhas fossem livres de todos os direitos, por tempo de 6 annos, e que nos 4 annos seguintes pagassem metade d'elles, e o mesmo indulto para todos as mais drogas novas, que se descobrirem no dito Estado.

Por carta de 10 de Abril de 1680 manda Sua Magestade, que os Indios de repartição sirvam revezados efectivamente por tempo de 2 mezes, e logo trataram os officiaes da camara de replicar para informarem a dificuldade de se poder guardar aquella dispozição, por quanto, conforme ao estilo do serviço, para se cortar um canavial, ou outra couza similhante o menos tempo necessario era de quatro mezes; e para os haveres dos matos muito mais tempo e incerto era precizo, por se irem buscar as dispozições da fortuna, que a uns se offerecem com mais brevidade, que a outros. Mas como os ministros, que haviam de deferir não tinham muita experiencia das couzas, e as leis só se executam nos povos, nem deram lugar ao requerimento, nem tal lei se guardou, como nenhuma das mais ainda que justas e santas; sendo que quanto mais se replica e informa aos principes, então se dão por melhor servidos para a razão do castigo, a quem depois quebra seus reaes mandatos: *Ubi es Adam?* Porque de replicas communs se devem colher circunstancias mui uteis fundadas em zelo e verdade, com que se conheçam precedencias sofisticas, que em cauza propria são mui ordinarias.

Mas só não haveria dificuldade na praxe de 2 mezes, si impereaes instrumentos, desinteressando-se das aldeias, fizessem n'ellas tomar fórma a lei; para que a tomassem os principios consultados dos parrocos, mandando á cidade uns, e quando fosse tempo de se recolherem outros; como bem assim na Europa os homens no tempo do serviço vão offerecer-se a quem lhes pague. Porém onde a justiça é só de suas conveniencias, quem ha de dar fórma ás communs?

Compõe-se uma aldeia de 30 Indios; tocam 10 à terceira parte, e não se acham na aldeia mais que 23: podiam-se mandar os 3 com o rol do parroco, em que declarasse, que vão 3 Indios, e 2 que levou Pedro a tantos mezes, e João 5 em tal mez, não voltaram, ainda fazem 10, que tocam á repartição de tal aldeia, dos quaes roes, deixando os repartidores ficar treslado á margem do livro da consignação dos Indios, deviam logo e sempre mandar os proprios aos maiores, para os fazerem restituir ás aldeias, efectivamente de 2 em 2 mezes na forma da lei. Os cazeiros, si uns viessem, para se recolherem, outros venham com um bilhete d'aquelles e dos auzentes, para assim se conhecer quem os tem, e se dar cumprimento á particula efectiva; ou se esperar que de 4 em 4 mezes os vão buscar para viagens de drogas, pela dificuldade com que se acham em 8 mezes, e para descimento de gentio até anno. Assim com a dilação se não despovoam as aldeias de uns sem se reporem outros, por se não atenuarem os domesticos e se retirarem os silvestres, como já se vai experimentando.

§ 27. Por alvará de 31 de Março de 1680 manda elrei, que os governadores do Estado do Maranhão por si, nem por interposta pessoa não tenham commercio, mercancia, nem cultura alguma, nem possam cobrar dividas alheias, nem seus criados * por si nem por procurador

* Bom fôra, que as pessoas, a quem é prohibido pelas leis servirem-se de Indios, tivessem alguma excepção; mas assim como não póde haver augmento do Estado sem Indios, menos póde haver jurisdição suprema, que por trez annos se atreva a perturbar o seu particular pelo geral, divertindo-se os Indios; o que só lhe importa emquanto se não acabam de extinguir ou rezolver.

subestabelecido mandem ao sertão buscar drogas; e que governador, bispo, nem outra alguma pessoa possam tomar Indios das aldeias, e sómente se sirvam dos que lhes forem dados em repartição, e que no dito Estado se cumpra a provizão de 27 de Fevereiro de 1673 passada para o Brazil, pela qual é prohibida aos governadores e ministros da fazenda, justiça e guerra commerciarem, nem intrometerem-se em bens, que vão á praça, e menos nas vendas reaes ou donativos das camaras, nem desencaminhem os direitos reaes; e que na mesma fórma não ponham preços aos generos, nem fretes de navios, os quaes sejam livres ao arbitrio e á avença das partes; e que, quando se não ajustem no preço dos fretes, tomem cada uma d'ellas seu louvado, e ambas um terceiro, e que o que por elles se ajustar se dê á excussão inviolavelmente.

Si a mercancia fôra licita a maiores, havendo-se-lhes de remunerar os gastos de aprestos, meias anatas, e o pouco soldo, menos mal seria o uzarem elles d'ella, tolerando-se-lhes esse defeito com gente de razão do que com prodigos, com que a não podessem meter nos sertões, nem com ella prejudicar a dos particulares; *de duobus malis minus est eligendum*; e não eram estes, os que com sua mercancia faziam tanto damno ao Estado, como os atravessadores d'elle, que deviam ser bem castigados.

Vem a alguem fazenda, ou um mestre com ella, em que ganha ao menos 300 e 400 por cento: quer se voltar, ou antes d'isso, vão algumas pessoas compram-lh'a, e sem mais risco do que de uma caza para outra ganham depois dois e trez dobros.

Custa uma libra de sene no reino seis ou sete tostões, vende-se no estado cada onça por dez tostões, quando barato; um chapéo de quatro e cinco tostões vende-se por 3$500 reis, os somenos, como de prezente custam; e assim o mais; de maneira que a um pobre homem é necessario fatigar-se toda a vida para se poder guarnecer do que não póde se escuzar; razão por que uns não medram, nem outros sua cobiça (emquanto vivem) satisfazem.

§ 28. São as camaras do Estado tão pobres, que para qualquer função é necessario aos officiaes d'ellas valerem-se de suas fazendas, por cuja falta correm seus negocios

ao desamparo, sem terem o que dar a um procurador, que apareça na côrte, nem porção a um medico ou cirurgião, nem despeza alguma das que é estilo fazerem-se para o bom governo e augmento das colonias; por isso pelo menos podiam haver a si meio tostão por braça de xão, assim dos devolutos, que ainda se vão dando, como de todos os em que estão cazas feitas, em que se descuidaram as camaras passadas por lhes pertencerem essas datas, como tambem podiam ter um ver de pezo, e alguma couza similhante, com que fizessem um direito reguengo capaz de se poderem valer em suas despezas, e suprirem a alguma commun. Parecia razão, que as pessoas, que hajam de fazer jornadas do Gurupá para cima, do Pará, Gurupá ou de qualquer parte, que fossem para o rio das Almazonas, o não podessem fazer sem licença do maior, para registrarem no Gurupá; e nem seguissem para nenhuma parte, sendo com Indios forros, sem informação da camara, para a darem conforme o melhor conhecimento dos tempos e das couzas, e assim se evitarem as desordens, que sempre se experimentam, com a pena da lei, *ut supra*, a toda a pessoa de qualquer qualidade e condição, que o contrario fizesse.

E' estilo assistir um capitão por cabo da fortaleza do Gurupá, chave do rio das Almazonas, e das nações dos Indios, que ficam fóra da repartição, vizinhos ao Cabo do Norte, de cuja conservação depende muito o Estado, e dos quaes os moradores se servem nas viagens das drogas, que vão buscar pelos sertões; e assim parecia conveniente, que pelo menos este capitão não fosse forasteiro, mas morador de confiança e pratico no zelo, amor e idioma dos naturaes, para pôr em seu lugar as necessidades do Estado e das couzas; e si tivesse familia, que começasse a povoar aquella praça, havendo-se de desenvolver sem fórma, como fazem, tendo os mais exemplos que imitar, melhor parece seria se podesse despensar com elle, como com os mais moradores; mas sendo de outra sorte tudo o que toda e qualquer pessoa adquire com Indios contra a fórma das leis fosse perdido para a real fazenda, com a terceira parte para o denunciante, e seus officiaes tivessem a cargo confiscar com as penas, *ut supra*.

§ 29. Por provizão do 1° de Abril de 1680 manda el-rei, que, por haver entendido convinha ao bem publico e conservação do Estado do Maranhão haver n'elle copia de gente, de que se valham os moradores, se conservassem não só os Indios livres que ha nas aldeias, mas que se procurasse augmental-as, descendo outros do sertão para que sirvam ao mesmo Estado; e por ser necessario para isto se conseguir repartirem-se os Indios, que de prezente se achassem nas aldeias, houve por bem rezolver, que a repartição se faça na fórma seguinte.

Que antes de tudo se reconduzam ás aldeias todos os Indios livres pertencentes a ellas, que estiverem divertidos, para o que os parrocos dêm o rol dos auzentes ao governador, o qual logo os faça efectivamente restituir sem admitir requerimento nem replica em contrario, e depois de reconduzidos se saiba pelo rol dos parrocos o numero que ha capazes de serviço, e se dividam em trez partes, uma que fique sempre nas aldeias alternativamente para tratarem das lavouras necessarias para suas familias e para sustento dos Indios,* que de novo se descerem, e a outra parte se reparta com os moradores, e a ultima das trez partes se aplique aos missionarios para a condução dos novos Indios, que hão de procurar descer; e que os Indios dos sertões colham as suas drogas e as tragam para vender nas cidades.

E que pelo que convem ao serviço de Deos e seu, e á sua real consciencia e por outros justos respeitos que moveram os Senhores reis, seus predecessores, a empregar n'esta ocupação os religiozos da companhia de Jezus, por ser conveniente que a conversão se faça por uma só religião, pelos grandes inconvenientes que a experiencia tem mostrado; ha por bem, encommenda muito e encarrega aos ditos religiozos da companhia de Jezus, que penetrem quanto fôr possivel os sertões, para que aos

* Mas aos Indios como para vestir não é necessario nada, e para comer só precizam do seu arco e frexa, não passam dahi seus cuidados nem têm pensamento de se molestarem com negociação alguma, que lhes custe suor de seu rosto voluntario, e antes nos têm por impertinentes por tratarmos de taes cuidados.

barbaros ainda no mais interior de suas terras não falte o pasto espiritual, e que, para assim o conseguirem, criem sugeitos no Estado, tendo sempre no noviciado 20 noviços, para cuja sustentação é servido mandar-lhes consignar suas congruas no Brazil, e que quando os ditos missionarios fôrem a alguma parte arriscada, o governador lhes mande dar as pessoas de armas, que os taes missionarios propuzerem por mais convenientes, e que melhor se acomodem com elles e com os Indios.

§ 30. Por carta de 10 de Abril de 1680 manda el-rei, que as aldeias dos Indios sejam governadas pelos seus principaes e os parrocos, e que a repartição da terceira parte dos Indios a fizesse o bispo com o prelado de S. Antonio do lugar em que se fizer, e uma pessoa eleita pela camara, e que o ouvidor geral seja juiz das duvidas que se moverem com Indios, sentenciando dentro de um mez sumariamente sem apelação nem agravo.

Muitos e repetidos meios é Sua Magestade servido mandar escogitar a bem d'estes seus vassalos, mas sempre desgraçados, levando sempre o caminho costumado, si não é cada vez peior muita cabeça em corpo pequeno, sem uns os pouparem nem outros os defenderem, sendo os coitados naturaes os que pagam, tanto na jurisdição dos maiores como dos mesmos em qualquer outra sempre perseguidos.

§ 31. Acham os padres, que pouco fruto podem fazer em a gentilidade no espiritual sem o temporal, por assim lhes parecer poderão evitar as injustiças, que se fazem aos mentecaptos; mas dificultoza é empreza emquanto elles tiverem esse officio e os subditos, a quem fazer vontades e imitar juntamente, porque nem os padres poderão satisfazer as vontades e necessidades de todos, nem todos os que as tiverem deixarão de ser caza sem pão, e queixarem-se de quem a governa, como é estilo antigo, ainda que não haja sempre razão. Os povos e reis e imperadores tiram muitas vezes e põem a quem é senhor das vidas, fazendas e armas; logo dificultozamente gente desarmada (ainda que anjos sejam) poderá permanecer sem o risco de exasperações, com officio de que depende o commun. Na verdade não tendo os parrocos

quaesquer que sejam, por onde assistir o titulo, pelo menos de procuradores dos Indios, ficam os ignorantes indigenas sem justiça, e d'esta sorte não se deve estranhar que quem zela o bem do espiritual procure para elles os bens do temporal, pois sem uma couza mal se póde conseguir a outra n'esta nova seára; e diga-o qualquer de nós, si um governador nos mandasse a algum sertão para domesticar aquella nação o que haveria mister? Mister seria canoa, remeiros, sustento e varias despezas, por não serem terras por onde se possa caminhar a pé, e por ser a caridade nos barbaros tal, que alguns por ouvirem missa querem pagamento. E si uma função d'estas não seria de pouco empenho, quanto mais a quem as haja de continuar!

E ainda para a conservação entre elles o secular o faria com a voz do governo e com o temor: aos padres é necessario mover com a palavra de Deos e com amor por lhes pescarem as almas, ganhando-lhes primeiro as vontades que elles com facilidade só rendem ao interesse, por ser gente pobrissima e nos considerarem senhores das riquezas, parecendo-lhes que o principal intento de lhes irmos assistir é para remediar suas faltas; e não lhes sucedendo assim já vão desgostados, passando palavra que aquelle branco ou padre não presta para nada, e que escuzado fôra ir ás suas terras, si era pobre; e assim pensam não só os propinquos a esta cultura, mas ainda os exploradores que dos sertões e matos mais incognitos saem a tomar conhecimento do novo trato, para a esse respeito se chegarem e levarem de volta o que mostrar ás mulheres e filhos, e si não nada.

Mas si a justiça secular fizera bem seu officio, para que o eccleziastico descançasse no seu trabalho com mais quietação, tudo floreceria

Dificultozas desigualdades surgem, si se não acomodarem coartando-se conforme a conservação de cada um do commun, e dos poucos Indios, que já ha nas aldeias avassaladas de repartição, uzando-se d'elles, como dispõe a sobredita lei; porque os poucos indigenas que já se acham na vizinhança dos Portuguezes, seria bem necessario, emquanto não se remediar sem augmento,

conservarem-se e (excepto alguns guias) ocuparem-se só na prevenção do Estado e necessidades communs.

§ 32. Pagam os principes e conservam um soldado toda a vida para uma ocazião, e não menos parece convem conservar o resto de Indios, que hoje ha no Estado, assim para alguma invazão inimiga, que se possa offerecer, como para levantamentos ainda de escravos, si os houver; ou para qualquer extrema necessidade, e conduções dos sertões, quando não tiverem a memoria tão fresca do passado, nem de nosso trato tiverem melhor experiencia. E si não me engano, esta é a maior dificuldade, que aflige e exime aos missionarios de grande diligencia n'esta parte pelo escrupulo da pouca fórma e menos justiça, que se guarda aos Indios avassalados, como couza de alugadores para acabar e não conservar; ou como si o Estado fosse para destruir, quanto mais breve seja, com tanto porém que não deixe cada um de levar o que busca.

Não tiveram os Judeos mãos com que pegar em pedras para executar a lei na mulher, que acuzavam; porque onde os juizes são cumplices, quem ha de fazer justiça?

Bem se declarou um missionario a uma queixa, que se lhe fez, de que não desciam Indios dos sertões dizendo: Pois, Senhor, hão-se de guardar as leis? Tornou o queixozo: Isso é impossivel. Por isso mesmo (dice o padre) é impossivel enganarmos nós aos Indios, nem sermos instrumento de injustiça.

§ 33. Cobriam-se as praias do Estado do Maranhão, e Pará com aldeias de Indios na primeira conquista, quando, ainda que muitos, eram todos poucos para satisfazer a jurisdição dos maiores, sendo necessario para qualquer morador devertir algum, fazer-lhe primeiro a conta do que podia ganhar. O trato, que sempre lhes deram, era fazer tabacaes e conduções para o Maranhão ou até Sergipe, aonde os brancos, passando em barco ao Maranhão, os deixam mezes e tempos com sustento ou sem elle até voltarem de suas negociações e viagens pelos sertões em busca de escravos, como hoje vão ao cravo, por annos continuados, sem lugar de communicação dos

Indios com suas mulheres; porque quando cuidam, que no cabo de um anno, outro anno, e terceiro anno voltarão ás suas cazas para terem algum descanso; então tornam a começar de novo sempre, emquanto não acabam; assim ficam alguns ao desamparo em uma parte, como as familias em outra. Tambem tem-se retirado do nosso trato aldeias inteiras pelos matos dentro, buscando novos sertões, de que depois se acharam varios vestigios, por onde alguns escaparam de inimigos; e ultimamente os homens de São-Paulo se aproveitaram de muitos d'estes, que acharam no rio dos Tocantins, e os levaram: bexigas e sarampos, que é a peste da America em gentilidade, quando pecados a permittem, como abelhas de São Pedro, foi tudo o que extinguio os Indios.

§ 34. São as drogas do Estado as que lhe dão a estimação; porém são a ruina d'elle, por não dar lugar o mundo, a quem foge o tempo, uzar d'ellas por monção, pois não ha couza que deixe de a ter.

Do Natal até S. João é a colheita do cacáo silvestre, e o cravo larga toda a casca, e de S. João por diante é o tempo, em que os Indios necessitam de acudir ás suas lavouras até o fim de Novembro, dar algum alivio á alma e descanço ao corpo, e saberem suas mulheres, que são cazadas; e si assim lhes dessem folga, todos estariam dezejando chegar o tempo de acompanharem aos brancos, a quem assim luziria melhor o trabalho do que andando todo o anno no sertão, quando o cravo sai a pedaços, e outro não larga do pào, que deixam ficar depois de cortado, esperdiçando mais n'aquelles mezes do estio do que aproveitam; e os Indios das capitanias, pelo que convem á geral conservação, deviam ter a mesma fórma e livre alvedrio, pelo não buscarem outrem, principalmente os da ilha grande de Joanes.

§ 35. E com os Indios novamente descidos parecia razão se não entendesse os primeiros 2 ou 3 annos; tanto com os dos rios acima, como com os mais chegados á vizinhança da repartição; de que tudo conhecesse todos os annos o ouvidor geral, ou juiz de fóra, dividindo-se as capitanias; porque si crescesse uma praça, outras se poderiam escuzar; sargentos móres na paz, onde há

ajudantes, ouvidor de terra, onde houvesse o de fóra, e procurador menor onde houvesse maior, e os principaes das aldeias avassaladas e os mais que ficassem á mão fossem os primeiros, que se inquirissem, e severamente se castigasse todos os agressores das reaes leis, *ut retro*; porque si ellas houvessem de ser só para se vituperarem, e para vituperio do zelo publico, acabando-se Estados com tão odiozas contendas, mais valeria, parece, não as haver, sendo Sua Magestade servido mandal-as derogar, ou acabarem-se os profanadores; porque o não fossem, e os Estados se fizessem.

E si os Indios, que estão pelos seus sertões, por sua desgraça carecem da palavra de Deos, parecia razão não carecessem d'ella, por nossa culpa, os que vivem comnosco, e a viver nos ajudam.

Ha uns 30 cazaes de Indios no rio Capim, que os ministros da fazenda real deputaram para dali tirarem 15 Indios, que é estilo darem-se todos os annos ao contratador dos dizimos, sendo que sempre taes Indios se tiraram das aldeias curadas, onde aquelles podiam estar melhor e pastorados, e assim está a capitania do Gurupá * com uma aldeia de Indios de guarnição, alguns soldados brancos e o capitão sem capelão. E pois o Estado dá rendimento, parece se não diminuiria, consignando-se a estas feitorias uma praça capaz de que o prelado podesse obrigar a cada uma d'ellas seu capelão. Já no Gurupá o houve com varios cazaes de moradores, de cujo augmento necessita muito aquella praça, ou a segurança do Estado; e não vi couza mais acomodada, para onde a gente do Maranhão se possa estender, e para a capitania do Cabo do Norte até os Tapajós, que são as paragens, por onde ha algumas campinas, de que seus moradores se poderiam ajudar muito com suas criações; mas onde não ha quem trate mais que de desfrutar a vinha, não é couza nova ir sempre de mal a peior.

§ 36. Começou a India triunfante; mas tanto que seus naturaes tiveram com quem retratar suas magoas, logo

* Já esta capitania tem convento, e missionarios piedozos, que cultivam seus distritos.

deram mostras de seu sentimento ocazionando a perdição da maior parte. Como alfim quazi de toda, ou com efeito de todo o bom, que rodêa essa vastidão do Oriente, desde Eufrates pela memoranda Malaca atè a China, em que era celebrado o nome de Deos, e o dos Portuguezes obdecido, premitiram trienaes injustiças luzitanas, que os mal contentes e exasperados naturaes (como senhores das terras com sitios, dando lugar ás armadas estrangeiras) esgotassem nossos desatinos, em que desfalece o meu; não tanto pelas explorandas riquezas, e grandezas da India, como por aquella sua joia, Ceilão, cercada de serras de cristal, bosques de canela, rios de pedraria precioza, e de perolas.

Depois que aos velhos não pareceo bem, que lhes chamassem, ficou velho o engano; e tão mal ouvida a verdade, que o domingo das verdades é o mesmo da paixão; e como por uma parte enfastia, e odeia por outra, se não crê, e não ha já quem se atreva dizel-a; do que nasce descer de gráo em gráo atè chegar a uma mizeravel poeira.

§ 37. Officio foi sempre do Engano demandar a Verdade, e como esta se aconselhasse só com o temor de Deos, amor do proximo, e zelo do serviço de seu principe, chegou a ser sentenciada e degradada, ficando o Engano mui soberano com seu mordomo o Poder e mestres a Cobiça, e Machavelo, levando atráz de si algum sequito de subditos, Lizonja, Vicio e Vangloria, e indo assim com grande aplauzo fazendo alarde de seu triunfo em carro de uma roda, vendo estar a Verdade, como couza cahida a um canto de seu degredo, desconhecendo-a, encarregou a Machavelo soubesse quem era, e sabido por sua simples confissão, foi de parecer a Cobiça convinha á soberania d'aquelle acompanhamento levar comsigo a Verdade; vendo ella tambem o Poder não se atreveu a rezistir a tanta gente, e anoitecendo preparou a Lizonja a cêia de varias aparencias; porém como para a paga faltasse o dinheiro consultou o Engano com seus mestres, quem havia de pagar, e rezolveram obrigasse Machavelo ao moço Vicio. Vendo-se o mancebo com o susto não esperado, duvidando de pagar, chegou o Poder e lhe ordenou pagasse logo do

dinheiro, que haviam depozitado em sua mão para o gasto da jornada; vendo-se o innocente com tal artigo em maior aperto, quiz dar sua defeza, e sabendo todos sua innocencia, nenhum se atreveu a declaral-a; porém o Amor se chegou á Verdade, aconselhando-a acudisse por seu officio, e suposto já convencida dice: Amigo Vicio, tu tens a culpa de te meter n'este acompanhamento; agora tem paciencia, que bem vejo tens razão; mas isto não te ha de valer.

Ficou o Engano irado das razões, que ouvio, e ordenou ao Poder, que fizesse aquelle gasto; de maneira que a Verdade o pagasse de sua caza, por se atrever em seu desfraudo; e assim o moço Vicio certo ficava para qualquer ocazião.

Não dormia o Engano aquella noite, e dando tratos ao entendimento como ajuntaria a lan d'aquelle contermo despedio a descobrir campo seus mestres, Cobiça adiante, e logo Machavelo, e atraz o Poder, para que toda a pessoa, que tivesse gado o aprezentasse para certa cantidade de cebo, que só pretendia, para a roda do seu triunfo fazer boa jornada. E amanhecendo ali, um por industria, outro por paciencia, e os mais por força, fizeram os homens seu requerimento, que n'aquella terra havia lei expressa de se não matar nem alienar ovelhas femeas, pelo que fosse servido contentar-se com os carneiros; mas emquanto os pobres tratavam de arrazoar, foram os mestres segurando o gado, e pondo-se a caminho, chegando a uma estalage, em que a Vangloria preparava para a merenda largas ostentações, fizeram os pretendentes seu requerimento, no qual expunham, que pois lhes levavam graúdo e miudo, sem atender ás leis de seu principe nem a sua mizeria, ao menos lhes mandassem pagar.

Deferio o Poder se fossem concertar com Machavelo, e não acabando este de os pacificar com suas boas razões, chegou a Cobiça dizendo já se lhes havia pago.

Ficaram os coitados como sem juizo, dando vozes, a que sahio o Engano confirmando, que elle tinha dado aquella satisfação a cada dois, para repartirem com os mais, de que era testimunha a Verdade, que prezente estava.

§ 38. Fez ella que dormia; mas tanto que os enganados a viram, lhe foram rogar dicesse a quem se havia entregue aquelle dinheiro; ou não sendo assim, quizesse acudir pela justiça, de quem era amiga, e pela observancia das leis de seu principe, de que era zeloza, e obrigando-a a acordar, se fingio muda por não falar, nem pagar o que não devia, como tinha experimentado; e emquanto elles ficaram apalpando uns a outros, havendo-se todos por desafiados, se foi o Engano com Machavelo para o mais intimo de sua caza, e lhe dice : Como és tão discreto, já deves ter entendido, que, como me havia de partir de tal lugar, e a elle não havia de voltar, me não importava a conservação de taes pastores, a quem tirei fazenda e credito, porque não sejam ouvidos; mas é necessario fazer-lhes entender, que informo d'elles mil bens, para que assim o façam de mim; e em quanto tratam com aquella sizania de suas desuniões, trato eu de me agraduar, e fazendo elles suas queixas uns de outros, pouco credito lhes darão ás que fizerem de mim, antes avizarei, que são uns doudos, e que todo o meu cuidado emprego em os concordar, e faremos crime á Verdade, para que não apareça em palacio, nem seja ouvida em quanto pretender justiça, e diremos a estes bobos, que são muito honrados, o amor que lhes tenho e a pouca razão que têm; pois lhes mandei pagar, e á minha informação se deve dar todo o credito, e si ainda quizermos testimunhas ou certidões, darás ordem a isso, e a alguem buscaremos significando-lhe o mal e o bem, que aqui e em toda a parte lhes posso fazer, metendo-lhe em cabeça,* que como é para fazer bem, não encarrega a consciencia; porque quero, que se informe a deos Marte de como vou bizarramente dispondo a guerra, para combinar com o que lhe pretendo fazer entender; porque não atravessei o mar, em pró d'estas leis dirigidas á conservação commun, bem o sabes, sinão pelo meu particular interesse, e faça-se-me logo assim e assim um requerimento que ellas não são convenientes, ainda que apezar dos prejudicados, e folgarei

* Que bons passos dariam os pés de taes cabeças.

saber o que se aviza; porque si houver algum tão ouzado, que por zeloso ou temente a Deos duvide do meu gosto, tudo lhe imporemos por grave crime, até extinguir tão má gente, para escarmento de que todos os mais se façam canos de minhas correntes, e minha roda faça curso, que aproveite de uma vez para sempre, antes que se acabe esta, e outra venha começar, por onde acabo com o fim, que pretendemos, e o mar atravessamos, corte-se por onde se cortar.

D'esta maneira ficou a Verdade: quando quer viver em paz, se finge muda, por não pagar o que outrem come; e si algum dia chega a dizer o que sente, se acha corrida e envergonhada, e por sua fraqueza abatida, mal ouvida e perseguida.

Desgraçada Republica, onde repetidos interesses fazem desgraçadas as verdades, e só paixões proprias se exercitam apezar de mizerandas consequencias.

§ 39. Indo em tempo da Magestade Catholica da India á Persia um embaixador sobre a recompensa de Ormuz, lhe dice o rei: Bem sabes o amor que sempre tive aos Portuguezes, e a vontade que tinha de os conservar em meus opulentissimos estados e reino, e a razão que tive de lhes tomar aquella praça com 70 milhões, que perdestes só no thezouro, e 300 peças de bronze, afóra a mais riqueza dos particulares, foi teres feito couzas a meos vassalos como gente que não teme a justiça do Ceo nem da Terra; e na verdade te digo, que hei de fazer muito por me livrar de vossas tiranias e de vossa lei, si ella vol-as permite; pois a minha, havendo governador que não guarde justiça, me obriga a executal-a n'elle de calidade que a justiça divina se aplaque, os estranhos se satisfaçam, e tenham exemplo os de caza, por não experimentar a justiça do alto Deos mais rigoroza, e ser esta o sal com que se conservam imperios, pois sem elle se corrompem, como si tambem dicera, por não pagar o justo pelo pecador.

Quem poderá chamar barbara tão divina politica para com Deos e o mundo?

S. Francisco Xavier, na 5ª. carta do liv. 2°. de suas epistolas, escrevendo da India, por lhe não ser licito mais,

diz assim: Jure el-rei suas leis; que aos pretores, que lhe as não guardarem, nem fizerem guardar, mandará sobcrestar toda a sua fazenda e as pessoas depois em um carcere muito tempo, e ellas se lhe guardarão, a fé se augmentará, e seu imperio se dilatará. Foi esta advertencia pelo santo santamente advertida, e eu sou temerario pela recitar.

Favorece Deos tanto aos infieis e hereges por sua independente e recta justiça, de que elles satisfeitos impõem a cada uma das nações catholicas seu conceito. Devoção de Italia, jejum de Alemanha, fé * de França, juramento castelhano, e leis portuguezas (dicera eu do Estado do Maranhão) *nihil valent.*

Mas só valeriam muito, si tiveram um principe á vista, ou um seu governador, que as observasse, como hoje o faz Gomes Freire de Andrada, que o anno passado(1785)passou de tenente general da cavalaria do Alemtejo com duas companhias de infantaria e alçada a socegar o Maranhão da exasperação, a que de proximo se tinha promovido; porém tão singular no desinteresse, prudencia e independente valor, que não só o Estado teve ainda seu similhante, mas desconfia ter segundo; fortuna, que só logrou a Bahía no Conde da Atouguia e Roque da Costa; mas si a molestia me obriga a acommodar este extremo com os dois, para que sendo d'elles o terceiro, tenham as conquistas trez auzencias, que sentir, melhor o saberão declarar testimunhas de fé; escrivães, sindicantes, capitães, e outros ministros, com varios adjuntos, dando a todos meza geral, não só no mar, como sempre com a mesma grandeza em terra, por evitar a minima ocazião, querendo elle antes ter de voltar á sua caza empenhado, afim de com seu exemplo e zelo christão ao menos pôr termo ás desordens, que já por habituaes mal se podem em tão pouco tempo reparar, sendo tão liberal na cortezia, que ainda a muitos (que se não devia) a dá de barato, * sem dar lugar a alvitres artificiozos, nem se sugeitar a com elles se interessar, sofrendo e dissimulando disso-

* Fé, *id est veritas.*
* Propriedade de quem de si proprio não desconfia.

nancias: não perdoando porém as que podem passar a prejuizo de terceiro, com o castigo, ou premio com todo o rigor ou amor, conforme o merecimento de cada um, desencarregando-se heroicamente assim da conta, que tem toda a sorte de governo e pai de familias, que dar a Deos da caza, de que o fez senhor, e para ter todas as virtudes este bom capitão geral, que o póde ser de um reino, tem tambem, com mui advertida prudencia, a de não prezumir de mais.

Rezolução que o bispo e ouvidor geral do Brazil tomaram sobre os injustos cativeiros dos Indios do Brazil, e do remedio para augmento da conversão e da conservação d'aquelle Estado.

§ 40. O Brazil não se póde sustentar, nem haverá n'elle comercio sem o gentio da terra, assim para o meneio e beneficio das fazendas, como para conservação da paz, maiormente agora que ha grande quantidade de gente de Guiné, que cada dia se alevantam, matam e roubam.

Este gentio, que é tão importante, é quazi gastado e consumido, sendo tanto que parecia couza impossivel haver a falta que ha ao longo do mar, e algum que ha está a 200 e a 300 leguas pelo sertão dentro, donde se não podem ajudar d'elle os moradores da terra, e quando trazem algum para o mar, no caminho morre a metade: o que pela maior parte se faz por enganos, e isto é notorio.

A cauza d'esta falta, e perda tão grande, foi o máo tratamento dos Portuguezes, e os cativeiros, assim os illicitos, como os havidos por licitos, e porque estes raramente aparecem n'estas partes, buscam os moradores muitas invenções, e modos de cativar os ditos Indios, que por direito e razão não podem ser escravos, e não lhes faltam suas justificações, que lhes são admitidas.

A estes males, para que a terra se não acabe de perder, deve Sua Magestade mandar acudir, provendo com os remedios necessarios, si quer conservar este Estado; por quanto o que está provido pelos reis, seus antecessores, não basta, ou ao menos faltou a execução de seus

ministros, e sobejou a desordenada cobiça dos moradores. Para este negocio são necessarias informações verdadeiras, para que acertadamente se possa prover, e as pessoas que zelam o serviço de Deos, Nosso Senhor, e de Sua Magestade e o bem commun, e que por a experiencia tem sabido todos estes males, e estão livres de paixões devem falar, portanto se fazem os apontamentos, que se seguem.

§ 41. O que se deve propor a Sua Magestade acerca dos Indios é o seguinte:

Que se faça lei, que daqui em diante nenhum Indio do Brazil possa ser escravo, porque a experiencia tem mostrado, que ainda que alguns o possam ser por alguns justos titulos, como são os que se puzeram em uma determinação, que tomaram os governadores Luiz de Brito e Antonio Salema com parecer dos padres da companhia, são tantos os enganos, que lhes fazem os moradores debaixo d'aquelles titulos justos, e tanta destruição se tem feito no sertão entre os Indios, que não pode ter outro remedio este mal, sinão ordenando que nenhum possa ser escravo.

Um dos titulos justos é os tomados em guerra justa dada ou mandada dar pelo governador geral e capitães das capitanias d'esta costa com parecer dos padres da companhia, mas tem a experiencia mostrado, que se deram muitas guerras, nas quaes não houve nenhuma justiça, sinão só pretender trazer escravos, como foram as que se deram no Rio-Real, Mar-Verde e no rio de São-Francisco, e em outras partes. Afim de os trazer por escravos tomam qualquer ocazião para lhes dar guerra sem jamais concorrer a solemnidade que se deve guardar para que a guerra seja justa, e sinão se tirar este titulo, sempre dirão, que ha justa cauza de lhes dar guerra.

Outro titulo é os Indios, que têm outros tomados em guerra seus contrarios, e postos em cordas para os matar. Ainda que é provavel os taes poderem-se comprar, todavia estes são muito poucos e raramente assim acontece; e si ha alguns, mais querem tomar d'elles vingança que vendel-os aos Portuguezes, e a maior parte dos que elles trazem do sertão dizem, que estavam em

cordas para os comerem, não sendo assim, sinão trazidos com enganos para lhes serem julgados como escravos.

Outro titulo é dos que se vendem a si mesmos, sendo de idade de 20 annos. Tambem debaixo d'este titulo se fazem mil enganos aos Indios, porque é couza mui certa, que elles não sabem, que couza é vender-se alguem a si mesmo, pois si o soubessem, em nenhuma maneira se venderiam; e tanto aborrecem o cativeiro que só alguns principaes vendem algumas vezes aos Portuguezes alguns seus parentes e amigos pobres e desamparados, que têm contra toda a razão e justiça. Aos que os Portuguezes hão d'esta maneira furtados ou salteados com medo ou por outra qualquer maneira persuadem, que digam aos que os hão de julgar por escravos, que elles mesmos se venderam, ou que estavam em cordas, para que d'esta maneira os julgem por escravos.

§ 42. Para evitar as injustiças acima ditas deram os governadores e mais capitães licença para irem os Portuguezes ao sertão, e trazerem Indios, que de sua propria vontade quizessem vir sem enganos para morarem entre elles em suas povoações, e servirem em suas fazendas, pagando-lhe seu serviço; e ainda que isto é licito, guardando-se estas condições, a experiencia tem já mostrado, que foi cauza de se fazerem muitos mais agravos aos Indios. Isto tem destruido quazi todo o sertão de maneira que já os não ha sinão a 200 ou 300 leguas do mar, porque os que vão com estas licenças prometem aos Indios, que hão de estar todos juntos, e perto do mar entre os Portuguezes, e que nenhum ha de ser escravo, e quando com estas promessas os não podem persuadir, os trazem por medo ou por força, e depois os repartem entre si, apartando os filhos dos pais, e as mulheres dos maridos, e a muitos d'elles vendem e ferram, e todos os que d'esta maneira trazem do sertão commummente são tratados como escravos, com grandissimo escandalo dos proprios Indios, e grande estorvo da conversão d'elles. Daqui se seguem tambem muitos outros inconvenientes, como é matarem-se muitas vezes os Portuguezes no sertão, como são mortos de poucos annos a esta parte, e com isto se tem afastado os Indios para partes mui distantes do mar, onde os

moradores se não podem ajudar d'elles, e fica muito difficultozo o tornarem-nos a trazer, pelos agravos que lhes temfeito. Alem d'isto os Portuguezes, que vão aonde elles estão, fazem vida gentilica, embaraçando-se com Indias pagans, sem se confessarem, dois, trez, quatro annos e mais; e porque os reis passados por muitas vezes encommendaram, que se busque maneira com que aos Indios não façam agravos nem injustiças, e se conservem em suas liberdades, e que os Portuguezes sejam ajudados d'elles com seus serviços, porque sem elles se não podem grangear e beneficiar as fazendas do Brazil, nem em elle haver comercio, os remedios que se offerecem para satisfazer a um e a outro cazo são os seguintes:

§ 43. E' necessario:

1.° Que os governadores e capitães não consintam irem ao sertão a trazer gentios sinão pessoas de bem e de boa consciencia, e que estas da sua parte digam aos Indios, que venham para junto do mar, onde os deixarão estar em suas liberdades, e que pelos ajudarem os proverão d'aquillo de que tiverem necessidade, e que se não consentirà fazerem-lhes agravos, e que com elles não uzem de nenhum modo de engano nem força, e depois de trazidos lhes façam inteiramente guardar o que se lhes mandou prometer; porque posto que nas licenças, que atéqui se deram, se mandava aos que iam ao sertão, que não uzassem de engano nem força, comtudo pela maior parte são pessoas de pouca confiança, e não cumpriam o que lhes era mandado. Depois dos Indios vindos se não cumpria o que lhes fora prometido, nem ao menos se conservavam em sua liberdade, e os Indios achando-se enganados, uns morriam de paixão, e outros tornavam a fugir para suas terras, e algumas vezes fazendo damno aos moradores. Convem, que os governadores e capitães trabalhem por que não falte nada aos ditos Indios, assim do que releva para sua salvação, como da sustentação para sua vida; o que se póde bem fazer com ordenar que haja mais aldeias do que as que agora ha, e das quaes os padres da companhia têm a administração no espiritual, e que com uns e com outros se tenha muita conta. E por que o modo de que o gvernador deve uzar n'este negocio se não pode

particularizar, deve ficar em seu alvedrio tudo o que convém, de maneira que não haja injustiças; para o que deve tomar informação, e communicar com as pessoas, que sejam de razão, e que desapaixonadamente n'esta materia o possam aconselhar e desenganar. E isto mais especialmente deve Sua Magestade encarregar aos governadores em suas provizões, por quanto é certo, que na execução consiste o remedio d'este negocio, e que a mesma diligencia ponha o governador geral em fazer os capitães de todas as capitanias cumprir e guardar justiça aos Indios, e que d'este cazo se devasse e perguntem suas rezidencias.

Estando assim postos os Indios nas aldeias e outras povoações, por ordem do governador e capitães, dahi podem prover os moradores de Indios, que boamente houverem mister para seu serviço, principalmente para beneficiar e plantar as canas, e isto por certo tempo, e pelo preço, que, conforme ao estado da terra e qualidade dos Indios, se julgar ser justo, de maneira que os Indios folguem de ajudar aos moradores e de os servir, com tanto que, acabado o tempo por que se alugaram, se possam livremente tornar para suas proprias aldeias e povoações, sem a isso se lhes pôr impedimento algum, por não perderem seus mantimentos nem seu modo de grangearia, com que se sustentam. Finalmente de tal maneira se procure n'esta parte o bem dos Indios, que os moradores possam grangear suas fazendas.

2.° Que por nenhum cazo se consinta haver divizão nos ditos Indios, sinão que estejam todos juntos, ficando o principal com todos os parentes, asssim como vieram do sertão, em suas aldeias e povoações, devendo-se proceder com gravissima pena contra os que os apartarem; e em estas aldeias e povoações, onde se assentarem estes Indios, podem ser ensinados pelos padres da companhia, administrando-lhes os sacramentos, como fazem nas aldeias de que têm cuidado.

3.° Que pelo governador ouvidor geral, ou os capitães lugar-tenentes se tome cada anno informação particular, si os moradores, que se servem dos ditos Indios, pagam seus serviços, ou lhes fazem, em quanto se servem d'elles,

alguns agravos e injustiças, posto que elles se não queixem, nem os seus principaes; e convém além d'isso que os governadores e capitães, em certos tempos do anno, façam vir perante si os principaes dos ditos Indios, e lhes perguntem, si lhes fazem alguns agravos os moradores, para n'isso prover como fôr justiça, e saiba d'elles, si estão juntos, ou si por força ou qualquer outra arte os moradores retêm os Indios, que os foram servir, alem do tempo por que se concertaram, ou si lhes não pagaram.

4.° Que para o gasto, que se fizer em trazer este gentio, deve Sua Magestade mandar dar de sua fazenda o que ao governador parecer, porque havendo gente que sirva, crescem suas rendas; e convem, que se lance finta pelos moradores pelo proveito que d'isso hão de ter, e que se apliquem penas para isso.

5.° Que o ouvidor geral e capitães, onde quer que se acharem, vizitem as aldeias dos Indios e fazendas dos moradores, onde quer que houver Indios, e tirem devassa cada um anno, ou nas devassas geraes que tirarem perguntem particularmente pelos agravos, que se fizerem aos Indios, e aos que acharem culpados castiguem com graves penas como forçadores da liberdade.

E os escravos, que os moradores até agora tiverem, sejam examinados, e si foram resgatados e comprados conforme a determinação dos governadores; os que por direito podem ser escravos ficarão a seus donos, e os que não forem licitamente escravos sejam logo postos em sua liberdade.

E os senhores de engenhos e outras pessoas, que tiverem alguns Indios forros, que queiram estar com elles e os tratem bem, e lhes pagam seus serviços, e têm doutrina christan, e os conservam em sua liberdade, e os não dividem, podel-os-ão ter, e far-se-ão com elles as diligencias, que se hão de fazer com os outros para serem conservados e bem tratados e vizitados pelos padres da companhia para sua consolação e salvação.

E os moradores, que até agora tiverem alguns Indios forros, ou depois lhes forem dados pelo governador e capitão para se servirem d'elles pela maneira atraz declarada, não os poderão alugar nem traspassar a outra pessoa por

nenhuma maneira que seja, como alguns já fazem, dizendo que os não vendem, nem os dão como escravos, porque são forros; mas que assim como os têm e se servem d'elles, assim os dão, e que por isso lhes dão tanto dinheiro, ou taes couzas; porque estas e outras manhas são especies de cativeiro e injustiças, e os que isto fizerem sejam bem castigados, e os Indios tirados aos que os alugarem ou traspassarem, e aos que os assim houverem e tiverem, sejam tornados ás aldeias das povoações dos forros e livres.

D'esta maneira parece, que os Indios com bom tratamento que lhes hão de fazer, e liberdade em que se hão de conservar, folgarão muito de estar entre os Portuguezes, e os que andam pelo sertão, sabendo que são bem tratados e que não são cativos nem agravados, folgarão de vir viver entre elles; do que se seguirá muita gloria de Deos em sua conversão e bem da terra, assim para a defender, como para serviço das fazendas.

O Bispo. Cosmo Rangel. Gregorio Serrão.

CAPITULO V

AMERICA ABREVIADA COM NOTICIA DE SEOS NATURAES HABITADORES *

§ 1. Suposto não ha lei, que diga deixe de haver Indios cativos, mas que só se prohibem pelo máo modo com que d'elles se uzava, não faltam opiniões de que não podem ser cativos por vassalos, por estarem nas suas terras como innocentes por direito natural e cabello corredio.

Tem a experiencia mostrado trez condições de Indios; a primeira é a de corso, amanhecendo em uma parte e anoitecendo na outra pelo mato como feras, sem caza,

* Mais discreto é proceder, aceitando e pedindo pareceres a todos, para depois rezolver com os de maior razão, e ultimamente comsigo o mais acertado; sendo que raro é o sugeito que, trazendo qualquer superioridade, lhe não pareça, que só elle penetra e entende as couzas, e que todas as demais razões escusa, não sendo pelo menos em utilidade sua; e suposto depois venha a conhecer o erro, é já quando tem pouco remedio.

domicilio, nem obediencia alguma, bem similhantes á maldição de Cain: *Vagus et profugus eris super terram;* Genes. cap. 4; e como estes não conheçam vassalagem, não sei como se lhes aplique esse titulo, excepto para n'elle fazer opinião.

D'esta sorte de Indios vai pouco aos da segunda condição, que contratam com os Portuguezes, têm cazas e vivendas pelas suas terras ou matas,* onde não conhecem mais vassalagem que seu interesse, e é tal sua innocencia que si nós os não queremos, o demonio os toma, sugeitando sempre os mais poderozos aos mais fracos, não só para se servirem d'elles, mas para os tragarem; e o coitado do principe rendido é a primeira assadura. E' gente sem fé, lei, nem rei ou principe algum, a quem uniformemente obedeçam, mas como cabeças de ranxos cada um governa o que lhe pertence, que quando muito não passa de uma aldeia com seu pedaço de territorio: a este director elles chamam tuixaba, que quer dizer cabo da aldeia, e os brancos lhe chamam principaes das aldeias, sem mais imperio de terras nem de vassalos, a quem uns conheçam nem outros obedeçam, e tenham dado nem possam dar vassalagem com que vivam uniformes; mas andam como magótes de gente vagabunda de algumas das trez partes do mundo, que as trez descendencias de Noé senhorearam.

§ 2. Si depois de cheias as terras os Indios passaram á America adiante dos Portuguezes, não foi essa razão bastante para os Cananêos se defenderem, quando Deos levou a Abraham da Caldéa e fez senhor de suas terras, Genes. cap. 12. Demais si os Portuguezes passaram depois dos Indios á America, e por decreto pontificio conquistaram uns por boa paz e outros por armas, com estes estamos já conformes e senhores das terras, não só com melhor titulo, mas ainda a arbitrio uns de outros; e estes são os que ordinariamente pedem adjutorio aos Portuguezes para darem guerra a seus inimigos mais remotos, como os

* Não são homens, que façam cara uns aos outros; mas é o seu uso dar á traição uns quando outros dormem, ou estão descuidados, ou com tão diminuto poder que o menor se não valha das armas.

principes da Europa pedem aos amigos para ofenderem os inimigos; e si as guerras dos Indios são diferentes em cativar sem que nós fossemos ocazião d'esse direito natural, *quod tibi non vis, alteri ne facias*, antigo é entre elles o estilo e só isto faz lei.

Emquanto se não sugeitam * á nossa, da sua parecenos podemos aproveitar; do que não ha testo divino nem humano, que nol-o prohiba; antes si nas Indias é lei antiquissima, como elles alegam: *xeramunha ropi*, que quer dizer, é estilo de nossos antepassados, nos Portuguezes ha posse de se dar ajuda e comprar-se-lhes seus escravos, ha 70 annos, que parecia bastante, como dispõe o direito, e Bonac. tom. 1, lei folhas 431, cap. legis abrogatio diz: Ut consuetudo sit longœva, id est, ut servata fuerit per spatium decem annorum, quippe anni sufficiunt ad consuetudinem prœscribendam, modo non sit contra jus Ecclesiæ; ad prœscribendam enim consuetudinem Ecclesiæ jure requiruntur anni quadraginta: tom. 2 pag. 49 num. 6 et seg. pag. 50 e 51.

§ 3. Porém si a lei ou a nossa christandade permite, que os missionarios, por onde cultivarem o Evangelho, exhortem aos naturaes, a que não dêem guerras, não deve a estes pelo menos ser defezo comprarem cativos aos seus comarcãos, nem aos brancos a estes ou a quem lhes os quizer vender; porque nenhum é o fruto, que se póde esperar de todos elles espargidos na ociozidade de seus dilatadissimos e incognitos sertões sem cuidado de vestir, nem mais fazenda que um cabaço, a que chamam cuia, para suas bebidas, e emquanto podem ter carne humana para o comer, tambem se não cançam com outra couza.

Gente inconstantissima, sem palavra segura, antes cheia de traição e aleivozia. Entre elles quem mais se dá á sensualidade, mais vinho bebe e mais gente mata, é o mais estimado no masculino, e da mesma maneira as femeas são mui lascivas; e por qualquer leviandade, debaixo de engano, ellas matam a quem lhes

* Si se não faltar com o bom azo.

parece com seus venenos, que têm finissimos para tudo quanto querem. Com isto se fazem temer, por cuja razão ha entre estes indigenas nações, onde morrendo algum negro moço, sendo cazado, o principal vende a viuva com os filhos pela prezumpção da culpa ser n'elles mais certa que duvidoza, e com mais excesso se matam em aldeias conduzidas de varias nações, quando nós os obrigamos a se ajuntarem.

§ 4. Mas si perguntarmos á terceira condição, vizinhos e amigos mais antigos dos Portuguezes, vivendo todos misticos uns com outros, nados e creados com a doutrina dos padres (que ainda assim não aproveita pouco n'elles) parece respondem são da descendencia da maldição de Cham; porque si d'essa foi ocazião o vinho, dos Indios o mais chegado á razão, emquanto o acha, dá por elle quanto tem de seu e a propria mulher empresta, e até não perder o juizo se não dá por satisfeito. Si por não encobrir faltas alheias, elles as não sabem encobrir a pai nem mãi; e si aquella descendencia em pena seria escrava de escravos para servir a seus irmãos; *Maledictus Chanaan servus servorum erit fratribus suis*, Genes. cap. 9, é preceito em que os Indios se não descuidam, *ut retro*. E assim parece foi aquella maldição lançada com muito misterio; porque si os rebeldes, servindo e oprimidos pelos de mais razão, não derem algum fruto, menos o darão entregues a seu alvedrio.

Não duvido, que as maldições dos pais cheguem só até certo gráo, havendo emenda; mas onde não cessa a cauza, menos cessariam os effeitos, como n'estes ébrios e homicidas se acha cumprida; porque Cain por matar, e Cham por descobrir faltas foram amaldiçoados.

§ 5. Os Indios e pretos são só as nações, que no mundo se acham perseverando n'estas maldições e em outras mais e com mais horrivel diferença como gente que se foi desesperando e de todo descaindo da graça de Deos; porque si Cain matou, como homem apaixonado, para sepultar, estes sem mais paixão que vicio matam como féras para tragar; e si Cham singelamente dice havia visto seu pai nú, estes, com todo o pejo perdido, não só descobrem quanto vêem, mas nús se acham sem industria

alguma, nem para cobrir suas vergonhas, de que se não envergonham, assim maxos como femeas.

Tambem se podia interpretar o testo pelo espiritual, si só dicera: escravos. Porém parece se preparou para nós tirar d'essa duvida, não só com dizer escravos de escravos, mas para servir a seus irmãos; porque como Nosso Senhor se esmerou tanto n'esta obra do mundo, como couza sua, parece quiz que houvesse n'elle grandes e pequenos, forros e escravos.

E si o direito natural de não querer para outrem o que cada um não quizesse para si, se houvesse de tomar pelo cativeiro d'aquelles que por suas razões o são, não correriam os tempos, uzando-se sempre de cativos; como a sagrada Escritura os traz em varios lugares, sem que em algum os reprove. E bem assim possuimos outros de mais razão e melhor condição, sem que tanto se alegue, por seu direito natural e cabello corredio, como na India Oriental e em outras partes. E ainda qualquer Turco que se priziona na Europa, por mais grave que seja, branco, de cabello corredio, e de tal procedimento que uma palavra sua é escritura, e a não seguir a Turquia diferente lei, seria uma das mui estimadas nações, desde que é cativo nem ainda que christão se faça deve-se-lhe *de jure* a liberdade.

Que mais escrupulo devemos fazer dos Indios? Vale mais estarem na mão de seus vorazes dragões do que em nosso poder, por terem cabello corredio? Não é esta opinião de 300 annos; pois menos ha que o serenissimo infante D. Henrique fez descobrir os primeiros pretos de cabello frizado, que de Guiné appareceram na Europa, fazendo depois a magestade de felicissima memoria acabar de descobrir essa costa etiopica, que até aquelle tempo se tinha por inabitavel por estar na zona torrida, e os escravos é tão antigo havel-os, que houve tempo em que o povo de Israel chegou a ter tantos que se levantaram contra seus senhores; de tal sorte que não sabendo como os sugeitassem, foram aconselhados fizessem disciplinas e entrassem por entre elles açoutando-os, para assim se conhecerem e darem obediencia. Mas pode-se perguntar a quem quer, que só os pretos sejam os verdadeiros escravos,

por terem cabello frizado, onde se achou esse novo testo para se vêr?

§ 6. Foi Cham ocazião da maldição de sua geração: seja escrava de seus irmãos e aprenda d'elles á sua custa, ainda que não tivesse chegado onde o sol lhe chamuscasse os cabellos; mas depois se iriam dividindo para lá, povoando a Africa e retirando-se do jugo; porque só gente que foge á justiça chega a povoar o peior terreno, até de lá por perseguidos uns dos outros, como costumam por suas más inclinações, passarem os de menos condição para America. Pelo que mostram serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociozidade, sensualidade e ebriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimonias, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da capella de uma banda, levantando o ponto, e a mais xusma á roda cantando e batendo com os pés no xão até pela manhan. Porém diferençam-se os pretos na capacidade de qualquer politica, tanto que d'ella participam, introduzindo-se de seu moto proprio nas artes liberaes, que sua pobreza, tempo e mestres lhes permitem.

E' gente mais constante, de mais fé e de mais alguma conta, e tão pegados da fé, que em a recebendo, si ficam algum dia santo sem missa, se lastimam e têm sentimento; o que se não acha nos Indios, si os não obrigam; pois são inconstantes, sem fé, medida ou pezo, nem conta. E ainda das rezas ha pretos mui devotos; e os Indios ordinariamente não ha obrigal-os a rezar mais que emquanto os estão ensinando, e elles repetindo, ainda que sejam mais ladinos e criados com os brancos; porém assim como são indecizos, são faceis de inclinar a qualquer parte, e da mesma maneira á salvação, tendo no ultimo transito quem lhes assista, como o azeite d'azeitona quando a pedra a trilha, ainda que antes seja verde e amargoza. Mas entre elles se acham os pretos soberanos, e os Indios os respeitam, ainda que todos escravos, como gente que reconhece alguma divida velha, escravos de escravos.

§ 7. Varios autores têm dado seu parecer sobre os primeiros povoadores da America; a historia universal,

escrevendo por fé das couzas mais remotas, e de pouca noticia de vista, chegando á zona torrida diz, que ao mar d'ella corria outra terra povoada com uma qualidade de gente, que, pondo-se com as costas no xão e os pés para cima, com a grandeza d'elles faziam sombra a todo o corpo.

Não acharam os modernos descobridores essas monstruozidades de corpos, suposto que peiores d'obras; mas o padre Simão de Vasconcellos, da companhia de Jezus, na sua *Chronica do Estado do Brazil*, traz todas as opiniões dos autores, que d'esta materia escreveram depois que os Indios occidentaes se descobriram e toda a America.

1.ª Diz primeiro, que uns são de parecer procederem os Indios de Ofir, a quem tocou em repartição a costa da India Oriental, Genes. cap. 10, e que dahi passariam á America. Pineda, De rebus Salamonis.

2.ª Dizem outros procederem estes primeiros povoadores da divizão de Babel.

3.ª Outros têm para si, que os Indios procedem dos Ebrêos, que Salomão trazia nas frotas, que do Mar-Vermelho sahiam ao da India, gastando trez annos em conduzir ouro e páos finos pelas costas de Ofir, e que, desgarrando aquellas náus com temporaes, iriam dar nas praias da America, e daqui procedem seus povoadores.

4.ª Outros afirmam, que os Americanos procedem dos Troianos, companheiros de Enéas, que, depois de destruida Troia, foram obrigados a buscar novas terras para habitar.

5.ª Outros querem, que os Indios procedam dos Cartaginezes, que, depois de vencidos pelos Romanos, envergonhados do sucesso das armas, se lançaram pelo mundo, buscando novas terras em que podessem viver.

6.ª Outros argumentam serem os naturaes da America descendentes das tribus, segundo a historia de Esdras no livro 2, cap. 13.

§ 8. Não deixaria eu de estar por tão graves opiniões, como o autor refere, si elle não abraçára por melhor a de Platão e as de outros filozofos antigos, que testimunham haver em tempos antigos defronte da boca do ma- Mediterraneo e das Columnas de Hercules uma ilha chamada Atlantida, tão dilatada, que na grandeza excedia á

toda a Azia e Africa, e que depois, correndo os tempos, com uma inundação se desbaratára, ficando tudo mar, com apelido Atlantida. O testo diz assim: Tunc enim pelagus illud innavegabile erat; insulam enim ante hostium habebat, quod vos Columnas Herculis appellatis, at insula illa et Libia et Asia major erat; et posteriore verotempore motibus ac diluviis ingentibus obortis uno die, ac nocte gravi incumbente, et apud os totum militare genus acervatim terra absorbuit, et Atlantis insula similiter in mari submersa disparuit.

E conforme a noticia de tão grave testo de um autor, que, não tendo lume da fé, por sua verdade e sabedoria merecêo o nome de divino, e o que afirmam outros autores (não de menos credito), corria aquella ilha pelo Oceano para o poente. Aristoteles, um d'esses autores, acrescenta que era tal a ilha de Atlante que o senado dos Athenienses prohibira em tempos antigos a seus cidadãos o navegarem para ella, por não desampararem a patria, por suas delicias e frescura, e na parte citada tão grande ilha, ao que parece, só podia ser a America, estendendo-se por todas as ilhas Canarias, Madeira, Açôres, e por todas as que se acham povoadas de gente preta, que, como signaes da terra, ficaram aparecendo, da qual iria pouca distancia a de Africa, como significa a particula *innavegabile erat*. Dahi sem duvida concorreram os Indios Americanos, tigres, onças, macacos, e outros animaes que na America se acham, sendo os mesmos de Africa, a não se dar o cazo que algumas das sobreditas derrotas os trouxessem, nem os naturaes da America mostram proceder de uma só nação, como de qualquer das apontadas, ou do principe Atlante e seu irmão, como diz a nossa Monarchia Luzitana, tom. 1 cap. 13; porque n'estes termos não estariam confundidos com tanta variedade de linguas, e teriam alguma politica da muita que tinham todas aquellas nações, escrevendo suas memorias para se acharem em todo o tempo; pois a não o fazerem, se não faria d'ellas menção.

Porém os Indios, só não tinham não escrito algum em pau ou pedra, que mostrasse haver entre elles em algum tempo quem soubesse ler nem escrever, mas eram

tão incapazes e faltos de politica que nem sabem contar mais que até trez, e dahi para cima dizem por seu modo, é já muita couza, ou fazem menção da quantia pelos dedos das mãos e pés; são tão alheios de governo como si não soubessem, que a um dia se havia de seguir outro; matam um veado, ou qualquer outra caça, e não sabem guardar nada, mas tudo comem, em um dia e o que lhes sobeja despendem; e depois passando mezes e tempos só com seus vinhos jejuam, não por devoção, mas de remissos, oprimindo de todo o modo a natureza. Pela terra, ainda que quente, ser tão humida que qualquer ferro ou pao dentro em caza amanhece molhado, e os mizeraveis naturaes não terem cobertura alguma, se levantam da meia noite até pela manhan a fazer fogo debaixo da rede, e os que n'ella se descuidam com somno ou preguiça, na saude o sentem; do que tudo lhes procedem varias e mortaes infermidades, por viverem em tudo sem conta; como as mulheres, quando parem, chegando-lhes as dores, se vão ao mato ou a agua a parir, e depois de se lavarem com a criança recem-nascida vêem para caza; e praticam peiores disparidades do que si fossem terrestres féras, não lhes faltando juizo só para maldades.

Mas si os dois irmãos foram senhores da parte da Atlantida, que mais se avizinhava Europa do que as ilhas, que por essa conta são vestigios da submersão e em algumas se não acharam habitadores como nas de mais * seria por que o terremoto, como diz Platão, cahio do céo tão vehemente que alagou a terra fazendo-a mar, e mal poderiam os descuidados que nos altos das ilhas ficariam sem mantimentos, ainda que tudo se não cobrisse, ter amparo, que rezistisse á fome e frio dos individuos molhados, sacodidos, e corridos de tal castigo; razão por que se não poderiam extinguir os que se acham pelas ilhas do meio-dia e zona, que correspondem á Africa torrida; por que de comer lhes não podia faltar, pelo tributo que entre tal gente

(*) Si este foi o segundo diluvio, que houve depois do universal, como afirma Ptolomeo, parece que não deixou para aquella parte altura que não cobrisse, nem o terremoto terra que não revolvesse, como confirmam os cedros enterrados, e ossos de animaes immensos desenterrados.

costumam os mais fracos pagar aos de mais força, ainda sem necessidade, quanto melhor quando a tivesse; e por mais que se molhassem, então por seu regalo se molhariam melhor, como aquelles mares quentes permitem, e elles costumam assim fazer no mar, como os que em terra se acham hoje entre os Europeos. Chovendo, os que estão vestidos se despem guardando as roupas, e depois de passada a chuva e o couro enxuto se tornam a vestir. Por isso assim Indios como pretos me obrigam a acommodar-me em parte com a 2ª. e 6ª. opinião, não porque sejam descendentes das tribus, nem de Ofir, neto de Eber, primeiro que deu adoração a Deos; mas por que me não persuado lhes quizesse Nosso Senhor tão pouco e desamparasse tanto sua descendencia que, sendo homens, parassem brutos nas obras.

§ 9. De mais pequeno é o Estreito de Magalhães, que divide a America da Terra Queimada, por onde mui bem poderiam passar ao reino do Chile e Perú, e correr pelas Indias Occidentaes e toda America; mas para da Oriental se passarem á Queimada é toda dificuldade; por que, suposto corre para o oriente como timbre da America no coração do mar, em seu centro fenece sem chegar á terra firme, como testimunham aquelles mares hoje tão sulcados, assim dos Espanhóes da Nova-Espanha, que do sul da America navegam pelo poente para as Filipinas, como dos Portuguezes, que pelo oriente navegam para a India; e deixando a dita terra em meio, depois descorrem por aquelles mares, e se vão encontrar em varias conquistas, Molucas e outras, principalmente na cidade de Manilha, metropolitana das Filipinas, onde ordinariamente vão da India os Portuguezes a seu negocio, Chinezes, Japonezes, e gente de todo o oriente sem jamais haver noticia de tal terra, que para o sul fenece em ilhas, como para o norte termina a America.

E das tribus, que os Judeos divulgaram por perdidas, consta só serem por seus pecados cativas e divididas as do reino de Israel pelos Assirios em Ninive, e as de Judá em Babilonia por Nabucodonozor, donde todas foram restituidos á terra da promissão, como havia profetizado Ezequiel, cap. 37. v. 21, e a profecia d'Esdras

atraz apontada diz: « *Unusquisque regionem suam*, que não significa perdição. Mas esse conceito se faz dos Indios, são por inclinação traidores, medrozos, covardes, supersticiozos; tomam por suas mulheres as cunhadas, que ficam viuvas; e aos que por mais graves parentes não matam em vida, queimam-os na morte, e bebem-lhes as cinzas por exéquias; tudo o que podem fazer ás avessas não o fazem ás direitas, como a varrer as cazas da porta para dentro; o que podem levantar com os dedos dos pés, não se abaixam com a mão, e tem algumas palavras similhantes, chamando á chuva *mana*; quando se despedem, dizem *ajericó*, que quer dizer vou-me: assim tudo isto bem combinado das ditas opiniões, inda se deixa vêr, que da mesma maneira que toda a Azia e Africa em si recolhem muitas nações, assim poderiam passar á America estase todas as apontadas nas opiniões atraz, e n'ella viverem, quando existia a Atlantida.

Mas os Indios, que proximamente poderiam passar á America e se acharam na America, são tão similhantes aos pretos da Africa em ritos, costumes, exercicio, uzança e leis, como si ambas estas duas nações fossem uma, mostrando trazerem seu principio da primeira propagação do mundo e da escoria d'elle, como herdeiros e imitadores da maldição de Cham: todo o que fez crime foi escravo com sua familia, e é mandado vender pelo seu principal na America, como em Africa os pretos são vendidos pelo seu rei; todo o que chegou a ser ladrão adulterino, ou por qualquer outra culpa similhante, fica escravo com toda sua geração; e como seja de fé, que tribus, pretos, Indios, e os mais todos descendemos de uma parte, e a divizão das linguas sahio da Babilonia, de lá todos trariam costumes e linguas, ainda que uns já fossem escravos e outros senhores; e assim se começou o mundo, *ut supra*. Por que si aquella maldição foi dispozição divina, assim se acha ao pé da letra cumprida nos Indios como nos pretos; quem entre elles foi valente, é senhor, e quem mais fraco é torna-se escravo, e muitos são escravos de escravos.

§ 10. Começou-se a repovoar d'aquella parte de Azia o mundo de Noé e seus trez filhos, Sem, Cham e Jafet,

e depois de multiplicarem com suas familias juntas em a memoravel Babilonia, se dividio cada um pelo mundo com os seus, Genes. cap. 11. Sem se apoderou da Azia, de quem procedem as nações orientaes e os Ebrêos, tomando nome de Eber; Jafet se apartou para Europa, de quem procedem as nações d'ella; e Cham seguio para a Africa, de cuja familia se povoou e seus contermos, como refere Torentilo no discurso universal em a segunda idade. E povoadas as trez partes do mundo de alguma d'ellas vieram os Indios para a America, quarta parte do mundo, que se achou no coração do mar.

Da Azia Menor se mete Africa em meio, e da Maior, como alguns supõem, passariam emigrantes pelo estreito de Anian: opinião parece mais que fundamento, pelo pouco indicio que dão, que d'aquellas nações politicas do Oriente, que correm para aquella parte, e têm o gran Cataio da Azia (que com o dito estreito contesta) podesse proceder gente tão barbara como os Indios; e si pelos mares que estão descobertos rodearmos a terra firme das primeiras trez partes do mundo, que se povoaram e sabemos estão unidas, Azia, Africa e Europa, buscarmos por onde se lhe possa tambem unir a America, quarta parte, e chegarmos pelo norte aos mares dos Moscovitas, que contestam com os Tartaros, e pelo oriente aos dos Chinezes, que com os mesmos Tartaros contestam, e a estes perguntassemos, si a sua Azia Tartaria vai contestar com a America, que do norte dá volta para o poente, ou pelo sul rodêa tanto que seja a terra firme, que se escreve dos insulanos Japonezes correr-lhes ao poente, por onde alguns individuos podessem passar para a America, de que procedam os Indios, responder-nos-iam os Tartaros, que aquella terra ao poente dos Japonezes é a sua Azia, que vem dando volta, sendo para Europa oriente, por onde o estreito de Jesse, por outro nome Anian, divide a Azia da America; mas que tal gente não podia proceder d'elles, porque, suposto que barbaros, não o são tanto que se chegassem a cativar e comer uns a outros; porque inda assim para aquella ruim parte parece, que propagou melhor irmandade, além de que elles não chegam a contestar com esse estreito, mas

sim com os que por fòra d'elles correm do Cataio,* gente tão politica que competem com os Chinezes: diga-o a navegação do Moscovita, donde se provê de ricas alfaias, e que dos portos da Luzitania pelo norte da Tartaria frequenta o commercio da Azia exterior.

§ 11. Da Europa é Irlanda a parte que mais se avizinha á America, mas com muita distancia de arriscados mares, por onde tambem se não acharam vestigios de que procedesse gente de tão pouca razão; antes si lá em algum tempo se acharam alguns, como dizem, ou é que aquellas ilhas do norte foram contiguas á America, quando existia a Atlantida ou seriam dos que se despenhassem da extremadura de Guiné, como nas Canarias se charam outros, de que hoje procedem algumas familias de gente servil, a que chamam Guanxos.

No norte e sul é o clima inabitavel, e só da parte de léste a costa de Africa pela zona torrida desde o Cabo-Branco até o reino de Maçambique corre parelha com a da America e Terra-Queimada, com ventos, aguas e climas tão favoraveis como se pedia para tal gente; de maneira que, não vizinhando de mais perto, ainda assim, com 20 dias * de bom sucesso podiam de qualquer parte, que despegassem de uma costa portar na outra * da de Guiné na da America, que corre para o norte, da de Angola na do Brazil, da de Moçambique na Queimada; por onde estas duas partes do mundo mostram em algum tempo ter dado quazi a mão uma a outra, como declaram Platão e os mais filozofos. Esse intento fazem as ilhas, que pelo meio d'aquelles mares achamos povoadas de pretos, sem em nenhum tempo por elles constar derrota alguma, como a de Enéas, ou qualquer das apontadas por nós ou outra similhante, que por ali portasse e deitasse aquella gente; porque fazendo os homens memoria

---

* Este Cataio, por outro nome Tartaria oriental, são os Tartaros, que hoje têm conquistado a China.

* Pelas ilhas de Santiago e São-Thomé.

* Pelas ilhas de São-Lourenço e outras, que por aquelles mares se tem achado habitadas de gente preta, signaes que bem mostram taes derrotas ou vizinhança das mesmas terras.

das couzas do mundo, depois que n'elle se começaram a entender por seus caracteres em pedras e taboas até virem a papel, nunca houve quem désse noticia de taes ilhas nem da zona torrida de vista, mas só por fé, tendo por impossivel ser habitada. E si o navegar por altura se descobrio depois que se principiou o descobrimento da India pelos Portuguezes, a quem imitaram as de mais nações? Como logo a dos pretos, sendo a mais barbara, se achou já n'aquelle tempo habitando por todas essas ilhas d'esse mar zonido, que ficam em meio da America e Africa, mas tão amaradas que muitos pilotos hoje, partindo de terra em sua demanda, as erram? Segue-se, que, ou as duas terras em algum tempo vizinhavam de mais perto, do que parece não não haver duvida, conforme tão graves testos, ou se despenhou tanta gentilidade de toda essa costa torrida, que não houve ilha, como as que se acham povoadas, vindo da India, e as de Cabo-Verde e São-Thomé, que de uns ou de outros deixasse de ser encontrada, e muito mais quantidade se desgarraria até dar na America, que lhe ficava de nascente ao poente, que é o seu astrolabio, por onde inda hoje se governam, quando se perdem, ou nos matos se acham empenhados.

§ 12. E o certo é, que só gente, que não tem lei com seu pai, nem sabe dar quartel a ninguem, podiam obrigar os mais fracos e de menos condição, que já não achavam terra para onde se retirar, a irem buscal-a por esses matos, e viver ou morrer, por não dar gosto a seus inimigos, como sucede muitas vezes, ainda em gente boa. N'isto os Indios são tão desesperados que quando os conquistavamos, fazendo-se alguns fortes em algumas cazas, não aproveitavam boas praticas, de que rendendo-se os não haviamos matar a sangue frio, nem comer, e outros similhantes, a que não bastando nada, e largando-se-lhes fogo às cazas, para que saindo d'ellas os pegassemos, se deixavam muitos antes abrazar, e fazer em cinza pegados uns de outros, do que renderem-se, constando-lhes alias o nosso bom trato. Seguiam outras barbaridades similhantes, que todos os dias estamos vendo em pretos e Indios como gente que não estima a vida em nada; tanto que em qualquer d'elles dizendo quer morrer, cerra

com todas as suas forças e boa dispozição os sentidos vitaes, recolhendo o folego e sem respirar, e em menos de um quarto de hora se acha na outra vida; e isto fazem por qualquer paixão, e só em pretos e Indios se tem achado tão diabolico valor. Entretanto mais fariam por escapar dos seus naturaes carniceiros, quando ainda aventuravam a vida e sempre iriam providos com boas talhas d'agua, e matolotage de carne fresca da que em terra lhes serve de regalo, e que melhor serviria nas necessidades do mar, onde sem duvida aprenderam a não perdoar aos mesmos filhos; porque ainda assim só pretos em suas guerras matam e comem aos contrarios.

Pretos e Indios em tudo são similhantes nos vicios e feições, como nos narizes e outras grossarias; e ainda na côr muitos Indios são pretos, como os naturaes de Angola, e outros de Angola são vermelhos como os da America; e si no cabello, nos pés, e em parte na côr diferem é o que vae delaborantes em terra firme * e rigoroza com ardentes vsapores que por cima d'elles da parte da mesma terra sempre correm ambulantes em terras alagadas, * sombrias, e regaladas de ventos mareiros, naturalizando-se aquelles tostados, segundo o desabrido clima em que pararam, e estes sombrios, segundo as amenas terras que acharam, e juntamente para se chegar a apurar o sangue n'aquelle ponto torrido, seria necessario mais centenas de annos do que lá viviriam os Indios.

Não falta quem diga, que, si a côr preta procedesse do sol, haviam os pretos, que vivem nas nossas terras ou seus filhos, com a continuação do tempo, tornar a ser brancos, e os brancos que vivem nas suas, da mesma maneira se fariam pretos; mas não reparam, que os brancos não andam nús ao rigor do sol como elles, nem elles se podem em outro clima fazer brancos, emquanto não tiverem fomento de outro sangue; porque o seu já se apurou n'aquelle ponto torrido, obrando o ardente clima com

---

* Como é torrida.

* America. Tanto é assim que até as pedras da Africa torrida são negrissimas, como queimadas, sem haver nenhuma branca.

a dilatada frequencia o que o fogo obra n'um instante. * São effeitos do sol e olhemos para a nossa Europa: quanto mais ao norte, mais branca é a gente, e com cabello corridio sem degenerar ainda que mudado para outro clima, emquanto com outro sangue se não mesclam, e logo a vemos mais trigueira e crespa, andando para sul, como no nosso Alemtejo, Algarve e Andaluzia. Bem trigueiros são os individuos passando a Africa, e tão trigueiros como mulatos na Estremadura, que espraia ao castello de Arguim até Cabo-Branco, onde começam os negros; até o reino de Melinde, contiguo ao de Moçambique, onde acabam os homens de cabello frizado, e começam os Etiopes do preste, vermelhos de côr e de cabello meio crespo, mostrando o clima da zona, que principia em Arguim e se despede na Etiopia. * Logo se seguem os Arabes da Petrea trigueiros até o estreito de Mascate, que do mar, a que chamamos Rôxo, desemboca nos mares da India, dividindo a Africa da Azia com 40 leguas de largo, á margem do qual se dilata a rica Persia, de gente branca e bem disposta, pelo menos a que corre para a Trapizonda, que é afaramengada; ainda que os individuos que se estendem para a India até o Dealcão sejam trigueiros, e hoja grande variedade de rostos e cores, por aquelle Oriente, uns mais vermelhos, outros mais negros, como os de Meliapor, dos quaes vai pouca diferença na côr aos de Guinè, e si bem sejam conformes ás influencias mais ou menos dos climas, a mais urgente concluzão é ser obra do Creador, que parece quiz, que fosse seu mundo assim para gloria sua, e para termos mais que lhe louvar, olhando uns para outros.

§ 13. Porém todas essas nações do Oriente, por mais denegridas que sejam, são de cabello corredio e politicas;

---

* Sol decoloravit me.

* N'este estreito ha varias ilhas; a principal é a celebrada Ormuz. No estreito desaguam os rios Tigres e Eufrates; e estes dizem nascer no paraizo terreal, como os naturaes certificam por misterio não se lhes poder passar de certo limite para cima, achando-se sempre em um lugar, ainda que lhes pareça, que andam para diante; mas o verdadeiro Mar-Rôxo da Escritura entra pela Meca em Africa, dividindo as Arabias do preste e do Egipto.

mas gente de cabello frizado só se acha da costa de Arguim até a de Melinde, sem politica e carniceiros uns de outros, como os da America, supposto que com alguma melhor razão, e os Americanos sem nenhuma: e permitindo-se cativeiros, não só de pretos d'Africa, como tambem dos politicos Indios orientaes, se ficam ignorando as razões dos Indios da America, sendo de todos no mundo os mais inferiores de capacidade, pois a larga experiencia, de quem os trata, em menos conta os avalia; sendo que, si o Sol, onde mais fere com seus raios, não infunde cativeiro, graciozo fundamento parece o dos effeitos do clima, por cabello assim ou assim; no natural e na condição das nações parecia mais razão fundar-se escravidão.

Negou Nosso Senhor a Cananéa o que lhe pedia, dizendo não dava o pão dos filhos a cães; não por magoar a pobre mulher, que com fé o rogava, e a quem com effeito serviria, mas por falar assim pelo geral de sua nação e mostrar, que pelas obras se trate cada uma, e não pelos cabellos.

Poucos annos ha, que de uma nação, que os Paulistas aprizionaram por infestarem a Bahia, se remeteram alguns a Lisboa, de que o povo se retirava, ou pelo menos se antojava, não lhes sabendo o nome mais que de papagente; e logo de Cabo Verde chegaram alguns pretos, que todos olhavam com mais carinho, e é de notar tanto conhecimento dos Indios na prezença e tão avaliados na auzencia, ficando os pretos em menos estimação, em que ha experiencia de melhor capacidade, e os Indios tão alheios d'ella que de gente parece não têm mais que a similhança, pois não ha animal, por mais feroz que seja, que chegue a ser devorador de seu similhante, como elles fazem, comendo-se uns a outros, não só aos inimigos, como os pretos, mas quando estes lhes faltam, si não têm escravos para desbastar, se tornam aos parentes mais desamparados, e em falta aos mesmos filhos; do que ha varios exemplos, como sucedeu a meu vizinho Manoel Braz, que, vindo-se-lhe dar parte de uma India, sua escrava, que na roça tinha morto um filho, acudindo lá, a achou sentada ao fogo, fazendo da cabeça do filho frigideira com as tripas e miudos dentro, e mexendo; e

perguntada a razão, dice, que comia aquelle filho por lhe não fazer falta, pois inda lhe ficava outro.

§ 14. Este nome de Indios aos da America se lhes impoz de nome que os Espanhoes deram ás suas conquistas das Indias Occidentaes; ou para melhor dizer, el-rei de Portugal deu a uma e outra couza este nome, como no cap. I fica dito; mas Tapuios é o nome proprio dos naturaes, como elles a si mesmo se chamam, sem saberem uzar do nome de Indios, que os brancos lhes deram.

Mas na verdade Nosso Senhor ou fosse por meus pecados, ou por más inclinações d'esses barbaros incapazes de muito fruto, parece os incapacitou d'elle, remontando-os por taes labirintos de matos, de que é coberta toda a America, correndo por todo esse Brazil, Indias Occidentaes e para as partes incognitas de norte e sul, até se lhes não saber fim por essa terra do Bacalháo adiante, onde esses habitadores de couro vermelho se acham avantajados na politica do vestir: umas pelles de veados, obrigados pelo clima.

Mas sendo para elles esses dilatados bosques tão faceis, são para os brancos tão dificultozos e medonhos, que em se entranhando pelo mato a quatro passos se perdem, e si não vai algum Indio buscal-os, lá perecem. E não são só estas as dificuldades que incapacitam esses mizeraveis, para jamais poderem ser acabados de penetrar, commerciar, polir, nem instruir na doutrina christan; mas tambem a confuzão de linguas com que estão confundidos, sendo necessario cada maré, umas vezes mais outras menos, negociar por interpretes: donde vem a grande dificuldade de nunca poder ser cultivada tanta remotidade, nem poderem ser tantos os missionarios, como são as inumeraveis linguas e aprendel-as todas e penetrar todos n'esses incognitissimos sertões e dilatadissimos bosques, rios doentios e cheios de pragas, e morrendo uns irem logo outros com a sucessão das linguas; e menos são os Indios capazes de aprender uma lingua geral, como entre nós a latina, por onde se lhes possa estabelecer a fé, perseverar em couza boa alguma, nem mais fé ou rezistencia que a tudo sim, sim, e é o mesmo n'elles que nada, nada.

Demais si ha razão para se cativarem pretos, desterrando-os de suas terras, menos escrupulo parece se podia fazer de possuir Tapuios cativos, ficando no seu natural senhores de suas plantas e criações os que d'ellas querem tratar, como si não fossem cativos. * Nem tal cativeiro se póde tomar pelo reputado dos theologos na Europa, onde ha fome e frio, e os cativos vestem e comem só o que seus senhores lhes dão, e no Brazil vai tanta differença, que basta saber-se, que não ha fome nem frio; comemos por mão dos Indios, e quando elles querem. Mas seria justificada forma o resgate pela fazenda real, como avizou o governador Gomes Freire de Andrade; e melhor seria si os missionarios enchessem os sertões, e tivessem resgates com algum tezoureiro, cada um na sua rezidencia, onde por seu avizo, estando feito, se mandassem buscar.

§ 15. Foi Sua Magestade servida mandar prohibir insaciaveis cativeiros de Indios pelo máo modo, com que se faziam, como é certo. Ia um cabo ao rio das Almazonas, com grande carga de resgates, constrangido de quem o mandava, encarregando-lhe que mandasse mais e mais indigenas; bem ou mal havidos, era o menos que se examinava. Muitos que desde o principio da conquista estavam servindo aos Portuguezes por amigos e companheiros, outros que quando buscavam a paz, que com signal de christandade se lhes havia prometido, então se achavam com a liberdade rendida. E assim permaneciam, como se experimentava uns matando aos senhores e fugindo, outros comendo terra e morrendo, e as femeas tomando medicina para não gerarem; e si algumas d'ellas chegavam a ter fruto, umas lhe faziam como me sucedeu, que comprando duas Indias com uma cria se meteram pelo mato, e dahi a trez dias voltaram fartas, mas sem o filho; outras ensinavam a comer carvão, cinza, cascas de páo, terra e outras desesperações, com que uns e outros se malogravam.

Comprava um morador dois escravos, e antes que os podesse pagar lhe morriam ou fugiam; tornava a

* Não digo, que nós os possamos cativar: mas que passamos compral-os a quem os tem n'essa conta, e possuil-os.

comprar outros e outros, e sempre devia mais do que grangeava.

Metendo 10 escravos em caza, dahi a 10 annos não havia um; mas fugindo um cazal para o mato, achava-se dahi a 10 annos com 10 filhos.

Estando já todo esse mar ou rio das Almazonas com seus contornos espantados e tudo despejado, era necessario chegar aos Solimões e Cambebas 2 mezes de viagem para alcançar alguns escravos; com o que bem se deixava ver, si esta negociação não tomasse melhor fórma, ficando atraz o gentio espantado, destruido e retirado, o pouco que podia durar tal negociação, e onde, daqui a outros 70 annos, seria necessario chegar para alcançar algum Indio ou fala d'elle.

Mas parece sucederia ao Estado melhorar, si procedesse á imitação das Indias Occidentaes, onde com os Indios serem de mais razão, possuindo tezouros com suas populozas povoações, em que hoje tem mizericordia, republicas, escolas de ler e escrever e toda a politica espiritual e temporal, comtudo alguns ha livres * por sua *bona antiqua pace*; ha outros de administração real, que todos os annos se põem em praça, e quem mais dá os leva n'aquelle anno com um só dia rezervado na semana para seu descanço ou serviço, e outros são possuidos pelos Espanhoes como commendas por administrações, tendo tambem na semana um dia, e alguns, por alguma melhor razão, dois dias, e os demais dias para seus administradores, e si o administrador ha mister aquelles dias, paga-lhes querendo elles *, ficando em heranças a filhos e netos, que assim lhes estaria melhor por se não empenharem na compra e melhor se lograrem.

---

* Os livres são os que de boa vontade offereceram a paz; os que tem dois dias para si são os que se venceram com dadivas e fizeram custo; e os que têm um dia são os que se resgataram, ou se constrangeram por armas, dos quaes tocaram os quintos a el-rei.

* Suposto que hoje se tem reduzido a maior parte a feudatarios, assim por mais limados já na politica, como porque assim lhe achariam os Espanhoes melhor conta, excepto os livres de sua criação, que esses sempre o são; porém cada anno paga tambem cada cazal d'estes um tanto a el-rei como ciza.

Tambem ha algumas nações, que nunca quizeram paz, como, para a parte do sul, os Chilis, que são os que se estendem do Perú para o estreito do Magalhães, e os Chichonecos, que são os que correm da Nova-Espanha para o norte: os que d'estes se podiam aprizionar eram cativos.

§ 16. Os generos de serviço são dois, lavradores e mineiros. Os Indios livres servem a quem querem, e em qualquer d'elles chegando a ser cazado paga 12 reales todos os annos a el-rei, e só é escuzado do feudo todo aquelle que se sugeita a servir a qualquer dos senhores das sobreditas fabricas. Si estas não foram defezas aos governadores, não só seriam sós os senhores d'ellas, mas tudo estaria já arruinado, tanto porque ninguem lhes prefiriria no serviço dos Indios, como porque para satisfazer tão repetidas sêdes, não haveria já vontade de Indio, que não estivesse esgotada. Mas parece, que se considerou bem este ponto christão para se lhe atalhar, sendo lá as terras tão abundantes que a carne sempre fresca é quazi de graça, e de tudo tão ferteis, descobertas e proporcionadas ás de Europa que lhes excedem na abundancia; e assim si os Indios lá faltassem, não fariam tanta falta como nas do nosso Estado, nem as razões de suas vexações correriam tanto risco.

Das mesmas administrações parece se poderia uzar no Pará e rio das Almazonas, si no Maranhão com o commercio livre, e com o do Brazil por mar e por terra, se sugeitassem os gentios dos seus sertões, e si com porto franco e caminho aberto para o Pará se escusasse a porfia do rio das Almazonas, tão odioza aos Indios obrigados áquella larga passagem, como custoza aos brancos por tal contenda. E justo seria, porque si no Estado ha 2.000 vizinhos, e amanhan forem 3.000 e 4.000, dificultoza couza seria haver tanta administração, podendo cada terra ter seu grangêo, para não haver confuzão que muitas vezes serve de perdição, cujo remedio seria mui urgente tomar fórma em primeiro lugar, *ut supra*, ou como mais acertado parecer.

Têm os homens do Maranhão como um irmanal e honesto ciume dos do Pará pela melhora, que lhe consideram; e os do Pará dezejam, que os do Maranhão se

passem para elles, e todos partecipem das melhoras, que o Estado com mais facilidade offerecer.

De utilidade parece seriam estas administrações com uma diferença das Indias de Castela, por que si la puxaram por todos os que poderam trazer a si, por não terem outro pertence, pelos seus sertões, assim não devemos fazer nos do Estado do Maranhão, por onde ha varias drogas, e sempre se necessita de estalagens, companheiros e amigos praticos, para o instrumento de se aproveitarem e reduzirem ao domestico portuguez os silvestres, a quem elles chamam Cauanas. Convem ter por administração todos aquelles que se não chegassem para os rios e passagem dos brancos em aldeias grandes, capazes de se poderem administrar, ou d'ellas se retirassem, e em primeiro lugar isto convem os do Cabo do Norte, que para a nossa parte se não quizessem chegar.

Em todo o mundo se obriga a gente vadia a sair da ociozidade, e a que sirva e aprenda officios; não sei, que gente seja mais ocioza, e que maior privilegio tenham os que de graça deviam servir, só por participar do exemplo christão, a qual condução se poderia fazer em esquadras, tropas ou escoltas, na forma da lei.

Os cabos ou feitores propostos pela camara ou pelo superior das missões ao maior, e que elle elegesse, conforme a necessidade e prestimo de cada um, assim como os particulares que em cada escolta commodamente podessem ir, entrariam com os gastos da expedição. A repartição das familias, que trouxessem, se devia fazer depois de virem ao povoado, com muito cuidado de se não dividirem os parentes chegados e isto em prezença do maior que governasse, do senado, ordinario, provedor da fazenda, ouvidor, missionario da jornada, cabo e mais companheiros, para que tudo se acommodasse com boa razão e consciencia, e ali se julgasse, praticasse, e se fizesse termo dos dias de serviço, que ao escravo consignasse para si, e para seus administradores, conforme o custo e rezistencia que fizera e ao estilo das Indias de Castela, e quanto aos que nos agravassem, ou a nossos alliados, ficasse á eleição dos maiores o desagravo e a rapartição, *ut supra*; dados os quintos para a real fazenda, tudo de administração.

§ 17. Porque si os Indios, conforme as bullas apostolicas, são vassalos uns de el-rei de Portugal, outros, del-rei de Espanha, parece poder cada um constranger os que lhe toca, a sair dos bosques, para onde lhes assinarem, e impor-lhes as condições que lhes parecerem, com que melhor se possam cultivar: e tendo ainda a direção da salvação de suas almas, de que elles não sabem fazer distinção, mas ficando a lei em pé, ut. cap. 4 para todos os mais de qualquer qualidade e condição que fossem, não sendo na forma da dita missão.

Poderia Sua Magestade a custo de sua real fazenda (sem ser obrigada) mandar resgatar por todos esses sertões os escravos, e pol-os em liberdade, a troco de 20 ou 30 cruzados, que em 4 ou 5 annos se poderiam gastar n'essas despedições. Mas si em quanto houver matos na America não deixará de haver n'elles Tapuios, nem entre elles escravos, donde poderiam sair esses continuos cabedaes, si não dos mesmos Indios?

O meu parecer, que não alcança tanto, é, que assim por administração, como por resgate todos os que seus principaes espontaneamente oferecessem, ou por industria e sem escandalo, se lhes podessem tirar, e como elles tambem costumam oferecer alguns, por creados em sinal de paz aos missionarios, ou aos seculares acompanhados dos ditos missionarios de boa experiencia, sempre parecia caridade ou rigor deixarem-se por qualquer modo de conduzir para o gremio da igreja, ainda que a troco de uma liberdade sugeita, dando-lhes amo que os defendesse e amparasse, como couza sua. Do mesmo modo me parecia escuzado exame do justo ou injusto cativeiro dos que por taes se oferecessem: porque os que elles chegam a ter n'essa conta, si lhes não aceitamos, que sejam escravos, parentes ou filhos, tudo é a mesma couza, para elles terem que matar, e trespassar nas ocaziões em que o costumam fazer, porque com o seu *xeramunha ropi*, como elles dizem, que vem a ser a doutrina de seus antepassados, em que estribam todo seu credito, os indomitos carniceiros não escuzarão por nenhum haver; pois estimam elles mais o matarem e terem uma assadura humana em suas festas, vizitas de amigos, acabamentos

de dó, quando se armam cavalleiros, e em todo o tempo com que se possam prezentear uns a outros, do que quanta fazenda, ouro, nem prata ha no mundo.

E convinha, que se podessem aplicar a parentes deixas e quaesquer obras pias; e tambem por dividas os podessem os credores penhorar nas taes administrações, para alugar o serviço até se pagarem, por não perder credito o commercio, e ser este grande parte para crescerem as terras, excepto os agressores de maleficios, sendo necessario apartal-os d'ellas e da ocazião para outras vivendas, vendendo-se-lhes o serviço por preço commodo, conforme a obrigação e certidão do livro, para que assim se reportassem de seus vicios, e por este meio se evitasse aos moradores varias inquietações de perturbadores, cabeças de fugidas, feiticeiras, e outras similhantes maldades, de que nem sempre se póde tomar conhecimento pela justiça, entendendo-se esta excepção mais com os que foram constrangidos por armas, ou oferecidos pelos seus naturaes por escravos, que são os mais inclinados a avessas disparidades.

§ 18. Entre alguns escravos que possui havia algumas moças capazes de ter fruto, e sendo gente que não sabe gastar o tempo ociozo, a nenhuma se lhe lograva; mas vendo eu que uma tinha já morto quatro filhos, o primeiro com terra, que lhe ensinou a comer, sendo de 7 annos; o segundo tanto que o pario, lhe deu com a cabeça em um pao,* e quando se soube que o tinha enterrado, se foi achar ainda palpitando, mas já incapaz da agua do baptismo; o terceiro e quarto com uma erva que bebeu os deitou antes de tempo, e feita toda a diligencia de castigo sem emenda, ultimamente a vendi para o Maranhão; com o que as outras, que até aquelle tempo seguiam as pizadas d'esta, ainda que com castigo sem emenda, tiveram alias alguma, depois que a viram desterrar. Fiz com ellas novo concerto e declarei, que toda a India, que gerasse, tanto

* E toda a desculpa d'esta era por não haver negro que com ella quizesse cazar, por soberba e rezoluta, temendo-se que, por qualquer desconfiança de ciume ou outra couza similhante, o mataria com seus venenos, como costumam por ser gente que não teme a Deos.

que parisse, pela criação eu lhe daria panno para uma saia, aliás iria pelo caminho da outra; industria com que até as velhas fizeram sua diligencia, * excepto uma que pela não querer um Indio, com quem ella queria cazar, me disse: Branco, eu não tenho já gosto de estar n'esta companhia, vende-me, si não queres, que eu morra. E querendo-a eu contentar com palavras, para a não vender, antes que se passasem dois mezes, se achou na outra vida.

Os pretos se sugeitam por rigor, mas os Tapuios por amor * se conservam melhor, e o que com a reprehensão e boa pratica não melhora, mais se obstina com o castigo; pelo que por muitas razões parece que valeria mais alivial-os d'este, com que não fossem izentos do outro os malfeitores, ainda que de administração assim para exemplo de outros, como ainda para a salvação dos pertinazes, apartando-os da ocazião. E suposto ao principio algum estranhe o apartamento, logo aonde vai acha novo amo, que o agazalha, e estima como couza sua, onde ganha novo amor, novos costumes, e emendando-se se arrepende e esquece do passado. Os Indios que de seu moto proprio o pedissem, tendo cauza, se lhes mandasse escolher amo á sua vontade, não se desaviado no preço pelo serviço, conforme a obrigação, e os que de qualquer jurisdição se passassem a outra, fossem obrigados os moradores (e toda a pessoa de qualquer condição que fosse) a não os açeitar, nem cazar indigena algum fóra de sua jurisdição, com pena de ficar obrigado o conjunto a voltar com o primeiro inquerito, ambos para a jurisdição donde se apartou, com perdas e dias de serviço do consentidor, para que em tudo houvesse quitação, e o ministro que devassasse todos os annos de quem pervertesse a fórma de repartição, o fizesse tambem dos administradores, tirando-lhes o uzo da administração, si não tratassem os Indios como filhos; a

* Para quanto querem obrar de mal ou de bem conhecem ervas d'aquelle prestimo; as estereis concebem por virtude de uma raiz e tambem varejas bebidas em tacacá, e o mesmo no reino se pode beber em caldos de goma.

* Mas amor quanto os obrigue, porque o verdadeiro não o sabem conhecer, e com elle se deitam a perder.

primeira vez por alguns mezes, a segunda por anno, e si chegasse a terceira, como parecesse; e ainda por capitulo de vizita deviam os prelados proceder do mesmo modo.

Mas deviam as religiões dar cada uma por seo turno o missionario, como dispõe a lei, não o podendo dar sempre uma, assim para os sacramentos dos que fossem nas viagens, como para correr por sua conta não haver desordens com os Indios aliados dos sertões, para se não perder o commercio, si se puxasse por todos os que ficassem mais á mão, e uns com outros se não acabarem de retirar, constando-lhes violencia. Dos sertões a dentro viessem, como parecesse, mas dentre os amigos, os que de sua vontade e commun parecer se quizessem descer para a caza de qualquer morador de familias e honesta vida, segundo a necessidade de cada um, tratando-se os d'esta qualidade como companheiros, sem que por nenhum cazo se podessem aliar nem mais obrigação que a que elles para sua conservação quizessem sugeitar para com seus amos, aprezentando-se todos e registrando-se, para que do livro das missões constasse em todo o tempo tudo, e não haver descaminhos, aliás com a pena da lei.

§ 19. Nas Indias de Castela nunca os Chilis, que se estendem para o sul, e os Chichomecos, que vivem para o norte, quizeram admitir a fé nem paz, por terem para onde correr e não se poderem constranger, e os demais pelas trez seguintes razões se sugeitaram :

Pelos homens de São-Paulo lhes varejarem as costas; por não haver n'aquelles sertões as nossas ocaziões silvestres, com que fossem maltratados dos Espanhoes; e por os campos lhes darem lugar a atravessar as terras centenas de leguas. Assim fizeram suas cidades com os naturaes, e nas suas antigas vivendas as administrações, vivendo com elles os senhorios, ou pondo-lhes pessoa que ordinariamente é o capelão, por assim o permitirem aquellas felicissimas conquistas e descobertas, como melhores que as da Europa, capazes de se cultivarem todas, como fizeram pelas mesmas habitaçõos dos Indios, aproveitando-se não só dos seus grandes haveres e frutos, mas tambem dos de Espanha, que com abundancia se produzem, e tanta criação de toda a sorte, que os couros do

gado, ainda que baratos, valem mais que a carne. E' a primeira riqueza do mundo o gado, de que os homens comem, vestem e se calçam.

Mas para nos sertões do Maranhão ou do Pará haver administrações da capitania do Gurupá para cima, não promete a experiencia tão recta utilidade, assim pelas desordens passadas com os Indios dos sertões, como por ser necessario que os que servem de estalagem e companheiros sejam communs para o modo de viver do Estado. As terras são incapazes de criações, nem mais remedio ha para a vida que olhar para as mãos dos naturaes, e si estes não trazem caça do mato ou peixe dos rios, não se come, vivendo-se com inquietação por estas dificuldades. Os Tapuios são tão remissos, que, inda que nos rios e matos não falte provimento, * buscando-se, não sendo constrangidos, se deixam ficar mezes e tempos em uma rêde, sem mais sustento do que os seus vinhos. Por se não molestarem, passam mal pensados e mal pensando a quem com elles vive, e d'elles depende; gente sem razão nem caridade, tanto que si uma pessoa quer agazalhar um pobre ou mandar um peixe, já o pescador, si com má vontade pescava, com peior fica; e si vai quando o mandam, volta quando quer, e da mesma maneira procede para qualquer trabalho, dizendo entre si: Para que quer esta má gente branca cabedaes, e comer sempre carne ou peixe, aborrecendo taes exercicios, e a quem d'elles trata, ou os faz tratar? Mas como os labirintos dos matos, rios e lagos, por onde se vive, não permitem poder-se viver sem elles e raras vezes se acha quem por seu gosto perca o amor á patria, ou ao seu bosque, se devia uzar dos Indios descidos e dos cabedaes commodamente para que depois, quando voltassem em companhia dos brancos a suas terras, obrigados do bom

---

* Mal póde ter fartura nem riqueza quem a pretende de inimigos de toda a virtude, que, não querendo ser bons para si, o sejam de boa vontade para outrem, porém como não ha regra sem excepção, assim ha tambem Indios com melhor natural uns que outros e com algum amor aos brancos, e ás casas em que se criaram, emquanto os não tiram do seu curso e inclinação, que e obrarem de furia tudo, e por officio nada; varios, amigos de novidades e guerras, offerecendo-se-lhes ocazião a seu modo.

agazalho,servissem de instrumentos para sahirem do mato outros, chegando assim de passagem, onde não podesse ser de assistencia, baptizando o innocente, si estivesse para morrer, introduzindo a doutrina a quem quizesse receber, resgatando os que estivessem para ser comidos aquelle dia, ou sua hora lhes chegaria, sacando tudo o que podessem d'aquela vinha de Lusbel e passando para a de Christo, n'aquelles dilatados bosques, lagos e rios, que por infinitos será o mais que se poderá cultivar e pastorar, quando Deos fôr servido fazer mais milagres do que quando veio ao mundo com seus discipulos. Si algum d'elles passou ás americanas praias, não fez muito fruto, quando mais com os remontados, que por todos esses labirintos de matos se vão continuando. Quem lhes podera lá tirar nunca suas guerras e açougues humanos, com que se criaram? Muitos d'elles se viriam chegando para nós por escaparem ao suplicio, si o nosso bom agazalho os convidar, e além de se lhes assegurar assim as vidas de muitos, se lhes ganhariam tambem as almas. Depois entre nós todos aprendem uma lingua * e por ella conseguem a doutrina, e si não aproveitassem todos os adultos, haveria menos duvida nas descendencias, e pelo menos os que assim não melhorassem seria já por culpa sua, e não por dezabrimento nosso.

§ 20 Parece, que nos tempos proximos se praticaram já administrações por trez dias de serviço na semana, pagando-lhes o administrador, em cuja caza não pernoitariam, mas em aldeia apartada meia legua, onde lhes poriam capelão, que os administrasse; para o que antes de tudo os mandaria catequizar por um missionario, para os tirar (querendo elles) de suas terras. N'isto parece, que não acharam conta, os que dezejam leis para guardar, assim pela dificuldade de não poderem ir, pelo menos em companhia do catequizante, a zelar o seu negocio, como por se lhes reprezentar o empenho com infrutifero sucesso, e

* E melhor seria, pelo menos aos que não fossem de lingua geral, que havendo de aprender outra fosse a portugueza, como na Indias de Castella, onde todos com graves penas foram obrigados a falar Espanhol; razão por que se poliram melhor.

pelo pouco lucro de 3 dias a respeito do custo; como tambem por que seria necessario ao senhorio ir dormir na aldeia para os puxar a horas capazes, quando a maré não enche para uma parte sempre pela manhan para virem, e á noite para irem, por serem as vivendas todas encostadas aos rios conforme ao que permitem os matos sem caminhos, e o natural dos Tapuios sobre a agua, em que amanhecem maxos e femeas, como patos nadando e lavando-se.

Si os Indios fossem gente capaz de razão, que n'aquelles trez dias viessem para o serviço com algum conhecimento de obrigação e consciencia, poder-se-ia dar por bem empregado todo o custo que houvessem feito; mas elles não conhecem nenhuma razão, e só trabalham alguma couza emquanto o senhor ou amo com custo anda juntamente com elles envergonhando-os, e ordinariamente não fazem mais que mantimentos para todos, sendo os brancos os que menos gastam. Não têm cuidado algum das mais couzas necessarias para seu uzo; mas o administrador lhes ha de fazer o gosto para os tirar de suas terras com dadivas, sustentos, canoas, vestidos, e ter-lhes roças feitas com mantimentos para todo o anno, dar-lhes ferramentas, panno com que se cubram, ser infermeiro de suas mizerias, a que são sugeitos, e fazer varias despezas para tudo o de que necessitam por não serem capazes de o ganhar; mas só sabem olhar para as mãos dos brancos, por cuja conta correm como escravos de todos. São tão puzilanimes, que, adoecendo-lhes pai ou mãi, não sabem mais que pôr-lhes farinha e agua debaixo da rêde, dizendo que já aquelle não presta para nada, e ali morre o infermo ao dezamparo, si não tem branco que por caridade trate d'elle.

Não sei, si o administrador, fazendo sua obrigação, lhes ficaria devendo alguma couza, ou si elles ao administrador, ainda que toda a semana os ocupasse; porem que seja por dias, ou fosse por mezes, si é licito, que esta puzilanime gente por alguma razão conheça senhorio, e por sua incapacidade só póde pagar alguma obrigação com seu trabalho, esse tanto ou quanto parece devia ser sem pagamento, por que os feudatarios pagam o feudo, que

devem, sem pretenderem mais conhecimento que o de sua primeira origem, e dahi em fóra em outros dias a arbitrio por sua satisfação, para seus ministeres, que elles assim ou assim sempre hão de pretender de quem os deve dezejar augmentados.

§ 21. Na Europa um homem com uma junta de bois um carro, e um arado, e quanta terra com elle beneficie, é mais rico do que um morador da America com trinta escravos, ou pessoas do seu serviço, ainda que quanta terra alcance da vista seja sua; porque si aquelle sem mais gasto que um palmo de ferro faz muita fazenda, e sempre tem o que deixar aos filhos, est'outro não póde beneficiar nada com carro pelas aguas, nem com arado pelas matas, e lhe é necessario muito ferro para derribar as madeiras, muito panno para vestir a gente, anzoes para o mar, facas para a terra, e outros dispendios, com que continuamente se está empenhando; e quando passam de fazer os ministeres necessarios para todos negros e brancos poderem viver, si chegam a lavrar um fumal, canavial, ou realizar uma ida ao sertão por alguma droga, tudo é pouco para o desempenho de entre si e aquella familia; e para não ficar só debaixo dos matos, da sempre tratos ao cuidado de procurar outros Indios em lugar dos que cada dia faltam fugindo, adoecendo e morrendo, do que antes ou depois não podem escapar, sem nunca poder fazer firmeza em nada para deixar a filhos.

Si no Estado houvesse tantos religiozos, ou sugeitos para capelões, como ha moradores, ou como pode haver administrações, com grande alivio e contentamento teria cada um seu capelão; mas si os moradores poderem ter quinhentas administrações, não havendo mais que vinte ou trinta sugeitos que possam ter capelões, como será razão que os mais por uma invencivel falta padeçam. Assim estariam os Indios melhor no mato do que em sua companhia, onde pelo menos já melhoram, fazendo-se capazes, aprendendo a lingua geral, e si não houve capelão para todos terem de assistencia, não deixariam os que houvesse de grangear revezadamente todas as vezes que podessem e trazer a gente por vezes ao povoado, e procurar-lhes confessor, quando adoecessem e no tempo

de os desobrigar, e em tudo tratal-os com o ensino que podessem, como bem assim se uza com os escravos todo o possivel. Com isto Deos se satisfaz, e a impossiveis não obriga.

São os religiozos da ordem serafica, principalmente de S. Antonio, e tambem das demais religiões os capelães das administrações nas Indias de Castela, e divinamente assentam para alivio dos pobres moradores, divididos pelos matos, e para cura de gente de tão pouco rendimento, taes capelões, que de tão pouco carecem.

Nas Indias a maior parte das administrações se tem reduzido hoje a feudatarios, porque assim lhes achariam lá os Espanhoes melhor conta, por ser gente mais capaz de satisfação, vivendo já com politica; porém os do Estado do Maranhão não têm essa capacidade; e si por administrações não fôr licito dar-lhes senhorios que os amparem, menos fruto prometem repetidas experiencias nas aldeias livres, onde nunca ha mais que espanto. Assim como no inferno *non datur requies*, do mesmo modo nas aldeias de Indios livres do Maranhão não só *nulla datur requies, sed instatur, ut sine ullo modo omnia extingantur*; como couza assim sem dono.

Entre a gente politica pouca se acha que deixe de conhecer senhorio, trabalhando com uma mão para elle e outra para si. Não sei como os Indios, sendo os mais incapazes de se conservarem sem curador, tenham por si mais razão, parecendo mais forçoza a do agradecimento de os polirmos ao nosso trato para virem em conhecimento do bem que ignoram, sendo tão alheios de razão que o senhorio de taes vassalos pareceria mais escravo que senhor, só por suportar suas mizerias. Não ha nenhum que reze de sua devoção mais que emquanto o fazem repetir o que lhe ensinam; da mesma maneira é necessario para fazerem alguma couza estar-se-lhes sempre apontando com o dedo assim e assim, e si não nada fazem que se agradeça. Gente sem consciencia, razão nem vergonha, e sem haver entre elles quem se aplique a officina alguma, nem a querem saber (siquer para se cobrir) e tecer um palmo de panno por sua virtude; e só o fazem constrangidos da industria dos brancos para depois com elles re-

partir e remediar. Para si não querem prestar,* e menos para ninguem, sem queimação de sangue, por mais domesticos, antigos, nascidos e criados que sejam com os brancos, em cuja companhia ainda assim se acham muitos extremos com melhor fruto que nos matos.

§ 22. Não ha muitos tempos que comprei eu uma India do Rio-Negro assim de avessa lingua, trazendo comsigo uma filheta, que em poucos dias aprendeu a lingua geral e a ensinou á mãi, a qual adoeceu, chamando-se-lhe por confessor o padre Gaspar Martins, da companhia de Jezus: tanto que a inferma o vio, de triste que estava se alegrou, chamando-o e confessando se com tanta satisfação que o padre se foi dizendo, que não era a doença de perigo; porém apenas se havia despedido, quando logo a inocente expirou com tão boa morte que assim m'a dê Deos, quando fôr servido predestinação. O confessor (que ainda ia perto) ficou com edificação admirado. Adoeceu mais proximamente um Indio de maior e diferente nação, que por haver poucos annos vindo do sertão, e não saber ainda bem a lingua geral, não estava instruido nem baptizado; mascomo parece, que vivia já com o dezejo do exemplo que entre nós via professar, perguntando-se-lhe no artigo da morte, si queria morrer baptizado para ir gozar da bemaventurança, respondeu, por seu modo, que sim, com tanto affecto que até dar a alma a Deos não cessou de dizer sempre: sim; sim; Jezus; sim, sim.

Bem alheios d'este bem vivem os mizeraveis Indios por suas terras, tanto que antes lá querem ser comidos uns dos outros, do que serem por nós resgatados. Em uma ocazião acharam os Portuguezes no sertão um escravo folgando com seus senhores, filhos de um principal, e querendo-lhe o comprar,* duvidou o principal vendel-o, dizendo que estava dedicado para uma festa d'aquelles seus filhos, e sendo pelos brancos instado e convencido, a ultima duvida foi, que os brancos perguntassem ao

* E' gente inimiga de haveres e de fazendas e de quem d'ella trata e as faz tratar, e por esta razão quem os possue medra tão pouco com seu serviço e nada se descobre.

* Achou-se prezente Manoel Braz, que ainda vive.

escravo si queria, que o comprassem, aos quaes respondeu, que antes queria ser sepultado no ventre d'aquelles seus senhores a quem amava muito, por se haverem com elle criado.

E achando-se em outra ocazião uma India amarrada a um esteio, e os naturaes em beberronia * para a matar fazendo paracê, que é o seu baile, como elles costumam, chegavam a ella bebendo e dançando e a convidavam para que tambem bebesse, e voltando elles ficava ella, assim com os pés fazendo a mesma menção de paracê e cantando em voz sumiça.

Trataram os brancos de a contratar * com os principaes, tendo por sorte haverem chegado n'aquelle tempo, para atalhar o maleficio; o que com dificuldade conseguiram. Mas tanto que a moça o soube, vendo que a desamarravam voltou o contentamento em lagrimas, mostrando queria mais morrer e deixar nome em tão celebrada festa do que ser escrava dos brancos.

§ 23. Porém si esses selvagens além de suas barbaridades não sabem si nós os comêmos tambem, nem o que ganham ou perdem em mudar de senhores, de terras e de lei; de tudo depois entre nós o tempo os desengana. Sabendo já todos uma lingua e á vista dos officios divinos, e do nosso exemplo, já terão menos desculpa, não tratando de sua salvação. Parece tudo isto para sua razão sem razões, e deve a nossa razão passar a melhores consequencias, para elles piedozas e para nós. Ainda que nos leve algum interesse de se remediar a este e áquelle, não parece grande erro, mas tudo virtude em terra, onde se não póde viver sem elles, nem o Estado ter missionarios sem seculares para os poderem salvar sem nós, e si somos ocazião de seu bem, suposto que com christandade se deva tratar da conservação de todos; porém pela conservação dos brancos, como instrumento

---

*. Beberronia se chamam suas festas por serem só fundadas em muito beber até perderem o juizo. E paracê são suas danças.

* Esta foi escrava do padre João Maciel Santiago, que ainda vive em Tapuitapera, a qual depois sendo christan se envergonhava de lhe lembrarem o que lhe havia sucedido.

parece deve começar o zelo que nos Tapuios muitas vezes é baldado. D'isto ha varios exemplos, como ha poucos dias sucedeu, pois chegando a curar uma aldeia um servo de Deos, com o fervôr que o obriga a atravessar terras e mares, e vendo que com a reprehensão não podia apartar um Indio de uma concubina, lhe a tirou cazando-a com outro, e estando prenhe d'este, o primeiro apaixonado, matou e abriu a negra pela barriga, tirando d'ella a criança, e depois se meteu no mato sem mais aparecêr.

Quer um morador governar sua caza, como temente a Deos, cazando a gente de seu serviço, em tendo idade, por não chegarem a pecado; porém si o faz antes das pessoas se contratarem a seu gosto mostrando suas affeições, para se ajuntarem n'essa fórma, e si em outra não se acertou com as vontades, trata cada um depois de fazer vida com quem lhe parece, trocando muitas vezes as mulheres; e o mesmo é prohibir-lhes este alvedrio, que fugirem ou morrerem, tendo tudo o mais por impertinencia e prolixidade dos brancos; ao que elles chamam puxi.

E a mim me sucedeu, que sabendo que viviam amigados um preto com uma Tapuia, ambos de minha caza, e querendo-os chegar por vezes a cazamento, me respondia cada um em particular, que não sabia, si o outro teria essa vontade. Antes de convencidos se enfastiaram por ciumes, tanto que a India (sem haver couza que lhe désse desgosto) se ia avizinhando á morte, e me foi necessario chamar a ella e ao negro, fazendo-os ambos beber por um copo, e convidada a India por mão do negro com todas as circunstancias de amizade, nada bastou para que n'aquela ocazião quizessem ainda cazar; mas andados poucos tempos o fizeram, vivendo depois sempre conformes.

Não sei, si fiz bem em tal cooperação; porém si similhantes desordens em gentilidade falta de fé se lhes não respeitam como *per accidens*, até se poderem honestar; ou não sendo capazes dissimular até que elles d'ellas se enfadem, é mui certo n'elles d'outro modo não só desordens, como ruinas; termos estes e outros

d'esta qualidade, que desgostam muitas pessoas de se acomodarem a viver em terras, onde é necessario observar estilos e leis, que se não ajustam com as divinas.

Os confessores, que melhor sabem confessar Indios, não lhes perguntam com duvida, si pecaram assim ou assim, por não negarem, como costumam, por mais nascidos e criados que sejam com os Portuguezes; mas perguntam-lhes: Quantas vezes fizeste este pecado? E então supondo elles que o confessor sabe seus descaminhos, confessam alguma couza.

§ 24 São os mezes do outono os mais acomodados para descorrer pelo rio das Almazonas, quando esta mãi dos rios, assim como os muitos que n'elle se despenham, contentando-se só com seos nascimentos, dão lugar ás praias, que por cima das aguas se estendem com variedade de pescado e tartarugas, as quaes em Setembro começam a dezovar e até Janeiro se acham mais filhos. Os ovos são como os de galinha; deita uma tartaruga setenta ou oitenta e todos n'uma hora.

Em uma ocazião andava eu em uma tropa, de que era cabo Antonio Arnau Villela, que no sertão de Aroaquis ficou morto com dez homens brancos. Cento e tantos Indios nossos companheiros, por uma traição que nos armou o gentio, dividiram-nos, dizendo que tinham uma aldêia de escravos apotentados, que nos queriam dar, mas que era necessario ajuda das nossas armas. Levando quinze soldados com cento e tantos Indios, os foram de noite encaminhando a uma emboscada, onde deram, e ao romper da manhan no arraial chegaram, como de paz a vender umas Indias que traziam amarradas com uns fios podres, que pelo trato bem mostravam ser suas mulheres; mas n'isto não se reparou sinão quando ellas com elles foram fugindo, deixando o cabo já com a cabeça quebrada, e feridas outras pessoas que n'aquelle primeiro descaregar com seus páos de jucá acharam descuidadas das armas. Mas os que d'ellas nos valemos lhes fizemos ainda alguma perda, com que se retiraram, e nós tambem nos retiramos de sua frexaria ervada, de que poucos feridos escapavam, recolhendo tambem

alguns, dos que tinham ido ao mato que ficaram fóra da emboscada, e debaixo das armas se retiraram.

Mas desce n'aquella ocazião do rio da Madeira * a tropa encorporada, ainda toda com perto de mil pessoas, em vinte e tantas canôas, com quinze ou dezesseis indios remeiros, trez ou quatro Indios cavalleiros, outros tantos brancos em cada canôa, a fóra a escravaria que todos traziam, e portando ante manhan em uma praia, que teria em redondo dois quartos de legoa e estava toda tão coberta de tartarugas, que se desenfadaram brancos e negros, virando-as de costas, que é o estilo com que se prendem por se não poderem tornar a virar, matando muita quantidade, não só para se comêr, e para matolotage, de que as canôas se carregaram, mas tambem para se fazerem muita manteiga * das banhas, como se uza. Pelas dez horas deixamos o areal tão brilhante, e coberto de tartarugas, como si nenhuma se lhe houvesse tirado, andando tão embebidas no cuidado defazer covas* com as mãos para sepultar os ovos, que nenhum cazo faziam de toda aquella gente que por entre ellas andava escolhendo e matando. Acontece porém, que onde andam mais corridas, como nos rios vizinhos do Pará, aonde os moradores se vão, ou mandam aproveitar d'aquellas arribações, são tão advertidas que as tartarugas quando querem sair deitam primeiro duas a corrêr o campo, e si sentem qualquer rumor tornam-se a recolher á agua, e nenhuma das mais sae n'aquella noite. E é de notar o tempo ,que aquelles animaes sem comer nem beber vivem depois de postos em caza, pois assim passam cinco ou seis mezes, e os jabotins um anno; tudo é feitio de cágado. Cada tartaruga peza duas arrobas, e algumas mais; a carne é como a de carneiro, fazem variedade de guizados, mas por peixe se come e tambem os jabotins, cujo figado é o melhor que das caças se tem achado; e tambem

* Fica este rio um mez de viagem pelo das Almazonas acima.

* Fazem-se como da banha de porco, e tem a mesma serventia.

* Onde os deixam, e depois de gerados os filhos saem da areia e todos em fileira se encaminham para a agua por mais longe que a vêr estejam, como se d'ella houvessem sahido.

o das tartarugas não é máo, ainda que d'elle se não faz tanta estimação.

§ 25 Porém sendo este o tempo em que se deviam fazer as jornadas de conduções pelo rio das Almazonas repetidas ambições não davam lugar a esperar monção; por que todo o tempo parecia pouco, sendo que no inverno as jornadas são matadoras, assim pelo ruim tempo, e pouco sustento que se acha, como pela agua que então se bebe, e que é turva pelas terras que as enchentes vão quebrando e envolvendo. Essas enchentes limpam os lagos e matas que vêem batendo, donde saem nuvens de pragas a beber o sangue da gente; de dia surge muita mosca e de noite vêem mosquitos tantos e taes, que por melhor que uma pessoa se cubra, tudo passam por chegar ao couro e carne que atravessam, sem darem lugar a que se possa dormir, e os pobres Indios remeiros fazem mais descoberta barreira, de que, suposto adoeçam brancos e negros, d'estes morrem mais, tanto quanto com maior diferença lhes custa.

Mas muito sadio é aquelle tempo, quando as aguas apuradas correm retiradas de toda a praga, e as praias estão providas de todo o bom agazalho; * em 5 mezes de boa monção, si se subisse pelo Natal e se descesse de Setembro por diante, serviria de recreação o que servia de ruina; e tudo assim aproveitaria, mediante o Creador.

CAPITULO VI

DE COMO NO MARANHÃO UM ORTELÃO FINGIDO GOVERNADOR FEZ CONSELHO DE GUERRA COM UM PASTOR

§ 1. Si agora, Pastor, viesse inimigo a este Estado e o governasses, que farieis?

Amigo ortelão, eu trataria de me pôr em campanha, fazendo muito por deixar as praças dezertas ao inimigo, para assim melhor assegurar o Estado, e poder tratar da

* Depois de estarem no sertão apozentados com mais facilidade se passa o inverno.

conservação dos naturaes e mantimentos, de modo que o inimigo se não podesse valer de uma nem outra couza, porque n'isto consiste a victoria n'este Estado.

Pois, Pastor, para que é fortificar, si houvessemos de dezamparar as praças?

Amigo, sempre a fortificação é necessaria para constar, que estamos preparados para dar e tomar até mais não poder; mas tanto que eu tivesse noticia de demaziado numero de navios não esperados, faria por ir desavolumando a praça e as munições em canoas ou parte donde me valesse d'ellas, e não podessem cair na mão do contrario, tendo prevenido outras em que ultimamente não podendo mais, me puzesse de largo com o poder com que me achasse.

Como assim, Pastor, no Brazil importa mais a campanha que as praças?

Amigo, a razão é por que quem diz inimigo o supõe da Europa, e esse quando chega a essas partes já o biscouto traz gorgulho, e na mesma fórma os mais mantimentos, e não podem os adventicios viver sem os nossos mantimentos, e estes não estão nas praças, como na Europa, em celeiros; mas no campo as farinhas e mais socorros, como tambem os naturaes e senhorios d'elles, com quem convém encorporar-nos para a defeza dos mantimentos e conservação dos amigos, por que não venham a ser inimigos, principalmente os Indios, que por varios são donde se acham e é necessario achar-se com elles, por que não façam pretesto de se acharem sem nós.

Dizei, Pastor, quem viesse preparado para invadir, não traria provizão de farinhas de trigo, salmouras, e mantimentos com que excuzasse os nossos?

Amigo, dificultoza couza seria essa por muitos annos sem se valerem das terras e dos mantimentos d'ellas, havendo-nos nos senhoreado d'ellas com tempo e modo.

E como, Pastor, poderiamos tambem continuar muitos annos com os portos infestados e sem commercio?

Parece, Sr. amigo, que me não servis para taes emprezas, por que, havendo vós obrado no reino como um Scipião, vos achais agora indecizo por falta de experiencia das couzas de cá, e por essa razão a Portugal tem

sucedido varias desgraças, e recuperado muitas por veteranos, porque si n'esse cazo estivessem os principaes portos vedados para as sahidas dos generos (que em tal cazo poderiamos excuzar) sempre teriamos portos bastantes para os socorros de munições, ferro, vinho e farinha para missas, que é só o que não poderiamos excuzar, e a razão é, que o Maranhão tem duas barras: a principal, por onde ordinariamente entram os navios, fica ao poente da ilha, e correndo a costa do Ceará, e Periá pela bahia de São-Jozé tem outra barra ao nascente. Subindo d'esta bahia os navios pequenos, com as enchentes, por um riaxo, descem por outro para a bahia, e surgidouro do Maranhão, e nas esperas de vazante, até tornar a ser preamar, ficam as embarcações em seco, cobertas de bosques de uma e outra parte, por onde se não pode arriscar sinão quem senhorear a campanha, que para aquella banda fica senhor do campo, barra e costa, tudo proporcionando aos socorros do Brazil. Do mesmo modo o Pará tem duas barras, demorando a principal 50 leguas da cidade, rio largo, com variedade de ilhas, com que ficariam os camponezes senhores de poderem receber o bem e impedir o mal, e pelo Caeté passariam ao rio Guamá. *

Dizeis bem, Pastor, mas não vos vejo fazer menção da gente, pois é essa quem faz a guerra ?

Amigo ortelão, Indios alguns ha, si tratassemos de nos pôr de largo com elles, como digo n'isso consiste tudo e Portuguezes menos haveriam quando do Maranhão expulsaram o Olandez; porque si n'esse tempo havia quatro homens do reino com seus escravos e alguns forros e poderam tanto, melhor o fariam hoje, que ha muitos filhos de Portuguezes naturaes da terra, e o Brazil está desocupado e perto, donde poderiam vir bastantes d'esses chuveiros e para a guerra do Brazil vale mais o minimo mazombo (pois assim se chamam os filhos do Brazil) do que muitos valentes da Europa.

---

* De grande utilidade seria descer alguma nação do sertão como se queriam descer os Coriberes, e assentar n'este rio Guamá uma boa aldêia ou aldêias, assim para a boa prevenção, como pela excellencia do rio e vizinhança da cidade.

§ 2. Como assim, Pastor ; os homens que tem valor, em nenhuma parte o perdem.

Senhor amigo, assim será, onde se peleja em campo razo ; mas n'estes bosques, tanto que esses valorozos se achassem debaixo do mato, sem verem Sol nem Lua, já não sabem sair d'elle, precipitando-se mais para uma parte, quando cuidam que vão para outra; com o que se lhes converte todo esse valor em pura aflicção, e pelo contrario os filhos do Brazil andam descalços e nús, com uma ceroula por cima do joelho, e quando lhes é necessario, até d'essa se desempedem para furarem os matos, e como filhos d'elles, sabem-se emboscar n'elles, e n'elles maneiar as armas, aparecendo em uma parte, dando em outra, e já saindo n'outra ; e si não têm que comer cortam no mato palmito, e vão para diante, bastando dois d'estes com quatro Indios para dar que fazer a muitos de outros. A primeira couza, que o mais coitado filho d'estas partes aprende de menino, é atirar com o seu virote, e de quem com uma frexa debaixo da agua o peixe não escapa, melhor se pode fiar, que com uma espingarda (de que os indigenas são bem curiozos) faça sua obrigação.

Pastor, vejo-vos tratar em matos e campanha, e si tudo são matos, onde se ha de fazer essa campanha?

Amigo ortelão, é certo, que o territorio em tudo o que não é cortado de aguas, é coberto de matos, e só se acha descoberto, por onde os moradores e naturaes roçam e por suas lavouras e fazendas se estende a campanha, e dahi segue a gente para as canoas e emboscadas de mar e terra, por que a poucas se pode ir sinão por mares e rios, em embarcações commodas; e algumas moradias, que por terra se communicam, é por atalhos confundidos das matas, tão faceis aos naturaes, como dificultozos para os de fóra.

Pastor, na pouca menção que fazeis dos socorros do reino, por se não darem bem aquelles soldados com a peleja do Brazil, mostrais, que sucederia o mesmo a qualquer outra nação, que nos viesses buscar?

§ 3. Digo, amigo, que havendo boa retirada, sempre ficariamos de melhor partido com os socorros do Brazil por mais faceis e de mais utilidade, assim para os matos como para os mares, e tão destros os naturaes da terra,

que si atiram a um olho, e dão na testa, dizem : Não é bom tiro.

Tendes, Pastor, facilitado a guerra dos matos; mas tomára saber como nos poderiamos haver pelos mares e rios ?

Amigo ortelão, si nós nos puzessemos de largo com tempo, antes que o contrario se senhoreasse de nós e de nossas embarcações, tão facil nos seria a guerra do mar, como a da terra.

Como assim, Pastor, poderemos nós competir com os seus navios ?

Senhor amigo, esses não nos podem buscar em toda a parte, nem podem ter mantimentos para sempre. Para rezistir aos seus bateis, temos melhores embarcações nas nossas canoas, a que chamamos de cana, e outras similhantes, e essas bem equipadas com remeiros, que na ocazião todos são frexeiros e remando todos de uma banda, levantam da outra, fazendo trinxeira á infantaria, com que me parece bastaria uma só nossa para destruir muitas suas.

E a sua infantaria, que saisse n'esses bateis, não teria polvora, balas e armas reforçadas, com que passassem as nossas canoas e tudo quanto fosse n'ellas, dando-nos alcance com a sua muita gente e derrotando-nos ?

Ortelão amigo, logo parece, que vindes do reino, cheio de dificuldades em razão da pouca experiencia. As nossas canoas são tanto mais ligeiras que podem passar pelos seus bateis em uma e muitas voltas, emquanto elles não dariam uma, nem são tão capazes de os poderem deitar á banda como as nossas, donde a infantaria encoberta, descobrindo só o cabello ao inimigo,com o ponto baixo lhe faria bem a seu salvo a barba. Similhante gente, quando chega a clima diferente, uma treme de maleitas, outra corrupta do bixo, e quazi toda para nada presta, nem com a sua mosquetaria poderia fazer grande damno ás nossas canoas por serem de páo-ferro e fortes, e quando fosse necessario, se podiam ajudar por dentro com boas mantas de algodão e sumaúma bem estofadas e levadiças, ou com as cascas d'esta, a que a nossa infantaria

se encostasse da banda donde se oferecesse o risco e pelejasse com mais segurança.

Tem muita graça, Pastor, a facilidade de vossa dispozição; mas si esse inimigo fizesse tão boas embarcações ou barcos, que n'elles collocassem algumas roqueiras, com que nos rezistissem e molestassem?

Senhor amigo, não teria pouca graça ofender sem ser ofendido; todo o meu cuidado poria em conservar a minha gente; e ainda onde ha necessidade d'ella, si a graça está nas cascas, são ellas tão grossas e estopentas* que d'ellas se fazem amarras e enxarcias de navios, e se tiram de tal grandeza que os Tapuios se metem n'ellas ao mar, e n'ellas navegam para onde lhes parece. Os seus barcos, suposto os fizessem, vendo-se cercados das nossas canoas, ainda que para uma banda déssem carga, que provavelmente seria sem effeito pela ligeireza, que vai de uma couza a outra, quando quizessem repetir, já estariam abordados; e si nem a esse risco nos quizessemos pôr, escuzando de os buscar, elles não nos podiam prejudicar por onde os moradores e Indios estão com suas fabricas metidas pelos rios e riaxos continuados, e cobertos de matos, por onde similhantes embarcações não poderiam bem navegar sem o risco das emboscadas, com que d'esses matos seriam ofendidas, nem se poderiam livrar das muitas e grandes correntezas, que ha com muitos baixios, em que dão com ventos avessos, os quaes quanto são prosperos para entrar, são austeros para sair.

§ 4. Dizei, Pastor, si o inimigo experimentasse todas essas incomodidades, não faria tambem embarcações similhantes ás nossas, com que ficasse com o mesmo partido e vantagem, com que nos consideramos?

Meu amigo, para se fazerem essas canoas é necessario ir muito pelas entranhas dos matos dentro, buscando páos tão grandes que sirvam para isso, e gastar

---

* Gitahi se chamam as arvores, de cujos troncos os Indios tiram as cascas inteiras e lhes servem de canoas, em que navegam. A arvore de que nós tiramos estopa para murrão é o castanheiro; faz melhor méxa que a de linho, e para os mais ministeres de cordas se tira tambem estopa da munguba e guaxiuma.

lá muitas semanas e mezes a fazel-as, e depois muita gente a puxal-as. Por isso seria impossivel ir gente estranha fazer essas demoras, e não poderia estender-se sinão quem estivesse senhor da campanha e dos Indios, havendo-nos nós retirado com tempo, de modo que o inimigo se não podesse valer de nossos companheiros e de nossas couzas, com que se melhorasse.

Pois n'esses termos, que meio seria o melhor com que assegurassemos as vontades dos Indios para que se nos não rebelassem?

Amigo, a valentia, credito e honra está na prudencia; a boa dispozição não se chama fugir, mas fazer pé atraz para saltar melhor, por que quem vai preparado para tomar sempre entra, ainda que dos agressores uns morram e outros vivam, pois são hoje muitos os artificios, com que se fulmina, e é necessario prevenir o contra, antes que nos dê agua pela barba, para que, si tomassem, que é o mais facil, não podessem conservar, que é toda a dificuldade.

§ 5. Si Dom Manoel Lobo estivera de avizo e se podera pôr fóra da Colonia do Sacramento com brevidade, depois poderia voltar sobre ella, e não haveria a perda que houve, nem elle iria acabar a vida pelo caminho do Perú.

E si Bento Maciel Parente, quando o Olandez entrou no Maranhão, se puzera logo em campo, não iria morrer, como foi, pelas praias do Ceará, caminhando para Pernambuco, nem o Maranhão se entregaria com seus contermos todo de um golpe, como se entregou, por falta de cabeça. E assim como depois os moradores se levantaram com o risco que pedia o segredo, estando debaixo do jugo inimigo, melhor o fariam antes que chegassem a isso; e si tiveram governo, com que se incorporassem, uniformassem e animassem, impossibilitando o inimigo de mantimentos, viveres e de toda a communicação, com mais brevidade teriamos recobrado o Maranhão.

Ora, Pastor, tenho suposto estas duvidas, para vêr vosso parecer; mas não fôra eu Gil Fernandes, si não estivesse tanto adiante que, si sucedesse alguma couza em meu tempo, me pareceria misterio o ser já d'este apelido outro Albuquerque, que, vindo de Pernambuco com cem soldados, tomou o Maranhão, destruindo a quinhentos

estrangeiros, e a mais de trez mil frexeiros tapuios, que da parte d'esses estrangeiros se haviam posto. Assim como milagrozamente sucedeu n'aquelle tempo, do mesmo modo (não dando nós ocazião) devemos confiar na omnipotencia divina, que excede a toda a força humana, e ha de acudir por nossa justiça para confuzão de injustiças, sendo certo que todas as vezes, que acudimos por nosso direito, achamos da nossa parte a mão divina, e só contra nós está, quando d'ella não confiamos.

Tomára, Pastor, deixados vossos conselhos de guerra, me désses tambem alguma noticia da bondade d'aquellas terras, de que generos são capazes, que drogas tem, e que haveres prometem.

Não sei, amigo ortelão, si esta vossa ultima propozição é pezada para nós; o que direi é, que na America, passando do Brazil para o sul, onde ha Espanhoes, como em Buenos-Aires, ha minas de ouro e prata; descendo tambem d'esta nossa conquista para o norte, são bem celebres as minas da Nova-Espanha, e si isso regularmente se acha entre os vizinhos por esta face da America, que olha para o nascente, melhor por suas espaldas, que fazem rosto ao poente, por onde se estende o riquissimo reino do Perú, com os haveres de que é dotado.

Agora considerai, vós amigo, si pode deixar de haver o mesmo entre nós, estando nós em meio, e senhores de um rio invejado de todos os principes da Europa, o qual procede do mesmo Perú, fazendo o coração da America, por dentro toda commerciada, não só pelo principal rio das Almazonas, como tambem pela variedade de rios, que a este seu principal obedecem, todos de nós navegados.

§ 6. As terras são tão dilatadas, ferteis de mantimentos e amenas com abundantes rios, pescado e caça, como atraz temos visto, capazissimas para muitos assucares, tabacos e tudo quanto n'ellas se quizer plantar; mas dificultozas de beneficiar sem negros, que ajudem a cortar os matos e navegar os mares, de que são compostos, em que ha bizarras e muitas madeiras, com varias drogas de estima pelos sertões, cravo, cacáo e outras que inda se podem descobrir, como ha poucos annos se descobrio a salsa parrilha e quinaquina.

Tomára tambem, Pastor, saber como se não povoa, nem cresce uma capitania, que ha n'este Estado, por nome Gurupá, sendo tão sadia e abundante de mantimentos com as drogas do sertão á porta e o cacáo quazi em caza, de que podem fazer grandes plantas, pois até ali é o seu natural, onde espontaneamente nasce e produz.

E' certo, meu amigo, que o Gurupá não só é capaz de ser uma grande cidade, mas de ter em seu distrito varias e excellentes villas, assim pela bondade e fecundidade das terras e rios, como pelas vistozas paragens onde se podiam fazer; a primeira no principal sitio da fortaleza de Gurupá; a segunda nos Guanapús, que é antes de chegar ao Gurupá trez jornadas e pouco mais indo do Pará; terceira em Maturú acima do Gurupá duas jornadas; quarta outras duas jornadas mais acima em Xingú; e quinta em Parú, da outra banda do rio, onde se fez uma fortaleza. Ainda que esta parte seja a somenos, mas as quatro acima estão chorando por quatro bizarras colonias; para o que seria mui conveniente prezidir ahi um capitão-mór, como o que assiste hoje, si no Maranhão assistisse outro e assistisse o governador no Pará por ficar em meio para qualquer dispozição, e por ser mais vizinho ás de mais importancia.

Pois dizei-me, Pastor, como se poderiam fazer essas cidades ou pelo menos a do Gurupá?

Meu amigo, não só essa, mas tambem as de mais dicera eu como se podiam fazer com muita suavidade, serviço de Deos e de Sua Magestade.

§ 7. Ha no Estado do Maranhão perto de 500 moças, a maior parte das quaes não tomam estado por sua pobreza.

Si por conta da fazenda real se mandassem pretos áquelle Estado, e Sua Magestade fosse servido mandar premiar cada uma das moças, que por esta falta não tomam estado, com tantos ou quantos, como por exemplo, com quatro pretos e duas pretas pela primeira tenção, ficaria obrigado á paga o pai, irmão, parente, ou marido da moça que logo cazasse, á satisfação do provedor ou almoxarife

e superintendencia do governador.* O novo cazal se obrigaria a viver na capitania do Gurupá, e a elle o capitão maior d'aquella capitania acomodaria com algum cazal de Indios para industriarem os pretos, deixando-os servir com os Indios d'aquella banda, dando-lhe todo o agazalho que podesse. Tambem por conta do governador seria o comboio de sua passagem, e dos navios que fosse obrigado a pôr, no Pará não só os negros concedidos por premio, mas tambem alguns cazaes d'estes ,que quizessem passar do Maranhão. Creio, que seria este meio bastante para se povoar aquella capitania.

Senhor amigo, todo o dissabor dos Indios está na nossa ambição, e como n'esse cazo não tratassemos de carregar generos, mas só de fazer mantimentos e mais mantimentos, iriamos bem; pois o que elles dezejam é que os deixemos descansar com suas mulheres. Assim nos acompanhariam de boa vontade, vizitando com elles, defendendo e conservando assim os seus domicilios como os dos moradores vizinhos contra qualquer perigo: com taes companheiros até o sustento é facil de caça, pescado, marisco, e farinhas de suas lavouras, levando-os, ou deixando-os irrefrescar a ellas, quando as mulheres e filhos os não podessem ir vêr e socorrer.

Pastor, como se poderia fazer uma retirada d'essas com a nossa artilharia, e todo um povo ?

Amigo, nas praças, que têm alguma defensa, sempre nos ultimos termos se poderiam supôr quaesquer pactos, em quanto se retirasse a artilharia mais capaz, e se enterrasse outra. Da que assim se não podesse dispôr, melhor seria perder o pouco, que o todo, e como no Brazil o povo tem menos que perder no povoado do que no campo, o faria eu desde logo retirar por um bando com pena de traidor ao que o contrario fizesse, notificando tambem aos prelados, que depois nenhum sustento lhes deixaria entrar na cidade, pois melhor pelas aldeias e roças se podiam acomodar e ainda ajudar a conservar. Assim por força se

* Os governadores não só com superintendencia na direção d'estes negocios, mas ainda em sua satisfação, tanto para livrar de qualquer opressão, como para não permitir descuidos ou descaminhos.

retirariam todos os que não quizessem por vontade; porque os que ficassem de dentro não fossem depois os peiores inimigos, quando menos pelo remir sua vexação; e claro está, que tanto que os contrarios vissem, que a nossa gente d'armas se punha em campo, a todos os mais que achassem despediriam, a uns por não sustentar, a outros por evitar alguma ruina sua, ou suspeita d'utilidade nossa, e a todos mandariam para onde lhes parecesse, que não podessem tornar ao Estado; com o que mais valeria sair com tempo, e tornar para suas cazas, quando a praça se defendesse, do que esperar o risco de perder cazas, fazendas e vidas.

§ 8. E o que seria, Pastor, com um desarranjo d'esses, de tanta pobreza por esses matos?

Amigo, em tal cazo a primeira couza que um governador deveria fazer (depois de posto em campo) era acommodar aos que por si o não podessem fazer, multando os mais poderozos no comboio dos mais fracos para partes remotas e commodas.

Pastor, não me persuado, que haveria quem podesse romper nossas forças e artilharia, para que nos fizesse chegar a esses extremos, e me obrigasse a desamparar nossas praças, de que eu tenho dado menagem, e mais quereria morrer honrado, pelejando, do que viver afrontado.

Pastor, essa traça, parece, era para defraudar as principaes praças d'este Estado e atrazar o embolso dos pretos; com o que pouco poderia permanecer esse augmento.

Antes, amigo, é o contrario de tudo isso: porque estas moças, que não tomam estado por pobres, é gente inutil, que não serve mais que de avolumar as praças e oprimir as familias. Para maridos ha no Brazil muitos moços, que a industria dos governadores podia transplantar com essa promessa e com a dos haveres, drogas e modos de grangear a vida no Pará; * o que não tem no Brazil. Posta esta gente no Gurupá ao pé das drogas, encommendadas aos maiores, ninguem ficava mais capaz de pagar

* Ainda que esta praça é pela terra dentro ou rio das Almazonas acima do Pará, é tambem fronteira da segunda barra pelo Cabo do Norte.

primeiro, sem defraudação das praças; antes seria a melhor preparação para a segurança do Estado com o coração da terra a dentro bem povoado, e ainda com paizanos do Brazil.

Pastor, só em Guiné ha escravos, e não n'estes sertões da America, de que vos não vejo fazer menção, sendo tudo gentilidade.

Senhor amigo, no capitulo 5.° se declarou bastantemente o que são Tapuios, e é certo, que n'estes sertões escravos ha d'esses; mas como é gente, que não uza de mais cabedaes nem camiza que a que trazem da barriga da mãi, naturalmente amam tanto o ocio e aborrecem tanto a quem d'elle os diverte, que nunca permanecem com quem com elles vive e d'elles depende, buscando todos os caminhos de se extinguirem antes do que servirem á gente branca, que os tira de seu curso. Parece-lhes, que, morrendo ou deixando-nos sós, ficam vingados, não reparando em seus principios, com que se desvanecem. Matam por varios modos, principalmente com venenos, e as femeas com medicinas; umas por não gerarem, outras por não criarem. Aos filhos, si os chegam a ter, ensinam a comer terra, cinza e outros vicios com que morrem, emquanto não fogem; e si quantos escravos ha (quaesquer que sejam) tantos inimigos temos, os Tapuios por esta antipatia são peiores que todos, e quanto mais chegados ás suas terras, maior é o risco. Convem tel-os no Gurupá por remir grande necessidade; no Pará e Maranhão emquanto não ha outros para o trabalho; ainda que para caçadores e pescadores, como quem não aprendeu outra couza, são melhores que todos, e sempre de muita utilidade é haver alguns Tapuios entre os pretos, ainda quando não fôsse mais que para praticos dos seus rios e matos por filhos d'elles.

FINIS LAUS DEO VIRGINIQUE MATRI

(Copia do codice CXVI da Bibliotheca Publica Eborense).

Cronologia dos Governadores do Maranhão e Bispos

Francisco Coelho de Carvalho	1626	3 de Setembro.	Com este governador foi o padre Lopo do Couto e o irmão coadjutor.
Jacome Raimundo, intruzo..	1636	9 de Outubro.	
Bento Maciel Parente.....	1638	27 de Janeiro.	
Pedro de Albuquerque.....	1643	13 de Julho.	
Francisco Coelho de Carvalho Sardo	1646	17 de Junho.	
Luiz de Magalhães..... .	1649	17 de Fevereiro.	
André Vidal de Negreiros....	1655	11 de Maio.	
Agostinho Correia, interino..	1656	23 de Setembro.	
D. Pedro de Mello.....	1658	16 de Junho.	
Rui Vaz de Siqueira.	1662	26 de Março.	
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.....	1667	22 de Junho.	
Pedro Cezar de Menezes	1671	22 de Abril.	
Ignacio Coelho da Silva.....	1678	17 de Fevereiro.	

D. Gregorio dos Anjos, loio, 1° Bispo, Julho de 1679.

Francisco de Sá de Menezes.	1682	27 de Maio.
Gomes Freire de Andrade....	1685	16 de Maio.
Artur de Sá de Menezes.....	1687	14 de Julho.

Morre o Bispo, 12 de Março de 1689.

Antonio de Albuquerque....	1690	17 de Maio.

D. Fr. Timoteo do Sacramento, 2° Bispo, paulista, 29 de Maio de 1697.

Fernão Carrilho, interino ...	1701	30 de Junho.
D. Manoel Rolin de Moura..	1702	8 de Julho.
João de Velasco Molina, interino	1705	13 de Setembro.
Christovão da Costa Freire..	1707	12 de Janeiro.

D. Fr. Jozé Delgarte, 3° Bispo, trino, 12 de Junho de 1717.

Bernardo Pereira de Berredo	1718	18 de Junho.
João da Maia da Gama	1722	

D. Fr. Bartolomeo do Pilar, carmelita, 1° Bispo do Pará, 1724.

Alexandre de Souza Freire..	1728
Jozé da serra.....	1732
João de Abreo Castello Branco	1737

D. Fr. Manoel da Cruz, bernardo, 4° Bispo do Maranhão, 1739.
D. Fr. Guilherme de S. Jozé, tomarista, 2° Bispo do Pará, 1739.

Francisco Pedro de Mendonça Gurjão.....	1717	Julho.

D. Fr. Francisco de Santiago, franciscano, 5° Bispo do Maranhão, Julho, 1717.
D. Fr. Miguel de Bulhões, dominicano, 3° Bispo do Pará, 1718.

GOVERNADORES	PROVINCIAES	REITORES DO MARANHÃO	REITORES DO PARÁ
Jeronimo de Albuquerque, 1614.	Padres Manoel Gomes e Diogo Nunes.		
Alexandre de Moura, 1615.	Padre Luiz Figueira, 1615.	Padre Luiz Figueira, 1615.	Padre João de Soutomaior.
Jeronimo de Albuquerque, 1616.	Padre Lopo do Couto.	Padre Lopo do Couto.	Padre Francisco Telles.
Francisco Coelho de Carvalho, 1629.	Padre Benedito Amodei.	Padre Benedito Amodei. São os 2ºs padres que entraram no Maranhão, e os 1ºs foram os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes.	Padre Manoel Nunes, 1655.
Jacome Raimundo, 1636.			
Manda Pedro Teixeira a Quito.			
Bento Maciel Parente, 1638.	Padre Manoel Nunes, 1647.	Padre Francisco Pires.	Padre Francisco Velozo, 1661. Foi a 1ª expulsão em 1662.
Toma-se o Maranhão pelos Olandezes.			
Antonio Moniz Barreiros.	Padre João do Soutomaior.	Padre Francisco Velozo 1652.	Padre Manoel Nunes, 1669.
Antonio Teixeira de Mello.	Padre Francisco Velozo.	Padre Manoel Nunes.	Padre Bento Alvares, 1670. Nomea-se reitor.
Lança fóra os Ollandezes.			
Pedro de Albuquerque, 1645	Padre Antonio Vieira, 1652.	Padre Matheus Delgado, 1655.	Padre Francisco Velozo. 1º Reitor de patente, 1674.
Antonio Teixeira de Mello, por 1646.	Padre Manoel Nunes, 1653.	Padre Ricardo Caxia, 1655.	Padre Antonio Pereira, 1679.
Francisco Coelho Sardo, 1647.	Padre Francisco Gonçalves, vizitador, 1654.	Padre João Maria, 1663.	Padre Jodoco Peres, 1680.
Outra vez Antonio Teixeira de Mello, por 1648.	Padre Antonio Vieira, 1655.	Padre João Filipe, 1663.	Padre Francisco Ribeiro, 1683.
Luiz de Magalhães, 1649.	Padre Francisco Gonçalves, vizitador, 1658.	Padre Pedro Luiz, 1667.	Padre João Carlos, por 1691.
André Vidal de Negreiros, 1655	Padre Manoel Nunes, 1661.	Padre Francisco Velozo, 1669. Nomea-se reitor.	Padre Manoel Nunes, 1693.

GOVERNADORES	PROVINCIAES	REITORES DO MARANHÃO	REITORES DO PARÁ
Agostinho Correia, 1657.	Padre Salvador do Valle, 1668.	Padre João Filipe Betendorff, por patente, 1674.	Padre João da Silva, 1694. Divizão das aldeias, 1694.
D. Pedro de Mello, 1658.	Padre Manoel Zuzarte, vizitador, 1669.	Padre Estevão Gondolfi 1683. Expulsão dos padres vizitador superior e reitor em 26 de Março de 1684. Padre Sebastião Pires, 1685.	Padre Bento de Oliveira, 1696.
Rui Vaz de Siqueira, 1662.	Padre João Filipe, 1670.	Padre João Filipe, 1688.	
Antonio de Albuquerque Coelho, por 1667.	Padre Pedro Luiz Gonçalves, superior por patente, 1671.	Padre Diogo da Costa, por 1691.	
Pedro Cezar de Menezes, 1673.	Padre Pedro Pedroza, pelo Brazil, 1681.	Padre Manoel Martins, 1693.	
	Padre Pedro Luiz Gonçalves, 1682.	Padre Jozé Ferreira, 1695.	
Ignacio Coelho da Silva, 1678. 1° Bispo, 1680.	Padre Jodoco Peres, 1683.	Padre Antonio Coelho, 1696.	
Francisco de Sá de Menezes, 1682.	Padre Barnabé Soares, vizitador, 1683. levantamento do povo, 1684.		
Baltazar Fernandes, capitão-mór do Maranhão, prezo pelo povo no levantamento, 1684.	Padre Antonio Pereira, 1685.		
Gomes Freire de Andrade, 1685	Padre Jodoco Peres, 1687.		
Artur de Sá de Menezes, 1687.	Padre João Filipe, 1691.		
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, 1692.	Padre Bento de Oliveira, 1693.		
2° Bispo do Maranhão D. Fr. Timoteo do Sacramento, 1697.	Padre Jozé Ferreira, 1696.		

CATALOGO DOS CAPITÃES MORES DO MARANHÃO

Alexandre de Moura.....	1615	3 de Novembro
Jeronimo de Albuquerque.....	1616	9 de Janeiro
Antonio de Albuquerque.....	1618	11 de Fevereiro
Domingos da Costa Maxado.....	1618	6 de Abril
Antonio Moniz Barreiros.....	1622	20 de Abril
Feliciano Coelho de Carvalho.....	1627	15 de Abril
Antonio Cavalcante de Albuquerque ...	1636	
Antonio Moniz Barreiros.....	1642	30 de Setembro
Antonio Teixeira de Mello.....	1643	16 de Janeiro
Manoel Pita da Veiga.....	1647	1 de Agosto
Baltazar de Souza Pereira.....	1652	16 de Novembro
Vital Maciel Parente.....	1678	20 de Julho
Baltazar Fernandes.....	1682	Setembro
Baltazar de Seixas Coutinho.....	1686	18 de Julho
João Duarte Franco.....	1698	
Matheus de Carvalho de Siqueira.....	1701	
Jozé da Cunha de Eça.....	1710	16 de Outubro
Pedro da Costa Raiol	1714	18 de Outubro
Fulano Manoel de Nobrega..... ..	1718	
D. Francisco Ximenes.....	1721	
Damião de Basto	1728	
João Alvares de Carvalho.....	1732	
Domingos Duarte Sardinha.....	1715	

CATALOGO DOS CAPITÃES MORES DO PARÁ

Francisco Caldeira de Castello Branco..	1615	3 de Dezembro
Baltazar Rodrigues de Mello.....	1618	Setembro
Jeronimo Fragozo de Albuquerque.....	1619	29 de Abril
Mathias de Albuquerque.....	1619	2 de Setembro
Custodio Valente.....	1619	Outubro
Pedro Teixeira.....	1620	Maio
Bento Maciel Parente.....	1621	18 de Julho
Manoel de Souza de Eça.....	1626	6 de Outubro
Luiz Aranha de Vasconcellos.....	1629	18 de Outubro
Jacome Raimundo de Noronha.....	1630	29 de Maio
Antonio Cavalcante de Albuquerque.....	1630	28 de Novembro
Luiz do Rego de Barros..	1633	22 de Junho
Francisco de Azevedo.....	1636	21 de Dezembro
Aires de Souza Vixorro	1637	17 de Março
Felicciano de Souza Menezes.....	1638	17 de Abril
Manoel Madeira.....	1639	26 de Abril
Pedro Teixeira.....	1640	28 de Fevereiro
Francisco Cordovil Camaxo.....	1641	26 de Maio
Felicciano Correia	1641	6 de Fevereiro
Paulo Soares de Avelar.....	1646	28 de Julho
Sebastião de Lucena de Azevedo.....	1646	Dezembro
Aires de Souza Vixorro.....	1648	10 de Janeiro
Ignacio do Rego Barreto.	1649	17 de Julho
Aires de Souza Vixorro.....	1650	19 de Junho
Ignacio do Rego Barreto.....	1652	5 de Dezembro
Pedro Correia...	1654	30 de Março
Dominges Maxado.....	1654	8 de Maio
Aires de Souza Vixorro..	1654	10 de Setembro
Luiz Pimenta de Moraes....	1655	8 de Dezembro
Felicciano Correia	1656	16 de Agosto
Marcal Nunes da Costa.....	1658	10 de Setembro
Francisco de Souzas Pinto....	1662	27 de Abril
Antonio Pinto da Gama	[illegible]	2 de Janeiro
Manoel Gomes Aranha.....	[illegible]	3 de Setembro
Felicciano Correia	[illegible]	[illegible] de Junho
Antonio Pinto da Gama	1670	[illegible] de Abril
Marcal Nunes da Costa	[illegible]	
Antonio de [illegible]	[illegible]	[illegible] de Junho
Lucas de Souza	[illegible]	[illegible] de Junho
João de [illegible] Mo[illegible] ...	[illegible]	[illegible] de [illegible]
Pedro Mendes [illegible]	[illegible]	[illegible] de Abril
João de Souza [illegible]	[illegible]	[illegible] de Abril
João Velho de Azevedo	[illegible]	[illegible] de [illegible]
Manoel de Mendonça	[illegible]	
Antonio de Deus	[illegible]	
Francisco [illegible]	[illegible]	
Antonio de Azevedo ...	[illegible]	

INDEX DA AMERICA ABBEVIADA

A

America, que terreno e mares tem, e que reprezenta, cap. I § 1.
America, como se descobrio, em que tempo e por quem, cap. II § 1.
America, por onde corre, e onde acaba, cap. II § 1.
America, donde teve este nome, cap. I § 6.
America e todo o mundo, como o sol rodea, cap. I § 2.
Alvará, porque é prohibido aos maiores tomar Indios, intrometerem-se com fretes nem mandarem aos sertões, cap. IV § 27.
Averes e Indios do Maranhão, como se podia melhor uzar de tudo, cap. IV § 26, § 29 até 36.
Administrações, cap. IV § 13, § 14, § 15, § 16 § 17.
Aldeias de particulares, cap. V § 20, § 21 Acha-se n'aquelle Estado peixe nos matos como nos rios, e caça nos rios como nos matos, cap. III § 12.

B

Bullas apostolicas da concepção das conquistas, cap. II § 2.

C

Costa do Brazil e suas leguas, cap. I § 3, § 4.
Cidade do Maranhão e rios de seus contermos, cap. III § 1, § 2.
Cidade do Pará e rios das Almazonas com seus annexos, cap. III § 6 § 9, § 10, § 11.
Capitania do Gurupá, cap. IV § 27, cap. VI § 6, § 7.
Caianna e mais conquistas de estrangeiros, cap. I § 5.
Carta de Sua Magestade porque encarrega as camaras guardem e façam guardar suas reaes leis, cap. IV § 8.
Carta de Sua Magestade por que a instancias dos governadores manda, que o senador vá em corpo de camara á caza dos ditos, cap. IV § 21.
Carta de el-rei para que os Indios sirvam por dois mezes, cap. IV § 26.
Carta de Sua Magestade para que as aldeias de Indios sejam governadas pelos principaes e parocos, cap. IV § 30.
Como e quando entrou o Olandez no Maranhão, cap. IV § 2. E d'elle sahio, e o mesmo sucesso dos ditos em Pernambuco, *ibidem*.
Como o senado não faz seu officio, nem logra a vontade de Sua Magestade, e o que o direito dispõe, cap. IV § 9, § 10, § 22.

Como se dividio o Estado do Maranhão em capitanias, cap. IV § 1.
Como se tornou a incorporar : *ibidem*
Como se uza da mercancia, cap. IV § 27.
Como se grangeavam vontades de uns á custa de outros, cap. IV § 16.
Como o Engano se porta com a Verdade, cap. IV § 37.
Como se reprezentaram em Portugal alguns Indios que lá se mandaram, cap. V § 13.

D

Demarcação da America, cap. I § 3, § 4, cap. II § 7 e §, 6.

E

Embargaram os povos uma geral liberdade de Indios e recorrendo foram ouvidos, cap. IV § 7.
Estreito de Magalhães, cap. I § 3.

I

Indias Occidentaes, quem lhes deu o nome e a seus naturaes Indios, sendo o seu nome proprio Tapuios, cap. II § 1, cap. V § 14.
Indios de quantas sortes ha experiencia, e que condições se alegam em seu favor, cap. V § 1 até § 4, § 7.
Indios e pretos, donde mostram proceder, e ser tudo uma mesma nação, cap. V, § 5, § 6, § 9, § 12.
Indios, si no fôro da consciencia se podem obrigar a sair dos matos, cap. V § 17, cap. II § 6.
Indios, o melhor meio de se conservarem, cap. VI § 1.
Indios escravos permanecem pouco, cap. V § 15.

J

Justificação de Buenos-Aires, cap. II § 7 até § 10.

L

Lei para se uzar de Indios cativos em quatro cazos, cap. IV § 8.
Lei de prohibição de Indios cativos, cap. IV § 20.

M

Maranhao, que principio teve, cap. II § 2 até § 5.
Maranhão e mais conquistas, que razões lhes acomodam as nações extrangeiras, e qual é a dos Portuguezes, cap. II § 6.
Maranhão, seus governadores, cap. IV § 16 até § 43.
Maranhão, dois conselheiros fazendo n'elle conselho de guerra, cap. VI § 1 usque ad finem.
Maranhão, que gente lhe serve, cap. VI § 2.
Maranhão, para seu augmento, cap. III § 3 § 12, cap. V § 15.
Missionarios do Maranhão, cap. IV, § 14, § 15, § 31.

O

Ordem de Sua Magestade para que os Indios servissem a quem quizessem, cap. IV § 13.

P

Padres da companhia de Jezus martirizados pelos gentios no Cabo do Norte, cap. II § 7.
Prohibição de Indios cativos, cap. IV § 7.
Provizão, porque no estado de Maranhão se principiou o uzo de Indios cativos, cap. IV § 6.
Provizão porque os officiaes da camara repartissem os Indios e nomeassem os cabos dos sertões, cap. IV § 11.
Provizão porque Sua Magestade manda, que os maiores façam repôr os Indios effectivamente nas aldeias e sejam repartidas em 3 partes, cap. IV, § 29.
Provizão de indulto nos generos novamente beneficiados: *ibidem*.
Provizão de meios direitos livres dos negros da Angola, cap. IV § 26.
Prizão e degredo de todos os officiaes de uma camara, cap. IV § 16.
Prizão e remessa para o reino de um juiz e um vereador da camara, cap IV § 16.
Prizão e degredo de um vereador mais velho em que morreo, cap. IV § 12.
Prizão de um procurador da camara para ir degredado fora do Estado, cap. IV § 18.
Privilegios dos cidadãos do Porto concedidos aos do Estado do Maranhão, cap. IV § 10.
Perda do governador Pedro de Albuquerque, cap. IV § 3.
Pobreza das camaras d'aquelle Estado, cap IV § 28.

Q

Quinaquina, cap. III § 13.

R

Riqueza do Brazil, cap. V § 20, § 21.
Rio da Prata, cap. I § 3.
Rio das Almazonas, *ibidem* § 4.
Rio de Vicente Pinson, *ibidem*.

V

Villa de Tapuitapera, cap. III § 5.

CARTA DE D. ANDRÉ LAMAS

SOBRE

A LEI DA EXTINCÇÃO DA ESCRAVIDÃO

Buenos-Aires, Mayo de 1888.

A Su Excelencia el Señor Baron de Alencar, Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario de S. M. El Emperador del Brasil.

Señor :

Ruego á V. Ex. digno Representante de S. M. El Emperador del Brasil, me permita que, recordando que tuve la honra insigne de negociar en la Córte Imperial la alianza de 1851, que abrió una nueva era em los pueblos del Rio de la Plata desenvolbiendoles el libre ejercicio de sus derechos civiles y politicos, me asocie en esta sola fórma, aunque sin reserva alguna, á todas las manifestaciones del grande y fraternal movimiento de opinión que produce en estos pueblos la ley que acaba de complementar la emancipación de los esclavos en el Brasil.

La estinción de la esclavatura era una aspiración suprema en el eminente Americano que ocupa el trono Imperial, — aspiración qué, por un motivo muy personal, pude conocer y apreciar bien en 1871, — y la emancipación, que ahora se consuma, principió en el Brasil por la memorable ley de 28 de Setiembre de aquel año.

Esta ley puso término al nacimiento de esclavos en el Brasil, — estableció la paulatina manumisión de los que existiam y derramando en el seno de la sociedad

Brasiléra — tanbien preparada por la naturaleza para recibirlas y fructificarlas, — las semillas de las doctrinas cristianas y de los sentimientos filantrópicos que la dictaron, ha elaborado, en más breve tiempo del que podia calcular-se, el hermoso espectaculo, que honra á la América latina, de un pueblo qué, rompiendo com hábitos arraigados y desoyendo la voz de los intereses materiales que puede perjudicar la extinción de la esclavatura, hace en un solo dia, con unanimidad, en paz y entre lágrimas de jubilo, lo que la poderosa Confederación de la América del Norte no pudo hacer si nó a hierro y fuego, entre lágrimas amargas, y vertiendo copiosamente la sangre de sus proprias venas.

Este espectaculo és una revelación de lo que con sanos y elevados propositos, con criterio propio, emancipado de las doctrinas y de los ejemplos de las sociedades fundadas por el feudalismo, podria iniciarse, impulsarse, hacerse, en estas sociedades nuevas, donde todavia no han bastardeado los sentimientos y los ideales que más enaltecen al genero humano, que mas preponderan en la nobilisima vaza latina, y qué, precisamente por esas dos circunstancias, pueden servirnos de base para una organización social más perfecta y mas perfectible que la que de Europa hemos recebido.

Estas nuevas colectividades américanas pueden y deben abrigar tan alta aspiración, porque en ellas no existen los hechos que en Europa dificultan, si no es que imposibilitan, la solución de los grandes problemas contemporáneos, entre los quales es uno de los mayores el del perfeccionamiento de la sociabilidad internacional, garantiendo la paz, como se ha garantido en las unidades nacionales, por la sumisión de las autonomias personales al imperio del derecho y á las decisiones de los designados para interpretarlo y aplicarlo em los casos ocurrentes.

En Europa, donde todavia predominan, y soberanamente, las desigualdades de casta, los privilegios, los intereses y los egoismos de los privilegiados, que todavia son poderosos por su raigambre organico y secular, la paz internacional no puede mantenerse, y no se mantiene sinó por un equilibrio de fuerzas materiales.

De ahi que los pueblos son esquilmados y sus intereses económicos subordinados á la necesidad de conservarse armados para repelir la fuerza con la fuerza, y que la misma ciencia incurra en contradiciones monstruosas transigiendo con el hecho existente que consiste simplesmente en la sustitución del imperio del derecho, por el imperio de la fuerza.

En la organización de estos pueblos no han entrado los elementos del Organismo Européo que produce ese hecho; y por esta circunstancia tanto como por la diversidad de condiciones en que nos encontramos, nos és posible hacer aqui mucho de lo que no les és dado hacer allá.

Allá, por ejemplo, la menos importante de las cuestiones territoriales de la Republica Argentina habria producido, necesariamente la guerra, por que una centena de leguas de tierra que por la densidad de la población y por la riqueza en ella acumulada, es una fuerza cuya dislocacion perturbaria el equilibrio en que reposa el orden Europèo.

Aqui estamos en condiciones no solo diversas sino opuestas, y obrariamos isentamente si, esquivando las soluciones de la justicia ó las transaciones equitativas, se sacrificasen por jirones de tierra despoblada, hombres y capitales.

Convencido profundamente por todo lo que acabo de esponer de que la abolición de la guerra no tiene en estos pueblos americanos los obstáculos que más la dificultan en Europa, — persuadido de que el contacto en que se han encontrado los pueblos del Rio de la Plata con el Brasil por la alianza que han celebrado, los adelantos de su reciproca cultura y la mejor comprension de sus intereses, se sobreponen, definitivamente á las preocupaciones y antagonismos que habian heredado, dificultando la intima cordialidad de las relaciones que cultivaban; y en presencia de la fraternal efusion con que en estos dias se congratulan y se estrechan hermanados por aspiraciones y por sentimientos que les son comunes, — hago, al asociarme á esos actos, los más sinceros votos, porque procediendo logicamente y por los mismos principios y los mismos sentimientos que condenan la barbarie de la

esclavitud, los pueblos del Rio de la Plata y del Brasil sean los primeros que en este continente garantan su paz internacional y den base segura á sus más esenciales intereses en el presente y en el porvenir, por la condenaciòn y la abolición entre ellos de las barbaries de la guerra.

Agregando á este voto, los que hago de todo corazón, por la prosperidad del Brasil—por el restablecimiento de la salud de S. M. El Emperador — ¡ que Dios conservará por dilatados años ! por su felicidad, por la de S. M. La Emperatriz y por la de S. A. I. la Regente, tengo el honor de ofrecer á Su Ex. el Sr. Alencar las seguridades de mi más perfecta e distinguida consideraciòn.

ANDRÉS LAMAS.

MEMORIAS DO ANNO DE 1816

Senado da Camara da Villa do Senhor Bom-Jezus de Cuiabá

(MATO-GROSSO)

Zelozamente copiadas do Archivo Municipal de Cuiabá
por Estevão de Mendonça, respeitadas a orthographia e pontuação
e por elle offerecidas ao

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

(1894)

Chegando aesta Villa a infausta edoloroza noticia dofallecimento da Nossa Augusta Soberana, aSenhora Dona Maria Primeira, em officio, que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor João Carlos Augusto d'Oeynhausen, Governador e Capitão General desta Capitania, com data de 25 de Agosto do corrente anno, dirigio á Camara desta mesma villa ; ordenando nelle, que assim como na vida de tal Soberana tinha-mos sido participantes dos seus beneficios, fosse-mos na sua morte compublicas, eparticulares, internas, e exteriores demonstrações do justo sentimento, lastimaveis pregoeiros detanta perda : logo omesmo Senado com prontidão possivel mandou solemnisar com a mais crescida pompa as Exequias competentes, cuja relação fiel he aque se segue :

Em odia 8 do mez de Setembro comessarão adobrar os sinos da Camara, da Cathedral, e Capellas Filiaes, repetindo os dobros dehora emhora por espaço de tres dias. No dia 10 do mesmo mez sahio a Camara aquebrar os Reaes Escudos, cuja ceremonia se executou nos largos da Igreja Cathedral, do Senhor do Passos, da Praça

Real acompanhando atodos estes actos os Republicanos, Almotacês, Letrados, Escrivaens de lança, emais Officiaes de Justiça, vestidos, eornados de rigorozo, esizudo luto. Precedia este acompanhamento ahum grande numero de Officiaes de Tropa paga, deMilicias, e Ordenança, e ahum grande Corpo de Tropa Miliciana naforma do costume, que com armas em funeral, emuzica competente concorria a fazer aquelle acto mais funebre, emagestozo; o qual se concluio recolhendo-se a Camara aos seus Passos, edando a Tropa tres descargas de mosquetaria.

Tendo determinado a mesma Camara solemnisar com a mais crescida pompa as Exequias pela Alma deSua Magestade Fidelissima, fes levantar por obrigação devida dentro da Capella mór da Cathedral hum rico, eaparatozo Mausoleo de figura oitavada emforma piramidal. Tinha todo o corpo 20 palmos de alto desde oultimo, e superior degráo, e 10 de largura, o qual se compunha de quatro corpos parciaes cubertos develudo preto, eornados de ricos galoens, efolhagens defino ouro, eprata que sobre maneira o formozeavão, eenriquecião. Osprimeiros dous corpos se ornavão pelas suas faces com oito tarjas douradas dentro das quaes se vião finalmente escriptos em fitas deprata os seguintes disticos.

*

Hic jacet consûpta morte Maria.
Quam cœlo astrifero vivida fama colit.

*

Augustissima Regina Maria Prima nec Regnum amisit, nec coronam, nunc maximo supra nos regnat, cum in cœlo regnat.

*

Omnes, tanquam Parentem publicum periisse domestico flectu dolores illacrymant.

*

Et nostra Jerusalem ploravit in nocte, quoniam, quæ, eam splendidiorem sua fide faciebat o ccubuit.

Credit Legi Dei, et Lea illa fidelis.

*

Os suum aperuit sapientiæ, et Lex clemenciæ inlingna ejus.

*

Precioza inconspectu Domini mors ejus.

*

Principes, Populos que prudentia, consiliis juvit.

*

O terceiro Corpo, em que se representava estarem as cinzas damesma Senhora mostrava nas quatro faces principaes as Reaes Quinas Luzitanas ornadas com primorozo gosto. Em oquarto, ultimo corpo se sustentava huma proporcionada almofada develudo preto guarnecida degaloens, eborlas deouro, sobre a qual descansava a Corôa, eSceptro deprata guarnecidas de joias dediamantes, eoutras pedras preciozas. Esta maquina era sustentada em oito quartoens de tres emeio palmos pintados decor de alabastro com filetes dourados, de cujas volutas pendião de hum a outro lado fastoens tão bem dourados, os quaes estavão assentados em hum estrado detres degraus defingido marmore azul, cuja superficie se via pintada de hum xadrez azul, e branco.

Havião quatro horrorozos Esqueletos com mantos de Cavalleiro da Ordem de cristo sobre outros tantos pedestaes fronteiros aos quatro cortes angulares do mesmo Mausoleo; os que fronteavão aporta principal da Igreja, empunhava hum o Regio Sceptro, e o outro sustentava uma Coroa, e os que fronteavão o Altarmór, hum sustentava aReal Purpura, outro empunhava adesatenta fouce. Na frente daquelles pedestaes (cujos plintros erão de fingido alabastro, e os Corpos de marmore azul em campo branco) estavão escriptas as seguintes inscripçoens :

Tili in mortuam produc lacrymas,
Aquazi dera passus incipe plorare.
A fac luctum secundum meritum ejus.

*

Spoliavit me gloria mea, et aostulit coronam de capite meo.

*

Mortua est autem Regina Luazi non estmortua finilem enim reliquit sibi post se.

*

Solvamus O. P. T. Regina Stipendiarias lacrymas. Nectamem flendi admonirão necessaria. Flent omnes.

*

Esta sublime obra estava em o meio de quatro columnas de Ordem Corinthia, que subião aaltura devinte palmos demarmore azul fingido, cintadas de folhagem douradas com capiteis tão bem doirados, em as quaes se firmavão quatro jarroens prateados, esobre ellas se erguião arcos emque se suspendia acupula do Pavilhão, que tão bem era de veludo guarnecida de galoens, efranjas, borlas, efolhagens de ouro, e rematava com um florão até aaltura de 32 palmos; mostrando para os dous lados fronteiros ao Altarmór, eporta principal da Igreja, as Reaes Quinas Luzitanas.

Desta bem composta cupula pendião quatro Cortinas guarnecidas de galoens, efranjas deouro; as quaes hião prender com cordoens, eborlas ás volutas dos capiteis, ediscião ate tocar os pedestaes das sobreditas columnas, ecomo estavão forradas de filó branco matizado depreto, asemelhança de arminho, fazia realçar o ornato degaloens, franjas, eocampo dos veludos pretos.

Sobre os quatro lados de primeiro banco estavão assentados quatro jarros prateados, emque se depoziravão odoriferos perfumes, que incessantemente exalavão columnas defumo, eincensavão a magestoza Urna, que ficava superior.

Destinados os dias 13, 14 demes de Novembro para as mesmas Vesperas as cinco horas da tarde do dia 13 começarão Matinas, Officiadas, e presididas pelo Excellentissimo eReverendissimo Bispo de Portalegre, ePrelado desta Villa, a que assistirão todos os Ecclesiasticos;

ecomessarão tão bem os dobres dos Sinos da Cathedral, Camara, e Capellas Filiaes, etiro de peça de artilharia de quarto em quarto de hora.

No dia seguinte continuarão a celebrar-se as mesmas Exequias, eo mesmo Excellentissimo Bispo, por convite que a Camara lhe fez obzequiosamente, offereceo ao Altissimo oSanto Sacrificio da Missa em solemne Pontifical, erecitou huma eloquente, epathetica Oração, tomando por thema as palavras do Livro da Sabedoria Capitulo primeiro versos quinze « Iustitia enim perpetua est, et immortalis ».

E empenhando-se em mostrar os Acertos do Reinado damesma Augusta Senhora, e as Maravilhas da sua Piedade, penetrou os Coraçoens de todos os assistentes de huma viva dor, esaudade: e concluida aqual, efeitas as venias, e ceremonias do estillo pelo mesmo Excellentissimo Bispo, concluio este pompozo acto com as Absolviçoens, eoutras cerimonias.

Assistirão aestas Exequias o Exmo. Governador e Capitão General desta Capitania João Carlos Augusto d'Oeynhausen com muitos officiaes de Tropa de linha, Milicianos, e Ordenanças, a Camara, Republicanos, Escrivães de Meza, officiaes de Justiça, e as quatro Irmandades em Corpo de comunidade pertencentes aesta Villa, que para este tão respeitavel Acto forão pela Camara convidadas, eatodos se deo a competente cera na vespera, edia das mesmas Exequias.

O mesmo Exmo. General fes avizar hum corpo de Tropas Milicianas, epostando-se na Praça aporta da Igreja na vespera, edia das Exequias, esalvando dequarto emquarto de hora com hum tiro depeça, e ainda mesmo por toda anoite, concluio este obzequio devido com tres salvas de mosquetaria, efinalmente se recolheo a Quarteis.

Todo este funebre aparato, áprezensa doseu Excellentissimo General, ePrelado, agravidade, edecoro com que a Camara costuma executar todas as suas funçoens, osumptuozo do tumulo, aformuzura da illuminação das toxas, que o rodeava, das velas emtodos os Altares, eas dos assistentes, aquem sehavião destribuido, o armoniozo

da Muzica, e as continuas salvas de Artilharia arrebatavão detal maneira os animos dos expectadores, que exteriormente mostravão modestia, silencio, eadmiração, eamais grande, eseria idéa, que formavão da Augusta, e incomparavel Soberana.

Forão estas as Exequias, que fes a Camara da Villa do Cuiabá por Alma de Sua Soberana, eSenhora: se ellas como conhece amesma Camara forão inferiores as virtudes desta Grande Soberana, aos beneficios, que fes a Nação em sua vida, eao amor terno, que toda ella lhe há tributado; se consola tambem com esta sincera confissão, ecom asegurar, que ellas tiverão toda aquella magnificencia, que oestado actual desta Villa lhe permettia dar, eainda excedeo as suas forças, e com protestar, que asua maior gloria atem posto, eporá sempre noamor, e inviolavel fidelidade comque respeita, eobedece aseus Soberanos navida ena grata, eprecioza memoria, que lhe conserva depois do seu fallecimento.

Como esta relação foi extrahida da que oSenado da Camara enviou ao Exmo. Senhor Marquez de Aguiar transcreverei aqui tão bem oOfficio, que com ella sedirigio ao Sobredito Exmo. Ministro d'Estado, oqual hé do theor seguinte:

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Tendo conhecido em todos os tempos a Camara desta Villa aobrigação, emque sua Lealdade, gratidão, eReligião apoem de honrar aboa memoria, esolicitar odescanso eterno de seus Soberanos, eSenhores depois da morte; tem a mesma Camara por occazião dofallecimento da Augustissima Rainha a Senhora Dona Maria Primeira dezempenhando estes tão sagrados deveres, dehuma maneira tal, que se lisongeia merecerem aReal Approvação de Sua Magestade. Remettemos incluzo aVossa Excellencia aNota circunstanciada das Exequias, que sefizerão nesta Villa pela Alma da Mesma Augusta Senhora com avista do Tumulo que opincel de hum curiozo (porque não ha mestres) dezenhou.

Sirva-se Vossa Excellencia fazer-nos a merce dealcansar do mesmo Augusto Senhor a sua Real Approvação, aquem supplicamos com a maior submissão se Digne tão bem tomar na Sua Real Consideração, como testemunho do

nosso amor, religião eVassalagem os esforços, que fizemos em celebrar aquellas Exequias com tão crescida pompa.

Deos Guarde aVossa Excellencia por muitos annos. Cuiabá em Camara de 23 de Novembro de 1816. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Aguiar, o Juiz de Fora Presidente *Antonio Jozé de Carvalho Chaves.* Vereadores. *Joaquim Jozé Ramos. Joaquim da Silva Prado. João Poupino Caldas.* Procurador. *João Pedrozo de Almeida.*

Neste anno entrarão nesta Capitania noventa e dous Espanhoens, que forão mandados para aCapitania de Goiaz nos mezes de Setembro, e Outubro deste mesmo anno, com todos os Soccorros precizos para aviagem; no que se distinguirão com muita caridade todos os Patroens por cujas cazas forão aboletados, dezempenhando perfeitamente osdeveres dahospitalidade com estes Estrangeiros desgraçados, os quaes nesta Capitania não consta, que por necessidade se desfizessem de alguma pouca prata lavrada, que puderão trazer comsigo na occazião da Derrota de Chiquitos, quando buscarão asilo nasua desgraça pela generosidade dos ditos Patroens, que ossoccorrerão detudo, que precizavão naforma das recommendaçoes do Illmo. eExmo. Snr. João Carlos Augusto d'Oeynhausen, que geralmente agradeceo aos mesmos Patroens adita Caridade, discrição, edesenteresse comque se houverão.

Abrirão-se os Pelouros das novas Justiças esahirão por Vereadores o Alferes Jozé de Pinho de Azevedo, o Capitão Jozé Joaquim Rodrigues, epor Procurador o Alferes João Pedrozo de Almeida.

Nada mais houve no presente anno que sefizesse recommendavel para esta Memoria. Villa do Cuiabá aos 30 de Dezembro de 1816.

Joaq^m^. da S^a^. Prado.

Noz abaixo assignados Juiz deFora Presidente Vereadores e Procurador que neste presente anno servimos em Camara nesta Villa Real doSenhor Bom Jezus do Cuiabá. etc.

Attestamos debaixo de Juramento dos nossos cargos que tudo quanto se acha escrito nas memorias dopresente

A primeira questão, que cumpre-nos agora ventilar, é saber si temos um ou mais patriarcas da independencia do Brazil.

Para rezolver esta questão, cumpre primeiro que tudo examinar como surgio e realizou-se a idéa da nossa emancipação politica.

Poderiamos dizer, que avia um patriarca da independencia nacional, si entre nós tivesse por ventura aparecido um omem que por uma iniciativa antecipada e poderoza tivesse propagado, e dado impulso por seos atos e opiniões ao pensamento libertador.

Poderiamos dizer, que avia um patriarca da independencia nacional, si no meio da luta se tivera erguido um omem de tal preponderancia de forças, que ele por si só trouxesse a efectiva realização do fato emancipador.

Mas, Senhores, o imparcial exame dos fatos da nossa independencia politica, e a averiguação das circunstancias do paiz claramente nos dizem, que nem surgio iniciativa individual por tal fórma pronunciada e propagada, que se lhe possa atribuir autor certo e conhecido, nem na ocazião da luta appareceo cidadão algum, que por si tivesse forças, meios e recursos para fazer a independencia do Brazil.

O Brazil extenso e vasto, não possuia em seo seio um cidadão, que rezumisse em si todos os seos elementos de força: o Brazil não rezumia-se em estreito ambito, onde um omem podesse assumir essa influencia, de que gozou, por exemplo, um Rodrigues Francia e um Solano Lopes no Paraguai.

Se em populações ignorantes, e estreitadas em regiões de pequena extensão, póde um omem rezumir um povo, pensar e obrar por ele.

O Brazil [illegible], não possuia illustração notavel em [illegible], todavia tinha algumas luzes espalhadas pelo clero [illegible] unica das nossas classes sociaes dotada de letras, [illegible] e nulla no paiz e sobretudo era extensissimo [illegible] importava [illegible] exclusive de qualquer [illegible]

[illegible] das relações das [illegible] capitanias [illegible] de interesses comuns, e a

concentração de uma só direção n'esses interesses; por isso a ninguem cabia influencia geral; tudo localizava-se, porque tudo estava segregado. Não levantava-se pois uma vontade, que podesse dominar o paiz.

Quando não existe dominio das pessoas, prevalece o dominio das idéas, o unico eficaz e poderozo para decidir das revoluções ou reformas sociaes.

Foi o que sucedeo no Brazil em 1822: a idéa de independencia surgio espontanea no animo de todos os Brazileiros; ela foi simultanea em diversos pontos do paiz, de maneira que ao primeiro brado ela generalizou-se, não podendo quazi dizer-se com certeza onde esse brado primeiro levantou-se.

Um varão distintissimo, cuja perda o paiz e as letras deploram, e cuja benemerencia todos nós reconhecemos, já por seo patriotismo, e já por suas luzes, o finado Marquez de Sapucahi, falando do modo unisono, por que o paiz erguera o grito emancipador, dizia em 1833:

« Sabido é já, que ninguem póde arrogar-se a gloria, não digo só de ter feito, mas ter aprezentado a declaração da emancipação politica do Brazil: este ato operou-se tão aceleradamente e por tal unanimidade de votos de todos os Brazileiros, que póde dizer-se com verdade, que os fatos encaminharam os omens, e não os omens os fatos.

O grito da independencia repercutio em todos os angulos da terra de Santa-Cruz com geral espontaneidade e pouca diferença de tempo, sem que precedesse seducção; porque os animos estavam preparados, e muito mais quando se vio, que as côrtes de Lisboa por seos atos ostís tendiam a recolonizar o Brazil. »

Eis o juizo de um omem competentissimo, por sua ilustração e por sua assistencia ao grande drama da independencia nacional.

Com efeito, Senhores, a idéa da emancipação politica do Brazil axava-se desenvolvida ou enraizada no paiz, desde que o Brazil passára de colonia á categoria de reino em 1815, e desde que em 1817 uma revolução patriotica

tentára essa emancipação, levantando o estandarte da independencia nas provincias de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Desde que o rei D. João VI rezolvera regressar á antiga metropole, deixando as terras americanas, a independencia nacional foi uma opinião assentada no animo dos Brazileiros.

A voz popular, a nascente imprensa e todos em geral sentiam a força da opinião. Era ela tão manifesta, que o proprio rei não duvidava do seo proximo exito.

Por isso ao embarcar para Portugal dirigio a seo filho, o principe regente, as terminantes palavras, que este consagrou em carta de 19 de Junho de 1822, quando recordava a seo pae aver-lhe dito: « Pedro, si o Brazil se separar, antes seja para ti que me has de respeitar, do que para algum aventureiro. »

Nas palavras do velho rei é impossivel não ver a profunda convicção, que ele tinha, de que, deixando o Brazil, deixava feita a independencia da nossa patria.

O rei tardio em suas concepções, mas atilado nas perspectivas do futuro; indiferente ao exercicio do poder, mas ciozo da sua posse, jámais suscitaria no animo do principe a idéa da desmembração do seo imperio, si porventura se lhe não afigurasse a realidade da separação, que já não podia impedir.

Mas ele a suscitou, e na sua despedida para a Europa, instruia o filho para fundar na America o imperio, de que ele, ora constrangido, ora voluntario, apartava-se com a dôr, que nos aflige nas grandes perdas.

Da vontade do paiz não era licito duvidar; o rei e o principe a conheciam, e si lhe não deram logo livre curso, é porque o rei não podia de boa mente rezolver-se a perder a melhor porção dos seus dominios, e o principe não queria, sem mostrar-se impelido por cauza forçoza, ser instrumento dos paternos prejuizos.

Um ezitava em abrir mão da erança avoenga, que reputava depozito inviolavel; o outro escrupulizava antecipar-se na posse d'ela, para que o não arguissem de violador do respeito filial.

O pensamento do principe retrata-se claramente nas expressões com que justificou-se perante o rei, quando decidio-se a abraçar a cauza do Brazil.

Ele dizia então: « Foi xegado o momento da quazi separação, e estribado eu nas eloquentes e singelas palavras expressadas por Vossa Magestade, é que tenho marxado adiante do Brazil. »

Aqui o principe revela-se: ele reconhece a vontade nacional, e aproveita a autorização paterna para pôr sobre a sua cabeça uma corôa glorioza, e fundar um povo.

Apenas a idéa do regresso do rei a Portugal foi sancionada pela sua efectiva retirada do Brazil, o pensamento emancipador irrompeo por todos os póros da nossa sociedade.

A muza popular apoderou-se do patriotico assunto, e um vate nacional procurou vulgarizal-a: assim a tradição e a istoria conservam a memoria de uma pequena poezia, na qual transpira o sentimento vivaz da nossa nacionalidade.

Assim ainda os omens politicos incubavam a idéa, quando ela no meio do povo manifestava-se vigoroza nos seguintes versos aluzivos ao principe:

Inda que não fosse erdeiro,
Seja já Pedro Primeiro;
Seja nosso Imperador,
Com governo liberal
De côrtes franco e leal.

Aqui todos vemos a idéa independente surgir com tal energia, que fica de parte o principio ereditario para atender-se unicamente ao principio emancipador.

Si o vate popular assim exprimia-se, o publicista na imprensa não protestava com menor vigor em prol da independencia nacional.

O *Reverbero*, gazeta que começou a publicar-se em Setembro de 1821, e cuja epigrafe *Redire sit nefas* assás inculcava o espirito com que sustentava a cauza do Brazil, proclamava em altos brados: O Brazil já entrou no periodo da sua virilidade; já não preciza de tutela; a

emancipação das colonias segue uma marxa natural e irrezistivel, que jámais forças umanas podem fazer retrogradar.

Assim tudo no paiz transpirava independencia, sem que aliás aparecesse um autor certo e conhecido, que podesse ser apontado como o originario propagador do generozo pensamento, cujo exito era a formação autonomica de um povo.

O rei, o principe, a população, todos em suma sentiam a força e o dezenvolvimento da idéa emancipadora; todos previam e esperavam os efeitos da explozão; mas ninguem via o promotor d'essa idéa, que parecia mais uma insurreição dos espiritos do que uma combinação de vontades.

Si não existio um iniciador da idéa da independencia, e ninguem como iniciador d'ela póde arrogar a si o titulo de *patriarca da independencia*, vejamos como a idéa alcançou a sua realização pratica.

Apenas xegado o rei a Portugal, as côrtes geraes e extraordinarias da nação, estabelecidas em Lisboa, quizeram sopitar os justos dezejos dos Brazileiros, que, tentando ainda a união dos dominios europeos com os dominios americanos pelo vinculo comun da mesma corôa, pretendiam ser arbitros da sua propria fortuna.

A retirada do principe de entre os Brazileiros, e a supressão dos tribunaes superiores, necessarios á administração de um povo que tem vida propria, foram determinações, que não deixaram ao Brazil duvidas de que a união não podia operar-se sem o completo aniquilamento da sua categoria de nação, e sem a consequente perda dos fóros já adquiridos.

O Brazil pois levantou-se, e dentro de poucos dias o grito de emancipação soava em todos os angulos do paiz, partindo de todos os sentidos.

As forças portuguezas existentes no Brazil tentaram rezistir na côrte e erguêram-se ufanas na Bahia, no Piauhi e em Montevidéo, então territorio brazileiro.

A tentativa da côrte, ensaiada pelo general Jorge d'Avilez, passou rapida como sombra fugitiva; na Bahia o brigadeiro Madeira de Melo, e no Piauhi o coronel

Cunha Fidié por pouco mais de seis mezes ostilizaram a cauza brazilica, e só em Montevidéo por mais algum tempo prolungou-se a ocupação inimiga.

Assim o tentamen portuguez desvaneceo-se, encontrando obstaculo em todo o paiz. Este obstaculo levantava-se no proprio sólo, onde a rezistencia á idéa da independencia buscava aparecer.

O principe não tinha meios para levantar grande exercito, nem fazer despezas custozas ; mas por toda a parte o paiz oferecia-se voluntario.

Na Bahia os cidadãos armaram-se, e com a força enviada da côrte expeliram o seo opressor.

O Ceará formou um exercito de mais de seis mil omens, perseguio o rezoluto opugnador da cauza nacional no Piauhi, e levou-o a Caxias, onde o fez depôr as armas.

Nem o norte nem o sul prestaram-se reciprocos ocorros, e no meio da luta da independencia nenhum individuo ergueo se para dominar e dirigir a sorte da mesma luta. O triunfo da cauza do Brazil foi devido ao acôrdo unanime dos Brazileiros e aos auxilios locaes, sem ação alguma geral, partida de um centro ativo, que tudo rezumisse. O principe apenas constituia o alvo das esperanças, que dezenvolvia as forças, e dava-lhes energia. Sendo assim, conclue-se, que ninguem dominou os acontecimentos, e ninguem póde atribuir a si o exito da luta.

A luta terminou rapidamente em favor do Brazil, porque todos os Brazileiros auxiliaram a cauza emancipadora.

Portanto, si não tivemos uma individualidade, a quem circunstancias especiaes déssem meios de rezolver a luta por si, a consequencia é, que ninguem tem o direito de dizer, que teve parte precipua, proeminente e deciziva na luta material, que deo-nos a independencia patria.

Si fica rezolvido, que não apareceo iniciador da idéa, e que não tivemos protogonista eminente, que arrogasse aos seos esforços o exito da contenda, seguir-se-á porventura, que não possamos dar a alguem o gloriozo titulo de *patriarca da independencia nacional?*

Julgo, que si não apareceo um vulto, que rezumisse toda a vitalidade do povo brazileiro n'esses dias de abnegação e de civismo, appareceram com certeza caracteres nobres e generozos, que nos serviços á cauza da patria distinguiram-se pela relevancia d'eles.

Nos fatos umanos a Providencia assinala os instrumentos dos seos dezignios.

Na cauza brazilica tivemos muitos patricios benemeritos, muitos denodados campeões; mas a pozição social, a confiança publica, e o amor dos seos concidadãos deram a alguns personagens pozições salientes, que cumpre não desconhecer.

Entendo, que entre todos os ilustres lidadores da cauza do Brazil trez vultos realçam-se acima dos demais, e que a estes cabe a denominação onroza e patriotica de *patriarcas da independencia nacional*.

Estes trez vultos são: o principe D. Pedro de Alcantara, Jozé Clemente Pereira e Jozé Bonifacio de Andrada. Cada um d'eles reprezentou proeminente figura no drama nacional, que iniciado em 9 de Janeiro acabou em 7 de Setembro de 1822.

O principe D. Pedro de Alcantara, que dentro de poucos dias seria D. Pedro Primeiro, governava o paiz por autoridade delegada por seo augusto pae.

Estando ele á frente do governo, dispondo da força publica e dos cofres nacionaes, é patente quanto importava o seo concurso em pról da cauza da independencia.

Este concurso trazia á cauza do Brazil trez grandes vantagens: dava lhe logo em começo um centro de poder, grande força moral, e recursos materiaes indispensaveis.

A colocação do principe á frente da cauza nacional era de suprema vantagem: era o mais poderozo elemento de triunfo, que ela poderia então contar.

Si o principe contrariasse a independencia patria, não só taes vantagens se não obteriam, mas tambem graves males seguir-se-iam. Os elementos, que ele punha em auxilio d'essa cauza seriam meios de impugnal-a.

O principe não podia ser indifferente na luta: a sua revolução por em contra á cauza do Brazil, assim como

grandemente a auxiliava, assim tambem poderozamente a contrariaria.

Basta a minima reflexão para alcançar esta verdade, e para d'este modo conhecer o serviço relevantissimo que o principe prestou á sua patria adotiva.

As suas circunstancias especiaes faziam, que o seo auxilio fosse o mais eficaz e importante entre todos os auxilios prestados á cauza da independencia, e por isso é ele o mais eminente dos protogonistas d'ela.

NoBrazil ninguem tinha nem mais nem tamanho poder como ele; portanto ninguem prestou maior nem igual serviço ao que ele prestou á cauza emancipadora. Ele pois, em atenção á importancia do auxilio, é tambem o primeiro, que deve ser enumerado entre os propugnadores da independencia. Sem o seo concurso a independencia do Brazil não se ouvéra feito nem tão cêdo, nem tão izenta das calamidades da guerra fratricida.

Para avaliarmos o serviço prestado á cauza nacional pelo principe, basta recordar, que si ele combatesse essa cauza, todas as forças portuguezas existentes no Brazil teriam empunhado armas para contestal-a; e si a Bahia precizou de socorro estranho; e si o Piauhi necessitou de forças do Ceará, derramando-se sangue brazileiro, veja-se o que sucederia, si em todas as capitanias as forças portuguezas nos contrariassem, insurgindo-se contra nós.

A luta armada seria geral; a força moral da direção de um governo regular daria impulso á rezistencia, e os Brazileiros seriam por certo reprimidos nos primeiros tentamens para só mais tarde reerguerem-se e conquistarem a independencia, que aliás infalivelmente viria.

A aceitação da cauza do Brazil por parte de Jozé Clemente foi tambem de maximo proveito para essa mesma cauza. Omem ativo e energico, ele trabalhou com empenho pela idéa nacional, mas a proficuidade do seo concurso nasceo de outro motivo.

Grande parte da população do Brazil em 1822 era de nascimento portuguez; e quando agitou-se a questão da independencia da nossa patria, essa população dividio-se: parte quéria a independencia da patria americana,

porque já considerava o Brazil idoneo para tratar da sua propria ventura, parte a impugnava, porque na estreiteza das suas idéas reputava crime o querer o Brazil a propria liberdade.

Na parte da população portugueza favoravel á independencia estavam os cargos publicos, a riqueza e a ilustração José Clemente era alma e direção d'essa importante massa.

Aderindo ele á cauza do Brazil não era um simples voto, que pronunciava-se por essa cauza; era um partido poderoso, que por ela vinha combater. Dahi pois mostra-se quão valiozo foi o concurso d'esse atleta para a cauza da independencia. Ele não trazia simplesmente um nome, nem uma individualidade: trazia após si um partido e uma força consideravel.

José Clemente era magistrado, e n'esta qualidade prezidia a corporação municipal d'esta côrte: gozava portanto, além da consideração pessoal, da importancia de um cargo publico assás notavel para dar-lhe valor e conseguir-lhe estima.

Negamos agora a José Bonifacio, o patriota ilustre, a quem o paiz tem tributado justas omenagens.

O grande merito de José Bonifacio na obra da independencia nacional consiste em ter, como ministro, sabido [illegible] e dirigir as idéas do principe, no momento em que [illegible] a grande questão nacional.

[illegible] dever de manter a união dos [illegible] como lhe recomendára seo [illegible] Brazileiros [illegible] principe vacilava, [illegible] a necessidade [illegible] com os [illegible]

[illegible] na via franca [illegible] disciplinar [illegible] importa-[illegible]

[illegible] partido-[illegible] mais

duvidar da vontade do Brazil. Ele proclamava-se livre de qualquer vinculo com a antiga mãe-patria, e ostentava a sua autonomia.

Com o grito do Ipiranga os Brazileiros entravam em novo caminho relativamente á sua existencia politica. Até ali a obediencia á mãe-patria era um dever; de então por diante o dever era rezistir-lhe. Portugal não tinha forças para revogar a rezolução tomada pelo Brazil. Com população talvez igual á do Brazil, não possuia os nossos elementos de riqueza. Portugal era um povo, que decahia, o Brazil era um povo, que levantava-se. Podia Portugal contrariar a cauza do Brazil, demorar o seo exito, e ensanguentar a nossa vitoria; não poderia porém jámais anulal-a.

Na serie dos acontecimentos notámos trez fatos principaes, que deram em rezultado a independencia brazilica. Esses fatos são: a ficada do principe no Brazil com formal desobediencia ás ordens das côrtes portuguezas; a convocação da constituinte brazileira; a proclamação da nossa autonomia em 7 de Setembro de 1822.

Em todos estes fatos tiveram parte os trez personagens, a quem atribuimos o titulo de *patriarcas da independencia nacional.*

Em todos eles o principe foi principal protogonista, porque sem a sua explicita vontade eles se não praticariam; bastava a sua recuza para serem impedidos: o merito do principe na realização da nossa independencia é portanto da mais patente e incontestavel verdade.

Emquanto a Jozé Clemente, ele concorreo para a ficada do principe, já com a sua influencia de omem politico, e já com a autoridade do cargo publico, que exercitava n'esta grande cidade.

Jozé Clemente, póde dizer-se, foi o motor principal d'esse fato; assim como participante do acto da convocação da constituinte e do brado do Ipiranga, porque estes dois ultimos fatos não só foram corolarios d'aquele primeiro ato, como tambem receberam o influxo dos constantes e repetidos esforços d'esse benemerito varão em pró da cauza do Brazil, que espo. á-a como patria.

Jozé Bonifacio cooperou para a ficada do principe por meio d'essa tão celebrada reprezentação da junta governativa de São Paulo, em que pedia-se ao principe, que não abandonasse o Brazil.

Si Jozé Bonifacio não teve a iniciativa d'esse ato, teve todavia o merecimento de pratical-o com suprema vantagem da cauza nacional.

Quando em 1844 cursava os estudos na Faculdade de Direito de São-Paulo tive ocazião de ler a carta original do capitão-mór Jozé Joaquim da Róxa, escrita d'esta côrte, na qual dizia-se a Jozé Bonifacio, que os patriotas d'aqui, animados por ele, por Jozé Clemente, por Joaquim Ledo e outros, aviam rezolvido promover por todos os meios a conservação do principe no Brazil, e que um dos meios lembrados era conseguir reprezentações em favor d'essa idéa; pelo que cumpria, que ele em São-Paulo conseguisse, que a junta governativa, de que era membro, se dirigisse ao principe, pedindo-lhe que não saisse do Brazil.

Foi então, que o patriota paulista escreveo, e fez assinar esse documento, que, embora não falasse claramente da independencia do Brazil, exerceo sobre ela poderozissima e imediata influencia.

Si n'essa reprezentação não existe da parte de Jozé Bonifacio o merito da iniciativa, existe o merito mais importante da influencia d'ela em bem da cauza comun.

Nos dois atos subsequentes, isto é, convocação da constituinte e proclamação formal da nossa separação de Portugal nas margens do Ipiranga, é intuitiva a parte, que n'ele teve Jozé Bonifacio, porque era o ministro conselheiro do principe, e o seo imediato cooperador na obra da libertação da patria.

A nomeação de Jozé Bonifacio como ministro em tão [illegible] ocasião foi um lance de alta politica. Brazileiro [illegible] reconhecido no mundo como um dos mais illustres, [illegible] no paiz e na patria, a sua exaltação ao ministerio [illegible] espirito nacional, inspirou confiança no principe [illegible] Imperio em colaborar [illegible]

[illegible] conselhos

do principe, ninguem mais duvidou de que este queria sinceramente a independencia nacional; e então o amor ao principe e a confiança n'ele depozitada deram novas forças á cauza da patria.

Assim o distintissimo Paulista prestou poderozo concurso á obra da independencia, aceitando o lugar de ministro para cooperar com o principe, cuja situação assim definia-se ante o Brazil, que d'então por diante via no seo *defensor perpetuo* a sincera e eficaz vontade de realizar a grandioza empreza da emancipação brazileira.

Era precizo, que o principe désse penhores d'essá sua sinceridade, pois estava viva na memoria dos Brazileiros os seos recentes protestos de fidelidade a seo pae, fidelidade que só podia manter-se com sacrificio da cauza do Brazil.

O principe que tinha declarado aos Brazileiros, que não contassem com ele, si pretendessem fazer a independencia do reino colonial, e que tinha escrito a seo pae assegurando, que essa independencia tam-sómente se faria depois que os Brazileiros pizassem por sobre o seo cadaver, tinha forçoza necessidade não só de dizer, como depois dice: « *De Portugal nada, nada*; *não queremos nada*, » mas tambem de tornar participante dos seos conselhos e dos seos atos um Brazileiro insuspeito, e merecedor da confiança nacional por titulo tão forte e legitimo como era o manifesto e conhecido amor ao sólo da patria.

Foi o que o principe com prudencia e sabedoria fez, xamando Jozé Bonifacio ao lugar de seo primeiro ministro.

Sei, Senhores, que muitos varões benemeritos distinguiram-se na obra da nossa emancipação politica.

Joaquim Ledo, Januario Barboza, Jozé Joaquim da Róxa, Luiz da Nobrega, Frei Francisco de Sampaio, e outros consagraram os seos esforços em bem da cauza do Brazil; foi um incessante labor, a que a posteridade deve gratidão; todavia não tiveram os serviços d'esses egregios patriotas a mesma deciziva influencia, que sobre o exito da cauza nacional tiveram os feitos dos protogonistas, que consideramos principaes atores no drama gloriozo, que o paiz prezenciou em 1822.

A Providencia destina a certos omens a sorte, que lhes quadra nos acontecimentos politicos do mundo.

Muitas vezes a condição social e as circunstancias do momento dão a um personagem influencia soberana nos acontecimentos, e o tornam indispensavel ao exito de uma cauza.

Sobrou em todos os Brazileiros o sentimento do mais acrisolado patriotismo; mas nem a todos foi dado influir igualmente por seos atos sobre a cauza patriotica.

Daqui vem, que para a propria gloria, si necessitámos de talento, da capacidade e das virtudes, dependemos constantemente do supremo influxo, arbitro da sorte das couzas umanas.

Só da condição intima dispõe o omem pela virtude propria; no mais ele está ligado a circunstancias esternas, sobre que não domina.

Rendamos nossos preitos de reconhecimento e veneração a todos os patriotas, que lidaram pela nobre cauza da independencia; não podemos porém, sem injustiça, deixar de aquilatar em maior conta o valor das ações, que o patriotismo ditou com maior proveito do bem comun. Por isso em nossos preitos e omenagens é devido maior quinhão a aqueles concidadãos, cujas ações maior influencia tiveram na estrema decizão da cauza da patria.

D. Pedro de Alcantara, Jozé Clemente e Jozé Bonifacio estão na primeira ordem do merito; por isso a eles qualifico como *patriarcas da independencia do Brazil*.

As suas ações politicas concorreram para a solução da cauza da patria com maior eficacia do que as ações de outros muitos, cujos esforços e sacrificios aliás não foram perdidos nem são indiferentes á posteridade.

Não me é estranha a opinião, que tende a singularisar essa qualificação aplicando-a exclusivamente ao nome do [illegible] D. Pedro, cuja gloria não desconhecemos, nem queremos [illegible]. A [illegible] porém é indivisivel e deve a todos [illegible] justiça.

Disse que a outros [illegible] igualmente benemeritos da patria [illegible] não [illegible] na benemerencia.

Quando coloquei o nome de Jozé Bonifacio em terceiro lugar, não quiz embaçar-lhe o brilho; quiz apenas observar a ordem cronologica e sucessiva das idéas e dos fatos.

O inclito Paulista axava-se em sua provincia sem aver ainda assumido papel ativo na questão emancipadora, quando Jozé Clemente já ostensivamente lidava por ela; por isso aprezentando o nome dos egregios protogonistas da independencia, enunciei primeiro o seo nome, pospondo o de Jozé Bonifacio.

Não leveis a mal, Senhores, que aqui vos reprezente o curso das idéas do patriota paulista em relação á independencia nacional.

Em 1821 o pensamento d'esse ilustre Brazileiro era a conservação da união dos dois reinos; e eu deduzo esse pensamento das instruções por ele escritas para os deputados do Brazil nas côrtes portuguezas.

Ele entendia, que a nossa união politica com Portugal não podia ainda romper-se; por isso n'essas instruções particularmente dadas aos deputados paulistas, estabelecia o seguinte ponto, para o qual deviam tender os esforços dos nossos reprezentantes: « Que se determine constitucionalmente a categoria do reino do Brazil; o que lhe compete como reino á parte, e o que como reino unido ».

As memorias comtemporaneas conservam de Jozé Bonifacio expressões, que, sem importarem a significação de instintos sanguinarios tão alheios ás virtudes d'esse ilustre varão, significam todavia a prevenção e desgosto com que ele então recebia os atos de manifesta tendencia á realização da independencia nacional.

Julgava ele, que a cauza da independencia perigaria ante o açodamento, com que procediam muitos patriotas, que abertamente a promoviam por fatos dirétos de ostilidade á ordem legalmente estabelecida no paiz.

Dahi nasceo, que em certa ocazião esquecido das considerações do cargo de ministro, que exercia, mas irritado por um zelo, que ele reputava serio perigo da patria, xegára a dizer: « Hei de enforcar esses *constitucionaes* na praça da *Constituição* ».

Já se vê, que no principio do movimento emancipador Jozé Bonifacio não considerava xegada a ocazião de obrar, e realizar a independencia definitiva do Brazil; ele previa, sim, que a idéa marxava, e que os acontecimentos precipitavam a época da emancipação, cumprindo por isso pensar no exito dos acontecimentos.

Não contava ele então com o principe, e assim cogitava de uma constituição republicana para o Brazil.

Persuadia-se ele por certo, que o principe seguiria após o rei para a Europa, e que só então a necessidade da independencia irromperia, e buscaria realizar-se.

Dominado d'esse pensamento, Jozé Bonifacio ensaiou formar um esboço de constituição, cujo projéto original de letra do proprio punho do autor li, consignando os seguintes artigos:

« 1.° Os poderes politicos do estado estão divididos: 1°. pela assembléa geral dos deputados; 2°. pelo senado; 3°. pelo sindicado; 4°. pelo arconte e quatro consules com os ministros de estado.

2.° O arcontado se comporá do arconte-rei vitalicio, e quatro consules por quatro annos, eleitos pelos colegios eleitoraes.»

Estas idéas depozitadas em projétos intimos denunciam, que o animo de Jozé Bonifacio vagava incerto, e nada tinha definitivamente rezolvido sobre a cauza do seo paiz.

A idéa da imediata realização da independencia do Brazil Jozé Bonifacio só aceitou depois da sua xegada á côrte em Janeiro de 1822, e posteriormente á sua nomeação de ministro.

Daqui pois se conhece, que quando muitos outros Brazileiros tinham em seo animo a idéa assentada da emancipação patria, e por ela já laboravam, o espirito de Jozé Bonifacio ainda vacilava.

Tratando de vultos tão proeminentes da nossa istoria politica, não é licito preterir a consideração de paralelismo entre eles.

Jozé Bonifacio era Brazileiro por nascimento, e Jozé Clemente o era por adoção.

Em um póde dizer-se, que o pensamento emancipador nascia do sentimento do amor do sólo natal: em

outro dir-se-á, que esse pensamento brotava do egoismo, que lhe acendia no animo a perspectiva de brilhante carreira politica com a exaltação do novo imperio.

Si o espirito investigador das cauzas deliberativas das nossas ações póde no filho da America encontrar maior pureza de motivos, ninguem poderá desconhecer da parte do cidadão adotivo antecipação na idéa libertadora.

Assim pois, si a Jozé Bonifacio concedermos mais nobreza no sentimento, a Jozé Clemente não negaremos maior merito na prioridade da fé pela cauza do Brazil.

Da circunstancia do nascimento parece-me ter rezultado a grande diferença, com que os contemporaneos ajuizaram de Jozé Bonifacio e de Jozé Clemente.

O orgulho nacional quiz dar tudo a um, pondo em silencio os meritos do outro.

A luta da independencia era contra Portuguezes; natural era pois, que o espirito de nacionalidade se indispozesse e exacerbasse contra tudo quanto recordava a origem e a cauza dos males atuaes dos Brazileiros, que se debatiam pela patria.

Esse espirito de nacionalidade prejudicou a fama de Jozé Clemente, omitindo-lhe o valor politico; aproveitou porém ao nome de Jozé Bonifacio, exaltando-lhe os louvores.

Eis porque a um dos dignissimos lutadores os contemporaneos conferiram logo o titulo onorifico e gloriozo de *patriarca da independencia*, que ao outro só a justiça dos posteros outorgará.

Si assinalamos a cauza motriz dos dois carateres, que ficam comparados, não calaremos o incentivo propulsor do principe.

Oriundo de plagas européas, nem por isso o demoveram motivos estranhos á sua nova patria. Ele perdia uma corôa na Europa para erguer em terras da America um imperio, que bem podia malograr-se.

Não era pois a simples ambição de reinar quem o guiava; era sim o entuziasmo de uma alma ardente, que deleitava-se com a creação de uma nacionalidade, que, sob a baze dos novos principios das sociedades modernas,

podesse desenvolver-se, e constituir perpetuo monumento da sua memoria, e da sua generosidade ante um povo, que o reclamava por seo fundador.

Si justo é o sentimento, que podemos atribuir ao patriota, que no Brazil vio a luz do dia, não é licito reprovar o motivo, que dirigio os outros dois cooperadores da grande cauza nacional; porque si n'aquele operou o ingenito amor da terra natal, n'estes a ambição nobre do bem servir a sua nova patria não desmerece os aplauzos e os encomios do filozofo e do istoriador.

Em todos o mesmo impulso moveo e agitou a deliberação do agente: esse impulso foi o de bem fazer á patria, a que serviam.

Senhores, o Brazil já pagou o tributo devido ao principe e ao ministro, consagrando-lhes a memoria em monumentos duradouros, que, atestando os seos importantissimos serviços, manifestam a magnanimidade do povo brazileiro; mas para com o ativo e eficaz cooperador de ambos, a nossa divida ainda não está satisfeita.

D. Pedro Primeiro e Jozé Bonifacio já tiveram estatuas; Jozé Clemente, o cidadão prestante, e o filantropo emerito, não tardará por certo em ter similhante galardão.

Assim, Senhores, esses trez egregios patriotas viverão na memoria da posteridade, como já vivem na gratidão dos Brazileiros. (*Aplauzos geraes do auditorio*). *

PRINCIPIO E ORIGEM

DOS

INDIOS DO BRAZIL

E

Seos costumes, adoração e ceremonias

§ 1. Este gentio parece, que não tem conhecimento do principio e creação do Mundo; do diluvio parece, que tem alguma noticia, mas como não tem escritura, nem caracteres, a tal noticia é escura e confuza ; porque dizem, que as aguas afogaram e mataram todos os omens, e que sómente um escapou em riba de um jangada, com uma sua irman, a qual estava prenhe, e que d'estes dois tem seo principio, e que dali começou sua multiplicação.

DO CONHECIMENTO QUE TEM DO CREADOR

§ 2. Este gentio não tem conhecimento algum de seo Creador, nem de couza do Céo, nem si ha pena nem gloria depois d'esta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias ou culto divino, mas sabem que têm alma, e que esta não morre, e depois da morte vão a uus campos aonde ha muitas figuras ao longo de um fermozo rio, e todas juntas não fazem outra couza sinão báilar : e tem grande medo do demonio, ao qual chamam Curupira, Faguaigba, Macaxêra, Anhanga, e é tanto o medo que lhe têm, que só de imaginarem n'elle morrem,

como aconteceo já muitas vezes : não o adoram, nem a alguma outra creatura, nem têm idolos de nenhuma sorte, sòmente dizem alguns antigos, que em alguns caminhos têm certos postos aonde lhe oferecem algumas couzas polo medo que têm d'elles, e por não morrerem.

Algumas vezes lhe aparecem os diabos, ainda que raramente, e entre elles ha poucos endemoninhados. Uzam de alguns feitiços e feiticeiros, não porque crêiam n'elles, nem os adorem, mas sómente se dão a xupar em suas infermidades, parecendo-lhes que receberáõ saude, mas não por lhes parecer que ha n'elles divindade, e mais o fazem para receber saude que por outro algum respeito. Entre elles se alevantam algumas vezes alguns feiticeiros a que chamam carahiba, santo, ou santidade, e é de ordinario algum Indio de ruim vida; este faz algumas feitiçarias, e couzas estranhas á natureza, como mostrar que ressucita algum vivo que se faz morto, e com esta e outras couzas similhantes traz após si todo o sertão, enganando-os e dizendo-lhes que não rocem nem plantem seos legumes e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc., porque com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os panicús ir ás roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e grangear os mantimentos, que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a santidade fica só, ou a matam.

Não têm nome proprio com que expliquem a Deos, mas dizem que Tupan, é o que faz os trovões e relampagos, e que este é o que lhes deo as enxadas e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio e natural, chamam a Deos Tupan.

DOS CAZAMENTOS

§ 3. Entre elles ha cazamentos, porém ha muita duvida, si são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como polas deixarem facilmente por qualquer

arrufo, ou outra desgraça, que entre elles acontece ; mas ou verdadeiros ou não, entre elles se faziam d'este modo. Nenhum mancebo se costumava cazar antes de tomar contrario, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse, correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dois ou trez annos: a mulher da mesma maneira não conhecia homem, até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe faziam grandes festas: ao tempo de lhe entregarem a mulher faziam grandes vinhos, e acabada a festa ficava o cazamento perfeito, dando-lhe uma rêde lavada, e depois de cazados começavam a beber, porque até ali não no consentiam seos paes, ensinando-os que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seo falar, para que o vinho lhes não fizesse mal; nem falassem couzas ruins, e então com uma cuia lhes davam os velhos antigos o primeiro vinho, e lhes tinham mão na cabeça pera que não arrevessassem, porque si o mancebo arrevessava, tinham para si que não seria valente, e vice-versa.

DO MODO QUE TÊM EM SEO COMER E BEBER

§ 4. Este gentio come em todo tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como têm que comer não o guardam muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seos amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e têm por grande honra e primor serem liberaes, e por isso cobram muita fama e honra, e a maior injuria que lhes podem fazer é terem nos por escassos, ou chamarem-lh'o, e quando não têm que comer são muito sofridos com fome e sêde.

Não têm dias em que comam carne e peixe, comem todo genero de carnes, ainda de animaes imundos, como cobras, sapos, ratos, e outros bixos similhantes, e tambem comem todo genero de fruitas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e fruitas, porém têm certo genero de mantimento de bôa substancia e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinario não bebem em quanto comem, mas depois de comer bebem agua, ou vinho que fazem de muitos

... como abaixo se dirá, do qual ... modo, e até cahirem.

... particulares, em que fazem grandes ... em beber, e duram dois e trez ... comem, mas sómente bebem, e para ... mais festejados andam alguns can- ... raza, chamando e convidando quantos ... verem, e revezando-se continuam estes ... todo o tempo dos vinhos, em o qual ... comem, mas tudo se vae em beber, e de be- ... muitos desmanxos, e quebram as cabeças ... outros, e tomam as mulheres alheias, etc. Antes ... nem depois não dão graças a Deos, nem lavam ... antes de comer, e depois de comer as limpam aos ... corpo, e páos; não têm toalhas nem meza, comem ... sentados, ou deitados nas rêdes, ou em cocaras no xão, e ... comem de arremesso.

Deixo outras muitas particularidades, que têm no comer e beber, porque estas são as principaes.

DO MODO QUE TÊM EM DORMIR

§ 5. Todo este gentio tem por cama umas rêdes de algodão, e ficam n'ellas dormindo no ár; estas fazem lavradas, e como ficam no ar, e não têm outros coberturas nem roupa, sempre no verão e inverno têm fogo debaixo: não madrugam muito, agazalham-se com cêdo, e pelas madrugadas ha um principal em suas ócas, que deitado na rêde por espaço de meia hora lhes prega e admoesta, que vão trabalhar como fizeram seos antepassados, e destribue-lhes o tempo dizendo-lhes as couzas que hão de fazer, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda, tomando este modo de um passaro que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada, e lhe chamam rei e senhor dos outros passaros, e dizem elles, que assim como aquelle passaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convém, que os principaes façam aquellas falas e pregações de madrugada para serem ouvidos dos seos.

DO MODO QUE TÊM EM SE VESTIR

§ 6. Todos andam nús assim homens como mulheres, e não têm genero nenhum de vestido e por nenhum cazo *verecundant*, antes parece, que estão no estado de innocencia n'esta parte pela grande honestidade e modestia que entre si guardam, e quando algum homem fala com mulher vira lhe as costas. Porém para sahirem galantes uzam de varias invenções, tingindo seos corpos com certo sumo de uma fruita com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiaes.

Tambem se empenam fazendo diadema, braceletes e outras invenções muito lustrozas, e fazem muito cazo de todo genero de penas finas. Não deixam criar cabelos nas partes de seo corpo, porque todos os arrancam; somente os da cabeça deixam, os quaes tosquiam de muitas maneiras, porque uns o trazem compridos com uma meia-lua rapada pera diante; dizem tomaram este modo de S. Thomé, e parece que tiveram d'elle alguma noticia, ainda que confuza. Outros fazem certo genero de coroas e circulos que parecem frades: as mulheres todas têm cabelos compridos, e de ordinario pretos, e de uns e outros é o cabelo corredio: quando andam anojados deixam crescer o cabelo, e as mulheres quando andam de dó cortam os cabelos, e tambem quando os maridos vão longe, e n'isto mostram terem-lhes amor, e guardarem-lhes lealdade; é tanta a variedade que têm em se tosquiarem que pola cabeça se conhecem as nações.

Agora já andam alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimam o vestuario tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por ceremonia, e porque lheo mandam trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jornes, que lhe dão pelo embigo sem mais nada, e outros somente com uma carapuça na cabeça, e o mais vestido deixam em caza: as mulheres fazem muito cazo de fitas e pentes.

DAS CAZAS

§ 7. Moram estes Indios em umas ócas ou cazas de madeira cobertas de palha, e são de comprimento algumas

de 200 e 300 palmos, e têm duas e trez portas muito pequeninas e baixas, mostram sua valentia em buscarem madeira, e esteios muito grossos, e de dura, e ha caza que tem 50, 60 ou 70 lanços de 25 ou 30 palmos de comprido, e outros tantos de largo.

N'esta caza mora um principal ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinario parentes: e em cada lanço d'estes pouza um cazal com seos filhos e familia, sem aver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma d'estas cazas é vêr um labirinto, porque cada lanço tem seo fogo e suas rêdes armadas e alfaias, de modo que entrando n'ella se vê tudo quanto tem; e caza ha que tem 200 e mais pessoas.

DA CRIAÇÃO DOS FILHOS

§ 8. As mulheres parindo, e parem no xão, não levantam a criança, mas levanta-a o pae, ou alguma pessoa que tomam por seo compadre, e na amizade ficam como os compadres entre os cristãos; o pae lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cae o embigo, o que de ordinario vae até os oito dias, e até que lhe não caia não deixa o jejum, e em lhe caindo, si é maxo, lhe faz um arco com frexas, e lhe o ata no punho da rêde, e no outro punho muitos mólhos de ervas, que são os contrarios, que seo filho ha de matar e comer; e acabadas estas ceremonias fazem vinhos com que se alegram todos.

As mulheres, quando parem, logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar á criança de ordinario um anno e meio sem lhe darem de comer outra couza; amam os filhos extraordinariamente, e os trazem metidos n'uns pedaços de redes que chamam tipoia, e os levam ás roças, e a todo genero de serviço ás costas por frio e calmas, e os trazem como ciganas escanxados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo.

Para lhes não xorarem os filhos, têm muitos agouros, porque lhes põem algodão sobre a cabeça, pena de passaros e páos, os deitam sobre as palmas das mãos e os roçam por ellas para que cresçam.

Estimam mais fazerem bem aos filhos, que a si proprios, e agora estimam muito e amam os padres, porque lh'os criam, ensinam a ler, escrever, contar, cantar e tanger, couza que elles muito estimam.

DO COSTUME QUE TÊM EM AGAZALHAR OS HOSPEDES

§ 9. Entrando-lhes algum hospede pela caza, a honra e agazalhado que lhe fazem é xorarem-no, entrando pois logo o hospede ma caza o assentam na rêde, e depois de assentado, sem lhe falarem palavra, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a xorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contam em prozas trovadas quantas couzas têm acontecido desde que se não viram até aquella hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hospede padeceo pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e xôro.

O hospede n'este tempo não fala palavra, mas depois de o xorarem por bom espaço de tempo, alimpam as lagrimas, e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca xoraram, e logo se saúdam, e dão o seo *erejupe*, e lhe trazem de comer, etc., e depois d'estas ceremonias contam os hospedes ao que vêm.

Tambem os homens se xoram uns aos outros, mas é em alguns cazos graves, como mortes, dezastres de guerra, etc.; têm por grande honra agazalharem a todos e darem-lhes todo o necessario para a sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frexas, passaros, penas e outras couzas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio.

DO COSTUME QUE TÊM EM BEBER FUMO

§ 10. Costumam estes gentios beber fumos de potigma, e por outro nome erva-santa; estas secam e fazem de uma folha de palma uma cangoêra, que fica como canudo de cana xeio d'esta erva, e pondo-lhe o fogo na ponta, metem o mais grosso na boca, e assim estão xupando e

bebendo aquelle fumo, e o têm por grande mimo e regalo, e deitados em suas rêdes gastam em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites.

A alguns faz muito mal, e os atardôa e embebeda, a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela boca.

As mulheres tambem bebem fumo, mas são as velhas infermas, porque é elle muito medicinal, principalmente para os doentes de asmas, cabeça ou estomago, e daqui vem grande parte de Portuguezes beberem este fumo, e o tom por vicio ou por preguiça e imitando os Indios gastam n'isso dias e noites.

DO MODO QUE TÊM EM FAZER SUAS ROÇARIAS, E COMO PAGAM UNS AOS OUTROS

§ 11. Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer os serviços que se lhes fazem, mas vivem *commutatione rerum*, e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem, e assim quando hão de fazer algumas conzas fazem vinho, e avizando os vizinhos, e apelidando toda a povoação lhe rogam os queiram ajudar em suas roças; e que fazem de boa vontade, e trabalhando até as dez horas tornam para suas casas a beber os vinhos, e si n'aquelle dia se não acabam as roçarias, fazem outros vinhos, e vão [illegible] dia até as dez horas acabar seo serviço: e d'este modo [illegible] os brancos prudentes e que sabem a arte e maneira dos Indios e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandam fazer vinho e os chamam as suas roças e canaviais, e com isto lhes pagam.

Tambem [illegible] por troco de algumas conzas de [illegible] que se fazem de [illegible], e a troco de algumas [illegible] as mulheres e este é o resgate [illegible] os brancos para lhes [illegible] os escravos [illegible]

[illegible]

§ 12. [illegible] principalmente [illegible] de [illegible]

metem no beiço de baixo) verdes, brancas, azues, muito finas, e que parece esmeraldas ou cristal; são redondas, e algumas tão compridas que lhes dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento; tambem uzam de manilhas brancas dos mesmos buzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes e outros similhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrarios, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimam do que quanto têm.

DO TRATAMENTO QUE FAZEM ÁS MULHERES E COMO AS ESCUDEIRAM

§ 13. Costumam estes Indios tratar bem as mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejam com ellas, tirando em tempo dos vinhos; porque então de ordinario se vingam d'ellas, dando por desculpa depois o vinho que beberam, e logo ficam amigos como dantes, e não duram muito os odios entre elles; sempre andam juntos, e quando vão fora a mulher vae detraz, e o marido diante, para que, si acontecer alguma cilada, não caia a mulher n'ella, e tenha tempo pera fugir, em quanto o marido peleja com o contrario, etc., mas á tornada da roça, ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido detraz, porque como tenha já tudo seguro, si acontece algum dezastre, possa a mulher que vae diante fugir pera caza, e o marido ficar com os contrarios, ou qualquer outra couza. Porém em terra segura ou dentro na povoação sempre a mulher vae diante, e o marido detraz, porque são ciozos, e querem sempre ver a mulher.

DOS SEOS BAILES E CANTOS

§ 14. Ainda que são melancolicos têm seos jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciozos, em os quaes arremedam muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar, e folgam com muita

quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos paes e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem desavêm por couza alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam; logo de pequenimos os ensinam os paes a bailar e cantar, e os seos bailes não são diferenças de mudanças, mas é um continuo bater de pés, estando quêdos, ou andando ao redor, e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por compasso, com toda serenidade ao son de um cascavel feito ao modo dos que uzam os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro, ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma couza sem outra, e têm tal compasso e ordem que as vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabam todos juntamente uma pancada, como si estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que si tomam um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos.

As mulheres bailam juntamente com os homens e fazem com os braços e corpo grandes gatimonhas e momos, principalmente quando bailam sós. Guardam entre si diferenças de vozes em sua consonancia, e de ordinario as mulheres levam os tiples, contraltos e tenores.

DOS SEOS ENTERRAMENTOS

§ 15. São muito maviozos, principalmente em xorar os mortos, e logo como algum morre, os parentes se lançam sobre elle na rêde, e tão depressa que as vezes os afogam antes de morrer, parecendo-lhes que estão mortos, e os que se não podem deitar com o morto na rêde se deitam pelo xão, dando grandes baques que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e d'estes baques e xôros ficam tão cortados que as vezes morrem. Quando xoram dizem muitas lastimas e maguas, e si morre á prima noite, toda ella em pezo xoram em alta voz que é espanto não cansarem.

Para estas mortes e xôros xamam os vizinhos e parentes, e si é principal, ajunta-se toda a aldêia a xorar, e n'isto têm tambem seos pontos de honra e aos que não xoram lançam pragas, dizendo que não hão de ser xorados; depois de morto o lavam e pintam muito galante, como pintam os contrarios, e depois o cobrem de fio de algodão que lhe não aparece nada, e lhe metem uma cuia no rosto, e assentado o metem em um pote que pera isso têm debaixo da terra, e o cobrem de maneira que lhe não xegue terra, e ao pote cobrem de terra fazendo-lhe uma caza, aonde todos os dias lhe levam de comer, porque dizem, que, como cança de bailar, vem ali comer, e assim os vão xorar por algum tempo todos os dias seos parentes, e com elle metem todas as suas joias e metaras, pera que as não veja ninguem, nem se lastimem, mas si o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe haviam dado, torna a ficar do que lhe deo e a torna a tomar onde quer que a acha, porque dizem, que como um morre perde todo o direito do que lhe tinham dado.

Depois de enterrado o defunto, os parentes estão em continuo pranto de noite e de dia, começando uns e acabando outros; não comem sinão de noite, armam as rêdes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo dia cortam os cabelos, e dura este pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos pera tirarem o dó; os maxos se tosquiam e as mulheres se enfeitam tingindo-se de preto; e estas ceremonias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres, e estas, depois de lhes morrerem seos companheiros, algumas vezes não tornam a cazar, nem entram em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isto é raro entre elles, por serem muito dados a mulheres e não podem viver sem ellas.

DAS FERRAMENTAS DE QUE UZAM

§ 16. Antes de terem conhecimento dos Portuguezes uzavam de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, páo, canas, dentes de animaes, etc., e com estes derrubavam grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se

do fogo, e assim mesmo cavavam a terra com uns páos agudos e faziam suas metaras, contas de buzios, arcos e frexas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavam muito tempo em fazer qualquer couza ; polo que estimam muito o ferro pola facilidade que sentem em fazer suas couzas com elle, e esta é a razão porque folgam com a comunicação dos brancos.

DAS ARMAS DE QUE UZAM

§ 17. As armas d'este gentio de ordinario são arcos e frexas, e d'elles se honram muito, e os fazem de boas madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de varias cores, e lhes tingem as cordas de verde ou vermelho, e as frexas fazem muito galantes buscando para ellas as mais formozas penas que axam, fazem estas frexas de varias canas, e na ponta lhes metem dentes de animaes, ou umas certas canas muito duras e crueis, ou uns páos agudos com muitas farpas, e ás vezes as ervam com peçonha. Estas frexas ao parecer, parece couza de zombaria, porém é arma cruel, passam umas couraças de algodão, e dando em qualquer páo o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e irem pregar no xão : exercitam-se de muito pequenos n'estas armas, e são grandes frexeiros e tão certeiros que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bixo do mato ; e não têm mais que quererem meter uma frexa por um olho de um passaro ou de um homem, ou darem em qualquer outra couza por pequena que seja, que o não façam muito ao seo salvo, e por isso são muito temidos, e tão intrepidos e ferozes que mete espanto.

São como bixos do mato, porque entram pelo sertão a caçar despidos e descalços, sem medo nem temor algum. Vêem sobre maneira, porque a legua enxergam qualquer couza, e da mesma maneira ouvem ; atinam muito regendo-se pelo sol e vão a todas as partes que querem 200 e 300 leguas por matos espessos sem errar ponto ; andam muito, e sempre de galope, e principalmente com cargas, e assim nem a cavalo os podem alcançar. São grandes

pescadores, e nadadores, nem temem mar nem ondas, e aturam um dia e noite nadando, e o mesmo fazem remando, e ás vezes sem comer.

Tambem uzam por armas de espadas de páo, e os cabos d'ellas tecem de palma de varias cores, e os empenam com penas de varias cores, principalmente em suas festas e matanças : estas espadas são crueis, porque não dão ferida, mas pizam, e quebram a cabeça de um homem sem aver remedio de cura.

DO MODO QUE ESTE GENTIO TEM ACERCA DE MATAR E COMER CARNE HUMANA

§ 18. De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nome nas cabeças de seos contrarios, nem entre elles ha festas que cheguem ás que fazem na morte dos que matam com grandes ceremonias; as quaes fazem d'esta maneira.

Os que tomados na guerra vivos são destinados á morte, vêm logo de lá com um sinal, que é uma cordinha delgada ao pescoço, e si é homem que pode fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que ha polo caminho os enfeitam, depenando-lhes as pestanas, sobrancelhas e barbas, tosquiando-os ao seo modo, e empenando-os com penas amarélas tão bem assentadas, que lhes não aparece cabelo; as quaes os fazem tão lustrozos como aos Espanhoes os seos vestidos ricos, e assim vão mostrando sua victoria por onde quer que passam.

Chegando á sua terra, o saem a receber as mulheres, gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento comun entre elles, e sem mais outra vexação ou prizão, salvo que lhe tecem no poscoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como páo, e n'este colar começam de urdir grande numero de braças de corda delgada do comprimento de cabelos de mulher, arrematada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vae toda de orelha a orelha por detraz das costas, e ficam com esta coleira uma horrenda couza, e si é fronteiro e póde fugir, lhe pôem em lugar de grilhões por baixo

dos giolhos uma pêia de fio tecido apertada, o qual pera qualquer faca fica fraco, si não fossem as guardas que em nenhum momento se apartam d'elle, quer vá polas cazas, quer pera o mato, ou ande polo terreiro, que para tudo tem liberdade, e comumente a guarda é uma que lhe dão por mulher, e tambem pera lhe fazer de comer, o qual, si seos senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e frexa e atira á primeira galinha ou pato que vê de quem quer que seja, e ninguem lhe vae á mão, e assim vae engordando, sem por isso perder o sono nem o rir e folgar como os outros, e alguns andam tão contentes com averem de ser comidos, que por nenhuma via consentiriam ser resgatados pera servir, porque dizem, que é triste couza morrer e ser fedorento e comido de bixos: estas mulheres são comumente n'esta guarda fieis, porque lhes fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de principaes, maxime si seos irmãos hão de ser os matadores, porque as que não têm estas obrigações, muitas vezes se afeiçoam a elles, de maneira que não sómente lhes dão azo para fugirem, mas tambem se vão com elles, nem ellas correm menos risco, si as tornam a tomar, que de levarem umas poucas de pancadas, e as vezes são comidas dos mesmos a quem deram a vida.

Determinado o tempo em que deve de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panelas, alguidares, e potes pera os vinhos tão grandes que cada um levará uma pipa. Isto prestes, assim os principaes como os outros mandam seos mensageiros a convidar outros de diversas partes pera tal lua até dez e doze leguas e mais; pera o qual ninguem se escuza. Os hospedes vão em magotes com mulheres e filhos, e todos entram n'um lugar com danças e bailes, e em todo o tempo em que se ajunta a gente, ha vinho pera os hospedes, porque sem elles todo o mais gazalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme o numero e certas ceremoneas que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente têm elles pera isto umas cordas de algodão de arrezoada grossura, não torcidas, sinão tecidas de um certo lavor galante: é couza entre elles de muito preço, e não nas tem sinão alguns principaes, e segundo

ellas são primas, bem feitas, e elles vagarozos, é de crer que nem em um anno se fazem; estas estão sempre muito guardadas, e levam-se ao terreiro com grande festa, e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhes dá um mestre d'isto dois nós por dentro, dos quaes com força corre uma das pontas, de maneira que lhe fica bem no meio um laço; estes nós são galantes, e artificiozos que poucos se axam que os saibam fazer, porque têm algumas dez voltas, e as cinco vão por cima das outras cinco, como si um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda. e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal, e as deixam enxugar.

O segundo dia trazem muitos feixes de canas bravas do comprimento de lanças e mais, e á noite põem-nos em roda em pé com as pontas para cima encostados uns nos outros, e pondo-lhes fogo ao pé, se faz uma formoza e alta fogueira, ao redor da qual andam bailando homens e mulheres com maços de frexas ao hombro, mas andam muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os vê melhor do que é visto por cauza do fogo, atira com quanto encontra, e quem leva, leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de canas, e batem todos a uma no xão, ora com um pé, ora com outro, sem descreparem juntamente, e ao mesmo compasso assopram os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos, e as canas umas mais grossas e outras menos, alem de atroarem os matos, fazem uma armonia que parece muzica do inferno, mas elles aturam n'ella como si fossem as mais suaves molodias do mundo: e estas são suas festas, a fóra outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

Ao quarto dia, em rompendo a alva, levam o contrario a lavar a um rio, e vão se detendo pera que quando tornarem seja já dia claro, e entrado pela aldeia, o prezo vae já com olho sobre o hombro, porque não sabe de que caza ou porta lhe ha de sair um valente, que o ha de aferrar por detraz, porque como toda a sua bemaventurança consiste em morrer como valente, e a ceremonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o

que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o sugigar sem ajuda de outrem: assim elle quer mostrar animo e forças em lhe rezistir, e ás vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe sucede outro, que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes ficam bem enxovalhados, e mais o ficariam, si já a este tempo o cativo não tivesse a pêia ou grilhões. Acabada esta luta, elle em pé bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae um côro de ninfas, que trazem um grande alguidar novo pintado, e n'elle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este prezente aos pés do cativo, começa uma velha como versada n'isto e mestra do côro a entoar uma cantiga, que as outras ajudam, cuja letra é conforme a ceremonia, e emquanto ellas cantam, os homens tomam as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes pera que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras, as metem no braço da mulher que sempre anda de traz d'elle com este pezo, e si o pezo é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das cordas, e si elle dantes era temerozo com a coleira, mais o fica com aquelles dois nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isto diz um dos pés da cantiga: Nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço ao passaro,» posto que depois d'outras ceremonias lhe dizem n'outro pé: Si tu fóras papagaio, avoando nos fugiras.

A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma caza grande, e como a caza não tem repartimento, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber, é um labirinto ou inferno vel-os e ouvil-os, porque os que bailam e cantam aturam com grandissimo fervor quantos dias e noites os vinhos duram, porque como esta é a propria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que duram muito, e a cada passo ourinam, e assim aturam sempre, e de noite e de dia cantam, bailam, bebem, e falam, cantando em magotes por toda a caza, de guerras e sortes que fizeram, e como cada um quer que lhe ouçam a sua historia, todos

falam a quem mais alto, afóra outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora.

N'aquella manhan em que começam a beber, enfeitam o cativo por um modo particular que para isto têm, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem elle ha, e o untam com um leite de certa arvore que péga muito, e sobrepõem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre esta o pintam de preto com pinturas galantes, e untando tambem o corpo todo até a ponta do pé o enxem todo de pena, que para isto têm já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horrenda vizão, e da mesma maneira que elles têm pintado o rosto, o está tambem a espada, a qual é de páo ao modo de uma palmatoria, sinão que a cabeça não é tão redonda, mas quazi triangular, e as bordas acabam quazi em gume, e a astea, que será de 7 ou 8 palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça 4 dedos de largura, e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pendentes, ou campanhia de penas de diversas côres; é couza galante, e de preço entre elles; elles lhe chamam ingapenabi, orelhas da espada.

No derradeiro dia dos vinhos, fazem no meio do terreiro uma xóça de palmas, ou tantas quantas são os que hão de morrer, e n'aquella se agazalha, sem nunca mais entrar em caza, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe não dão outro conduto sinão uma fruita que tem sabor de nozes, pera que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhan, ahi ás 7 horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vae pera a caza muito saudoza, e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas: então lhe tiram a peia, e lhe passam as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma a que chamam capa de pena que se ata pelos peitos, e ficam-lhe as abas pera cima como azas de anjo, e n'esta dança dá uma volta pelo terreiro, e vem fazendo uns esgares estranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremeda

o minhoto que deca a carne, e com estas diabruras chega ao triste, o qual tem as portas estiradas pera as illhargas de cada parte em que as tem, e o cariro, si acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com que, porque lhe saem muitos valentes, e tão ligeiros em furtar o corpo que os não póde acertar.

Acabado isto, vem um honrado padrinho do novo cavaleiro que ha de ser, e tomada a espada, lhe a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte, ora por outra, da propria maneira que os caxorrinhos dos canfóminheiros lhe passam por entre as pernas, e depois tomando-a pelo meio com ambas as mãos, aponta como com uma estocada aos olhos do morto, e isto feito, lhe vira a cabeça pera cima da maneira que d'ella hão de nzar, e a metem nas mãos do matador, já como apta e idonea com aquellas benções pera fazer seo officio, pera o qual se põe algum tanto do lado esquerdo, de tal geito que com o gume da espada lhe acerte no toutiço, porque não tira a outra parte, e é tanta a bruteza d'estes que por não temerem outro mal sinão aquelle prezente, tão inteiros estão como si não fosse nada, assim pera falar, como pera exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer que muito embora morra, pois muitos tem mortos, e que além d'isso cá ficam seos irmãos e parentes para o vingarem. N'isto aparelha-se um para descarregar e outro para furtar o corpo, que é toda a honra de sua morte: e são n'isto tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo a espada polo ar, ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são n'isto tão terriveis que, si os que têm as pontas das cordas o apertam, como fazem quando o matador é frouxo, elles dão tão rijo que os trazem a si, e os fazem afrouxar os pés, tendo um olho n'elles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não póde enganar ameaçando, sem dar, sob pena de lhe darem uma apupada, elles lhe adivinham o golpe, de maneira que por mais baixo que venha, n'um assopro se abatem, e fazem tão razos, que é couza estranha, e não é menos tomarem a espada, aparando-lhe o braço por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com

ella juntamente pera baixo, e a metem debaixo do sobaco, tirando polo matador, ao qual, si então não acudissem, o outro o despaxaria, porque têm elles n'este acto tantos agouros que pera matar um menino de cinco annos vão tão enfiados como pera matar algum gigante, e com estas ajudas ou afoutezas tantas vezes dão, até que acerta alguma, e esta basta, porque tanto que elle cáe lhe dão tantas até que lhe quebram a cabeça; posto que já se vio um que a tinha tão dura, que nunca lhe a poderam quebrar, porque como a trazem sempre descoberta, têm as cabeças tão duras que as nossas em comparação d'ellas ficam como de cabaços; quando querem injuriar algum branco, lhe chamam cabeça mole.

Si este que matam ao cair cáe de costas e não de bruços, tem-n'o por grande agouro e pronostico, que o matador ha de morrer, e ainda que caia de bruços têm muitas ceremonias, as quaes si não se guardam, têm para si que o matador não póde viver, e são muitas d'ellas tão penozas, que, si alguem por amor de Deos sofresse os seos trabalhos, não ganharia pouco, como abaixo se dirá.

Morto o triste, levam-n'o a uma fogueira, que para isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com a mão, dá uma pelinha pouco mais grossa que véo de sebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pelado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estomago, segundo seo estilo, por onde os meninos primeiro metem a mão, e tiram pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhes fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principaes que por grande honra se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levam muito assadas de maneira que se não corrompam, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

DAS CEREMONIAS QUE SE FAZEM AO NOVO CAVALEIRO

§ 19. Acabando o matador de fazer seo officio, lhe fazem a elle outro d'esta maneira: tirada a capa de pena e deixada a espada, se vae pera caza, á porta da qual o

está esperando o mesmo padrinho que foi com um arco de tirar na mão, a saber: as pontas, uma no lumiar debaixo e a outra em cima, e tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão sutilmente que não toca em nada, e em elle passando, o outro alarga a corda com um sinal de lhe pezar, porque errou o a que atirava, como que aquillo tem virtude para depois na guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o errarem; como é dentro, começa de ir correndo por todas as cazas, e as irmans e primas da mesma maneira diante d'elle, dizendo: Meo irmão se chama N.,» repetindo por toda a aldêia; e si o cavaleiro tem alguma couza boa, quem primeiro anda lhe a toma até ficar sem nada.

Isto acabado, têm pelo xão lançados certos páos de pilão, sobre os quaes elle está em pé, aquelle dia com tanto silencio, como que dera o pasmo n'elle, e levando-lhe ali a aprezentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raizes ou nervos d'elle lhe untam os pulsos, e cortada a boca inteira, lhe a metem no braço como manilha, depois se deita na sua rêde como doente, e na verdade elle o está, de medo que si não cumprir perfeitamente todas as cerimonias o ha de matar a alma do morto.

Dali a certos dias lhe dão o habito não no peito do pelote, que elle não tem, sinão na propria péle, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cotia, que se parece com dente de coelho, o qual assim por sua pouca sutileza, como por elles terem a pele dura parece, que rasgam algum pergaminho, e si elles são animozos, não lhe dão as riscas direitas sinão cruzadas, de maneira que ficam uns lavores muito primos, e alguns gemem, e gritam com as dores. Acabado isto, têm carvão moido e sumo de erva-moura, com que esfregam as riscas ao travez, fazendo-as arreganhar e inxar, que é ainda maior tormento, e emquanto lhe saram as feridas, que duram alguns dias, está elle deitado na rêde sem falar, nem pedir nada, e para não quebrar o silencio tem a par de si agua, farinha, e certa fruita como amendoas, que chamam mendubis, porque não prova peixe, nem carne aquelles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou mezes, se fazem grandes vinhos para elle tirar o dó, e fazer o

cabelo que até ali não fez, e então se tinge de preto, e dali por diante fica habilitado pera matar sem lhe fazerem a elle cerimonia que seja trabalhoza, e elle se mostra tambem n'isso honrado, ufano, e com um certo desdem, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e elle bulindo, vae-se para caza, e a este acodem logo a lhe cortarem a cabeça, e as mães com os meninos no cólo lhe dão os parabens, e os estream pera a guerra, tingindo-lhe os braços com aquelle sangue. Estas são as façanhas, honras, valentias, em que estes gentios tomam nomes, de que se prezam muito, e ficam dali por diante Abaetés, Murubixaba, Moçacara, que são titulos e nomes de cavaleiros : e estas são as infelizes festas em que estes tristes, antes de terem conhecimento de seo Creador, põem sua felicidade e gloria.

DA DIVERSIDADE DE NAÇÕES E LINGUAS

§ 20. Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de diferentes linguas, porém uma é a principal, que comprehende algumas dez nações de Indios. Estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só lingua, ainda que em algumas palavras discrepam, e esta é a que entendem os Portuguezes ; é facil, elegante, e suave, e copioza ; a dificuldade d'ella está em ter muitas compozições ; porém dos Portuguezes quazi todos os que vêm do reino, e estão cá de assento, e comunicam com os Indios, a sabem em breve tempo, e os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que o Portuguez, assim homens como mulheres, principalmente na capitania de São-Vicente ; e com estas dez nações de Indios têm os padres comunicação por lhes saberem a lingua, e serem mais domesticos e bem inclinados : estes foram e são os amigos antigos dos Portuguezes, com cuja ajuda e armas conquistaram esta terra, pelejando contra seos proprios parentes, e outras diversas nações barbaras, e eram tantos os d'esta costa que parecia impossivel poderem-se extinguir ; porém os Portuguezes lhes têm dado tal pressa que quazi todos

são mortos, e lhes tem tal medo que despovoam a costa e fogem pelo sertão a dentro até 300 e 400 leguas.

Os primeiros d'esta lingua se chamam Potiguaras, senhores da Parahiba, 30 leguas de Pernambuco, senhores do melhor páo do Brazil, e grandes amigos dos Francezes, e com elles contrataram até agora, cazando com elles suas filhas, mas agora na éra de 1584 foi a Parahiba tomada por Diogo Flores, general de Sua Magestade, botando os Francezes fóra, e deixou um forte com 100 soldados, fóra os Portuguezes que tambem têm seo capitão e governador Frutuozo Barboza, que com a principal gente de Pernambuco levou exercito por terra, com que venceo os inimigos, porque do mar os da armada não pelejaram.

Perto d'estes vivia grande multidão de gentios, que chamam Viatan; d'estes já não ha nenhum, porque sendo elles amigos dos Potiguaras e parentes, os Portuguezes os fizeram entre si inimigos, dando-lhes a comer, para que d'esta maneira lhes podessem fazer guerra, e tel-os por escravos, e finalmente tendo uma grande fome os Portuguezes, em vez de lhes acudir, os cativaram, e mandaram barcos xeios a vender a outras capitanias: ajuntou-se a isto um clerigo portuguez magico, que com seos enganos os acarretou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, ficando os Portuguezes sem vizinhos, que os defendessem dos Potiguaras, os quaes até agora que foram desbaratados perseguiam os Portuguezes, dando-lhes de subito nas roças, fazendas e engenhos, queimando-lh'os e matando muita gente portugueza por serem muito guerreiros, mas já pela bondade de Deos estão livres d'este sobroço.

Outros ha a que chamam Tupinambá; estes abitam do Rio-Real até junto dos Ilhéos. Estes entre si eram tambem contrarios aos da Bahia com os do Camamú e Tinharé.

Por uma corda do rio de São-Francisco vivia outra nação, que chamavam Caaeté, e tambem avía contrarios entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilhéos e Porto-seguro até o Espirito-Santo abitava outra nação, que chamam Tupinaquin: estes procederam dos de Pernambuco, e se espalharam por uma

corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos. Estes foram sempre muito inimigos das couzas de Deos, endurecidos em seos erros, e porque eram muito vingativos, e queriam vingar-se comendo seos contrarios, e por serem amigos de muitas mulheres: já d'estes ha muitos cristãos e são firmes na fé.

Ha outra nação parente d'estes, que corre do sertão de São-Vicente até Pernambuco, que chamam Tupiguae. Estes eram sem numero, vão se acabando, porque os Portuguezes os vão buscar pera se servirem d'elles, e os que lhes escapam fogem pera muito longe por não serem escravos.

Ha outra nação vizinha a estes, que chamam Apigapigtanga e Muriapigtanga.

Tambem ha outra nação contraria aos Tupinaquins, que chamam Guaracaio ou Itatî.

Outra nação mora no Espirito Santo, que chamam Figmigminá; eram contrarios dos Tupinaquins, mas já são poucos.

Outra nação ha, que se chama Tamoios, moradores do Rio de Janeiro. Estes destruiram os Portuguezes, quando povoaram o Rio, e d'elles ha muito poucos, e alguns que ha no sertão se chamam Ararape.

Outra nação se chama Carijó, abita além de São-Vicente como 80 leguas, contrarios dos Tupinaquins de São-Vicente; d'estes ha infinidade, e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguai, que abitam os Castelhanos.

Todas estas nações acima ditas, ainda que diferentes e muitos d'elles contrarios uns dos outros, têm a mesma lingua, e n'estes se faz a conversão, e têm grande respeito aos padres da companhia, e no sertão suspiram por elles, e lhes chamam Abaré e Pae, dezejando que vão a suas terras convertel-os; e é tanto este credito que alguns Portuguezes de ruim consciencia se fingem padres, vestindo-se em roupetas, abrindo corôas na cabeça, e dizendo que são Abarés, e que os vão buscar pera as igrejas dos seos paes, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferram, fazendo primeiro n'elles lá no sertão grande mortandade,

roubos e saltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc., e si não foram estes e similhantes estorvos já todos os d'esta lingua foram convertidos á nossa santa fé.

Ha outras nações contrarias e inimigas d'estas de diferentes linguas, que em nome geral se chama Tapuia, e tambem entre si são contrarios. Primeiramente no sertão vizinho aos Tupinaquins abitam os Guaimurés, e tomam algumas 80 leguas de costa, e pera o sertão quanto querem; são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem polos matos bravos têm os couros muito rijos, e pera este effeito açoutam os meninos em pequenos com uns cardos pera se acostumarem a andar polos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pola ponta da frexa, comem a mandioca crúa sem lhes fazer mal, correm muito, e aos brancos não dão sinão de salto, uzam de uns arcos muito grandes, trazem uns páos feitiços muito grossos pera que em chegando logo quebrem as cabeças.

Quando vêm á peleja, estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua, e são mui temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer; são muito covardes em campo, e não ouzam a sair, nem passam agua, nem uzam de embarcações, nem são dados á pesca, toda sua vivenda é do mato e são crueis como leões. Quando tomam alguns contrarios, cortam-lhes a carne com uma cana de que fazem as frexas, e os esfolam que lhes não deixam mais que os ossos e tripas; si tomam alguma criança, e os perseguem, para que lhes não tomem viva, lhe dão com a cabeça em um páo; desentranham as mulheres prenhes pera lhes comerem os filhos assados.

Estes dão muito trabalho em Porto-seguro, Ilhéos e Camamú, e estas terras se vão despovoando por sua cauza, e não se lhes pode entender a lingua.

Além d'estes para o sertão e campos de Caátinga vivem muitas nações de Tapuias, que chamam Tucanuçú. Estes vivem no sertão do Rio-grande pelo distrito de Porto-seguro, têm outra lingua; outros vivem no sertão antes que cheguem ao Aquetigpe, e chamam-se Vacui. Outros ha que chamam Oquigtajuba. Ha outra nação, que chamam Pahi. Estes se vestem de pano de algodão muito tapado, e

grosso como rede, com este se cobrem como com saco, não têm mangas, têm diferente lingua. No Ari ha outros, que tambem vivem no campo, indo pera o Aquitigpe. Ha outros que chamam Parahió; é muita gente, e de diferente lingua. Outros, que chamam Nhandeju, tambem são de diferente lingua. Ha outros, que chamam Macutú. Outros Napara; estes têm roças. Outros ha, que chamam Cuxaré; estes vivem no meio do campo do sertão. Outros ha, que vivem no mesmo campo e que chamam Nubinú. Outros que chamam Guaianá, vivem para a parte do sertão da Bahia, e têm lingua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamam Taicujú, vivem em cazas, e têm outra lingua. Outros no mesmo sertão, que chamam Cariri, têm lingua diferente. Estas trez nações e seos vizinhos são amigos dos Portuguezes. Outros, que chamam Pigru, vivem em cazas.

Outros ha que chamam Obacoatiára. Estes vivem em ilhas no rio de São-Francisco, têm cazas como cafúas debaixo do xão; estes quando os contrarios vêm contra elles botam-se á agua, e de mergulho escapam e estão muito debaixo d'agua, têm frexas grandes como xuços, sem arcos e com ellas pelejam; são muito valentes, comem gente, e tem diferente lingua. Outros, que vivem muito pelo sertão a dentro, que chamam Anheim, têm outra lingua. Outros, que vivem em cazas, e que chamam Aracuajuti, têm outra lingua. Outros, que chamam Cajuara, vivem em cóvas, e têm outra lingua. Outros, que chamam Guaranaguaçu, vivem em cóvas e têm outra lingua. Outros ha muito dentro no sertão, que chamam Camuçujara; estes têm mamas que lhes dão por baixo da cinta e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixam de ser muito guerreiros, comem gente e têm outra lingua.

Ha outra nação, que chamam Igbigra-apuajara, senhores de páos agudos, porque pelejam com páos tostados agudos, são valentes, comem gente, têm outra lingua. Ha outra que chamam Aruacuig; vivem em cazas, têm outra lingua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seos vizinhos. Outros ha, que chamam Guajacatu e Guaiatun; estes têm lingua diferente, vivem em cazas. Outros

ha, que chamam Curupehé, não comem carne humana, quando matam cortam a cabeça do contrario, e levam-na por amostra, não têm caza, são como ciganos. Outros, que chamam Guajó, vivem em cazas, pelejam com frexas ervadas, comem carne humana, têm outra lingua. Outros, que chamam Cicú, têm a mesma lingua e costumes dos acima ditos. Ha outros, que chamam Pahajú; comem gente e têm outra lingua. Outros, que chamam Jaícujú, têm a mesma lingua que estes acima.

Outros se chamam Tupijó, vivem em cazas, têm roças e têm outra lingua. Outros Maracaguaçú, são vizinhos dos acima ditos e têm a mesma lingua. Outros chamam-se Jacurujú, têm róças, vivem em cazas e têm outra lingua. Outros, que chamam Tapecujú, são vizinhos dos sobreditos acima e têm a mesma lingua. Outros ha, que chamam Anacujú, têm a mesma lingua e costumes que os de cima, e todos pelejam com frexas ervadas.

Outros, que chamam Piracujú, têm a mesma lingua que os de cima, e frexas ervadas. Outros ha, que chamam Paraguaig, têm outra lingua, pelejam com frexas ervadas. Ha outros, que chamam Paracujú; sabem a mesma lingua dos outros ditos acima. Outros, que chamam Tipi, são do campo, pelejam com frexas ervadas. Outros, que chamam Guacarajara, têm outra lingua, vivem em caza e têm roças. Outros ha, vizinhos dos sobreditos, que chamam Camaraguá. Ha outros, que chamam Curopijá; foram contrarios dos Tupinaquins. Outros, que chamam Aquirinó, têm diferente lingua. Outros, que chamam Piraguaigaquig, vivem debaixo de pedras, são contrarios dos de acima ditos. Outros ha, que chamam Pinacujú.

Outros ha, que chamam Parapotó; estes sabem a lingua dos do mar. Outros, denominados Caraembá, têm outra lingua. Outros, que chamam Caracujú, têm outra lingua. Outros ha, que chamam Mainumá; estes se misturam com os Guaimurés, contrarios dos do mar, entendem-se com os Guaimurés, mais têm outra lingua. Outros ha, que chamam Aturari; tambem entram em comunicação com os Guaimurés. Outros ha, que chamam Quigtaio; tambem comunicam e entram com os Guaimurés.

Ha outros, que chamam Quigpê; estes foram moradores de Porto-seguro. Outros se chamam Quigrajubê, e são amigos dos sobreditos. Outros que chamam Angarari, vivem não muito longe do mar entre Porto-seguro e Espirito-Santo. Outros, que chamam Amixacori, são amigos dos de cima.

Ha outros, que chamam Carajá; vivem no sertão da parte de São-Vicente e foram do norte correndo pera lá, têm outra lingua. Ha outros, que chamam Apetupá; vivem no sertão pera a banda de Aquitipi. Outros ha, que chamam Caraguatajara; e têm lingua diferente. Ha outros, que chamam Aquiguira; estes entram em comunicação com os acima ditos. Outra nação ha no sertão contraria dos Muriapigtanga e dos Tarapés, é gente pequena, anan, baixos do corpo, mas grossos de pernas e espadoas: a estes chamam os Portuguezes Pigmêos, e os Indios lhes chamam Tapigimiri, porque são pequenos. Outros ha, que chamam Quiriciguig; estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros, que chamam Guirig, são grandes cavaleiros, e amigos dos ditos acima. Outros que chamam Guajeré, vivem no sertão de Porto-seguro, muito longe.

Ha outra nação, que chamam Aenaguig; estes foram moradores das terras dos Tupinaquins, e porque os Tupinaquins ficaram senhores das terras, se chamam Tupinaquins. Ha outros, que chamam Guaitacá; estes vivem na costa do mar entre o Espirito-Santo e Rio de Janeiro, vivem no campo e não querem viver nos matos, vão comer ás roças, vêm dormir nas cazas, não têm outros tezouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm ás cazas mais que a dormir, e correm tanto que a corso tomam a caça. Outros, que chamam Igbigianupan, são contrarios dos Tupinaquins, comunicam com os Guaimurés, quando justam com os contrarios fazem grandes estrondos, dando com uns páos nos outros. Outros ha, que chamam Quirigmá; estes foram senhores das terras da Bahia, e por isto a Bahia se chama Quigrigmuré.

Os Tupinambás os botaram de suas terras, e ficaram senhores d'ellas, e os Tapuias foram para o sul. Ha outros, que chamam Maribacó; moram no sertão em direito do Rio-grande. Outros ha que chamam Cataguá; estes vivem

em direito de Jequericaré entre o Espirito-Santo e Porto-seguro. Outros ha, que chamam Tapuxerig; são contrarios dos outros Tupuias, e comem-lhes as roças. Outros, que moram polo sertão que vae pera São-Vicente, chamam-se Amacaxó, e foram contrarios dos Tupinaquins. Outros, que chamam Nonhá, têm rostos muito grandes. Ha outros, e estes se chamam Apuhi, moram perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm diferente lingua. Outros ha, que chamam Panaquiri, diferentes dos acima ditos. Outros tambem ha diferentes, que chamam Bigvorgia. Ha outra nação, que chamam Piriju; d'estes ha grande numero.

Todas estas 76 nações de Tapuias, que têm as mais d'ellas diferentes linguas, são gente brava, silvestre e indomita, são contrarias quazi todas do gentio que vive na costa do mar vizinhos dos Portuguezes. Sómente certo genero de Tapuias, que vivem no rio de São-Francisco, e outros que vivem mais perto, são amigos dos Portuguezes, e lhes fazem grandes agazalhos, quando passam por suas terras. D'estes ha muitos cristãos, que foram trazidos pelos padres do sertão, e aprendendo a lingua dos do mar, que os padres sabem, os batizam e vivem muito d'elles cazados nas aldeias dos padres, e lhes servem de interpretes pera remedio de tanto numero de gente que se perde, e sómente com estes Tapuias se pode fazer algum fruito; com os mais Tapuias, não se pode fazer conversão, por serem muito andejos, e terem muitas e diferentes linguas, dificultozas; somente fica um remedio, si Deos, Nosso Senhor, não descobrir outro, e é, avendo ás mãos alguns filhos seos, aprenderem a lingua dos do mar, e servindo de interpretes se fará algum fruito, ainda que com grande dificuldade polas razões acima ditas, e outras muitas.

(Copia do Codice CXVI da Biblioteca Publica Eborense).

TRABALHOS

DOS

Primeiros jezuitas no Brazil

§ 1. No anno de 1549 mandou el-rei Dom João o 3º por governador d'estas partes do Brazil a Thomé de Souza, e vieram em sua companhia por ordem do padre geral da companhia de Jezus, a requerimento do dito rei, alguns padres da dita companhia para entenderem na conversão da gentilidade das ditas partes.

Tanto que chegaram ao Brazil, procuraram os ditos padres com caridade e meios possiveis entender na dita conversão, e foram ajuntando alguns meninos do gentio com consentimento de seus pais e os foram domesticando e instruindo para serem baptizados, e alguns adultos *in-extremis*. Isto faziam os padres andando sempre por algumas aldeias d'esta comarca da Bahia, ainda que muitas vezes a risco de sua vida, buscando todos os modos e maneiras que podiam para entrar com o gentio, e lhe pregarem a lei evangelica; e como isto era muito novo pera elles por não terem nenhuma noticia das couzas de Deos, não tinham effeito os dezejos e boa vontade dos padres, e por isso se contentavam e estimavam em muito acharem em uma aldeia um menino e outro n'outra dos acima ditos, que recolhiam a si, e traziam pera caza, onde os criavam com bons costumes, e os paes os vinham ali ver, e quando os padres iam a suas aldeias, os le-

vavam comsigo, de que os paes folgavam muito, e era isto meio para que os outros, vendo aquelles, se viessem com elles, e daqui iam os Indios tomando conhecimento e amizade com os padres, foram tambem os ditos padres aprendendo a lingua do gentio pera que sua conversão tivesse melhor effeito, porque até ali se ajudavam de alguns homens seus devotos e moços da terra, filhos de Portuguezes, que já cá havia, e assim procederam no tempo do dito governador Thomé de Souza e de Dom Duarte da Costa, que sucedeu no dito cargo e depois que os primeiros padres vieram sempre pelo tempo em diante, vieram outros para entenderem n'este ministerio da conversão, que el-rei Dom João tanto encommendava em suas cartas e provizões ao governador; e os reis Dom Sebastião e Dom Anrique sempre o fizeram aos mais governadores, como adiante se verá.

No tempo de Dom Duarte se levantaram os Indios da Bahia, ficando alguns de paz da banda dos Portuguezes, e Dom Duarte deo guerra aos alevantados, a que os Indios, que da banda dos Portuguezes se pozeram, ajudaram muito bem contra os seus e depois de a guerra durar por algum tempo, os Indios d'esta Bahia fizeram pazes com os Portuguezes, as quaes nunca mais quebraram, e n'este tempo se fez a igreja de S. Sebastião entre os Indios, perto d'esta cidade, e outra de Nossa Senhora no Rio-vermelho, legua e meia d'esta cidade, onde os padres da companhia começaram a rezidir, e n'ellas se começou a pregar a lei de Deos publicamente, e já n'este tempo os padres tinham corrido as capitanias da costa e feito caza nas capitanias de São-Vicente e Espirito-Santo por cauza do muito gentio.

§ 2. Na éra de 1557 veio Men de Sá por governador, que sucedeu a Dom Duarte, e no seu tempo se dilatou muito a conversão dos Indios polo muito favor e ajuda que sempre n'isto deo, porque, além de ser este officio proprio dos padres da companhia, elle o tinha por tanto seu como bem se enxergava nas obras, que fazia d'este ministerio, porque ordenou logo, que os Indios que estavam perto d'esta cidade, que eram muitas aldeias, que se ajuntassem em algumas povoações, pera que os padres

com mais comodidade lhes pregassem a lei evangelica; então se mudaram as duas igrejas que se fizeram em tempo de Dom Duarte; a que estava no Rio-vermelho se veio meter com outras aldeias mais perto d'esta cidade, e ali se fez a igreja de S. Paulo, a outra de S. Sebastião se passou arriba de Pirajá, ajuntando-se com outras, onde se fez a igreja de Santiago, e uma legua além d'esta se fez outra igreja de S. João, e no rio de Joane se fez a igreja do Espirito Santo: pozeram-se estas igrejas em parte acomodadas para Indios, a saber, perto do mar, para se poderem manter com suas pescarias, e perto dos matos para poderem fazer seus mantimentos. N'estas igrejas rezidiram sempre padres e irmãos da companhia.

§ 3. Logo como Men de Sá chegou a esta terra mandou socorro á capitania do Espirito Santo, que estava em guerra com os Indios seus comarcãos, mandando por capitão seu filho Fernão de Sá e outros Portuguezes e muitos Indios das igrejas em sua ajuda, e dahi a pouco tempo se levantou o gentio Tupinaquin, vizinho dos Ilhéos, queimando e destruindo os engenhos e fazendas, que ali havia, a que logo acudio o dito governador com alguns Portuguezes, e muito gentio das igrejas d'esta Bahia, e deo-lhe Nosso Senhor victoria contra os Tupinaquins, e poz em paz aquella terra. N'este mesmo tempo se levantou o gentio de Paraguaçú, matando alguns Portuguezes, a que logo acudio o governador com os Portuguezes d'esta cidade; e assim todo o gentio d'aquellas igrejas fez guerra aos Indios de Paraguaçù, desbaratando-os e destruindo suas aldeias, até que os mesmos Indios se lhes sugeitaram e vieram pedir paz, que lhes elle concedeo.

Na éra de 1560 quiz o governador Men de Sá ir a primeira vez ao Rio de Janeiro tomar aquella fortaleza aos Francezes por mandado de el-rei, e quiz levar comsigo algum gentio d'esta Bahia pera o ajudarem, porque sabia para quanto era, polo ter já experimentado nas guerras passadas, e pera isto mandou chamar os Indios principaes das igrejas, avizando-os que se aparelhassem para irem com elle, porque nenhuma guerra fez Men de Sá, que não mandasse chamar os ditos Indios, e lhes dava conta do que queria fazer, e com esta brandura e amor os

levava elle, porque sabia quanto elles nas guerras faziam e quão necessarios eram pera isso. Entre estes principaes a quem elle falou pera o acompanharem n'esta guerra foi a Morrangao, principal da aldeia de S. João, Indio mui afamado por toda esta terra, por seu saber e esforço, o qual se não mostrou muito afeiçoado a esta ida ao Rio de Janeiro por estar sentido do governador Men de Sá o ter algum tempo prezo depois de virem da guerra dos Ilhéos; mas comtudo se aparelhou.

Estando o governador pera se partir, mandou avizar os Indios que com elle haviam de ir, que n'um dia certo se ajuntassem para se embarcarem; o que todos fizeram, sinão este Morrangao, que tardou um dia, e vindo elle para se embarcar, chegando á ribeira do Pirajá, vio, que o governador era já á véla, e vendo que o não podia alcançar se apozentou aquella noite no engenho de el-rei, que ali está, e outras fazendas, com toda sua gente. Não faltaram então homens portuguezes que lhe diceram, que se aparelhasse para a vinda do governador, porque o havia de pôr na boca d'uma bombarda por não ir com elle, e que então pagaria o filho do Caramurú, que elle tinha morto, avia muitos annos. O Indio como ouvio estas palavras e já estivera prezo, pareceo-lhe, que assim havia de ser e não se atreveo aguardar o governador, e, tornando-se pera sua aldeia, fugia com toda sua gente sem serem sentidos, e se foram pola terra dentro, não muito longe dali, podia ser 3 ou 4 leguas, e ali esteve até que veio o governador. N'este tempo se tornou quazi toda sua gente pera as igrejas, e assim d'este Indio se pôr ali, e não ir mais por diante, foi por esperar, que o governador lhe mandasse perdão, e ainda que os padres n'isto entrevieram, o governador não quiz fazer cazo do Indio; porque assim determinava de castigar, e esperava, que o mesmo Indio lhe viesse pedir perdão, do qual o Indio desconfiado se foi para o rio de São-Francisco com a mais gente que lhe ficou, e dahi a alguns annos, em vida do mesmo governador, se tornou. D'esta maneira se despovoou aquella igreja.

§ 4. No mez de Agosto da dita éra veio o governador Men de Sá com a victoria alcançada do Rio de

Janeiro, e veio com elle de São-Vicente o padre Luiz da Gran, provincial da companhia de Jezus, e logo no mez de Outubro se fez a igreja de S. Antonio em Rembê, e como já as guerras dos Indios da Bahia fossem acabadas, e elles estivessem todos em paz, assim uns com os outros, como com os Portuguezes, foi Nosso Senhor servido de se abrir uma grande porta para sua conversão e salvação de suas almas tão dezejada e pedida a Nosso Senhor, e por tantos meios buscada dos padres e irmãos da companhia.

Logo no anno que veio de 1561 na coresma se tornou a fundar a igreja de S. João, que d'antes se despovoara, 6 leguas d'esta cidade, e se fundou a igreja de S. Cruz na ilha de Itaparica, 3 leguas d'esta cidade. N'estas cinco igrejas, que tinhamos n'esta Bahia, se recolheo todo o gentio d'esta comarca, que pelo menos seriam 16.000 almas, a saber: S. Paulo, uma legua d'esta cidade, com 2.000 almas. O Espirito Santo, 5 leguas d'esta cidade, com 4.000 almas. S. Antonio, 9 leguas d'esta cidade, com 2.000 almas. Estas trez igrejas estavam ao longo do mar pela costa. Santiago, 4 leguas d'esta cidade, com 4.000 almas. S. João, 6 leguas d'esta cidade, com 4.000 almas. Estas duas igrejas estavam para o sertão, tinham por mar o da Bahia, do qual estavam uma legua.

No mez de Junho do dito anno de 1561 se fez a igreja do Bom Jezus em Tatuapára, 12 leguas d'esta cidade, ao longo da costa, na qual se recolheo todo o gentio, que havia ao longo do rio, que se chama Jacuig, que eram 4.000 almas, e alguns mais que havia se recolheo em S. Antonio. Vendo todo o mais gentio da banda do Tapucurú, como as igrejas iam em crescimento, e como o governador Men de Sá fovorecia muito a todos os Indios, que se convertiam, e ajudava tanto a conversão, vieram muitos principaes a vizital-o, e ao padre Luiz da Gran, provincial, pedindo-lhe padres, e importunando por isso, dizendo que se queriam juntar e fazer igrejas ; de que o governador folgou muito, e os ajudou pera com o padre provincial, e o padre lhes deo esperanças d'isso. Indo o padre vizitar as igrejas ja povoadas, como sempre fazia, passou do Bom-Jezus por diante e chegou até Itapucurú,

que é um rio, que está d'esta cidade 40 leguas, couza que até então os Portuguezes não faziam, e fez o padre provincial pazes entre o gentio que estava no dito rio, que ficava atrás da banda de Tatuapára pera que não houvesse mais guerras entre elles, e os que se convertessem á nossa santa fé tivessem paz; e da volta que o padre fez deixou dois lugares perto do mar pera duas igrejas, e dice aos Indios, que se ajuntassem n'elles, e depois de juntos lhes daria padres para os ensinarem; de que elles ficaram muito alegres.

Estando as couzas dos Indios n'estes termos, e sua conversão indo tanto em crescimento que por todo o sertão eram já nomeadas as igrejas, e a lei do Senhor se divulgava, vieram alguns principaes da banda de Camamú dar obediencia ao governador, dizendo que elles queriam se fazer christãos, pediam lhes déssem padres para os doutrinar: remeteo-os o governador muito alegres com tão bôa nova ao padre provincial, o qual os despedio com esperanças de cêdo os ir vizitar, e levar-lhes padres para os ensinar.

§ 5. No mez de Novembro do dito anno mandou o padre provincial um padre e um irmão a povoar a igreja de S. Pedro, 10 leguas alèm do Bom-Jezus, por estar já a gente junta, e mandou recado, que a outra que havia de ser de S. André se fizesse outras 10 leguas além da de S. Pedro pera se povoar, quando fosse tempo, e ficava 30 leguas d'esta cidade, porque a que se havia de fazer no Itapucurú, que era além, havia de ser mais de vagar, por aquella gente não ter ainda comercio com os Portuguezes, e ser gente de guerra. Povoou-se S. Pedro, e d'ahi se ia a vizitar S. André algumas vezes; tinham estas duas igrejas 8.000 almas, e o padre provincial se partio no dito mez para banda do Camamú, a vizitar os Indios acima ditos, levando comsigo alguns padres e irmãos para deixar lá, si fossem necessarios; e chegando lá achou a gente tão disposta e apercebida, e com tanto dezejo de sua salvação que lhe fundou duas igrejas, uma de S. Miguel em Taperaguá, que tinha 2.000 almas, e outra de Nossa Senhora d'Asumpção em Tapepigtanga, que tinha 4.000 almas, deixando em cada uma d'ellas um padre e um

irmão. Ficando todos assim os nossos como os Indios, muito contentes, se despidio d'elles, e se veio vizitar as igrejas da Bahia.

Tinhamos n'este tempo, que era na éra de 1562, onze igrejas, as 10 d'ellas povoadas com os nossos, a saber; S. Paulo, Espirito Santo, S. Antonio, Bom Jezus, São Pedro, S. André, S. Tiago, S. João, todas estas n'esta Bahia, Santa Cruz na ilha de Itaparica, S. Miguel em Taperaguá, Nossa Senhora em Tapepigtanga, terras do Camumú. Houve em todas estas igrejas muitos e mui solemnes baptismos, alguns que passavam de 1.000 almas, achando-se o bispo Dom Pedro Leitão a alguns d'elles, onde por sua mão baptizava a muitos e crismava a todos, e depois cazava em lei da graça os que eram pera isso, e duas vezes foi ás ditas igrejas a fazer este officio. O padre provincial andava sempre vizitando estas igrejas, baptizando os Indios, que para isso estavam aparelhados, e os que o não estavam, deixando as muitas mulheres, cazavam com uma em lei da natureza, e as outras se cazavam com outros Indios, e com estas couzas e vista do padre se animavam e alegravam muito os Indios, vendo as festas que lhes o padre em seus baptismos fazia.

§ 6. N'este dito anno de 1562 estando todos os Indios com muita paz e quietação em suas igrejas, e fazendo-se muito fruito nas almas, quiz o governador Men de Sá castigar os Indios do Caaeté, que estavam além do rio de São-Francisco pàra Pernambuco, por terem morto o bispo Dom Pedro Fernandes, e outra muita gente que d'esta Bahia partio para o reino em uma náo, que ali foi dar á costa no anno de 1555 ou 1556, e porque os moradores d'esta Bahia diziam, que entre este gentio daqui morador e o de Cirigipe, donde está o engenho de Dom Fernando, e entre o gentio de Paraguaçú e Jaguarig havia muito gentio d'aquelle do Caaetè, e que tinham entrada uns com os outros, pronunciou o dito governador sentença contra o dito gentio do Caaeté, que fossem escravos, onde quer que fossem achados sem fazer excepção nenhuma, nem advertir no mal que podia vir á terra.

Sendo a tal sentença dada d'aquella maneira, porque nas igrejas dos padres havia muito gentio que procedia

d'aquelle, mas criados e nascidos n'esta parte da Bahia, que não viram nem foram em taes mortes, mas como o Demonio sabia, que esta era a melhor invenção que podia haver para destruir o que estava feito, e impedir que não fosse por diante a conversão do gentio, ajudou-se do dezejo, que os Portuguezes tinham de haver escravos, tanto que em breves dias se despovoou toda a terra; porque vendo o gentio que lhe levavam suas mulheres e filhos, irmans e irmãos, e salteados em suas aldeias, e pelos caminhos por onde andavam, e sendo nascidos e naturaes da terra, se viam levar cativos sem nenhum remedio, por dizerem os Portuguezes que elles tambem eram homicidas n'aquellas mortes; não sendo assim, por que entre este gentio da Bahia e o que matou o bispo havia outro gentio contrario d'este da Bahia, que se metia no meio, e tinha pouco comercio um com o outro.

Vendo os Indios os insultos e agravos que os Portuguezes lhes faziam em os cativar, assim os das igrejas mais principaes que tinhamos, e todo o mais gentio que estava por esta terra, e polas falsidades que os Portuguezes por si e por seus escravos lhes diziam da guerra que lhes haviam de dar, e elles viam pelo olho como eram salteados, se levantou parte do gentio de Paraguaçú e Cirigipe, indo-se pera o sertão; e das nossas igrejas, a saber: Santo Antonio, Bom Jezus, S. Pedro, S. André, 12.000 almas, ficariam 1.000 pouco mais ou menos, e toda esta gente e a mais que tenho dito se foi meter por esses matos por escaparem aos agravos e sem razões, que lhes os Portuguezes faziam.

Vendo o governador quão mal isto sahira, e quantos males e pecados daqui rezultaram, que pagavam os innocentes polos culpados, e que a terra se destruira em tão pouco espaço de tempo, revogou a sentença dos Caaetés, mas a tempo que já não havia remedio, porque como os homens andavam já tão metidos no saltear dos Indios, como ainda agora hoje em dia se vê, e vendo que o governador lhes atalhavam o seu propozito, revogando a sentença dos Caaetés, uzavam outra manha não menos perigoza, assim para as consciencias, como para as vidas

que alguns perderam n'este officio, indo-se polos matos com resgates, onde os Indios se iam esconder por fugir d'elles, e faziam com elles que se vendessem uns aos outros, dizendo que eram Caaetés, isto tanto montava, que fossem das igrejas, que se despovoaram como que fossem dos outros; e vendo o governador que isto não tinha remedio, fazia por haver ás mãos quantos Indios d'estes assim trazidos podia, e punha-os em sua liberdade, mandando-os pera as igrejas. Foi esta revolta grande perturbação pera os Indios christãos, porque a uns levavam as mulheres, ás mulheres levavam os maridos, e a outros os filhos a vender por essas capitanias.

§ 7. No mesmo anno de 1562, por justos juizos de Deos, sobreveio uma grande doença aos Indios e a escravos dos Portuguezes, e com isto grande fome, em que morreo muita gente, e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam meter por caza dos Portuguezes a fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pozessem ferretes, que queriam ser escravos: foi tão grande a morte que deo n'este gentio, que se dizia, que entre escravos e Indios forros morreriam 30.000 no espaço de 2 ou 3 mezes. Ficaram então os padres com cinco igrejas no termo d'esta Bahia, a saber: S. Paulo, Espirito Santo, S. Antonio, S. Tiago, S. João e as trez que tinhamos da banda dalém, ainda que estas trez pouco duraram, porque n'aquelle mesmo anno se despovoaram, porque não bastou ficarem elles desbaratados dos saltos que os Portuguezes n'elles fizeram, dizendo que eram dos que mataram o bispo, nem das mortes e fome passada, mas estando esses poucos que ficaram em suas aldeias pacificos, e os padres com elles, como aquellas aldeias estavam em caminho pera os Indios, quem quer que passava pola praia e os encontrava, que vinham a suas pescarias, os esbulhavam do que tinham, não lhes deixando rede para dormir nem linha de pescar; outros lhes levavam os filhos e filhas sem poder dar remedio a isto. Ajuntou-se tambem, segundo diziam, um mameluco, que com falsas palavras foi meter em cabeça ao gentio de Taperagua, que o governador lhe queria dar guerra, que foi cauza isto com o mais que lhe os Portuguezes fizeram

de se levantarem e darem rebate aos Indios de Tapepigtanga e os de Itaparica, e fugiram todos sem os padres lhes poderem valer nem aquietar, porque como isto foi couza secreta, que o mameluco andava dizendo, elles tambem souberam fazer a sua tão secretamente que os padres o não souberam, sinão quando já iam de caminho, e assim se perderam estas trez igrejas, as quaes foram povoadas com 8.000 almas. Depois que fugiram, poucos escaparam que não fossem escravos, porque uns vendiam aos outros, outros se vendiam a si mesmos, introduzidos todos estes costumes pelos Portuguezes.

§ 8. Vendo o governador que se gastava o gentio todo, por atalhar a que se não acabasse de consumir, fez uma lei, que nenhum Indio das igrejas se podesse vender, e mandou, que qualquer escravo que se fosse de caza de senhor para as igrejas dos padres se não désse sem sua licença; isto fazia para saber, si os taes escravos eram das ditas igrejas, ou dos que os Portuguezes tinham mal havidos para os pôr em sua liberdade, a qual lei ainda agora se guarda, e pôz nas igrejas capitães para ver si isto podia ter algum remedio de se não perderem.

Em S. Paulo Sebastião Luiz, no Espirito Santo Francisco de Moraes e Francisco Barbudo, em S. Antonio Gomes Martins, em Bom Jezus Braz Affonso, em S. Pedro Pedro de Seábra, em Santa Cruz Antonio Ribeiro, em S. Tiago Gaspar Folgado, em S. João João d'Araujo, cujo regimento era, que elles capitães os defendessem dos Portuguezes e lhes tirassem todos aquelles que se metessem com elles, pera que as igrejas se não despovoassem; mas tal foi o tempo, que nada teve effeito. Os capitães lá rezidiram nas povoações certos annos, d'elles mais, d'elles menos, e em seu tempo se acabaram de despovoar Bom Jezus, S. Pedro, Santa Cruz, polas cauzas acimas ditas e pola experiencia que se vio, que nem os capitães tinham proveito, nem os Indios o favor e ajuda que se esperava, e assim com consentimento do governador deixaram os ditos cargos, e os padres da companhia ficaram rezidindo sempre nas ditas igrejas como dantes.

§ 9. N'este mesmo tempo deo a fome que tenho dito no gentio de Itapucurú, e Rio-Real, e sabendo os

Portuguezes isto, acudiram logo para haver escravos, e não se atrevendo ir lá sós, levavam comsigo muitos Indios das igrejas dos padres pera seu valhacouto; e como este gentio andava espalhado polo mato buscando alguma couza para comer, como fruita, raizes, e alguma outra couza, davam os Portuguezes com os Indios que levavam sobre elles, a uns que a fome tinha consumido acabavam de matar, aos outros que tinham mais força traziam por escravos; mas n'isto se via bem a justiça divina, que não queria, que elles gozassem de bens tão mal adquiridos, porque em elles cá chegando o gentio que traziam-lhes morria, escapando mui pouco, e como este gentio veio ter alguma sustentação, esse pouco que ficou, assim da fome como da destruição que os Portuguezes n'elles tinham feito se começou a ajuntar em suas aldeias, e não querendo os Portuguezes dezistir de seu propozito, sinão il-os saltear, elles se começaram a defender, de maneira que com matarem 6 ou 7 Portuguezes e alguns Indios principaes das igrejas, tomaram por seu partido não tornar lá mais. Tocou-se aqui n'estes Indios, ainda que isto não faz a nosso propozito, porque abaixo se ha de falar d'elles.

Na dita éra de 1562 por um capitulo d'uma carta da rainha deo o governador Men de Sá terras de sesmaria aos Indios das ditas igrejas. Vendo quão proveitozos e necessarios elles eram a esta Bahia, e que não se podiam sustentar sem terem terras em que podessem lavrar, lhes deo perto do mar, assim da costa como do mar da Bahia, pera seu sustentamento, de que tem suas cartas.

Em Janeiro de 1563 foi a grande morte das bexigas tão geral em todo o Brazil, de que morreo muito gentio, de que tambem levou muita parte de que havia nas igrejas em que os padres rezidiam, e depois da doença ser passada, e os Indios se irem gastando pouco e pouco, com parecer do governador Men de Sá, por a igreja de S. Paulo ter já pouca gente, se repartio essa que havia polas outras, e assim não ficariam mais de 4, que se conservaram por alguns annos.

§ 10. Sendo el-rei Dom Sebastião informado das couzas d'este estado, e como o gentio tinha a terra despovoada polos agravos e avexações dos Portuguezes,

escreveo ao governador Men de Sá e ao bispo Dom Pedro Leitão sobre isto, cujo treslado das cartas é este :

Carta del rei

Men de Sá amigo. Eu el rei vos envio muito saudar. Por que o principal e primeiro intento, que tenho em todas as partes da minha conquista, é o augmento e conservação de nossa santa fé catholica, e conversão dos gentios d'ellas, vos encomendo muito, que d'este negocio tenhaes n'essas partes mui grande e especial cuidado, como de couza a vós principalmente encomendada, porque com assim ser, e em taes obras se ter este intento, se justifica o temporal que Nosso Senhor muitas vezes nega, quando ha descuido no espiritual.

Eu sou informado, que geralmente n'essas partes se fazem cativeiros injustos, e correm os resgates com titulo de extrema necessidade, fazendo-se os vendedores paes dos que vendem, que são as couzas com que as taes vendas podiam ser licitas, conforme ao assento que se tomou.

Não havendo as mais das vezes as ditas cauzas, antes pelo contrario intercedendo força, manhas, enganos, com que os induzem facilmente a se venderem por ser gente barbara e ignorante, e por este negocio dos resgates e cativeiros injustos ser de tanta importancia, e ao que convem prover com brevidade, vos encomendo, que com o bispo e o padre provincial da companhia, e o padre Ignacio de Azevedo e Manoel da Nobrega, e o ouvidor geral, que lá está e o que ora vae, consulteis e pratiqueis, n'este cazo, e o modo que se pode e deve se ter para atalhar aos taes resgates e cativeiros, e me escrevaes miudamente como correm, e as desordens que n'elles ha, e o remedio que pode haver para os taes injustos cativeiros se evitarem, de maneira que ája gente com que se grangeem as fazendas, e se cultive a terra, para com a dita informação se tomar determinação no dito cazo, e ordenar o modo que n'isso se deve ter, que será como parecer mais serviço de Nosso Senhor e meu, e em quanto não fôr recado meu, que será com ajuda de Nosso Senhor brevemente, se fará acerca d'isso o que por todos fôr assentado.

Muito vos encomendo, que aos novamente convertidos favoreçaes,e conserveis em seus bons propozitos,e não consintaes serem-lhes feitas avexações, nem desaguizados alguns, nem lançados das terras que possuirem, pera que com isso se anime a receber o sacramento do baptismo, e se veja, que se pretende mais sua salvação que sua fazenda, antes aos que as não tiverem provejaes, e ordeneis com o se lhes dê de que comodamente possam viver, e sendo possivel dareis ordens como alguns Portuguezes de boa vida e exemplo vivam nas aldeias entre os que se convertem, ainda que seja com lhes fazerdes algumas aventagens, pera com sua conversação e exemplo irem adiante em seus bons propozitos.

§ 11. Depois que o governador vio esta carta, e que a carta do bispo Dom Pedro Leitão continha o mesmo, se ajuntou com o bispo,ouvidor geral e padres da companhia, e trataram sobre as aldeias, cuja rezolução foi a seguinte, a 30 de Julho de 1566.

Porque ha muitos Indios mal resgatados e salteados,a quem o Senhor governador pola obrigação que tem de os conservar e defender em justiça que acudir : Manda,que os que se acolherem ás aldeias em que rezidem os padres não se entreguem a quem n'elles pretender ter direito, nem os padres sejam parte de os entregar sem mostrarem escrito do Senhor governador ou ouvidor geral, pera que venham perante elles, e se examinar a cauza. Mas que julgados uma vez por escravos, si depois se tornarem ás aldeias, que os padres,constando-lhes d'isso,os possam livremente entregar a seus senhores. Esta lei foi renovar a que já tinha feita havia annos, como acima fica dito.

Ordenaram, que para os padres procederem com mais quietação, e os brancos poderem mais facilmente haver justiça das peças que lhes fugirem, e os Indios serem mais desagravados das avexações que lhes forem feitas, e se aquietarem mais para não fugir, que o senhor ouvidor geral por serviço de Deos e de Sua Alteza e bem da terra vá em pessoa, de 4 em 4 mezes, vizitar as aldeias, para n'ellas fazer o que for justiça e devassar.

E porque a justiça dos Indios perece muitas vezes por falta de quem por elles procure, ordenaram, que se

instituam um procurador dos Indios com competente salario, e porque muitas vezes os Indios que vão servir os brancos, ou por quaesquer outros respeitos, se vão a suas cazas e cazam e alli com suas escravas, sendo muitos delles cazados nas aldeias dos padres, do que se seguem grandes desvenentes, se ordena que o senhor bispo tome conhecimento dos taes cazamentos, assim para reprehensão dos erros que os taes cazamentos fizerem contra a prohibição que sobre isto tem feito, como para castigo dos senhores que os taes cazamentos quizerem fazer.

Ainda que a elrei permitia aos moradores resgatarem os que a suas cazas se lhes forem vender, todavia porque ha muitas vendas que se não podem fazer licitamente, manda o Senhor governador, que os que quizerem comprar não o façam sem serem examinados, para ver si é justa a venda ou não, porque não pretende negar-lhes a licença, sinão estorvar que se não faça injustiça nem agravo.

Ordenaram, que os padres possam entregar a seus senhores sem escrito particular do Senhor governador nem ouvidor geral, os Indios que livremente confessarem ser escravos, não tendo alguma duvida por onde o não possam ser, e assim lhes poderão dar os Indios forros que não forem das aldeias, querendo elles por sua vontade ir para suas cazas, e servil-os como forros, e não querendo, não consintirão, que os levem por força.

Ordenaram, que si alguem tomasse por sua autoridade estes Indios litigiozos, que se acolheram ás aldeias dos padres e seus limites, perca o direito que nos taes Indios tem.

Men de Sá. O Bispo do Salvador. Braz Fragozo.

§ 12. Esta foi a rezolução, que se tomou sobre a carta del rei e não fala a dita rezolução nas terras, que el rei mandava dar aos Indios, porque já havia annos que o governador lh'as tinha dado, como fica dito, e nem fala nos homens de boa vida e exemplo, porque já se tinha provido, como acima se dice.

Como o numero dos Portuguzes foi em crescimento, vindo muita gente do reino, começaram a ocupar as terras dos Indios; a isto acudio Diogo Zorrilha, seu procurador,

na éra de 1571, fazendo uma provizão ao governador sobre as ditas terras. Cujo despaxo é o seguinte :

Lance-se pregão, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja lavre nem faça bemfeitorias nas terras, que foram dadas aos Indios nas igrejas e povoações de Espirito Santo, S. João, S. Tiago, S. Antonio e nas mais povoações, posto que tenham d'ellas titulo dado por mim sob pena de perderem as bemfeitorias, e todo direito que n'ellas pretenderem ter, e pagarem 50 cruzados, a metade pera quem os acuzar, e metade pera as obras da fortaleza d'esta cidade, capitania do Salvador. Oje 2 dias do mez de Maio de 1571 annos. *Men de Sá.*

Este pregão foi lançado, e d'isso se fez termo e auto, como é costume, que tudo está acostado á petição; mas como estes Indios sejam pobres, e não ha quem por suas necessidades olhe, si não são os padres da companhia, não houve execução o dito pregão, nem se olhou mais por isso, e os Indios se foram afastando dos Portuguezes, porque com seus curraes e fazendas lhes foram ocupando suas terras. E ainda agora os não deixam lá onde estão.

§ 13. Na dita éra de 1571 se levantou um reboliço na aldeia de S. João, pelo qual se fez a diligencia seguinte.

Treslado de um auto feito a requerimento do padre Antonio Pires, provincial da companhia de Jezus

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Chirsto de 1571 annos, em os nove dias do mez de Setemdro, n'esta cidade do Salvador, nas pouzadas do Senhor governador geral Men de Sá, pelo dito Senhor foi mandado chamar a mim tabelião para fazer este auto, de um requerimento que o padre provincial Antonio Pires, e o padre reitor Gregorio Sarrão vieram fazer a Sua Senhoria, que ahi prezentes estavam, polos quaes foi dito, que os dias passados diceram a elle Senhor governador em como Fernão Cabra, morador n'esta cidade, tomára por força, e mandara tomar seis Indios forros, entre maxos e femeas, da aldeia e igreja de S. João, do que eu escrivão fiz logo um auto por mandado do dito Senhor

governador, e é começado tirar devassa sobre este cazo, e que ontem 8 dias de Setembro, estando alguns Indios da dita povoação e igreja na fazenda de Eitor Antunes, e vindo-se embarcar, o dito Fernão Cabral os salteou, e tomou forçozamente, e os embarcou no seu barco, e levou pera sua fazenda, dizendo que não tinha que ver com padres nem com governador, que maior era seu poder que todas as justiças; o que o dito Fernão Cabral fazia, por quanto lhe não davam uma India da terra, que elle dizia ser sua escrava, a qual os ditos padres tinham mandado ao ouvidor geral á petição do dito Fernão Cabral, por estar assim determinado que nas aldeias se não déssem escravos fugidos de que ouvesse duvida sem primeiro se determinar por justiça o que elles compriram na dita India, e a mandaram no dito ouvidor geral, o qual esperou pelo dito Fernão Cabral que viesse, e lheo mandou dizer, e o dice a seu sogro, o qual lhe rogou, que a tivesse até uma quinta feira, e que si não viesse a tornasse a mandar, e o dito ouvidor geral a teve na cadeia até a dita quinta feira, e mais oito dias sem o dito Fernão Cabral vir a requerimento do alcaide Diogo Zorrilha, por não haver quem lhe désse na cadeia de comer a mandou soltar e tornar á aldeia de S. Antonio, donde a dita India era, e tendo estas diligencias todas feitas por parte da justiça o dito Fernão Cabral se queixou novamente dos ditos padres, que lhe tinham a dita sua escrava, e escreveo uma carta ao padre Gaspar Lourenço que estava na povoação e igreja de S. Antonio, dizendo que pois lhe não mandava dar a dita sua escrava, que elle se entegraria nos Indios de S. João e S. Tiago, que estavam mais perto, e escreveo outras cartas ao padre João Pereira, que estava na igreja de S. João, em que lhe dizia, que não havia de mandar os ditos Indios, até lhe não mandarem a sua, como se pode ver pelas ditas cartas, e o dito Senhor requereo aos ditos padres, que mandassem aqui acostar o treslado das ditas cartas, e logo aprezentou uma que Fernão Cabral escrevera ao padre Antonio Blasques, e que as outras, que escrevera ao padre João Pereira, aprezentariam, e a do padre Gaspar Lourenço pera se tresladarem aqui, e que elles padres

estiveram no primeiro salto que Fernão Cabral fizera pera virem encampar as aldeias dos ditos Indios que tinham a cargo ao Senhor governador, e mais por ser a primeira e esperar que se fizesse cumprimento de justiça, o padre provincial não viera, e lhe o mandara dizer pelo padre reitor Gregorio Sarrão e pelo padre João Pereira, dizendo que se não viesse fazer justiça sobre este caso, elle encamparia as ditas povoações e aldeias, e que agora se fizera este segundo salto, e que não havia emenda nenhuma d'este cazo, que elle provincial vinha encampar as povoações e aldeias, como de feito encampava, e que havia de mandar vir aos padres e irmãos que n'ellas estavam, por quanto com estes saltos elles se não atreviam estar n'ellas, por quanto os Indios estavam mui escandalizados de não verem restituição da tomada de seus parentes, que Fernão Cabral tinha tomado, e que haviam medo que pela dita cauza os Indios fizessem algum desmanxo, e se levantassem, e logo pelo Senhor Governador foi dito, que elle estava muito prestes para fazer justiça, e fazer tornar os Indios, e que logo como lhe denunciaram elle mandou fazer auto d'isso por mim escrivão e o remeteo ao ouvidor geral para tirar testimunhas sobre o cazo, e o ouvidor geral tirou logo uma testimunha que estava na cidade, e mandou chamar as que estavam absentes para acabar de tirar, e sobre isso fazer justiça, pelo qual elle até agora tinha feito toda a diligencia, que se por este cazo podia fazer, e acabado de tresladar as cartas de Fernão Cabral, e reconhecidas, e testimunhas tiradas; proverá elle Senhor governador como Sua Alteza e regimento manda, polo qual elle lhe não recebe a tal encampação das povoações, e igrejas, antes lhe requer da parte de Deos e de Sua Alteza, que elle tal não faça, pois da justiça se não pode até agora notar culpa de negligencia, e fazendo o contrario elle lhe encampa a capitania e todo o Brazil, e que elles dêem conta d'isso a Deos e a Sua Alteza, por quam necessarias as aldeias são n'esta terra, e estarem elles padres n'ellas, e as governarem e sustentarem, assim pera dali se fazer diligencia pera as guerras, como é notorio que as que se fizeram no Brazil foi tão necessaria ajuda dos Indios como

dos Portuguezes, e pera nos sustentarem e defenderem dos Indios nossos contrarios, como cada dia fazem, e acabado de os elles ditos padres soltarem, está claro, que os Indios se hão logo de ir das aldeias, e hão de ser os que nos hão de fazer guerra, e fazendo elles bastam para despovoar a terra, e quando a elles não fizessem o Senhor governador tem por mui certo, que os escravos dos Portuguezes se hão de alevantar contra seus senhores, como fizeram o anno de 1568, que muito poucos escravos que se levantaram pozeram a terra em balanço de se perder, e mataram alguns Portuguezes, e si não temeram os Indios das povoações e igrejas, se houveram de levantar todos os escravos, e que por estas cauzas e outras muitas que elle Senhor governador deixa de legar-lhes, pede e roga não queiram desamparar, antes lhes preguem, que se não agastem, que o Senhor Governador lhes fará justiça, e lhes mandará ir para suas cazas, suas mulheres e filhos, por quanto se não podia o cazo acabar tão breve por Fernão Cabral estar 5 leguas d'esta cidade na sua fazenda, e as testimunhas tambem auzentes ; e polo padre provincial foi dito, que elle esperava alguns dias, até este cazo se acabar, polas razões que ditas são. E de todo mandou fazer este auto, que assinaram. Diogo Ribeiro, tabelião que o escrevi. *Men de Sá. Antonio Pires. Gregorio Sarrão.*

A justiça houve os Indios assim salteados, e os mandou para sua povoação, e com isto se aquietaram os mais.

§ 14. No anno de 1574, sendo governador Luiz de Brito, chegou a esta Bahia Antonio Salema, governador do Riode Janeiro, os quaes ambos, por mandado del rei Dom Sebastião, com os padres da companhia se tomou a seguinte rezolução acerca dos Indios e seus resgates.

Assento que se tomou sobre o resgate dos Indios do estado do Brazil

Luiz de Brito d'Ameida, governador n'esta capitania e nas mais de sua repartição, e Antonio Salema, governador do Rio de Janeiro e nas mais capitanias de

sua repartição, fazemos saber como por virtude de um capitulo de uma carta de Sua Alteza, que ao diante vae tresladado, tomamos assento, com parecer dos padres da companhia de Jezus, e informação do doutor Fernão da Silva, ouvidor geral e provedor mór da fazenda de Sua Alteza, sobre o modo que se teria nos resgates dos Indios d'este estado do Brazil, e se assentou o seguinte.

Treslados dos capitulos

Os moradores das capitanias da costa do Brazil me enviaram tambem a dizer, que havendo-se de cumprir e dar execução á lei que fiz sobre os cativeiros illicitos dos gentios, que vós levastes e fizestes publicar, seria grande prejuizo d'esse estado e do povo d'elle, e se não poderiam sustentar nem grangear os engenhos e fazendas, e que além d'isso os gentios que entre si têm guerras, e se cativam uns aos outros, os comem segundo seu costume, e vendendo-se e resgatando-se, muitos se convertem á nossa santa fé, e por esta cauza seria muito de serviço de Deos deixar de se fazer, pedindo-me que houvesse por bem, que nas ditas partes se não uzasse da dita lei, e que se fizesse acerca d'isso o que sempre se uzou nas partes de Guiné.

E porque estas couzas são muito graves e importantes, e para determinação d'ellas é necessario mais particular informação, hei por bem, que vos ajunteis com Luiz de Brito, do meu conselho, que ora mando por governador do estado da parte da Bahia de Todos os Santos, e com o ouvidor geral pratiqueis miudamente sobre as ditas couzas e convenientes d'ellas, tomando acerca d'isso as informações necessarias, assim de pessoas seculares, que tenham experiencia das couzas da terra, como dos religiozos da companhia de Jezus, polo que toca á conversão e justificação da guerra e cativeiros que se fizerem, ordeneis e determineis n'estas couzas o que parecer mais serviço de Deos e bem do estado, e o que acerca d'isto pola dita maneira se assentar se cumprirá e dará á execução em quanto eu com informação nossa e do governador vos não enviar as provizões necessarias, a qual informação me enviareis assignada por ambos com toda a brevidade que

poder ser. E no que toca ao resgate dos escravos se deve ter tal moderação que não se impida de todo o dito resgate pela necessidade, que as fazendas d'elle têm, nem se permitam resgates manifestamente injustos, e a devassidão que até agora n'isso houve; e a determinação que tomardes se guardará por tempo de trez annos, si eu primeiro não prover n'isso.

§ 15. Determinação e assento que se fez por virtude do capitulo acima.

Mandam, que nenhum Indio nem India das aldeias, onde os padres rezidem, e assim das mais aldeias, que estiverem junto de nossas povoações, e de pazes com os Portuguezes, e postas de nossas mãos por ordem dos capitães, não haja resgates com suas pessoas por nenhum modo que seja, somente haverá comercio, como si fosse entre Portuguezes, vendendo e comprando, e resgatando mantimentos, e outras couzas necessarias que fizerem por seus trabalhos; o que se fará com licença de quem a poder dar, como até aqui se fez.

Qualquer Indio ou India, que fugir das ditas aldeias para outro gentio, que não está de pazes com os Portuguezes, e se deixar lá andar por espaço de um anno ou mais, este tal poderá ser resgatado, como outro qualquer, e não lhe valerá o privilegio que tinha das aldeias.

Nenhuns Indios e Indias poderão ser cativos e havidos por escravos, salvo aquelles que forem tomados em guerra licita, dada com a solemnidade abaixo declarada, e assim serão escravos aquelles que os Indios tomarem em guerra, e os tiverem em seu poder por serem seus contrarios, e assim serão escravos os que por sua propria vontade se venderem, passando de 21 annos, declarando-lhes primeiro que couza é ser escravo.

Não se fará resgate nem por mar nem por terra sem licença dos senhores governadores nas capitanias onde elles estiverem, e nas outras se fará por licença do capitão da tal capitania, e o exame do resgate, que se fizer por mar ou por terra, fará o provedor da fazenda de Sua Alteza na capitania onde for provedor, e com o provedor

juntamente farão exame dois homens eleitos em camara, os quaes se elegerão em principio do anno, e serão taes e de taes consciencias que o façam como cumpre, e haverão juramento em camara; do que se fará assento assinado no livro dos acordos; e sendo posta suspeição a algum d'estes eleitos em camara, e sendo julgado por suspeito, se elegerá outro em camara, que o não seja, e os que fizerem este exame poderão repartir os Indios mal resgatados, e os que forem julgados por forros e os escravos mandará registrar e entregar a pessoa que os resgatou, e na repartição dos forros se terá conta com os pobres e pessoas necessitadas, e não haverá razão de parentesco nem outra amizade.

Todas as vezes que houver noticia das pessoas que foram ao resgate, que fizeram excessos ou enganos, ou que uzaram de manha ou força, ou fizeram outra couza contra as leis, regimentos e ordenações contra este assento, será tirada devassa, e se procederá contra os culpados, sendo prezos e da cadeia se livrarão por si somente, e procederá contra os culpados, dando apelação e agravo, e posto que não haja informação má, com tudo uma vez no anno, no mez de Janeiro, os provedores serão obrigados a tirar trinta testimunhas d'estes cazos, e proceder contra os culpados.

Serão obrigadas as pessoas que vierem do resgate, assim por mar como por terra, virem logo directamente á alfandega, e não haverá mais detença que a distancia do caminho, e não fará escala em parte alguma, nem deixarão Indio algum em outra parte, e todos juntamente virão á alfandega, assim forros como cativos, nem ferrarão nenhum até lhes não serem julgados por escravos polo dito modo, e em tudo estarão á obediencia dos que fizerem os taes exames.

Os escravos, que forem registrados e resgatados conforme a este instituto, si fugirem e se acolherem ao gentio nosso contrario, ou com quem nós não tenhamos pazes, estes taes, sendo depois tomados ou resgatados entre o proprio gentio, serão julgados aos primeiros senhores, e elles pagarão á pessoa que os trouxer mil reis por cada um de os trazer. Assim, além d'isto, algum resgate, si foi dado por elles.

Declaramos, que os moradores poderão em sua caza resgatar alguns Indios, que lhe trouxerem por serem seus contrarios, e tomados em guerra, e assim que forem dos atrás declarados, porém o provedor da fazenda de Sua Alteza com dois eleitos farão exame conforme a este assento, e julgarão taes Indios por cativos, si o forem, e os farão registrar, e antes d'este exame os taes Indios serão sempre forros, e havidos por taes.

Serão havidas por guerras justas as que fizerem, ou mandarem fazer os senhores governadores conforme a seus regimentos, e os capitães serão obrigados ao tempo que quizerem fazer guerras ajuntar-se com os officiaes da camara e provedor da fazenda de Sua Alteza e algumas pessoas de experiencia, e com os padres da companhia de Jezus, e vigario da tal capitania, e praticarão todas as cauzas da tal guerra, e parecendo razão fazer-se, se fará; de que se farão autos por todos assinados, e o capitão que fizer guerra contra este capitulo, se procederá contra elle, como for justiça, e os Indios que em ellas forem tomados serão havidos por forros, além das penas abaixo declaradas, e será o capitão obrigado a entregar todos os Indios, que na tal guerra forem tomados, pera que os Senhores governadores desponham d'elles como lhes parecer. E qualquer pessoa ou pessoas de qualquer sorte e condição que sejam, que resgatar ou ferrar, ou cativar Indios ou Indias contra a forma d'este assento, ou uzar de força ou engano, ou malicia, ou sonegar alguns Indios, que trouxer comsigo e com elles se vierem, ou sejam bem resgatados ou mal resgatados, cativos, ou forros, posto que seja um somente sonegado, além das penas que tem pelos regimentos, leis e ordenações, sendo peão, será açoutado publicamente com o baraço e pregão, e pagará de pena quarenta cruzados, e sendo de mais qualidade, pagará a dita pena a dinheiro, e será degredado para fóra das capitanias da governança, onde cometer o tal delito, por dois annos, e os Indios todos que vieram do tal resgate serão havidos por forros, e a metade d'estas penas serão pera as obras dos colegios, e a outra metade pera quem os acuzar.

O qual assento se tomou n'esta cidade da Bahia de Todos os Santos, e mandam, que em tudo se cumpra e

guarde conforme a carta de Sua Alteza, e serão passadas cartas para as outras capitanias na forma acostumada, e assinaram aqui. Oje 6 de Janeiro. Antonio da Costa o fez por nosso mando. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1574 annos.

O governador *Luiz de Brito d'Almeida. Antonio Salema*.

§ 16. Na éra de 1575 passou el-rei Dom Sebastião a provizão que se segue: Eu el-rei faço saber aos mais governadores do estado e partes do Brazil, e aos ouvidores geraes das ditas partes, que ora são, e ao diante forem, que eu sou informado, que de os Indios christãos forros e livres das ditas partes irem trabalhar nas fazendas, que estão fora do termo e limite de suas povoações por mais de um mez, e de as pessoas cujas são as ditas fazendas lhes não pagarem logo seu jornal e trabalho por inteiro para se poderem tornar a suas cazas e povoações, se seguem muitos inconvenientes, e prejuizo de suas consciencias e fazendas, porque, sendo sua auzencia maior, se descazam de suas mulheres, e se embaraçam com outras, e perdem a christandade e a fazenda, e despovoam suas aldeias e povoações, que na guerra contra os infieis ajudam, e fazem muito com os Portuguezes; e assim sou informado que alguns dos ditos Indios e Indias christãos fogem de suas povoações para as fazendas dos Portuguezes, e se deixam estar n'ellas por muito tempo, de que se seguem os mesmos inconvenientes; e por que cumpre a serviço de Nosso Senhor e meu prover-se n'estes cazos, em maneira que os ditos Indios e Indias christãos não tenham a ocazião de se destrair da christandade nem dezamparar suas roças e fazendas, hei por bem, e vos mando, que vos informeis dos ditos cazos todas as vezes que vos parecer necessario, e provejaes n'elles de maneira que cessem os inconvenientes, e a christandade dos ditos Indios nem suas fazendas não possam por estas cauzas receber prejuizo algum. E este alvará se registrará no livro da chancelaria da ouvidoria geral e nos das camaras da cidade do Salvador, e das mais capitanias das ditas partes, para se assim haver de cumprir; o que hei por bem,

que valha e tenha força e vigor, como si fosse carta feita em meu nome por mim assinada e passada por minha chancelaria, e posto que por ella não seja passado sem embargo das Ordenações do segundo livro titulo 24, que o contrario despõe. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a 20 de Novembro de 1575 annos. Jorge da Costa o fez escrever. *Rei.* Como el-rei Nosso Senhor assim o manda, assim se cumpra. Oje 30 de Junho de 1576. *Luiz de Brito d'Almeida.* Cumpra-se a provizão atrás. A 4 de Setembro de 1578. *Lourenço da Veiga.*

Todas estas provizões passou el-rei em favor dos Indios christãos das igrejas da Bahia e das mais capitanias, mas não têm effeito, porque os Indios não sabem requerer sua justiça, nem têm quem por elles a requeira, e por isso perecem.

§ 17. Na éra de 1574, sendo governador Luiz de Brito, e o padre Ignacio Toloza provincial, o gentio do Rio-Real, que estava 50 leguas d'esta cidade, e que sempre esteve de guerra com os Portuguezes pelos saltos e agravos que lhe tinham feito, donde tinham mortos alguns Portuguezes em sua defensão, como o tempo da salvação de muitos era chegado, vieram os principaes d'aquella parte pedir padres, que lhes fossem pregar a lei de Deos. Detiveram-se aquelles Indios por alguns mezes nas igrejas d'esta Bahia pera ver si se entendia d'elles virem com algum máo propozito, por ser gente que tinha pouco comercio com os Portuguezes, mas entendendo-se isto ser chamamento de Deos, em Janeiro de 1575 mandou o padre provincial com os ditos Indios o padre Gaspar Lourenço e um irmão, tendo-se esperança de grande conversão n'aquella parte, polo muito gentio que havia. Dali por diante mandou tambem o governador com o padre um capitão com alguns Portuguezes, para ver si n'aquella terra se podia fazer alguma povoação, porque diziam ter elle ali 10 leguas de terra, os quaes Portuguezes foram cauza d'aquillo não ir por diante, e da guerra que se fez; porque pretendendo seu interesse, que são escravos, com enganos revolveram tudo.

Chegado o padre ao Rio-Real, os Portuguezes, que com elle iam, fizeram sua habitação na barra do rio, e o padre

passou por diante ás aldeias, que a primeira estava dali a seis leguas, e ás outras mais: foi o padre recebido de todos os Indios com mostras de muito amor, mostrando o dezejo que tinham de o ver e ouvir a palavra de Deos. Fez logo uma igreja de S. Thomé, e depois de estar com aquella gente, foi por diante vizitar as outras aldeias, onde fez a igreja de Nossa Senhora da Esperança e outra de S. Ignacio na aldeia de Curubi, que era o principal de toda aquella terra, muito nomeado e timido entre os Portuguezes. Estas trez igrejas andava o padre vizitando com muita consolação e quietação dos Indios, até que Nosso Senhor désse outro remedio.

Daqui passou o padre ao Cirigi, e poz em paz todas aquellas aldeias, que por ali estavam, que eram 28, pregando a todos sua salvação: uns folgavam de o ouvir, outros tambem se escondiam polo não ver. Fez então o padre entre este gentio uma igreja de S. Paulo para os ir vizitar algumas vezes, e os que quizessem ouvir as couzas de sua salvação o podessem fazer; de que os Indios ficaram muito contentes, parecendo-lhes que com isto ficariam livres dos agravos, que lhes faziam os Portuguezes, por que onde quer que os padres foram pregar a lei de Deos entre o gentio, assim n'esta Bahia, como nas capitanias onde o houve, sempre tiveram contra si os Portuguezes, como bem se tem mostrado no que tem sucedido.

§ 18. Depois que o padre poz em paz toda esta terra, se tornou para a igreja de S. Thomé, e dahi foi vizitar os Portuguezes, que estavam na barra e a confessal-os e dizer missas, e como o padre levava encomendado do governador, que lhe escrevesse que terra era aquella, o padre lhe escreveo na verdade, porque tudo era areaes e terra inutil, porque os Indios, que n'ella rezidiam, estão no sertão, mas como os Portuguezes tinham outro intento, escreveram o contrario do que o padre escrevia, que começou alvoroçar o animo de muitos que dali esperavam seu proveito. Entravam n'isto alguns homens que lá tinham escravos fugidos, e porque apontei n'estes escravos, direi a sua fugida, porque tambem o governador Men de Sá aponta n'aquella fugida d'estes

escravos, no encampamento que lhes fez o padre Antonio Pires das aldeias no anno de 1571.

§ 19. No anno de 1568, na semana santa, se levantou alguma da escravaria dos Portuguezes, a saber, de Japacé, Paranámirim e outras fazendas, fugindo para o sertão, na qual fugida mataram alguns Portuguezes, pondo fogo a algumas fazendas, roubando o que podiam. Eram estes escravos d'aquelle gentio, que os Portuguezes houveram no tempo da fome, e d'aquella doença grande que veio, assim das nossas igrejas, e da sua comarca, e do Rio-Real, como acima vae dito, illicitamente resgatados, os quaes, depois que souberam, que couza é ser escravo, polo terem bem experimentado em si, vendo que já não tinham nenhum remedio, imaginaram, que lhes vinha falar um santo, o qual lhes mandava, que se fossem para suas terras, e com isto se levantaram, como tenho dito.

Os que de toda esta gente se poderam salvar dos Portuguezes e Indios das igrejas dos padres, que foram após elles, tomaram muitos, se foram meter com o gentio do Rio-Real por serem dali naturaes ; e sendo isto na éra de 1568, estiveram seis ou sete annos sem seus senhores os irem buscar, nem pedirem aos governadores lhes dessem licença pera isso, nem os quererem haver por guerra nem por paz ; e indo o padre Gaspar Lourenço fazer aquellas trez igrejas, como fica dito, achou lá estes escravos, e vendo seus senhores que a terra estava de paz com a entrada do padre n'ella, começaram a rezolver os Indios, assim forros como os escravos, e a primeira revolta que houve foi esta.

§ 20. Estava o gentio de Cirigi todo quieto com a paz que lhe o padre tinha dado, e com a igreja que lhe tinha feito : tomou o Demonio para instrumento do que pretendia a um mameluco, o qual se foi a algumas das ditas aldeias, dizendo-lhes que olhassem o que faziam, que o padre os enganava, que não cressem o que lhes o padre dizia, que os ajuntava para serem escravos, e que já no mar tinha alguma gente junta para os irem amarrar. Isto dizia o mameluco pelos Portuguezes, que estavam na barra do Rio, que foram com o padre, e como esta gente facilmente crê o que lhe dizem, principalmente

si é couza de medo, e elles sabiam bem como os Portuguezes tinham tratado a todos os vizinhos, e viam, que no mar estavam Portuguezes, como lhes o mameluco dizia, levantaram-se todos, e parte dos da igreja de S. Paulo, ficando alguns para verem o fim da couza, e foi quererem os Portuguezes ir dar guerra a um principal, que estava no sertão, que chamavam Apiripê, e segundo se entendeo depois, mais foi esta guerra com dezejo de rezolver os que estavam de paz, pera que mais facilmente houvessem escravos, que por outro respeito.

E indo os da guerra já de caminho, mandaram quatro Indios das igrejas dos padres, que fossem diante ás aldeias apelidar gente. Os Indios de Cirigi, como estavam já pervertidos com as palavras do mameluco, as quaes viam ser verdadeiras, cuidaram, que aquelles quatro Indios iam por espias, e mataram logo dois d'elles, e esta foi a ocazião de todas aquellas 28 aldeias se levantarem, tendo custado muito trabalho ao padre Gaspar Lourenço fazer aquellas pazes, porque todos tiveram pera si, que os Portuguezes iam á guerra a elles, e não ao Apiripê, e não sem cauza suspeitaram isto, pois o mameluco lhes o tinha dito.

Depois d'isto, como o Demonio não cessava de buscar manhas para destruir aquella obra, que se ali começava a fazer nas almas do gentio d'aquellas igrejas, tornou-as a acometer mais abertamente, e nasceo tambem d'outros mamelucos, os quaes, sabendo que o governador estava de caminho pera ir dar guerra ao Apiripê, lhe foram persuadir, que a guerra era contra elles, porque os Portuguezes vinham buscar escravos ; e que o padre lhes não havia de valer que não tinha armas, nem tinha ninguem de sua parte, e que se aparelhassem que não havia o governador de tardar muito. A isto se ajuntaram feros, que lhes faziam alguns Portuguezes, que andavam entre elles d'aquelles que estavam na barra do rio, dizendo : Vivam nossos parentes e nós nos vingaremos. » Subitamente se alvoroçou toda aquella gente de S. Thomé, e andava tão revolta que parecia andar o Demonio entre elles. Pregavam pelas ruas : Vamos-nos, vamos-nos antes que venham estes Portuguezes.

Vendo o padre Gaspar Lourenço tal alvoroço, fel-os ajuntar, falando com elles, dando-lhes a entender quão mal faziam em deixar a igreja por mentiras, que lhes diziam, e elles xorando respondiam: Não fugimos da igreja nem de tua companhia, por que, si tu quizeres ir comnosco, viveremos comtigo no meio d'esses matos ou sertão, que bem vemos, que a lei de Deos é boa, mas estes Portuguezes não nos deixam estar quietos, e si tu vês que tão poucos que aqui andam entre nós tomam nossos irmãos, que podemos esperar, quando os mais vierem, sinão que a nós, e as mulheres e filhos farão escravos?» mostrando alguns d'elles os pingos e açoutes que em caza dos Portuguezes tinham recebido, e isto diziam com muitas lagrimas e sentimento.

Estando elles d'esta maneira mal quietos, foi um mameluco á aldeia do Curubi, que era de S. Ignacio, e tomou uma India, mulher de um principal, que diziam ser escrava d'um Portuguez, e levou-a escondidamente; logo se levantou toda aquella aldeia dizendo: Vamos-nos todos, e não esperemos mais, porque, si um mameluco tem poder para nos fazer isto dentro em nossas cazas, que fará o governador, quando vier?

O qual já a este tempo estava muito perto; foi-se então este principal com sua gente para outro lugar mais dentro do sertão, por onde alguns queriam dizer não irem fugidos, mas que se afastavam até ver a chegada do governador para ver como se havia com elles, porque além d'isto acontecer, tinha este Curubi mortos alguns Portuguezes, mas em sua defensão, em tempo que os iam saltear, como fica acima dito, e temia-se ainda, porque depois que tinha a igreja, não tratára ainda com Portuguezes, posto que já tinha mandado um seu irmão a vizitar o governador, e a confirmar a paz, que o padre tinha feito.

§ 21. Chegando o governador com a demais gente á igreja de S. Thomé, soube como Curubi era ido de sua aldeia; mandou logo após elle gente de guerra, o qual acharam com sua gente em um mato assentado, e sentindo elle que os Portuguezes iam em sua busca, fez uma cerca de ramos, que elles costumam fazer, quando andam por terras de contrarios: houve alguma escaramuça de

frexas, e ali foi morto por dezastre o Curubi com pelouro de uma espingarda, e os seus se deram, ainda que não faltam homens de boas consciencias, que digam que os taes se entregaram debaixo da palavra do capitão, dizendo que se entregassem por paz, e que os trariam para as igrejas, não lhes nomeando serem escravos, e com isto se entregaram, por onde os trouxeram todos cativos, e chegando á igreja de S. Thomé o governador fez carcere d'ella, em que mandou recolher toda aquella gente que traziam para dali serem repartidos, guardando-os sempre sem o padre lhe o poder impedir; e tal ficou a igreja depois, que para n'ella dizerem missa foi necessario caval-a um palmo, para tirar o máo xeiro e sugidade d'ella.

Não se póde dizer os agravos e medos, que foram feitos aos Indios de S. Thomé e de Nossa Senhora da Esperança em todo o tempo que o governador e mais Portuguezes ali estiveram, porque não ficou mantimento nem legumes, nem galinha, nem couza alguma que não destruissem, até lhes tomarem suas contas, que é toda sua riqueza, nem lhes ficava maxado nem fouce, que lhes não tomassem; e n'isto parou aquella grande conversão, que se aparelhava n'aquella terra, e os Indios do Cirigi ficaram de guerra até agora.

Partio-se o governador para esta cidade e mandou, que os Indios d'aquellas duas igrejas se viessem tambem, e se repartissem pelas quatro igrejas, que n'esta Bahia estão. Partindo-se todos para esta cidade, alguns Portuguezes se deixavam ficar pelo caminho, e amarravam alguns Indios dos ditos, porque o padre ora vinha atrás, ora adiante, por acudir a todas as partes, e chegou a couza a tanto que os Indios, vendo-se tão perseguidos, amarraram um Portuguez, e o tiveram d'esta maneira até que o padre chegou, e o mandou desamarrar; nem isto bastava para terem algum comedimento.

Chegou o padre Gaspár Lourenço a estas igrejas da Bahia com 1.200 almas, as quaes se repartiram pelas quatro, que os padres tinham; e como já o gentio d'ellas se ia gastando, e agora pouco tempo ha de seis annos a esta parte vieram duas grandes doenças, bexigas e sarampão, ficaram tão diminuidas que se tornaram em trez,

repartindo-se a gente de S. Tiago pelas outras com parecer do governador Lourenço da Veiga, as quaes já de todo foram acabadas, e os padres não andaram sobre ellas, como andam, porque por algumas vezes com parecer dos governadores mandaram os padres Indios das igrejas, e foram elles em pessoa ao sertão a descer gente para os fornecer, por se não acabar o genrio d'ellas, como foi na era de 1562. Veio Morrangomo, que acima vae nomeado, e outros principaes para as igrejas: depois d'isso foi o padre Gaspar Lourenço ao Arabó, e trouxe outro goiro de gente; depois d'isso foi o padre Diogo Nunes á serra do Rari, e desceo tambem gente, a qual toda se desceo sem ajuda dos Portuguezes, nem para isso darem nenhum favor para sua despesa, mas antes sempre foram contra isso.

§ 12. A gente que de 20 annos a esta parte é mandada a esta Bahia, parece cousa, que se não póde crer; porque nunca ninguem cuidou, que outra gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo, porque nas 14 aldeias, que os padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram d'ellas com a gente, com que depois se ajuntaram, das quaes si agora as tal aldeias que ha tiverem 3.000 almas será muita. Ha 4 annos que um homem honrado d'esta cidade, e de boa consciencia, e oficial da camara que então era, dos que eram descidos do sertão do Arabó n'aquelles dos annos atras 20.000 almas por conta, e estas todas vieram para as fazendas dos Portuguezes. Estas 20.000 com as 40.000 das aldeias fazem 60.000. De seis annos a esta parte, sempre os Portuguezes desceram gente para suas fazendas, quem trouxe 2.000 almas, quem 3.000 mais, outros menos. Traga-se de seis annos a esta parte, e de isso poder somar si chegam ou passam de 50.000 almas. Ha ver agora as engenhos e fazendas da Bahia, acha-se ter mais de negros de Guiné, e mui poucos da terra; e si perguntarem por uma gente, dirão que morreu. Bem se bem mostra o grande castigo de Deos dado por tantos insultos como são feitos, e se fazem a estes Indios, porque os Portuguezes vão ao sertão, e enganam esta gente, fazendo-lhe que se venham com elles

pera o mar, e que estarão em suas aldeias, como lá estão em sua terra, e que seriam seus vizinhos. Os Indios, crendo que é verdade, vem-se com elles, e os Portuguezes por se os Indios não arrependerem lhes desmanxam logo todas suas roças, e assim os trazem, e chegando ao mar, os repartem entre si; uns levam as mulheres, outros os maridos, outros os filhos, e os vendem: outros Portuguezes no sertão abalam os Indios, dizendo que os trazem para as igrejas dos padres, e com isto se abalam de suas terras, porque já sabem por todo o sertão, que sómente gente que está nas igrejas, onde os padres rezidem, tem liberdade, que toda a mais é cativa, e chegou a couza a tanto que um Portuguez, indo ao sertão buscar gente, fez a corôa como clerigo, e com isto dizia, que era o padre, que os ia buscar para as igrejas. Acertou isto de ser em tempo que o padre Gaspar Lourenço ia ao sertão, e encontrou esta gente no caminho, e quando ouviram dizer, que ia o padre, diceram: «Como póde ser que este que nos traz diz, que é padre, e por isso nós viemos com elle?» E o Portuguez, que trazia a corôa, se escondeo por não querer que o padre o visse.

Vão os Portuguezes 250 e 300 leguas buscar este gentio por estar já mui longe, e como a terra está já despovoada, o mais d'elle lhe morre pelo caminho á fome, e alguns Portuguezes houve que, tomando pelo caminho algum gentio contrario d'aquelles que trazem, o matam e lhes o dão a comer, para com isso os sustentarem. Todo este gentio que tem chegado ao mar, vendo que lhe não guardam o que no sertão lhe dizem, mas antes são todos apartados uns dos outros, como acima vae dito, uns fogem, e se vão meter em matos, onde nunca mais aparecem, outros se deixam morrer de tristeza e enojo, vendo-se ser escravos, sendo elles livres.

§ 23. Quanto seja necessario a esta cidade ter estas aldeias, onde os padres rezidem, e conserval-as que se não acabem, mas buscar ainda maneira para que haja outras, claro está, pois além das guerras que acima dice, em que elles ajudaram tanto, como se sabe, elles ajudaram a vencer todas as mais que se depois fizeram, como foi a da boca torta. Duas vezes que se levantou o gentio de

Paraguaçú, foram a elle, e o destruiram; a segunda vez com o governador ao Rio de Janeiro; depois d'isso com Antonio Ribeiro aos Indios do Campo-Grande, onde morreram com o dito Antonio Ribeiro muitos Indios da Bahia; com Vasco Rodrigues de Caldas ao ouro; com Antonio Dias Adorno ao ouro; com Luiz de Brito governador á guerra do Apiripe; com Antonio Ferrás outra vez ao Paranaóba; com Luiz de Brito á Parahiba, ainda que não teve effeito por se tornarem de Pernambuco; e agora com a náo ingleza elles foram os primeiros que socorreram n'esta cidade, e em todas estas guerras foram sempre á sua custa, com seus mantimentos e armas, onde morreram muitos, porque não tam-sómente pelejavam contra seus contrarios, mas serviam os Portuguezes, e lhes buscavam de comer, sem por nenhuma couza d'estas terem nenhum premio. Quando os negros de Guiné alevantados deram em caza de Christovam de Aguiar, e lhe mataram dois homens, e lhe roubaram sua fazenda, estes Indios acompanharam a Cosmo Rangel e a Diogo Dias da Veiga, que foram a elles, e os destruiram, matando alguns e tomando outros que deram a seus senhores, e depois d'isso por mandado do dito Cosmo Rangel andou um Portuguez por nome Inofre Pinheiro com Indios das igrejas buscando e espiando os negros de Guiné alevantados, que ha por esta Bahia, e deo n'elles, de que tomou muitos, que se deram depois a seus senhores, e onde quer que acham negros de Guiné fugidos, os tomam e trazem a seus donos; por onde os negros dizem, que si não foram os Indios das aldeias, que já elles foram forros, e a terra fôra sua, mas que os Indios os desbaratam.

Haverà em todas estas 3 igrejas, que os padres têm a cargo, 800 homens de peleja pouco mais ou menos, dos quaes não ha mez do anno nenhum, que não andem em cazas dos Portuguezes cento e muitas vezes mais, ajudando-os em suas fazendas, por onde si elles foram mais ajudaram, e como elles são poucos e têm suas róças pera fazer e outras necessidades, não podem acudir a todas as que os Portuguezes têm, e ha muitos que por andarem muito tempo em caza dos Portuguezes, não têm que comer, e daqui vem ficarem-se n'ellas pera sempre.

Quanto é aos Indios estarem longe dos Portuguezes, bom fôra estarem mais perto, si podera ser; mas os Portuguezes lhes têm ocupado suas terras, que elles têm por cartas, com seus engenhos, como são as terras de Aontigi, outros com suas fazendas e curraes, por onde os Indios não podem estar menos da distancia que estão, porque nem ainda lá podem viver sem Portuguezes, que se com elles vão meter, e seus gados lhes destroem suas raças.

Este foi o sucesso das igrejas e gentio, que os padres da companhia tiveram a cargo, depoisque veio Thomé de Souza por governador até agora, que ha 34 annos.

O modo que os padres da companhia tiveram sempre com este gentio foi ajudal-os assim no temporal como no espiritual; no temporal, elles os curam em suas doenças, e os sangram e lhes dão da pobreza, que elles têm, pola extrema necessidade que elles têm d'estas couzas, e tanto que em tempo das bexigas e outras doenças que, elles não podiam acudir uns aos outros, os padres andavam com alguns moços polas cazas dos Indios, lavando-os e alimpando-os; era tal a doença das bexigas que, curando-os d'esta maneira, muitas vezes lhes ficava a pele e carne dos doentes pegada nas mãos, e o xeiro era tal que se não podia sofrer; os padres lhes acudiam com lenha e agua, e andavam com os Indios sãos buscando e repartindo isto; e em caza dos que tinham mandavam fazer de comer pera os mais necessitados, e em alguma parte se fazia de comer cada dia para 60 e 70 pessoas, e si lhe os padres faltavam com isto, faltava-lhes o remedio. De noite e de dia andavam os padres ministrando-lhes os sacramentos da confissão e unção sem descançar, nem terem tempo pera rezar suas horas, enterrando cada dia 10 e 12, ajudando-lhes a fazer as covas e trazel-os á igreja pera os encomendar e enterral-os, e dos grandes trabalhos que n'estas doenças os padres tiveram com elles, vieram a adoecer, de que estiveram muito mal: muitas vezes acontecia levantarem-se da meza, por lhes acudir com o baptismo, confissão e unção.

§ 25 Ensinam-lhes os padres todos os dias pola manhan a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa pera os

que a quizerem ouvir antes de irem pera suas roças; depois d'isto ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, contar e outros bons costumes pertencentes á policia christan: á tarde tem outra doutrina particular a gente, que toma o santissimo sacramento. Cada dia vão os padres vizitar os infermos com alguns Indios deputados para isso, e si têm algumas necessidades particulares, lhes acodem a ellas, sempre lhes ministram os sacramentos necessarios, e todas estas couzas se fazem puramente por amor de Deos sem nenhum interesse nem proveito, que d'elles tenham pois que o provimento que os padres têm lhes vão do colegio, e somente estão com elles por amor de suas almas pola extrema necessidade em que estão. Os padres não se servem d'elles em fazendas, porque si o colegio tem necessidade de alguns Indios pera ajudar a alguma obra do colegio, e elles vêm ajudar, fazem isso por seu estipendio, e como vão á caza dos outros Portuguezes, e isto não com força nenhuma, sinão si elles querem por terem necessidade de vestido, ou ferramenta, porque ainda que seu natural seja andarem nùs, já agora todos os que se criaram com a doutrina dos padres andam vestidos, e têm pejo de andarem nùs, mas não são os padres senhores das aldeias, como se diz.

Quando os Portuguezes vão ás aldeias buscar gente para seu serviço, os padres que n'ellas estão os ajudam no que podem, mandando chamar algum principal, que vá com os Portuguezes polas cazas, e lhes mostre o resgate que leva a gente, pera que vão os que quizerem sem n'isso haver nenhum impedimento, e si os padres algumas vezes põem algum é, porque as vezes os Indios não têm sua roça acabada, e é necessario, que a acabem pera remedio de sua mulher e filhos: outros ha que tambem que são mal cazados, e estes nunca saem de caza dos Portuguezes, e a estes impede o padre, pera que façam vida com suas mulheres, e estes taes dizem os Portuguezes, que os padres não querem, que os Indios os vão ajudar, sendo estas as cauzas do tal impedimento, e não outras, como elles dizem.

O castigo que os Indios têm é dado por seus meirinhos feitos polos governadores, e não ha mais que quando

fazem alguns delitos, o meirinho os manda meter em um tronco um dia ou dois, como elle quer, não tem correntes, nem outros ferros da justiça. Si alguns Indios, que vão trabalhar á caza dos Portuguezes, se vão para a aldeia sem acabar seu tempo, o padre os obriga a tornarem pera acabar o tempo que com elles ficaram ; e si por ventura é por alguma cauza justa, que o Indio não pode ir, o padre os concerta de maneira que fiquem contentes.

Os padres incitam sempre aos Indios, que façam sempre suas roças e mais mantimentos, pera que, si for necessario, ajudem com elles aos Portuguezes por seu resgate, como é verdade ,que muitos Portuguezes comem das aldeias, por onde se pode dizer, que os padres da companhia são paes dos Indios assim das almas como dos corpos.

—

(Bibliotheca Publica Eborense, codice CXVI)

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LVII

PARTE PRIMEIRA

America Abreviada, suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos contendo instruções á sua conservação e augmento mui uteis, pelo Padre João de Souza Ferreira..... 5

Catalogo dos governadores do Maranhão e bispos..... 116

Governadores, provinciaes, reitores do Maranhão, e reitores do Pará..... 117

Catalogo dos capitães mores do Maranhão..... 149

Catalogo dos capitães mores do Pará..... 150

Index da America Abreviada..... 151

Carta de D. André Lamas sobre a lei da extinção da escravidão.. 155

Memorias do anno de 1816: Senado da Camara de Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, (Matto-Grosso, copiados do Archivo municipal de Cuiabá, por Estevão de Mendonça.... 159

Patriarcas da Independencia Nacional, conferencia por Tristão de Alencar Araripe..... 167

Principio e origem dos indios do Brazil e seus costumes, adorações e ceremonias..... 185

Trabalhos dos primeiros jezuitas no Brazil..... 213

Os Claustros e o Clero no Brazil

POR

JOSÉ LUIZ ALVES

natural do Rio de Janeiro, socio effectivo e orador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Commendador da Imperial Ordem da Rosa, negociante matriculado no extincto Tribunal do Commercio e socio fundador do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura

I

Ancião claustro onde occultas os discipulos
De Bento, sob os céos seus votos guardas,
Claustro santo descerra-me os teus porticos,
Em teus rudes jardins errar me deixa:
Ahi onde scismar Catinat vinha,
Esquecido dos reis, longe da côrte.

(Da cartucha de Pariz, no *G. do Christianismo*).

Li com a mais viva attenção e interesse o bem elaborado artigo, que sobre as ordens religiosas no Brazil, ha pouco, publicou nas columnas do *Brazil Historico* o Sr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes, no qual o distinto escriptor lamenta com dor pungente e profunda, n'aquella linguagem elegante e severa, que lhe é peculiar, a decadencia, e quiçá o proximo desapparecimento d'aquelles mosteiros e conventos tão ricos e pejados de tradições gloriosas, em cujos retiros e solidões viveram e floresceram talentos notaveis, que brilharam e resplandeceram em todos os ramos das sciencias humanas, e que pela perseverança, amor e vocação dedicada e extremosa á religião, que professaram, prestaram os mais assignalados serviços á patria e ao altar, desde a cadeira do confissionario até o solio do episcopado.

Possuidos dos mesmos sentimentos de viva dor e pezar, que compartilha o autor do artigo, que acabámos de lêr, vemos de dia em dia irem desapparecendo os representantes d'esse clero regular, e com elles as tradições do seu passado, não tanto pelo ceifar continuo da morte, como pela secularisação de muitos de seus membros, que sem crenças no seu futuro as vão abandonando; posto que tenhamos a mais segura convicção, de que as portas d'aquelles santos retiros da oração, se cerrarão no dia em que baixar ao tumulo o ultimo dos seus representantes, comtudo sentimos vêl-os acabar d'esta ou d'aquella fórma, quando ainda podiam reviver e prestar ao paiz os mais assignalados serviços: o que se poderia conseguir por meio de uma reforma justa, imparcial e severa, que as fizesse renascer como a phenix de suas proprias cinzas.

Animados de tão bons dezejos, vamos em estilo pobre e despido das galas da elegancia, e sem o merito litterario d'aquelle que acabámos de lêr, gravar na memoria da geração, que passa os nomes caros e sympathicos d'esses religiosos, que com o esplendor de suas virtudes e talentos adquiriram tão extensa nomeada, legando seu nome aos seculos em que viveram, e que seus contemporaneos recommendaram á posteridade como reliquias preciosas de seu glorioso passado.

Apologista dedicado e sincero das ordens religiosas do Brazil, lamentamos de coração o vêl-as decadentes, e almejando suas prosperidades esperamos cheios de viva fé christan, que ainda se poderão reerguer á altura de seu passado, se a reforma justa, imparcial e severa vier como precioso nectar reanimar aquellas existencias tão caras e preciosas prestes a exhalar os ultimos alentos; e assim tão efficaz remedio applicado sem demora por mão de habilissimo medico fará recuar a morte espavorida.

Cumpre portanto, que o remedio se applique sem perda de tempo, antes que o desanimo e a descrença, que de dia em dia vão lavrando com violenta intensidade, lhes arrebatem a existencia, tornando-as cadaveres. Para as manter e galvanisar, só o braço forte da Providencia o

poderá conseguir, e o que agora é facil aos homens, será depois para elles impossivel.

Portanto venha sem perda de tempo a reforma, abrindo como poderoso talisman de par em par as portas d'aquelles claustros ás vocações puras e sinceras da mocidade estudiosa, que cheia de força e vida ahi desabrochará seus talentos, prestando, no correr dos annos á sua patria, serviços tão assignalados como prestaram seus antepassados, e fiel imitadora de suas glorias, honrem seus claustros, debaixo de cujas abobadas, tristes e sombrias, em que impera o genio da morte, descansam em paz as cinzas illustres d'esses brilhantes planetas da tribuna sagrada.

Espinhosa e por demais difficil é sem duvida a tarefa, que vamos encetar de reviver os nomes e serviços d'esses illustres filhos dos claustros. Lamentar a decadencia de suas casas, advogar o florescimento d'ellas, mostrar sua utilidade, e os serviços que ainda podem prestar ao paiz depois de reformadas, e pedir essa reforma em nome de suas cinzas e de seus serviços, tal é o fim que temos em vista; e posto que sejamos os primeiros a reconhecer e a confessar a nossa insufficiencia para tratarmos de assumpto tão delicado e importante, comtudo não desanimamos, e contando com a benevolencia do leitor proseguiremos, dizendo com o poeta:

> Embora ao desempenho o assumpto exceda,
> E' grande e util a intentada empreza.

II

Antes que no relogio augusto dos tempos sôe a ultima hora da gloriosa existencia das ordens religiosas no Brazil, transmittamos os nomes e os serviços de seus filhos, que cheios de virtudes e talentos honram as letras e artes, e mostremos como no pulpito e no magisterio, elles souberam adquirir tão valente nomeada, e despertemos, com a lembrança d'essa nomeada, emulação na geração actual, que, saudosa e reverente, legará á seus

filhos o encargo de transmittir aos netos de seus netos até a mais remota geração a noticia de seus feitos.

Em homenagem á verdade, digamos pois, que esses religiosos não tanto por suas virtudes e erudição, se tornaram credores d'essas saudades, como por haverem cultivado seus talentos em uma época, em que não existiam, como hoje, tantas e tão variadas fontes de instrucção; porquanto n'aquelles tempos as fontes, que elles tiveram para adquirir a instrucção, foram os altos muros de seus conventos, e os limites de suas cellas, e n'esses acanhados horisontes com o estudo e com a applicação conseguiram desabrochar seus talentos tão valentes e raros, como tiveram occasião de mostrar na defesa de conclusões magnas de philosophia e de theologia, festas scientificas que tiveram lugar em seus conventos, e que, abrilhantadas com a presença de tudo quanto havia de grande e de illustre na terra, demonstraram, que esses religiosos não trepidaram arcar com as sumidades do seculo, que haviam obtido pergaminhos nas mais afamadas universidades do mundo, deixando estupefactas de verem tanta erudição e saber, saber e erudição, que tiveram ainda a poderosa magia de assombrar el-rei o Sr. D. João VI (então principe regente) e a côrte de Portugal, que, fugindo espavoridos á furia do moderno conquistador da Europa, apartaram-se cheios de saudades da formosa rainha do Tejo. Embarcados na mais poderosa armada, em cujos topes fluctuavam as sagradas quinas da nação, deixaram as praias do Tejo, e ao entrar no Oceano, que parecia cheio da mais reverente submissão, abrio um regaço de rozas á quilha soberba da nau *Principe Real*, que cheia da mais cega confiança soltava suas brancas velas ao sopro da viração, e sulcava galhardamente o vasto imperio das ondas, seguida dos mais vasos de que se compunha a esquadra, vaidosa, não tanto por ser a capitanea d'aquella immensa frota, como por trazer a seu bordo as sagradas vergonteas da muito nobre e antiga casa de Bragança, que cessara de reinar em Portugal.

De repente toldam-se os ares, nuvens negras prenhes de borrasca agrupam-se nos horisontes, o relampago, o trovão, e o rugir medonho dos ventos annunciam, que o

genio das tormentas desencadeára as tempestades, cae tremendissimo furacão, as ondas erguem-se em medonhas serranias, despedaçando-se com horroroso bramir umas contra as outras, travam-se os elementos em renhida luta dispersando-se as náos, derramando o pavor e o susto nos corações dos illustres navegantes, que animados da mais viva fé voltam os olhos a Deus, dirigindo-lhe fervorosas supplicas, que rapidas como o pensamento voam ao throno excelso da Magestade Divina, e a misericordia do Altissimo condoida da extrema afflicção e da sorte da fraqueza da terra faz baixar, no regaço das nuvens, o santelmo da bonança, que, serenando a tormenta, encadeando os ventos, dissipando as nuvens, aquietando as ondas, traz a tranquilidade aos corações dos illustres navegantes, que transportados de radiante jubilo e contentamento, á vista das esplendidas maravilhas do Creador, rendem sincera gratidão com fervorosas preces por se verem escapos de tão grande perigo. Desponta a mais encantadora aurora, as brisas fagueiras e ventos amigos favorecem a navegação, e posto que longa e penosa é suavisada com a vista das estensas costas, que Deus patenteou ao olhar de Cabral, que mui acertadamente a denominou terra de Santa-Cruz; onde á sombra d'esse estandarte augusto da Redempção, e dos altivos gigantes das florestas, que ainda pareciam balouçar-se ao sopro do Creador, viviam povos errantes e nomades, chamados ao gremio da religião por esses veneraveis apostolos do catholicismo, que com o Evangelho na mão, e com a palavra autorizada, ataram á cruz de Jesus Christo esses filhos das matas, e transformaram florescentes, como por encanto, suas tabas e aldêas nas mais populosas cidades, que, 308 annos depois de sua descoberta, deveriam ter a dita de receber em seu seio o seu augusto soberano, que em suas plagas ferteis e amenas acharia um abrigo seguro e respeitado e em seus corações um throno mais firme como não podiam encontrar nas terras de Affonso Henrique, nos paços dourados de seus avós, nas formosas ribas do Tejo, do Douro e do Mondego e nas pitorescas e poeticas serras de Cintra.

Na cidade do Rio de Janeiro, termo de sua viagem, fizeram-se as mais esplendidas festas, não só em acção de

graças por verem em seu seio seus augustos soberanos, livres de seus crueis inimigos e salvo dos perigos do oceano, como para suavisar-lhes as saudades das terras da mãi patria. N'essas solemnidades grandiosas de que foi theatro a capella real, e ali na tribuna sagrada viram surgir o genio do pulpito, que os encheu de assombrosa admiração.

Acostumados até então a ouvir as sumidades da famigerada universidade de Coimbra, esse augusto santuario da deusa da sabedoria, ficaram confundidos e abysmados ao verem troar n'aquelle pulpito as vozes eloquentes de frei Francisco de S. Carlos, de frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, de frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, de frei Miguel de Santa Maria Frias, de frei João da Palma, de frei Tertuliano da Gloria, de frei Antonio do Lado de Christo, de frei Francisco de Monte Alverne e de frei José Polycarpo de Santa Gertrudes; aquelles trajavam o burel do pobre de Assis, e este a cogúla de S. Bento. No clero secular resplandecia o grande poeta padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas, conego Januario da Cunha Barboza, João Pereira de Souza, monsenhor Neto e D. Luiz, deão da sé de Braga, e outros oradores notaveis, que do alto d'aquelle pulpito ostentaram as pompas do genio brazileiro e as galas da mais vasta erudição e da mais arrebatadora eloquencia; com o que muito contribuiram para fazer realçar o esplendor d'essas festas da côrte.

Além dos nomes que acima citámos figuraram muitos outros não só no clero secular, como no regular, desde o seculo XV até os nossos dias, como vamos demonstrar.

III

A celebre companhia de Jesus conquistou com verdadeira justiça a primazia de ser ella entre as ordens religiosas do Brazil aquella que mais serviços prestou á religião e ao Estado, e onde floresceram os mais assombrosos talentos em todos os ramos das sciencias humanas, e assim entre os filhos de Santo Ignacio de Loyola, que

cingiram a roupeta d'aquella celebre ordem nos seculos XV e XVII, surgio o grande padre Antonio Vieira, essa famosa aguia da tribuna sagrada, essa arca estupenda da sabedoria; Antonio de Sá, orador regio, appellidado o principe da oratoria; Antonio Pereira, Manoel de Macedo, Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, irmão do grande Alexandre de Gusmão, Valentim Mendes, Lourenço Ribeiro, Caetano Dias de Figueiredo, Antonio Pereira Camara, João Honorato, Vascô Fernandes Coutinho, Dominmingos Ramos, Caetano Lopes Pereira, Miguel Luiz Teixeira, Antonio da Costa e outros muitos oradores distintos.

Os beneditinos citam com louvor a frei Matheus da Encarnação Pina, frei Antonio da Silva, Dr. frei Roberto de Jesus, frei Antonio de Santa Maria, frei José Serpa da Natividade, frei Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna, Dr. frei Joaquim de Nossa Senhora do Carmo; e no seculo XIX frei José de S. Bento Damasio, frei Arsenio da Natividade Moura, frei Manoel de S. Caetano Pinto e frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha sustentam com applausos a mesma reputação.

O carmelitas nos seculos passados citam como oradores os chronistas da ordem Dr. frei Luiz Botelho do Rozario, frei José Pereira de Sant'Anna, frei Antonio da Piedade, frei Ignacio Ramos, frei Manoel da Madre de Deus Bulhões, frei Feliciano de Mello, frei Antonio de Nossa Senhora do Carmo, frei José da Annunciação Campello, frei Sebastião Moreira de Godoi, frei José de Oliveira Serpa, frei Manoel Angelo de Almeida, frei João Alvares de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, frei Manoel do Desterro, frei Ignacio da Conceição, frei João dos Santos Carmel, e o cego Dr. frei Antonio Gonçalves Cruz, e no seculo XIX frei Fernando de Oliveira Pinto e os prégadores imperiaes frei Antonio de Santa Gertrudes, frei José da Conceição Meirelles, e Dr. frei Bernardino de Santa Cecilia Ribeiro, que ha poucos dias baixou ao tumulo.

Os franciscanos nos seculos passados brilham como oradores: frei Patricio de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, frei Manoel do Desterro, frei Miguel de

S. Francisco, frei Francisco Xavier de Santa Thereza, frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, frei Antonio de Santa Maria e mais outros: e no seculo XIX, além de S. Carlos, Sampaio, Monte Alverne, Rodovalho e outros, que citámos já, ainda citaremos frei Francisco do Paraizo, frei Manoel da Rainha dos Anjos, frei Dionysio de Santa Pulcheria, frei Henrique de Sant'Anna, frei Joaquim de Santa Leocadia, frei Joaquim de S. Daniel, frei José da Costa Azevedo, os prégadores imperiaes, frei José de S. Boaventura, frei Mariano do Rozario, frei Marcellino de Santa Mathildes, e frei Antonio do Coração de Maria e Almeida, frei Antonio de Itaparica, o grande frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos e frei Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes e outros muitos que, com aquella verbosidade propria dos filhos de sua ordem, colheram louros na tribuna do Evangelho.

No clero secular brilharam, nos pulpitos, nos seculos passados, Manoel de Macedo, bispo de Ceuta e Angra, D. Agostinho Bezerra Ribeiro, Manoel Rodrigues Corrêa de Lacerda, Dr. Ignacio Manoel Costa Mascarenhas, Dr. João Calmon, Dr. Sebastião do Valle Ponte, Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão de Alexandre de Gusmão, Antonio Caetano Villas Bôas, irmão do distinto cantor do *Uruguay*, e D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, bispo do Rio de Janeiro, antes de Tipassa. No seculo XIX, além de Caldas, Januario, Neto, Pereira da Silva e deão de Braga, que já citámos, outros muitos temos ainda a citar e são elles monsenhor Joaquim da Soledade Pereira, monsenhor José Antonio Marinho, monsenhor Dr. Manoel Joaquim de Miranda Rego, conego Antonio José Ribeiro Bering, Marcellino José da Silva Ribeiro Bueno, Izidoro de Santa Thereza Brito, Joaquim Pereira dos Reis, Manoel de Queiroz Paiva, Manoel Alves da Silva, João Quirino Gomes, bispo renunciante do Ceará, Dr. Mamede José Gomes da Silva, padre Manoel Martins da Silva, conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, padre Turibio Tertuliano Teixeira, D. Sebastião Pinto do Rego, bispo de São-Paulo, monsenhor Joaquim Pinto de Campos, Dr. Pedro Maria

de Lacerda, Dr. Ildefonso Xavier da Fonseca, conego José Joaquim da Fonseca Lima, Dr. Joaquim do Monte Carmello, conego Agostinho dos Santos Collares, conego Francisco Figueiredo de Andrade e muitos outros dignos ornamentos do clero brazileiro, que formaram essa pleiade de oradores da tribuna sagrada, e com os lampejos da mais esclarecida intelligencia espargiram as flores da eloquencia, tornando-se dignos interpretes das sabias doutrinas de Santo Agostinho, de S. João Chrysostomo, de S. Basilio e de S. Gregorio e de Santo Antonio de Padua, e outros ornamentos da igreja catholica, honrando com os seus talentos não só a religião que professavam como a terra de seu nascimento, que guardará em perpetua lembrança seus nomes, como venerandas reliquias; e assim como a França guarda os nomes de Bossuet, Bordaloue, Massillon, Fenelon, Flechier, Mascaron, o abbade Paulo de Lacordaire; a Italia o do famoso Ventura; Portugal o de frei Bartholomeu dos Martires, José Agostinho de Macedo e frei Francisco de S. Luiz; a Hespanha o de D. Bartholomeu las Casas, bispo de Chiapa e de frei Luiz de Granada; o Brazil guardará tambem os de Vieira, Caldas, S. Carlos, Sampaio, Rodovalho, Monte Alverne e Januario, que, honrando o pulpito, immortalisaram seus nomes, tornando-se glorias nacionaes.

IV

Si tantas capacidades produziram os claustros e o clero secular, como as que acabámos de citar como oradores, não menos foram aquelles talentos, que honraram a cadeira do magisterio, donde transmittiram seus variados conhecimentos á mocidade estudiosa, que occupára e que ainda hoje occupa as mais elevadas e distintas posições da sociedade.

Entre os filhos de Santo Ignacio de Loyola, Manoel da Nobrega, Luiz da Gran, José de Anchieta, Angelo das Reis e João da Apisculeta Navarro e outros transmittem ao gentio os conhecimentos e as bellezas da lingua

de Camões, e nas aulas de seus collegios dão aos seus numerosos discipulos e cathecumenos lições de humanidades e varios ramos da sciencia, em que eram profissionaes.

Nos claustros de S. Bento houve, no seculo passado, grandes mestres em todos os ramos das sciencias e artes, e no seculo actual frei Rodrigo de S. José, frei José Polycarpo de Santa Gertrudes, Dr. frei Paulo da Conceição Moura, frei José de Santa Maria Amaral, frei Lourenço de Santa Cecilia, frei Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu, frei Gamaliel de N. S. Rainha dos Anjos, e o D. Abbade actual frei José da Purificação Franco colheram louros e palmas no ensino da mocidade.

Os carmelitas, nos seculos passados, contam entre outros frei Euzebio de Matos, irmão do poeta Gregorio de Matos, D. frei João de Seixas, que gosou de tão extensa nomeada que o papa Clemente XII o nomeou, em premio de seus talentos, bispo de Areopolis, frei Fulgencio, o Dr. frei Leandro do Sacramento: e no seculo actual frei Fernando de Oliveira Pinto, Dr. D. frei Pedro de Santa Mariana, bispo titular de Chrysopolis, Dr. frei Custodio Alves Serrão e frei José de Santa Eufrasia Perez e o Dr. frei Bernardino de Santa Cecilia Ribeiro.

Os franciscanos contam entre os educadores da mocidade, nos seculos passados, frei Christovão da Madre de Deus Luz, frei José da Natividade, frei Fernando Antonio de S. José Menezes, frei Ignacio de S. Justino, frei Raimundo da Transfiguração Belfort, frei João Capistrano de S. Bento, o theologo frei Domingos Nazareth, frei Manoel do Sepulcro Mariz, frei João Nepomuceno, frei Luiz de Santa Catharina e frei Marcellino de Santa Mathilde e no seculo XIX frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, frei Antonio da Natividade Carneiro, frei André da Paixão, frei José de S. João Chrysostomo, frei Francisco de S. Carlos, frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, frei João da Palma, frei Antonio das Santas Virgens Salazar, lente de grego e hebraico, frei Antonio da Victoria, frei Caetano da Natividade, frei Antonio Agostinho de Sant'Anna, censor do bispado, e D. frei Antonio da Arrabida, bispo titular de Anemuria

reitor do seminario de S. Joaquim (hoje collegio de Pedro II), frei Francisco de Monte Alverne e outros que deram as provas mais solemnes de seus talentos e saber no ensino da juventude.

No clero secular, temos nos seculos passados D. Francisco de Lemos Faria Coutinho, bispo de Coimbra, conde de Arganil, reitor e reformador da Universidade, Dr. Manoel Henrique Mayrink e conego José de Souza Marmello e outros; e no actual seculo, Dr. Antonio Maria de Moura, bispo eleito do Rio de Janeiro, conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, conselheiro Dr. Vicente Pires da Mota, conselheiro Dr. Anacleto José Ribeiro Coutinho, conego Placido Mendes Carneiro bispo eleito de Cuiabá, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá, bispo do Rio de Janeiro, e seu irmão o conego João Rodrigues de Araujo, Marcos Cardozo de Paiva, bispo renunciante da Diamantina, D. Antonio Ferreira Viçozo, bispo de Mariana, D. José Affonso de Moraes Torres, bispo resignatario do Pará, conego Januario da Cunha Barboza, conego Rodrigo Antonio de Souza Menezes, vigario geral da Bahia Dr. Pedro Maria de Lacerda, Pedro Bandeira de Gouvêa, lente de grego, conego Antonio José Ribeiro Bering, Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, conego Manoel Alves da Silva, Agostinho José da Silva, conego Marcellino José da Silva Ribeiro Bueno, João Alves da Silva, João Quirino Gomes, bispo renunciante do Ceará, José Ribeiro Soares da Rocha, monsenhor Agostinho Marques de Gouvêa, monsenhor Dr. Francisco Corrêa Vidigal, Manoel Julio de Miranda, monsenhor Antonio Pedro Monteiro de Drummond, Turibio Tertuliano Teixeira Corrêa, conego João Mathias de Carvalho Bueno, conego Dr. José Carlos da Cruz Paula, monsenhor José Antonio Marinho, João Francisco Braga, conego Luiz Gonçalves dos Santos, Joaquim José Leite, conego José Joaquim da Fonseca Lima, conego Francisco Bernardino de Souza, Dr. Antonio Corrêa de Sá e Benevides, Joaquim Cajueiro de Campos, Dr. José Cardozo Pereira de Mello, bispo renunciante do Pará, seu irmão e outros, que com religiosos cuidados dirigiram e dirigem a educação da mocidade.

V

Na ordem seraphica de S. Francisco, frei Fabiano de Christo e o Dr. frei Bernardo do Quintaval fulguram nos salões da enfermaria de seu convento, perante o altar de S. Pascoal Baylão, que outr'ora na Hespanha, terra do seu nascimento, tomando o burel dos filhos do pobre de Assis, faz-se enfermeiro, prediz a seus irmãos a hora em que deixarão o mundo, conquista a palma da santidade e com ella altares em todos os conventos da ordem e no do Rio de Janeiro; e ahi juntos a esse altar, os dois religiosos acima citados dão o exemplo mais vivo e edificante da sublime virtude da caridade e da piedade christan. exercida perante o leito dos enfermos, que na dor e na agonia encontram n'esses dois anjos da caridade o carinho e o desvelo reunido á mais rara paciencia, procurando suavisar as dores ao enfermo, a cuja cabeceira velam dia e noite, derramando o suave balsamo da consolação.

N'esse posto de honra viveram longos annos, em o exercicio de tão piedosa quão ardua missão, grangeando o primeiro a fama de santidade pelos maravilhosos e estupendos milagres que em sua vida operou pelo toque da divina graça, e adquirindo o segundo por suas celebres curas a reputação de medico famoso.

Frei Francisco da Conceição Valle, que durante sua vida fôra o prototypo da virtude e da mais casta moralidade, ainda na enfermidade e na morte quiz dar a mais edificante prova de resignação evangelica. Calemo-nos para deixar fallar o chronista de sua ordem:

« O estado actual de uma agudissima enfermidade removeu dos maiores empregos da provincia este religioso, tão benemerito pelo brilho de suas virtudes, e que em todo o espaço de seus dias foi um verdadeiro ornamento da nossa familia. Padecen por muitos annos com uma resignação tanto mais heroica quanto parecia mais incompativel com o seu extraordinario tormento; terminou,

emfim sua brilhante carreira, deixando na sociedade civil e religiosa um nome, que não se apagará facilmente, porque elle soube immortalisal-o e fazel-o sobresair do mesmo esquecimento do tumulo; os seus ultimos instantes foram lições de uma piedade sublime; não se podia occultar em seu semblante a graça dos sacramentos, que elle recebeu com a humildade mais energica, e com aquella confiança que só é permittida a um amigo voltando aos braços de seu amigo. Jaz enterrado no capitulo do convento da côrte... E' um justo escondido na face do Senhor até o dia da manifestação de sua gloria. »

VI

Si na cathedral do Rio de Janeiro o talentoso padre-mestre José Mauricio Nunes Garcia com a composição de suas missas funebres e com a magia de sua batuta recommenda seu nome á posteridade, com a fama de um grande mestre e compositor mereceu, que el-rei D. João VI, no arroubo do mais vivo enthusiasmo, ao ouvil-o em um saráo de seu palacio tocar ao piano as mais difficeis e complicadas variações, o condecorasse com o habito da ordem de Christo tirado da farda do Visconde de Villa Nova da Rainha e o collocasse em seu peito com suas regias mãos.

Nos conventos dos capuchos frei Antonio de Santo Elias e frei Francisco de Santa Eulalia arrancam ao orgão e ao piano as mais melodiosas symphonias, e assim forçam a admiração dos grandes mestres, seus contemporaneos, conquistando a fama de habeis musicos e compositores; aquelle recebe o epitheto de rei dos organistas, e este, compondo em 24 horas umas celebres matinas, recommenda seu nome como amante dedicado da arte predilecta da virgem martir Santa Cecilia. O mesmo conseguem frei Manoel de S. João Baptista Grijó e frei Diogo de Jesus Mariz, tambem filhos da mesma ordem; e ainda ahi no grupo dos cantochanistas prima frei João de Santa Clara

Pinto, que, com sua voz tão cheia quão melodiosa, arrebatava e suspendia o auditorio, ecoando por longos momentos nas abobadas do santuario.

VII

Manuel de Mesquita, Salvador de Mesquita, Prudencio do Amaral, Francisco de Almeida, João de Mello, Manoel de Macedo, Domingos Barboza, José de Anchietta e outro muitos distintos membros da companhia de Jesus cultivaram com primoroso cuidado as sciencias das muzas e adquiriram reputação de poetas, escrevendo mimosas poezias e cantatas, não só na lingua de Camões, como na de Horacio, Homero e Virgilio.

Frei Francisco de S. Carlos, frei José de Santa Rita Durão, frei Manoel de Santa Rita Itaparica e frei Francisco Xavier de Santa Thereza, todos da ordem de S. Francisco, teceram primorosas capellas aos mimosos filhos de Apollo. O 1° cantou em melodiosos versos repassados da uncção religiosa os louvores da Virgem Mãe de Deus, no seu poema *Assumpção*.

O 2°, inspirado na historia de sua patria, cantou em bellissimas oitavas a epopéa dos amores de Moema e Paraguassú em seu poema *Caramurú*.

O 3° no seu poema que denominou *Eustachidas* canta primorosamente a vida de Santo Eustaquio.

O ultimo consegue pelo primor de suas poezias a denominação de Elledio na Arcadia de Roma, e deixa seu nome na tragedia do Martirio de Santa Felicidade e seus filhos.

Na ordem de S. Bento frei Rodrigo de S. José, além de innumeras poezias, que escreveu e queimou, pranteia em sentidissima nenia a morte prematura de Sua Alteza Imperial o principe D. Affonso, augusto filho de Sua Magestade o Imperador e seu primogenito, fazendo transpirar em seus versos o sentimento mais agudo da dor e da saudade.

E nos claustros da Bahia surge o joven Luiz Junqueira Freire, que na religião beneditina se chamára frei Luiz de Santa Escolastica Junqueira Freire, conquistando com suas arrebatadoras poezias que, denominou — *As inspirações do claustro*, a flammula do genio e a apotheose de primeiro poeta, que si não fôra sorprehendido pelo archanjo da morte aos 22 annos de idade, na aurora da vida, seria sem a menor contestação o reformador da poezia brazileira.

Quem como elle em tão verdes annos seria capaz de arrebatar applausos tão numerosos com a facilidade da rima, riqueza de estilo, belleza de imagens, perfume de poezia, facilidade de metrificação, harmonia, a consonancia de versos, só o genio poderia conseguir, e esse genio era elle. *As inspirações do claustro*, que assim se chama o livro do genio, immortalisou o nome do seu autor, collocando-o no numero dos primeiros poetas. *A Freira*,—*Fr. Bastos*,—*A noite nos claustros*,— *O hymno á cabocla* são primores de poezia, e só elles eram bastantes para collocar seu nome no Parnaso brazileiro. No convento de Santo Antonio ainda hoje vemos o joven frei Manoel de Santa Ignez Brandão cultivando a poezia, e si elle tivesse, como outr'ora, vasto horisonte para illustrar seu entendimento, seria um excellente poeta, e o será si com a força de vontade o puder conseguir.

Não foi só á sombra dos claustros, que a poezia achou dedicados cultivadores, porquanto no clero secular no seculo XVI brilhou como poeta o padre José Borges de Barros, e no seculo XIX o grande padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas, na traducção dos psalmos de David e nas suas *Odes a Deus e á Immortalidade da alma*, e com sua cantata do *Homem Selvagem*, ganha com verdadeira justiça immortal reputação ; e o mesmo conseguem os conegos Januario da Cunha Barboza e João Pereira da Silva, aquelle com o seu poema *Nitheroiy*, e este com sua cantata do *Carnaval* e outras poezias, e finalmente o padre Domingos Caldas Barboza gosa extensa nomeada como poeta satirico e excellente improvisador, e muitos outros que figuraram tanto no passado como no presente seculo.

[illegible] e frei Anas- [illegible] e o Dr. frei [illegible] carmelitas, des- [illegible] segredos [illegible] mitte á pos- [illegible] em botanica na sua [illegible] o systema [illegible] plantas, e assim [illegible] monumento de erudição; o [illegible] a frei Vel- [illegible] em seus trabalhos [illegible] de sabio [illegible] elogios de [illegible] em sua aula do [illegible] seus profundos [illegible] das plantas, [illegible] discipulos, essa [illegible] de sabedoria e [illegible] a morte de [illegible]

III

[illegible] e frei Ricardo do [illegible] familiarisa- [illegible] que immortalisou [illegible] de suas mimosas [illegible] e paineis, que aformo- [illegible] de seus conventos, recom- [illegible] seus nomes ás gerações futuras.

X

As sciencias exactas pronunciam com veneração, respeito e saudade os nomes de D. frei Pedro de Santa Mariana, bispo titular de Chrysopolis, e do Dr. frei Custodio Alves

Serrão e de frei José da Costa Azevedo, este franciscano e aquelles carmelitas; o primeiro foi antigo mestre de Sua Magestade o Imperador e seu esmoler-mór e lente jubilado da academia de marinha, o segundo occupou o lugar de inspector do muzeo nacional, lente de chimica e mineralogia e distinto naturalista, e o ultimo foi lente de mineralogia e director do muzeo, todos illustrados e distintos, dignos de eterna recordação; e no clero secular notam-se o Dr. José Cardozo Pereira de Mello e Antonio Corrêa de Sá e Benevides.

XI

A historia patria encontrou dedicados e fieis collaboradores, tanto nos claustros como nos seculares. No numero d'aquelles vemos frei Gaspar da Madre de Deus, monge beneditino e chronista de sua ordem, honrando as lettras patrias com sua memoria para a historia da fundação da capitania de São Vicente, onde ostentou profundos conhecimentos geographicos; frei Vicente do Salvador, frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, frei Antonio da Conceição, na ordem de S. Francisco, legam á posteridade seus conhecimentos historicos, o primeiro na sua *Historia da provincia da Bahia*, o segundo no Orbe Seraphico, o terceiro na Provincia Seraphica; nas regiões da America prestam assignalados serviços á patria e á sua ordem, que tambem chora saudosa por frei José do Desterro, que habilmente historiou a chronica de sua ordem.

Os jesuitas se desvaneciam com orgulho citando os nomes de seus predilectos filhos, que mais se desvelaram nas cousas da patria e da ordem.

Além do grande Antonio Vieira, vemos Simão de Vasconcellos escrever a Vida do veneravel padre José de Anchieta e a Chronica da companhia de Jesus, Manoel de Moraes a Historia da America, que infelizmente se perdeu; e no Oriente Conquistado Francisco de Souza demonstrou um raro e fecundo talento, e o mesmo faz Simão Pereira de Sá nos Jubilos da America, e em varias noticias e memorias sobre a colonia do Sacramento e a creação do

bispado do Rio de Janeiro, sendo notaveis Antonio Pereira, Antonio de Araujo e muitos outros que longo seria enumerar.

No seculo XVII o clero secular além de outros cita o padre Manoel Aires do Casal, distinto Brazileiro, que occupou o priorato do Crato em Portugal, que com sua corographia tornou seu nome immortal, e D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco o qual com suas memorias sobre as minas de ferro e outros escriptos tornou seu nome recommendavel.

No seculo XIX monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo e o conego Luiz Gonçalves dos Santos enriquecem as letras patrias com suas *Memorias Historicas*, além de outros talentosos escriptores, entre os quaes vemos D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá e bispo do Rio de Janeiro, o philologo pernambucano Dr. Miguel do Sacramento Lopes Gama (o Carapuceiro), que foi monge beneditino, D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa-Cruz e arcebispo da Bahia, e o conego Januario da Cunha Barboza e outros muitos, que honraram com sua vasta erudição as letras patrias.

XII

Frei Antonio de Santa Anna Galvão fundou na cidade de São-Paulo o recolhimento de Nossa Senhora da Luz, onde durante sua vida exerceu as funcções de capellão, e por sua morte é substituido por frei Lucas José da Purificação, e ambos com os exemplos da mais casta e pura moralidade conquistam o respeito dos povos e a reputação de santidade, honrando com os reflexos de suas virtudes as chronicas da ordem do seraphico padre S. Francisco, que com religioso cuidado zela seus sepulcros existentes no theatro de seus feitos na capella-mór d'aquelle convento.

E ainda trilhando a senda das virtudes a par da mais heroica abnegação e honrando o burel dos franciscanos, vamos encontrar na provincia de Santa-Catharina o irmão Joaquim, que no seculo se chamava Joaquim Francisco do Livramento, e cingido do burel e do cordão do pobre

de Assis, funda á custa de esmolas, que humildemente implora desde a cabana do pobre até ao palacio da magestade, um hospital junto á capella do Menino Deus, na cidade do Desterro, capital d'aquella provincia, que fôra berço de seu nascimento: ahi, com a mais extremosa dedicação e verdadeira piedade, exerce elle as funcções de enfermeiro com tanto zelo e caridade, qual outro frei Fabiano de Christo.

Na cidade da Bahia funda elle o seminario dos orphãos de S. Joaquim, e o mesmo faz na cidade de Itú: na fazenda de Santa Anna dos padres jesuitas na provincia de São-Paulo, onde o tomam por espião estrangeiro, é por isso carregado de ferros e de algemas e remettido para esta côrte, soffrendo tudo isto resignado e sem soltar um só queixume. El-rei manda pôl-o immediatamente em liberdade, segue para a provincia do Rio de Janeiro, funda a casa de caridade e o seminario de Jacuecanga, no municipio de Angra dos Reis, e durante sua vida não cessa um só momento de promover o bem-estar do proximo, sem se importar com o seu proprio, arruinando a saude e arriscando a vida, sempre ávido em procurar abrigo para o orphão desvalido, facilitar-lhe a educação, e com ella o pão da subsistencia, esmolando sem parar; deixa sua patria para ir a cidade eterna pedir ao successor de São Pedro auxilios para seus seminarios. Alquebrado ao peso dos annos e das enfermidades retrocede para seu paiz, mas ao chegar á cidade de Marseille aggravam-se seus padecimentos, e morre longe de sua patria com reputação de santidade, á similhança dos varões predestinados. Dia virá em que sua patria se regosijará de vêl-o em seus altares no catalogo dos santos.

Muitos outros distintos filhos das ordens religiosas do Brazil têm ligado seus nomes á fundação dos templos e casas de caridade; e bem longa seria a tarefa de enumeral-os. A' ordem mendicante pertence a gloria do nome de frei Custodio de Campos Oliveira, que foi o fundador da escola de medicina da côrte, donde tem sahido tantas capacidades medicas, que com os profundos conhecimentos das sciencias de Hippocrates tantos e tão assignalados serviços têm prestado á humanidade em geral.

Ainda á ordem dos capuchos pertence o nome do irmão Lourenço, descendente da nobre familia dos marquezes de Tavora em Portugal, que, foragido de sua patria em consequencia da desditosa sorte de seus parentes, compromettidos na conjuração contra a vida de el-rei o Sr. D. José I, procurou abrigo nas terras do Brazil, e na provincia de Minas-Geraes, cingindo o cordão sobre o burel dos frades menores, faz-se ermitão, toma por morada as fendas das serras, esmola de porta em porta o obolo da caridade, e com elle funda o celebre seminario do Caraça, que tão relevantes serviços presta á educação da mocidade, e de cujo seio têm sahido tantos e tão bellos talentos, que na sociedade religiosa e civil têm obtido as mais elevadas posições.

Alexandre de Gusmão, Manoel da Nobrega e José de Anchieta são distintos ornamentos da famosa companhia de Jesus. O primeiro, tio do grande diplomata do mesmo nome, que em Portugal foi ministro e conselheiro de D. João V, fundou o seminario de Belem, na villa hoje cidade da Cachoeira da provincia da Bahia, onde outr'ora se admiravam os bellos ornatos dos altares, feitos de tartaruga por suas proprias mãos! Nobrega e Anchieta fundam nos ultimos annos do seculo XV o hospital da Santa Casa de Misericordia d'esta capital, que no correr de tantos seculos, tantos e tão relevantes serviços tem prestado á humanidade desvalida, e onde centenas de milhares de infelizes de todas as condições e sexos, idades e côres, têm recuperado a saude e a vida; e tal tem sido as vastas proporções que tem tomado, que é hoje a mais opulenta confraria d'esta capital, e sem constestação alguma a primeira da America do Sul.

Desafiando a curiosidade e a admiração dos estrangeiros, que aportam a estas plagas, estão esses dois grandiosos edificios, o hospital novo, e o hospicio de Pedro II, levantados pela vontade de ferro de um distinto servidor do Estado, que, com a fundação d'elles, tornou seu nome immortal, * sendo admirados não tanto pelas

* O conselheiro de estado José Clemente Pereira, senador do imperio e provedor da Santa Casa, a cuja confraria servio com rara dedicação de 1838 até o dia de sua morte, 10 de Março de 1854.

bellezas da arte e regras de architectura, a que estão sujeitos, como pelos fins humanitarios a que são destinados.

Aquelle offerece em seu vasto recinto acommodações a mais de 1.500 enfermos, que ahi recebem o mais commodo tratamento, não só por parte dos illustres facultativos, que dirigem com toda a pericia os misteres de sua nobre profissão, como pelos cuidados e desvelos d'essas piedosas filhas do santo e immortal Vicente de Paulo, que nada poupam para suavisar-lhes, quanto seja possivel, as dores do soffrimento.

Este outro abriga em seu seio centenas de infelizes, que, perdendo o uso da razão e mortos assim para a sociedade e para o mundo, ahi encontram o mais desvelado tratamento, devido ao zêlo e cuidado d'essas veneraveis heroinas da caridade, que, com seus esforços e paciencia, têm conseguido ensinar-lhes o fabrico de flores de panno e de papel, trabalho perfeitissimo, que a razão duvida acreditar que seja obra de alienados.

Entre o clero secular, citámos os fundadores do santuario da Penha, na provincia de Pernambuco, cujos corpos exhumados depois de um seculo achavam-se em perfeito estado de conservação, e até as proprias vestes sacerdotaes apparecem respeitadas pelos vermes da terra e pela acção destruidora dos tempos. A sciencia pasma attonita por não atinar com a causa, devida a effeitos sobrenaturaes e prodigiosos!

O clero paulistano perdeu, ha poucos annos, um de seus mais bellos ornamentos na pessoa do padre Antonio Martiniano de Oliveira, vigario collado na matriz de Guaratinguetá, que, fundando á custa sua e de esmolas, que solicitou, um hospicio na cidade de Guaratinguetá, da provincia de São-Paulo, ao qual denominou do Senhor Bom Pastor, destinado a recolher as filhas de Jerusalém, que, arrependidas e envergonhadas da depravação de seus costumes, procurassem, ouvindo seus sabios conselhos, trilhar a carreira das virtudes, abandonando a do vicio e a depravação dos costumes; e já vinte e duas haviam conseguido arrepender-se, quando o genio do mal, penetrando no interior d'aquella santa habitação, profanou com mão sacrilega o asylo da virtude, entornando no coração de seu

desvelado fundador a taça envenenada dos desgostos, e vendo assim perdida a sua obra, pela qual com tanto afan trabalhára, apaixona-se e morre, e no leito da agonia soffre com angelica paciencia as dores de depuração, e exhala a vida como um justo, para sepultar-se na capella mór da sua igreja matriz.

XIII

A physica lamentará em sentidissimo pranto até a consummação dos seculos a morte de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do escrivão da puridade de D. João I e presbitero secular do habito de S. Pedro, que em Portugal e no reinado d'esse principe inventou o balão aerostatico, e sendo conhecido pela antonomasia de Voador, soffre a mais horrorosa perseguição do Santo Officio, dos nobres e do povo, do povo, que de tudo ri, que de tudo mófa, conforme lhe apraz.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão teve por berço de seu nascimento a cidade de Santos, da provincia de São-Paulo, e foi um dos oradores mais celebres do seu tempo. Que importa que a França, por ser a patria dos irmãos Montgolfier, queira reivindicar para si a gloria da invenção do balão aerostatico! Ella a não póde ter, porque essa gloria pertence só ao Brazil, patria de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Os motejos populares, as perseguições dos nobres, da inquisição e do povo fizeram com que o sabio physico deixasse as terras de Portugal, e refugiando-se no reino de Castella, ahi nas ruas de Toledo esmolava o pão da subsistencia, e pobre morreu a 18 de Novembro de 1724 nas palhas do hospital de Valladolid quem digno era da mais ditosa fortuna; mas que importa isso, si seu nome, atravessando os seculos, forçará a admiração até a consummação d'elles?

XIV

Não foi só na tribuna sagrada e na cadeira do magisterio, que o clero resplandeceu com seus talentos e dótes oratorios; outros horisontes se lhe offereceram, onde

a mais alta fama os aguardava para gravar seus nomes em lettras de ouro nas paginas da historia patria, e seus horisontes foram a politica, o jornalismo, o parlamento, a diplomacia, os conselhos da corôa e do estado, e finalmente o governo supremo da nação, e ahi n'essa arena magestosa apparecem seus nomes adquirindo com justiça, não só no seu paiz como no estrangeiro, a mais bem firmada reputação.

A aurora do Ipirauga, que raiou formosa e deslumbrante no dia 7 de Setembro de 1822, em que o immortal principe D. Pedro, nas margens d'aquelle regato que com suas aguas fertilisa os campos da patria de Amador Bueno da Ribeira, soltou o grito de independencia ou morte, que, partindo da capital de São-Paulo, repercute no Amazonas e no Prata, despedaçando os ferros e as algemas que arrochavam os pulsos dos Brazileiros, que, livres e independentes, fascinados ao verem a aurora radiante da liberdade, exclamaram com o poeta:

Liberdade, virgem linda,
Virgem, sim, que ousado ainda
O mortal te não gozou,
Eu te adoro, ó liberdade,
Como Christo ama a verdade,
Como Deus a Christo amou.

A independencia do Brazil, que foi em relação á America do Sul o facto mais extraordinario do presente seculo, transformou como por encanto em vasto imperio a colonia de Portugal, acontecimento que immortalisou o nome do seu excelso imperador e fundador o Senhor D. Pedro I.

A imprensa, essa famosa invenção que tornou immortal o nome de Gutenberg, prestou á independencia do Brazil os mais relevantes serviços, por meio de bem elaborados artigos, devidos ás habeis pennas do clero secular como regular; no numero dos primeiros citaremos os conegos Januario da Cunha Barboza e Geraldo Leite Bastos, o sabio Francisco Agostinho Gomes, José Custodio Dias e Diogo Antonio Feijó e outros; e no numero dos segundos frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio e frei Francisco de Monte Alverne, os que, com a magia

de sua eloquencia muito contribuiram para o desfecho d'esse brilhante successo, que veio transformar a casa da residencia dos antigos vice-reis do Estado em palacio imperial.

Com a fundação do imperio de Santa-Cruz installou-se no dia 3 de Maio de 1823 a assembléa constituinte, que foi dissolvida a 12 de Novembro do mesmo anno. N'esse recinto da representação nacional tiveram ingresso os mais notaveis talentos d'aquella época, e entre elles coube ao clero secular a gloria de occupar os mais distintos lugares.

N'essa phalange de tão distintos parlamentares brilharam com grande aurea D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo capellão-mór, que occupára a cadeira presidencial, José Martiniano de Alencar, Dr. Francisco Muniz Tavares, Venancio Henrique de Rezende, Ignacio de Almeida Fortuna, Francisco Ferreira Barreto, Dr. José Antonio Caldas, Luiz Ignacio de Andrade Lima, Antonio da Rocha Franco, Virginio Rodrigues Campello, José Joaquim Xavier Sobreira e outros.

A tribuna parlamentar foi então o theatro, onde ostentaram os mais brilhantes florões dos seus talentos na defeza dos direitos que lhes haviam sido conferidos e mostraram vastissima erudição e profundos estudos, e com o brilho da palavra collocaram-se a par dos Calmon, Cairú, S. Leopoldo, Paula Souza, Antonio Carlos, Martim Francisco, Vergueiro, José Joaquim da Rocha, D. Nuno, Lopez Gama, Araujo Lima, Araujo Vianna, José Bonifacio, Costa Carvalho, S. Amaro, Queluz, Carneiro de Campos, Lobato, Valença, Maia, Montezuma, Inhambupe, Baependy, Lucio de Gouvêa, e outros talentosos athletas da tribuna parlamentar, que n'aquella famosa assembléa, na infancia do systema representativo, tantos serviços prestaram na construcção do edificio da nacionalidade brazileira, que nascia das ruinas da colonia antiga, e muito depois de prestarem ao imperio desvelados serviços foram arrebatados pela morte, e outros, posto que raros, ainda vivem contemplando os progressos do paiz, devidos á fertilidade do seu sólo, ao desenvolvimento do seu commercio, da sua lavoura e da sua industria; tendo-se a nossa terra,

no curto espaço de 46 annos de sua existencia livre avantajado tanto na senda do progresso, que n'essas festas da industria, celebradas na França, Inglaterra e Portugal, * tem sabido acompanhar os progressos industriaes das primeiras nações do mundo, cobertas com a poeira dos seculos.

A' dissolução da assembléa constituinte seguio-se a primeira legislatura, e tanto n'ella como nas que se seguiram até hoje apparece sempre o clero conquistando os mais distintos lugares, já com seus dotes oratorios e já com seus illustrados pareceres; ahi surgiram D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo metropolitano e marquez de Santa Cruz, Miguel José Rainau, D. Marcos Antonio de Souza, bispo do Maranhão, Diogo Antonio Feijó, monsenhores Drs. Francisco Corrêa Vidigal, Francisco Muniz Tavares, o sabio Francisco Agostinho Gomes, Dr. D. José Antonio dos Reis, bispo de Cuiabá, monsenhor José Antonio Marinho, Dr. Antonio Maria de Moura, bispo eleito do Rio de Janeiro, conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, conego Joaquim Francisco de Faria, vigario capitular do bispado de Pernambuco, monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo, conegos Geraldo Leite Bastos, José Soares Ribeiro da Rocha, Januario da Cunha Barboza, Antonio José Ribeiro Bering, D. Manoel do Monte Rodrigues Araujo, conde de Irajá, bispo capellão-mór, José Custodio Dias, conego Manoel de Freitas Magalhães, Dr. Miguel do Sacramento Lopes Gama, D. José Affonso Moraes Torres, bispo resignatario do Pará, conego Manoel Julio de Miranda, Dr. José Cardozo Pereira de Mello, monsenhor Joaquim Pinto de Campos, que trouxe o bem elaborado e extenso parecer sobre os casamentos mixtos, em virtude do qual S. S. o Santissimo padre Pio IX o honrou com a nomeação de presbitero assistente do solio pontificio, uma das maiores distinções da Santa Sé apostolica, Dr. Thomaz Pompeo de Souza Brazil e Dr. Lindolfo José Corrêa das Neves, que habilmente defenderam o casamento dos militares, e outros dignos

* As exposições de industria de Londres, Pariz e do Porto, onde coube á industria do Brazil os mais bem cabidos louvores.

ornamentos do clero brazileiro, que, dotados de talentos e verbosidade, advogaram o legitimo interesse de seu paiz, ostentando não vulgares conhecimentos e profundos estudos de gabinete.

No jornalismo, além de Sampaio, Monte Alverne, Januario, Coelho de Deus, Agostinho Gomes, Geraldo e outros que já citámos, ainda temos a citar o Carapuceiro frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, monsenhor José Antonio Marinho e Dr. Manoel Joaquim de Miranda Rego, que prestaram á religião os mais altos serviços com a elegancia de seus artigos.

Na carreira administrativa, o conselheiro Dr. Vicente Pires da Mota, Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e Luiz Antonio Muniz dos Santos Lobo prestam ao paiz serviços na presidencia das provincias, onde dão provas exuberantes de seu tino administrativo. Na diplomacia, representaram importante papel Alexandre de Gusmão, Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Sergio de Macedo, Drummond, barão do Penedo, Paraná, Uruguay, S. Vicente e Paranhos e outros distintos filhos da terra de Santa-Cruz; tambem entre o clero secular brilharam n'essa carreira os monsenhores Drs. Francisco Corrêa Vidigal, Francisco Muniz Tavares e Antonio Vieira Borges, aquelles representando o Brazil junto á côrte de Roma, e defendendo seus direitos com tino e sagacidade rara, e o ultimo exercendo junto ao governo imperial o cargo de delegado da Santa Sé apostolica; e assim mostram ao mundo, que no seu paiz o clero illustrado contou em seu seio sectarios das doutrinas dos Meternich e dos Palmellas e de D. Luiz da Cunha.

O talentoso Paulista Diogo Antonio Feijó, que na cadeira do magisterio e parlamento, ostentou seus vastos conhecimentos e dotes oratorios, cheio de patriotismo e abnegação, renuncia a mitra de Mariana, para a qual havia sido eleito; chamado aos conselhos da corôa occupa a pasta de ministro da justiça, e ahi desempenha os mais altos e distintos deveres, desenvolve a mais rara energia, promove immensos melhoramentos e cria a guarda nacional

que tantos serviços tem prestado a este paiz em todos os tempos, e muito mais agora depois da guerra do Paraguay.

Os suffragios de seus concidadãos o collocam na cadeira da regencia do Estado, e ahi, sempre energico, continua a prestar a seu paiz os mais altos e dedicados serviços até que, resignando o poder, deixa seu nome na historia de seu paiz, que d'elle se recordará com saudade e gratidão.

Em 1826, creando-se o senado, em suas cadeiras tomou assento D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo capellão-mór, que exerce o lugar de presidente até o dia de sua morte, José Martiniano de Alencar, o conego vigario geral do bispado e da matriz de Santa Rita, Dr. José Caetano Ferreira de Aguiar, monsenhor Antonio Vieira da Soledade, Francisco de Brito Guerra, Lourenço Rodrigues de Andrade, Marcos Antonio Monteiro de Barros, José Custodio Dias, conego José Bento Leite Ferreira de Mello, Francisco dos Santos Pinto, Antonio da Cunha Vasconcellos, monsenhor João José Vieira Ramalho * e o Dr. Thomaz Pompeo de Souza Brazil, os quaes ahi n'esse recinto dos anciãos da patria, na tribuna e nos pareceres, defenderam e defendem os direitos de sua classe ; pena é que ella seja, hoje, ahi apenas representada pelos dois ultimos, achando-se um d'elles no occaso da vida, o qual é o decano d'aquella corporação.

Si o clero secular teve a ventura de vêr na cupola da sociedade ao distinto padre Diogo Antonio Feijó como regente do imperio, o clero regular vio tambem no conselho de estado o douto D. frei Antonio de Arrabida, bispo titular de Anemuria, digno ornamento do claustro de S. Francisco.

XV

Seria imperdoavel a lacuna, si deixassemos de mencionar os nomes d'essa pleiade de Brazileiros distintos, que, trajando o burel do monge ou a samarra de S. Pedro,

* Morreu sem tomar assento; era senador por São Paulo.

deram em todos os tempos as provas mais authenticas de sabedoria, moralidade e honradez; com cujos titulos de tão valiosa recommendação exerceram em Portugal e em outros paizes empregos da mais alta categoria, no desempenho dos quaes souberam fazer sobresair os dotes de seus abalisados talentos.

Na Academia Real das Sciencias de Lisbôa, esse famoso templo de Minerva, vamos encontrar entre os gigantees da literatura portugueza os nomes caros dos filhos do Brazil, que ahi tiveram ingresso, não pelo empenho e nem pelo patronato, mas sim pelas exuberantes provas que deram de sua sabedoria; esses foram: frei Gaspar da Madre de Deus, monge beneditino, natural da cidade Santos; frei José de Santa Rita Durão, natural da provincia de Minas, de ordem de S. Francisco, poeta, literato, orador e lente da universidade de Coimbra; frei José Mariano da Conceição Velloso, natural da provincia de Minas, distinto botanico e naturalista, da ordem de S. Francisco, e no clero secular, D. Francisco de Lemos de Faria Coutinho, natural da provincia do Rio de Janeiro, bispo titular de Zenopolis, e depois da diocese de Coimbra, conde de Arganil, reitor e reformador da universidade, exercendo antes o lugar de juiz geral das ordens militares, dezembargador dos aggravos da casa da supplicação, membro do tribunal do Santo Officio de Lisbôa, e D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, natural da provincia da Rio de Janeiro, escriptor de pulso, e literato de fama; foi bispo de Elvas, depois de haver sido de Pernambuco, rejeitou o bispado de Beja, foi lente da universidade e deputado ás côrtes portuguezas pela sua provincia, e finalmente o Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, natural de Santos, provincia de São-Paulo, celebre physico, lente de prima e mathematicas na universidade de Coimbra e conego da sé, o qual foi em missão diplomatica a Roma, para obter a elevação patriarcal para a capella real de Lisbôa; o que não pôde conseguir.

Nas dioceses de Portugal e seus dominios floresceram D. Thomaz da Encarnação, natural da Bahia; D. Agostinho Ribeiro, filho da mesma provincia, bispo de Ceuta, depois promovido ao bispado de Angra, D. Francisco

Lemos na diocese de Coimbra, e D. José J. da Cunha Azeredo Coutinho, na de Elvas, e outros muitos. Entre os regulares D. frei Manoel de Santa Catharina, carmelita, natural de Olinda; D. frei João Damasceno Povoas, franciscano e Fluminense; D. frei Antonio de Santa Ursula Rodavalho, Paulista e franciscano, na diocese de Angola; D. frei Bernardo de Nossa Senhora, Pernambucano, bispo de Miliapor nos estados da India; D. frei João de Seixas, carmelita, bispo titular de Areopolis, e D. frei Pedro de Santa Mariana, carmelita e Pernambucano, bispo titular de Chrysopolis e conde palatino em Roma.

No clero secular, foi vigario geral em Lisbôa o Bahiano José Borges de Barros; grão-prior do Crato, Manoel Aires do Casal, natural do Brazil; commissario do Santo Officio e da bulla da cruzada, e conde Dr. Paulo Fernandes Coutinho, natural do Rio de Janeiro, e o Dr. José Calmon, natural da Bahia, foi dezembargador da relação, promotor do synodo; conego D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça, natural do Rio de Janeiro, orador de fama, foi deão da sé de Braga e ao illustre padre D. Antonio Pereira de Souza Caldas offereceram a rendosa abbadia de Lobrigos e a mitra episcopal do Rio de Janeiro; o que elle rejeitou. Outros muitos tiveram posição social, como Agostinho Caldeira Pimentel e Pedro Velho Barreto, conegos da sé de Evora.

Nos regulares, frei José Pereira de Sant'Anna, carmelita e chronista da ordem, exerceu altos empregos, e o Dr. frei Luiz Botelho do Rozario, natural de Pernambuco, carmelita e chronista da ordem, fez parte do tribunal do Santo Officio, frei Theotonio de Assumpção, literato profundo, foi conego regrante de Santo Agostinho de Coimbra, e frei Rodrigo do Espirito Santo foi abbade sagrado de Albania.

XVI

Si em Portugal e na Europa o clero regular e secular occupou lugares tão distintos e importantes, não menos foram os que n'esta cidade os preencheram com zelo e

aptidão, e entre outros vemos monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo, Fluminense, que foi membro do dezembargo do paço, procurador da mesa de consciencia e ordens, e morreu ministro aposentado do supremo tribunal de justiça; monsenhor Antonio José de Miranda, que foi membro do dezembargo do paço e da meza de consciencia e ordens.

Conego Januario da Cunha Barboza, Fluminense, foi chronista do imperio, bibliothecario, fundador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e socio de varias sociedades scientificas, tanto nacionaes como estrangeiras.

Conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e o bispo de Pernambuco D. Thomaz de Noronha e Brito occuparam os lugares de director do curso juridico, aquelle do de São-Paulo, e este do de Olinda, onde tambem dirigio o lyceo.

Conegos Dr. Francisco de Paula Villas-Bôas, Dr. Antonio José Corrêa, senador Dr. José Caetano Ferreira de Aguiar, Dr. José Joaquim Pereira da Silva, monsenhor Dr. Francisco Corrêa Vidigal, Narciso da Silva Nepomuceno, Dr. José Antonio Caldas e outros occuparam o lugar de vigario geral do bispado do Rio de Janeiro.

O conego Geraldo Leite Bastos, Fluminense, servio o cargo de official maior da camara dos senadores até o dia de sua morte, grangeando com a amenidade de seu trato as melhores amisades e sympathias, e mereceu ter o seu retrato no paço do senado.

E tanto na capital como ao norte e ao sul do imperio muitas capacidades do clero honraram e honram os seus elevados cargos.

Na advocacia, nas cadeiras das cathedraes e da relação metropolitana, na vigaria geral dos bispados, e como capitulares em sédes vacantes appareceram homens notaveis, que deixaram gratas recordações. Dos claustros foram chamados aos empregos de alta confiança D. frei Antonio de Arrabida, bispo titular de Anemuria, e D. frei Gregorio José Viegas, bispo de Pernambuco, ambos da ordem dos capuchos; exerceram o lugar bibliothecario. Os beneditinos frei José da Purificação Franco e frei José de Santa Maria Amaral e frei Rodrigo de

S. José, este, vice-reitor, e aquelles, reitores do imperial collegio de Pedro II, serviram na direcção do muzeo nacional; D. frei Pedro de Santa Mariana, bispo de Chrysopolis, Dr. frei Custodio Alves Serrão e frei José da Costa Azevedo, aquelles carmelitas e este franciscano, corresponderam magnificamente á confiança n'elles depositada.

XVII

Vejamos agora o grandioso serviço, que os claustros prestaram ao paiz, concorrendo com o valioso concurso de seus filhos que ali se alistaram para florescerem no solio episcopal, e entre os que se tornaram dignos de merecer tão alta dignidade citaremos D. frei Antonio Barreiros, D. frei José de Santa Escolastica, beneditino, D. frei Manoel da Resurreição, D. frei Antonio de S. José, D. frei Miguel Pereira, D. frei João Fialho, D. frei Constantino de Sampaio, D. frei Antonio Corrêa, D. frei Manoel de Santa Ignez, D. frei Estulano dos Santos, D. frei Antonio da Madre Deus, D. frei Francisco de Sampaio, D. frei Francisco de S. Damaso, franciscano, e D. frei Vicente da Soledade, que dignamente occuparam a cadeira archiepiscopal da Bahia, Dr. D. frei Francisco de Lemos, da ordem dos carmelitas, D. frei Luiz de Santa Thereza, que edificou á sua custa o palacio da Soledade e fovoreceu a fundação dos recolhimentos de Iguarassú e Parahiba, D. frei Francisco d'Assumpção Brito, natural de Minas Geraes, D. frei José Maria de Araujo, Dr. D. frei Antonio de S. José Bastos, natural do Rio de Janeiro, beneditino, D. frei Diogo de Jesus Jardim, natural de Minas Geraes, D. frei Gregorio de S. José Viegas, que no solio episcopal de Olinda, conquistaram extensa nomeada, D. frei Manoel de Bulhões, D. frei Gregorio dos Anjos, o sabio D. frei Caetano Brandão e outros.

Occuparam dignamente a mitra e o baculo da igreja paraense D. frei Timotheo do Sacramento, D. frei José Delgarte, D. frei Manoel da Cruz, D. frei Francisco de S. Tiago, D. frei José de Jesus Maria,

D. frei Antonio de Padua, D. frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth, D. frei Carlos de S. José e Souza, natural de Pernambuco, D. frei Luiz da Conceição Saraiva (actual), que no governo do bispado da diocese de S. Luiz do Maranhão deram as mais valiosas provas da boa direcção no governo da igreja; D. frei Antonio da Madre de Deus Galvão, D. frei Manoel da Resurreição e D. frei Miguel da Madre de Deus, no solio da cathedral de São-Paulo, conseguiram affeições profundas e sinceras pela boa direcção do seu governo; D. frei Francisco de S. Jeronimo, D. frei Antonio de Guadelupe, D. frei Antonio do Desterro, na diocese do Rio de Janeiro, prestaram tão altos serviços que jámais serão seus nomes esquecidos, porque elles souberam immortalisal-os; o 1° fundou a igreja da veneravel ordem terceira do Bom Jesus do Calvario e Via-Sacra, e morreu com cheiro de santidade; o 2° fundou a igreja de S. Pedro e o seminario episcopal de S. José e outros, e o 3° é o fundador do magestoso templo de S. Francisco de Paula: aquelles eram da ordem de S. Francisco, e este da ordem de S. Bento. D. frei Vicente do Espirito Santo foi o primeiro bispo da diocese de Goiaz, e ainda dos claustros sahiram D. frei Antonio de Arrabida, bispo titular de Anemuria, coadjutor do bispado do Rio de Janeiro, D. frei Pedro de Santa Mariana, bispo titular de Chrysopolis, o carmelita bispo de Cantuaria, D. frei João de Seixas, bispo de Areopolis, D. frei João Damasceno Povoas, bispo de Angola, e outros que souberam adquirir com exemplo da mais vasta sabedoria a maior fama e renome. Si tantos illustrados e virtuosos filhos dos claustros honraram o solio episcopal, não menos foram os sacerdotes seculares, que obtiveram tambem essa elevada nomeação.

No solio archiepiscopal sentaram-se na qualidade de bispos, D. Pedro Fernandes Sardinha, martir dos indios Caetés, D. Pedro Leitão, D. Marcos Teixeira, D. Pedro de S. Paio, D. Alvaro Soares e D. Constantino Barradas, e como arcebispos, D. Sebastião Monteiro da Vide, D. Gaspar Barata de Mendonça, D. José Francisco de Oliveira, D. Luiz Alvares, D. José Botelho,

D. Joaquim Borges de Figueiroa, D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa-Cruz, e o actual D. Manoel Joaquim da Silveira. Na diocese de Pernambuco vemos D. João Duarte do Sacramento, D. Mathias de Figueiredo Mello, D. Manoel Alves da Costa, Dr. D. Francisco Xavier Aranha, Dr. D. Thomaz da Encarnação Costa Lima, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, D. Thomaz de Noronha e Brito, D. João da Purificação Marques Perdigão, D. Manuel do Rego Medeiros e D. Francisco Cardoso Aires (nomeado). Na diocese do Pará, tivemos entre outros D. Romualdo de Souza Coelho, D. José Affonso de Moraes Torres, que resignou, e o actual D. Antonio de Macedo Costa.

Na do Rio de Janeiro, occupou o solio da igreja fluminense o Dr. D. Lourenço de Mendonça, que não aceitou e morreu bispo do annel do arcebispo de Toledo, Dr. D. José de Barros de Alarcão, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, natural do Rio de Janeiro, que seria, na phrase de Monte Alverne, um dos maiores bispos da igreja, si o não fôra na sua patria, * D. José Caetano da Silva Coutinho, capellão mór e senador do imperio, e D. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, natural de Pernambuco, capellão-mór, conde de Irajá, sabio profundo e grande jurisconsulto, morto a 11 de Junho de 1864, ha quazi quatro annos, está ainda a cadeira episcopal por preencher.

Na diocese do Rio Grande do Sul vemos D. Feliciano José Rodrigues Prates e D. Sebastião Dias Larangeira, aquelle Rio-grandense e este natural da Bahia, que dignamente occupa o solio d'aquella igreja.

Na diocese de São-Paulo temos D. Bernardo Roiz Nogueira, D. Matheus de Abreu Pereira, D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, D. Antonio Joaquim de Mello, natural do Itú, onde jaz, creou o seminario de São-Paulo á custa de esmolas sem se utilisar de um só real dos cofres da nação, e o actual D. Sebastião Pinto do Rego, natural da provincia do Rio de Janeiro, que exerceu

* *Obras Oratorias* de Monte Alverne (Prologo).

n'esta côrte os mais altos empregos com zelo e honradez, renunciou o bispado do Pará, Ceará e Rio Grande, e só a grande instancia aceitou este, que dignamente occupa.

No bispado da Diamantina, Cuiabá e Ceará vemos D. Luiz Antonio dos Santos, natural da provincia do Rio de Janeiro, D. João Antonio dos Santos e o Dr. D. José Antonio dos Reis, que ali prestaram á religião e ao Estado os mais extraordinarios serviços. Na diocese do Maranhão, D. Jacinto Coelho da Silveira, D. Joaquim Pereira de Carvalho, D. Luiz de Brito Homem e D. Marcos Antonio de Souza, natural da Bahia; D. Joaquim Borges de Figueiroa e D. Antonio Ferreira Viçozo brilham no solio da igreja de Mariana.

Goiaz teve por bispos o cégo D. Francisco Ferreira de Azevedo, bispo titular de Castoria, D. Antonio Rodrigues de Aguiar, bispo titular de Azoto, o bispo titular de Zoara D. Domingos Quirino de Souza, e o actual D. Joaquim Gonçalves de Azevedo. Muitos outros illustrados e respeitaveis sacerdotes ha que por suas acrysoladas virtudes e profunda erudição se têm tornado dignos de serem chamados a occupar a cadeira do episcopado, a qual, parecendo ser manancial de delicias pela gloria e honra de principe da igreja, é todavia bem espinhosa; por isso muitos a têm recusado. Um d'esses dizia que um bispo, era uma victima enfeitada para o sacrificio; elle tinha razão.

XVIII

Si no Brazil o clero regular e secular apenas póde conquistar o solio do episcopado como o ultimo degrau a que poderia chegar com as suas acrysoladas virtudes e profundos conhecimentos literarios e scientificos, na Italia, ou França, em Hespanha e Portugal, séde principal d'ellas, chegaram elles ás mais altas dignidades. No collegio cardinalicio e na cadeira de S. Pedro tiveram ingresso e assento os distintos filhos dos claustros e do clero; e si os filhos do imperio americano ainda não subiram a tão altas dignidades, dia virá em que tambem

lhes tocará a sua vez: já era tempo que ao menos o arcebispo metropolitano e o bispo capellão-mór conseguissem a purpura e o barrete cardinalicio, e bem certo estamos, que da parte da Santa Sé não haverá a menor duvida em conceder essa honraria; o ponto está que o governo imperial a solicite. E porque não ha de elle solicitar? Porventura o clero não é uma das mais distintas e respeitaveis classes da sociedade, illustrado e moralisado? Não é, na phrase de um escriptor notavel, um dos mais habeis pilotos para dirigir o leme da náu do Estado? E oxalá que o éco fraco de nossas vozes desperte a idéa de obter da curia romana a graça de conceder ao arcebispo da Bahia e ao bispo do Rio de Janeiro a nomeação de cardeaes da santa igreja catholica. O imperio de Santa-Cruz é tão digno d'esta honraria, como é a França, a Hespanha, a Austria, Portugal e outros paizes, cujos progressos e civilisação elle tem sabido acompanhar de perto.

Na tiara pontificia e no collegio cardinalicio muitos filhos do claustro rivalisaram, sinão excederam aos mais famosos ornamentos do clero, e prestaram tanto estes como aquelles á religião de Jesus Christo os serviços mais transcendentes.

Abramos de par em par as portas do muzeo sacro, folheemos o livro de ouro, em que se inscreveram os nomes d'esses bemaventurados que por virtudes transcendentes e com a palma do martirio conquistaram o perfume de santidade e altares em todas as cinco partes do mundo, onde a veneração dos povos erigio-lhes sumptuosos templos, nos quaes recebem um culto quotidiano, mais ou menos deslumbrante.

Entre os filhos dos claustros, que adquiriram altares, brilham, alem de outros, S. Camillo de Lellis, fundador do clero regular, ministro dos enfermos, e S. Francisco de Assis, fundador da ordem dos frades menores, que confunde com sua humildade a soberba de um bispo, cinge o saial, opéra sem meios o que os ricos não podiam conseguir com seus immensos cabedaes, e espanta a Italia com seus prodigios, com os quaes o impio Voltaire se mostra maravilhado. Vejamos seu elogio nas phrases

eloquentes de um distinto filho de sua ordem. * Aqui é Paulo que troveja diante dos poderosos, ali é Pedro que recolhe as primicias de sua pregação; é Filippe que explica o texto obscuro das Escripturas, era emfim este anjo que atravessava o céo, trazendo em suas mãos o Evangelho eterno, que elle devia promulgar a todas as tribus, em todas as linguas e a todas as nações do globo. Contemplai este homem vestido com um pobre saial, debruçado sobre os tumulos, afugentando a corrupção e reivindicando seus despojos! Seu espirito rompe a noite dos tempos; o denso véo do futuro abate-se a seus olhos, elle vê o cardeal bispo d'Ostia decorado com a tiara de S. Pedro; reconhece em um menino, que se lhe apresenta, o successor de João XXI, e mostra o altivo imperador Otho humilhado em Bovines por Filippe Augusto, rei da França. Era muito pouco para Francisco ter mudado a face da Italia, restabelecido a lei purificando o templo, removido os escandalos, e santificado os levitas. O propheta do Thabor não devia limitar-se a encher de assombro toda a Samaria; novos Elizêos deviam substituir para perpetuar em Israel a memoria do Senhor. O famoso lidador se dispõe a construir nos valles de Umbria essa fortaleza inexpugnavel, cingida de tres ordens de muralhas, da qual deviam partir esses guerreiros, instruidos em uma nova tactica, para arvorar a cruz, onde não se tinha ouvido fallar de Roma, de Scipião e de Trajano; erguer altares ao Deus de Sião e abater as mesquitas do Turco e os pagodes do Indio. Anjos velozes, que deviam annunciar a paz nos desertos da Africa, no interior da China e nas ultimas ilhas do Oceano Oriental; intrepidos defensores da fé, que um dia seriam vistos regar com seu sangue a terra abrasadora da India, penetrar os vastos bosques do Brazil, errar por entre as neves e os gelos da America Septentrional, subir triumphantes as fogueiras do Canadá e morrer no Japão entre ondas de agua fervendo.

Santo Ignacio de Loyola, de nação Hespanhol, que fundou a famosa companhia de Jesus, que tantos serviços

---

* Frei Francisco de Monte Alverne, obras oratorias, 2ª edição, vol. 3, panegyrico de S. Francisco de Assis.

prestou ao Brazil com o concurso de seus talentosos filhos, como já mostrámos e ainda temos de mostrar.

S. Vicente de Paulo funda a companhia das irmans de caridade, S. João de Deus funda os hospitaleiros, S. Filippe Nery funda a congregação do oratorio, S. Bruno funda a cartuxa, Santo Affonso Maria de Liguori funda a dos redemptoristas, S. Caetano estatue a ordem da Divina Providencia, S. José de Calazans, a ordem dos clerigos regulares e pobres da Mãe de Deus de escolas-pias, S. Bento funda a ordem beneditina e S. Felix de Valois a dos padres trinos, S. Domingos de Gusmão, depois de espantar com seus talentos a universidade de Placencia, funda a ordem dos prégadores, que deviam levar a palavra de Deus ás ultimas extremidades da terra. *

Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa, conego regrante de S. Agostinho de Coimbra, despe a mursa e cinge-se do burel dos frades menores, fascinado pelas glorias do martyrio dos santos martires de Marrocos, vôa á Africa; ventos contrarios ou antes a vontade de Deus o levam á Italia, onde em Padua e Tolosa obra prodigios estupendos. Ouçamos a discripção de sua morte narrada pelo illustre Monte Alverne:

Antonio está em Padua rodeado de seus irmãos, que choram a sua perda. O famoso lidador acha-se no estadio... seus olhos estão cravados na méta, que marca o termo da corrida... Ahi estarão as decorações, as palmas do vencedor. O justo não póde esconder seus transportes; a segurança apparece nas suas palavras; seu rosto brilha de felicidade... O novo Moisés collocado sobre o lugar em que Senhor lhe ordenára morrer, considerando os desertos, que atravessára, recordando os perigos innumeraveis, de que escapára, vendo concluida sua jornada, saudando de longe o paiz, cuja posse lhe fôra promettida, não póde esquecer aquelles que ficaram expostos ás tempestades do mundo. Seus derradeiros suspiros foram votos os mais ardentes para a salvação do genero humano...

---

* Izaias cap. 18 v. 2.

« Não, os perfumes da poezia, os encantos da elocução, os primores da eloquencia não bastariam para dar o merecido relêvo ao mais interessante episodio da vida do grande homem.

« Antonio estendido sobre o leito do soffrimento, no meio das mais energicas demonstrações da magua e afugentando com a irradiação de sua face as sombras, e a palidez da morte, exprime uma d'essas situações, que nenhuma linguagem póde definir.

« Era o mais bello dos astros, que parece augmentar de brilho, no momento em que abandona o horisonte, que illuminára com os ultimos raios de sua luz. »

Outro ousado Brazileiro, o famoso padre Antonio Vieira, fallando de Santo Antonio em um sermão que pregou em Roma, assim se exprimio em mimoso trocadilho:

« A um Portuguez italiano e a um Italiano portuguez celebra hoje a Italia e Portugal, Portugal a Santo Antonio de Lisboa, a Italia a Santo Antonio de Padua, de Lisboa por que lhe deu nascimento, de Padua por que lhe deu a sepultura. Assim foi, mas eu não cuidava de ser assim. »

S. Francisco de Paula, fundador da ordem dos minimos, natural da Calabria, á cabeceira de Luiz XI declara-lhe que morre, rejeita a promessa dos premios mais seductores e a protecção mais valiosa. Conquista por seus prodigios os mais grandiosos templos em todo o orbe catholico.

S. Vicente Ferrer, natural de Hespanha, foi o astro luminoso do seculo XIV, abandona a côrte de Bento XIII, vôa a Catalunha, passa as fraguas dos Pyreneos, confere com o imperador Segismundo, e sustenta as felizes disposições de Carlos VII, rei de França, troveja como Paulo na assembléa dos cardeaes e dos bispos, e annuncia no pulpito da cathedral de Perpinhão o decreto, que depunha do pontificado a Bento XII. * E finalmente vemos sobre os altares o grande S. Pedro de Alcantara, padroeiro do imperio, de quem o distinto Fluminense padre mestre Monte Alverne, obedecendo aos desejos manifestados por Sua Magestade o Imperador, pregou na capella imperial

* Monte Alverne, *Obras oratorias*. Sermão de S. Vicente Ferrer, vol. 3º pag. 160, 2ª ed.

do Rio de Janeiro aquelle celebre sermão no dia de sua festa a 19 de Outubro de 1854, que foi o seu canto de cysne. Cégo ha 18 annos, e esquecido em sua cella, vivia o distinto orador sagrado em completo esquecimento, elle que tanto havia brilhado na tribuna sagrada, onde colhêra os louros mais viçozos.

Não podemos deixar de aproveitar esta occasião para citarmos alguns topicos d'esse famoso discurso, que só por si seria capaz de immortalizar o nome de seu autor.

A capella imperial está litteralmente cheia, o imperador, a côrte, bispo, cabido, emfim tudo quanto havia de grande e de illustre na capital do imperio ahi se achava reunido. O silencio é sepulcral: eil-o que apparece na arena de seus triumphos, apalpa o pulpito, limpa o suor da fronte e parece encarar o auditorio, que a seus pés estava; curto momento de pausa; sauda a Sua Magestade o Imperador, e após do thema começa o exordio com vozes que mal se podiam perceber, ganha alento e assim termina o exordio: « Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar; compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri 26 annos, quando a imaginação está extinta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencia; como reproduzir esses transportes, esse enleio com que realcei as festas da religião e da patria? E' tarde, é muito tarde!...» O auditorio como si fosse tocado pela electricidade exclamou: « Bravo, bravo!» Monte Alverne enthusiasma-se e continúa.— « Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho n'este pulpito, que, ha 18 annos, é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma immenso e importuno, e a pyra em que arderam os meus olhos, e cujos degraus desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro.

« Os bardos do Thabor, os cantores do Hemon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados de pezares, não ouvindo mais os ecos repetirem as estrophes de seus canticos nas quebradas de suas montanhas pitorescas, não escutando a voz do deserto, que levará ao longe a melodia

de seus hymnos, penduraram seus alaudes nos salgueiros, que bordavam o rio da escravidão, e quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquelles que se deleitavam com o perfume de seu estilo e a belleza de suas imagens vinham pedir-lhe a repetição d'essas epopéas, em que perpetuavam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas de pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento da tempestade.» Voltando-se para o solio imperial diz: — « Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passos na senda escabrosa da eloquencia, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Si dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor; si das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas; si um enfeite, si um adorno renascer d'estas vergonteas já secas, deposita nas mãos do imperador, para que a suspenda como um trophéo sobre o altar do grande homem, a quem elle deve seu nome, e o Brazil a protecção mais decidida. »

Depois de descrever na mesma linguagem castigada e perfumada de poezia o grande S. Pedro de Alcantara, que em Castella, no convento de Manjarrez, vestira o saial do pobre de Assis, onde por seus continuos jejuns demonstra o que diz S. Paulo que tudo é possivel com o conforto da graça, encontra-o em S. Onofre junto ao Soriano, entregue á penitencia, onde reforma a sua ordem dos descalços, a quem deu seu nome, cujos filhos se derramariam pela Hespanha e pela Italia, e escreve um livro sobre a vida interior e um tratado sobre a oração mental, que lhe grangeou os mais subidos encomios de frei Luiz de Granada, de S. Francisco de Salles, do papa Gregorio XV e da rainha Maria Christina da Suecia. Então passa o orador a descrever os milagres com que o santo espantára o mundo, e pinta assim a scena de sua morte:

« O lidador tinha já dobrado a méta do estadio, que levára de vencida. Exhausto de forças cahio sobre montões de palmas e de grinaldas, quemereceu por sua perseverança; Pedro de Alcantara está rodeado de seus irmãos, que o observam, choram e o admiram; o pobre de Jesus

Christo despe seu habito e pede outro mais velho com que se envolva depois de morto. O superior olha em torno de si, e não encontrando quem ostente tal despreso, veste a reliquia inestimavel e lhe dá em trôco sua tunica. O corpo do penitente semelhava-se ás raizes reseccadas, sua pelle está denegrida e queimada com o fogo da mortificação, e o frio da morte agita seus membros lividos e descarnados. Um moço religioso se approxima e intenta estender sobre elle um lençol: « Retira-te, grita-lhe o lutador, ainda ha perigo, o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate!... O justo imprime seus labios no signal adoravel da redempção... Pedro de Alcantara subio ao throno de Deus!!...»

S. Francisco de Borja e o grande apostolo da India, S. Francisco Xavier, deixaram renome no mundo por seus feitos estrondosos; eram membros da ordem dos jesuitas e outros muitos ornamentos do claustro, que fizeram parte da milicia celestial.

E ainda ha poucos annos tangeram em sons festivos os sinos da soberba cathedral do christianismo, illuminou-se a capella de S. Pedro e o palacio do Vaticano. A basilica catholica, trajando as galas mais primorosas e profusamente illuminada, abre de par em par suas portas e dentro em pouco fica literalmente cheia.

Rompe a orchestra seus hymnos repassados de religiosa melodia, repercutem nas abobadas do santuario, trôa a artilharia no castello do Santo Angelo, annunciando ao mundo que o grande e immortal Pio IX canonisou n'aquelle dia os santos martyres do Japão. E quem eram esses homens, que conquistaram a santidade? Eram frades menores da ordem de S. Francisco, que abrilhantaram a extensa galeria dos santos da côrte do céo e as glorias de seus claustros com esses novos luzeiros da igreja catholica.

XIX

Acabámos de mencionar os nomes e os serviços que ao altar e á patria prestaram, no correr dos seculos, as ordens monasticas no Brazil, e tambem os serviços e

[illegible] estudando essas tradições, que se perderam de vista do tempo, para com ellas planearmos o futuro da geração presente e das futuras.

A tradição gloriosa do passado é o mais poderoso meio para despertar a indifferença e a cataplexia da geração que [illegible] fascinada ao reflexo luminoso [illegible] que resplandeceram nos [illegible] S. Francisco [illegible] e S. Bento, tanto na cidade do Rio de Janeiro como nas provincias do imperio. Cheios de emulação e brio procurarão imital-os, para que no futuro sejam seus nomes e seus feitos tambem dignos de ser [illegible].

O distincto orador francez Lacordaire, que, com seus altivos talentos e vasta erudição, fez época no pulpito da cathedral de Pariz, fallando da tradição disse:

« Para com Deus, que vive de um acto unico e eterno sem preterito e nem futuro, a tradição não existe: para tudo porém quanto vive sujeito á successão, para tudo quanto existe no tempo, a tradição é um elemento de vida necessario; porque a tradição não é sómente a memoria das cousas que foram, é tambem a continuidade do passado no futuro.

« A vida sem a tradição seria uma sequencia de momentos sem nexo, uma gota de agua caindo após de outra gota; faltar-lhe-ia a unidade, e o homem nem siquer poderia segurar-se da identidade de sua propria existencia. Com effeito, si depois que o homem nasce, um momento se não ligára a outro momento; si uma idéa se não prendéra á outra idéa, si, ao erguer-se de manhan da cama, um poder desconhecido lhe não atára o momento em que desperta ao momento em que adormeceu, a sua existencia se fraccionaria, e por mais que fizesse, nunca o homem poderia unir o seu passado de hontem com o seu presente de hoje. Ha portanto no tempo um poder que fórma a cadêa, a unidade; esse poder é a tradição.

« A tradição é o liame do presente com o passado, é por meio d'ella, que, ligando em uma só todas as horas, os annos e os seculos, gozais a posse de vós mesmos como

de um ser unico e permanente, não obstante a rapidez das ondas que vos arrebatam: é tambem a tradição a que concentra as gerações em um unico ser moral que chamais familia, as familias em um só corpo que chamais povo, os povos em um só todo que denominaes genero humano. Sem a tradição, que mantém a unidade na successão, o universo seria um aborto eterno, morrendo a cada instante de sua incessante creação.

« Tudo o que a tradição é em si, ainda porém não vol-o disse. A tradição não é só o liame, que ata o presente ao passado, é tambem o que liga o passado ao futuro. E' lei soberana das cousas, que o fim seja proporcionado á origem, e por conseguinte que o conhecimento da origem revele infallivelmente o segredo do fim. »

Os claustros e o clero no Brazil são ricos de tradições, mas essas tradições já se tinham apagado na memoria do povo; forçoso se tornava revivêl-as, e essa foi a nossa tarefa.

Penetremos n'aquelles eternos dormitorios da morte, resuscitemos os nomes e glorias passadas d'esses distintos celibatarios, que, no vasto theatro do mundo, prestaram tão valiosos serviços, em sua passagem para a eternidade. A resurreição gloriosa do passado dos claustros e do clero fará forçosamente renascer a crença no presente, e preparará um futuro tão glorioso como foi o passado. O passado é, como acabámos de descrever, riquissimo de nomes illustres e de serviços importantes. O presente é pallida sombra do passado, pela descrença e abandono. O futuro será tão rico ou mais rico do que fôra o passado, si a emulação, imperando no animo d'aquellas illustres e respeitaveis corporações as encorajar e reviver.

Longe e bem longe vão esses tempos, em que as ordens religiosas e o clero brazileiro conquistaram tão brilhante nomeada. Hoje esses conventos estão despovoados, não tanto pelos estragos da morte como pelas guerras intestinas que n'elles têm lavrado; guerras que lhe trarão a exterminação completa, porque, salvando honrosas e rarissimas excepções, os religiosos que os habitam são os primeiros que contribuem para a sua extinção, e que

olham com olhar de revés para aquellas habitações da virtude e sabedoria, reliquias preciosas de seu sublime passado, para aquellas pedras ennegrecidas e esboroadas pela acção destruidora dos tempos, para aquelles poemas de pedra e cal, que ali permanecem, affrontando os seculos sem o menor sentimento de saudade, sem ligar ás reliquias preciosas e tradicionaes de seu passado a mais pequena importancia, e só almejando que no relogio augusto dos tempos sõe a ultima hora da existencia d'esses augustos e veneraveis santuarios da religião, santuarios que nunca deveriam deixar de existir, não só por estarem cobertos com a poeira dos seculos e pelas tradições ricas e gloriosas que a elles estão ligadas, como porque elles ainda podem prestar os mais assignalados serviços á religião e á patria, á sociedade e ao Estado.

Nunca deveriam acabar e sim deveriam florescer, não só por ser esse o espirito de seus santos fundadores, como porque a seus patrimonios estão ligados e vinculados votos e onus, que, cancellados hoje pela mão da morte, ordena a religião, que sejam respeitados em todos os tempos; e as leis humanas, em harmonia com as leis divinas, tambem não as hão de violar nem profanar, e antes pelo contrario as deverão proteger.

A ordem beneditina é opulentissima, a carmelitana é bastante rica, e a dos capuchinhos é pobre, porque é essa a regra que professa. As primeiras têm patrimonios rendosos mais que sufficientes para sustentar o esplendor de seus cultos; a ultima tem a caridade publica, que sempre lhe facilitará os meios de viver, além de que não é de todo destituida de patrimonio, que muito póde augmentar com o correr dos annos. Esses ricos patrimonios, sabia e economicamente administrados, offerecerão áquellas distintas corporações meios mais que sufficientes de prosperarem; mas para isso acontecer, é preciso, que sejam ellas reformadas, e que essa reforma seja feita com criterio e prudencia; pois a descrença é tal que sem a roforma impossivel será florescerem e existirem.

Vem a proposito lembrar, em relação á reforma das ordens religiosas do Brazil, o chistoso dito do cardeal

arcebispo de Braga * no collegio cardinalicio: « Santissimo padre, disse elle, os eminentissimos cardeaes precisam de uma eminentissima reforma». Assim dizemos nós, as ordens religiosas do Brazil precisam de uma reforma, e de uma reforma severa; e cremos piamente, que depois d'essa reforma, que deverá ser feita pelos delegados nomeados pelo governo, em harmonia com a Santa Sé e com os bispos das dioceses e prelados das ordens, se arrancarão pela raiz as causas de sua decadencia, e ellas se erguerão então do somno do indifferentismo em que jazem, e trilharão o caminho do progresso, livres d'esses abutres, que, tendo as procurado por mera especulação, ahi viviam em santo ocio em *dolce far niente*, disfructando e gozando mal e indevidamente os reditos do patrimonio, que assim era desviado d'aquelles fins pios e religiosos, para os quaes foram doados. Desapparecerão tambem com a reforma esses contratos fabulosos e lesivos aos legitimos interesses dos conventos, que têm sido feitos sem a sancção legal da autoridade competente, e então surgirá a verdade pura e sublime como ella é. Lançados assim para fóra os mercadores do templo do Senhor, esses filhos prodigos e degenerados, e substituidos pelas vocações puras e sinceras, teremos a fortuna de ver renascer de novo, cobertos de gloria, esses conventos, tradições gloriosas dos tempos que longe vão.

Mas pensais vós, que esses religiosos, que ahi se abrigaram por mera especulação, querem a reforma, e com ella a vida de seus conventos, e a veneração das gloriosas tradições do seu passado? Não querem tal. Esse dezejo só nutre o religioso illustrado e virtuoso, que ali vive contente em seu retiro, lamentando em o silencio de sua cella a decadencia da sua ordem, orando á Deus pela regeneração d'ella; porque esse religioso de coração aprocurou com a pureza da consciencia, renunciou os gozos do mundo, com prazer vestio o burel e com satisfação cumpre os deveres de seu ministerio, e ama a sua ordem como Deus aos anjos. Esse dezeja a reforma e bem dirá a hora em que ella apparecer, como o anjo da salvação, e

* D. Frei Bartholomeu dos Martires.

agradecerá reconhecido esse favor. Aquelles não a querem, porque dezejam o aniquilamento completo de seus conventos e que o governo imperial faça quanto antes partilha do patrimonio, afim de tocar-lhes grossas fatias, e assim passarem o resto da vida no remanso da paz e dos prazeres do mundo.

Pensais ainda, que esses filhos ingratos e degenerados dezejam, que as ordens se extingam por si, e que suas portas se cerrem com o obito do ultimo representante do clero regular? Não, elles não querem tal, isso não lhes serve, e nem tão pouco serve-lhes a reforma; o que dezejam é ver realizar-se o seu sonho dourado, é que o governo imperial mande avaliar o patrimonio pelo seu valor real, e que, permutado em tantas apolices quantas representarem o valor real d'essa avaliação, as distribua por seus membros em partes iguaes, para, no santo ocio e nos prazeres e delicias do seculo, fruirem seus rendimentos livres dos onus e dos encargos ligados a esses onus, e assim passarem os restos de seus dias. Procedendo o governo assim, será para elles um Deus.

Perguntai ao monge illustrado e moralisado, que ama de coração ao seu claustro, o que elle dezeja; elle vos responderá: « O esplendor do meu convento, ou a morte gloriosa debaixo de suas ruinas; o meu habito, que adoro como á Deus e á vida, só o largarei, quando tornar-me cadaver, e fôr o meu corpo entregue á sepultura, e só os vermes da terra o poderão arrancar-me. » Honra a esses dignos filhos dos claustros que assim pensam, e que felizmente ainda são muitos e que fazem bem pensando assim.

Longe e bem longe estará o governo, pensamos nós, de acompanhar o pensamento dos filhos ingratos d'aquelles claustros e pelo contrario procurará, em harmonia com a curia romana, com os bispos diocesanos e com os prelados d'aquellas religiões, tratar da reforma d'aquelles conventos; e depois de estirpar os abusos e separar com prudencia o falso do verdadeiro, o trigo do joio, decretará a abertura do noviciado ás vocações puras e sinceras da juventude estudiosa e moralisada, que, comprehendendo os encargos e deveres á ellas annexos, concorrerão para o esplendor da ordem, em que professarem.

XX

A reforma, depois de cortar o nó gordio que entorpece a marcha triumphante e gloriosa dos religiosos no Brazil, marcará para cada um dos mosteiros e conventos um numero certo e invariavel de monges e de frades, não só para os conventos da côrte, como para o das provincias, cidades e villas do interior, e então abrir-se-ão as portas do noviciado á mocidade, que as fôr procurar com vocação sincera e pura e com amor dedicado á religião, até que se complete o numero estipulado e fixo, e logo que elle esteja completo, só por vagas se admittirão outros.

Tanto nos conventos e mosteiros das capitaes, da côrte e provincias, como nos das cidades e villas do interior, se abrirão aulas, quando já não as tenham, para o ensino primario e secundario, onde a mocidade desvalida possa receber a educação moral, civil e religiosa, e assim habilitar-se para professar a regra do claustro em que tiver aprendido, quando sua vontade e vocação seja essa; e quando porventura seja outra, o convento estenderá o manto de sua valiosa protecção matriculando-os nas faculdades de direito, theologica, medica, e nas academias de marinha, militar e das bellas-artes, ou no instituto commercial, e assim teremos no correr dos tempos sahidos das aulas, dos claustros e por elles protegidos, estadistas, lentes, mathematicos, moralistas, theologos, canonistas, jurisconsultos, medicos, advogados, chimicos, cirurgiões, physicos, artistas e finalmente homens profissionaes em todos os ramos das sciencias e artes, e assim essa juventude se habilitará para um dia ser chamada a preencher na sociedade civil e religiosa as vagas, que o archanjo da morte, em sua missão destruidora, vai constantemente abrindo nas fileiras da humanidade.

As artes mecanicas e liberaes poderão tambem ser ensinadas áquelles jovens que a ellas se quizerem dedicar, com cujo beneficio poderão ganhar o pão da subsistencia e servir de arrimo a seus pais, e a suas familias, e ainda uteis á sua patria.

A famosa companhia de Jesus legou-nos a mais valente prova dos beneficos resultados colhidos d'esse processo, resultado que perfeitamente correspondeu á espectativa, e por isso de suas aulas sahiram esses talentos raros e distintos, que abrilhantaram as sciencias e as artes, em cujo cultivo se esmeravam tanto.

O seminario episcopal de S. José poderá ser elevado á categoria de faculdade theologica e canonica, e cremos, que n'esse sentido existe um projecto no corpo legislativo, ou já lei sanccionada. N'essa faculdade receberão o grão de bachareis em direito canonico os estudantes, que com aproveitamento e louvor frequentarem as aulas do 1° ao 5° anno; e o grão de doutor em sacra-theologia será conferido áquelles que, sustentando e defendendo these, obtiverem approvação plena.

Todos aquelles estudantes, que se destinarem ao estado ecclesiastico, deverão ter o curso cumpleto da faculdade, e com o grão de bacharel se lhes conferirão tambem as ordens do presbiterato, e assim o clero do Brazil será dentro em pouco um clero modelo. Si no paiz não ha lentes que tenham as precisas habilitações para o ensino d'estas materias, o que não é de crer, a duvida n'este caso é facil de resolver-se.

Venham elles da Europa ou de qualquer outra parte do mundo, e bem certo estamos, que com vantajoso partido elles virão, e transmittirão seus abalisados e profundos conhecimentos á mocidade estudiosa, e das primeiras turmas que ahi obtiverem o grão de bachareis escolher-se-ão os mais habeis e talentosos, e serão noneados lentes cathedraticos da faculdade; e assim pouco a pouco os lentes estrangeiros serão dispensados e dignamente substituidos por capacidades filhas da mesma faculdade theologica e do paiz.

O seminario episcopal de S. José tem patrimonio mais que sufficiente para ser elevado á categoria de faculdade theologica, e quando mesmo o não tivesse, os claustros poderiam auxiliar, contribuindo com uma quota annual, e em compensação d'essa contribuição ficariam com o direito a um certo numero de lugares, onde poderão seus coristas e collegiaes frequentar aulas e obter o grão

de bacharel ou de doutor, quando suas regras a isso se não oppuzerem.

As aulas primarias dos claustros de S. Bento, Carmo e Santo Antonio trarão a vantagem immensa não só de alargar os horizontes á instrucção publica da mocidade brazileira, como de propagal-a e estendel-a aos lugares mais longinquos, e assim os cofres da nação ficarão alliviados da enorme cifra destinada ao ramo da instrucção publica, não só n'esta côrte, como nas provincias, cidades e villas do interior, onde existirem conventos; isto com relação sómente ao sexo masculino, porquanto, havendo aulas nos conventos, e frades habilitados ao ensino das materias, que constituem a educação completa da mocidade, elles nenhum ordenado terão e nem gratificação, porque de seus conventos receberão a diaria; e assim os monges e frades illustrados e moralisados serão nomeados para exercer os lugares de directores e vice-directores de faculdades, reitores e vice-reitores, lentes de todas as sciencias e linguas, bibliothecarios, archivistas, chronistas, e outros lugares de alta confiança, sem dispendio de um só real dos cofres da nação.

O orphão de pai e mãi e os filhos desvalidos da fortuna encontrarão á sombra dos claustros agasalho, amparo e decidida protecção. Ahi terão elles casa, vestuario e sustento, e receberão a mais esmerada e fina educação.

Aquelles que por ardente vocação quizerem professar a regra da ordem e cingir o cordão e o burel serão admittidos ao noviciado, e depois de exhibirem as provas mais valentes de amor ao claustro e de san moralidade, e de cursarem com aproveitamento as aulas de faculdade theologica, si a regra da ordem em que professar isso permittir, se lhes conferirá com o grão de bacharel a ordem de presbiterato, e quando não permittam defenderão conclusões magnas, e com ellas terão as ordens sacras. Si porventura elles preferirem a samarra de S. Pedro ao burel ou cogula, se matricularão na faculdade theologica sob a protecção do claustro ou da propria faculdade, que tambem deverá gratuitamente facultar certo numero de lugares aos filhos orphãos, ou de pais totalmente pobres, e com o grão terão elles a ordem do sacerdocio.

Si quizerem seguir outra qualquer carreira civil, os claustros tambem os protegerão até os habilitar a poderem ganhar o pão da subsistencia por meio do seu suor e trabalho, e assim tornar-se-ão uteis á sociedade e ao estado.

Chamados a exercer qualquer emprego, elles o saberão desempenhar com tino e honradez, e felizes ou infelizes no jogo da sorte e das vicissitudes do mundo, nunca se hão de olvidar dos beneficios recebidos dos claustros, e serão os seus mais dedicados apologistas e defensores.

Quantos relevantes serviços não poderão prestar as ordens religiosas do Brazil n'esse sentido, não só á mocidade desvalida, a quem servirão de mentores, como ás sciencias e ás artes, ás letras e ás armas? Quantos talentos notaveis ali irão desabrochar, os quaes se perderiam por não terem meios para seguir a carreira literaria ou outra qualquer, e assim são forçados pelo imperio das circunstancias a seguir outro estado de vida mui diverso d'aquelle para o qual tinham vocação e gosto e que seguiriam, si a fortuna os favorecesse e tivessem protecção? E assim constantemente vemos a sociedade fóra dos seus eixos, por haverem lugares para os homens e não haverem homens para os lugares.

E por que razão? Porque aquelle que seria um estadista notavel, seguio a carreira do commercio; o que deveria ser um afamado commerciante, seguio a carreira das armas ou das artes; quem seria um medico notavel, ou um sacerdote illustrado, ou um orador de fama, com cujos dotes obteria as mais altas posições sociaes, passa para a eternidade obscuro e ignorado; o que não acontecerá protegido pelas ordens religiosas, que poderão dar o preciso amparo. Assim desapparecerão essas contrariedades e será padre ou frade, medico ou advogado, militar, artista ou commerciante, quem por sua livre e espontanea vocação e gosto quizer seguir qualquer d'estes estados, e no desempenho d'elles saberá mostrar-se grato a seus protectores, e a sociedade em geral muito lucrará; as classes serão dignamente representadas e educadas nos principios mais puros da moral e da religião. Como quereis, que os claustros façam esses milagres estupendos?

Não sabeis, que o mosteiro de S. Bento e o convento do Carmo devem sommas fabulosas?

Não sabeis, que o convento de Santo Antonio é pobre, e seu patrimonio mal chega para o sustento e vestuario de seus membros, e para a decencia e esplendor do culto?

E mesmo que S. Bento e o Carmo estivessem desembaraçados de dividas, não tinham renda para tanto. A essas objecções responderemos:

E' verdade, que o mosteiro de S. Bento deve somma fabulosa; o Carmo tambem não deve pouco, e Santo Antonio é pobre; mas a razão é simples e vamos mostrar em como ainda a reforma poderá fazer cessar esse mal e pagar esse debito. Perguntamos nós agora:—Do que serve ao mosteiro de S. Bento e ao convento do Carmo esse numero consideravel de bens ruraes e urbanos, e essa immensa escravatura?

Porventura essas fazendas, esses predios e essa escravatura darão um juro proporcional ao capital empatado? Ou antes servirão para desfalcar e diminuir de dia em dia o patrimonio, já pela mortandade da escravatura, já pela ruina das fazendas e dos predios e já finalmente, pelos premios que pagam á praça dos supprimentos de dinheiro? E ainda mais não servirão antes para ostentar o luxo da hospedagem eterna em os mosteiros a personagens que com os seus rendimentos podiam muito bem deixar de estar onerando aquellas corporações já tão oneradas?

E não seria mais agradavel aos olhos de Deus e aos fundadores dos pios institutos, que esses desperdicios, essas ostentações fossem applicadas á amortização da divida ou a matar a fome e a cobrir a nudez da immensa miseria, que existe em avultadissimo numero n'esta capital?

Não será o exercicio d'essas obras de caridade mais agradavel aos olhos de Deus?

Essas fazendas, predios e escravos avaliados por seus justos valores e permutados em apolices da divida publica, não dariam uma renda extraordinaria e certa, livre de despezas e onus, concertos, calotes, decimas dobradas, morticinio da escravatura, despezas de medico, botica, vestuario e outros accessorios?... Não precisa consultar

os mais celebres economistas para conhecer-se, que esse calculo é vantajoso e infallivel.

O que rendem essas fazendas? O que produzem ellas e quaes os generos que remettem ao mercado? Estará essa producção e seu rendimento em relação ao capital empatado em terras, casas e escravatura? Si não está, como cremos, que não póde estar, para que querem os monges e os frades fazendas que nada produzem, e que antes pelo contrario perdem de valor todos os dias, além das enormes despezas que reclamam o seu custeio e sustento?

Valerá a pena esse sacrificio, esse empate de capital immenso e improductivo para mero passatempo e recreio? Pois outro fim não tem sinão a distração; e essa distração traz comsigo o gravissimo inconveniente de esquecerem-se os monges dos deveres de seu ministerio e de infringirem as leis monasticas.

Os predios urbanos, por mais bem alugados que estejam, pagando decima dobrada, sujeitos a calotes, a concertos e aos estragos do tempo, serão capazes do dar uma renda equivalente ao valor empatado, ou mesmo de trez partes d'esse valor? Permutados em apolices da divida publica, não darão ellas em todos os tempos uma renda certa e invariavel de 6 % livres de trabalhos, concertos, decimas e outros ouus?

Não era isso mais vantajoso e lucrativo aos conventos e ao Estado? Aquelles tinham uma renda certa com que podiam contar, e este muito lucraria com as vendas d'esses predios á propriedade particular; pois passando constantemente a novos proprietarios, a nação ganharia sempre a siza, que aliás perde sendo elles de propriedade de mão morta; e essa siza é muito mais vantajosa para o Estado do que a decima dobrada que elles pagam.

A escravatura?... Parece incrivel, que á luz bella do seculo XIX os monges e frades possuam escravos, quando a escravidão quazi tem desapparecido da face do mundo e com ella o immenso cortejo de seus males.

Quando o imperio americano marcha na vereda do progresso, extinguindo com prudencia e lentidão esse cancro social, por ser mister respeitar os interesses

particulares e do estado, substituindo o braço escravo pelo braço livre até completa extinção da escravatura, é bem notavel, que as ordens religiosas possuam ainda escravos, que não lhes dão um juro proporcional ao capital empatado, não só com offensa ás leis divinas que contra isso bradam, como com prejuizo immenso de seus proprios interesses!

Não fôra melhor e mais agradavel aos olhos da divindade, que esse capital empatado fosse permutado em apolices da divida publica, que daria um juro certo de 6 %?

Não appareceria assim uma fonte de receita immensa, e não desappareceriam uma das immoralidades e despezas certas?

E a escravidão não desappareceria do centro das ordens religiosas, sem prejuizo de um só real? E não iriam esses escravos passar ás mãos da lavoura, que tanto necessita de braços para progredir? A reforma trará essa vantagem economica aos conventos; elles terão rendas, pagarão as dividas e prestarão reaes serviços á humanidade. O governo, por meio de uma lei do corpo legislativo, permutará essas fazendas, escravos e predios em apolices da divida publica, que serão entregues aos mosteiros e conventos, a cuja ordem pertencerem os bens, e assim terão elles renda certa, sem duvida, e o governo lucrará e elles não perderão.

A ordem de S. Francisco, que tem escasso patrimonio, terá maior com a indemnisação em apolices, do valor real do convento de São-Paulo, em que existe o curso juridico, e do convento da ilha, ha pouco tomado para estabelecer-se o asylo dos invalidos da patria; é isso um acto de verdadeira justiça, é uma restituição que honrará ao governo imperial.

Vendidos os predios e as fazendas por seus justos valores, e permutados em apolices e constituidos assim os patrimonios das casas religiosas, ainda se dirá, que não têm renda, e que não poderiam ellas fazer os beneficios, que indicámos? Não haverá renda para isso? Haverá certamente, não só para o fim que indicámos, como ainda para o maior esplendor do culto, decencia de seus templos, riqueza e pompa de suas solemnidades, e ainda mais para

espargirem com mãos largas esmolas e socorros ás familias necessitadas. que em suas preces bemdirão aos céos, gratas por tão grande beneficio.

XXI

Esses jovens religiosos, assim illustrados e moralisados, terão vastos horisontes para ostentarem as galas de sua intelligencia e virtudes. Na catechese e na civilisação dos indigenas poderão elles obter os mais honrosos titulos, pelos serviços extraordinarios que podem prestar á religião e á patria, chamando ao gremio do catholicismo essa immensa multidão de homens que vivem no interior das nossas matas quaes brutos animaes.

Chamados por elles á civilisação e instruidos convenientemente, não poderão esses gentios, até aqui inuteis, tornar-se excellentes soldados e marinheiros, engrossando as fileiras do nosso exercito e o pessoal tripolante da marinha mercante e de guerra?

Com a palavra e o exemplo farão elles na catechese dos indios mais do que muitos conquistadores fariam com seus numerosos exercitos e com suas poderosas esquadras.

Sigam as pégadas do grande Antonio Vieira, de Antonio de Sá, de Manoel da Nobrega, de Luiz da Gran, de Francisco Pinto, de Apiscuelta Navarro, de João de Villar, de Antonio Pereira, de Leonardo Nunes, de Ignacio de Azevedo e seus companheiros, dos Nunes, dos Rodrigues e dos Pires, de Antonio Ignacio de Azevedo e do famoso thaumaturgo do Brazil o veneravel padre José de Anchieta e outros, que com a magia da palavra que de seus labios partia como o relampago do seio da nuvem, e com a virtude suave e branda como o effluvio do céo, armados unicamente do Evangelho e do crucifixo, chamaram ao gremio da religião catholica essas tribus immensas, que viviam sem Deus e sem lei nos vastissimos sertões do Brazil, e com tão assombrosos feitos enriqueceram as chronicas da companhia de Jesus, a que pertenciam. O mesmo fizeram os franciscanos, beneditinos e

carmelitas, que colheram os mais verdejantes louros, deixando seus nomes estereotypados em caracteres de ouro nas paginas da historia patria, não só pela multidão immensa dos filhos das matas, que se converteram ao catholicismo, como pelas obras grandiosas dos templos, que em honra da Magestade Divina erigiam por toda a terra do Brazil. O Pará, a Parahiba do Norte, Piauhy, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São-Paulo, Minas-Geraes, Santa-Catharina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiaz foram os theatros onde colheram applausos e triumphos. Os dezejos mais ardentes pela salvação das almas, inflammando seus corações, os seduziram a trocar as commodidades da vida por amor da religião e da gloria.

Eil-os marchando intrepidos, affrontando a morte, procurando o gentio no interior das matas, subindo ao cume das serras mais alterosas e dos penhascos mais inaccessiveis, e penetrando no interior dos bosques mais espessos. As intemperies do tempo não embaraçam sua marcha triumphante; no meio da mais horrorosa tempestade e do sol ardentissimo elles voam sempre, atravessam os rios mais caudalosos, não se amedrontam do rugir medonho das feras, alimentam-se dos fructos silvestres dos bosques, e não descansam em sua intrepidez apostolica emquanto não encontram o alvo de seus sonhos e dezejos. Ao avistarem as tabas abrigadas á sombra dos frondosos cedros, braunas, jacarandás e jequitibás, e outros altivos gigantes das florestas, surgia em seus corações o jubilo e a satisfação, e armados de crucifixo e do codigo da lei divina, que são as suas unicas armas, vestidos da roupeta ou do saial, marcham impavidos até ao centro das tabas sem medo da morte. A' vista dos apostolos do progresso e da civilisação, esses povos barbaros e selvagens correm espavoridos dos centros dos bosques, e com suas sétas envenenadas os acommettem e dão-lhes a morte.

A morte do companheiro não os apavora, não os amedronta, não os desanima, antes pelo contrario os encoraja em sua gloriosa missão. Prestam ao finado companheiro os officios da sepultura e da religião. Quando o missionario assim topava os restos do companheiro, dava-se

pressa em fazer-lhe as honras funebres, e cheio de grande jubilo cantava um solitario *Te-Deum* sobre o tumulo do martyr. * Procuram de novo o gentio, não para exercer vingança da morte do companheiro, mas sim para fazer-lhe ouvir a palavra de Deus. E com a palavra e com o exemplo conseguiram, depois de porfiada luta e de sacrificios inauditos, atar á cruz de Jesus Christo o Tamoyo, o Tupi, o Guaicurú, o Caeté, o Guarani, os Tupinambás, os Botocudos, os Tupiniquins, os Goitacazes, os Coroados, os Anhangatingas, os Guaianes, os Toras e Jaguaris ** e outros selvagens que viviam errantes nas matas do vasto territorio do Brazil, desde as margens do Amazonas até as cabeceiras do Prata.

Ao poder immenso da palavra de Deus, pronunciada por esses famosos missionarios, viram elles, como por encanto, esses altivos filhos das matas abjuram a lei de Tupan, descrêem dos curupiras, machacheras, anhangaz, juruparis, pagés, maraguiganas e outros espiritos máos. Abraçados com a cruz de Jesus Christo, depõem aos pés do missionario seus tacapes, seus arcos, suas aljavas, suas setas envenenadas e destruidoras, o cinto e o resplendor das pennas de guará, os urucús e o collar dos dentes dos vencidos. *** Despem a pelle do jaguar e do canguçú e cobrem sua nudez com as roupas da civilisação. Recebem com satisfação e prazer as aguas santas do baptismo, e offerecem aos abarés, pois assim denominam aos missionarios, suas mulheres e suas filhas, as quaes estes rejeitam e por gestos e signaes, fazendo-lhes comprehender que na sua religião a virtude da castidade é da mais pura moralidade e sua divisa e brazão.

Offerecem em suas igaçabas o nauriay o cauim e outras bebidas de seu uso e industria, e mostram-se contentes por serem ellas aceitas. Acompanham o missionario, servem-lhe de guia em sua missão civilisadora dos

---

* V. Chateaubriand, *G. do Christianismo*, cap. 1. Missão do Paraguay.

** Chorographia Brazileira do Dr. Mello Moraes. 1ª edição, 3º e 4º vols.

*** Da Confederação dos Tamoyos, poema do Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães.

povos, procuram seus companheiros para serem catechisados, mostram ao missionario as pégadas impressas nas rochas, que deixára o apostolo S. Thomé, e descortinam as riquezas do sólo do Brazil.

Novas tribus apparecem, ouvem a palavra de Deus, trocam a barbaria pela civilisação. Aprendem a doutrina catholica, as artes e os officios, erigem templos magnificos ao Rei do Universo, transformam suas tabas em aldêas, que são hoje cidades importantes por seu commercio e industria e tornam-se cidadãos uteis ao paiz. Os missionarios compõem compendios de vocabulos da lingua tupi e guarani para melhor fazel-os comprehender as pompas do christianismo.

No meio d'essas immensas florestas, o missionario admira as soberbas maravilhas do Creador; elle vê, á noite, brilhar no céo puro e diaphano o Cruzeiro do Sul. Elle se extasia ante o ruido da cascata immensa, que se despenha do alto das serras, levando suas aguas puras e cristalinas a fertilisarem o sólo. Elle vê essa primavera eterna, essa luxuriante vegetação, essa pompa da natureza brazileira!

As flôres silvestres com seus delicados e exquisitos perfumes recream-lhe o olfacto, ali cresceu o manacá, a baunilha, o alecrim, o cravo, a canella e o resedá, que ornamentam esses famosos jardins da natureza. Encantam-se ao ouvir essa harmoniosa e suave cantilena dos plumosos cantores dos bosques, que, ao raiar da aurora ou á hora do crepusculo, parecem render preces ao Creador em seus hymnos sonoros, ternos e melodiosos.

O sabiá no leque da palmeira desprende brando queixume, a patativa, o coleiro, a viuva, o gaturamo, o canario e o aracuan gorgeiam mimosas cantilenas, acompanhados pelo encontro e pelo bicudo, que em extensos taboleiros vivem, crescem e morrem. As araras, as jandaias, os periquitos, as maitacas, os tucanos e os tiês com suas plumagens multicores esvoaçam de galho em galho com descompassado alarido.

A rôla e a juriti gemendo saudosas no amago dos bosques, donde sôa o ferreo brado da araponga contrastando com o canto tristonho do jaburú, tudo isto os

distrae, os encanta e os faz viver satisfeitos e contentes em sua obra da missão civilisadora dos povos.

Os filhos dos claustros, na catechese e civilisação dos indios, têm ante os seus olhos vasto horisonte para prestarem uteis serviços a Deus, á humanidade e á patria.

Além dos exemplos de seus antepassados, que acabámos de reviver, que legaram-lhes tão altos feitos e tão valente fama, ainda no seculo actual terão um exemplo vivo a imitar na pessoa do Dr. João Carlos Pereira Ibiapina, natural da provincia do Ceará, que, tendo frequentado o curso de direito, com aproveitamento e louvor, obteve o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Advogando com excellente reputação no fôro de sua provincia, seguio a carreira da magistratura até ser juiz de direito. Pretendeo consorciar-se e fruir as delicias do thalamo conjugal, mas contrariado n'essa pretenção, magoado, aborrecido e enjoado das mentiras, das vaidades e das lisonjas do mundo, despio a toga de magistrado, cingio-se do burel do capuchinho, desprezou as doutrinas de Pascoal José de Mello Freire, as Pandectas, o *Corpus Juris Civilis*, Lobão e outros juristas e praxistas, fecha o codigo da lei humana, abre o codigo da lei divina, abandona a capital da terra do seu nascimento, e apparece nos sertões e serra de Ibiapaba, atando á cruz de Jesus Christo o indio das matas.

A fama de seus feitos ecôa aos ouvidos do governo, este o nomeia para os bispados vagos, elle rejeita pelo goso da missão. Para elle o son da inubia e do maracá tem mais harmonia do que as mais primorosas symphonias das orchestras das cathedraes; o bordão e o barrete têm para elle mais valia do que o baculo e a mitra. O burel e o cordão é para elle mais caro e mais estimavel do que a samarra de seda rôxa e a cruz de ouro pendente.

A gruta do rochedo tem para elle mais encantos, mais pompas do que o solio episcopal e o docel. Elle vio o mundo, fruio seus commodos e delicias e voltou-lhes as costas e d'elle mais nada quer.

Seu sonho dourado é a conquista do indio pela religião e a morte do Justo.

Sigam pois os novos filhos dos claustros esses exemplos altamente sublimes e edificantes, que lhes legaram seus antepassados, certos de que assim terão as bençãos de Deus e a gratidão de seus compatriotas, a palma da immortalidade e a visão beatifica do Altissimo.

Confundam com seus exemplos e com suas palavras áquelles que julgam e acreditam, que o monge e o frade são, á luz do seculo XIX, um anachronismo na sociedade, que estes mesmos que assim pensam e julgam reformarão seus juizes e se tornarão seus apologistas.

Os capuchinhos italianos têm prestado bons serviços na catechese dos indios; seria ingratidão não reconhecer e confessar, porém melhor será, que seja ella feita por frades e monges brazileiros, que terão a vantagem immensa de não viciar a linguagem portugueza, como elles a viciam independente de sua vontade.

Portanto temos evidentemente mostrado, que os conventos de S. Bento, Carmo e S. Francisco poderão muito bem concorrer com o concurso de seus filhos para a catechese e civilisação dos indios.

XXII

As capellanias do exercito e da armada, das fortalezas, das prisões, dos hospitaes e dos asylos de invalidos poderão muito bem ser exercidas pelo clero regular, e no exercicio d'esses empregos elles mostrarão zêlo e aptidão a par da boa ordem, regularidade, moralidade e disciplina, e ainda sem dispendio do cofre da nação, quando porventura a nomeação recair em religiosos da ordem de S. Bento ou do Carmo, que, sendo poderosos e muitos ricos, podem muito bem prescindir de ordenados e gratificações, e em compensação os membros d'essas communidades, que forem pelo governo imperial chamados ao emprego acima citado ou ao exercicio de outro qualquer de alta confiança, receberão de seus conventos uma diaria maior do que aquella que percebem aquelles que não exercem emprego nenhum, e assim, si estes tiverem

a diaria de 3$000, terão aquelles a de 6$000, ou quando muito a de 10$000, que sahirá da renda do rico patrimonio de seus conventos e mosteiros.

Os franciscanos, que não têm absolutamente patrimonio nenhum, e que são extremamente pobres, vivem do appello á caridade publica, com que outr'ora obravam prodigios estupendos, pedindo para dar, e nunca lhes faltando para o necessario, como o attestam as chronicas de sua ordem e o testimunho ocular e valioso de muitas pessoas respeitaveis, que transmittem e comprovam o facto de que á portaria de seus conventos distribuiam elles a refeição, com que matavam a fome aos pobres e a mais de 50 familias indigentes, que ali iam quotidianamente receber o pão da subsistencia. E ainda assim sobrava-lhes para a decencia do culto e para o brilhante esplendor de suas solemnidades, que ainda hoje são dignas de ver-se e admirar-se, ao passo que as festas em S. Bento e no Carmo, que, pela riqueza de seus conventos, deviam ser pomposas e solemnissimas, como requer a religião catholica, quazi que passam despercebidas.

Os religiosos capuchos, que forem chamados aos empregos de capellães, ou a outros quaesquer de alta confiança, deverão receber ordenados e gratificações, que servirão para augmentar a verba da escassa receita de seus conventos, e então elles no exercicio d'esses empregos terão uma diaria maior do que aquelles que os não exercerem.

A idéa de nomear-se o monge e o frade para as capellanias do exercito e da armada, não é nova, é contemporanea das grandes conquistas e descobertas do reinado venturoso de el-rei D. Manoel 1° de Portugal, como passamos a comprovar com o seguinte facto historico. Quando em 1500 Pedro Alvares Cabral aportou a Porto-Seguro, levantando o estandarte da Cruz, que deu o nome á terra descoberta, fez celebrar em um ilhéo de Porto-Seguro o santo sacrificio da missa em acção de graças ao Altissimo pela descoberta, que immortalisára seu nome e tanto enriquecia a corôa luzitana.

Quem celebrou pois essa missa, a primeira do Brazil? Não foi frei Henrique de Coimbra, ajudado por seus

companheiros? E quem eram elles? Não eram frades menores da ordem de S. Francisco, que vinham como capellães na armada? Não foram elles que sanccionaram a posse da terra descoberta em nome de Sua Magestade Fidelissima por meio do santo sacrificio da missa, esse mysterio augusto e sublime da religião catholica? Si o clero regular no seculo XV, n'esse pio exercicio, colheu louros e ovações, porque os não colherá tambem agora e no futuro, quando mais dilatado espaço se lhes offerece?

Portanto os futuros religiosos brazileiros podem no emprego de capellães da armada e do exercito, das prisões, fortalezas, hospitaes, e do asylo de invalidos da patria distinguir-se com coragem e denodo, e prestar á patria mui bons serviços, como prestaram seus antepassados; pois durante as guerras da independencia muitos religiosos, tanto beneditinos como franciscanos, prestaram-se ao exercicio de capellães do exercito e da armada, onde muito se distinguiram.

XXIII

Si o clero regular nas missões e nas capellanias, pôde representar o mais brilhante papel, o mesmo poderá conseguir o clero secular, que na catechese e nas capellanias tem amplo espaço para desenvolver-se. As missões do indio além das vantagens immensas, que já descrevemos, têm mais a poderosa magia de desarmar o punhal e o bacamarte do desatino. Quantos crimes celebres e horrorosos se teriam commettido e registrado na chronica criminal, si não fossem desviados pela influencia poderosa da palavra do missionario?

Não só n'esses como em outros piedosos exercicios o clero secular, illustrado e virtuoso, poderá colher os encomios mais bem merecidos. Haverá nada mais nobre para o ministro da religião de Jesus Christo, fiel cumpridor de seus deveres, do que o exercicio parochial? Que missão mais nobre, mais santa, mais pura do que essa, para ser desempenhada pelo clero secular? O paroco,

que cuidar com zêlo e escrupulo no fiel cumprimento de seus sagrados deveres, tornar-se-á digno das maiores attenções e respeitos da sociedade.

O paroco, como homem, não tem familia, sua esposa é a sua matriz, mas como paroco é o chefe espiritual da familia de seus comparochianos; sua congrua, seus emolumentos, sua bolsa, tirados os necessarios meios para a sua subsistencia, é dos pobres; elle é em relação á sua parochia o que o bispo é em relação á sua diocese. A sua missão é toda de paz, elle é o pastor, é o anjo de caridade, que vela pelo bem estar dos seus parochianos. Ao confissionario, na cadeira evangelica, na cabeceira do moribundo elle é o santelmo de bonança, que serena as tempestades da vida. A qualquer hora do dia e da noite, ao rigor do sol ardente e da mais horrivel tormenta elle correrá a prestar ao moribundo a consolação e a extrema-uncção a quem antes exhortára ao arrependimento de suas culpas, absolvendo-o e ministrando-lhe o pão dos fortes, e sentado á cabeceira do leito de agonia derramará nos ouvidos do moribundo palavras consoladoras, e só o deixará quando elle tornar-se cadaver.

Sentado na cadeira do confissionario, esse santuario do sigilo mais inviolavel e sagrado, esse tribunal immenso em que o sacerdote representa na terra a imagem do proprio Deus, elle poderá com sua palavra poderosa e abrilhantada pelo reflexo da mais casta virtude prestar ao Estado e á sociedade em geral os serviços mais transcendentes e valiosos.

O tribunal da penitencia está hoje quazi deserto, sem ter o prestigio que tivera outr'ora, prestigio que tem perdido por culpa propria dos ministros negligentes, que infelizmente, não comprehendendo a altura de seus deveres, têm, com seus exemplos pessimos, concorrido para afastar as familias do confissionario.

Felizmente para a sociedade brazileira rarissimos são esses factos, porque o nosso clero conta em seu seio muitos dignos ornamentos, e são rarissimas as excepções d'aquel'es que têm abusado. O paroco illustrado, compenetrado da mesma responsabilidade de seus deveres, com seus conselhos, abrilhantados pelo exemplo de

moralidade, chamará e attrahirá de novo o povo ao cumprimento d'esse dever religioso e sagrado, e então virá o chefe de familia com sua mulher, seus filhos, seus famulos, seus servos, cumprir com esse preceito, e então o confissionario readquirirá o prestigio de outr'ora.

Que triumpho não é e não será para o confessor ver a seus pés humilhados e arrependidos os reos confessos dos mais negros crimes, que, cheios de verdadeira contricção, promettem arrepender-se e emendar-se?

O filho prodigo, o assassino, o salteador, o adultero, o seductor, o magistrado corrupto, o devasso, o immoral, ajoelhados aos pés dos ministros de Deus, emendar-se-ão de seus erros, e fascinados ao clarão resplandecente da virtude, e seduzidos pelos encantos da palavra autorisada, se tornarão cidadãos uteis.

E porque o paroco virtuoso e illustrado conseguir póde tantos triumphos? Porque o povo vê, que para elle a virtude não é uma palavra van e sem significação; porque finalmente o povo vê, que elle é exemplo vivo e edificante do que faz e do que diz. Mas aquelle que, muito embora sabio, não fôr virtuoso, com suas palavras conseguirá o effeito contrario: porque é preciso e imperiosamente necessario, que o paroco seja virtuoso, e que seja illustrado; virtuoso para o exemplo, illustrado para na cadeira do confissionario aconselhar e no pulpito explicar a doutrina christan e os dogmas da religião catholica aos domingos e dias santos; antes da missa conventual explicará ao povo o Evangelho do dia, como fazia o grande e sabio padre Dr. Souza Caldas, que com os arroubos de seu talento prendia a attenção do povo, que, para ouvir a palavra de Deus transmittida por seus labios, vinha dos mais remotos arrabaldes á igreja de Santa Rita, theatro de suas glorias.

Como os encantos da palavra obrarão prodigios! Extinguirão os odios inveterados, as rivalidades mal extinctas, obterão o perdão das injurias, o crime fugirá espavorido, a virtude resplandecerá, e a sociedade caminhará triumphante. No fiel cumprimento de seus deveres angariarão as sympathias mais puras, as affeições mais profundas de todas as classes sociaes. O povo correrá

pressuroso ao templo do Senhor, e contribuirá para o esplendor de seu culto. As irmandades florescerão; mas para isso é preciso, que os parocos se convençam de uma vez para sempre, que elles são na sua parochia o anjo da paz, e não da discordia; velem pelo esplendor do culto, mas não se intromettam com o governo temporal d'ellas.

Zelem o espiritual e deixem ás irmandades o encargo do temporal, e assim morrerá essa luta, essa discordia, que por mais de uma vez se tem dado tanto na côrte como nas provincias.

O paroco, como o anjo da paz, cumprindo zelosamente os seus deveres, terá prestigio, terá respeito e terá consolação; como anjo da discordia perde tudo isso, e o culto soffrerá.

O paroco não deverá intrometter-se na politica do paiz; a sua politica é a igreja, porque assim viverá bem com o grego e com o troiano; o odio politico não deverá ter entrada em seu coração, porque esse odio acarretará uma infinidade de males, e o culto ainda soffrerá.

Reunam á sua illustração a moralidade, que tudo conseguirão, e a casa de Deus florescerá, e elles terão a estima dos povos e geral respeito e consideração.

Na quaresma, tanto o clero regular como o secular suba aos pulpitos, falle ao povo a palavra de Deus, fulmine os vicios, o luxo, a vaidade, a ostentação, a soberba, a avareza e a impiedade; estigmatise o protestantismo, que quer alçar entre nós o collo, realce com as flores de sua eloquencia as pompas da religião catholica e apostolica romana, que é a religião de nossos pais e do Estado, pois assim prestará um immenso serviço ao seu paiz, que se regosijará de ver em seus filhos, que seguirem o estudo ecclesiastico, um clero modelo, para que no futuro possamos, em todas as parochias do vasto imperio do Brazil, ter como parocos os educandos do clero brazileiro formados na faculdade theologica; e assim poderemos prescindir do clero estrangeiro, que aliás muito se tem prestado e mesmo distinguido n'esses serviços.

XXIV

Já temos demonstrado em como o clero secular e o regular, convenientemente illustrado e moralisado, tem na sociedade civil e religiosa direitos a exercer os lugares mais elevados, no desempenho dos quaes póde fazer sobresair os dotes de sua intelligencia. Já fallámos da catechese e da civilisação dos indigenas, em que tanto se distinguiram não só os padres jezuitas como os membros das ordens religiosas no Brazil. Já demonstramos em como na cadeira do magisterio o clero regular e secular se distinguirá, como se distinguiram seus antepassados, tendo hoje a seu favor outras vantagens que elles não tiveram, e essas vantagens são o grande desenvolvimento, que tem tido entre nós a instrucção primaria e secundaria.

No exercicio de capellães do exercito e da armada, demonstrámos em como o governo imperial poderia prover com o clero regular esses lugares, sem sacrificio dos cofres da nação. E ao clero secular no exercicio parochial fazemos sentir qual a importancia de sua posição, onde com a palavra autorisada com o exemplo, restauraria o confissionario, que assim readquiriria o prestigio dos tempos passados, e o povo, esquecido até agora dos seus deveres, despertaria e viria ouvir a palavra poderosa e fascinadora dos ministros de Deus. Passamos agora a tratar da oratoria sagrada, ou da eloquencia do pulpito.

No principio do nosso artigo revivemos os nomes dos grandes oradores brazileiros, que nos seculos passados e no actual souberam com seus talentos grangear tão alta fama, e agora vamos provar evidentemente em como com justiça elles adquiriram essa aurea, como para estimular os brios da mocidade brazileira no presente e no futuro.

O pulpito actualmente representa a antithese do que fôra nos primeiros dias do presente seculo, porquanto n'aquelles tempos, entre muitos, poucos havia que não fossem bons, e hoje ha muitos, e poucos são os oradores que o saibam occupar.

O clero regular e secular tem na oratoria sagrada um poderoso auxiliar para adquirir fama. E' verdade, que nem todos podem ser oradores, por lhes faltar os dotes necessarios para bem preencher essa missão, a mais importante do sacerdocio. E' isso actualmente uma verdade incontestavel, mas tambem é verdade, que muitos têm aptidão, que por negligencia desprezam, e assim deixam de aproveitar seus dotes e talentos, com que poderiam conquistar a gloria.

A eloquencia sagrada é, na phrase de Chateaubriand, a eloquencia de todos os tempos, de todos os governos e de todos os paizes. O Brazil tem em seus oradores sagrados a prova mais cabal e valente d'essa verdade. Sem precisarmos procurar exemplos nos paizes estrangeiros, cobertos com a poeira dos seculos, tendo em seu seio as mais abalisadas universidades, que transmittem por seus sabios lentes a mais variada instrucção, não é de admirar e sorprehender tanto como os nossos, que, não tendo esses recursos e só nos estreitos limites de suas cellas com a força de vontade, puderam collocar-se a par ou superiores ainda a muitos notaveis oradores da Europa.

Passamos a demonstrar em como na oratoria sagrada o Brazil não tem que invejar as glorias da França, Portugal, Hespanha e Italia, e outros paizes, não só no seculo passado como no actual; e para exemplo citaremos um facto, que comprova e justifica plenamente o que asseveramos, e por elle se verá, que o talento oratorio do Brazileiro está a par do talento oratorio francez no seculo XVII.

A França já n'aquelle tempo se desvanecia por ser a patria de Bossuet, que com os vôos arrojados de seus talentos tornou-se o idolo querido do pulpito de sua patria, e conseguio com a magia fascinadora da palavra e da mais profunda erudição fascinar a el-rei Luiz XIV, quando, subindo ao pulpito da cathedral de Pariz, e não tendo com a devida antecipação recebido de el-rei o thema, como era costume n'aquelle tempo, aceitou o que ali lhe foi entregue ao subir do pulpito e rompendo o sello real e rasgando o envoltorio achou dentro uma folha de papel que

nada continha. Sem se perturbar, voltou-se para el-rei e disse: « Senhor, nada na primeira, nada na segunda, nada na terceira e nada na ultima pagina. » Parou por curtos instantes e de novo disse: « Do nada fez Deus o mundo.» E sobre o nada da creação traçou um soberbo discurso n'aquelle estilo eloquentissimo, com que admirou a el-rei, á côrte, ao arcebispo, ao cabido e ao povo, e em premio de seus talentos el-rei Luiz XIV o nomeou, ao descer do pulpito, bispo da diocese de Meaux.

O Brazil tambem se desvanece por ser a provincia da Bahia a terra, em que nasceu frei João de Seixas, digno ornamento da religião carmelitana, que no mesmo seculo XVII na capella Sextina do palacio do Vaticano, na cidade de Roma, com os arroubos de seus bellos talentos, conquistou tão alta fama, fascinando com brilhantismo de eloquencia ao santo padre Clemente XII, que em premio de seus talentos o nomeou bispo titular de Areopolis.

A França no seculo XVII possuia Bossuet; o Brazil, além de outros, possuia frei João de Seixas; aquelle tem por theatro de suas glorias a formosa cathedral de Pariz; este a soberba cathedral do christianismo; aquelle fascina com seus talentos a Luiz XIV, que se sentára no throno de S. Luiz; este consegue o mesmo, fascinando a Clemente XII, que se sentára na cadeira de S. Pedro; aquelle recebe em premio de sua erudição e talento o bispado de Meaux; este o bispado de Areopolis; um faz época nas margens do Sena; outro, nas margens do Tibre; aquelle consegue tudo em sua patria; e este, tudo fóra d'ella.

Além d'este, outros muitos nomes caros e respeitaveis revivemos como tradições gloriosas do pulpito, cuja fama será eterna.

Citámos apenas os nomes. Agora vamos citar alguns d'esses bellos trechos dos discursos, que pudemos obter, para que a posteridade melhor possa julgar do seu merecimento, e para que saiba, que não foi debalde que elles grangearam tão brilhante aurea.

Não entraremos na analise de seus discursos, não só porque para tanto não temos habilitações precisas, como porque essa tarefa legamos aos doutos. Começaremos pelo

grande padre Antonio Vieira, essa famosa aguia da tribuna sagrada.

Reportemo-nos ao seculo XVII. Corre o anno de 1669. Estamos no real convento da Esperança, em Lisbôa, celebra-se ahi a festa solemnissima da instituição do Santissimo Sacramento. Eis que apparece no pulpito o famoso filho de Santo Ignacio de Loyola, e diz:

« *Hic est panis qui de cœlo descendit.* * Que satisfeita está hoje a fé, e que satisfeita a caridade! Só a esperança parece, que não está, nem póde estar satisfeita.

« Está satisfeita a fé, porque se vê sublimada a crer a verdade do mais alto, do mais profundo, e do mais escondido mysterio: *caro mea vere est cibus.* Está satisfeita a caridade, porque se vê abraçada intimamente com Deus, no laço da mais estreita e da mais amorosa união, e da mais reciproca: *In me manet, et ego in illo.*

« Só a esperança parece, que não está, nem póde estar satisfeita no divinissimo sacramento, porque se lhe nega o que dezeja; porque se lhe encobre o que suspira, porque se lhe retira o que segue, e porque na mesma presença se lhe ausenta o que espera. Está Deus ali para a fé, está Deus ali para a caridade, e só para a esperança não está ali. Está ali para a fé, porque o objecto da fé é Deus crido: está ali para a caridade, porque o objecto da caridade é Deus amado; e não está ali para a esperança, porque o objecto da esperança, como ensina S. Paulo, é Deus visto. A Deus invisivel póde crer a fé, a Deus invisivel póde abraçar a caridade, a Deus invisivel não o póde lograr a esperança.

« Si o objecto da esperança é Deus visto e a efficacia do sacramento é Deus não visto nem visivel, que por isso se chama sacramento, como estará a esperança satisfeita n'este desvio, contente n'este desengano, e socegada n'este impossivel? Firme sim, animosa e anciosa sim; mas satisfeita, contente, socegada não fôra a esperança, esperança si assim estivesse, pois por certo, Senhor, que não é a vossa condição tão esquiva, nem o vosso coração tão

* S. Joannes, 6.

pouco humano, que o não obriguem dezejos, que o não solicitem ancias, que o não penetrem suspiros, que o não enterneçam saudades.

« E si este é o ser exercicio continuo da esperança e como se esqueceu tanto d'ella vossa providencia n'este mysterio, que parece, vos sacramentastes sómente para accrescentar novos pezares a seus dezejos e um perpetuo martyrio a suas ancias? A satisfação d'estas queixas será hoje a materia do nosso discurso, para que o nome e circunstancias do lugar dê novidade á celebridade do dia. Verá a esperança queixosa os extremos de fineza,que deve a Christo sacramentado. E nós veremos sem queixa do mesmo sacramento, que, posto que se chame mysterio da fé, encerra maiores mysterios da esperança. *Ave Maria*.»

Agora vejamos como o orador nos leva a crença ao amago da alma, em como n'aquelle pão está o corpo vivo de Jesus Christo; o que prova á luz da evidencia ostentando o mais profundo conhecimento das escripturas sagradas.

« Entram agora os expositores sagrados a declarar este enigma, e dizem, que o santuario é o céo, o principe Christo, e por conseguinte a mesa o altar, e o pão o Santissimo Sacramento. Em que não ha difficuldade.

« Mas si o santuario é o céo, o principe o principe do céo e o pão o pão do céo, porque está a porta do céo fechada, e se diz, que ha de estar fechada sempre, e o principe e a mesa não dentro, sinão fóra da porta? Verdadeiramente que se não pudera pintar com maior propriedade de circunstancias tudo o que queremos provar. A mesa do divinissimo Sacramento, em que existe realmente o principe da gloria, foi instituida para os homens não no estado da patria, sinão no estado da esperança, e como a esperança não póde entrar das portas do céo para dentro, por isso se pôz a mesa de portas a fóra, andou Christo tão fino com a esperança, que por ella não podia entrar no céo para se assentar á mesa da bemaventurança, poz outra mesa e fez outra bemaventurança fóra do céo, só para que a esperança a lograsse. »

Depois de deduzir com os argumentos mais valiosos e fortes em favor da esperança, mostra com autoridade

dos santos padres, que os sacramentos e a esperança durarão até o fim do mundo.

« E' tanto assim verdade, que só emquanto durar a esperança, ha de durar o sacramento, e tanto que acabar a esperança tambem o sacramento ha de acabar. O sacramento do altar ha de durar sómente até o fim do mundo, conforme a promessa de Christo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi*. E depois do mundo, porque não? Christo não é sacerdote eterno; não, segundo a ordem de Aram, que sacrificava cordeiros, sinão segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificou em pão e vinho. »

Em outro topico diz o afamado orador:

« A esperança, que chegou a ser o summo bem apurado, já não é esperança, porque quem espera ainda não vê, e quem vê já não espera; esta é a natureza da esperança. E a do sacramento qual é? E' a presença, a humanidade e a divindade de Christo, encoberta debaixo d'aquelle véo, o qual de tal maneira o faz invisivel que, si pudesse ou deixasse se ver, já não seria sacramento.

« E como a esperança, sendo dezejo de ver a Deus, já não seria esperança si o visse, e si o sacramento, tendo dentro de si a Deus, já não seria sacramento, si o deixasse ver; daqui vem tal a connexão que ha entre a esperança e o sacramento, e a duração de um e outro, que, quando Deus franquear a sua vista a todos que a esperam, que será no fim do mundo, necessariamente se hão de acabar a esperança e mais o sacramento; a esperança, porque já vemos a Deus, o sacramento, porque já Deus não será invisivel. »

E assim terminou elle:

« Duas cousas diz S. Paulo n'estas palavras dignas de grande ponderação, uma presente, outra futura. De presente diz, que a nossa esperança já é bemaventurada: *Beatam spem*. E que bemaventurança é esta sinão a que está ensinada, como vimos no divinissimo sacramento, bemaventurança propria da esperança e propria da vida presente?

« A que o apostolo promette de futuro, ainda o declarou por termos de maior reparo, porque diz, que a

bemaventurança que está por vir é gloria de Deus grande: *Et adventum gloria magni Dei.* Deus não é sempre igual, sempre grande, sempre o mesmo? Pois que gloria de Deus grande é ella? Ha uma gloria de Deus grande e outra gloria de Deus pequena? Sim. A gloria de Deus no sacramento é gloria de Deus pequena, porque no sacramento estreitou, encolheu e abreviou Deus a sua grandeza a tão pequena esphera como a d'aquella hostia: a gloria de Deus no céo, é gloria de Deus grande, porque ella nos mostrará a grandeza e magnitude de Deus, em toda a largura infinita de sua immensidade. Cá encolhida e abreviada para poder caber e entrar em nós, e lá dilatada e estendida, para que, não podendo caber em nós, entremos n'ella: *Intra in gaudium domini tui.* »

« Quem haverá logo que podendo ser bemaventurado n'esta vida, e bemaventurado na outra, só com esperar em Deus não espere só n'elle? Esperemos só em Deus renunciando de uma vez e para sempre as esperanças de todas as creaturas; e em quanto não subirmos ao céo a gozar a bemaventurança que nos espera, goze a nossa esperança a bemaventurança que tem presente no pão que desceu do céo: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.* »

Agorá vejamos o mesmo orador na capella do real hospital de Lisboa, pregando em a tarde de quinta-feira maior do anno de 1643 o sermão do mandato.

Este sermão é, como todos, admiravel e sublime, não só pela riqueza dos trocadilhos, como pela pureza do estilo.

Seu argumento consiste nos remedios do amor e o amor sem remedio; e assim começa elle a segunda parte de seu discurso:

« Os remedios do amor e o amor sem remedio são as quatro cousas e uma só de que prometti fallar, porque, sendo a enfermidade do amor a que tirou a vida ao autor da vida, não se póde mostrar o que foi o amor sem remedio, sem se dizer justamente quaes foram os remedios do amor. N'esta materia escreveu eruditamente o Galeno do amor humano, nos livros que intitulou *De Remedio Amoris*, cujos aphorismos, porque hão de ser convencidos, entraram

sem texto e sem nome como quem não vem a autorisar sinão a servir. Os remedios pois do amor mais poderosos e efficazes, que até agora tem descoberto a natureza, approvado a experiencia e aceitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausencia, a ingratidão, e sobretudo o melhorar de objecto. »

Vejamos agora como o grande orador sagrado passa a definil-os.

« O primeiro remedio que diriamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore quanto mais a corações de cera! São as affeições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem durar pouco, que tivesse durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho.

« De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Affrouxa-lhe o arco, com que já não atira, embota-lhe as sétas, com que já não fére; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge.

« A razão natural de toda esta differença é porque o tempo tira a novidade ás cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas.

« Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor. O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. Baste por todos os exemplos o amor de David. »

. . . . . .

« O segundo remedio do amor é a ausencia. Muitas enfermidades se curam só com a mudança do ar; o amor com a da terra. E' o amor como a lua, que, em havendo terra em meio, dal-o por eclipsado. A' sepultura chamou David directamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis.* E que terra ha que não seja a terra do esquecimento, si vos passastes a outra terra?

« Si os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre elles e os vivos, que podem esperar, e o que se póde esperar dos ausentes?

« Si quatro palmos de terra causam taes effeitos, tantas leguas que farão? Em os longes, passando de tiro de séta, não chegam lá as forças de amor.

« Seguio Pedro a Christo de longe; e d'este longe que se seguio? Que aquelle que na presença o defendia com a espada, na ausencia o negou e jurou contra elle. Os philosophos definiram a morte pela ausencia: *Mors est absentia animæ a corpore*. E a ausencia tambem se ha de definir pela morte, pois que seja uma morte de que mais viver se resuscita. Vêde-o nos effeitos naturaes de uma e outra.

« Os dois primeiros effeitos da morte são dividir e expirar. Morreu um homem, apartou-se a alma do corpo; si o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calor; si o tornardes dahi a um pouco, tocareis a um cadaver frio, uma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos, ou poderes tem a vice-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto os que muito se amavam, apartaram-se emfim, e si tomardes logo o pulso ao mais enternecido achareis, que palpitam no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas, e que saem da boca alguns suspiros, que são as ultimas inspirações do amor. Mas si tornardes depois d'este officio de corpo presente, que achareis?

« Os olhos enxutos, a boca muda, o coração socegado: tudo esquecimento, tudo frieza.

« Fez a ausencia seu officio como a morte; apartou, e depois de apartar, esfriou.»

. . . . . .

« O terceiro remedio do amor é a ingratidão.

« Assim como os remedios mais efficazes são ordinariamente os mais violentos; assim a ingratidão é o remedio mais sensitivo do amor, e justamente o mais effectivo. A virtude que lhe dá tamanha efficacia, si eu bem o considero, é ter este remedio de sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor a ausencia, é sem razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão

mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o approva, o persuade e parece, que o manda. Que sentença mais justa, que privar do amor a um ingrato?

« O tempo é natureza, a ausencia póde ser força, a ingratidão sempre é delicto.

« Si ponderamos os effeitos de cada um d'estes contrarios, acharemos, que a ingratidão é o mais forte.

« O tempo tira ao amor a novidade, a ausencia tira-lhe a communicação, a ingratidão tira-lhe o motivo.

« De sorte que o amigo por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado, si o deixamos de amar, não é culpa sua, é injustiça nossa, porém, si foi ingrato, não só ficou indigno do mais tibio amor, mas merecedor de todo o odio.

« Finalmente o tempo e ausencia combatem o amor pela memoria, a ingratidão pelo entendimento, e pela vontade. E ferido pelo amor no cerebro, e ferido no coração, como póde viver? O exemplo que temos para justificar esta razão ainda é maior que os passados. »

. . . . . .

« E' o quarto e ultimo remedio do amor e com o qual ninguem deixou de sarar,—o melhorar de objecto. Dizem, que um amor com outro se paga; o mais certo é, que um amor com outro se apaga. Assim como dois contrarios em gráo intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dois amores, porque o amor que não é intenso não é amor. Ora, grande cousa deve de ser o amor, pois, sendo assim que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amores. Daqui vem, que se acaso se encontram e pleiteam sobre o lugar, sempre fica a victoria pelo maior objecto. E' o amor entre os objectos como a luz entre as claridades.

« Commummente se diz, que o maior contrario da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrario de uma luz é outra luz maior.

« As estrellas no meio das trevas luzem e resplandecem mais; mas, em apparecendo o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas. Grande luz era o Baptista antes de vir Christo ao mundo; appareceu Christo, que era

a verdadeira luz: *Erat lux vera quæ illuminat omnem hominem*; e que succedeu ao Baptista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux.* O mesmo succede ao amor, por grande e extremado que seja. Em apparecendo maior, e melhor objecto, logo se desamou o menor.»

. . . . . .

Acompanha o orador as definições do amor, e dos remedios indicados com o historico da vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, e os factos d'esse grande sacrificio do Redemptor, citando constantemente a autoridade dos santos evangelistas e dos sabios doutores da igreja, e assim termina:

« Amanhan vos hão de partir o coração; reparti d'elle comnosco, parece que de todo o coração vos amamos.

« Oh! quanto nos pesa n'esta hora, e para sempre, de não vos ter amado como deviamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais. Só a vós havemos de amar de hoje em diante; e posto que em vós concorram tantos motivos de amor e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o promettemos firmemente a vosso amor, e assim o confiamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na gloria.»

XXV

Vejamos agora o distinto Fluminense o padre Antonio de Sá, appellidado o principe da oratoria, a quem o illustrado autor da Historia da Fundação do Imperio Brazileiro em seus varões illustres do Brazil tece os mais subidos encomios. *

O jesuita Antonio de Sá nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1627, e morreu em sua patria em 1678 aos 51 annos de idade; foi afamadissimo pregador regio, a maior honraria d'aquelles tempos em que só d'esse fôro gozava o talento mais transcendente, e para comprovar vejamos esses bellissimos trechos de um seu sermão de cinza:

« *Memento, homo, quia pulvis es*; lembra-te homem, porque és pó. Assim diz aos monarchas mais soberanos,

* Exmo. Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva.

assim diz aos vassallos mais humildes; nenhuma distinção faz dos homens: tão homem e tão pó chamam aos que reinam como aos que servem; porque n'isto que toca ao ser não ha differença, nem ainda do sceptro ou cajado; um rei é cinza coberta de purpura, um pastor é cinza coberta de saial; só a vaidade dos tempos póde introduzir desigualdades nas apparencias da pompa; na realidade do ser não ha fortuna, que possa emendar as desigualdades da natureza.»

Em outro topico diz elle:

« José, adorador, não vos desvaneça a altura; a terra, que está no cume dos montes, não é melhor na substancia do que a outra, que está na profundidade dos valles; por mais que vos sublimasse a sorte, quando muito, sois terra sobre o monte; não vos engane a humildade no que vedes a outros, e a grandeza em que vos vedes a vós; porque nem os outros por humildes têm mais terra, nem vós por grandes o tendes menos: desengano é este que attendeu cuidadosa a Providencia Divina logo na creação do primeiro homem.

. . . . . .

. . . . . .

« São os homens como os rios: os rios todos têm por fonte o mar, uns com o curso das aguas perdem de todo o sabor do sal, outros por mais terra que corram, sempre levam salôbras as aguas; uns lá vão brotar nos montes muito ruidosos e muito claros, outros moram nos valles muito calados e muito turvos; este hontem era desconhecido aborto de uma tosca penha, e hoje não acompanha para a margem de seu caudaloso fundo; aquelle hoje é desprezo da menor herva, e era hontem terror do maior tronco: isto mesmo succede aos homens; todos têm por origem a terra; uns com o curso dos tempos vém a parecer o que não foram, outros, por mais que os tempos corram, sempre o que foram parecem; uns vivem muito respeitados nos cumes da soberania, outros andam muito envelhecidos pelos baixos da pobreza; este, como Saul, cabia hontem em uma cabana, e hoje é pouco palacio para a sua vaidade o mundo; aquelle, como Nabuco, assiste hoje entre feras no

campo, e era hontem assombro de monarcas em Babylonia; mas entre toda essa variedade, assim como nos rios, ou corram doces ou salgados, ou brotem claros ou turvos, ou sejam grandes ou pequenos, tudo é agua do mar, da mesma maneira nos homens, ou passam a ser mais ou não passam de ser menos, ou sejam illustres ou humildes, ou habitem palacios, ou cabanas, tudo é terra, tudo cinza, tudo pó: —*Memento, homo, quia pulvis es.*»

. . . . . .

As glorias e as grandezas da terra elle as analisa assim:

« Que é a gloria sinão um deixar de ser? Que são as honras sinão apparatosas tramoias da fortuna, que, na roda da sua inconstancia, si levanta hoje, póde despenhar amanhan? Para emprego primeiro do raio se altêa entre as arvores o cedro, para despique certo das tempestades se aparta da terra o monte. Que é a privança sinão luz das estrellas?

O mesmo sol que a illustra, esse mesmo dentro em poucas horas a eclipsa; hoje estás como Aman favorecido á mesa real de Assuero, e amanhan apparecereis preso infame de forca.

« Que são os despachos sinão *um sim* de patrocinados e *um não* de benemeritos?

« Que são os postos sinão subidas, cujos degráos se vencem a quedas?

« Que são os applausos da terra sinão reclamo de odios; não ha trombeta de bom successo que não tenha de batalha os écos: o zunido que fez a funda de David pelas ruas de Jerusalém occasionou repetidas lançadas a David no palacio de Saul; mas felizmente atirava, si não soava tanto o tiro, que não ha trovão sem rasgo de nuvem que o deu?

« Que é a prosperidade sinão um temporal a pôpa?

« Que é a formosura sinão uma caveira bem incarnada?

« Toda a graça das flores é breve, toda a louçania das arvores é caduca; a graça das flores é de poucas horas, a louçania das arvores é de poucos mezes; um verão veste as arvores, um inverno as despoja; a manhan abre as

flores, a tarde as murcha: tal a formosura humana, ou acaba como as flores ou se muda como as arvores; ao golpe da morte é flor que acaba; ao curso dos annos é arvore que se muda; aquellas que vossa cegueira chama estrellas vivas, cedo se verão eclipsadas ou desluzidas; aquellas que vossa lisonja intitula anima da neve, cedo se verá desfeita ou sem alma; aquella que vosso engano imagina partida rosa, cedo se verá murcha ou descolorada; aquella finalmente que vosso affecto applaude ser como alma, cedo se verá sem luz, sem côr, sem ser, sem formosura.»

Prosegue elle em seu estilo elegante, fazendo vibrar a voz do desengano:

« Que é o amor sinão um inferno com fogo sem eternidade?

« Que são os gostos sinão ciladas dos prazeres?

« Que são os deleites sinão remorsos enlodados?

« Que são as riquezas sinão maré do oceano?

« Que são as amisades sinão lisonjas da herva do sol?

« Que é finalmente a côrte, sinão uma roda arrebatada, onde atados de seus dezejos voltam os cortezãos miseravelmente alegres?»

« A Deus pois com os corações, ao céo com ancias, ahi tendes grandezas sem vaidade, honra sem baixeza, privança sem receio, despacho sem dependencia, postos sem desdouro, fama sem inveja, prosperidade sem perigo, formosura sem eclipse e sem mudança, amor sem tormento e sem ruina, gosto sem pena, deleites sem sêde, riqueza sem lamentações, amisade sem lisonja, côrte sem voltas e gloria sem fim.»

Frei José da Natividade, tambem Fluminense e monge beneditino, orando no seu mosteiro, nas exequias da transladação dos ossos do primeiro bispo do Rio de Janeiro, D. José de Barros Alarcão, para Portugal, o que elle havia pedido em testamento, assim se exprime:

« Mandou transladar-se para que, abrindo-se o tumulo de seu cadaver, e não se achando n'elle mais que seus ossos, a sua caveira e as suas cinzas, se desengnassem os grandes e se advertissem os principes, que todas as magestades e pompas vêm por fim a parar em uns ossos secos,

a descançar sublimados entre as cinzas dos vossos illustres progenitores. »

« Não vos embarqueis tristes, porque ainda que ides mettidos n'esse feretro como despojos da morte, tambem vos levam guardados n'esse cofre como gloriosos trophéos da fidelidade, e como preciosas prendas do amor d'aquella illustre alma, que vos deu a vida.»

Frei José da Natividade, com os recursos oratorios que possuia em alta escala, soube bellamente aproveitar para este extenso discurso a circunstancia da transladação de José, vice-rei do Egypto, com a transladação do bispo D. José, como acabámos de demonstrar sem omittir nem discrepar a mais pequena circunstancia.

Passemos agora a ouvir o padre Angelo dos Reis, natural da provincia da Bahia, e membro da companhia de Jesus.

E' o sermão da soledade da Virgem Mãi de Deus.

Eis um topico do exordio:

« Vio S. João um novo céo, que ainda até agora não está entendido, posto que variamente interpretado. Mas, si o céo é tão antigo como o mesmo mundo, e como o mundo teve principio, que novo céo era aquelle sinão tu, mausoleu sagrado, urna sumptuosa, luminoso funebre monumento, throno elevado de Deus, que ahi adoramos vivo, e tumulo adorado de Deus, que ahi choramos morto. Teu formoso mappa de luzes, sarça flammante onde existe Deus entre labaredas, Etna que respira incendios, e assento lucido dos astros; porque si astros são as tochas do céo, essas tochas que em ti vejo, são as estrellas que te esmaltam. Nem me admira, que se divisem em ti as estrellas, porque bem conheço, que está posto o sol e eclipsada a lua.

. . . . . .

« Tu, venturoso campo, onde está escondido o melhor thesouro e enterrado o melhor talento, que por isso te comprou já aquella magoada mãi, dispensando por ti em preço um mar de perolas. E si o céo se chama céo, porque encobre, a ti, que agora encobres esse divino deposito, com bem merecida razão te chamou novo céo o evangelista. Mas já não quero dar-te tão ditoso nome, já não

quero chamar-te assim ; porque si o ceo é a fonte de todos os gostos, quem não conhece, que é a causa de tantas penas, emblema tragico de tristezas, traslado vivo de luto e lastimoso motivo de lamentos? Verdugo sim, te chamo agora, da melhor alma, e tiranno da melhor vida; porque, occultando em ti o corpo do filho, roubas a vida, e feres mortalmente a alma da mãi ! Assim é, magoada senhora, assim é, magoada estais e ferida de dôr entre mortaes desmaios pela morte e ausencia de vosso filho, sol, lua e aurora vos chamarão os anjos no dia de vossas glorias; hoje porém, que é o dia de vossas dôres, quem não vê, que está este sol coberto de sombras tristes, essa lua parecendo eclipses pallidos de sentimento, e essa aurora chorando incessantemente lagrimas de amargura?»

Em outro lugar diz:

« Vistes o mar tormentoso como passam n'elle as ondas crescidas e vão seguindo umas ás outras; pois essa é a similhança das grandes ondas do mar, com a grande dôr de Maria pela morte e ausencia de seu filho.

« Vinha uma onda de tristeza, e ainda esta não tinha passado, já n'aquelle coração ferido se levantava outra. Via a afflicta mãi o seu filho caminhar com o pesado lenho da cruz aos hombros, e passava uma onda de tristeza.

« Via-o pregar na cruz e romper-lhe os pés e as mãos com duros cravos, e passava outra onda maior. E porque crescia a tormenta cada vez mais, tambem cresciam cada vez mais as ondas. Via levantar o madeiro da cruz e a seu filho pregado n'ella, suspenso no ar no meio de seus inimigos e rodeado por todas as partes de vituperios, e passava outra maior onda. Via-o expirar e dar a vida entre tormentos e dôres, bradando ao céo e lembrando-se repetidas vezes de sua mãi que tinha á vista, e passava outra onda ainda muito maior. Vio finalmente, quando o puzeram na sepultura, onde se despedio d'elle com os ultimos abraços, ainda que não com os ultimos gemidos. Vio, que o cobriam com uma pedra, tirando-lhe juntamente dos olhos a luz e do coração a vida.

« E aqui subio a onda, e se levantou tão alta que chegou a ponto de naufragar aquelle coração amante. »

Com que belleza pinta e descreve elle a soledade. Vejamos:

« Sabeis, que cousa é soledade? E' uma séta que fere a alma, uma espada que traspassa o coração, uma lança que abre a porta para que saia a vida, um accidente mortal que chega a ser morte. E' uma saudade vehemente que consome; um dezejo ardente que lastima, um veneno mortifero que mata, um verdugo cruel que atormenta, e um tyranno feroz que martirisa. E' a nuvem de todas as consolações, o véo de todas as alegrias, o eclipse de todos os jubilos, a sombra de todos os gostos, a ausencia de todas as doçuras, e a privação de todas as suavidades... E' o auge de todas as agonias, o valle de todas as lagrimas, e a região de todos os tormentos. »

Agora vejamas como elle termina a peroração:

« Este é o objecto da bemaventurança na gloria, mas em tão lastimosa figura apparece aqui, que posso duvidar que o conheceis. E que alegria pode tomar o vosso coração, ver tão afeiado este rosto, tão desmaiadas estas faces, e tão sem cor estas rosas? Ver estes olhos sem vista, sem esplendor e sem luz, sendo elles a luz dos vossos olhos? Ver esta boca, onde so doçura sahia, atormentada agora com amarguras, si está amargamente maltratada?

« Este coração ferido é o que fere mais agudamente a vossa alma, aquella lança cruel que rasgou o peito de vosso filho, ainda agora está rasgando o vosso peito. E si como eu disse já, para o coração de vosso filho foi lança que o abrio, para o vosso é espada cortadora que ainda agora está ferindo. Si abrio porta para o vosso tormento aquella lança, tambem a fechou para os vossos allivios. E como podereis ter alegria, quando está o vosso coração tão cheio de dor e sentimento?

« Estas mãos divinas, dispensadoras de tantas liberalidades á vossa alma, agora lhes despendem dores e tormentos, quando as vêdes aqui atadas e abertas juntamente á violencia dos cravos penetrantes; e como podereis ter alegria, quando vêdes sair por cada uma d'estas aberturas as correntes desatadas de seu sangue?

« Estes joelhos, que são as columnas do firmamento, agora os vêdes enfraquecidos e cahidos repetidas vezes,

sem força, sem vigor e sem valentia. E como podereis ter alegria com esta vista, quando vêdes a causa de todas as vossas alegrias cahida?

« Estes pés, que são as bases d'este edificio sacrosanto, rotos os vêdes agora, e rasgados tirannicamente, e já descido á terra este templo mistico. E como podereis ter allivio ou consolação, quando vêdes, que com elle desceu tambem á sepultura, e se enterrou toda a vossa alegria? Como podereis ter contentamento á vista de vosso filho morto inhumamente ás mãos de seus inimigos, e no meio das maiores offensas? A' vista d'este corpo ferido e desangrado, abertas as veias, os membros descarnados e derramando todo o sangue? A' vista d'estas costas rasgadas a açoites, e rotas multiplicadas vezes ao rigor da tirannia judaica? Fazendo patentes que assim como vosso filho tem as suas misericordias, assim o povo judaico os seus furores. E acaba de confessar o céo e de confessar a terra, que não tem lenitivo a vossa dôr, e é inconsolavel a vossa soledade ».

Vamos agora ouvir alguns topicos do sermão de Nossa Senhora do Desterro, pregado pelo distinto Paulista, o padre Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, por antonomasia o Voador:

« Parece, que estou vendo a Deus como no primeiro dia do mundo em massa informe do cháos, sem luz, sem ornato, sem ordem, uma materia rude, um lodo perpetuo, um vasto horror, uma solidão medonha. Pois, Senhor, este é aquelle mundo, que determinára crear? Este ha de ser o desempenho da vossa sciencia, poder e grandeza? Eu não sou tão confiado como aquelle rei, que com tão pouca razão chamavam o sabio, que presumia dar-vos conselho sobre as vossas obras, mas soffrei, que vos faça uma pergunta. Não vos era igualmente facil o crear o mundo logo como havia de ficar depois? Pois porque o não fizestes! Ah! sem duvida que este foi um novo argumento de poder e de grandeza.

« Esta escuridão é a que ha de dar mais alma áquella luz. Esta desordem, este desconcerto é a que ha de fazer avultar mais a belleza, a ordem. a harmonia do universo. Quem vir esta incrivel maravilha do mundo saiba, que

d'aquelle embrião nasceram todas as creaturas, saiba, que d'aquelle principio tirou e formou Deus tudo quanto vemos; saiba-o e pasme.»

Vejamos agora a magnifica pintura, que elle faz do merito dos Brazileiros, que em Coimbra procuraram a illustração n'aquelle areopago da sabedoria:

«Já se levanta uma tormenta, que é o horror. Tolda-se o céo, enfurecem-se os ventos, estremece-se a pôpa açoitada com a furia das ondas; as velas vão em pedaços pelos ares, que gritos, que desordens! O piloto perde o tino, o marinheiro não sabe onde acuda, e o miseravel passageiro, esmorecido, attonito, pallido e frio, vê a borda da nau submergida já debaixo das ondas, e o centro do abismo parece, que o está por instantes tragando.

«Assim busca a sabedoria quem conhece o seu preço. Assim lavra uma corôa de gloria e de immortalidade a si e a esta universidade, quem a vem buscar por tanto e tão evidentes perigos.»

Agora passa elle a descrever as saudades, que sente o coração do filho do Brazil ao apartar-se da terra, em que vira a luz do dia, e assim se exprime o orador sagrado:

«Que difficultosa, que admiravel resolução! Quem é que vendo o sol voltar todos os annos á mesma casa de onde sahio, e vendo-se fóra da sua, não combata as saudades da patria?

«O coração se aparta e se angustia; os olhos apenas retem as lagrimas, a memoria nos afflige sem cessar; o sitio da patria, as conversações, os amigos, as sahidas, os divertimentos, tudo nos anda adiante dos olhos, tudo nos martyrisa.

«Este ar era mais benigno, as aguas mais puras, o inverno não era tão aspero; as arvores nunca eu as vi lá sem folhas, os campos nunca estavam sem fructo. Que tristes correm agora as fontes, e que alegres as vi eu correr emquanto Deus quiz. Ah! patria, patria, quão longe estás! As tuas mesmas pedras, os teus mesmos matos, incultos e asperos, que allivio me não davam agora, si pudesse vêl-os? Que! hei de viver tantos annos desterrado? Que peito ha tão de bronze que não arrebente de dores e de saudade?»

Que linguagem tão terna, tão repassada de sentimento de saudade e de amor da patria! São mais que sufficientes estes trechos que citámos para comprovar, que o distincto Paulista, que teve a gloria de inventar o balão aereostatico, terá tambem conquistado os fóros de orador sagrado de primeira plana.

XXVI

Por mais diligencias que fizessemos, por maiores esforços que empregassemos, impossivel nos foi obter um só sermão dos nossos grandes oradores, que tanto brilharam nos pulpitos no seculo XVIII.

Seria porque o Brazil, durante o longo periodo de um seculo, não tivesse um só orador sagrado de merecimento? Não, antes pelo contrario houve muitos, cujos nomes já declinámos. Mas que fim levaram esses impressos ou manuscriptos? Perder-se-iam pelo pouco amor que votamos ás nossas cousas literarias, ou foram abafados e andam por ahi repetidos de vez em quando pelas gralhas enfeitadas com as pennas de pavão? E a literatura patria carpe, silenciosa e triste, ante a perda immensa que com isso soffre. E nós de coração deploramos a perda de tamanha riqueza litteraria.

Si impossivel nos foi alcançar um só sermão do seculo XVIII, facil nos foi obter os mais ricos e preciosos sermões dos nossos grandes oradores do seculo XIX, e para dar a prova mais cabal e authentica d'essa prodigiosa riqueza literaria, vamos extrair de todos os dos principaes oradores alguns topicos notaveis, não só para firmarmos sua reputação literaria, como porque são elles verdadeiros primores de eloquencia sagrada.

Entre os nossos oradores sagrados, que se distinguiram no seculo actual, occupa sem contestação alguma o primeiro lugar o padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas. A' cidade do Rio de Janeiro cabe a gloria de haver sido o berço, em que nasceu o afamado Pindaro da tribuna sagrada; acontecimento que teve lugar aos 24 dias do mez

de Novembro de 1762. A sua passagem na terra apenas durou 52 annos; assim marcava o livro do destino. Cincoenta e dous annos de incessantes lides e contrariedades, que foram coroadas pelas ovações e triumphos mais completos, obtidos em premio de seus talentos, já como orador sagrado de famosa reputação, já como poeta e como profundo literato.

Ao atravessar o mundo em sua viagem para a eternidade, o Dr. Souza Caldas deixou a estrada, que percorreu em 52 annos, juncada de grinaldas, palmas e louros.

Como conquistou elle essas grinaldas, essas palmas e esses louros, de que juncou a estrada da vida? Seria pelo patronato? Não, trez vezes não. As grinaldas, as palmas e os louros, que o Dr. Caldas obteve, foram adquiridos pelos seus talentos, pelas suas acrisoladas virtudes e pela mais bem firmada reputação. Dotado de talento o mais raro e da mais superior intelligencia e facundia, fez época não só nos pulpitos de Portugal, como nos de sua patria, onde a fortuna lhe deparou occasião de orar nas mui esplendidas solemnidades, que então tiveram lugar n'esta côrte, e entre outras foi elle o orador do Evangelho na festa solemnissima de *Corpus Christi*, que teve lugar na abertura da igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria, festa a que assistio el-rei o Sr. D. João VI, então principe regente, e suas augustas irmans, pontificando o bispo de Moçambique.*

Por muitas vezes subio ao pulpito da matriz de Santa Rita, explicou ali o Evangelho do dia e o fazia com tão profunda erudição que conquistava applausos. « Amo de coração a este pulpito, dizia elle, por estar junto da pia, em que recebi a graça baptismal. »

O padre Souza Caldas nunca mercadejou com seus talentos, nunca pregou por dinheiro, e só o fazia por amor á religião de Jesus Christo, e quando o obrigavam a aceitar a joia do sermão, elle immediatamente a distribuia pelos pobres, e era tão excessivo em actos de caridade e

* Monsenhor Pizarro: Memorias historicas do Rio de Janeiro.

amor do proximo, que uma vez não tendo que dar a um pobre, que lhe estendia a mão, tirou e deu-lhe as fivellas de ouro que trazia nos sapatos...

A morte, que nada poupa em sua missão destruidora, o veio arrebatar do mundo, onde colhera tantos applausos, para o lançar na região dos mortos no dia 2 de Março de 1814.

Na sepultura de pedra n. 2, existente na casa do capitulo do convento dos religiosos franciscanos d'esta côrte, * depositou-se o cadaver do sabio orador brazileiro. Onde param hoje os sermões d'este afamado orador sagrado? Que fim levaram esses grandiosos monumentos de literatura patria? Perderam-se, como se perderam suas cinzas, que, recolhidas em uma urna de madeira, na qual o afamado poeta brazileiro José Eloi Otoni, amigo intimo do finado, escrevera em versos este epthaphio:

« *Brasilæ splendor, verbo,*
« *Sermone tonabat,*
« *Fulmen erat sermo,*
« *Verba que fulmen erant.*

« Do Brazil esplendor, da patria gloria,
« Discursando, ou fallando, trovejava;
« O discurso, a dicção, a essencia, a forma.
« Tão veloz como o raio se inflammava.

Como se perderam os restos d'esse gigante da literatura nacional? Como desappareceram elles da casa do capitulo, onde estavam guardados, e não se perderam outros muitos de pessoas sem importancia e totalmente obscuras? Que fatalidade é essa, que até as proprias cinzas dos nossos grandes homens desapparecem, quando outras, sem merito e sem importancia, permanecem por uma eternidade de annos?

Onde param as cinzas de S. Carlos, Rodovalho, Sampaio, Januario e Caldas, glorias do pulpito brazileiro?

Que negligencia é essa, que abandono, que indifferença, que tamanho esquecimento para tudo quanto é

* Do livro de obito do convento de Santo Antonio d'esta côrte assim consta.

sabio em nosso paiz, a ponto de nos olvidarmos dos restos mortaes dos nossos homens illustres?

A Italia, a França, a Hespanha e outros paizes não guardam com religioso cuidado as cinzas de seus illustres filhos? Porque não os imitamos?

Perguntai á Italia onde param as cinzas do immortal Cysne de Mantua, de Raphael de Urbino, de Miguel Angelo, de Tasso, de Dante, de Ventura e de outros, que ella vos mostrará.

Perguntai á França pelas cinzas do bispo de Meaux, bispo de Clermont, de Corneille, de Racine, Montesquieu, Lacordaire, Mascaron, Richelieu e outros, que ella vos mostrará.

Perguntai á Hespanha, á Inglaterra, á Austria, á Prussia, e á Russia, e outros paizes pelas cinzas de seus filhos, que se tornaram notaveis nas letras, nas sciencias, nas artes e nas armas, que elles vol os mostrarão cheios de satisfação e prazer! E só nós o mesmo não podemos fazer. E porque será? Só Deus o poderá explicar. Será para imitarmos a indifferença indesculpavel de Portugal, que perdeu as cinzas illustres de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Bartholomeu Dias, Frei Lüiz de Souza, Barboza du Bocage, Filinto Elisio e do immortal cantor dos Luziadas, o grande Luiz de Camões, cuja perda immensa fez exclamar, á vista de tamanho desprezo e abandono, n'esses primorosos versos arrancados do amago do coração do visconde de Almeida Garret: *

« Onde foi, Portuguezes, o moimento
« Que do immortal cantor as cinzas guardam,
« Homenagem tardia lhe pagastes
« No sepulcro siquer... Raça de ingratos!
« Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
« Uma letra singela! A vós meu canto,
« Canto de indignação, ultimo accento
« Que jamais sahirá da minha lyra,
« A vós, oh! povos do universo, o envio.
« Ergo-me a delatar tamanho crime.
« E eterna a voz, me gelará nos labios.
« Lyra da minha patria, onde hei cantado

* Luiz de Camões ou a historia de Portugal justificada pelos Luziadas, pelo Dr. Mello Moraes.

« O luzitano invelecido nome,
« Antes que n'este escolho, em praia estranha,
» Quebrada te abandone, este só brado
« Alevanta final e derradeiro.
« Nem o humilde lugar, onde repousam
« As cinzas de Camões conhece o Luzo. »

Quererá o Brazil compartilhar esta triste ingratidão de Portugal?

Não ordena a religião catholica e apostolica romana, que ás cinzas dos mortos se prestem o maior respeito e a maior veneração? Elles foram hontem o que nós somos hoje! Nós amanhan seremos o que elles hoje são!

Não é esta a pavorosa voz da eternidade?

Como pois desappareceram as cinzas caras e venerandas do padre Souza Caldas, da urna em que estavam encerradas e guardadas na casa do capitulo do convento dos religiosos franciscanos?

Parece incrivel, mas é uma triste verdade. Seria para que a posteridade o esquecesse e d'elle jámais se lembrasse? Não, isso é impossivel, porque a posteridade o não esquecerá nunca.

Que importa, que se perdessem seus bellos sermões e mesmo seus restos mortaes, si a memoria do illustre immortal traductor dos *Psalmos de David* e do autor das *Cartas politicas e philosophicas* não se apagará nunca? E suas poezias sacras e profanas, guardadas com escrupulosa cautela em nossas bibliothecas, se encarregarão de transmittir aos mais remotos seculos a fama de seu nome, e a historia patria registrará em suas paginas com letras de ouro seu nome, collocando-o no Pantheon da gloria como orador famoso, poeta lyrico e literato de pulso e de vasta nomeada.

Si do padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas só se salvaram do naufragio da indifferença suas poezias e suas cartas, e com ellas sua memoria, outros foram mais felizes como passamos a demonstrar.

Estamos no anno de 1809, e no dia 7 de Março. A capella real do Rio de Janeiro está coberta de custosas galas; tangem sons solemnes seus sinos, annunciando a primeira festa anniversaria da chegada de el-rei o Sr.D. João VI, que ahi se acha presente, e com elle tudo

quanto ha de grande e illustre no paiz. Sobe ao pulpito um de seus genios; é elle o distinto padre mestre frei Francisco de S. Carlos, astro brilhante do claustro de São Francisco, natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu em 13 de Agosto de 1763, e onde morreu a 6 de Maio de 1829.

Ouçamos o genio do pulpito, que diz, tomando por thema as palavras de Baruc, cap. 1º:

« *Orate pro vita Nabucodonosor regis, et pro vita filii ejus, ut sint dies eorum, sicut dies cæli super terram.* »

« Em todos os tempos aquelles povos, que se jactavam de mais polidos e religiosos, procuravam sempre immortalisar os seus principes e as pessoas que lhe eram mais caras. Roma com suas apotheoses, o Egypto com seus aromas? Persuadidos os orientaes que os cadaveres livres de infecção ainda viviam, para os preservar d'este opprobrio, o mais humilhante da natureza, chamavam em seu socorro os perfumes da Arabia.

« Nós porém, que temos a gloria de um Deus, que não é surdo, devemos confiar das nossas orações como o melhor preservativo da vida, e o mais efficaz antidoto da morte. E' este o balsamo que preserva, quando vivo, que immortalisa, quando morto. E' este aquelle pomo da vida, plantado no Paraizo para dilatar os dias dos nossos primeiros pais, já tão dilatados. E' este finalmente aquelle perfume, que S. João vio no Apocalypse ser offerecido por um anjo sobre um altar de ouro ao throno do Altissimo.

« Oremos pois pela conservação da familia real, e demos graças ao Senhor de a ter salvado de tantos perigos; eu não farei mais que repetil-as para melhor representar os brios de vossa gratidão. Si eu não desempenhar a grandeza do objecto, contentai-vos com o atrevimento de o inculcar. Em materia tão sublime o ser vencido è já o ser eloquente. Eu me satisfaço com excital-os em vossos corações: serei similhante a esses cirios de pequena luz, que na extremidade da canna, manejados por mão dextra, em breves instantes illuminam todo o templo na hora de sua solemnidade. As aves não são capazes de defender as

cidades, mas aquellas que estavam no Capitolio, despertando os guardas com seu estrepito, salvaram Roma do furor dos Francezes. Eu principio :

. . . . . .

. . . . . .

« Emfim rasgou-se o véo; abriram-se os olhos, conheceu-se a pretendida protecção, e os Portuguezes forcejaram por sacudir o jugo de ferro.

« Já por todas as nossas provincias do norte tremúla o estandarte da liberdade e retumba a voz do patriotismo.

« Já se limpam as armas velhas, que a paz e o ocio tinham feito pasto da ferrugem, e que apenas tinham escapado aos olhos ciumentos do tiranno. Fundem-se novas lanças, novas espadas, provam-se arnezes, ajustam-se malhas. A cada passo retinem as bigornas debaixo dos golpes do martello.

« O camponez honrado desce dos montes e vem offerecer á patria o filho robusto, socio de suas fadigas, e converte o arado em espada. Já se aprende esta arte fatal, que com o nome de tactica é um flagello destruidor da humanidade, ferve a guerra em todo o Portugal. Já as palmas de Marengo, e os louros colhidos nas lagoas de Austerlitz, apparecem murchas pelas nossas estradas e calcadas aos pés dos nossos viageiros. Os novos Holofernos vêm esbarrar seu orgulho nos muros da fraca Bethulia. Que vergonha para o protector da confederação do Rheno !

« Entretanto a voz da gratidão, condoida dos nossos males, exclama do fundo de suas ilhas gloriosas: Que ! O illustre martir das provas do céo vagará á discrição dos ventos e dos mares com tanto incommodo seu e de sua augusta familia, e nós veremos com sangue frio e com olhos tranquillos e indifferentes o maior sacrificio, que talvez tenha feito a amisade por um alliado? Não será assim ; a nação britannica conhece as leis da gratidão, ella as respeita, ella as adora. Jura pois pelo que ha de mais sagrado sobre a terra, pelo sceptro de seu soberano, pelo corpo inviolavel de seu parlamento, que ou o seu nome se ha de apagar da face da terra, ou ha de ser desaffrontado

o seu augusto alliado. Ella diz e já vôa por cima dos mares da Mancha.

. . . . . .

« Mas já as bandeiras da união tremulam nas venturosas praias, onde o Mondego paga o tributo de suas aguas, o Mondego que vêm regando as flôres, de que se tecem as capellas das musas. O tiranno, fiel imitador de seu amo na celebridade, adianta-se a tomar os passos dos nossos alliados, menos por combater do que por commetter tratados de concerto. Não espera pelo nosso exercito, e tinha razão; elle teve tempo de conhecer, que os Portuguezes, por bem são cordeiros, por força leões, por fidelidade Portuguezes: tanto temia elle os golpes da nossa espada! Esta anecdota só vale uma victoria á nação.

. . . . . .

« Generosos Britannicos, si dos fins da terra, onde a Providencia me fez nascer, podem as minhas vozes chegar á vossa presença, sabei, que, si a fé me não tivesse desabusado, eu dissera, que as vossas ilhas eram consagradas ao Deus da guerra, assim como elle já foi o protector do antigo Capitolio de Roma. Vós sois a unica nação, que a Providencia parece ter reservado n'estes tempos calamitosos para arrostar o usurpador universal e fazer equilibrar a balança da Europa. Do seio de vossas ilhas vós lhe prescreveis e apontais com o bronze de vossas náos os limites do seu imperio; e não lhe concedeis licença de sair fóra ao mar, sob pena de serem logo sossobrados e abrazados os seus baixeis. Como novo Hercules, vós lhe dizeis: «Eis aqui o Calpe, eis aqui o Abila, marcos da minha gloria, aqui acaba-se a terra para vós, o mar é só a minha herança». O imperio pois das muzas, os rasgos da eloquencia, as artes de Prothogenes e Praxiteles immortalisem para sempre a vossa gloria.

. . . . . .

« Sim, Senhor, reinar nos corações é o reinado do céo, é o reinado de Deus, é o reinado dos grandes principes, e é propriamente quando elles são reis, porque propriamente são pais.

« Quando os corações proclamam os soberanos, os soberanos devem contar certos com a fidelidade de seu

governo, porque tambem contam com a segurança dos corações.

« Si alguma cousa tem de suave e doce o peso desmarcado da dignidade real, eu creio, que é a lembrança d'este pensamento.

« Emquanto o oppressor da Europa funda um throno, que fluctua sobre rios de lagrimas e de sangue, emquanto o odio e o ciume o estão minando surdamente e só esperam o momento favoravel da revolta, Vossa Alteza Real tem o seu profundamente arraigado nos corações de seus vassallos.

« Os das colonias o acolhem com lagrimas de ternura, os da Europa o defendem com o preço de suas vidas. Veja pois Vossa Alteza Real qual é mais excellente, si ser do mundo rei, si de tal gente.

« Emfim, senhores, acabemos este discurso com uma reflexão, que lhe póde servir de epilogo. Minha imaginação parece viajar um pouco pelos continentes da Europa, e suas côrtes estão todas patentes a meus olhos. Eu procuro Veneza, Veneza já não existe. Aquella republica tão afamada, chamada rica menos pelas perolas das conchas, e pelo numero de suas náos, porque, por ter sido em outro tempo a senhora de todo o commercio do Levante, não só está viuva de seus doges, mas nem já tem nome entre as nações independentes. Vejo a Hollanda, que sahio de suas dunas para ser a rainha dos mares, e que tanto se engrossou com os nossos infortunios, beijando em silencio os grilhões que a opprimem.

« Si lanço depois d'isto meus olhos pela patria dos Fredericos, eu vejo o terror e o luto derramado pelo throno d'estes augustos mestres da tactica.

« Si contemplo a Allemanha, a Allemanha, sempre tão aguerrida, sempre tão disciplinada, vejo-a toda occupada em medicar feridas, que ainda gotejam sangue; si considero ainda esses heróes que do seio de uma pequena ilha do Mediterraneo eram como uns dragões do mar, que assustavam as luas agarenas e puzeram sempre um freio vergonhoso á soberba da Porta Ottomana, eu os vejo sem domicilio certo, vagos, errantes pelas côrtes do continente.

« Si procuro emfim o soberano de Napoles, eu vou dar com elle acantoado em uma ilha, apenas tendo por baluarte de sua augusta pessoa as náos de seus alliados. Que direi do rei da Sardenha? Do grão duque da Toscana? Ah! cederam seus thronos á barbara fereza e ambição do Gengiskan, o Tamerlão dos nossos dias, emquanto o céo justo lh'os não restitue.

« No meio d'esse transtorno geral em que vejo tantos principes, ou banidos de seus estados, ou despojados de seus thronos, ou supportando o peso de uma vida particular, eu procuro o meu soberano, e vendo-o tranquillo e feliz no meio de nós mesmos, então eu exclamo: « Oh! Deus! vós amais o principe de Portugal; pois que é o Noé, que se salva no meio de tão grande diluvio. »

. . . . . .

« Si os primeiros que demandaram as terras da Aurora renascessem e nos trouxessem noticias de novas descobertas e suas náos guerreiras prenhes dos diamantes do Pegú, do ouro de Malaca e das especiarias de Ceilão, não nos dariam um motivo de tanto prazer. Si os heróes de Aljubarrota, do Amexial, dos Montes-Claros, heróes tão celebres como os vencedores de Maratona e Salamina, vivessem outra vez, confessariam, que este triumpho equilibrava suas glorias marciaes. »

E assim termina elle:

« Retumbe pois a nossa alegria em todas as partes, onde se respeite o nome luzitano, onde se falle linguagem portugueza, onde tremulam as sagradas quinas da nação, este novo palladio que cahio do céo, que é respeitado em todas as quatro partes do mundo. Grande Deus! se por meio de minhas fracas vozes podem os votos dos meus compatriotas subir á vossa presença, eu vol-os offereço; e para que sejam agradaveis aos vossos olhos, irão tintos do sangue de vosso filho, que não tarda a correr do fundo do santuario. »

E á vista dos trechos, que acabámos de mencionar, ainda haverá alguem que duvidar possa de que o Fluminense frei Francisco de S. Carlos não foi um genio do pulpito? Quem melhor do que elle seria capaz de pintar com

tão bellas côres, com imagens tão apropriadas, com pensamentos tão altivos e com eloquencia tão seductora; só elle o poderia conseguir e conseguio, immortalisando seu nome como orador e como poeta.

Porque gemem em dobre funebre os sinos do convento de S.Francisco? Que officio solemne é este, que ahi se celebra hoje, que attrae o povo em ondas, trajando pesado luto? Era a pergunta, que se fazia no dia 14 de Janeiro de 1817. E' o officio de corpo presente do eminentissimo cardeal D. Lourenço de Callepi, dos condes do mesmo titulo, arcebispo que foi da diocese de Nisibi e nuncio apostolico de Sua Santidade n'esta côrte.

A igreja dos religiosos franciscanos está coberta de crepe, no centro eleva-se sumptuoso mausoleu e sobre a eça está o corpo embalsamado do finado cardeal Callepi.

A missa é pontifical do bispo de Angola D. frei João Damasceno Povoas, religioso, ex-provincial do Brazil e Fluminense. No solio está o bispo capellão-mór, D. José Caetano da Silva Coutinho; el-rei, a côrte, os bispos de Azoto, Pernambuco, Lantopolis e São-Thomé estão presentes e numeroso concurso de povo.

Eis que surge no pulpito um dos planetas brilhantes d'aquelle claustro; é elle o douto padre mestre pregador régio frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu a 8 de Agosto de 1778 e morreu a 13 de Setembro de 1830.

No meio do mais sepulcral silencio diz elle, tomando por thema o versiculo do Ecl., cap. 45: *Glorificavit illum in conspectu regum*; *et jussit illi coram populo suo.*

« E' dura esta lei, senhores, que arranca para sempre dos nossos braços aquelles homens, que postos na eminencia das dignidades se faziam amaveis pela doçura e franqueza do seu caracter. Dizer-se que já não existe o homem necessario, util ao bem publico, o amigo do pobre, o bemfeitor do orphão, o escudo do infeliz; que linguagem, que noticia tão ingrata para os nossos ouvidos? Dura lei!

« Mas esta lei é a vontade de um Deus omnipotente, a quem não se póde pedir conta de sua conducta: respeitemos, senhores, respeitemos os seus decretos; victimas

da saudade. gemamos sobre o tumulo depositario de suas cinzas; e apezar de nossas lagrimas beijemos o punhal, que rompeu por uma vez os laços de sua vida. A Providencia nos mostra estes homens para que nós sejamos n'elles a sua imagem: elles apparecem cobertos de gloria e de honra na presença dos reis e das nações; porém o Senhor nos faz ver ao mesmo tempo, que elles são mortaes; que têm uma vida emprestada; que estão sujeitos a este tributo universal, que os grandes e os pequenos pagam nos horrores do sepulcro. Assim quando as tribus santas pensavam ver uma creatura immortal na pessoa d'esse illustre chefe, que apparece diante dos principes como a sombra do Omnipotente, que encheu de susto e de vergonha os orgulhosos sabios de Memphis; que obrigou os fortes da casa de Amon e de Enoc a beijar a terra na sua presença, elle cahio sobre o cume do monte Nebo fazendo gemer os escudos dos guerreiros e cobrindo de lagrimas os valles de Moáb.

« No excesso da consternação d'aquelle povo apenas lhe restava o allivio da lembrança, que o Senhor havia glorificado a Moysés diante dos reis, o encarregado do seu poder para salvar a nação nos dias de suas maiores desgraças: *Glorificavit illum in conspectu regum, etc.*

. . . . . .

« Que desgraças, que calamidades, que scenas tão tristes não vou eu agora enumerar?

« Parece-me, que minha alma vai retroceder a esses seculos de vandalismo, em que se viam tribus immensas fugindo diante do archote da guerra e procurando asylo longe de seu paiz natal. A Europa acabava de ouvir o formidavel estampido d'esse vulcão, que rebentára na França sepultando em seus abismos o throno de Henrique IV e de Luiz IX. Epoca fatal! As sciencias, as artes, a honra, a virtude viram-se na dura necessidade de abandonar essas praças tintas de sangue dos reis e dos pontifices; emmudeceu a verdade em presença do erro triumphante, e os ministros do Senhor, as sentinellas do templo, foram depositar suas lagrimas e seus gemidos aos pés do supremo chefe da igreja. Com que demonstrações de

ternura não foram recebidas em seus braços essas victimas do ostracismo revolucionario ?

« Não, senhores, a gloria da antiga escrava dos Cesares n'esses dias em que os reis e os heroes appareciam de rastos solicitando, como humildes pretendentes, o favor dos consules, não foi certamente mais admiravel do que quando appareceram aos pés do representante de Jesus Christo os veneraveis anciãos da igreja de França, pedindo um lugar em que descansem suas cabeças. O zelo paternal, a ardente caridade do santo padre Pio VI, de saudosa memoria, dezejava um homem que desprezasse os sentimentos de seu coração para com esses infelizes, um homem capaz de enxugar suas lagrimas, de adoçar o peso de sua desgraça, de os obrigar a se esquecerem das vantagens perdidas em sua patria ; um homem, que no meio da indigencia fizesse apparecer a abundancia, que na falta dos recursos soubesse desviar a necessidade ; um homem emfim cuja presença, cujas palavras, cujas maneiras fossem outros tantos motivos de prazer e de satisfação para esses miseraveis proscriptos. O eminentissimo Sr. cardeal Callepi achava-se então em Roma ; quem poderia disputar-lhe a honra da escolha e o merecimento da preferencia ? Sim, eu já o admiro á frente d'essa tribu de emigrados ; eu já ouço de todas as partes mil vozes, que exclamam nos mais vivos transportes : Nós achamos no seio de Roma uma nova França, graças ao immortal Pio VI ; na pessoa do illustre Callepi, elle nos deu a doçura, e a affabilidade no seu genio ! Vós conheceríeis melhor a força e a verdade d'estas exclamações, si eu depositasse sobre este tumulo os planos, que o eminentissimo Sr. cardeal Callepi traçou para providenciar a subsistencia d'esses infelizes entregues á sua vigilancia.

. . . . . .

« Entretanto que elle apparece todo occupado d'este grande plano, pedindo aos pés de Fernando IV o auxilio de suas armas, seu zêlo tenta uma nova empreza, servindo-se da mediação do cavalheiro Hamilton, do incomparavel almirante Nelson, e do illustre marquez de Niza para libertarem o santissimo padre Pio VI, annunciando-o do meio das lanças que guardavam sua pessoa na

cartaxa de Florença; empreza que seria realizada com o triumpho, si a victoria do despotismo consentisse que se tornasse á sua gloria a coroa de suas humilhações.

. . . . . .

« A igreja triumpha emfim pela eleição do santo padre Pio VII, momento celebre tanto mais glorioso quanto eram maiores os receios de uma prolongada viuvez, e o anjo defensor da esposa vai esperar em Pesaro para ser o conductor até ás portas de Roma.

« O nome de monsenhor Callepi enchia as praças d'aquella côrte, e a vista de sua pessoa, a gratidão, o enthusiasmo da alegria publica, os transportes mais sublimes da sensibilidade chamavam as novas honras e as dignidades, que vieram recompensar os seus trábalhos. Eu o vejo, senhores, aos pés do solio pontificio recebendo das mãos do santissimo padre Pio VII a cruz do arcebispado de Nisibi e a commissão para a nunciatura apostolica para o reino de Portugal. »

. . . . . .

E passa a terminar n'estas eloquentes exclamações:

« Sua vida entre nós foi uma prolongada enfermidade, ao mesmo passo que nós viamos ainda viçozos os louros que cingiam sua testa, a pallidez de seu semblante nos assustava, seu silencio parecia mostrar, que elle se aprompta va para descer á região dos mortos: aquelles que haviam sido sempre inseparaveis de sua pessoa diziam: « Não [illegible] o mesmo homem. » Oh! morte, como são [illegible] os seus annuncios. Oh! Oh! morte...

« [illegible] senhores, já não existe o eminentissimo [illegible] Callepi, o golpe foi repentino, mas [illegible] esperava de [illegible] »

[illegible] de pa- [illegible] Francisco de [illegible] de S. Fran- [illegible]

[illegible] Não foi [illegible] de Nossa Senhora

XXVII

E' o dia 23 de Maio de 1826.

A cathedral do Rio de Janeiro está coberta de crepe e de instante a instante gemem em dobres funebres os sinos de todos os templos d'esta côrte, e ouvem-se de espaço a espaço troar os canhões.

As bandeiras estão a meio páo, e as armas em funeral, o povo traja pesado luto, divisando-se em todos os semblantes a consternação e a dor; e qual a causa de tudo isto? é porque na capella imperial se celebra hoje as solemnes exequias por alma de Sua Magestade el-rei o Sr. D. João VI. Penetremos no interior do templo, que está literalmente cheio, e no centro ergue-se um soberbo mausoléo, onde envolto em fumos se vê a corôa e o sceptro, emblema da realeza.

Resoam nas abobadas do santuario os sons graves harmoniosos da grande missa funebre do padre José Mauricio.

No meio do mais profundo silencio sobe á tribuna sagrada o distinto cantor de Nitherohy, o illustrado Fluminense conego Januario da Cunha Barboza, que nasceu n'esta cidade a 10 de Julho de 1780, e n'ella falleceu em 26 de Fevereiro de 1846.* Todas as vistas se voltam para o pulpito, anciosos por ouvir ao orador poeta, que assim começa:— « Senhor ** Não póde o silencio da morte suffocar as vozes da justiça e da gratidão, quando a memoria dos que ella arranca de entre os vivos desperta a lembrança de acções grandes, que devem chegar á mais remota posteridade. O tumulo, abrindo-se para confundir no seu pó aquelles que o mundo distinguia, respeita todavia o poder da virtude, que salva os seus nomes de seus terriveis estragos. Aqui finalisam, sim, os

---

* Sepultou-se em uma das catacumbas da veneravel ordem de S. Francisco de Paula, onde se perderam os seus ossos infelizmente.

** Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro I.

prazeres e as afflicções da terra, voltando á terra o que d'ella sahio; mas aqui tambem começa o juizo imparcial dos homens, e quando elle assenta sobre virtudes, que o mundo aprecia e que a religião santifica, então póde dizer-se, que o homem não desce todo á sepultura, porque o seu nome muito mais valioso, do que mil thesouros preciosos e grandes, sobrevive ás grandezas da terra, e passa abençoado sempre de geração em geração.

« Ainda, senhores, ainda depois de tantos seculos ouvimos com respeito os magnificos elogios consagrados ao grande rei de Israel, e as suas acções, eternisando a sua memoria, servem de modelo áquelles soberanos que tambem se endereçam a uma gloriosa immortalidade. O escriptor sagrado, que pagára ao santo David este tributo de justiça, offerece-nos na sabedoria de suas palavras um seguro principio para avaliarmos com exactidão a gloria do grande rei, que choramos morto, e cujas virtudes viverão eternamente estampadas na lembrança dos homens.

« Ah! enganam-se de certo os que consideram a magestade da realeza como um escudo impenetravel, que defende os principes das fraquezas, que são proprias dos homens; mas si as suas cinzas não se distinguem, quando são confundidas com as dos outros mortos, os seus corações apparecem em suas virtudes, e são examinadas á luz do Evangelho; e quando da sua perfeita conformidade nós podemos decidir em favor da sua gloria, então as grandezas, de que foram privados sobre a sua campa, servem mais de realce á sua memoria do que de ornato a seus tumulos; porque só a virtude as ennobrece, como a luz que faz o brilho dos objectos que a reflectem.

. . . . . .

« Lancemos, senhores, as nossas vistas sobre o quadro das potencias da Europa, nos primeiros annos de regencia do Sr. D. João, e aqui veremos, que o vulcão revolucionario, rebentando com terrivel estrondo n'um reino já tão celebre pelos progressos da sua civilisação, envolvia os povos mais visinhos em suas lavas inflammadas, turbando os mais distantes com o negro fumo de sua horrivel cratera, assustando os principes em seus thronos e o

mundo em sua tranquilidade. Approximou-se o perigo; instava a necessidade de um prompto remedio, era já mister oppor-se força contra a força; mas aquelles que n'ella só confiavam, voltavam dos combates, desfolhados seus louros de antigas victorias. Os novos triumphadores, que escreviam com as pontas de suas espadas, tintas de sangue dos vencidos, as leis e tratados, que aceitavam submissos os que tentaram oppôr os seus peitos á torrente impetuosa da revolução, animados por esses primeiros successos, alongavam as suas vistas a povos mais distantes quazi invejosos de sua paz e tranquillidade. Os Pyreneos, dividindo a peninsula do resto do continente, offereciam á Hespanha e á Portugal o baluarte da sua ameaçada segurança.

« Convenções de familia, interesses de proximidade, analogia de governo, e sobretudo obrigações de conservar estabelecimentos cuja utilidade confirmaram a experiencia e o respeito de muitos seculos, chamaram os Portuguezes a juntar os seus braços aos dos Hespanhóes, para fecharem á invasão franceza as cancellas de seus territorios.

« Roussillon vio tremular as quinas a par dos leões, identificados os seus mais caros interesses; mas a historia, apresentando-nos o tratado de 1795, em que o gabinete de Madrid abandonára a causa dos reis e o seu fiel alliado, que então ficara entregue aos seus proprios recursos, e descoberta a vingança de seus victoriosos inimigos desperta a nossa attenção para admirarmos em lance de tanto apuro o acerto do grande principe, que o céo chamara á regencia de Portugal.

« O Sr. D. João, calculando o estado da Europa, o perigo do seculo e as principaes circunstancias de seu reino, adoptou com firmeza o systema, que era do seu caracter e do exemplo de seus predecessores. Retirou logo as suas tropas, e provendo segundo as possibilidades do Estado o armamento de seu reino, enviou um ministro sabio para tratar da paz com o directorio de França.

«Cedeu aos tempos, sujeitou-se a sacrificios pecuniarios, para poupar o sangue dos Portuguezes, para comprar ainda por alguns annos a tranquillidade de seus vassallos;

todavia, senhores. elle não faltou á fidelidade de antigos tratados, porque não confirmou o antigo, de se desligar da alliança da Gran-Bretanha, como então prescrevia o orgulho da França, e como era do interesse da revolução. »

Pinta o orador com as mais bellas imagens as despedidas do Tejo, a viagem e a invasão franceza, e depois de exaltar os beneficios que o Brazil terá, continúa elle:

« E com effeito. senhores, este golpe descarregado sobre um principe, cuja firmeza de caracter experimentada em lances bem difficultosos attrahia o respeito de todas a nações, deu começo no Brazil a uma época brilhante, principiando-nos uma nova e bem dezejada existencia, que foi talvez o primeiro raio de gloria em que hoje somos constituidos.

« O estabelecimento de um throno no paiz que surgira da tumba do sol para adorar a cruz, que Cabral conduzio ao berço da Aurora, produzio um effeito tão maravilhoso, que melhorou a sorte dos Brazileiros, baldando na Europa os bem traçados planos do mimoso da fortuna. A' vista do nosso grande continente pareceu dilatar-se o coração do virtuoso principe, ampliando-se a sua natural bondade. Elle conheceu prudente, que os seus primeiros passos não se deviam imprimir no paiz em que achára refrigerio á seus trabalhos e consolação á sua tristeza, sem um beneficio assignalado, que, interessando a geração presente, levasse á mais remota posteridade a gloria do seu nome e da sua illuminada politica. Oh! dia 28 de Janeiro de 1808! tu eternisas a lembrança d'esta carta regia, que, abrindo os nossos portos ao commercio de todas as nações, deu ao Brazil as preciosas vantagens de uma civilisação necessaria, de que o privara por trez seculos o systema colonial.

. . . . . .

« A gratidão, que me chama a consolar-vos junto de seu tumulo, tocando tão ligeiramente o monumento de sua gloria, convida tambem escriptores abalisados á eternisar a lembrança de seu governo, com o buril da verdade e da honra.

« A brevidade na natureza nem sempre inculca pobreza de assumpto ; suppri vós mesmos, honrados e agradecidos Brazileiros, suppri o que falta em meu discurso, porque sois testimunhas oculares e contemporaneas dos innumeraveis beneficios do Sr. D. João, e porque o vosso luto e a vossa saudade é uma prova assás convincente de que chorais a morte de quem nos engrandecêra e amára.

. . . . . .

« Mas os dezejos de paz e de concordia, que possuiam seu coração n'este conflicto de idéas tão encontradas, n'este ensejo, em que era preciso decidir com promptidão e acerto, encaminham as suas vistas ao augusto principe, que promoveria no Brazil o mesmo bem, que elle esperava promover em Portugal ; arrancam-se dos braços um do outro em dolorosa despedida, recommendando como bom pai, como excellente rei, que velasse sobre a prosperidade dos Brazileiros, que puzesse mesmo sobre sua cabeça a corôa d'este vasto imperio, si as circumstancias politicas tornassem necessario esse acto.

« Brazil, si uma tal determinação que dissipou os teus bem fundados receios, e te conservou a brilhante categoria, em que te saudaram as nações, ainda não basta para mostrar-te quanto deves ao grande monarca, que agora só vive na memoria dos homens, lembra-te de outras muitas acções novissimas, que nos convencem os sentimentos da sua nunca desmentida bondade. »

Passa agora a concluir nos seguintes termos :

« Assim moralmente se reunem e se harmonisam os nobres sentimentos de dois famosos principes, que se dividiram em beneficio da tranquillidade de seus povos.

« A gratidão e a justiça, que hoje misturam sobre o tumulo do Sr. D. João VI as lagrimas dos Brazileiros e Portuguezes, é um signal de que elles se ligaram sempre em virtude, em honra e amor, apezar de separados em politica, em territorio e em categoria nacional.

« A virtude é sempre de todos os corações bem formados ; a gloria é pertença de todos que a praticam ; e si nós reconhecemos gloria e virtude nas acções do fallecido senhor D. João VI, suppliquemos ao Deus de misericordia, a quem elle sempre adorára e servira, que,

purificando a sua alma no sangue precioso derramado em nossa salvação, lhe conceda descançar eternamente na paz e na felicidade de seu reino. »

A oração funebre, da qual acabámos de extrair estes trechos, é uma das melhores producções do talento oratorio do distinto fundador do Instituto Historico, e só ella era mais que sufficiente para dar a seu autor a fama bem merecida, que, como orador sagrado, gozava, não só na terra do seu nascimento como em outros paizes civilisados.

*

Estamos ainda no anno de 1826; é hoje o dia 2 de Janeiro. Na rotunda de N. Senhora da Gloria do Outeiro ha missa solemne, pela pomposa apresentação do principe imperial á Santissima Virgem da Gloria.*

Sobe ao pulpito o arcediago da sé do Pará, Romualdo Antonio de Seixas, que morreu marquez de Santa-Cruz, e arcebispo da Bahia, o qual, depois de saudar a Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro I, começa seu discurso tomando por thema as palavras do Evangelho de de S. Lucas, cap. 2°: « *Transeamus usque Bethlem, et videamus hoc verbum quod factum est, quod dominus ostendit nobis.* »

« Si em qualquer circunstancia, que seja preciso fallar dos ineffaveis mysterios da mãi de Deus, é sempre tão difficil e arriscada empreza, que o devoto S. Bernardo não duvida confessar, que nada o aterrava tanto, apezar da sua vida e do jugo que separava seu terno e abrazado coração, e que o mesmo genio profundo de um Agostinho se via como perplexo e confuso sem atinar com louvores proporcionados á excellencia de Maria Santissima, que será quando aos monumentos da gloria d'esta virgem soberana apparecerem ligados os altos destinos de um vasto imperio, e o esplendor de um throno magestoso, e que da estreita e acanhada esphera, em que se achava circumscripto um debil orador, elle se vê de repente transportado a uma scena immensa e brilhante, onde se

* Este principe é hoje S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II.

deveria ter reunido tudo o que a grandeza humana póde ostentar de mais pomposo e magnifico?

« Confesso, senhores, que me seria impossivel sustentar o peso de tanta gloria, si a religião, que consagro ao poder e á magestade dos reis, me não dispensasse felizmente dos esforços da eloquencia, mostrando na augusta cerimonia, em que tanto resplandece hoje a igreja, na piedade do nosso incomparavel monarca, a mais eloquente apologia do culto da mãi de Deus, e um dos maiores triumphos, que ella póde receber sobre a terra.»

. . . . . .

E termina o exordio n'estes termos:

« Não me assusta a illustração e sabedoria de tão conspicua assembléa; ao contrario ella me conforta, e me anima, porque sei, que a indulgencia é tão propria do genio, como da virtude.

« Acabai, ó Espirito Divino, de fortalecer a debilidade das minhas forças, purificando a minha lingua, e abrazando o meu coração com uma pequena faisca d'aquelle fogo celeste, que transformou os mais fracos e despreziveis dos homens em vazos de eleição, dignos ministros de vossa palavra.

. . . . . .

« Eu abro os livros santos, e vejo um ser moldado pelo coração de Deus empunhar o sceptro de Judá e Israel na conjunctura mais critica, em que as facções suscitadas por uma casa rival, dividia os animos e acendia o fogo da discordia civil; vejo David sustentado pela mãi de Deus instaurar o pai eterno, reunir o voto geral de todas as tribus, identificar-se e formar com ellas a mais estreita alliança pelo pacto solemne jurado ante a face do Senhor: *Ecce nos os tuum et caro tua sumus*; vejo emfim este principe guerreiro dilatar a fama de suas armas entre as mais bellicosas nações; abateu a soberba dos Philisteos, fez tributarios á sua corôa os Syrios, Moabitas, Idumeos e Amalecitas; e coberto de louros e trophéos, reinava pacificamente desde Dam até Berzubet.

« No meio porém de tanta gloria de tão distintos favores nada excita tão vivamente a gratidão d'este monarca, como a memoravel promessa e vaticinio da

perpetua estabilidade de sua real casa e dynastia, pelo nascimento de um filho, que firmaria para sempre o throno na sua posteridade: *Suscitabo semen tuum post te et firmabo regnum ejus.*

« O' Brazil, tu deves ainda mais que Israel aos maternaes desvelos da tua nunca assás louvada protecção; e a tua prodigiosa emancipação será apontada até os derradeiros tempos como uma das épocas mais assignaladas no grande quadro das vicissitudes e revoluções, com que o Supremo Arbitro dos imperios exercita sobre elles os inexcrutaveis juizos de sua clemencia e da sua justiça.

« Eu não repetirei, senhores, a historia de tão maravilhosos successos; elles são recentes e profundamente gravados no espirito de todos os Brazileiros; direi sómente, que si o Brazil, desconhecido, por assim dizer, no longo periodo da infancia das nações, parece tocar já na perfeição e madureza de uma idade robusta e florescente, este espantoso e rapido desenvolvimento é só devido á fecundidade do grande genio, que o céo escolhera na sua misericordia para glorioso instrumento de seus adoraveis designios». E assim termina o distinto orador, invocando a protecção da Virgem:

« Vigiai attenta sobre os dias da augusta imperatriz, herdeira da immortal Maria Thereza; é digna de ser annexada aos triumphos e corôas civicas, que cingem a fronte do magnanimo bemfeitor do Brazil. Cumulai de celestes dons a inclita princeza e suas angelicas irmans, que as mesmas graças (seja-me licito fallar assim) parecem ter formado de suas proprias mãos, e que façam um dia a felicidade de outros povos e monarchias.

« Alcançai-nos emfim, que depois de gozarmos sobre a terra os fructos de uma sábia e feliz administração, qual apresentam os sagrados livros na encantadora imagem d'esses dias venturosos, em que Judá e Israel formaram um povo innumeravel e grande, qual vivia seguro e alegre á sombra de uma figueira, no seio de uma doce paz, mereçamos ser admittidos á fruição de gloriosa immortalidade, onde reinaes com vosso filho por todos os seculos. Amen. »

Seria um nunca acabar si fossemos extrahir todos os trechos dos discursos do finado D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa-Cruz e arcebispo da Bahia, e para darmos idéa do quanto elle era eloquente basta este que citámos, que é mais que sufficiente para collocar seu nome no numero dos nossos grandes oradores sagrados.

D. Romualdo Antonio de Seixas era natural da provincia do Pará, morreu a 27 de Dezembro de 1858 no seu palacio archiepiscopal, e jaz sepultado na capella-mór de sua sé.

*

O convento dos religiosos franciscanos da cidade do Rio de Janeiro foi em todos os tempos o viveiro dos grandes oradores da tribuna sagrada. Entre as muitas capacidades, que ali viviam nos primeiros annos do seculo actual, destacavam-se trez religiosos, que pela igualdade de circunstancias, coincidencias notaveis que só n'elles se agruparam, formaram uma trindade oratoria.

Nasceram todos trez na cidade de Mem de Sá, nos ultimos annos do seculo XVIII, e posto que em eras e datas differente, todos trez viram a luz do mundo em dias do mez de Agosto.

Receberam todos trez o santo sacramento do baptismo e com elle o nome de Francisco.

Todos trez escolheram a vida do claustro, para a qual se sentiram com a mais pura e decidida vocação. Cingiram todos trèz o cordão e saial do pobre de Assis, e foram todos trez dignos ornamentos da ordem do illustre solitario da Thebaida. Dedicaram-se com amor ao estudo, e desabrocharam todos trez a mais vigorosa e rara intelligencia.

Occuparam todos trez com louvor e applausos a cadeira do magisterio, onde colheram louros e ovações as mais bem merecidas, e na cadeira do Evangelho realçaram com seus altivos talentos e extraordinaria facundia a palavra sagrada, e grangearam todos trez o epitheto de Sereia do Pulpito. Foram todos trez theologos, philosophos e literatos comsummados.

Occuparam todos trez, não só no seu convento como fóra d'elle, os cargos mais elevados e importantes. Foram

todos trez theologos da nunciatura apostolica e todos trez pregadores régios, sem que o patronato interviesse, nem elles o solicitassem, e obtiveram todos trez essa honraria pelos dotes de seus profundos e abalisados talentos, que foram os unicos degraos, que tiveram para subir áquelle Capitolio da eloquencia.

Nasceram portanto debaixo do mesmo signo e do mesmo céo, onde brilha formoso o sol do Guanabara, respiraram as mesmas brisas, beberam as mesmas aguas do famoso Carioca, inspiraram-se na mesma religião, onde resplandeceram como brilhantes planetas da tribuna sagrada. Ataram ao carro de seus triumphos os applausos mais bem merecidos. Filhos da mesma terra e da mesma ordem, iguaes no nome e no talento, eram tambem unidos pelos laços da mais santa amisade.

Morreram todos trez na cidade do Rio de Janeiro, todos trez das consequencias da mesma enfermidade, sepultaram-se todos trez em sepulturas unidas no claustro do seu convento, e ahi dormem todos trez o somno eterno da morte até raiar o dia do juizo final.

Foram trez athletas do pulpito, que cahiram nos horrores do tumulo, e desappareceram do firmamento: foram trez aguias, que voaram das regiões da terra ás regiões do céo. Foram ainda trez genios do pulpito, que desappareceram para sempre da arena de seus triumphos, e se sumiram nos umbraes da eternidade. Foram trez columnas do templo de Minerva, que cahiram despedaçadas aos sopros gelados da morte.

Eram elles frei Francisco de S. Carlos, que nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1765 e morreu a 6 de Maio de 1826, com 60 annos de idade; frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, que nasceu no Rio de Janeiro a 5 de Agosto de 1779, e falleceu aos 52 annos de idade, a 13 de Setembro de 1830, e frei Francisco de Monte Alverne, que nasceu no Rio de Janeiro a 9 de Agosto de 1784, e morreu aos 74 annos de idade, a 1 de Dezembro de 1858, e n'esse mesmo dia completaram-se 41 annos da morte do padre mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que havia sido seu mestre, e um orador sagrado eloquentissimo.

S. Carlos morreu; Sampaio e Monte Alverne derramaram lagrimas de sentimento e saudade sobre seu tumulo. Morreu Monte Alverne 28 annos depois; ninguem chorou sobre seu tumulo, porque elle era o ultimo representante d'essa pleiade brilhante de pregadores, que tantas glorias conquistaram para sua ordem: elle mesmo o previa, porque o diz, paraphraseando as eloquentes palavras do autor do *Genio do Christianismo*.

«Eu era como o cego Ossian, sentado sobre as ruinas do rei de Morven; para qualquer lado que estendia os braços topava os ossos de meus companheiros de armas.» Mas si elles tinham desapparecido, o deixavam só no mundo. Si elle os chorava sobre o tumulo, sobre o seu carpiam as saudades, e o banhavam as lagrimas de um imperador e de seus discipulos e amigos dedicados; portanto foi elle na morte mais feliz de que elles?

S. Carlos e Monte Alverne receberam na mesma pia as aguas do baptismo, que teve lugar na matriz do Santissimo Sacramento; Sampaio na da Candelaria.

Já tratámos de S. Carlos e Sampaio; agora vamos tratar de frei Francisco de Monte Alverne. Depois de haver pregado com geral applauso na mais grandiosa festividade d'esta côrte, e de haver conquistado os fôros mais bem merecidos de principe da oratoria sagrada, foi acommettido de fatal amorose, que lhe roubou a vista, e assim ficou elle privado de continuar na arena de seus triumphos.

Recolheu-se ao retiro de seu claustro e no fundo de sua cella vivia esquecido o illustre cego, e só d'elle se lembravam seus discipulos agradecidos e seus amigos dedicados.

Tragava ali o veneravel Monte Alverne as dores do ostracismo; só e silencioso soffria elle a ingratidão de sua patria e d'aquelles que, devendo-lhe a sabedoria que os collocára no fastigio das honras e do poder, pouco ou nada se importavam, que o genio do pulpito brazileiro tragasse ou não as fezes do calix da amargura.

Doze annos se passaram sem que jámais se ouvisse fallar em frei Francisco de Monte Alverne; eis que de repente o Dr. Joaquim Pinto Brazil, então lente

de philosophia do Imperial Collegio D. Pedro II, funda n'esta côrte o Ensaio Philosophico. A casa n. 8 do largo de S. Francisco de Paula está adornada de flôres e galas; era o dia solemne da inauguração da sociedade scientifica. São convidados para assistir a este acto o bispo conde capellão-mór e frei Francisco de Monte Alverne. E' o dia 10 de Dezembro de 1848. Chegam os illustres convidados, occupam suas cadeiras.

Duas corôas de louros estão sobre duas salvas de prata; o presidente offerece uma ao illustre anjo da diocese do Rio de Janeiro, que a collocou na cabeça do veneravel Monte Alverne, e aceita para si a outra.

Monte Alverne levanta-se, limpa o suor da fronte, enxuga as lagrimas, os louros resplandecem sobre a corôa da velhice, que orna sua cabeça, o silencio é geral: cheio de emoção diz elle:

« Estou fraco e abatido . . . a posição em que estou é tão extraordinaria para mim que talvez a não comprehendais !... Si eu soubesse, que era arrancado das bordas do meu sepulcro, do seio do meu retiro, para receber das mãos da mocidade uma corôa de louros, honra civica, que premeia meus serviços, pisados pela ignorancia, esquecidos pela estupidez e mal pagos pela mais fria indifferença, ainda assim, talvez, não tivesse coragem em apresentar-me para recebel-a.

« Eu sei, que ella tem um grande peso, que tem um brilho muito acima do meu merecimento, e que meus trabalhos não correspondem a esta aureola, que recebo no fim da minha vida!... Parece-me, que sou uma victima, enfeitada para a hora do sacrificio! Tanta honra, tanta consideração para um homem occulto no silencio de uma cella, passando da obscuridade á gloria, a velhice coroada pela mocidade, a morte reanimada pela vida... São phenomenos tão grandes, geram sensações tão poderosas que as não posso occultar.

« Doze annos tenho estado em silencio !... Sabeis, que força é precisa para que escapem estas palavras toscas no meio de tanto enthusiasmo, a despeito d'esta gloria que a mocidade acaba de receber, d'este futuro que se apresenta tão radioso ?

. . . . . .

« Sempre vi no caracter dos Brazileiros essa superioridade de talento, que ninguem lhes contesta, esse futuro grandioso, essa gloria que devia illustrar o nosso paiz tão espesinhado pelo estrangeiro, que não nos conhece e aprecia, porque tambem não nos pode bem avaliar.

. . . . . .

« O christianismo, que revelou os verdadeiros destinos do genero humano, ennobreceu o coração do homem, elevou a sua razão, illustrou o seu espirito e marcha sempre, a despeito de todos os revezes, á frente da civilisação, porque elle é o seu mais forte elemento, porque elle é o typo nobre e sublime da grandeza, da gloria e da liberdade do homem. »

Estes magoados queixumes do distinto orador sagrado commoveram o auditorio, choraram os dois principes, o da igreja fluminense e o da oratoria sagrada, abraçados por longos momentos, e com elles chorou o luzido auditorio, que ali se achava reunido.

Vamos agora ouvir o illustre Monte Alverne no pulpito, onde colheu tantas ovações, mas antes de o fazer ouçamos o que diz elle, fallando das glorias do seu passado :

« Nós podemos affirmar com todo o orgulho da verdade, que nenhum pregador transatlantico excedeu aos oradores brazileiros. A' riqueza da dicção reunia-se a pureza do estlio e a força da argumentação ; e para que não faltasse uma só belleza, a doçura e amenidade da expressão augmentavam os encantos e a magia da acção ; e assim verificava-se o pensamento de um escriptor francez, que dizia, que a lingua de Camões pronunciada por um Brazileiro devia realizar todos os prodigios e todas as seducções da harmonia. » Em outro lugar, fallando da chegada do Sr. D. João VI e das festas da côrte, diz elle :

« Quando algum escriptor quizer um dia escrever os factos mais notaveis que assignalaram aquella época, como o velho Chactas, no sublime episodio de Atalá, fallando de sua viagem á França no reinado de Luiz XIV, dirá, que elle assistio ás festas do Rio de Janeiro, e ás orações funebres de frei Francisco de Sampaio. »

Antes porém de darmos os trechos dos discursos de Monte Alverne, cumpre primeiro dar a descripção de seus dotes oratorios.

Calemo-nos para deixar fallar d'elles os seus illustrados biographos.

O talentoso Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, fallando d'elle diz:

« Vibrante como a da araponga era a voz de Monte Alverne, natural e gracioso seu acionado, communicando ainda alguma cousa de solemne a seu magestoso porte o burel de S. Francisco. »

Em outro lugar continuava o mesmo escriptor:

« Era de estatura alta, fronte espaçosa, olhos grandes, magro e de movimentos rapidos, e seu aspecto venerando, seu ar inspirado, assimilhava-se ao infeliz Savonarola, em quem, diz Michelet, residia o espirito dos prophetas. »

« Affavel e cortez no seu trato familiar, discutia raras vezes com calma, e frequentemente com paixão. »

Um notavel escriptor e orador da patria de Henrique Dias, o conego Pinto de Campos, fallando de Monte Alverne, dizia:

« A palavra pertencia-lhe como o marmore a Miguel Angelo, o colorido a Rubens e a harmonia a Beethoven. »

Quando fallava nunca precisou pedir attenção, empunha-a, diz outro escriptor notavel.

Agora que já temos assás descripto seus dotes oratorios, vamos a dar alguns trechos de seus bellos sermões.

Vejamos agora o que fôra elle antes de ser cego.

A capella imperial do Rio de Janeiro celebra hoje com a mais arrojada pompa a festa do anniversario da sagração de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro I e fundação da ordem imperial do Cruzeiro.

Não ha um só lugar, está literalmente cheia de tudo quanto ha de grande e de illustre na terra. Ouçamos a Monte Alverne, que sobe ao pulpito no meio do mais religioso silencio; assim começa:

« Não admira, que os grandes homens forcem a admiração e o respeito. Não poderá mais sorprehender-nos o proceder extraordinario d'estes senhores, que, sopeando

as rebelliões, e pondo um freio á anarchia, foram assentar-se á testa das nações para assegurar sua felicidade. E' sem duvida bem glorioso este privilegio, que separa os heróes e os torna sobranceiros á fortuna! E' bem admiravel esta força, que lança nos theatros mais arriscados estes homens, que o Todo-Poderoso extrae de seus inexhauriveis thesouros, para levantal-os a uma altura, que seus poderosos rivaes não ousam pleitear.

« Tinha-se forcejado inutilmente por descobrir estes segredos, que desconcertam a sabedoria humana. A philosophia nunca pôde conhecer a verdadeira causa d'estas revoluções, que mudam o assento das monarchias, e fazem surgir outras monarchias. Inventaram-se sistemas, forjam-se definições, creou-se o direito das gentes, apoiou-se na legitimidade, admittio-se a soberania do povo; o homem social teve contratos, e a politica mostrou-se com o seu manto de varias côres, apresentando a cada momento novos prazeres, e modificando a cada instante suas theorias e suas convenções. Mas o Eterno se deixa ver sustentando em suas mãos a balança em que pesa o universo, espantando a terra com o estrondo de suas maravilhas, quebrando o sceptro dos senhores do mundo, fundando novos reinos, estabelecendo outras dinastias, e cingindo com o diadema áquelles que elle tem escolhido para fundadores dos imperios suscitados na sua providencia.

. . . . . .

Termina o exordio n'estes termos: « Deus dos Brazileiros, protector immortal d'este imperio, que o collocastes no maior auge de illustração, vós sellastes n'este mesmo santuario a alliança, que ligou um povo heroico ao chefe que escolhera para propugnar a sua independencia; justificai ainda mais as vossas misericordias, habilitando o orador para inculcar dignamente os prodigios de vossa magnificencia. »

. . . . . .

« Não se podia duvidar, que a sorte mais ditosa aguardava este afortunado continente; que na manhan de 1500 como que surgio do meio das ondas para receber em seus braços este feliz navegante, que, seguido do

renome portuguez, levava aos habitantes da Aurora, as artes e a industria da Europa, e com ellas os vicios, as necessidades e as cadeias dos povos civilisados.

« Saindo das mãos do Eterno, qual peça inteiriça, banhado dos rios mais caudalosos, cortado de muitas zonas, rico de todas as producções da natureza, estendendo seu largo seio sobre as praias do Atlantico, o Brazil era destinado para ser um dia o refugio dos seus primeiros descobridores e realizar feitos ainda ignorados. O coração não póde bastar á vehemencia dos transportes, quando contemplamos os padrões levantados para immortalisar um povo, que ainda no berço ostentou-se tão nobre e tão heroico.

« Vio-se pela primeira vez um povo curvado com o peso dos seus trophéos, orgulhoso por ter sacudido o jugo infame que uma das republicas mais bellicosas lançára em seu pescoço, justamente rebelde ás ordens de seu soberano, que, não podendo sustentar seu arrojado empenho, o constrangeo a beijar as cadeias de seus novos e crueis senhores, precipitar no Oceano os exercitos, as esquadras, os almirantes batavos, e a depositar aos pés de seu rei esta mesma liberdade, que acabava de conquistar nas margens do Beberibe e sobre as alturas dos Guararapes. »

Vejamos agora o orador desenvolver os conhecimentos profundos de historia antiga :

« Coriolano conduzindo contra sua patria o exercito dos Volscos; os Gracchos cahindo debaixo dos punhaes dos nobres, que elles tinham supplantado ; Virginio ainda tinto no sangue de sua filha, que elle mesmo assassinára para subtrahil-a á brutalidade d'Appio Claudio, reunindo o povo sobre o Aventino, e obtendo a cabeça dos decemviros ; Silla enchendo a Italia de horror e matança ; Mario guiando á Roma suas legiões ferozes depois de escapar em Minturnes ao ferro cimbrio ; Cesar acabando em Pharsalia com as liberdades publicas ; os triumviros espantando a terra com as suas proscripções ; mil pequenos tirannos successivamente dilacerando a Grecia; Melciades expirando no fundo de uma masmorra, coberto de feridas ganhadas em Maratona ; o vencedor

de Salamina, perseguido de cidade em cidade por seus mesmos concidadãos, a que déra o imperio dos mares; Scipião morrendo em Literno, e Annibal envenenando-se na côrte de Prusias, ambos esquecidos e desprezados; a traição e o perjuro assentados na cadeira dos Stuarts, e revelando até que ponto é capaz de levar os excessos do despotismo um usurpador obscuro; a França coberta de destroços causados por furacões revolucionarios; tribunos freneticos delapidando a herança preciosa de S. Luiz e successivamente atropellando-a nos degráos do cadafalso; milhões de victimas cahindo debaixo do machado do algoz; eram as scenas cruentas, que pretendiam reproduzir no meio de nós aquelles que, seduzindo-nos com a toga dos consules e dos pretores, deixariam bem depressa nossas provincias devastadas e divididas para serem o despojo da cobiça e a presa dos estrangeiros! Deus de Vieira, de Camarão e Dias, vós salvastes o Brazil do abismo, em que ia ser engulido, concedendo-lhe um principe, que apagou as nodoas de sua escravidão, e mostrou-se digno das façanhas para que o reservastes! » Passa o orador a descrever as peripecias que deram lugar á proclamação da nossa independencia, e pinta com as côres mais bellas este facto memoravel, que gravou na historia patria o dia 7 de Setembro de 1822.

Continúa o seu discurso dizendo « Doces effusões do amor da patria, fagueiras recordações da lealdade, vós trazeis á nossa memoria os milagres de Roma, e os prodigios de bravura, lustre inalteravel d'estas ordens militares, que tanto mereceram da religião, que as sanctificou, e da humanidade a quem prestaram os mais relevantes serviços. Os feitos realizados nos sobejos fumegantes de Rhodes, os trophéos erguidos em Malta, os barbaros do norte subjugados pela ordem teutonica, os Mouros da Hespanha cortados pelas espadas dos cavalheiros de Calatrava e S. Jacob, mil guerreiros ligados pela fraternidade formando um circulo de ferro em torno do seu soberano, a aureola de Bayard, as victorias de Duguesclin, os louros de Nuno Alvares Pereira, e as proezas de Geraldo Sem-pavor, traçou o mais completo

elogio d'esta antiga cavallaria, contra a qual não podem prevalecer as mais fortes prevenções.

«A ordem do Cruzeiro não será eclipsada em seu brilho, porque symbolisa os primores da dedicação. A fidelidade será o seu brazão, porque é destinada a recompensar a primeira das virtudes civicas. Cada um de seus membros identificando sua fortuna, e sua vida com a fortuna e com a vida do imperador, não duvidará dizer como este soldado celebre ao mais celebre rei: Eu juro pelo Senhor, e por vós, oh! meu rei, seja qual fôr a situação em que vos achardes, prospera ou adversa, que estarei sempre comvosco e nunca hei de faltar-vos.»

E assim termina:

«Deus Omnipotente, por quem reinam os reis e subsistem os imperios, quando os assomos de vossa omnipotencia se reproduzem a cada instante, quando as vossas graças previnem os nossos votos e transcendem as nossas esperanças, quaes serão as rogativas, que eu vos devo dirigir no dia solemne em que o imperador vem satisfazer a divida da sua piedade e seu reconhemento? Exprima-se quem quizer como lhe dictar o seu patriotismo; emquanto a mim, eis aqui a minha supplica: Possa affirmar-se de Pedro I do Brazil o que a posteridade assevera do melhor dos reis, que se assentaram no throno da França, do unico rei cujo nome ficou impresso na lembrança do povo. Elle servio de modelo a todos os reis, por sua bravura nos combates, sua sinceridade nas negociações, sua generosidade na victoria e suas vastas concepções no gabinete, por sua constante actividade, por seu amor para seus subditos, por sua grandeza d'alma e por todas as qualidades que constituem o mais excellente e grandioso caracter.» Bastam os trechos acima citados para se poder julgar da vasta intelligencia e profunda erudição do distinto orador.

Agora vamos ver o como elle se mostra, depois de cego e retirado do pulpito por espaço de 18 annos, o mesmo athleta dos tempos da mocidade, contando perto de 72 annos. Antes porém de o ouvirmos de novo, ouçamos primeiro o que diz o distinto cantor da *Noite do Castello*

o Exm. Sr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho, cego e sabio como elle :

« Dezoito annos havia que Monte Alverne agonisava entre seus actores mudos, mudo como elles; 18 annos de inercia depois de suas ultimas victorias; 18 annos de invizivel para o mundo versatil e esquecido, que se vinga de ser aclamado, olvidando depressa. O seu monumento literario achava-se levantado. Os annos de vida, que o religioso contava, eram nada menos de 70. Bate-se á porta da cella ! E' uma embaixada do throno ? Não : é um convite de uma magestade a outra magestade ; é o imperador D. Pedro II, que para a festa de seu patrono S. Pedro de Alcantara manda rogar ao frade Monte Alverne como orador. A côrte, a cidade, e o chefe do imperio dezejam experimentar os podêres d'aquella existencia de outr'ora, a que tão notaveis triumphos se referem.

« Debalde pretende o morto eximir-se á resurreição; a dextra de um imperador sabio e portanto amigo o obriga e o ajuda a levantar-se ; sacode do habito a poeira de 18 annos, empunha o bordão, encaminha-se para o pulpito. »

Em outro lugar diz o illustre cantor dos *Ciumes do Bardo,* fallando da visita de Suas Magestades Imperiaes ao convento de S. Francisco um anno depois de Monte Alverne ter pregado na capella imperial o famoso sermão do S. Pedro de Alcantara, cujos trechos já extrahimos, denominando-o — canto do cysne.

« No anno seguinte, diz o Exm. Sr. conselheiro Castilho (1855—4 de Outubro), dia da festa de S. Francisco de Assis, o fundador da ordem seraphica, e de quem já vimos como nosso frei Francisco tomára por appellido o nome de Monte Alverne, vieram ao convento assistir á solemnidade religiosa Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz ; era occasião de pagarem com uma visita sua ao sabio, alto brazão do seu imperio, as muitas que d'elle haviam recebido. Esta scena honrosa para todos trez devia-a ter o pincel perpetuado ; e á fé, que havia ahi com que se inspirar. Uma princeza, toda sua vidade e virtude; um principe todo virtude e talento, religião e magestade. »

Fallando do mimo que Sua Magestade o Imperador fizera a Monte Alverne da cadeira do famoso thaumaturgo do Brazil, assim diz o douto vate portuguez:

« Um presente digno de quem o dava e de quem o recebia, assignalou a estada de D. Pedro II no quarto de frei Francisco de Monte Alverne; foi a cadeira, que o soberano possuia do grande Anchieta; reliquia historica do valor de um throno. Si o sermão de S. Pedro foi o derradeiro relampago solar da tarde e profunda noite do solitario, nem por isso deixaram de notar-se no restante d'ella alguns lampejos do antigo genio, que, a terem sido unicos, ou chegado primeiro, lhe houveram por si creado reputação. Eram as vascas do talento na agonia. »

Monte Alverne, como Souza Caldas, nunca mercadejou com seus talentos, não tinha ambição sinão de gloria, e d'isso temos nós a mais valente prova no seguinte facto.

Quando chegou a esta côrte a infausta noticia do passamento de S. M. a Sra. D. Maria II, rainha de Portugal, o distinto corpo do commercio portuguez fez as mais solemnes exequias no sumptuoso templo de S. Francisco de Paula. Uma commissão bateu á porta da cella de Monte Alverne, convidando-o para ser orador, e para isso offereceu-lhe quatro contos de réis; o que elle rejeitou immediatamente, dizendo: « Que frei Francisco de Monte Alverne não subia as escadas do pulpito de S. Francisco de Paula com as algibeiras pesadas de ouro. »

Muitos outros convites teve elle, que sempre rejeitou, e só á Sua Magestade o Imperador estava reservada a gloria de evitar uma recusa.

Dois annos depois do sermão de S. Pedro de Alcantara, ainda a pedido de S. M. o Imperador, subio de novo o sabio orador ao pulpito.

O templo escolhido foi a rotunda de Nossa Senhora da Gloria; a festa da Assumpção da mãi de Deus. Dias antes foi elle acommettido de um ataque, que o poz em perigo de vida, mas quiz Deus, que melhorasse para cantar os louvores de sua gloriosa mãi pela ultima vez.

E' o dia 15 de Agosto de 1856.

Si em todos os annos a devoção dos povos attrae aquelle santuario milhares e milhares de romeiros, n'esse

anno a concurrencia foi sem exemplo. São 5 horas da tarde. A capella de Nossa Senhora da Gloria está adornada de galas, flores e ricas alfaias, que brilham ao clarão de centenas de luzes.

Annunciam as salvas de artilheria a chegada de Suas Magestades Imperiaes, que a custo penetram no templo, que está apinhado de povo, e o mesmo aconteceria, ainda que elle tivesse as vastas proporções da soberba cathedral de Milão.

Apparece na tribuna o padre-mestre Francisco de Monte Alverne, que, alquebrado ao peso dos annos e da enfermidade, vinha pela ultima vez entoar o hymno da despedida á Virgem Santissima da Gloria.

Impossivel é restabelecer o silencio pela impaciencia do povo, que disputava pelos lugares.

« Senhor! diz elle, saudando á S. M. o Imperador. Ha successos tão estupendos, que forçam a admiração e o assombro; ha feitos tão pasmosos, que invalidam a intelligencia e geram as emoções, que o homem não póde acalmar nem reprimir.

« O coração palpita diante d'esta irradiação, que patentea a grandeza e a presciencia infinita. Tudo se curva, tudo se humilha ao Eterno, que, dispensando milagres, ostenta-se tão forte do seu poder quanto é magnifico por sua beneficencia.

« A mulher, suscitada para ligar os élos da tradição, ergue-se victoriosa do seu feroz inimigo. Mais distinta por seu merito pessoal do que por a sublimidade das suas izenções, a Virgem, a quem fôra preordenado esgotar uma porção de fezes depositadas no copo da ira do Senhor, antecipa o momento da sua resurreição, refulge qual estrella da manhan em um novo horisonte e recebe do Todo-Poderoso a remuneração da sua firmeza e da sua perseverança.

. . . . . .

« Longe, bem longe vão esses tempos, em que, fortalecido da mocidade, devorado do mais acendido enthusiasmo, celebrei aqui mesmo a glorificação d'esta creatura incomparavel, a quem o imperador considera sua ineffavel protectora.

« Quando em 1833, convidado para satisfazer n'esta mesma rotunda os anhelos da devoção, recordando o passado, evocando o futuro, victoriei na robustez da minha fé a invicta defensora do Brazil, seguro de que o imperio sahiria incolume dos casos, a que tinha sido exposto, e que bem cêdo o orphão augusto se deixaria ver com todo o seu fulgor, dissipando as procellas e conduzindo a serenidade, posso dizel-o com desvanecimento, nem foram desmentidas minhas convicções, nem frustada minha confiança.

« Arrancado agora do meu retiro pelos dezejos do imperador afim de pagar em seu nome á mãi de Deus e dos homens o tributo indeclinavel do reconhecimento, tenho só para offertar, em prova da minha dedicação, os sobejos de uma memoria enfraquecida e os ultimos restos de uma existencia anniquillada. Não importa: conto com o vosso auxilio, rainha feliz e bemaventurada! Não trago, vós o sabeis, perfumes adulterados com o servilismo ou a vangloria. Meu incenso é tão generoso, qual o pensamento que o dirigio, e o impulso que o determinou Mas para que mesclar os vossos encomios com reparos profanos? Hoje tudo é vosso, felicitações, culto, exaltação, tudo vos pertence. Qualquer que seja a sorte do orador, vosso apreço não será attenuado. »

Em um topico da narração diz elle:

« Os turibulos de ouro afumavam o tabernaculo, em que habita o que vive eternamente; os anjos contemplavam extaticos essa scena admiravel, que devia imprimir o duradouro sello nos oraculos e nas prophecias.

« Sobranceiro ás rebelliões dos sentidos, que alteram a economia animal, izento d'esse estimulo originado por a culpa, e que vicia o systema de nossa organisação; depuradas todas as fraquezas, o espirito da Virgem, qual a chamma, que escapa da materia que a sustinha, desprende-se de seu envoltorio e penetra as regiões do tumulo, afim de cumprir a pena irremissivel do homem, emquanto seu corpo sagrado, ungido com o balsamo da virgindade, fomentado com essencia divina, despia sua inercia e sua gravidade, adquiria por uma transfiguração miraculosa a claridade, a subtileza, a agilidade e a impassibilidade

que espiritualisam nossa grosseira natureza, vencia a decomposição e corruptibilidade, e reunindo-se á substancia immaterial que o animava, triumpha da morte e do peccado.

Levanta-te, filha de Sião, levanta-te, reveste o esplendor da soberania, e vai sentar-te debaixo do pavilhão sumptuoso, que o Altissimo te reserva. O amor da tua alma, que se esquivára do teu enlevo, não evitará mais os teus braços. Attende ao esposo que te chama, deixa a morada funebre da desolação e dos pesares, apressa-te a cingir o diadema immortal e immarcessivel! *Veni, sponsa mea, veni de Libano : veni et coronaberis.*

. . . . . .

« Que ruido harmonioso resôa nas abobadas ethereas!... Que modulação! que suavidade! Não ouvis? E' a ode altisona, que o eximio cantor hebreo compoz no assomo das suas inspirações para cantar o triumpho d'essa vergontea de Jessé, o timbre da sua raça, o brazão da sua nobreza! Eu abalancei-me aos conceitos mais arrojados, exclama o real propheta ; ao rei consagro todas as minhas producções. Minhas estrophes são correctas, e tão rapidas quaes os caracteres traçados por um calligrapho habil e expedito : tu vences em formosura as filhas dos homens, e a graça se derramou por os teus labios ; por isso te abençoou Deus por toda a eternidade.

« Os teus vestidos, os teus cofres de marfim rescendem a mirrha, áloes e a canella, mimos com que te regalaram. As filhas dos reis te fazem côrte. A rainha está a tua mão direita, vestida do mais custoso brocado e adornada com os enfeites mais variados.

« Escuta, ó filha, applica os teus ouvidos. O rei amará tua gentileza, porque elle é o senhor teu Deus, e os povos o adorarão. As filhas de Tyro virão com as suas offertas ; todos os ricos do povo te offerecerão humildes supplicas. Toda a gloria da filha do rei provém das suas proprias qualidades no meio das franjas de ouro e das diversas preciosidades, com que se adorna. Os povos se lembrarão do teu nome por toda a successão das familias e publicarão continuamente os teus louvores. »

A parte politica sublima e inspira no santo amor da patria o distinto orador sagrado, que exclama, fallando da protecção da Virgem : « E' o Brazil ! o Brazil, onde foram experimentados mais utilmente os effeitos d'esta vigilancia incumbida á propugnadora das nações? Quem ignora, que o primogenito da patria foi confiado á sua guarda por essa extremosa princeza, o modelo, o exemplar das mãis e das esposas? Quem desconhece, que o principe famigerado, que presidio o Brazil com o manto dos Cesares, alcançou de Maria a pedra angular d'este magestoso edificio, que assoberba o novo mundo, e um dia forçará o respeito universal? E' inutil abrir essas paginas, em que a historia legou á posteridade os acontecimentos, que abrilhantaram essa época tão fecunda em galhardia.

« Não está ainda tão viva a lembrança d'esses dias de luto, de terror e incerteza, com que o Brazil achou-se a braços, com essa fatal minoridade, o escolho em que têm vacillado as monarchias mais bem organizadas? Quem acreditaria, que um principe de cinco annos pudesse comprimir a anarchia, e assignar um paradeiro á guerra civil, que assolava nossas cidades e todas as nossas provincias? Quem se jactaria de predizer as consequencias d'essas idéas exageradas, d'esses projectos sinistros, d'essas aspirações criminosas, que punham em risco o padrão indelevel do bom senso dos Brazileiros? Oh! nunca foi mais justamente apreciado o influxo benefico da realeza !... nunca foi mais valioso esse prestigio, que torna tão veneravel a magestade dos reis !... Ao fragor do incendio, que reduzia a cinzas nossas povoações ; ao tinido lugubre dos punhaes fratricidas, que votavam a uma vingança estupida centenares de victimas ; á inauguração d'esses festins selvagens, em que o canibalismo dava os mais freneticos emboras ao roubo, á devastação e á ignorancia. Deus nos deparou no principe, com que nos mimoseára, o termo de tantos damnos, e aurora de uma prosperidade, que não era dado lobrigar.

« Não: não nos pejemos de confessar : o Brazil não tem que pretender de sua preclara interventora outros documentos da affeição mais apurada. A concordia restabelecida, a tolerancia extirpando ou moderando odios

inveterados e animosidades mal extintas, melhoramentos materiaes representados outr'ora, qual a representação de um sonho; a façanha de Monte Caseros, restaurando o desastre das nossas armas nas margens do Ituzaingo, e afugentando esse despota popular, que nos atirava a todo o instante o cartel do desafio, e cuja presença no poder era uma ameaça para o Brazil, e uma affronta ao imperio; a passagem do Tonelero, ganhando para a marinha militar uma aureola, que deslumbrou as proezas do Obligado, e de São-João de Ulhôa, dão o mais bello relevo a este reinado, que levará aos terminos do orbe o renome brazileiro, e com elle a alta fama do seu abalisado monarca.»

. . . . . .

Passa o orador a concluir invocando a protecção da Santa Virgem, n'estes termos:

« Virgem protectora! Acolhei a expressão do agradecimento, que o imperador, na pureza de suas intenções e no fervor da sua piedade, vem dedicar-vos no anniversario de vossa ditosa Assumpção! Subam ao vosso throno as preces, que elle vos dirige em prol da sua familia, em favor d'este povo, alvo constante de seu zelo e sua infatigavel solicitude. Fitai um olhar vosso, um olhar de affabilidade sobre a imperatriz, que conquistou as nossas sympathias e tem penhorado o mais sincero acatamento por seu proceder sizudo e uma vida immaculada. Fecundai seu seio maternal, e outros principes adocem as magoas de seu pai e suavisem as agonias de sua mãi. Afagai em vosso regaço estas princezas delicadas e innocentes, sobre quem repousa a estabilidade futura do Brazil. Escudai-nos com o vosso amparo, defendei-nos com o vosso valimento, e nós exaltaremos o Senhor, que vos assegurou os testimunhos mais decisivos da sua predilecção, escolhendo-vos para sua mãi, entre as filhas mais illustres de Judá, e remediou a ingratidão e os desatinos da primeira mulher, levantando-vos em rainha e cingindo a vossa testa com o diadema real: *Adamavit eam rex plusquam omnes mulieres, habuitque gratiam, et misericordiam coram ea super omnes mulieres, et posuit diadema regni in capite ejus, fecitque eam regnare in loco Vastii.*

Monte Alverne já não era o mesmo, suas forças estavam gastas. A oração é magnifica, mas a exposição esteve muito aquem da de S. Pedro de Alcantara. O pharol d'aquella intelligencia já bruxoleava e estava quazi a apagar-se, e assim foi, porque, recolhido á sua cella, nunca mais subio ao pulpito; e um anno e trez mezes e dezesete dias depois entregava a alma nas mãos do Creador, deixando porém seu nome, que não morrerá jámais.

XXVIII

Vamos agora ouvir alguns trechos dos bellos discursos do talentoso padre-mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que fôra mestre de S. Carlos, Sampaio e Monte Alverne.

Antes porém de o fazermos, cumpre darmos a conhecer quem era este religioso, que conquistou tão alta fama.

Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que no seculo se chamava Antonio de Mello Freitas, vio a luz do dia na cidade de Taubaté da provincia de São-Paulo, baptisou-se na matriz de S. Francisco da mesma cidade, era seu pai Timotheo Pereira de Toledo, e sua mãi D. Ursula Isabel de Mello. Sentindo a mais viva vocação para o claustro, tomou o habito do seraphico padre S. Francisco em 1762.

Distinto por seu saber e virtudes, occupou não só no seu convento, como fôra d'elle os lugares mais elevados; ali foi subindo a escala das dignidades até ministro provincial, e aqui lente do seminario episcopal de S. José, censor e pregador regio, sendo nomeado em 25 Abril de 1810 bispo de Angola; o que renunciou em 1812.

Todos estes cargos não os solicitou, e foram-lhe dados em premio de sua sabedoria e virtudes.

Calemo-nos para deixar fallar ao chronista de sua ordem o padre frei Francisco, o Sampaio, que no livro do registro lhe tece o mais pomposo elogio n'estas eloquentes palavras: « Depois de uma carreira tão brilhante e distinta com as maiores demonstrações de honra, quando

elle trabalhava em offerecer á religião christan um grande escudo contra a philosophia na traducção de uma volumosa obra italiana, cahio em uma total inanição, talvez em consequencia de seu excessivo trabalho, em annos já avançados, e foi levado á enfermaria d'este convento, onde apezar de todos os empenhos acabou os seus dias, deixando em lagrimas a provincia que n'elle perdia uma luz, que ainda reflecte com muito brilho n'aquelles que honraram as cadeiras do magisterio, e que apparecem com grande applauso no pulpito: igual sentimento mostrou o clero d'esta côrte, que havia recebido suas instrucções nos diversos ramos das sciencias e das artes, no longo espaço em que ensinou no seminario episcopal.

« Sua morte foi a ultima lição de suas virtudes, que elle nos deixou.

« Recebeu todos os sacramentos, e jaz enterrado na quadra, em que se sepultam os religiosos. Não receio lançar estas flore ssobre o seu tumulo : a posteridade conhecerá, que entre nós floresceram grandes homens, sabendo que o mestre Rodovalho pertenceu á nossa familia.»

Sua morte teve lugar a 2 de Dezembro de 1817.

O padre-mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho era o religioso mais illustrado da provincia, segundo o juizo de seus illustrados contemporaneos.

Como lente ninguem o excedeu na cadeira do magisterio.

No pulpito realçou com a mais profunda eloquencia a palavra sagrada ; era o Chrysostomo do Brazil.

Para comproval-o vamos dar alguns trechos de seus bellos discursos.

Corria o anno de 1791.

A cathedral do Rio de Janeiro está coberta de luto. Celebram-se ahi as solemnes exequias do vice-rei marquez do Lavradio. Ergue-se junto ao arco cruzeiro o mausoléo, e sobre a eça está á corôa de marquez e o bastão de vice-rei envolto em fumo.

Gemem os bronzes e nas abobadas do santuario retumbam os canticos dos levitas e os sons tristes de musica funebre, que derrama em todos os corações a consternação e a dôr.

A multidão immensa ahi agrupa-se para ouvir ao orador sagrado, que surge no pulpito ; é elle o padre-mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, e diz :

« *Curam habe de bono nomine: hoc enim magis permanebit tibi, quam mille thesauri pretiosi et magni.*

« Não devemos, não devemos temer de sacrificar os empenhos da religião á memoria d'aquelles heróes, que, na brilhante carreira de seus dias, praticaram maximas, que se encontram nos livros santos. Talvez seja este um dos seus triumphos singulares contra os errados sentimentos d'aquella hypocrisia politica, que olha para a mesma religião como incapaz de combinar-se com a grandeza do mundo: ou que, longe de preparar o homem para os interesses do Estado, é mais propria para opprimir a nobreza do seu espirito, e arrancar do seu coração a verdadeira honra, substituindo-lhe abatimentos indecorosos e despreziveis.

« Não, senhores, rendendo elle elogios publicos em obsequio d'aquelles, que sem perder de vista o elevado berço em que nasceram, e a dura obrigação de imitar os seus antepassados, no meio das honras e dos mais altos empregos souberam adquirir um nome immortal, desmente de uma vez o cego sistema dos seus adversarios e faz apparecer quanto ella estima o bom cidadão, o bom vassallo, o amigo da patria, o bemfeitor da nação, o conservador dos povos: o homem emfim, que soube fazer-se a alegria, a esperança, a consolação dos outros homens.

« As virtudes civis, depois de forrarem o caracter do heróe do mundo, depois de o sacrificarem todo inteiro ás exigencias do Estado sem a menor reserva de suas riquezas, de seus talentos, de sua vida e de sua pessoa, ainda tem uma força natural para conduzir aos deveres do heróe christão. Sustentando os sagrados vinculos da sociedade, e sendo a fonte de doçura que incessantemente deve correr sobre a mesma sociedade, ellas servem de base a este immenso corpo da geração dos homens inspirados por Deus para felicidade de todos. Feliz d'aquelle que as tiver praticado !

« Si por desgraça, senhores, o muito nobre, muito alto e muito poderoso marquez do Lavradio, o Illm. e

Exm. Sr. D. Luiz de Almeida Soares de Portugal e Macau, cujo fallecimento nos tem custado a dôr mais penetrante, não tivesse outras virtudes dignas da religião e da fé que professava, bastaria o nome immortal, que adquirio no meio dos povos, para servir de motivo e fundamento ao seu elogio. Eu lhe rendêra de boa vontade e por toda a nação pagaria eu só esta divida ao grande marquez. O ministerio sagrado não degenera, quando respeita em uma creatura os dons de Deus.

« Não entrando agora na differença de seus destinos, deixando-os debaixo do mesmo véo, que a Providencia tem lançado sobre os occultos caminhos de sua santificação, contentemo-nos de o ter visto enchendo sobre a terra os empregos publicos a que o céo o preparava, fazendo brilhar por suas mãos o poder e autoridade no equilibrio immovel da justiça ; sensivel ás lagrimas dos infelizes, que sempre acabavam de o ser na sua presença ; flexivel á vista da miseria, terno e compassivo.

« Collocado no meio das riquezas, sem que jamais se resolvesse a querel-as, era obrigado a conhecer por suas proprias luzes, que não são ellas o solido ornamento das grandes almas ; sem aquelle nome, aquella fama constante de bondade e de inteireza, que só podia dar-lhe a pura e immaculada administração dos negocios publicos : *Curam habe de bono nomine*, etc.

. . . . . .

« Deveriam as lições da piedade lograr o primeiro assento sobre o seu espirito. Um novo Joiada, um segundo Samuel, um fiel imitador de ambos, e elle só sem mais imitador ; um homem feito para todas as dignidades, consagrado á igreja para servir-lhe de ornamento ; um bispo, um patriarca, um cardeal ; eis aqui o caracter d'aquelle que na linha mesma de seus maiores encontrou o grande marquez para ser elle quem lhe inspirasse a virtude, o amor da religião, o respeito á igreja e aos seus ministros.

« O sangue e o amor deveriam levar ao fundo de sua alma as doces impressões de uma doutrina tão illuminada. Um discipulo (deixai-me assim chamal-o) cheio de docilidade, um mestre cheio de luzes, um soberano amavel,

convencido de seus deveres, um ser benigno, amigo da innocencia e da candura ; como poderiam deixar correr os annos, sem que fossem muito adiante os seus progressos !

« Elle os reconhece, e quando Lisboa esperava ver em suas mãos primeiro que tudo a invencivel espada, que a defendesse, vê com espanto... porém que vou dizer, senhores ? Vê o agradecido marquez e o caudatario do patriarca. Qual d'elles n'este lance de affeição e de politica receberia maior honra, eu o deixo agora á vossa comprehensão.

« E tu, Lisboa, em teu proprio nome, em nome de todo o reino e de todas as cidades sujeitas ao teu imperio, em nome emfim de todo o mundo recebe o novo guerreiro o teu defensor, o teu heróe, o teu marquez. Tu o não verás estranhando as armas, como David, obrigado, como elle, a confessar a falta de seu uso. Elle fará, que tu não invejes á antiga Grecia a familia dos Hercules.

« Prepara-te pois de admirações e de applausos e applica-te, si puderes, ao estudo de uma nova eloquencia, porque os seus factos vão ser maiores que os seus elogios.

« Não vos admireis, senhores, eu não vos pinto agora um campo de batalha, correndo rios de sangue por entre corpos de inimigos palpitantes. Eu fallo unicamente d'aquelle dia memoravel, em que se apresentaram na côrte os regimentos todos de Lisboa e suas vizinhanças ; eu fallo da grandiosa vantagem que levou a todos os regimentos de Cascaes ; eu fallo dos applausos publicos que lhes foram tributados ; d'aquelle dia, torno a dizer, em que o soberano, cheio de complacencia, louvou ao vassallo, ao maior rei, ao grande marquez.

. . . . . .

« O mundo sempre avalia o homem mais pelo estrondo e tumulto de suas acções, que por seus ajustados comportamentos. O marquez soube sempre comportar-se. O posto de marechal é o seu premio, o governo da Bahia o seu destino.

« Quão justamente áquella cidade americana se podia prometter a maior felicidade e as mais extraordinarias vantagens ! *Sem governo*, é dos Proverbios, *perece o*

povo. Um principe insensato o fará gemer, um principe vicioso bem depressa o terá por seu imitador; um principe discreto, prudente, humano, mais amigo dos seus deveres, que de si proprio, este fará a consolação de seu povo. Tal é o caracter do grande marquez.

« O amor, a obediencia, a religião e a saude dirigem seus primeiros passos a visitar no convento de minha ordem o jazigo do seu Illm. e Exm. pai, humedecendo com suas lagrimas aquellas respeitaveis cinzas; ali recebe as importantes lições, que podia offerecer-lhe o sepulcro de um pai e de um grande na terra. Ali renovou a memoria dos exemplos de piedade e de honra, que tinham ficado com as idéas do nada da sgrandezas mundanas, e sahio instruido para governar.

« Mas Deus parece, que só quiz mostrar aos Bahianos o beneficio que podia fazer-lhes, e que na verdade faz, quando concede aos povos um homem de illuminada esphera. Elle foi uma nuvem ligeira porém, que em pouco tempo fecundou a terra; um astro, que logo que appareceu derramou luzes por todas as partes.

« Mudou-se em sua presença a face da terra, recebeu a feia cidade uma nova formosura, reinou a tranquillidade e a abundancia, e viram-se abraçados mutuamente a justiça e a paz.

. . . . . .

« Com effeito, senhores, o general que acaba de chegar da Bahia, o novo tenente-general do exercito, em uma palavra, o incomparavel marquez de Lavradio (alegrai-vos por um pouco. senhores, permitti um pequeno intervallo á vossa magoa), o marquez de Lavradio é o vice-rei do Rio de Janeiro; e o vosso vice-rei o vice-rei do estado do Brazil.

« Não me culpeis, si vêdes, que me não satisfaço de o dizer. Nós devemos aos mortos benemeritos uma saudade insaciavel, seus louvores já não têm o perigo de lisonja, já os não póde tentar a louca elevação. »

. . . . . .

O orador passa a descrever os importantes serviços prestados pelo finado em prol das sciencias, artes, commercio e agricultura, e o faz sempre no estilo mais

pomposo e eloquente, e depois de exaltar os sentimentos religiosos, que em alto grão possuia o illustre finado, passa a terminar nos seguintes termos :

« Assim é, senhores, que o grande marquez soube engrandecer seu nome, empregando-se todo emvosso beneficio. Qual outro Simeão elle vio em seus dias emanar em fontes de agua. Elle afugentou os males por meio de suas providencias e livrou da perdição a sua gente. Elle teve forças de applicar á cidade e conseguio gloria no melhoramento de seu povo. Ah! mas elle se retira e elle morre! O dia da sua despedida foi para nós o dia da sua eternidade!

« Mas eu que digo, senhores? Sim, elle acaba de vêr as nossas lagrimas, e vae gozar os applausos de uma côrte, que o recebe com jubilos. A mais terna e a mais justa, a mais digna de todas as rainhas liberalisou com elle vivas demonstrações de sua real complacencia. Vós ainda tendes aos pés do throno um protector. Novas honras, novas promoções vêm aproveitar, deixai-me assim dizer, o resto de seus talentos e de seus dias.

« Porém aqui, senhores, hão de ser differentes as nossas vistas. Vós ainda o vedes no meio da côrte cercado de esplendor e applausos: eu já o vejo penetrado de dores e de amarguras, sendo elle mesmo o unico objecto de si proprio. Vós ainda o vêdes nos empregos do paço accumulado de honras e magnificos titulos ; eu já o vejo entre os horrores do leito, convertendo tudo em ultimos desenganos.

« Vós ainda o vêdes presidindo o mais augusto dos nossos tribunaes revestido do poder e autoridade, eu já o vejo sem mais outra figura que a de um réo felizmente humilhado no tribunal da penitencia, com os olhos pregados no tribunal divino. Juntemos, senhores, juntemos outra vez as nossas vistas.

« Cheguemo-nos todos com piedade ao leito fatal; banhemol-o com as nossas lagrimas, si tanto permitte o pouco valor que nos resta, vejamos, apartam-se de nós um bemfeitor, um pae, um amigo, um protector.

« Vôa emfim, alma christan, saiam em seu encontro os anjos bemaventurados, elles te guardem, elles te encaminhem, elles te introduzam nos tabernaculos eternos.

Lave o sangue do cordeiro immaculado as maculas, que contraiste no mundo, cheguem em teu socorro as nossas supplicas, osnossos sacrificios; e o grande Deus, que te creou para a nossa consolação, nosso amparo, receba por ti a nossa saudade, os nossos suspiros e as nossas lagrimas. Amen. »

Corre o anno de 1793. E' o dia 19 de Novembro. Vestida das mais esplendidas galas está a santa igreja cathedral do Rio de Janeiro; vae celebrar o *Te-Deum* em acção de graças pelo feliz natalicio da serenissima filha de Sua Alteza Real o Sr. D. João, a princeza da Beira D. Maria Thereza. O concurso de povo é extraordinario, não tanto pelo fausto motivo de render graças ao Altissimo por tão grato acontecimento, como para ouvirem o distinto orador sagrado, que é o padre-mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que surge no pulpito e diz:

« *Nunc ergo, Domine Deus Israel, imple servo tuo, patri meo David quæcumque locutus es dicens: Non deficiet ex te vir coram me, qui sedeat super thronum Israel.* « Portanto agora, Senhor Deus de Israel, executa quanto prometteste a teu servo David, meu pai, dizendo: Nunca faltará varão de tua familia na minha presença, que occupe o throno de Israel. » *

Começa o exordio por estas palavras:

« Com que gosto, senhores, eu mesmo, que devia cobrir-me de susto diante de vós, e estar tremendo á vista do esplendor, que me cerca, opprimido ainda mais com peso, ou não sei si com a multidão e variedade de minhas idéas, com que gosto venho hoje apparecer n'este lugar dos grandes oradores para fazer da mediocridade dos meus talentos aquelle sacrificio, que tendes todo o direito de exigir de mim, e talvez agora em nome da patria e da nação! Eu seria feliz tratando, como devo, a causa publica, de que estou encarregado; e quizera revestil-a de suas mais nobres circunstancias para poder consagrar em obsequio da religião este mesmo geral contentamento, que ella tem produzido no meio de nós.

---

* Liv. 2° Paralep. cap. 3°.

« Deus abençoou o ventre em que estavam encerradas nossas esperanças, e quando parece... Mas, eu me reporto; e primeiro que vós, senhores, ao grande beneficio que acabamos de conseguir, terei a gloria de dizer-vos, que nos corações dos maiores principes é onde se encontram maiores triumphos de verdadeira fé.

« Feliz monarchia portugueza, que, depois de receber, como da mão de Deus, o seu primeiro rei, depois de o ver exaltado por uma escolha singular da Providencia, animado de promessas divinas, que ainda se vão cumprindo, victorioso de seus inimigos, conquistador acerrimo de seu novo imperio, vem a lograr na pessoa do muito alto e muito poderoso principe, que o céo tem destinado para subir ao throno, a mais firme segurança da sua perpetua felicidade. Similhante a Salomão n'aquelles primeiros e mais brilhantes dias de sua fidelidade, todo esperançado, como elle, sobre a palavra do Senhor, satisfazendo fielmente ás pias intenções de seus maiores. Elle é quem agora represento, não revestido de soberania e de pompa, mas sim lançado de joelhos, e talvez á vista de seu povo; suas mãos levantadas ao céo e suas palavras, como si fossem estas: — Senhor Deus de Israel, não ha Deus algum similhante a vós, nem no céo, nem na terra, vós que conservais a alliança e misericordia, que haveis promettido aos vossos servos... que haveis executado as promessas, que fizestes a David, meu pai, e cumprido a palavra, que lhe tendes dado, assim como ainda hoje vemos completar agora, Senhor, quanto haveis promettido, quando lhe dissestes: — Na minha presença nunca faltarão herdeiros de tua geração, que occupem o throno de Israel. » Assim orára aquelle rei lembrando ao Senhor suas promessas para ser favorecido, e não se extinguir em sua pessoa a descendencia de David.

« Assim o piedoso principe, a quem depressa subio esta oração mais alto que as nuvens, e penetrou os céos! Quão depressa se abriram os thesouros das misericordias do Altissimo e desceram sobre sua cabeça! Recebeu o mundo em um instante a venturosa noticia, e vio-se amanhecer o alegre dia 29 de Abril, dia puro, sempre memoravel nos faustos portuguezes, no qual entre os mais

ardentes suspiros de toda a nação, continuando ainda por toda a parte os mais puros e agradaveis sacrificios no meio das esperanças mais vivas de um povo reconhecido no mundo pelo caracter de sua fidelidade, para gloria immortal da serenissima e augusta casa de Bragança, para beneficio commum de toda a monarchia, para bem da igreja e da religião, debaixo de todos os auspicios favoraveis, e finalmente por uma designação toda celeste em premio da virtude, em remuneração da fé, em cumprimento das mais authenticas promessas, nasceu a dezejada primogenita, a muito alta e muito poderosa princeza da Beira a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Francisca de Assis Antonia Carlota Joanna Josepha Xavier de Paula Michaela Raphaela Isabel Gonzaga.

« Eu me contento só com a honra de o haver annunciado; e si devo dizer mais alguma cousa será, senhores, para justificar os vossos reconhecimentos na presença de Deus. Apresentarei, não como politico mas como catholico, aquelles effeitos ordinarios, que se podem esperar de um tão feliz e augusto nascimento; e quando não possa comprehender todos os titulos, que o condecoram, que o exaltam e que o fazem digno da mais solemne, publica e universal satisfação, elles por si se patenteam, como é proprio dos grandes objectos.

. . . . . .

« Depois de receber as mais fervorosas supplicas de toda a nação, depois de humilhar na sua presença os corações dos piedosos principes, e augmentar n'elles a fé e a confiança em suas promessas (talvez para sabermos conhecer melhor a grandeza do beneficio), então apparece a preciosa dadiva de sua bondade. Eu não ignoro, que os mais celebres nascimentos têm sido aquelles a que mais violencia se fez ao céo para os conseguir, e que mais tempo se retardaram no seio da Providencia.

« Este pensamento que felizes prognosticos me está propondo? Que vastas idéas? Que esperanças? Mas eu não farei caso de mysteriosas apparencias: irei seguindo por sua ordem a natureza das cousas. Desde que foi dada á luz a serenissima Princeza da Beira, não sei que fim levou (fallo de mim mesmo) um temor incerto, de que se

havia possuido meu coração, e que tendo por objecto calamidades futuras, posto que fantasticas, dizia respeito, sem eu saber, á grande falta que faria no mundo sua real pessoa.

« Em toda a conversação ou ainda no meio de minhas meditações solitarias, quando me occorria prestar submissas e reverentes memorias á augustissima familia da casa reinante de Bragança, então é que sentia aquelles cuidados, aquelle pezar desconhecido, que já não sinto. Estará elle, senhores, ainda dentro de vós? Terá porventura acolhimento em coração de Portuguezes? Estará na côrte? Fugirá para as conquistas? Estará ainda dentro do peito dos augustos pais da nossa princeza? Mas eu que disse? Desterraram-se de mim, de vós, senhores, e de todo o reino estes pezares, estes lutos, estes cuidados.

Soam por toda a parte canticos e louvores ao Altissimo; sobem sacrificios e incenso á sua presença. Eu não vejo mais que a ineffavel satisfação d'aquelles serenissimos consortes; a alegria de toda a côrte, de todas as provincias, de todas as conquistas; vejo este applauso geral e tão solemnes demonstrações de piedade e de gosto n'esta fidelissima capital do Brazil, e que tudo a proporção se dilata por toda as cidades, villas e lugares até ao centro das mais remotas capitanias; vejo desenvolver-se a beneficencia, a liberdade do throno, abrirem-se os thesouros da real clemencia, e que posso inferir, senhores, sinão aquillo mesmo que toda a nação tem podido experimentar e conhece? Não errarei jámais unindo-me a estes sentimentos publicos e catholicos; animando-me a dizer o que muitas vezes teria dito cada um de vós: —que este feliz nascimento nas presentes circunstancias é o mais assignalado beneficio que se podia dezejar: é um socorro que o céo envia sobre o reino.

. . . . . .

. . . . . .

« Almas ternas e compassivas, de que modo negareis á innocente filha o que não tendes podido negar aos pais? A grandeza do throno que vos espera, que eu vos annuncio (porém, sinceros principes, deixai-me assim dizer: que

os céos ainda queiram retardar) não é capaz de impedir este gosto ou diminuir de algum modo a força d'esta suavissima consolação; e si assim fôra, não seria eu quem vôl-o extranhasse; mas seria um rei tão santo, tão illuminado como foi David; seria elle, e seria Deus, seria a natureza. Esta é a lei de Adão, dizia David transportado de gosto, quando o Senhor lhe prometteu perpetuar na sua geração o throno de Israel; esta é a lei de Adão, que eu estimo, Senhor; pois que sou mortal, a descendencia, que me haveis promettido, me alegra, á vista de vossas providencias conservadoras da minha casa: *Ista est lex Adam, Domine Deus.* David com esperança, vós amaveis principes, vendo executadas as promessas, já nascida a vossa primogenita, a herdeira, a fiadora de vossa real e augusta casa. Si por um instante pudesseis deixar de ser principes, nunca poderieis deixar de ser humanos para sentir este prazer, este gosto, esta consolação ineffavel. Bemdito Deus, que assim se dignou consolar-vos! Louvai e engrandecei seu santo nome, pois que dispensou convosco suas misericordias, e derramou sobre nós, humildes subditos, humildes vassallos, tanta felicidade.

. . . . . .

«Porque, Senhor, vós, a quem são presentes os factos da historia portugueza, não vos lembrareis de ver em tanto perigo a successão da corôa.

« N'esses tempos mais criticos, quando por fallecimento de nossos soberanos faltaram proprios filhos, que subissem ao throno, nunca faltaram herdeiros e nem herdeiros legitimos, de quem se podia esperar toda a fecundidade em suas futuras gerações. Morreu e não deixou filhos o Sr. D. Fernando, mas eram vivos seus dois irmãos, filhos do Sr. D. Pedro e da Sra. D. Ignez de Castro.

« Si uma rainha, que se dava a emprezas animosas os obrigou a deixar a patria, si as pretenções do rei da Hespanha, como esposo da serenissima Sra. D. Beatriz, cortaram os caminhos de sua elevação, foram occultas providencias de Deus, que não consente escapar de suas mãos a sorte dos imperios. Era vivo o Sr. D. João, o

sempre memoravel mestre de Aviz, porque finalmente se declarava o céo cooperando seu valor, sua politica, seus altos merecimentos.

« Sustentado no campo pela espada invencivel de D. Nuno, acclamado pela nação nas côrtes de Coimbra, venceu seus inimigos e subio ao throno. Fallecendo o Sr. D. João II, e antes d'elle seu unico filho o principe Sr. D. Affonso, existia uma copiosa descendencia na casa do infante o Sr. D. Fernando, duque de Vizeu, donde veio corôar-se o Sr. D. Manoel. Quando em vida do Sr. D. João III aconteceu a inesperada morte do unico filho que lhe restava, o principe o Sr. D. João, já elle deixava depositado no ventre de sua esposa a serenissima Sra. D. Joanna o futuro rei de Portugal, o Sr. D. Sebastião.

« A altivez, a grandeza de animo d'esta princeza não dava que temer a respeito de seu bom successo. Existia uma grande segurança na pessoa e casa do Sr. D. Duarte.

« Já este felicissimo infante, digno certamente de nossa lembrança, estava desposado com a Sra. D. Izabel, filha do Sr. D. Jaime, duque de Bragança, já d'este abençoado matrimonio tinha nascido a serenissima Sra. D. Catharina.

« Apparecer e desapparecer, para assim dizer, á similhança de um relampago, o rei suspirado de toda a nação, e que ao depois veio a custar-lhe tantas lagrimas, quando na precipitada carreira de seus dias se finava, e dava em matrimonio esta preclarissima princeza ao Sr. D. João I, duque de Bragança, isto só bastaria para immortalizar com gloria o seu nome e seu reinado. Elle mesmo (oh! dia 4 de Agosto de 1578) elle mesmo, que n'este dia infausto tinha de sepultar comsigo todas as esperanças de real successão á liberdade de seu povo, e finalmente á mesma monarchia, d'este modo lhe preparou os caminhos, e lhe apontou de longe antecipados meios para depois de tantos annos poder resuscitar victoriosa.

« O reinado do Sr. D. Henrique servio de bom tempo a que todo o mundo pretendesse a corôa de Portugal. Si por então chegaram a seu fim dezejado os artificios de Castella; si Filippe II pôde reforçar com exercitos a

apparencia de seus direitos; ah! grande rei, merecedor de tantos sceptros quantos os céos confiou de vossas mãos! Porém agora (eu não vos offendo) sacrilego invasor das sagradas quinas, vistes e tivestes valor de entrar n'aquella casa successora do throno, já vinculada com maiores principes da Europa, unida por tantas allianças com a casa de seus proprios reis, jurada tantas vezes heroina do reino; suas paredes clamavam justiça aos nossos ouvidos; vistes e conversastes com aquella princeza, que n'aquillo mesmo em que não fallastes, com o vosso silencio e juntamente com o seu accusava de dois modos a grandeza de vosso crime.

« Vacillou na sua presença vossa politica. Um tratamento de modo que convinha á sua real pessoa confessaria seus direitos, e condemnava os vossos.

« Elle não se oppõe aos vossos projectos, nem com as armas, nem com as lagrimas; a posteridade lhe fará justiça.

. . . . . .

. . . . . .

O orador historia fielmente todas as peripecias e acontecimentos notaveis, exalta a virtude dos reis e principes, e assim passa a concluir:

« Philosophos d'este seculo, realizai essas chimeras, que mais são vossas do que de uma san philosophia; dai valor ás falsas luzes da razão humana, captivada pelas cégas paixões, que vos dominam; igualai os homens, que nem a natureza, nem Deus quiz igualar; arrancai dos corações dos povos a doce consolação, que tinham, e fazei que se espalhe no meio d'elles a confusão e a desordem; entretanto que nós, os felizes Portuguezes, firmes na autoridade das sagradas letras, seguindo as maximas da razão illuminada, confessamos e defenderemos em todo o tempo, como cousa sagrada, estabelecida por Deus, os direitos inviolaveis do throno.

« Sabemos, que os homens vêm das mãos do seu autor para os braços da sociedade. Dentro d'ella o estado de igualdade universal é mais que metaphysico.

« O objecto d'esta idéa é o homem primitivo, mas não o homem social. Si os quereis iguaes, deveis, separal-os contra todos os seus destinos, aniquillando suas

mui nobres faculdades. Si nascem livres por natureza, tambem a natureza lhes impõe deveres. A liberdade, sendo necessaria para fazer suas acções dignas de louvor, não os autorisa contra Deus, nem contra o poder sublime, que o representa sobre a terra.

« São estes e não outros, immenso Deus, os verdadeiros sentimentos do coração, que trazemos hoje á vossa presença. Não vimos buscar-vos por contemporisar com o mundo ; sim, porque somos fieis, obedientes e agradecidos. Reconhecemos o beneficio e formamos de sua grandeza aquella idéa, que vossa palavra nos ensina a formar, e que sem as vossas luzes costuma perverter-se.

« Agradem-vos, omnipotente Deus, estes actos de nossa gratidão ; e quando por ella nos julgueis dignos de novos favores, conservai, nós vos rogamos, a vida muito preciosa, muito importante da nossa augusta soberana, a vida de nossos augustos principes, a vida finalmente de nossa serenissima princeza. Amen. »

XXIX

A' ordem seraphica de S. Francisco da provincia da Bahia pertence a gloria de ter tido por filho o padre-mestre pregador regio frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, que nasceu na villa de Maragogipe na mesma provincia, e morreu no anno de 1836 na cidade da Bahia, e jaz sepultado no claustro do convento de sua ordem.

Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos foi um dos maiores oradores sagrados do seu tempo.

Era eloquentissimo em seus sermões, e por sua vasta erudição e facundia conseguia prender a attenção do auditorio, que nunca se enfastiava de o ouvir, antes pelo contrario sempre o escutava com attenção e prazer. Por mais grandiosa e solemne que fosse a festividade, o padre mestre frei Bastos não hesitava em aceitar o sermão, qualquer que elle fosse, ainda que entre a solemnidade e o

convite medeassem poucas horas. Tinha uma memoria prodigiosa e para comproval-o citaremos este facto :

Para uma festa de Nossa Senhora do Rozario, da baixa dos Sapateiros, foi elle rogado a orar ao Evangelho, e ao *Te-Deum* devia orar o vigario da Soubára. Na vespera da festa, o orador do *Te-Deum* veio ao convento de S. Francisco, leu a frei Bastos o sermão que pretendia pregar, e perguntando sua opinião, este respondeu, que o achava excellente. Chega o dia da festa, sobe frei Bastos ao pulpito, e prega *ipsis verbis* o sermão, que ouvira ler ao vigario, orador do *Te-Deum*: este ficou desapontado, e procura-o dizendo: Então, Sr.padre-mestre, V. R. pregou o meu sermão, e o que hei de eu fazer agora ? E' verdade, Sr.vigario, que preguei o seu sermão; eu não lhe disse, que o achava excellente ?

Agora o Sr. vigario pregue o meu, aqui o tem! O vigario encavacou, e frei Bastos subio de novo ao pulpito e orou ao *Te-Deum*. Não foi o espirito de ganancia, que o induzio a fazer isso, e sim o dezejo de ostentar profunda erudição e memoria.

Garantimos a veracidade do facto, que acabámos de narrar, que altamente comprova a memoria feliz e prodigiosa do famoso athleta da tribuna sagrada.

Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos era não só um orador sagrado de notavel merecimento, como poeta que tocava ao sublime e ao baixo. Escreveu um poema dedicado ás chagas de S. Francisco, que na opinião das pessoas, que tiveram a fortuna de o ler, e que eram competentes na materia, confessaram ser uma producção soberba. O Dr. Manoel José Cardozo Junior encarregou-se de o mandar imprimir em Coimbra, levou-o, e infelizmente o perdeu.

Si como orador e como poeta frei Bastos tocava ao sublime, e grangeava o epitheto do Bossuet brazileo, como homem embrenhava-se e perdia-se no lodaçal dos vicios.

O joven monge beneditino frei Luiz de Santa Escolastica Junqueira Freire, em suas « Inspirações do Claustro » lamenta em sublimes versos o genio, que se desvairou; e é tão rica, tão expressiva essa poezia, daguerreotypa tão ao vivo o talento raro, e pinta com tão mimosa

phrase os desvarios do grande orador, com côres tão bellas e apropriadas, que não podemos resistir ao dezejo de transcrevel-a. Ei-la :

FREI BASTOS

Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?
Porque teus louros triumphaes nodôas
Com as rôxas fezes do azedado vinho ?
Porque continuo tua gloria assopras
Nos leves bafos do charuto ardendo ?
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

Desces do altar á crapula homicida,
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos ;
Ali teu brado lisongea os vicios,
Aqui atroa apavorando os crimes.
E os labios rubros dos femineos beijos
Disparam raios que as paixões aterram.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

No alcouce infame, que assassina o genio,
As horas passas, que a sciencia chora.
No fofo leito, que os instantes mancham,
Os céos insultas co'o burel, que ostentas;
Nos torpes versos, que o prazer te inspira,
O inferno evocas, e os demonios brincam.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura.

Para as canções, que celebraram Milton,
Deu-te o Senhor poetica ardentia.
Para esses dons, que Bossuet vestiram,
Deu-te o Senhor o fulmen da eloquencia.
Duas coroas te entrançára a gloria;
Duas coroas desmanchou teu genio.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

Lá sobre os astros Bossuet te amava,
Ao escutar-te os extasis primeiros.
Tirava o resplendor da argentea fronte,
Donde a Turenne a convicção partira.

la coroar a testa igual á d'elle,
Que o novo mundo produzia quazi.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

O cego d'Albion tambem te olhava
Co'os novos olhos, que no céo lhe deram.
Elle esperava, e os seraphins com elle,
Um paraizo incognito, mais bello.
Depois, te achando sepultado em lama,
A Lamartine reservou seus louros.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

Ah! Bossuet, sobre as estrellas pára.
Quanto é difficil a subida aos montes !
Voltaire abrio um boqueirão na terra.
Oh ! como é facil o pendor do abismo !
Mas tu subiste, Bossuet, a um tempo,
E ao mesmo tempo, tu Voltaire, desces.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura ?

Salve, poeta que teus vicios cantas.
Que a noite e a plebe.. e a crapula dezejam !
Salve, orador, que os pulpitos respeitam,
Que anathemas ironicos desferes !
Mescla atrevida de sublime e baixo,
Bossuet com Voltaire, tres vezes salve !
Salve por mim, oh ! malfadado genio,
Onde as cidades nem os claustros cabem !
Tu, poeta, orador, porque te afogas
No immundo pégo da lascivia impura ?

Era o genio da poezia brazileira, que tangia nas cordas de ouro de sua mimosa lira seus primorosos versos, apostrophando o talento do famoso genio do pulpito, que se desvairou no lodaçal immundo dos vicios. Frei Bastos era de estatura mediana, cheio de corpo, cabeça grande, rosto cheio e redondo, nariz aquilino e de physionomia sympathica, olhos expressivos e grandes, tinha excellente metal de voz, e possuia em subido gráo a bossa do talento oratorio, mas, como acábamos de ver, perdia-se nos desvarios da sensualidade e dos vicios.

O jogo era a sua paixão favorita.

Um dia estava elle jogando uma partida em dia da festa do glorioso padre S. Francisco, orago do convento de sua ordem, festa que era feita com arrojada pompa, e na qual pontificava o arcebispo metropolitano.

Era elle o orador ao Evangelho: eis que o chamam para subir ao pulpito. Pega precipitadamente do baralho de cartas e esconde-o na manga do habito. Sobe ao altar, recebe a benção do arcebispo, que era o celebrante, e surge no pulpito. Diz o thema e começava o exordio, quando a um accionado derrama-se o baralho de cartas no meio do auditorio. O successo e o espanto foi geral.

Elle não se perturba, pára por curtos momentos, e com a maior calma chama por um menino, que se achava junto ao tapavento, e que teria quando muito 6 annos de idade, ordena-lhe, que apanhe as cartas, e á proporção que as fosse levantando dissesse em voz alta o nome d'ellas. O menino obedece, e a proporção que apanhava dizia : — az de ouros, rei de páos, valete de espadas, dama de copas e assim por diante até á ultima. Mandou depois, que as contasse, e perguntando si estavam certas. o menino respondeu pela affirmativa. « Ajoelhe-se e reze o credo. » O menino não sabia rezar.

Frei Bastos alça os vôos da eloquencia, e faz sobre os vicios e a educação religiosa da mocidade o mais estupendo sermão. arrancando applausos do luzido auditorio que o escutava, e que ancioso aguardava o resultado d'aquella scena, cujo desfecho não podia prever.

Ainda outro facto : achando-se no convento de Pernambuco, subtrahio algumas alfaias valiosas, e vendo-se perseguido pelos religiosos fugio para esta côrte em companhia de uma cabocla, afim de implorar de el-rei o perdão de seu crime.

Achava-se um dia sentado na botica do Carmo. Apparece-lhe um sujeito,e o convida para pregar em uma esplendida solemnidade que n'esse mesmo dia e quazi na mesma hora teria lugar na capella real, por que, havendo adoecido repentinamente o orador, nenhum outro se queria prestar a substituil-o por falta de tempo para o estudo. Frei Bastos aceita o convite, tomando por condição

sómente o perdão do crime, em que se achava incurso. A pessoa que o convidára, gozando na côrte da maior consideração e prestigio, garantio-lhe o perdão, e o levou comsigo. Entre o convite e o sermão medearam apenas 3 horas.

A capella real do Rio de Janeiro estava completamente cheia. El-rei, a côrte e tudo quanto havia de grande não faltou. Eis que apparece no pulpito o padre-mestre frei Bastos, o Bossuet brazileo, sauda a el-rei, e faz um bello sermão, em que a eloquencia sagrada tocou ao sublime.

El-rei perdoa-lhe e o nomeia pregador régio, honra esta a que n'aquelles tempos se ligava a mais alta importancia; era o brazão do talento oratorio, porque só d'ella gozava quem fosse orador sagrado de extensa nomeada; por quanto pregador régio era synonimo de orador! ... Para frei Bastos foi de grande valor esta nomeação, porque o alliviou do carcere do convento, onde não vivia a maxima parte da vida, pelo seu desregramento.

Vamos ainda referir um facto, que altamente comprova a memoria e o talento de frei Bastos. O arcebispo da Bahia, antecessor do finado marquez de Santa Cruz, * possuia uma obra volumosa e de raro merecimento, escripta em francez; emprestou-a a frei Bastos, elle leu-a, e tendo pouca cautela, perdeu o precioso livro.

O arcebispo pedia-lhe o livro com instancia, sem que frei Bastos o pudesse dar, porque o não tinha, até que afinal, vendo-se tão perseguido pelo prelado, entregou-lhe a obra em manuscripto, pelo seu proprio punho escripta de memoria.

Frei Bastos durante sua vida pregou com geral applauso na sua provincia, onde ainda hoje é seu nome lembrado com saudade. Em uma festa, em que devia orar na villa de Jacobina, antes de subir ao pulpito apanhou um ar, que o tornou paralitico, assim mesmo dictava sermões, e vendia-os a quatro mil réis.

---

* Creio, que era D. frei Vicente da Soledade, religioso franciscano.

Agora que já conhecemos o distinto religioso da ordem de S. Francisco, vamos ouvir alguns trechos da bella oração gratulatoria, que recitou na provincia da Bahia mandada fazer pelo senado da camara, pelo nascimento do principe da Beira. Entre o convite e o sermão medearam apenas 48 horas.

Estamos na cidade do Salvador, capital da heroica provincia da Bahia de Todos os Santos. E' o dia 28 de de Abril do anno de 1821. A sumptuosa igreja do collegio de Jesus, theatro das glorias do grande Antonio Vieira, está vestida de galas, vão celebrar magestoso *Te-Deum* em acção de graças pelo faustissimo natalicio do serenissimo principe da Beira, e tambem pela carta régia de 28 de Março dirigida á Exma. junta provisional d'esta provincia pelo Augusto Sr. D. João VI.

O povo corre pressuroso a tomar lugar, não só pelo fausto motivo que dava lugar áquella solemnidade, como ávido para ouvir ao grande orador sagrado, que é o genio do pulpito da Bahia, o padre-mestre frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, que apparece na tribuna sagrada, e diz:

« *Ecce sic benedicetur homo, qui timet Dominum.* »

« O rei mais pio, mais temente ao céo, devia ser o protegido e abençoado da Divindade. Si estas duas virtudes lhe não dão direito ás beneficencias do Eterno, dál-o-hão porventura a soberba e poder? Não; a historia sagrada, que nos transmitte o exemplo de Pharaó, envolvido nas aguas do Mar-Vermelho, pelo pouco respeito com que tratou o Deus dos Israelitas; a reprovação de Saul, pela falta de obediencia ás suas ordens, intimadas por Samuel; e a quéda de Nabucodonosor, transformado em fera, estrugindo os montes e os valles com seus rugidos espantosos, quando se quiz fazer adorar na famosa estatua de ouro, arrogando um culto, que lhe não pertencia, são lições bem terriveis para todos os reis, que se desviam da marcha da virtude; quando pelo contrario David, que foi talhado á medida do coração do Senhor, que nada fez sinão andar na simplicidade de seus caminhos, foi tão acredor de suas recompensas, que mereceu por isso ser como o novo fundador de um grande reino, o qual ampliou

com as suas successivas victorias e exterminio total de seus inimigos, e muito mais feliz por uma ditosa descendencia, da qual affirmou o Senhor com juramento pela sua honra e pela veracidade do seu nome, que depois d'elle faria reinar o seu filho e os filhos de seus filhos, sem que jámais faltasse successor em sua familia.

. . . . . .

« Parece, que não necessitaria dar mais claridade e extensão ao desenvolvimento das idéas para adivinhardes o grande objecto, que nos reconduz de novo ao throno do Excelso a render-lhe devidas e multiplicadas acções de graças.

« Qual de vós ignora o precioso mimo, que elle recebeu dos céos no feliz natalicio do serenissimo principe da Beira, seu augusto neto e filho dos Srs. principe e princeza real d'este reino unido no faustissimo dia 6 de Março do presente anno?

« Quem não sabe da honrosa carta de 28 do mesmo Março, em que o Sr. D. João VI se dignou reconhecer a Exma. junta provisional d'esta provincia da Bahia, sanccionou com sua real approvação todos os seus actos, e agradeceu os fructos abençoados de seus trabalhos e de seu zelo?

« E cabe porventura ainda nos corações portuguezes tão redundante jubilo?

« E podia o illustrissimo senado d'esta camara ser indifferente a tão plausiveis motivos?

« Mas que instrumento foi escolhido para ser orgão do publico regosijo? Que tempo se lhe proporcionou? Que talentos para desempenhar tão agradavel como difficil tarefa? Só me restam dezejos efficazes e um mar immenso de alegria, em que, como de bom vassallo, se banha o meu coração. Eu vos supplico pois, que deis algum desconto á minha temeridade. Buscarei de algum modo satisfazer vossa expectação, revivendo tão sagrados objectos. Para este fim basta, que me attendaes emquanto fallo.

. . . . . .

« Ora, si a alegria e formosura de uma casa particular, si a benção dos céos se manifesta na multiplicação dos filhos, quanto mais quando o destino e a ventura dos

povos, e a estabilidade do throno dependem d'este principio? Que politica tão profunda é capaz de calcular até onde se estende a immensa cadêa dos males, que pesam sobre uma nação destituida de seus legitimos e naturaes soberanos?

« Israel o diga, quando vio passar ás mãos estrangeiras o sceptro de David. Foi então, que se consummou a iniquidade prophetisada por Daniel, e que um povo aviltado pela sujeição dos Romanos, tirannisado por um Idoumeo, inimigo de sua gente, ficou sendo até hoje, e será sempre o ludibrio de todas as nações. Mas para que, nem nos sirvamos de exemplos estranhos, nem sagrados, basta recordar os luzitanos fastos, e d'elles deduzir o maior exemplo em confirmação d'esta verdade.

« A historia não recorda um successo mais lamentavel, uma época de tanta degradação, como quando um ardor indiscreto arrastou um soberano moço e fogoso ás regiões da Africa, levando com elle o penhor e as esperanças da publica felicidade. Debalde a nomeação de um rei sacerdote inhabil para a successão escondeu por algum tempo, e illudiu a queda, em que necessariamente devia precipitar-se a nação. Sua indecisão devida mais aos seus annos que á falta de virtudes acabou de dar-lhe o ultimo golpe, excitando os dezejos ambiciosos de tantos estranhos, que olharam a Portugal como uma partilha, que lhe cabia em sorte. Ah! prevalecer o direito do mais forte contra os direitos incontestaveis da serenissima casa de Bragança, d'esta ultima candêa, para servir-me da phrase da Escriptura, que se conservará accesa afim de não extinguir de todo a gloria nacional. Portugal destituido da melhor flôr da nobreza, de seus cabos, de seus soldados, que, de envolta com o infeliz D. Sebastião, jazem sepultados entre as barbaras arêas, não podia resistir então á sagacidade e violencia de Filippe de Castella, com que começou o nosso desgraçado captiveiro de 70 annos, que bem se póde comparar ao dos Israelitas chorosos e derramados pelas margens dos rios de Babilonia. Tudo se submergio n'esta voragem; thesouros, armas, leis, caracter... Ah! nem mesmo o Brazil deixou de ser incluido em um tratado vergonhoso, em virtude do qual os Hollandezes se atreveram a pôr o pé n'estes lindos paizes, e impor-nos um

jugo de ferro, do qual o nosso valor e fidelidade nos libertaram a tanto .custo!!... Deixemos, senhores, de avivar um quadro, verdadeiramente luctuoso para este dia. Não é meu intento sinão pelas sombras realçar a luz; e das desgraças passadas deduzir as glorias do presente.

« O Senhor, sempre rico em misericordias, sempre fiel no desempenho de sua palavra, que animava Portugal, como seu filho primogenito, suscitou ao immortal duque de Bragança, o Sr. D. João IV, para assentar-se no throno de seus avós, e depois de ter assás castigado o povo luzo, firmou para sempre o decreto de sua estabilidade. E' desde então que possuimos a vantagem de contar entre os nossos principes naturaes, um fiador legitimo de perpetuidade d'esta dynastia, amado de Deus e dos homens; e que, por uma nunca interrompida serie de heróes, chega até ao augusto principe real o Sr. D. Pedro de Alcantara, digno pai do principe da Beira, que hoje possuimos. Que justo incentivo da nossa gratidão! Quem poderá dizer o jubilo do Sr. D. João VI, tão bem pintado nas expressões, com que nos participa esta ventura? Que beneficio maior podia elle... podiamos nós receber de mão benfazeja da Divindade, sempre liberal e prodiga para com os Portuguezes? E em que tempo? Em que circunstancias? Parece que, de proposito, a Providencia tinha reservado em seus thesouros este dom para o dar aos felizes dias de nossa regeneração. Já o céo tinha abençoado o feliz hymeneu do Sr. D. Pedro e da Sra. D. Carolina pelo nascimento de uma princeza; mas nem ella era, nem este o tempo, que Deus tinha apontado nos seus conselhos para assegurar a nossa ventura: *Non hunc elegit Dominus.* Já o céo se tinha mostrado d'antes propicio na mais ditosa e completa fecundidade de tantos principes e princezas, quando deu ao Sr. D. João VI, a augusta rainha a Sra. D. Carlota; mas tambem estes não entraram nas vistas nem na ordem da sabedoria eterna: « *Non elegit Dominus ex istis.*

Abrio emfim a urna dos humanos destinos e sacou d'ella este preciosissimo presente, que foi como o premio da piedade e sabedoria do nosso monarca; premio

devido á sua docilidade, ao seu amor para com todos os vassallos, subscrevendo a constituição das nossas côrtes:

« *Ecce sic benedicetur homo, qui timet Dominum.*

. . . . . .

« Eis aqui, sapientissimos senhores, o justificado motivo que dilata hoje os nossos corações e nos faz um dever de rendermos solemnes acções de graças ao Todo-Poderoso.

« Mas porventura é este só o objecto de nossa alegria? Não é um bem o preludio de outros bens? Si o abismo dos males chama a outro abismo, porque motivo ha de ser menos poderoso o beneficio para produzir outros beneficios?

Tal é o que se deduz da honrosa carta de 28 de Março, dirigida pelo Sr. D. João VI á Illma. e Exma. junta provisional d'esta provincia da Bahia. Eu a li, eu a tenho relido mil vezes na abundancia da minha alegria, e não sei o que n'ella admire mais, si o merecimento inconcebivel com que a mesma junta tem adquirido a real contemplação, si a grandeza do monarca, que se explica pelos termos mais honradores e capazes de excitar a humana sensibilidade. Digo só, que assim costumam os bons reis honrar os seus vassallos: *Sic honorabitur quicumque rex voluerit honorare.*

« E tu, ó Deus da Magestade, diante de quem se prostrou tantas vezes David para implorar o bom regimen do seu povo, digna-te de recolher estes votos da nação no santuario do teu peito.

« Salomão não soube pedir tambem outra cousa ao Deus de seus pais: *Deus judicium tuum regi da, et justiam tuam filio regis.*

« A mais essencial das obrigações de um soberano é, sem duvida, administrar imparcial justiça, proteg as leis, e amparar os pequenos contra a preponderan dos grandes. Inspira-lhe estes unicos sentiment *Judicare populum tuum in justitia et pauperes in ju cio... et humiliabit calumniatorem.* E' d'este modo, o throno portuguez, cuja origem podemos datar da e tencia da luz, permanecerá resplandecente como por gerações indefinitas: *Et permanebit cum sol ante lunam a geratione in gerationem.*

« E' d'este modo, que, formando de todo este Brazil um imperio unido a Portugal, será elle, com preferencia a todos os monarcas da Europa, o dominador e o arbitro das nações, e as delicias de seu povo, cujos limites chegarão de um mar a outro mar. O Tejo e o Gram-Pará fecharão em seu seio todo o universo : *Et dominabitur à mari usque ad terminos orbis terrarum.*

« Nós exultaremos de prazer e honra, dobraremos os justos motivos, que nos tem ajuntado tantas vezes n'este templo para felicitar a tua divindade : *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur.*—Disse.»

XXX

Entre os oradores sagrados que conseguiram por seus talentos transcendentes fazer época nos pulpitos d'esta capital, nos primeiros annos do seculo actual, apparece entre outros o nome do illustrado Fuminense João Pereira da Silva, que nasceu n'esta cidade do Rio de Janeiro no correr do anno de 1743.

Na cadeira do magisterio leccionou rhetorica e philosophia, foi orador sagrado de famosa reputação, era eloquente e facundo, e foi em premio de seus talentos nomeado pregador regio. Como poeta teve excellente nomeada, escreveu primorosas poezias e um cantico do Carnaval.

Em 17 de Outubro de 1802 Sua Magestade a rainha a Sra. D. Maria I de Portugal o nomeou conego da 6ª cadeira da cathedral do Rio de Janeiro, e por carta régia de 25 de Junho de 1810 foi nomeado juiz theologo da nunciatura apostolica. O conego João Pereira da Silva era de côr parda. Falleceu aos 75 annos idade, no dia 5 de Março de 1818, e sepultou-se em uma das catacumbas da igreja da veneravel ordem terceira de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte.

Monsenhor Pizarro, em suas memorias historicas, e o Exm. Conselheiro Dr. Pereira da Silva, em seus *Varões*

Illustres do Brazil, tecem subidos encomios ao talentoso orador e poeta fluminense.

Mas onde estão, onde param esses sermões, essas poezias de tão distinto orador e poeta? Perderam-se, e naturalmente a mesma sorte tiveram seus restos mortaes. Mas a felicidade permittio, que ao menos um de seus sermões se salvasse do naufragio da indifferença, e que o vissemos e o lessemos para darmos uma prova valiosa de sua illustração e saber, extraindo d'elle alguns trechos.

A igreja de Nossa Senhora do Parto está primorosamente adornada para celebrar hoje com magnifica pompa o grandioso *Te Deum* em acção de graças pela feliz chegada a esta côrte de Sua Alteza Real o principe regente, depois el-rei D. João VI.

E' hoje o dia 18 de Março de 1808.

A musica do grande maestro Marcos Portugal derrama pelas abobadas do santuario as harmonias mais melodiosas e fascinadoras.

A pequena capella do antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto está completamente cheia de povo.

Começa a solemnidade e occupa a tribuna sagrada o pregador regio conego João Pereira da Silva, o illustre cantor do Carnaval.

No meio do mais religioso silencio, quebra-o o orador-poeta, tomando por thema a Ep. 1, de S. Paulo, cap. fin :

« *Obsecro primum omnium fieri gratia mea actiones... pro regibus... Hoc enim bonum est, et acceptum coram Salvatore nostro Deo.* »

« Primeiro que todas as cousas, rogo-vos, que se façam pelos reis acções de graças ao céo, porque isto é bom e agradavel ao Deus nosso Salvador. »

Apoz ligeiros instantes de pausa, assim começou elle o exordio :

« Aonde, como, de quem, e perante quem quiz a sorte, que devesse agora fallar ! No templo ou na côrte ? Meditando ou transportado ! De um homem ordinario e no usual auditorio, ou de um dos deuses da terra, mas Cesar legitimo, do nosso amabilissimo pai, do nosso maior amigo

o principe regente o Sr. D. João destinado o VI de Portugal e do Brazil o I ; e á face de sua familia soberana, dos seus grandes illustres, dos seus sabios ministros, sua côrte real.

« O' povo, afortunado povo, faze resoar comigo os teus jubilos, em presença do principe regente Nosso Senhor : *Jubilate in conspectu regis domini*. Alvoroce-se o nosso mar com todos os seus reconcavos, o nosso mundo com todos os seus habitantes : *Moveat mare, et plenitudo ejus crbis terrarum, et universa quæ habitant in eo*. O' America, ó Rio de Janeiro, e tambem não se verifica em ti hoje textualmente o que de outro mundo, já commensurado, preconisára então no seu divino enthusiasmo o propheta e rei ? *Flumina panaent manus* ; *simul montes exultabunt a conspectu Domini, quoniam venit judicare terram*. Os rios (o Amazonas, o da Prata, o do Janeiro) bateram as palmas, exultaram de alegria ao mesmo tempo os montes, á vista do seu Senhor, porque elle vem equilibrar a justiça na sua terra.

« Prostremo-nos pois, Fluminenses e Portuguezes, prostremo-nos diante do Deus dos nossas pais pelo prazer, por amor e por escolha a nós, passando tantos mares, tantos sustos e perigos, quanto, nós passáramos para ir a elle : *Cantemus domino canticum novum, laus ejus in ecclesia sanctorum* : Cantemos com o mesmo propheta um novo e desusado cantico ao Senhor. Retumbem seus louvores na igreja dos santos bemaventurados.

. . . . . .

« A justiça e a paz assombradas dos raios da guerra que assolou o antigo orbe, batendo as candidas azas, vem agora oscular-se e repousar no nosso hemispherio, onde ainda respira o ar sereno da sinceridade. A religião e a politica se abraçam entre nós coroando o seu chefe. Para o ponto central convergem todos os raios do seu grande circulo.

« O diametro de um novo mundo é o seu proprio diametro ; e a sua circunferencia a mesma peripheria do universo. A cruz e as quinas foram pelos nossos reis ao mesmo tempo arvoradas em todas as barreiras da terra. A fé e a intrepidez dos Affonsos e dos Sanchos expurgaram

Portugal dos torpes filhos de Ismael e de Agar, minguando para sempre as suas sarracenas.

« A sabedoria de um Diniz, empunhando em uma mesma dextra a lyra com o sceptro, dictou ordenações e leis, polio a rudeza da nação e fundou a escola universal das artes e sciencias, donde sahiram logo os Nunes, os Henriques e o primeiro astrolabio, com que viram aturdidas as gentes esquadrinhar e medir os céos, e os astros, e o mundo. A magnanimidade de um João I, depois de cortar as garras ao leão da Iberia, principiou a arar novos mares, a descobrir, a povoar e christianisar ilhas bravas e as incultas serras da Leôa.

« Estava reservada á christandade e prudencia dos João II e III lustrar nas aguas baptismaes a Africa gentia e ver a annuviada America surgir da tumba do sol, e no berço abrir as portas do Oriente. Outro politico e perspicaz João VI, restante germen dos Affonsos, foi o redemptor da gloria e liberdade portugueza, agrilhoada pelas duas nações mais ambiciosas da Europa, na Azia e no Brazil. O V, grandioso e pio, edificou, cobrio de ouro as basilicas e Vaticanos da sumptuosa Lisboa.

« Ali está mesmo entre nós um padrão eterno de sua piedade e real magnificencia, uma nova cathedral, um templo magestoso, mas que ainda não enchia o coração de tal rei. O VI emfim, religioso e pacifico, vem estender os braços da Santa Cruz, que em Porto-Seguro arvorou Cabral, e dilata a sua provincia, dominando de um mar até outro mar, do Oceano até ao Pacifico e do Rio até aos terminos da terra em mais vasto imperio, fallando ainda a letra com David : « *Dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum.*

« Sim, christãos, sem a augusta piedade de monarcas tão abalisados, a que mesmo talvez, cingida ainda a cabeça e a cintura de coloridos pennachos, dobrariamos os joelhos aos tigres e ás giboias, como os nossos primeiros pais ; ou teriamos sido infeliz presa dos fementidos sectarios de Luthero e de Calvino, sem ver como hoje vemos a todo o instante e em todo o lugar a nossa terra convertida em céo, habitada pelo mesmo Deus

Abraham, de Isaac e de Jacob, a quem perennemente offerecemos o coração contricto e humilhado, envolto em nuvens de incenso fumegante, derramando o cheiro de suavidade.

. . . . . .

« Ah ! si eu pudera, christãos, com pincel subtil traçar-vos ligeiramente um esboço do primitivo estado da terra, desde que cahio e se quebrou o primeiro vaso de argilla, argamassado e animado pelas proprias mãos de Deus, veriamos a necessidade de um rei ali cerceada sobre a mesma natureza da infecta massa do homem.

« Veriamos esta féra humana, errando com as outras féras nos bosques, arrancar-lhe das garras o rustico alimento. Veriamos entrar no mundo a morte, conduzida pela mão da inveja assassinando os irmãos.

« Veriamos arrependido o Senhor de ter creado este monstro, submergido com a sua terra em as crespas e empoladas ondas, que bem farão as estrellas. Veriamos as mais bellas cidades, que no Oriente se diriam o paraizo de Deus, transvertidas em o lago Asphaltite, ou Mar-Morto, onde erra a famigerada Pentapole.

« Veriamos os quatro animaes monstruosos ou os quatro maiores imperios, que Daniel, sonhando, observava assomados do mar até o céo, cahirem debaixo de seu proprio peso pelas continuas rebeliões dos seus povos já inteiramente destruidos, restando-nos a lembrança apenas de que ali fôra Babilonia, ali Ninive, ali Ecbtana, Philippos, Athenas, Corintho e Roma, a soberba Roma, capital do mundo, e hoje só a cabeça de um fraco rebanho christão.

« Veriamos até o privilegiado, o escolhido, mas sempre compensado povo de Deus, por não soffrer nem patriarcas, nem juizes, nem reis, nem algum senhor, natural ou estrangeiro, vagamundeando ainda pela terra, como lhe predisse Ozeas, sem rei, sem principe, sem sacrificios, sem paramentos, sem vasos sagrados, sem religião e sem Deus. Veriamos... « (Mas ai ! e que mais veremos do que temos visto e ainda vemos, sem poder dar credito ao testimunho authentico dos nossos proprios olhos !)... o Sena convertido em sangue, transbordando

e rolando em ondas e espadanas escumosas d'elle os destroncados cadaveres dos seus santos reis, dos seus filhos... (Oh ! que horror! que sacrilegio !...) Corramos porém um véo a tão terrivel espectaculo. O dia é de prazer e não de pranto. A acção é de graças e não de imprecações ao céo.

« O' França, revoltosa, desgraçada França! a olygarchia ou um governo feudal creou a tua infancia e puericia. Com a monarchia enfermou e cresceu a tua virilidade robusta. Na vertiginosa velhice sonhaste com a democracia de uma ideal republica, que te confundio, dissolveu, precipitou na anarchia mais sanguinaria.

« Ah! e não sabias tu ser palavra do Eterno Verbo que — todo o reino, toda a cidade, toda a casa contra si mesma dividida será desolada ? Daqui formou o primeiro degráo do seu mal seguro throno o teu soldado feliz, general politico, imperador ambicioso, que de um canto da Europa, estendendo os braços á maneira do escorpião celeste, pretende abraçar os polos e as espheras do universo.

« Passastes de fiel vassallo do maior monarca, estupida e lisongeira escrava de um plebeu, estranho producto estravagante da esteril pedregosa Corsega, que nunca déra a Roma, a Mauritania, a Genova e a ti mesma sinão escravos e venenos.

« Pasmem agora, oh! reis conquistadores, ou usurpadores, entendei esta lição, vós, que ajuizaes o tribunal da terra. Aquelle que faz os seus anjos mais ligeiros que o vento, e os seus ministros tão ardentes quaes sorvedoras chammas, lança igualmente mãos dos máus, como dos bons, para os altos e inexcrutaveis fins da sua providencia.

« E si hoje, si nos seculos que se chamam illuminados nos apices da philosophia e da nação, vós, endeosados homens, vós, sabios blasonadores de maiores louros, ambicionaes ainda a gloria deslumbradora dos Nembrodes, dos Nabucodonosores, dos Cyros, dos Alexandres, dos Antiocos e dos Cesares, seguindo a mesma trilha, navegando pela mesma esteira, deveis sem duvida esperar um dia as mesmas recompensas.

« Tal é, fidelissimos Portuguezes, tal é a marcha das revoluções dos reinos e dos povos revoltados. Começam pelo descontentamento, passam á murmuração e ao descomedimento, ás queixas, trama-se a rebelião, abatem-se os thesouros, os bancos se levantam, imaginam-se systemas novos de politica, são tantos os reis quantos os representantes populares, vacillam os governos, a primasia se disputa, acende-se a discordia, consurge guerreia gente contra gente, reino contra reino, o mais dextro ou o primeiro filho da fortuna entra a fascinar o povo, arrancando-lhe o poder supremo, principia por se dizer « pai da patria », apodera-se da força, arvora-se em autoridade, acaba pelo despotismo.

« Mas já lá vem rolando do cume da montanha a pedra, a fatidica pedra, atirada pela mão invisivel para derribar a estatua, que se adora, tendo o ouro todo na cabeça, e nos pés só o barro, com que calça a terra, sem maior firmeza e segurança. A monarchia porém é um corpo mistico vivente, cuja alma é o rei, o corpo são os vassallos. Na alma sem corpo sente-se apenas um sopro veloz, um extenuado espirito ; no corpo, sem alma, nota-se, quando muito, um organizado automato.

« A união e proporção de ambos é só quem póde equilibrar e espiritualisar o movimento, a força, a vida e a substancia. Por isso o Creador quiz fazer do homem (é pensamento do grande Santo Ambrosio) o animado enxame de todos os males physicos e moraes para que todos cressem, que não podiam existir sem rei. Um só o regedor do mundo, um só deve ser o regente de todas as suas partes. Na mesma physiologia do corpo humano nos desenhou a natureza o modelo das soberanias, pondo no mais alto d'elle uma só cabeça, que racionavelmente rege as funcções de todos os outros membros.

« Já um orador christão comparou os principes ás serpentes e á sarça de Moisés, porque só com a sua vista saram as mordeduras d'estas viboras matadoras as envenenadas paixões ; e ardendo sem abrazar-se, no amor dos povos, illustram os que se prostram á sua face e santificam os lugares em que são plantados.

. . . . . .

« Imitemos a generosidade dos illustres grandes do seu reino, generosidade tão nobre, tão extremada que não tem maior nem igual exemplo. Os principes de Israel despojaram-se de suas capas e formaram d'ellas um throno para enthronisar o seu rei Jehú. Os principes de Portugal despojaram-se das suas casas, das suas rendas, das suas pompas e de tudo, para sustentar o sceptro do seu regente João.

« Em todos os dias do seu recebimento tapavamos com os nossos mantos, e de verde rama, as ruas d'esta americana Tyro, a memoria do povo de Judá na triumphante entrada do seu e nosso Salvador na cidade santa. Clamai e reclamai commigo, sem receio: *Benedictus qui venit in nomine Domini, hosanna in excelsis* ». Os principes são as imagens de Deus; são os redemptores do homem corporal e civil, como Deus do homem espiritual e christão.

« Suppliquemos cordialmente ao Senhor, com esta fórmula com que a igreja antiga supplicava pelos proprios Neros e Caligulas, segundo o testimunho de Tertuliano:

« Que lhe conceda uma dilatada vida; que conserve sempre o seu reino em profunda paz e em segurança a sua real familia; que lhe dê exercitos cheios de valor, um senado fiel, um povo regulado: vassallos leaes, tranquillos e contentes: e que lhe cumpra, emfim todos os dezejos respectivos, tanto á sua pessoa sagrada como ás propriedades do seu progressivo imperio.

« E vós, innumeraveis levitas, vós devotos imitadores da arte divina de Cecilia e dos anjos, que ao dulcissimo son das espheras harmonicas cantam incessantemente á face do Altissimo: Santo, santo, santo, Senhor Deus dos exercitos, toda a terra está cheia de tua gloria » mostrai tambem agora o vosso ardor e primazia em cantar sempre os louvores do Senhor Deus dos nossos batalhões e do nosso poder, á sua propria face e fazendo com as vossas citharas retinir as margens d'este ameno rio, procurar afugentar-lhe a saudade do seu turvo Tejo, bem como com a sua harpa sonora afugentára David o demonio de Saul. »

E assim conclue:

«Ah! permitti, ó Jehovah, que assim como com aquelle propheta exclamou todo o povo de Israel, assim eu tenha ainda o maior prazer de exclamar tambem com todo o povo christão: Viva, viva, o nosso rei. Assim seja.»

XXXI

Corre o anno de 1827, a sumptuosa igreja do mosteiro de S. Bento está coberta de crepe, vai celebrar pomposas exequias pelo descanço eterno da alma de Sua Magestade a imperatriz D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, archiduqueza da Austria e 1.ª Imperatriz do Brazil, augusta mãi de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II.

Gemem os bronzes do mosteiro de S. Bento como de todos os templos d'esta capital, chamando os fieis á oração, ronca, de espaço a espaço, a artilharia, não só das fortalezas como dos vasos de guerra surtos no porto, as vergas estão em funeral, os estandartes rolam pelo pó; tudo é consternação, tristeza e dor. O povo trajando pezado luto, em grossas ondas, invade o templo que está ricamente adornado. No centro eleva-se até ao tecto sumptuoso mausoleo, guarnecido de centenas de luzes.

A magestosa igreja do mosteiro de S. Bento, infunde no coração do fiel christão os sentimentos da mais profunda fé, por seu aspecto sombrio e severo, devido ao gosto de sua primorosa talha, barroca e esculptura antiga, ornatos, paineis e dourados primorosos. Começam as matinas solemnes, seguidas do santo sacrificio da missa. A musica grave e solemne desprende pelas abobadas do gotico mosteiro seus sons tristes e compassados.

A' tribuna sagrada apparece o padre-mestre frei Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna, distinto poeta, natural da provincia da Bahia, que falleceu n'esta côrte e jaz sepultado no claustro de seu mosteiro.

O illustre monge beneditino rompe o mais profundo silencio que reinava n'aquella multidão, tomando por thema as palavras do cap. 31 v. 10 das Parabolas de Salomão: « *Mulierem fortem quis inveniet? Procul et de ultimis finibus pretium ejus.* »

« Quem achará no mundo uma mulher de mais alta virtude e fortaleza? O seu justo valor excede a tudo que nos vem dos povos mais remotos. »

Começa o distinto orador sagrado e famoso poeta a oração funebre em verso historico, dizendo:

« Assim é que o rei sabio de Israel, querendo por divina inspiração transmittir aos seculos futuros o retrato fiel e expressivo de uma mulher heroica e exemplar, a pinta accumulada pelo céo dos gratuitos dons mais preciosos da natureza, da graça e da fortuna; revestida de força e de prudencia, cheia do temor santo do Senhor, procurando com todo o seu desvelo cumprir com exacção a lei divina, e ganhar o amor de seu esposo; prompta-sempre a espalhar os seus thesouros no regaço da misera pobreza e olhando com desprezo os bens do mundo; conhecendo a pequenez e a vaidade de todas as grandezas que elle offerece e o falso esplendor de suas honras; pondo só na virtude a sua gloria e acabando a carreira de seus dias com risonho semblante e ar sereno; digna assim de ir gozar nos altos céos o fructo immenso das solidas virtudes que praticou na serie de seus dias, esse grande e riquissimo thesouro dos meritos sublimes que ajuntou durante a sua vida sobre a terra. Mas antes de traçar o bello quadro d'aquella incomparavel heroina, o mesmo sabio rei nos adverte, que será mui difficil encontral-a.

« Ella forma na sua fantasia, sem ter achado exemplo no seu seculo, e depois de apurar a sua idéa rompe emfim transportado n'estas vozes: — Quem achará no mundo uma mulher de tão alta virtude e fortaleza? *Mulierem fortem quis inveniet?* Ella será a honra do seu sexo, o adorno e a gloria de seu povo, e o mais bello espectaculo dos céos, do mundo, dos anjos, e dos homens; o seu justo valor excede a tudo, que nos vem dos paizes mais remotos: *Procul et de ultimis finibus pretium ejus.* Pergunto agora, humanissimos Senhores, esta heroica mulher

tão admiravel, de que o sabio não póde achar exemplo, será porventura ainda incognita áquelles que tiveram a fortuna de ver e observar com reflexão a nossa defunta soberana? Não foi ella dotada pelo céo dos bens mais preciosos da fortuna? de mil graças e dons celestiaes, e de todas as solidas virtudes, com que o sabio nos pinta a mulher forte? Respondei-me, benignos senhores; mas ainda que fiqueis emmudecidos, esse vosso silencio me responde: esse ar melancolico e funebre, que nos vossos semblantes se divisa; a geral consternação, e sentimento que mostraram na sua infausta morte, todos os habitantes d'esta côrte assim nacionaes como estrangeiros; os gemidos e lagrimas dos pobres de quem foi terna mãi consoladora; este mesmo apparato lutuoso, estas preces e cantos dolorosos, que levam a tristeza e o pavor até ao fundo dos nossos corações; estes despojos lugubres da morte, este sumptuoso mausoléo, tudo, tudo me diz ao coração, e com muda, mas energica eloquencia, que a morte cruelmente nos roubou a nossa defunta soberana, aquella admiravel heroina, que o sabio descreveu nos seus proverbios; aquella amabilissima senhora, de quem dura e durará perpetuamente nos nossos magoados corações uma justa e vivissima saudade e a dor mais profunda e extremosa de a termos perdido sem remedio.

« Mas que meio poderei eu descobrir de adoçar de algum modo a vossa dor, n'esta perda funesta e irreparavel? Ah! eu não posso escolher meio mais proprio que sucinta e fiel recordação das suas preclarissimas virtudes; pois só estas podiam alcançar-lhe a inaccessivel corôa de justiça que Deus promette ás almas virtuosas. Mas não podendo expôr tantas virtudes nos limites de um funebre discurso, eu me ligo a uma mais notoria, que o sabio descreveu n'estas palavras: *Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem.* »

. . . . . .

E assim termina o exordio: « Taes são, ouvintes meus, as proprias côres, com que emprehendo traçar o triste quadro, e tecer o funebre elogio da muito alta, augusta e poderosa, da inclita Sra. archiduqueza D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, nossa amada e defunta

soberana, imperatriz 1.ª do Brazil. Si acaso a minha dôr e as minhas lagrimas interrompem hoje o meu discurso, eu espero, que vós me desculpeis, pois havendo nos vossos corações os mesmos sentimentos que ha no meu, a dor, que interromper o meu discurso, será justificada pela vossa, e fará mais tocante este elogió, e mais digno das vossas attenções; eu as supplico, espero, e principio.

«Não espereis, que á vista do sepulcro, onde acabam todas as grandezas, honras, e distinções e dignidades, eu venha apresentar aos vossos olhos em honra d'esta inclita princeza a arvore florente e magestosa da sua geração esclarecida, e vos mostre pendentes de seus ramos os sceptros imperiaes e regias corôas, de que achou rodeado o proprio berço esta augusta e piedosa archiduqueza. Não espereis, que eu hoje aqui enumere os heróes, os reis e os imperadores, que sahiram da sua casa augusta a occupar os thronos da Europa, e que atroaram toda a redondeza com o estrondo do seu nome e dos seus feitos; pois do fundo d'aquelle mausoléo sae uma pavorosa e triste voz, a energica voz do desengano, que altamente nos diz ao coração, que esta gloria, que o mundo tanto estima, não é mais do que sonho lisongeiro, uma sombra que foge a quem a segue; que as vantagens de um alto nascimento são scenas passageiras de theatro, que allucinam os seus espectadores, que os titulos pomposos da nobreza são nomes impostores, que só servem de dar aos mortos sobre os seus sepulcros mais duração á sua vaidade, do que a natureza deu á sua vida; que as honras e grandezas d'este mundo são chimeras brilhantes, que nos cegam, e nos expõem de ordinario a mil perigos; que tudo no mundo é vão, e nos escapa em um momento funebre da morte, em um ponto em que cessa e finda o tempo, e começa a immensa eternidade.

« Então é que a alma livre e solta da pesada materia a que se unia, não descobre em si mesma outras grandezas, nem outras honras mais do que as virtudes: eis aqui os unicos objectos, que merecem todos os louvores, e a materia do funebre elogio, que hoje tenho a honra de tecer á nossa fallecida soberana. »

Passa o orador a contar as virtudes da excelsa imperatriz de saudosa memoria, exalta os sentimentos religiosos, que a augusta archiduqueza da Austria possuia em elevado gráo, pinta com delicado pincel, e com as mais finas tintas, a rara humildade e paciencia, virtudes, que ornaram o excelso coração da augusta mãi de Sua Magestade o Imperador.

Passando a tratar da virtude da caridade, d'este precioso dom que tanto ennobrece o coração humano, dom este que constituia o alto brazão do coração excelso da soberana do Brazil, exclama o orador-poeta:

« Ah! senhores, que vasto e immenso campo aqui se abre á minha phantasia! Insensivelmente estou introduzido no objecto especial do meu discurso; mas não tenho pinceis, não tenho côres com que possa pintar de um modo digno a sensibilidade bemfazeja do terno coração d'esta princeza, d'aquelle coração feito á medida do grande coração do mesmo Deus, de que foi viva imagem sobre a terra na clemencia, piedade e misericordia; d'aquelle coração maior que o mundo, na extensão de sua caridade, que abrangia em si todos os pobres, não sómente existentes, mas possiveis, como representantes verdadeiros do nosso adoravel Salvador; d'aquelle coração emfim tão bemfazejo, que, ainda mesmo nas cinzas do sepulcro, parece estar ardendo no dezejo de socorrer os pobres desgraçados.

« Não julgueis, que sou encarecido n'estas minhas sinceras expressões. Esta amavel e solida virtude da nossa defunta imperatriz não precisa de provas e argumentos.

« Uma serie jámais interrompida de factos evidentes e notorios tem dado a conhecer a todo o mundo esta immensa bondade bemfazeja d'aquella clementissima Senhora, que não podia ver nem escutar os males e miserias da pobreza, sem que as suas entranhas se abalassem, sem que o seu coração se internecesse, sem que a sua mesma compaixão se fizesse patente no seu rosto, no terno movimento de seus olhos, e em todos os seus gestos e sentidos. Quazi sempre esta inclita princeza acompanhava com prantos e com suspiros os gemidos e lagrimas dos

pobres que lhe expunham seus males e miserias. Exemplo bem capaz de confundir esses homens crueis e deshumanos, que, nadando em mares de riqueza, vêm correr as lagrimas dos pobres e ouvem os seus rogos e gemidos, sem que a sorte de tantos desgraçados jamais possa arrancar das suas mãos alguma limitada e christan esmola. Ricos duros, horror da humanidade, que mostraes com os pobres infelizes entranhas durissimas de ferro, e corações mais rijos do que o bronze! si os clamores da fé e razão não podem abrandar tanta dureza, enchei-vos ao menos de vergonha, e cobri-vos de horror e confusão, á vista do exemplo edificante d'aquella clementissima Senhora, que tão promptamente socorria a todas as pessoas indigentes que iam supplicar-lhe algum socorro, não sómente nas portas do palacio, ou nas viagens e passeios, mas em todos os tempos e lugares, onde apparecia ás vistas publicas. Tu, sagrado lugar, onde existe a capella, ou o templo da Senhora invocada como o titulo da Gloria, tu eras um publico theatro, onde a sua bondade compassiva se dava a conhecer com mais frequencia, nas immensas esmolas que espalhára entre as mãos dos miseros mendigos.

« Com effeito, humanissimos senhores, ali concorriam com frequencia, de toda a capital e seus contornos, mil victimas da fome e da miseria, viuvas sem socorro, orphãos sem amparo, cegos indigentes, mendigos aleijados e vivos esqueletos na figura, que obrigados da fome e da miseria sahiam de seus pobres domicilios, ou para melhor dizer, de seus sepulcros, para manterem, por meio da esmola, os restos de uma vida agonisante. E assim como os enfermos na Judéa esperavam em torno da Piscina, que ali viesse um anjo do Senhor dar remedio a todos os males, assim aquelles miseros mendigos esperavam com ancia, ao pé do templo, que viesse, como um anjo do Senhor, dar remedio a seus males e miserias aquella virtuosa imperatriz, que a todos recebia com agrado, a todos escutava com clemencia, a todos consolava com ternura, a todos socorria com largueza; e todos se apartavam satisfeitos abençoando a sua bemfeitora, rogando-lhe mil bens e mil venturas, em transporte de

amor e gratidão. Mas não eram só miseros mendigos os objectos da terna caridade, que reinava em seu pio coração, eram pobres honestos e occultos, que, debaixo de um trato decoroso, sentiam os rigores da pobreza, e aos quaes a vergonha e o decoro não deixavam sair dos seus jazigos afim de mendigar de porta em porta o soccorro que lhes era necessario. Eram pais de familias numerosas, que, privados dos bens que possuiam por um golpe funesto da fortuna, se viam consternados e afflictos por não terem meios de manter suas pobres familias desgraçadas. Eram ternos meninos innocentes, rotos, famintos, sem algum socorro, que, apertados vivamente pela fome, estendiam, chorando, as tenras mãos, supplicando alimento aos pobres pais, que já nada teriam que lhes dar, sinão lagrimas de dor e de amargura, si a benefica mão da imperatriz lhes não mandasse a sua prompta esmola. Ah! si eu pudesse fazer sair das trevas a multidão de pobres infelizes, que deviam a sua subsistencia ás esmolas occultas e continuas da nossa defunta soberana, que tocantes objectos não verieis? Verieis pobres velhos já curvados com o peso dos annos e das queixas, abençoando a mão caritativa, que os susteve na borda do sepulcro; onde a pobreza mais do que a velhice os teria já precipitado. Vós verieis pupillos innocentes, que acharam na piedosa imperatriz todos os socorros, que perderam pela morte funesta de seus pais. Verieis grande numero de enfermos elevando no leito da doença as vozes e as mãos desfallecidas para attrahirem do céo altos favores sobre aquella piedosa imperatriz, que os tinha socorrido na molestia e salvado da morte já propinqua.

« Verieis pobres presos desgraçados nos horrores do um carcere medonho, verdadeira figura do inferno, sem liberdade alguma, sem sustento, banhando com seu pranto os duros ferros, e rompendo em pragas e blasphemias, que a força vehemente dos seus males arrancava de seus afflictos peitos, e os teria levado á sepultura, si as esmolas da terna imperatriz não fossem adoçar as suas penas e alliviar o peso de seus males. Verieis..... mas, quem póde contar todos os pobres, que ella socorria occultamente?

Ah! si acaso eu pudesse aqui expor-vos a lista que depois da sua morte se achou no seu proprio gabinete, que pasmo não seria então o nosso, vendo a enorme despeza que fazia nos socorros mensaes, com que amparava tantas pessoas pobres e infelizes de todas as idades, sexo e condição!

« Então era que a sua grande renda adquiria a seus olhos todo o preço; mas, por mais avultada que ella fosse, tudo julgava pouco para os pobres, pois dezejava ser possuidora dos mais ricos thesouros do Universo, afim de espalhar com larga mão no socorro da misera pobreza, a quem tinha um amor tão extremoso, que a movia a dizer frequentes vezes, que sentia mais satisfação e uma gloria mais consoladora, quando estava entre miseros mendigos escutando os seus males e miserias, e dando a cada um prompto socorro, do que quando se via no seu paço rodeada dos grandes do imperio, recebendo de toda a sua côrte honrosas homenagens e cortejos. Que bondade, senhores, tão heroica! Ella lhe grangeou mui justamente nos ternos corações dos Brazileiros direitos sublimes e estimaveis, que os da sua eminente soberania. Grangeou-lhe o amor, a gratidão e a cordial estima de seu povo. »

Descreve o orador a consternação do povo fluminense, quando se espalhou a noticia de que Sua Magestade estava em perigo imminente de vida, falla das preces, procissões de penitencia, que se faziam n'esta côrte, e assim pinta a infausta scena da sua morte:

« Esgotam-se emfim todos os meios de fazer de algum modo o céo propicio, mas o céo por desgraça se faz surdo, e mais impenetrante de que o bronze, a todos os seus rogos e orações, apezar de todos os recursos que a medicina pôde escogitar, a molestia da cara imperatriz apparece cada vez mais perigosa: e já mortaes e funebres symptomas lhe dão finalmente a conhecer, que está proximo o termo de seus dias.

« N'esta triste e funesta situação, apezar das crueis e agudas dores, com que tanto se via atormentada, ella implora e recebe os sacramentos e todos os socorros da igreja, com exemplar fervor e devoção, esperando contricta e resignada a morte, que a seu leito se avizinha.

« Morte cruel, detem-te, suspende o golpe: não firas esta victima innocente, vivo espelho de todas as virtudes! Não nos roubes a prenda mais amada, a nossa terna mãi consoladora. Não soltes, suspende a cruel foice, ou antes descarrega sobre nós, sobre os nossos afflictos corações, o golpe mortal, que lhe destinas. Detem-te... mas em vão, em vão me canso. O decreto do céo emfim se cumpre. A grande imperatriz, a mãi dos pobres, vendo chegado o ultimo momento, levanta ao céo os olhos moribundos, e com submissa voz, entrecadente, repetindo com fé e devoção o santo e doce nome de Jesus, exhala emfim o ultimo suspiro. Oh dia desditoso! dia infausto, em que se ouvio soar em toda a côrte, como um golpe tremendo do trovão, esta nota terrivel e funesta: Já morreu a nossa Imperatriz! Já não vive aquella soberana, a nossa maior consolação. »

XXXII

Cabe ainda hoje a vez de resuscitarmos o nome de um religioso, distinto orador e philosopho, da ordem de S. Francisco, d'esta côrte. E' elle o douto padre-mestre frei Henrique de Santa Anna, que se chamava no seculo Henrique de Almeida Costa, que nasceu n'esta cidade de São-Sebastião do Rio de Janeiro, nos ultimos annos do seculo passado, e recebeu as aguas do baptismo na matriz de Nossa Senhora da Candelaria; foram seus pais Henrique de Almeida Costa e D. Maria Joaquina, aquelle natural do archipelago dos Açores, e esta d'esta côrte.

O joven Henrique de Almeida Costa, sentindo a mais ardente vocação para a vida do claustro, deixou o lar paterno e trocou o nome do seculo pelo de frei Henrique de Santa Anna, com o qual tomou o habito dos capuchos a 8 de Outubro do anno de 1806.

Dotado de superior intelligencia, dentro em pouco tempo se habilitou a receber as ordens sacras, que lhe foram conferidas pelo sabio bispo capellão-mór D. José Caetano da Silva Coutinho, recebendo as do presbiterado a 7 de Agosto de 1814. Leccionou com applausos a cadeira

de philosophia em seu convento, e no pulpito brilhou com grande aurea.

Occupou todos os cargos em sua ordem, e em 1831 foi elevado á alta dignidade de ministro provincial. Era um religioso illustrado, pelo qual a sua ordem chora saudosa. O dia 22 de Novembro do anno de 1834 foi o ultimo de sua vida, porque n'esse dia entregou elle o espirito nas mãos do Creador, depois de soffrer as dores crueis de penosa enfermidade.

Sua morte teve lugar em casa de um amigo, na rua dos Latoeiros, e no dia 23 sepultou-se no claustro do seu convento, na quadratura em que se sepultam os religiosos, junto a S. Carlos e Sampaio, que eram seus contemporaneos e amigos, deixando lavada em pranto aquella sua corporação, da qual fôra um ornamento. Sampaio e S. Carlos teciam elogios aos dotes e talentos oratorios do padre-mestre frei Henrique de Santa Anna, e vejamos os bellos trechos de seus sermões, que plenamente justificam essa opinião dos dous athletas da tribuna sagrada.

Estamos em 8 de Dezembro de 1816; os campanarios de seu convento tangem com sons festivos; é hoje o dia da solemnidade da Virgem Santissima da Conceição padroeira do imperio.

Á igreja do convento de Santo Antonio está adornada de galas e flores.

As nuvens de incenso sobem ás naves do santuario, que estão resplandecentes de luzes.

A musica com suas melodiosas symphonias ecôa nas abobadas. A multidão é completa. Começa a festa, e findo o Evangelho apparece no pulpito o padre-mestre frei Henrique de Santa Anna, que diz: « *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti.* Feliz mãi, que te trouxe em seu ventre, e que vos nutrio em seus peitos.

(S. Lucas, cap. II)

« São estas as sublimes expressões, com que uma simples mulher do povo acaba de formar o elogio mais completo das grandezas de Maria. Encantada á vista dos espantosos prodigios que Jesus Christo obrava em toda a Judéa, attrahida ainda mais pela excellencia de uma

doutrina toda celestial, que saindo de sua boca, instruia a todos os homens nos caminhos da salvação, e confundia igualmente a falsa sabedoria dos doutores da sinagoga, ella não póde conter em seu peito o enthusiasmo, que lhe causa um homem tão extraordinario, e querendo engrandecer a feliz sorte d'aquella que o gerára, não lhe importam as blasphemias dos phariseos, despreza seus insultos, e só attenta ao que lhe dictava o coração, levanta animosamente sua voz, gritando no meio das turbas: « Ditosa a mãi, que vos mereceu trazer em seu seio, ditosos os peitos a que fostes alimentado. » *Beatus venter*, etc.

« A igreja, meus senhores, autorisando este modo de pensar da mulher do Evangelho, encontra hoje na conceição de Maria motivos mais solidos, mais justificados para celebrar seus louvores. Uma graça singular, que, preservando a uma filha de Adão de contrair em sua origem a negra mancha da culpa, e communicando-lhe ao mesmo tempo a branca estola da justiça, a faz digna aos olhos do Todo-Poderoso de conceber em suas entranhas o proprio Filho do Eterno; uma graça, que preparando uma creatura para a eminente dignidade de mãi de seu Creador, a antecipa á natureza e a faz apparecer sem defeito, enriquecida de todas as perfeições, no instante mesmo em que todos os outros homens são objecto de horror e de ignominia, eis aqui, senhores, o que constitue a grandeza da santissima Virgem; eis o que nos obriga a formar seus elogios, rompendo com a santa igreja em acclamações gloriosas, dirigindo Jesus Christo em transportes de veneração e de respeito as mesmas palavras pronuncidas em outro tempo no centro da Judéa, e repetidas ha pouco á face dos altares. «Bemaventurado o ventre, que vos trouxe; e os peitos que vos amamentaram.» *Beatus venter*, etc.

. . . . . .

Invoca o orador a protecção da santissima Virgem nas seguintes phrases :

« Virgem immaculada, si jámais eu tenho tido precisão de ser por vós socorrido é sem duvida n'este momento, em que me foi encarregado de fallar de vós mesma. Confesso como o santo e devoto abbade de Claraval, que não ha um objecto que me seja mais agradavel, que me

cause maior prazer; mas conheço tambem, que não ha empreza mais difficultosa nem mais capaz de me encher de susto e de temor: confiado todavia na vossa bondade, esperançado em que me haveis de alcançar e conceder todas as luzes, todos os auxilios que imploro, eu já vou prostrar-me em vossa presença e saudar-vos como o anjo: *Ave Maria.*

« O misterio do Homem Deus, não sómente considerado em si mesmo, mas ainda em todas as suas circunstancias devia ser posto aos olhos da fé como o misterio da maior grandeza. Ainda que o Filho do Altissimo, revestindo-se de uma carne mortal, envolvesse em um véo escuro os resplendores inaccessiveis de sua gloria, a divindade de sua pessoa ficava sempre izenta de padecer o mais ligeiro detrimento. Foi a Jesus Christo, que os céos trataram de providenciar em todos os tempos, e sendo elle em seu nascimento tanto mais attendivel quanto as realidades deviam ser superiores ás figuras, não é de admirar, senhores, que a respeito de Maria se dispensassem leis terriveis, que fizessem gemer a natureza inteira.

« As brilhantes imagens, que vieram mostrar ao longe o esplendor do dezejado das nações, os magestosos titulos de luz dos povos, restaurador da paz e da salvação de Israel, esses emblemas magnificos, com que o céo retratou antecipadamente a excellencia do futuro reparador, todas essas circunstancias tão admiraveis, que faziam esperar no Messias uma grandeza sem igual, suppunham igualmente em sua mãi as mais sublimes prerogativas e privilegios os mais relevantes.

« Mas não penseis, senhores, que eu entenda por estes privilegios estas vantagens frivolas, que constituem todo o muito e toda a gloria dos heróes do seculo. Ser animada com o sangue dos grandes monarcas, ter direito a um dos thronos mais poderosos do universo, contar entre seus antepassados um grande numero de patriarcas, de reis e de prophetas, reunir em sua pessoa toda a nobreza de uma familia antiga, e das mais respeitaveis no conceito dos homens, jamais seria a grandeza que pudesse dispôr uma creatura á incomparavel honra de gerar o Creador.

« Todas estas vantagens, que tanto allucinam o fracos mortaes e lisongeiam sua louca vaidade, lhe viriam a ser communs com as outras mulheres do mundo e a mãi de um Deus apenas se distinguiria de qualquer soberano da terra. Virtudes sem exemplo deviam ser logo em sua conceição o privilegio unico d'esta grandeza sem limites; e a graça mais eminente, preservando-a da culpa original, é quem devia preparar toda a sua elevação.

« Qual não tem sido em todos os tempos a conducta do Eterno a respeito das creaturas ordinarias, quando ellas são destinadas a emprezas gloriosas? Com que empenho não tem preparado aquelles que, recebendo de seus progenitores uma natureza corrupta, vinham comtudo ao mundo a representar algumas das qualidades do Messias ou circunstancias do seu ministerio? Si a graça, antecipando-se ao nascimento de Jeremias e do Baptista, os santificava no ventre materno, por não ser conveniente, que, vindo talhado para grandes successos, nascessem como os outros homens denegridos pela culpa, podia sem injuria da Providencia ser igual a sorte d'aquella Virgem, que tinha de trazer o Verbo em seu seio?

« Quando eu, forçando minha piedosa fé e minha razão mesmo, quizesse representar Maria envolvida por algum tempo na desgraça e na miseria, cercada dos horrores de um crime hereditario, infeccionada pelo veneno da infernal serpente, e vinculada ao carro de seu triumpho, esta imagem terrivel me obrigaria ou a negar o seu destino ou a contradizer a divindade de seu filho. Eu desconheceria o Cordeiro sem mancha, que tira os peccados do mundo, n'aquelle que habitasse por nove mezes em um ventre obscurecido pelas sombras do vicio. O Senhor deixaria de ser a meus olhos a mesma santidade por essencia unida á sua natureza uma porção de outra que estivesse contaminada; nem era possivel persuadir-me jamais, que uma vida, que devia resuscitar a todos os homens, principiasse em sua origem por um instante de morte; que o corpo do Salvador fosse extrahido de uma carne de peccado, sem que igualmente encontrasse na ignorancia da mãi a deshonra do filho.

« Sim, grande Deus, que mãi esta para vós! que mãi! Senhores, uma creatura coberta de opprobrio, o objecto da vossa colera, indigna da vossa presença? Como se não jactariam as potencias do abismo de que a rainha dos anjos e dos homens havia sido sua escrava! Com quanto orgulho não mostrariam os grossos e pesados grilhões, que houvessem ligado seus pulsos por um instante, e a tivessem constituido victima do inferno! Que gloria para o principe das trevas! e que vergonha para vós! si elle vos pudesse insultar com tanta audacia!

« Discorramos de outro modo, senhores, nem pareça, que pretendo provar um misterio, que vós reconheceis com a igreja, e que veneraes hoje com tanta solemnidade. Pela deshonra que se seguiria a Jesus Christo, nascido de uma mãi manchada em sua origem, eu só intento descortinar por um pouco a vossa vista, quanto bastava na conceição de Maria para deixar illesa a honra de um Deus. Tal era a lei ditada pela Providencia, que se guardasse uma proporção de similhança entre a geração temporal do Verbo e sua geração eterna. Era necessario, em consequencia d'esta lei, que sendo elle gerado por seu pai no esplendor dos santos fosse tambem gerado por sua mãi no esplendor da mais abundante santidade; era necessario, que o Todo-Poderoso do centro de sua gloria não visse no céo nem sobre a terra, nem entre os homens, que se arrastam debaixo de sua mão, nem entre os anjos, que cercam o seu throno, perfeição alguma, que se approximasse á de Maria; era necessario, que ella fosse logo em seu principio uma creatura superior aos patriarcas por sua fé, aos prophetas por suas luzes, aos reis por sua grandeza, aos apostolos por seu zelo, aos martires por sua constancia, ás virgens por sua pureza, á todos os justos pela excellencia de suas virtudes; uma creatura extrahida da massa de Adão, santa, immaculada, cheia de bençãos e favores divinos, que começasse a respirar os alentos da vida juntamente com os da graça; que só conhecesse a culpa pela aversão, que lhe concebe desde o instante mesmo em que começasse a existir; uma creatura... eu não acabei ainda de descrever o seu caracter, e já vós me estaes antecipando o seu destino,

já reconheceis toda a grandeza, que devia ter a mãi do Homem Deus.

. . . . . .

« E' sem duvida n'este estado, que a considerára um grande santo, quando a appellidava não a obra de um momento, como as outras producções do Supremo Artifice, mas o chefe d'obra que tinha occupado a mente divina em todos os seculos : *Negotium omnium seculorum.* Eis aqui tambem o que transporta, o que excita a admiração dos espiritos angelicos, quando contemplam a Santissima Virgem na gloria da sua conceição, attonitos, cheios de assombro á vista de uma maravilha tão estupenda. Quem é esta? perguntam elles arrebatados em extase; quem é esta, que começa a apparecer similhante á risonha aurora, mais bella que a lua na plenitude de sua luz, tão resplandecente como o sol e mais brilhante ainda do que as estrellas do firmamento ? O mesmo Esposo Celeste, que a havia santificado e ornado de suas perfeições, elogia tambem sua formosura, sem jámais perder de vista a dignidade de seu destino. Elle não a intitula então uma simples creatura, obra de suas mãos, não se contenta de a chamar, como a Paulo, vaso de sua escolha ; o nome, que lhe dá é um nome novo, um nome todo singular, que encherá os céos de alegria, de consolação a terra, de esperança e terror a todo o inferno. Ah! e com quanto prazer, com quanto jubilo e respeito de minha alma eu chego a proferir estas vozes maviosas do Eterno Amor: Vós sois toda formosa, ó minha esposa, em vós se não póde descobrir o mais ligeiro defeito!

« Que acabaes de ouvir, senhores! Minha esposa? Sim, no feliz instante de sua conceição, Maria já era a esposa amada do Espirito Santo, e digna de gozar das castas delicias de seu amor, a sua esposa sem mancha, a quem elle havia de encher de sua virtude e fecundar com a sua sombra.

« Foi assim, que a graça mais abundante, preservando Maria do contagio commun, e prevenindo n'ella a desordem da natureza, lhe dispoz toda a grandeza necessaria á incomparavel dignidade de mãi de Deus: e tal é o augusto privilegio que a igreja propõe a seus filhos,

não como regra de sua fé, mas como objecto de uma crença piedosa, fundada sobre a maternidade divina; privilegio tão justo, tão legitimo, eu quazi diria tão indispensavel, que a razão e o sentimento conspiram, de mãos dadas, a nos fazer reconhecel-o em Maria como uma prerogativa que o Deus Creador devia á mais perfeita de suas creaturas; o Deus de santidade á rainha dos Santos; o Deus de pureza á rainha das Virgens, o Redemptor á sua mãi; o Espirito Santo á sua esposa; o Senhor emfim a si mesmo, á sua propria gloria, não podendo consentir que fosse manchado o tabernaculo que havia de ser por elle habitado; que corresse primeiro por canaes impuros o sangue, que depois circularia em suas veias, e que em um coração feito para produzir o santo dos santos estivesse um só instante a corrupção.

« Razão esta tão convincente, tão persuasiva, que o grande Santo Agostinho, este padre defensor acerrimo contra os pelagianos do dogma do peccado original, e da quéda universal dos homens, em consequencia da quéda do primeiro homem, não duvidou pôr limites em favor de Maria a este diluvio de indignidades, que cobrio a face da terra, fazendo-se um dever de reconhecer que pela honra de Jesus Christo a mãi do Homem Deus não devia ser comprehendida na maldição commun; razão emfim sobre que se fundaram tantos soberanos pontifices, pastores universaes da igreja, para prohibir com o santo concilio de Trento as vans contestações, que poderiam turbar a paz e o silencio d'este culto religioso, que a piedade dos fieis julga dever tributar a immaculada conceição da santissima Virgem.

« Admiremos portanto, senhores, reverenciemos em Maria um privilegio todo singular, sem nos embaraçarmos de querer aprofundar este misterio por uma curiosidade infiel; tenhamos porém presente á nossa memoria, que a graça que a santificou em sua conceição foi para ella uma fonte de meritos e a origem de todas as suas virtudes, que ella correspondeu sempre com a maior fidelidade á sua vocação, marchando sem cessar pelos caminhos da justiça, occupando-se continuamente em augmentar esta graça que fazia aos olhos de Deus toda a sua

grandeza, não pensando emfim nos privilegios de sua conceição sinão para trabalhar em adquirir novos thesouros, em uma palavra não nos esqueçamos jamais de que a santissima Virgem conservou sempre acesa em seu coração a pura chamma que o abrasava; que não houve um só momento em toda a sua vida, que deixasse de ser assignalado por um novo merito, que não fosse augmentado por novos gráos de virtude, e que similhantes a estes perfumes odoriferos, que exhalados pelo fogo em um vapor subtil se elevam sempre até escapar a nossos olhos, e que chegando a confundir-se com o ar que respiramos só se póde conhecer pelo bom cheiro, que o acompanha, assim Maria, purificada pelo fogo sagrado que o Senhor acende em seu seio desde o primeiro instante de sua existencia, se desapega das cousas sensiveis, eleva-se, santifica-se até que perfeitamente unida á santidade de seu Creador vai perder-se n'elle, e só se deixa conhecer aos homens pelo bom cheiro de suas virtudes.

. . . . . .

E conclue assim:

« Ah! sejamos ao menos mais sabios, mais vigilantes e mais prudentes sobre os nossos proprios interesses. Honremos com veneração e respeito á immaculada conceição de Maria; mas aprendamos igualmente d'ella a juntar thesouros de virtudes para o dia das necessidades. O talento está entre nossas mãos, é preciso empregal-o com usura: procuremos pois viver christanmente n'este mundo, santificando todas as nossas acções, fazendo assim os esforços possiveis por adquirir cada dia novos augmentos de graça, para que possamos ser amplamente recompensados na eterna bemaventurança. Disse. »

XXXIII

A religião carmelitana d'esta côrte perdeu um de seus mais distintos filhos na pessoa do illustrado padre-mestre frei Antonio de Santa Gertrudes, que morreu no convento de sua ordem na cidade de São-Paulo, capital

da provincia do mesmo nome, aos 18 dias do mez de Dezembro de 1863, no exercicio do cargo de prior, depois de haver occupado com a maior honradez a dignidade provincial de sua ordem por espaço de 12 annos. O padre-mestre frei Antonio de Santa Gertrudes nasceu n'esta cidade do Rio de Janeiro em dias do anno de 1789.

Exerceu com louvor a cadeira do magisterio e no pulpito abrilhantou com sua eloquencia a palavra sagrada, e por isso mereceu, sem que o solicitasse, a honra de ser nomeado pregador imperial.

A decadencia de sua ordem, devida á guerra intestina fomentada pela devoradora ambição dos falsos filhos da virgem do Carmelo, que deram em resultado o descredito de sua distinta corporação, á qual votava elle o mais dedicado e puro amor; a ruina occasionada pelos esbanjamentos de seu rico patrimonio, que elle via com os olhos rasos de lagrimas e o coração compungido de dôr, ir desapparecendo de dia em dia, de hora em hora pela má gerencia dos negocios de sua ordem; a morte de seus velhos amigos, companheiros e contemporaneos, por quem saudoso carpira, o magoaram de tal sorte que deram em resultado sua morte aos 74 annos de idade.

Longe do berço de seu nascimento exhalou os ultimos alentos este virtuoso varão, e seu cadaver foi entregue aos vermes da terra no cemiterio publico da Consolação da cidade de São-Paulo. Não foram só o talento e eloquencia os preciosos dotes, que possuira em alto gráo o finado ex-provincial dos religiosos carmelitas, outros attributos constituiram o brazão de sua nobreza, e estes attributos foram a virtude, a honradez e a modestia, que ornaram seu piedoso coração.

Frei Antonio de Santa Gertrudes, que honrou com seus talentos a religião carmelitana, que amava de coração o seu habito como o botanico ama as suas plantas e o estatuario as suas imagens, foi por sua sabedoria e virtudes mais que digno de subir ao solio do episcopado, e seria certamente um modelo dos principes da igreja, si fosse chamado a esta alta dignidade, para o desempenho da qual sobravam-lhes monumentos. Morreu sem que para isso fosse lembrado.

Olvidado por sua patria, longe da terra de seu nascimento e do theatro de suas glorias, eivado de profundos desgostos, causados pela decadencia de sua corporação, morreu só, quem era digno das mais altas homenagens.

Si sua patria o esquecera, e tambem sua communidade, perdendo esta uma de suas mais fortes columnas, e aquella um cidadão coberto de cans e de serviços prestados em prol da religião e do Estado, quiz porém a Providencia, que os ultimos dias de sua vida fossem suavisados pela companhia do virtuoso prelado da igreja paulistana, que tanto na vida como na morte tributou-lhe as mais altas e profundas demonstrações de sympathia e amizade. Na vida o encheu de consideração, rodeou-o de prestigio e honrou-o com a sua amizade; na morte banhou com suas lagrimas a lapide de seu tumulo, desfolhou sobre elle as flores da saudade e goivos, e rendeu preces ao Altissimo pelo repouso eterno de sua alma.

Tão bello exemplo tão alto proceder fórça a admiração e o respeito. * Seria uma ingratidão de nossa parte, si deixassemos em olvido o nome do douto Paulistano, que tanto brilhou na tribuna sagrada d'esta côrte, á qual pela ultima vez subio para recitar a oração funebre de D. Vicente Massoni, arcebispo de Edessa que falleceu n'esta côrte, victima de febre amarella, na elevada categoria de internuncio apostolico. **

A felicidade nos proporcionou a occasião de obtermos um dos seus sermões em manuscripto, do qual vamos extrair alguns trechos, não só para mostrarmos seu estilo, como para pagar uma homenagem de gratidão á memoria do talentoso orador da religião carmelitana, cuja gloria vamos fazer reviver. Estamos no primeiro dia do 6° mez do anno de 1819; é hoje portanto a 1ª oitava de Pentecoste.

O templo de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, convento dos religiosos carmelitas, celebra hoje, com a

---

* O Exm. Revm. D. Sebastião Pinto do Rego, bispo de São-Paulo.

** Jaz sepultado no convento dos religiosos capuchinhos do Castello.

pompa mais estrepitosa, a solemnidade da illustre esposa do patriarca S. Joaquim, e a avó de Nosso Senhor Jesus Christo.

O panegyrico da mãi do formoso lirio da pureza e da castidade, a mimosa virgem de Nazareth, está confiado ao talentoso padre-mestre frei Antonio de Santa Gertrudes, que após o Evangelho sobe ao pulpito e assim começa : *Ego veni ut vitam habeant et abuntantiam habeant.*

(S. João, cap. 10)

« Esperar no centro das humilhações a mão poderosa que enxuga as lagrimas do afflicto, soffrer com paciencia os trabalhos, e considerar-se no seio das afflicções como filho do pai mais terno, cuja providencia infinitamente sabia veste os lirios do campo e nutre as aves do céo, que, pesando na balança da justiça as obras dos homens, engrandece o humilde e faz desapparecer como fumo o impio na melhor de sua carreira, tal é, senhores, a conducta d'estes heróes de Roma, que, rolando sobre a terra, servem de espectaculo de admiração aos anjos e aos homens.

« Fieis aos impulsos da graça, invulneraveis ás delicias da terra, superiores ás desgraças da humanidade, elles brilham no desempenho das virtudes, porque sua esperança é fundada n'aquelle que é a Luz e a Vida. Sim, já não é um propheta que appareceu no meio de Israel para fazer ouvir os oraculos do Deus de Jacob a Marpha, Dan e Bersabet, não é o filho de Elcana que veio izentar os Judeos do jugo dos Philisteos, e fazer passar a corôa da cabeça de Saul para a de David. E' o mesmo Deus dos prophetas, aquelle que tendo fallado em outro tempo a nossos pais, jurando dar aos homens um coração novo, se dignou, revestido da natureza humana, remir com seu sangue os descontentes de Adão e abrir-lhes o thesouro de sua graça, afim de que elles tivessem vida e a tivessem em maior abundancia: *Ego veni ut vitam habeant et abundantiam habeant.*

« E' a mesma fé, diz Santo Agostinho, que une tanto aquelles que acreditam, que o Messias já veio, como

aquelles que acreditaram na sua vinda futura. Irreprehensiveis nos seus costumes, fieis no compromisso das leis, os heróes do antigo testamento se mostraram filhos da promissão. Eis ahi sobre aquelle altar, senhores, uma heroina, que, vivendo nos tempos obscuros da sinagoga, espantou o mundo pelo brilho de sua humildade e paciencia.

« Olhada com desprezo por sua mesma nação, reputada por sua esterilidade como indigna das bençãos promettidas á tribu de Judá, despojada da corôa que pertencia a seus descendentes, desconhecida mesmo aos pés do throno, cujos degráos tinham sido calcados por seus pais, Anna não deixa escapar uma só expressão com que se queixe das ordens da Providencia, e beijando a mão do Omnipotente, que parecia entornar sobre ella todo o calice da atribulação, Anna sente pulsar em seu ventre a heroina prophetisada pelas sonoras trombetas de Israel, e se vê mãi d'aquella que devia dar á luz o Messias dezejado.

« Tal é a recompensa de sua grande humilhação e o privilegio que a distingue entre todos os justos. Santo Agostinho, para dar-nos uma justa idéa da grandeza de Maria, repetia estas palavras: « A carne de Jesus Christo é a carne de Maria, e quem poderá negar a grandeza de Anna sabendo que seu sangue correu nas veias da santissima Virgem? Sim, dizer-se que Anna é mãi de Maria e dizer quanto permittem as forças da eloquencia humana, é o maior elogio, que se póde fazer a uma simples creatura. Eis aqui pois as idéas sobre que devem versar meu discurso. Anna elevada ao maior gráo da gloria pelo concebimento de Maria, depois das maiores humilhações; tal é o objecto que vai occupar vossas benignas attenções.

« A marcha ordinaria da Providencia é sempre opposta á marcha da politica humana

O mundo não contempla como grande sinão áquelles homens que juncam os campos de cadaveres, que sedentos de sangue humano levam sempre diante de seus estandartes a morte, o terror e a destruição, ou que descendendo de grandes personagens, apezar mesmo da falta

de proprios merecimentos, contam entre seus ascendentes esses idolos soberbos da vaidade, cujos nomes e medalhas se transmittem de geração em geração, como um monumento eterno de sua gloria; o pobre, o desvalido ainda que adornado de virtudes é um espectaculo bem triste aos olhos do mundo.

« Deus pelo contrario, senhores, segue um caminho bem diverso a respeito dos homens; o Senhor, diz o propheta rei, applica a sua orelha aos gemidos do pobre, do necessitado, enxuga as lagrimas do afflicto, e quando quer mostrar a grandeza de seu braço, escolhe o fraco para confusão dos fortes, e lança por terra os soberbos poderosos do seculo, para assentar em seu lugar os humildes. Foi assim que Deus se comportou com David, tirando-o do rebanho de Jessé, para succeder a Saul sob o throno de Israel; José, aviltado por seus mesmos irmãos, lançado em uma profunda cisterna, coberto dos improperios dos Egypcios, de repente se vê sentado ao lado de Pharaó, exaltado no meio de seus inimigos, beneficiando áquelles mesmos a quem tinha servido de pedra de escandalo; Deus, em uma palavra, exalta áquelles que humilhados entre os homens se prostram diante de seus altares, implorem seu auxilio, e se entregam de todo o coração ás ordens do Céo. Tal foi a conducta da Providencia a respeito da esposa de Joaquim.

« Cahida do throno na obscuridade, mudada do seio da opulencia para o centro da miseria, succumbida, debaixo dos opprobrios da esterilidade que se tinha feito a ignominia de sua nação, não poderia ella dizer: Senhores, onde estão as magnificas promessas feitas a meus pais pelos prophetas: que é feito do sangue de David, que corre em minhas veias; onde está a fecundidade, que deve dar ao mundo o dezejado das nações? Uma d'estas adversidades seria bastante para abater um heróe do seculo, e todas ellas não podem abalar a submissão de Anna ás ordens da Providencia. Prejuizos da nação judaica, opprobrio da esterilidade, desprezo dos concidadãos, direito do nascimento, tudo isto Anna sacrifica generosamente á vontade de Deus. Anna contava entre seus ascendentes uma gloriosa serie de patriarcas,

de pontifices, de reis e grandes capitães, que ao son das trombetas guerreiras voavam ao centro dos aguerridos batalhões inimigos, para disputar por meio da espada seus direitos.

« Comtudo os momentos assignalados nos decretos eternos tinham chegado ; cumpria-se a prophecia de Jacob, faltando um general sahido da coxa de Judá para reger o povo de Israel ; a autoridade dos Judeos tinha passado á mãos estrangeiras, o throno de David era occupado por um Idoumeo ; este impio tinha rasgado entre suas mãos os pergaminhos da genealogia real, e Anna, a herdeira do sangue e virtudes de 23 soberanos, despojada dos titulos brilhantes, que competiam aos descendentes de David e Salomão, passa seus dias tristes em uma affrontosa obscuridade. Não se vê mais n'ella algum rasgo do antigo esplendor de sua familia, nem algum resto d'aquella gloria e autoridade, que attrahiam a admiração dos povos e dos reis mais apartados. »

. . . . . .

O orador exalta na linguagem mais fascinadora as virtudes da resignação e da humildade, que tanto ennobreciam o coração da santa mãi da soberana do mundo.

« O justo opprimido do peso da desgraça, curvado debaixo das miserias, se faz um espectaculo tanto mais agradavel aos olhos do céo, quanto mais firme é a sua coragem, mais heroica a sua constancia. Eis aqui a conducta do homem no seio das tribulações.

« Vós sabeis quanto a fecundidade era gloriosa na antiga lei ; uma numerosa posteridade era muitas vezes sobre a terra a recompensa de uma grande virtude ; todos os misterios da grandeza de Abraham começaram pela fecundidade maravilhosa de Sara, sua esposa ; os patriarcas, os prophetas, os pontifices, os reis de Israel, descenderam d'elle. A fecundidade foi a gloria da casa do justo, diz David ; tranquillo no seio de sua familia, o Senhor espalha sobre elle suas mais doces bençãos ; seus filhos, como ospimpolh os da oliveira, cercam a sua mesa, e o enchem de alegria.

« Israel sabia, que o Messias havia de sair do meio d'elle ; não sabendo o tempo marcado pelas semanas de

Daniel, já de mui longe cada um dezejava, que caisse das nuvens o justo, o anjo do grande conselho, o mediador da nova alliança. Daqui procediam os desgostos, as amarguras, os tristes gritos da consternação de todas essas desgraçadas Israelitas, que uma constante esterilidade humilhava. A mãi de Samuel não foi a unica, que orvalhou o pavimento do templo com suas lagrimas, e que offereceu o incenso de suas orações ao Senhor para ser fecunda.

« Na filha de Jephthé, errante longo tempo sobre as montanhas, banhando estas terras incultas com seu pranto, nós reconhecemos os prejuizos dos Judeos, esse povo supersticioso, escravo de sua imaginação, que lia sempre algum misterio na ordem physica e nos segredos da natureza, e que considerava como malditos os thalamos infecundos. Deus mesmo (e que motivo mais forte para a crença de um povo carnal, afferrado ao material da Escriptura!), Deus mesmo parecia confirmar esta verdade. Quando elle queria castigar as transgressões dos seus preceitos, umas vezes fazia-os rolar no meio dos brutos, pastando a relva do campo, como Nabucodonosor, outras vezes apresentando o raio e o trovão, obrigava-os a tornarem-se ao nada donde tinham sahido, como os habitantes de Pentapolis.

« Mas quando as maldades dos esposos chegavam aos pés de seu throno, então a esterilidade era o seu terrivel castigo. Assim castigou elle a um rei de Israel, dizendo ao prophetae : Escreve Jeremias, homem esteril, homem infeliz em todos os dias de sua vida, homem de cuja coxa não sahirá quem se sente sobre o throno de David e tenha algum poder em Judá. *Scribe virum istum sterilem*, etc.

«Eis aqui os motivos dos opprobrios de Anna: Vinte annos de consorcio, dizia o povo, é tempo sufficiente ; Anna é culpada na presença do Altissimo, por isso as entranhas do Senhor não se commovem á voz de seus gemidos, ao grito de suas victimas. Não, não é d'aquella familia, que ha de sair o dezejado Libertador promettido tantas vezes a nossos pais.». Era esta a linguagem do mundo, senhores, a respeito de Anna : entretanto ella não desespera da misericordia do Senhor, e quanto mais se vê desprezada, tanto mais se augmenta sua fé.

« Não importa ter sido lançada fôra do templo, similhante á mãi de Samuel ella dirige a Deus estas palavras: Senhor, vós nunca deixastes de olhar com olhos propicios para os que suspiram; fizestes que a que era esteril se alegrasse de se vêr mãi de muitos filhos. Quem me dera, Senhor, que ouvisseis a supplica de vossa serva: *Utinam inveniat ancilla tua gratiam in oculis tuis.* Deus, senhores, lança para longe a nuvem de opprobrio de Anna, acabaram-se suas humilhações, acende-se a tocha de David, como tinham promettido os Isaias, quebra-se a trombeta que espalhava os insultos, e Anna apparece trazendo em seus braços a mais perfeita de todas as virgens. Anna vê muito inferiores a si todas as matronas de Israel; vê sujeita e obediente á sua voz aquella soberana senhora, a quem o Omnipotente honrava como sua filha mimosa, respeitava como sua mãi verdadeira e amava como sua unica e immaculada esposa.

« Conclui daqui, senhores, quanto não seriam extraordinarios os quilates das virtudes da grande e incomparavel Anna. David livre já das perseguições de Saul e dos insultos de Semei, vendo que a arca do testamento não tinha um lugar certo de sua residencia, e que ora andava de cidade em cidade conduzida sobre os hombros dos sacerdotes, na frente dos invenciveis batalhões da nação santa, ora ficava de baixo de tendas e pavilhões, entra no projecto de edificar-lhe um templo, que pudesse ser digno de sua magestade; applica sem reserva todos os despojos das nações vencidas, e eis que da parte do Senhor um propheta lhe intima, que elle não é digno de formar-lhe um templo, que não quer receber de sua mão este obsequio.

« Que, Senhor, não é digno um rei, a quem o mesmo Deus declarou justo e moldado pelo seu coração? Si o filho de Isaac não é digno de edificar ao Senhor um templo material, onde residisse a arca santa e ser mãi de Maria, e formar do Verbo um templo immaculado, que perfeição é necessaria? O' santidade, ó perfeição de Anna, quem te póde dignamente comprehender? Bem disse o grande Damasceno, que teu coração era um abismo insondavel de virtudes.

« Pouco importa, senhores, que os evangelistas guardassem silencio sobre as acções heroicas de Anna; pouco importa mesmo, que os primitivos padres da igreja não tratassem de elogial-a. Anna não necessita d'essas circunstancias, que seriam necessarias para fazer-se respeitada na igreja qualquer outra matrona. Basta dizer-se que Anna é mãi da mãi de Deus, para formarmos o mais alto conceito de sua grandeza, para sabermos que foi perfeita e consummada em todas as virtudes. Si antigas matronas de Israel, a cuja esterilidade seguiram-se fructos abençoados do céo, pudessem apparecer n'esta época feliz, que deu o nó aos dois testamentos, e presenciassem a mimosa filha que Anna tinha trazido em seu ventre, ellas veriam sua gloria eclipsada, como a flôr que, tendo na madrugada embalsamado o ar com seu perfume, inclina de tarde sua cabeça desmaiada. Ellas veriam nos braços de Anna aquella virgem formada na mente divina, antes que os dois grandes luminares aclarassem os polos, antes que os montes se sentassem sobre sua pesada massa; aquella verdadeira Judith, que, orando pelo povo de Deus, devia dar a morte ao infernal Holofernes; aquella heroina, de quem estava escripto em Isaias, que seria mãi do Deus forte, do principe da paz, do anjo do testamento. »

E passa a terminar n'estes termos:

« Tal foi, Senhora, a recompensa que mereceu Santa Anna pelas suas grandes humilhações; recompensa, que a sublimou sobre tantas mulheres, que adquiriram uma gloria immortal na sinagoga, que se fizeram celebres na Escriptura por suas virtudes heroicas, por seu zelo invencivel, por essas brilhantes victorias que eram, segundo a expressão do sacerdote Joaquim, a gloria de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra da nação judaica.

« Si Anna sentio a mão do Senhor estender sobre a sua cabeça a nuvem da tribulação e do opprobrio; si ella inebriada do absintho por causa da sua esterilidade se fez um objecto de escarneo para todo o povo e o assumpto de sua cantilena para todo o dia, ella vio o Senhor enxugar-lhe as lagrimas, dando-lhe uma filha, em que se completou o oraculo de Jacob, quando abençoou a Judá.

« Eis aqui o quadro, onde o christão deve aprender a ser obediente ás disposições da Providencia. O ouro para ser puro deve ser acrisolado no fogo. Vós vistes o exemplo do soffrimento, que Anna apresentou no meio dos opprobrios e das afflições, que a cercavam de todos os lados; vós a vistes exaltada ao maior gráo de grandeza em recompensa de suas virtudes, imitai seus exemplos para que, tendo-a por protectora n'esta vida mortal, gozeis de sua companhia na presença d'aquelle Senhor, que retribue a cada um segundo os seus merecimentos. »

XXXIV

Entre a extensa pleiade de Brazileiros illustres, que por suas virtudes, sabedoria e talentos foram chamados ao exercicio de altos empregos no reino de Portugal, quando o Brazil gemia ainda com os pulsos arrochados pelos ferros da escravidão, encontramos, entre outros, o nome do talentoso Fluminense D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em os ultimos annos do seculo XVIII, foi aos 16 annos de idade para a cidade de Coimbra; tendo já concluido os estudos preparatorios, matriculou-se na celebre universidade d'aquella cidade, onde aos 22 annos recebia o gráo de doutor em sacra theologia.

Sentindo a mais viva vocação para o estado sacerdotal, cingio a samarra do famoso pescador de Thiberiades e recebendo as ordens sacras, tornou-se ministro do altar.

A precipitada retirada dos excelsos soberanos de Portugal, em consequencia da invasão do reino pelas tropas do heróe de Marengo e Austerlitz, que hydropico de cobiça e allucinado pelos louros de tantas batalhas que ganhára, vinha ainda á patria de Affonso Henriques colher novos louros e conquistas, ou antes, eclipsal-as, foi acompanhada da nobreza do reino, que compunha a sua luzida côrte. O joven presbitero do habito de S. Pedro,

com os thesouros da sua intelligencia, repletos de sabedoria, veio de novo respirar as auras embalsamadas da terra do seu nascimento. Dotado de talentos oratorios, começou a subir aos pulpitos e a adquirir fama de eminente pregador; com o que conseguio poder fazer parte da pleiade brilhante dos grandes oradores, que tanto immortalisaram o genio brazileiro com a sua altiva eloquencia e facundia.

A alta fama de seus sermões grangeou-lhe a murça de conego e a nomeação de deão da antiga sé de Braga. Deixou o Dr. D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça pela ultima vez as praias do Janeiro e da grandiosa Nictheroy, terra em que nascera, com o coração magoado de profundas saudades e com os olhos arrazados de lagrimas, para ir occupar na metropole um honroso e elevado cargo, qual o de deão da mais antiga sé d'aquelle reino.

Si no Rio de Janeiro a cadeira da verdade foi por elle dignamente preenchida, não menos foram os pulpitos em Portugal, não só os da sé de Braga, como os de S. Vicente de Fóra e outros.

Nova e honrosa nomeação recebeu elle de prior-mór da ordem de Christo, lugar que desempenhou com aquella dignidade propria de seu caracter. Seus sermões e outros notaveis escriptos elevaram seu nome ás azas da fama tornando-o tão conhecido e respeitado a ponto de ter ingresso na famosa academia real das sciencias de Lisboa, que cheia de satisfação e orgulho inscreveu o nome do sabio sacerdote e insigne orador sagrado do Brazil no numero de seus associados. A morte do veneravel ancião, o cardeal arcebispo de Braga, deixando vago o solio archiepiscopal, fez recair a escolha na pessoa do conego deão o Dr. D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça, que por suas acrisoladas virtudes se tornára digno de collocar sobre sua cabeça a mitra e supportar o peso do baculo archiepiscopal; porém a Providencia Divina não permittio, que elle fruisse essa honraria, que a magestade da terra lhe havia concedido em recompensa de seus altos merecimentos e serviços; e fazendo baixar no regaço das nuvens o archanjo da morte, arrebatou-o e o

tornou cadaver aos 17 de Janeiro de 1832, escoando-se na ampulheta do tempo o ultimo grão de arêa, que marcava o termo final de sua existencia. Terminou sua missão na terra, sendo victima de uma violenta apoplexia, que, zombando dos recursos da sciencia, o lançou nos horrores do tumulo. Não nos foi possivel saber com certeza em que cidade de Portugal perdeu elle a vida, e nem tam pouco o lugar em que foi sepultado e onde jazem seus restos mortaes. Vamos agora ouvil-o e julgal-o como orador.

Querendo S. M. el-rei o Sr. D. João VI render ao Altissimo solemnissimas acções de graças pelo faustissimo consorcio de seu augusto e prezado filho, o principe Sr. D. Pedro de Alcantara, com a serenissima princeza D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, determinou, que se adornasse com as mais custosas galas a santa igreja cathedral do Rio de Janeiro. Para orar n'essa grandiosa solemnidade foi expressamente convidado por ordem de el-rei o conego Dr. D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça, deão da sé de Braga.

Raia a aurora formosa do dia da festa, que foi no correr do anno de 1818. O troar das salvas de artilheria, levando seus écos ás serranias dos Orgãos, annuncia aos habitantes d'esta capital e provincia o dia da grande festividade. A cathedral está primorosamente enfeitada. A musica de Marcos Portugal enche as vastas abobadas do templo com suas arrebatadoras harmonias. O povo em grossa massa disputa os lugares, el-rei e a familia real estão presentes, e bem assim a côrte, que occupa seu lugar de honra. Officia o bispo D. José Caetano da Silva Coutinho acompanhado de seu illustre cabido. Apparece no pulpito o illustre Fluminense D. Luiz, deão da sé de Braga, que toma por these de sua oração gratulatoria as seguintes palavras do liv. 1° cap. 10 vers. 50 dos Machabeos:

« *Dedit ei... filiam suam et fecit nuptias ejus sicut regis in magna gloria.* »

« Senhor, diz o illustre orador, saudando a el-rei, quando a prosperidade das nações é o premio com que o céo recompensa a virtude de seus augustos soberanos, a

sua gloria, longe de eclipsar-se, apparece sempre tão constante como solida, e a Providencia, de cujo arbitrio pende a sorte dos imperios, parece, que se apraz de promover com particular desvello a sua estabilidade.

« Então ao mesmo passo que lhe sustenta e dilata o esplendor e a fortuna, entre as delicias da paz e da abundancia, á sombra do respeito de suas bandeiras, a Providencia enriquece o thalamo de tão dignos soberanos, dando-lhes herdeiros de suas virtudes e de seus estados, que formados para bem da humanidade, para honra da religião, e para gloria do throno, pelo molde das perfeições da Divindade, se fazem respeitar na terra por aquillo mesmo que no céo se adora em Deus; e abençoando a taes herdeiros como a Jacob com as graças de Rachel, por elles transmittem de geração em geração, sempre com a mesma dignidade e com a mesma gloria o precioso deposito de magestade, de virtude, de poder e de nobreza, que hereditariamente ennobrecem e esmaltam a corôa real, que lhe cinge a soberana fronte. Taes eram sem duvida as grandes e preciosas vantagens, que o rei Alexandre se promettia, e os seus estados se figuravam possuir na brilhante perspectiva do futuro, quando depois de ter vencido a Demetrio,destroçando-lhe o seu exercito, e depois de ter restituido a paz a seus estados, aquelle monarca julgava perpetuar-lhe a independencia e a prosperidade pela alliança e pela successão que lhe afiança a mão da princeza Cleopatra, filha do rei Ptolomeo, e na idéa de tantas e tão extraordinarias venturas, ambos aquelles monarcas solemnisaram estes augustos desposorios com a pompa e magnificencia, que eram proprias de seus magnanimos corações: *Dedit ei filiam suam*, etc.

« Viam-se nas mãos da victoria os louros, que deviam dignamente recompensar o valor e o enthusiasmo do exercito, e já no regaço da paz circulava nos estados d'aquelle soberano a riqueza e abundancia pelos canaes da industria, das artes e do commercio. Via-se sentado sobre o magestoso solio de seus maiores o invicto Alexandre, repartindo-o com uma princeza que a elle se unia, levando a seu lado a sabedoria, a humildade, a prudencia

e todas as mais virtudes, que sustentam a magestade e o respeito dos sceptros com mais firmeza e duração que as intimas allianças d'esses poderosos monarcas, a quem o interesse depressa une, como desune; e já no berço se figurava o penhor da segurança do throno e o objecto dos votos da nação, com tal jubilo e prazer, que a magnifica solemnidade d'aquelles desposorios foi julgada digna de passar á posteridade nos livros santos, para perpetuar as demonstrações de alegria d'aquelles soberanos: *Dedit ei filiam suam*, etc.

« Taes igualmente e ainda mais lisongeiras esperanças, relações muito mais poderosas sobre o nosso reconhecimento e muito mais capazes de desafiar o enthusiasmo da nação, nos convidam hoje a dobrar os joelhos diante dos altares, para render a Deus as devidas graças, pelo novo testimunho de suas misericordias, que elle acaba de nos liberalisar.

« Um principe, o mais digno objecto do nosso amor e de nossas esperanças, o mais perfeito imitador das virtudes de seu augusto pai, e por ellas ainda mais do que pelos direitos do sangue, digno successor de seu throno, apparece hoje nos degráos d'elle ao lado de uma augusta princeza, em a qual a nobreza da alma excede muito á do sangue real, que lhe gira nas veias, trocando-se mutuamente sentimentos que não cabem na expressão e na elevação d'estes sentimentos que convém ao throno, mas que o throno não póde dar, dezejando liberalisar á nação como offrendas as mais proprias de seus corações, gloriosa successão de heróes e de prosperidades, e no meio dos vivas de um povo que os adora e do reciproco prazer de dois imperios, brilha a gloria e a grandeza com que o muito alto e muito poderoso rei do reino-unido de Portugal, do Brazil e dos Algarves, o Sr. D. João VI, e o muito alto e muito poderoso imperador da Austria, o Sr. Francisco I, têm celebrado e applaudido tão felizes desposorios: *Dedit ei filiam suam*, etc.

« Apagadas as devoradoras chammas da guerra a mais sanguinolenta, que a Europa tem visto, nas copiosas torrentes de sangue inimigo que as armas de ambos os soberanos valorosamente derramaram, restituindo a paz e a

independencia aos estados portuguezes, pelo valor de seus exercitos, altamente enthusiasmados pelo nome e gloria de seu legitimo e adorado soberano, vio-se o céo, que desde muito tempo ensaiava, em differentes e remotos climas, os corações dos augustos esposos, para se merecerem e se agradarem reciprocamente, sem que nenhum d'elles o pensasse; vio-se o céo, digo eu, assignalar e apertar docemente os laços de sua ditosa união no dia 13 de Maio, dia tão memoravel para Portugal, que parece destinado para n'elle receber da mão de Deus as bençãos, que felicitam os imperios.

« Vê-se esta mesma união, a mais intima que a natureza fórma e a santa religião consagra, fundar-se sobre a mais perfeita analogia de caracteres, de gostos, de propensões, de qualidades e de virtudes, e ser ao mesmo tempo o chefe de obra do sangue e da natureza, a honra do throno e da côrte, a gloria e admiração da religião, o espectaculo e o exemplo do mundo.

« Vê-se verificado o oraculo infallivel da Escriptura santa.

« A mulher virtuosa é a recompensa do homem de bem, e ella attrahe graças sobre graças para sua familia, e é a corôa de seu esposo.

« E desde já se enthusiasma a nação nas lisongeiras esperanças da gloriosa fecundidade d'este consorcio, em que a princeza do mundo a mais perfeita, a serenissima D. Maria Leopoldina Carolina Josepha Francisca Fernanda Beatriz, se une e pertence ao principe do mundo o mais amavel, o serenissimo Sr. D. Pedro de Alcantara: * *Dedit ei filiam suam*, etc.

« Oh quanto foi brilhante na côrte de Vienna d'Austria aquelle dia tão fausto! Como foi elle por nós applaudido, quando nos foi annunciada a grata noticia d'esta feliz alliança! Qual se reproduzio elle no dezejado dia da feliz chegada da serenissima princeza a esta côrte! Qual finalmente o solemnisamos hoje com os presentes cultos, que a piedade do melhor dos reis

* S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro I, fundador do imperio do Brazil.

dedica ao rei dos reis, em testimunho de sua e nossa gratidão! »

O orador conclue o exordio assim dizendo:

« Entoemos pois, fieis, na presença do Senhor, devotos hymnos de reconhecimento e gratidão, e em festivos cantos de prazer e de alegria agradeçamos a Deus com a maior ternura e respeito um beneficio em que o throno e a nação têm igual interesse. » *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro; prœoccupemus faciem ejus in confissione et in psalmis jubilemus ei* ». Soberano exemplo nos dá aquella misteriosa turba do Apocalipse que rendia a Deus as graças pelos desposorios do Cordeiro: *Gaudemus et exultemus et demus gloriam ei, quia venerunt nuptiæ Agni.* »

« E si para nosso completo prazer cumpre, que eu vos faça ver, pela grandeza do beneficio, a justiça dos presentes cultos, eu vou reduzir as minhas idéas a um breve discurso, digno, pelo seu alto objecto, de merecer as vossas attenções, a que eu pela humildade de meus talentos jámais teria direito de aspirar.

. . . . . .

« Nós pagamos, Portuguezes, esta divida tão sagrada, quando o céo, trocando em chuva de bençãos as lagrimas com que lhe pedimos que fecundasse o thalamo do unico João, que nos restava para empunhar o sceptro, depois de enriquecel-o com augustas princezas, que, antecipando como Esther á idade a beneficencia, fizeram mudar o susto da extinção de sua tribu em gloria para seus pais e para o throno; e havendo chamado ao lugar, que lhe era proprio no céo, o augusto primogenito que nos havia dado, designou expressamente ao serenissimo Sr. D. Pedro de Alcantara para succeder na corôa a seu incomparavel pai.

« Desde logo, aos votos da ternura com que lhe beijamos a real mão ainda ao pé do berço, succederam os doces encantos de que se repassava o nosso coração, vendo desenvolver-se em sua alma bella, mais rapidamente ainda que os annos, as nobres qualidades de que a revestio um Deus, para sustentar na futura idade a gloria do throno e a felicidade do povo portuguez. Temperados no

seu risonho semblante os raios da magestade de Deus com as sombras das fraquezas dos homens, elle se parecia com o sol no oriente, que alegra e regosija os olhos dos mortaes, sem os cegar ainda com os raios que logo depois despede; e cada um de nós em todas as suas acções observou mui de perto a singeleza de seu caracter, a affabilidade de seu coração, a doçura de suas maneiras e aquella simplicidade emfim tão nobre como encantadora, filha da superioridade da sua alma e a mais propria para represental-a, que sem diminuir cousa alguma aos testimunhos do respeito que se lhe consagram, mas antes accrescentando-lhes o da estimação com que os aceita, serve tanto á sua grandeza como á sua modestia, e pela soberania, que elle adquire sobre os corações, parece preludiar aquella para que é destinado.

« Mas, Portuguezes, o bom Deus não começa a illuminar o horisonte na aurora sinão para annunciar mais claridade no dia, nem recebe as primicias dos fructos para esterilisar a terra que os produz, e por isso estendendo benigno seu braço omnipotente sobre este reino, que para si fundou o Senhor, continuou a dar-nos suas bençãos, mostrando-se propicio a liberalisar-nos o prazer que nos restava para ser completa a nossa satisfação.

. . . . . .

Embora, serenissima princeza, favoreça o céo os nossos votos á custa dos sacrificios dolorosos, que Vossa Alteza foi forçada a fazer, os altos e inexcrutaveis juizos da Providencia prevaleceram, como cumpria, á vivacidade dos ternos sentimentos, que eram proprios do bem formado coração de Vossa Alteza.

« A docilidade e submissão com que Vossa Alteza ouvio a voz do céo, que a convidava a deixar o paiz, onde tem reinado tantos imperadores, seus illustres antepassados; a generosidade e promptidão com que Vossa Alteza se prestou a fazer a mais perfeita renuncia dos direitos de seu nascimento e dos costumes de sua nação, privando-se da companhia de um terno pai, que por suas altas virtudes foi as delicias e a gloria do povo que o adora; tantos e tão penosos sacrificios serão recompensados com a grata satisfação que Vossa Alteza sentirá de preencher na nova

patria, que tem adquirido, os dezejos do grande rei, que dignamente substituirá o lugar do carinhoso pai: *Audi, filia, et vide, et inclina aurem tuam, obliviscere populum tuum et domum patris tui et concupiscet rex decorem tuum*.

« Que união, fieis, tão digna de nossos applausos, como as bençãos do céo! Do céo, diz o sabio, é dadiva preciosa uma virtuosa esposa, e dadiva tão superior em valia e preço, quanto ella é privativa da divindade, e jamais se herda como a gloria e a riqueza, que nos vem de pais abastados em nobreza e honras: *Domus et divitiæ dantur a parentibus, a Domino autem propria uxor prudens*. E' dadiva tão da Divindade que a posse d'ella habilita o principe real a beber no seio da mesma Divindade o prazer que só póde fazêl-o feliz no estado conjugal: *Qui invenit mulierem bonam, invenit bonum et hauriet jucunditatem a Domino*.

« Que sei eu? Parece, que vejo o modelo d'esta reciproca similhança nos dois cherubins de propiciatorios, em tudo tão parecidos que só os lugares os distinguirão. E si elles representavam os dois sexos que muito que eu os considere como imagens dos augustos esposos, que a não se distinguirem nas paixões, não se distinguirão nos costumes? Dedicados á virtude por seu nascimento por tal maneira, que cada um dos augustos esposos póde dizer como o apostolo: *Deus, cui servio a progenitoribus*. Rodeados ambos desde a infancia, que muito, que a virtude conquistasse o imperio de seus corações? Que muito, que na feliz união d'estes corações a virtude offerecesse a Deus e aos homens o espectaculo mais grato que o sabio encontrou no céo e na terra? *Probatum coram Deo et hominibus . . . vir et mulier bene sibi cosentientes*!

. . . . . .

« Encantos, prazeres, felicidades da união conjugal, bençãos preciosas da mão omnipotente, lá as espalhavam os anjos tutelares dos augustos esposos sobre o seu thalamo, quaes ellas choveram do céo. Nem eu sei expressal-os. Tal como o sol é para o mundo, quando nasce nas alturas de Deus, assim a gentileza da augusta esposa serve de precioso ornamento á casa real: *Sicut sol*

oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonæ species in ornamentum domus ejus. Qual brilhante luz sobre o candieiro santo, tal a belleza de seu rosto nos bellos dias de sua florescente idade: *Lucerna splendens super candelabrum sanctum, species faciei super ætatem stabilem.*

O orador exalta os dotes da augusta consorte do principe real, suas qualidades, suas prendas e excelsas virtudes.

« Ataviada emfim de todas as graças, que adornam o espirito e dão formosura ao corpo, ella suspenderá as flores da vida em torno do augusto esposo, bem como a viçosa herva dos bosques se enlaça no robusto tronco de annoso carvalho: *Gaudebit sponsus super sponsam.*

. . . . . .

« Prole feliz e abençoada! Em suas veias correrá o sangue da casa de Bragança misturado em precioso renovo com a da illustre casa d'Austria, em que já estava embaçado, tão nobres e antigas uma e outra casa, que ainda os heróes da casa de Bragança se não assentavam sobre o throno portuguez, já o throno se firmava sobre elles, e que para conhecer quando os descendentes da casa d'Austria começaram a reinar, é preciso subir á mais remota idade e perder-se o espirito na distancia dos seculos.

« Prole feliz e abençoada! a grandeza que recebe com a vida, outra muito maior saberão accrescentar os exemplos e as lições dos augustos esposos, que lhe darão o ser e a existencia, de maneira que, recolhendo os fructos de uma educação verdadeiramente real, a prole de taes principes fará igual honra ao thalamo e ao throno: *Gaudebit sponsus super sponsam et gaudebit super te Deus tuus.* Bençãos de predilecção, de beneficencia, de prosperidade e de sabedoria, que suavisam desde já os futuros cuidados, e que em tempo competente continuarão a prosperidade do throno e da nação; os anjos tecerão com ellas diademas, com que coroarão os augustos esposos no dia feliz de seus desposorios e de sua alegria.

. . . . . .

Entretanto porém, que o principe real se instrue na grande arte de governar, pelas grandes maximas e exemplos de seu incomparavel pai, sendo o primeiro empenhado

na prolongação de seus annos, que nós todos igualmente lhe dezejamos, à custa mesmo da nossa vida, si fôr preciso, continuarão a desenvolver-se nos degráos do throno as suas nobres qualidades, debaixo da influencia que a virtude sabe ganhar com os attractivos de um sexo, que pela sua ternura encanta ; e felicitado o imperio, a igreja já vendo renascer os bellos dias da princeza Pulcheria, desde já consagra á digna esposa do serenissimo Sr. D. Pedro de Alcantara louvores analogos áquelles que os padres do concilio da Calcedonia tributaram ás virtudes da esposa de Marciano : *Gaudebit sponsus super sponsam*, etc.

« Que gloria, monarca excelso, que gloria para Vossa Magestade ter sido o autor, a causa e a origem de tanta felicidade ! Salomão, honrando a virtude, não teve maior premio, nem mais grata consolação, quando o soberano do Egypto veio depositar em seu leito a filha que elle mais estimava : *Gaudebit sponsus super sponsam*, etc.

« Posteridade ! que época tão notavel como brilhante te marca o céo nos annaes da nação com estes desposorios ! Tu verás no reinado dos augustos esposos a cópia mais perfeita da felicidade, que temos gozado no reinado de seu augusto pai, d'este soberano que o céo por largos annos conserva tão digno da prosperidade, quando o Senhor favorece a justiça de suas emprezas, como vencedor dos revezes da adversidade, quando Deus tem querido experimentar a constancia de suas virtudes, sempre superior á fortuna e á desgraça. Mas si agora te excedemos na duplicada vantagem de ter e de possuir no imcomparavel pai o autor da nossa prosperidade, e no augusto filho o penhor da vossa, tu desde já te prezas de exceder-nos na honra, que te resulta de guardar, como testimunho do reconhecimento da nação, não sobre o marmore ou o bronze gravado em letras de ouro, mas escripto pela mão da fidelidade no coração de todos os Portuguezes, para ser transmittido de geração em geração até se collocar no templo da eternidade, e dia feliz, em que dois sceptros, dignos de todo o respeito, e duas almas igualmente bellas e dignas uma da outra, se enlaçaram por uma alliança, que longe de ser concluida pelo interesse, ou decidida mais pelo conselho do que pelo coração

dos reis, unicamente se fundou sobre a estimação da virtude, e teve por objecto honrar a virtude até o ponto de conferir-lhe as honras da corôa: *Dedit ei . . . filiam suam et fecit nuptias ejus . . . sicut reges in magna gloria.*

« Guardem, ó Portuguezes, aquelle dia feliz em perpetua veneração, e bem similhante áquella que os filhos de Sião tributavam ao grande Salomão, no dia de seus desposorios e da sua alegria; elle é mui sagrado e precioso para que possa ser entregue ao esquecimento: *Isti sunt dies, quos nulla unquam debebit oblivio*, e pelos votos unanimes de toda a nação será sempre celebrado com festiva gala: *Scripseruntque et omni studio dies ista solemnis sancietur in posterum.*

« Abençoai ao principe real, elle merece as vossas graças e as vossas bençãos, não só por suas qualidades e virtudes, mas tambem porque é digno filho de um soberano que tem por timbre de suas acções a probidade, a justiça, o temor de Deus e a caridade: *Benedicat te Deus Israel, quia filius es optimi viri, et timentis Deum, et elemosynas facientis.* Lançai as vossas bençãos igualmente sobre a augusta esposa e sobre todos os parentes de uma e outra casa real: *Et dicatur benedictio super uxorem tuam, et super parentes vestros.*

« Abençoai finalmente o seu thalamo, e tenham os augustos esposos o prazer de seus filhos e os filhos de seus filhos até a terceira e quarta geração: *Et videatis filios vestros et filios filiorum vestrorum usque in tertiam et quartam generationem.*

« N'elles emfim, e em toda a sua geração sejam tão constantes e liberaes as vossas bençãos, como é vinculada e hereditaria de grandeza: *Et sit semen vestrum benedictum a Deo Israel, qui regnat in secula seculorum. Amen.* »

XXXV

Todas ou quazi todas as provincias do norte e sul do vastissimo imperio americano se vangloriam de ter sido o berço dos grandes oradores da tribuna sagrada.

Cabe-nos hoje a vez de fazer reviver o nome de uma gloria dos pulpitos do norte.

O anno de 1762 é notavel nos annaes do clero brazileiro, porque em seu decurso nasceram trez jovens, que no volver dos annos conquistaram por seus talentos a mais extensa nomeada, e deixaram seus nomes daguerreotypados nas paginas da historia patria. Foram elles: D. Romualdo de Souza Coelho, que foi principe da igreja paraense, Dr. frei Leandro do Sacramento, distinto botanico e grande naturalista e o Dr. padre Antonio Pereira de Souza Caldas, principe dos oradores sagrados e famoso poeta lirico. Os dois ultimos nasceram na patria dos altivos Tamoios e o primeiro na ultima extremidade do norte do imperio.

Romualdo de Souza Coelho nasceu na Villa Viçosa de Cametá (hoje cidade de Cametá) da provincia do Pará, a 7 de Fevereiro de 1762. Dotado de superior intelligencia e rigidez de principios, tanto moraes como religiosos, dedicou-se ao estado ecclesiastico, e cingido da samarra do principe dos apostolos, tomou ordens sacras, recebendo dentro em pouco tempo a nomeação de conego arcipreste da sé paraense, que Sua Magestade lhe conferia em premio de seus serviços e estudos, sendo já cavalleiro professo da ordem de Christo.

Na mesma época, o veneravel D. Manoel de Almeida Carvalho, bispo do Pará, apreciando a illustração e virtudes do conego arcipreste de sua cathedral, o nomeou provisor e vigario geral de seu bispado, lugares que desempenhou com zelosa dedicação.

Em 1821 foi deputado ás côrtes constituintes da nação portugueza, onde brilhou por seus talentos. Fallecendo em 1818 D. Manoel de Almeida Carvalho, foi o conego arcipreste Romualdo de Souza Coelho nomeado bispo do Pará. Confirmada sua eleição pela Santa Sé apostolica, teve lugar a sua sagração na capella real do Rio de Janeiro.

Foi um dos signatarios da constituição politica em 23 de Setembro de 1822.

Depois de 20 annos de governo da igreja paraense, á qual prestou assignalados serviços, foi acommettido de

grave enfermidade, da qual succumbio aos 15 de Fevereiro de 1841, contando 79 annos e 8 dias de idade, em seu palacio episcopal, onde depois de se lhe tributarem as honras devidas á sua elevada gerarchia, sepultou-se na capella-mór de sua sé, onde jaz. Acerrimo cultivador das lettras, D. Romualdo de Souza Coelho legou notaveis escriptos que, recommendando seu nome á posteridade, enriquecem as bibliothecas de sua patria, e assim em todos os tempos seu nome será lembrado com saudade.

Corre o anno de 1817; estamos na cidade de Belém, capital da provincia do Gram-Pará, nas margens do famoso Guajará. A santa igreja cathedral está coberta de luto; vai celebrar solemnes exequias pelo repouso eterno da alma de Sua Magestade a rainha de Portugal, D. Maria I. O concurso de povo é extraordinario; o magestoso templo da sé paraense está literalmente cheio. Pontifica o bispo do Pará D. Manoel de Almeida Carvalho e ao Evangelho sobe ao pulpito o conego arcipreste e vigario geral Romualdo de Souza Coelho, a cujos talentos estava confiada a missão de recitar a oração funebre da excelsa e virtuosa soberana de Portugal, a qual assim principia:

Os suum aperuit sapientiæ; lex clementiæ in lingua ejus. Proverbio 31.

Exm. e Revm. Sr.! Encarregado pela santa obediencia para ser hoje o interprete das saudosas lagrimas, com que choraes a perda de uma mãi, que o céo vos concedera nos momentos favoraveis de sua misericordia, eu faltaria ao meu dever, si descendo a essa sombria região dos mortos, em que só habita pavoroso silencio, intentasse representar-vos a vaidade das cousas caducas e transitorias, á vista d'aquelle tumulo insaciavel de victimas, onde descansam os tristes restos da mais illustre de todas as rainhas, que a historia das nações conserva como preciosos monumentos da sua grandeza e da sua gloria. Não, senhores, a té mais esclarecida, que distingue e forma o caracter dos Portuguezes, a religião que nos ajunta n'este lugar santo, para render entre a pompa e o apparato de funebres ceremonias os ultimos deveres da mais fiel vassalagem; a mesma dor que fere os nossos

corações e exprime a ternura dos nossos affectos, supprindo as lagrimas os officios da voz suffocada no pranto e na amargura, não permittem alterar com as maximas austeras do Evangelho a suavidade dos canticos lugubres, que a vossa piedosa gratidão consagra á memoria da muito alta, muito excellente e muito poderosa Sra. D. Maria I, rainha dos trez reinos unidos, Portugal, Brazil e Algarves.

« Deixando pois a consideração dos cegos amadores do mundo os encarecimentos dignos do céo, com que o divino Ecclesiastico deplora a inconstancia da mais alta fortuna:—vaidade das vaidades, tudo vaidade, » eu só descubro entre os despojos da morte, que hoje lamentamos, um fundo de sabedoria e de piedade, que, servindo de fundamento mais solido ao feliz reinado de tão amavel soberana, será tambem o emprego mais digno do meu triste ministerio, tão agitado pela vehemencia da dor, como pela grandeza da extensão dos factos gloriosos que reuniram em uma só mulher tudo quanto a historia nos offerece de mais heroico na vida e acções de todos os soberanos, segundo o coração de Deus, que mais attrahiram a confiança dos povos com os applausos de todo o universo: *Os suum aperuit sapientiæ et lex clementiæ in lingua ejus.*

Muito embora que n'essa urna fatal, onde se perdem e se confundem todas as grandezas da terra, não appareça mais do que o pó e cinza, e que os lastimosos estragos de um throno abatido, de um sceptro despedaçado, de uma corôa amortecida e desmaiada com as sombras da morte, não imprimam na alma do homem carnal mais do que idéas similhantes do nada e da inconstancia, a morte da illustre rainha, que faz o objecto d'esta triste representação, superior a todas essas baixezas da humanidade pela elevação do seu espirito, é já um argumento de desengano para a vaidade, que nunca dominou seu heroico coração; é uma lição de virtudes, que a fizeram digna do reino immortal, ficando sempre viva nos corações, emquanto durar a memoria de seu governo gravada em tantos monumentos indeleveis, quantas foram as suas acções.

« Eu não temo, senhores, que o fumo impuro da lisonja offusque o esplendor d'esta acção religiosa, confundindo na minha boca a verdade com a mentira; a mesma religião, que tem consignado elogios á memoria dos mortos, dirigirá a minha lingua com tanta prudencia e circunspecção, que sem exceder aos limites que ella marcou nem faltar ao meu dever, justifique o vosso pranto na saudosa separação de uma mãi, que vos amava com ternura. As virtudes politicas e christans, na longa duração de um governo sabio e pacifico, com que ella honrou o throno, edificou a igreja e consolou os povos, farão toda a materia e divisão do elogio, que o Espirito Santo me subministre, no empenho de contribuir á vossa piedade, animando as tristes apparencias d'esta pompa funebre, sem abusar de vossas benevolas attenções. »

O douto orador divide o seu discurso em duas partes; na primeira trata elle das virtudes politicas, e na segunda das virtudes religiosas, que ornaram o coração piedoso da excelsa rainha de Portugal, a virtuosa esposa de el-rei D. Pedro III.

« Suppondo-se, como convém, é principio certo o incansavel de uma Providencia, que regula a serie de todos os acontecimentos, e que o homem sensato jamais deve perder de vista, sempre attento aos capciosos argumentos de uma falsa philosophia, que tudo attribue á volubilidade e ao capricho do acaso, como si um Deus creador não pudesse comprehender nos seus altissimos designios os successos mais reconditos e insignificantes; não se póde duvidar, sem injuria da mesma razão, que o destino dos povos entra particularmente no plano d'aquella Providencia adoravel, bem como a conducta dos soberanos, que devem fazer a sua felicidade ou a sua desgraça, segundo o uso do poder que representam, como imagens visiveis do supremo arbitro do Universo. Animada d'estes sentimentos, que estabelecem a dependencia do homem com Deus, e tomando por base do seu governo a religião, quem nunca offereceu ao mundo um espectaculo mais digno da soberania como a fidelissima e incomparavel Maria I? Ainda bem não tinha subido ao throno, a que a chamam as leis fundamentaes da monarchia, acclamada com-

seu augusto esposo, que a associára ao throno, e applaudida com extraordinarias demonstrações de jubilo, talvez sem exemplo nos annaes da nossa historia, jà todos admiravam a sabedoria, o conselho e a prudencia, com que ella começa a desenvolver as bellezas de um genio vasto e enriquecido de todas as virtudes, que preferira sempre aos vãos simulacros da grandeza e da magnificencia, que tanto occupam a vaidade dos mundanos.

« Que o esplendor de sua augusta familia se remonte até perder-se na espantosa revolução dos seculos; que o valor de seus antepassados seja temido e respeitado em todos os climas, que o sol esclarece no seu giro; que a sua casa enlaçada com os thronos mais elevados da Europa tenha dado a todas as nações rainhas virtuosas, ella só se considera como instrumento da divina clemencia para manter a felicidade publica, de que foi honrosa victima, sempre com os olhos na tremenda responsabilidade por tantas almas, que faziam mais pesado o seu juizo no tribunal divino.

. . . . . .

« Mais prudente do que o indiscreto e inflexivel Nabal, ella descobre em sua propria mãi, D. Mariana Victoria, filha de Sua Magestade Filippe V, rei de Hespanha, uma outra Abigail, para negociar a paz, sem expôr o decoro da nação ao vilipendio de condições vergonhosas, sendo os incommodos de sua jornada á côrte de Madrid o unico sacrificio a que Portugal se sujeitou, nas circunstancias mais criticas, em que jámais se vio. Tudo cede á alta consideração de tão habil agente; o fumo da discordia se dissipa; cessa o flagello das guerras, a paz se restabelece e uma neutralidade vantajosa é o primeiro fructo de tão gloriosa negociação, que elevou Portugal á época mais feliz da sua grandeza e opulencia.

« Já Lisboa, que previa com horror as consequencias d'aquelle rompimento, funestissimo aos seus interesses mercantis, tem a gloria de servir de interposto a todas as potencias maritimas, suspenso o commercio livre de Inglaterra, emquanto defendia Gibraltar do apertado sitio, em que o tinham posto as armas francezas e hespanholas,

oppondo-se ao mesmo tempo á desmembração dos Estados-Unidos da America.

« Comparai agora, espiritos fortes, a gloria de um heróe conquistador, assolando provincias, devastando campos, saqueando cidades, derramando sangue, com a de uma heroina christan, que vai buscar ao seio da religião poderosas armas, com que abate o orgulho de seus inimigos, sem arriscar a vida, a houra e a fortuna de seus vassallos ; e si ainda não basta o exemplo das Catharinas e Luizas, para desenganar-vos, vinde aqui admirar na conducta da virtuosa rainha, que hoje choramos, as luzes de conselho, de prudencia e de politica, que fazem eclipsar a gloria das Marias Therezas, Catharinas da Russia e Brancas de Castella; luzes que a van philosophia, como diz S. Ambrosio, não póde ao menos igualar : *Quem votis suis philosophia non potuit æquare.*

« Assim devia ser, senhores, porque onde reina a sabedoria, diz o Espirito Santo, reina tambem a abundancia e toda a sorte de prosperidades : *Venerunt autem mihi omnia bona, pariter cum illa et innumerabilis honestas per manus illius.*

« Daqui vêm aquelles tratados e allianças utilissimas para o commercio com a Russia e a Gran-Bretanha, apertando-se com esta mais estreitamente os vinculos da antiga amisade por novas estipulações de mutua alliança offensiva e defensiva, sobre bases tão solidas, que a mesma convulsão universal, que desconcertou todo o equilibrio politico da Europa, não pôde ao menos abalar ; e no meio d'este commercio tão vantajoso com nações estrangeiras, que fazia lembrar a grandeza preponderante da antiga Carthago, manteve-se a independencia e a gloria da nação : *Innumerabilis honestas per manus illius.*

« Daqui aquelle cuidado e vigilancia, que, sem abandonar o commercio da India Oriental, que por diversas circunstancias politicas se achava em decadencia, protege e augmenta com privilegios, honras e izenções a industria, o zêlo e o patriotismo dos habitantes da America, cujas producções muito mais abundantes, mais uteis e lucrativas fizeram em pouco tempo de Lisboa o emporio commum de toda a Europa.

« Daqui o zêlo infatigavel em promover a agricultura interna do paiz, que, sendo o nervo mais vigoroso dos estados, não podia escapar á penetração de suas vistas. Sensivel á barbara dureza d'aquelles que, segundo a expressão de Job, affligem a alma do lavrador e fazem gemer a terra, regando com suas lagrimas o ferro do mesmo arado que lhe abre o seio: *Adversum me terra clamat, et cum ipsa sulci ejus deflent;* não ha obstaculo que não vença, nem difficuldade que não aplaine; na intelligencia de que o ferro nas mãos do lavrador não merece menos a homenagem do cidadão, quando fertilisa o terreno da patria, do que quando a defende de seus inimigos.

« O encanamento do Mondego, a navegação do Ribatejo, a abertura das estradas commodas e seguras são os effeitos dos profundos conhecimentos, que ella tem das verdadeiras causas que retardavam a melhor cultura de vastas e fertilissimas campinas: facilitando assim, não só o reciproco transporte dos generos, mas tambem a communicação das provincias, que até então pareciam estrangeiras umas das outras no mesmo trato e vida social: *Innumerabilis honestas per manus illius.* »

Descreve o orador os altos feitos e serviços importantes prestados ás artes, ás sciencias, á lavoura, ao commercio e á educação da mocidade, emfim a todos os ramos do serviço publico, pela augusta filha de Sua Magestade el-rei o Sr. D. José I; e tratando do paternal zelo com que Sua Magestade Fidelissima acolhia a infancia desvalida, assim diz o orador:

« O' vós de ambos os sexos, que tirados por esta mão benefica do aviltamento, da miseria e desamparo, a que a desgraça do vosso nascimento vos expunha, para servir de objecto á execração publica por uma torpe e vergonhosa indigencia, fostes educados e instruidos n'esse grande asylo de piedade, que por si só eternisa o nome da autora, vinde tambem aqui animar com os vossos gemidos esta lugubre representação, com que a morte honra o seu triumpho, e faz mais magnifico testimunho do nosso nada. Misturai as vossas lagrimas com esses tristes e lamentaveis despojos de seu furor implacavel, reconhecendo ao través das sombrias luzes a grandeza da alma

que sobrevive além do tumulo na generosidade, com que proveu a vossa honesta existencia; chorai a perda de uma bemfeitora, de uma mãi, de uma rainha que deixou ao mundo o raro exemplo de cultivar e honrar os talentos, lançando no coração da mocidade as sementes da honra e da virtude, melhor do que as Christinas da Suecia no apreço de estereis especulações, que o apostolo condemna como incitamentos da vangloria : *Sciencia inflat, charitas vero ædificat.*

. . . . . .

Passa o orador á segunda parte do seu discurso, na qual descreve as virtudes christans da excelsa soberana de Portugal, virtudes com que ella honrou não menos a religião do que o throno.

« Por pouco conhecimento que se tenha da historia do mundo e doutrina dos santissimos padres, não é possivel desconhecer o absurdo e a impiedade manifesta dos principios, que a falsa philosophia tem adoptado para desacreditar a religião, como opposta pela natureza mesma dos seus preceitos ás maximas do governo civil.

« Sem recorrer ao testimunho mais remoto das santissimas Escripturas nos magnificos elogios, com que o Espirito Santo consagra o reinado de David e de Jozias, nem os factos gloriosos que immortalisam a memoria dos Theo lozios e S. Luizes, bastam as maravilhas, que temos admirado no governo da illustre rainha, que faz o objecto d'esta pompa lutuosa, para confundir todas essas illusões que os mundanos formam sobre a piedade christan, e para convencer o espirito mais obstinado, de que só a religião é capaz de ennobrecer a arte de governar, porque só ella dá uma base solida á prosperidade do imperio.

« Jamais se vio discipulo da Cruz, que mostrasse uma fé tão viva e tão firme como a nossa soberana. Tudo lhe parecia grande e magestoso na religião, procurando sempre a Deus com uma piedade tão simples como sincera : *In simplicitate cordis et sinceritate Dei.* E comtudo que elevação nos sentimentos ! que heroismo no desprezo do mundo e das suas vaidades ! que ternura para com os desgraçados ! que fidelidade para com todos os deveres ! Augusta religião, só tu podias ensinar-lhe os

segredos que o mundo desconhece, de nunca usar da sua autoridade sinão para fazer bem aos homens, para estabelecer a ordem e virtude na familia, e para edificar a todos com a pratica constante da piedade, da clemencia e da compaixão, que formam o fundo de seu caracter e o ornamento mais precioso do throno, a que parece não foi elevada sinão para fazer mais efficaz a influencia de seu exemplo, e para descobrir mais ao longe os desgraçados que necessitassem da sua real protecção! Oh! que immensa carreira se abre aqui á sua gloria e á nossa admiração!

« Depois de ter reconhecido, como um piedoso rei de Judá, os limites dos dois poderes, sacerdotal e real, sobre que róla todo o estado do mundo, evitando cuidadosamente a temeridade de Ozias, que forçára os sagrados direitos do santuario, não se dedigna descer do throno, como filha obediente da igreja, para dar ao Universo inteiro o exemplo da mais perfeita submissão á autoridade da Sé apostolica; conservando sempre uma inteira e imperturbavel harmonia com a côrte de Roma; consultando suas decisões, recebendo, chorando, com apparatosa magnificencia os seus enviados, * sem comtudo aviltar o docoro da soberania, nem prejudicar os direitos de monarca e senhora de seus estados, em um tempo em que já o philosophismo audacioso, espalhado por toda a Europa, reputava a simplicidade da fé como fraqueza de espirito, a observancia dos preceitos mais positivos do christianismo como superstição indigna dos genios sublimes e desabusados.

« Eis aqui, senhores, o lugar de conduzir-vos a esses asylos sagrados, a que se retirava frequentemente, não para consolar-se das fadigas do governo, porque gozava do espectaculo de um povo feliz e satisfeito, mas sim para entreter-se com Deus em fervorosas contemplações; ali a verieis, já ornando, como Clotilde, pela gloria de seu reino; já adorando, como Helena, a cruz de Jesus Christo; já derramando o coração em suspiros

* O cardeal Bellisone, que succedeu na nunciatura apostolica em Portugal ao finado Bernardino Muti.

e gemidos, como Esther, á vista da lei que obrigava a sujeitar-se á da representação e magnificencia real, quando comparava o esplendor do seu diadema com os dolorosos espinhos, que coroavam a cabeça do Rei Immortal de todos os seculos. Ali se admiraria aquella modestia edificante nos templos; aquella attenção respeitosa ás ceremonias do adoravel sacrificio; aquella applicação continua e regular á frequencia dos sacramentos; aquelle affecto cordial á Virgem mãi de Deus; aquella veneração aos ministros e ás reliquias dos santos, elevando a maior classe ás festas de uns, solicitando a canonisação de outros. Ali... mas não levantemos o véo, que a sua modestia lançava cuidadosamente sobre este rico thesouro de virtudes; e, si por serem communs a todas as almas justas, não são contados sobre o theatro, nem merecem os applausos de um seculo tão corrompido, como o nosso, ellas serão publicadas no dia ultimo do mundo e no juizo de Deus, para condemnação dos espiritos fortes e da sua falsa delicadeza em materia de piedade. Fallem antes estes monumentos publicos e visiveis, que attestam de um modo distinto o seu zelo e a sua piedade; esta sumptuosa basilica, tão digna da soberana que a erigio, como da grandeza do Deus que ali se adora; * amoroso coração d'este Deus salvador, traspassado de aguda lança pela nossa salvação sobre a cruz! coração sempre occupado do nosso amor, é á terna veneração d'esta nova Pulcheria, que devemos tão nobre emprego da nossa fé e a augusta festividade instituida em todo o reino ao vosso culto, para reparar de alguma sorte as ignominias do Calvario! Fallem essas ordens e diplomas tão cheios de sabedoria como de piedade, que fazem esquecer o do grande Cyro a favor da desolada Sião, ou seja destinando habeis e zelosos inspectores ao reparo e decencia dos templos, ou seja preenchendo com applauso universal o voto do

* Mosteiro do Santissimo Coração de Jesus, que Sua Magestade mandou edificar no campo de Nossa Senhora da Estrella, em cumprimento do voto que havia feito a Deus, para dar successor á corôa, e que foi doado com grossas rendas ás freiras do Carmelo reformadas.

seu augusto avô na restituição do real convento de Mafra á exemplarissima familia de S. Francisco, á cujas orações confiára aquelle monarca a felicidade e segurança do reino na perenne successão de legitimos herdeiros; ou seja finalmente applicando toda a energia de seu zelo, para dar uma satisfação á offensa a sacrilego desacato commettido em Palmella contra o Senhor Deus sacramentado, cuja solemne demonstração de piedade e de penitencia foi um verdadeiro triumpho, que servio de edificação a todos os fieis. *

. . . . . .

« Eu não acho, senhores, na historia das nações uma scena tão tocante, onde fosse mais glorioso o triumpho da clemencia, como aquella com que a nossa soberana signalou o principio do seu governo na soltura e perdão de todos os presos de Estado. Representai-vos aqui, oh! corações ternos e sensiveis, representai-vos essas masmorras profundas, esses calabouços medonhos, abertos em um momento á voz da clemencia, que levando com a luz do dia uma nova vida a tantos desgraçados, offereceu á capital um espectaculo não menos espantoso do que aquelle que vira Ezequiel, quando ossos secos e mirrados se reanimaram ao imperio de sua voz: *Ossa arida, audite verbum Domini*. Sahi, esqueletos da morte, sahi d'este mundo subterraneo, vinde juntar essas vozes extenuadas pela miseria ás de vossos parentes e amigos, para cantar a magnificencia da vossa inclita redemptora: *Ossa arida* ! ... Deixo aqui, senhores, á vossa consideração a vivacidade da dor, a ternura dos affectos, quando entre tanta multidão de necessitados apparece uma illustre victima do resentimento, que por sua modestia e gravidade representava o venerando aspecto de um padre da primitiva.

---

* Foi tão sensivel este desacato ao coração de Sua Magestade a rainha, que se vestio de pesado luto com toda a sua côrte, acompanhando depois a pé e toda a familia real a procissão de desaggravo da Divina Magestade offendida, desde a igreja de S. Vicente de Fóra até Nossa Senhora da Graça.

« Feliz conducta, sustenta constantemente na mesma moderação das penas mais afflictivas dos réos; * evitando sempre com summa jurisprudencia assim o barbaro rigor, que ultraja a humanidade para punir o crime, como a piedade ainda mais barbara, que perde um reino, para salvar um culpado!...

« Mas si já parecem redundantes as expressões do zelo e da gratidão, deixemos ás lagrimas da indigencia o completar o elogio de uma rainha, que com applauso universal merece o glorioso titulo de mãi da patria... A subsistencia de tantas viuvas de officiaes benemeritos, o amparo de innumeraveis orphãos, o allivio dos enfermos, o socorro dos mendigos, a protecção dos fracos, a diminuição dos impostos que augmenta o amor dos vassallos,** o agrado e affabilidade sempre constante e inalteravel com que attende a todos, os premios avultados que honram as artes e sciencias, os titulos de grandeza e distinção,*** que recompensam serviços importantes, sejam as linguas mais eloquentes que publiquem os prodigios da sua extremada beneficencia, transmittindo de geração em geração á mais remota posteridade a memoria de uma mãi tão compassiva e generosa. Oh! meu espirito, cercado de tantas imagens de horoicas virtudes, já não póde exprimir-se, sentindo o coração inundado de ternura, de amor e veneração, que tributamos á immortal soberana. Permitti, ó religiosissima e exemplar rainha, que eu exclame com todo este pio auditorio, que só o herdeiro da real corôa póde suavisar a saudosa memoria d'este transito, para a posse do reino eterno: *Intra in gaudium Domini tui*. Gozai, alma bemaventurada, d'aquella gloria ineffavel, que o céo vos destinou desde a eternidade. Si o nosso Deus promette uma recompensa

---

* Assim se praticou com os sacrilegos, que commetteram o desacato em Palmella.

** Como se viu nos applausos com que foi acclamada, quando perdoou os direitos do pescado seco.

*** Duque de Miranda, marquez de Lumiares, marquez de São Miguel, marquez de Ponte de Lima, marquez de Loulé, condes de Caparica, de Almada e de Penafiel, viscondes de Anadia, Bahia, de Villa Nova, e de Souto d'el-rei, barões de Alverca e de Massamedes.

inapreciavel por qualquer obra caritativa, qual será a de tantas e tão magnificas que encheram o mundo de admiração em todos os tempos do vosso reinado feliz? *Intra in gaudium Domini tui.* Era tempo, ó grande Deus, de corôar os vossos dons, recompensando os seus merecimentos com a immortalidade, de que já gozam as Izabeis, Joannas, Sanchas e Mafaldas, princezas de Portugal, de que a igreja reza; mas não permitta a vossa amorosa condescendencia, que a nossa gloria feneça no mesmo sepulcro, onde vai esconder-se aos nossos olhos, como o menor de seus vassallos, a maior de todas as rainhas. Prosperai, Senhor, a monarchia, onde o vosso nome é conhecido e adorado; subsista a promessa de assistencia que fizestes gravar com os signaes da nossa redempção nos estandartes de seu invicto fundador. * Conservai este penhor da vossa misericordia na familia reinante, dilatando a preciosa vida de um filho, que, sendo o herdeiro do seu throno, é já um fiel transumpto das suas virtudes.

« E vós, pontifice do Altissimo, depositario das chaves do céo, dispensador fiel das riquezas da graça, vós que fostes testimunha e admirador de suas virtudes, e de quem ella mesma honrou sempre os merecimentos, continuai nos ultimos deveres de piedade, que a sua confiança espera do vosso ministerio e da vossa gratidão; não duvideis queimar sobre o seu tumulo o incenso, que talvez um dia se queime sobre o seu altar: as vossas orações e os nossos votos, unidos ao sangue da sacrosanta victima que ha pouco immolastes, acabaram de expiar alguns restos de mera inadvertencia, que poderiam ainda suspender o rapido vôo d'esta pomba innocente ao coração de Jesus, e que sempre a esperou durante a vida. Amen.

---

* E' innegavel, que o brazão das cinco chagas, que ornam os estandartes dos nossos soberanos, tem a sua origem na milagrosa apparição de Christo a D. Affonso Henriques, como promessa de infallivel protecção, sendo acclamado pelo exercito primeiro rei de Portugal, pouco antes de entrar na acção do combate, que fez celebre o campo de Ourique pela insigne victoria, que n'elle alcançára o mesmo rei contra cinco reis mouros. Este facto está invencivelmente demonstrado pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo no seu opusculo *Novos testimunhos* da apparição de Christo a D. Affonso Henriques.

XXXVI

Toca-nos hoje a vez de fazer reviver o nome e a memoria de um illustre sacerdote, insigne orador sagrado e distinto cidadão, de quem quiçá hoje poucos se recordem, e que no emtanto foi notavel em sua passagem do mundo para a eternidade, pelos importantes serviços que prestou na terra, não só ao altar da religião, como ao altar da patria.

Elvas, cidade episcopal e historica do reino luzitano, foi o berço em que nasceu esse distinto orador sagrado, acontecimento que teve lugar ao correr d'esse anno lugubre e fatal de 1755, em que a formosa rainha do Tejo, a gentil cidade de Lisboa se transformára, como por encanto, na manhan do sempre infausto e lutuoso dia 1 de Novembro, em um combro de ruinas, ou antes em um vasto campo de morte, onde debaixo das ruinas d'esses sumptuosos edificios, que cahiram despedaçados á violencia da mais forte convulsão da terra, sepultando milhares de cadaveres, momentos antes cheios de prazer e forças, aspirando as auras perfumadas da vida, voaram á siderea mansão de Deus. N'esse anno pois da mais triste recordação e dôr para Portugal, e tambem de glorias para esse animoso e consummado estadista, o sabio ministro de el-rei D. José I, o muito illustre marquez de Pombal, que, cheio de energia á vista de tão grande calamidade e de tão desoladora scena, qual a da cidade em ruinas, com sua vontade de ferro a faz renascer, qual phenix, de suas proprias cinzas, mais formosa e faceira do que d'antes era, aos vivos e enfermos rodeando de cuidados e aos mortos ministrando os ultimos officios da religião; no meio de tão tristes acontecimentos, que enlutavam a nação portugueza, nascera, na cidade de Elvas, Antonio José Vieira.

Na aurora da vida, deixou os patrios lares e a companhia de seus pais, para vir ao mundo de Cabral, que a Divina Providencia em seus imprescrutaveis arcanos destinára para theatro de suas glorias.

Chegando ao Rio de Janeiro, e sentindo a mais ardente vocação para a solidão e retiro, recolheu-se ao claustro de S. Francisco, e tomando sobre seus hombros o burel, cingido do cordão do pobre de Assis, deixou o nome do seculo, passando a chamar-se frei Antonio da Soledade. Antes de proseguirmos, ouçamos o que a seu respeito nos diz o illustre chronista de sua ordem :

« Frei Antonio da Soledade, que se chamava no seculo, Antonio José Vieira, era filho legitimo de Antonio José Vieira e de sua mulher D. Thereza de Jesus, todos nascidos e baptisados na freguezia de Santa Maria de Alcaçovas, bispado de Elvas, no reino de Portugal. Foi aceito á ordem pelo ministro provincial o padre-mestre frei Lourenço Justiniano de Santa Thereza ; tomou o habito do Carmo no convento do Rio de Janeiro a 24 de Fevereiro de 1792, sendo guardião o ex-lente definidor frei Manuel de S. Thomaz ; professou a 25 de Fevereiro 1793, sendo guardião o ex-lente de theologia frei José Carlos de Jesus Maria Desterro ; entrou para o estudo de philosophia, sendo lente o ex-leitor de prima frei Francisco da Candelaria, com patente do padre-mestre provincial frei Joaquim de Jesus Maria; tomou ordens menores a 23 e de epistola a 28 do mez de Outubro de 1796 ; as de diacono em 1° de Abril de 1797 e as de presbitero a 3 de Março de 1798, sendo-lhe todas as ordens conferidas pelo bispo do Rio de Janeiro D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, pregador e confessor na congregação extraordinaria do ministro provincial frei Joaquim de Jesus Maria, celebrada a 24 de Março de 1798 e no capitulo provincial de 28 de Setembro de 1799; sahio eleito passante de philosophia para o convento do Rio de Janeiro; e no capitulo de 2 de Outubro de 1802, lente de theologia para o mesmo convento. A 18 de Janeiro de 1806 secularisou-se com sentença dada pelo prelado ordinario, passando a trajar o habito de S. Pedro. »

Calou se o chronista da ordem ; prosigamos nós agora.

Frei Antonio da Soledade, deixando o burel e o cordão do illustre solitario da Thebaida, e vestindo a

samarra do principe dos apostolos, deixou a qualificação de frei, que tomara na religião do claustro, passando a ser conhecido pelo nome de padre Antonio Vieira da Soledade: Antonio por ser o nome que recebera na pia baptismal de Santa Maria de Alcaçovas; Vieira, em memoria de sua familia; Soledade por amor a religião de S. Francisco, que dirigira seus passos no começo da escabrosa carreira de sua vida.

D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo d'esta diocese, apreciando os subidos talentos do padre-mestre Soledade, nomeou-o professor da sagrada Escriptura no seminario episcopal de S. José, e examinador synodal do seu bispado. Na cadeira do magisterio tornou-se digno de louvores, pela maneira porque a regera, com sabedoria e prudencia.

Dedicando-se ao pulpito, fez época por sua eloquencia e facundia: improvisava com summa facilidade; fallava com verbosidade largas horas, sem que o auditorio se enfastiasse de ouvil-o, ao contrario prestava religiosa attenção ás homilias, que á missa conventual costumava pregar.

El-rei D. João VI, que amava de coração a oratoria sagrada, que prezava os grandes athletas do pulpito, ouvindo orar o padre-mestre Soledade, encantado de sua eloquencia, o nomeou pregador regio, conego honorario, com assento e posse na santa igreja cathedral, cavaleiro da ordem de Christo e vigario collado da igreja matriz da Madre de Deus da cidade de Porto-Alegre, capital da provincia de São-Pedro do Rio Grande do Sul, hoje cathedral d'aquelle bispado, com sobrevivencia ao velho padre vigario José Ignacio dos Santos Pereira, exercendo tambem as funcções de provisor, vigario geral e da vara d'aquella provincia, na qual tambem preencheu o lugar de procurador geral e foi deputado á assembléa geral legislativa, na primeira legislatura, depois da constituinte, representando dignamente a provincia do Rio Grande do Sul até o anno de 1826, em que, creando-se o senado brazileiro e tendo fallecido, sem n'elle tomar assento, o senador eleito a 22 de Janeiro dezembargador Luiz Corrêa Teixeira de Bragança, procedendo-se á eleição, foi seu nome levado

perante a corôa, que em sua alta sabedoria o escolheu senador do imperio pela provincia de São-Pedro do Rio Grande do Sul, por carta imperial no dia 24 de Julho de 1826, tomando posse em 1° de Agosto do mesmo anno, tendo sido já então agraciado com o titulo de commendador da ordem de Christo por Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro I. Depois de occupar por espaço de 10 annos, com a maior dignidade, a cadeira de senador do imperio, já quazi cego em consequencia de cataratas, foi acommettido de grave enfermidade, da qual triumphou a morte dos recursos da sciencia, entregando a alma ao Creador aos 14 de Dezembro de 1836. No dia 15 sahia o prestito funebre da casa de sua residencia á rua larga de S. Joaquim esquina da rua da Imperatriz, para a igreja da veneravel ordem terceira de S. Francisco da Penitencia, onde havia servido o cargo de definidor, e depois de solemne encommendação, a que assistiram a commissão do senado e os religiosos franciscanos, foi seu cadaver entregue aos vermes da terra na catacumba n. 44 d'aquella ordem; e ali, ao lado esquerdo do seu antigo convento, dorme elle o somno eterno da morte. Que fim levariam seus restos mortaes? Certamente o mesmo que levaram os de seus companheiros de glorias!...

Morto o senador do imperio conego Antonio Vieira da Soledade, nove annos jazeu em viuvez coberta de crepe sua cadeira no senado, em consequencia da revolução da provincia de São-Pedro do Rio Grande do Sul, até que em 1845, rasgando-se o crepe que a envolvia, veio occupal-a o soldado da patria, com a fronte coberta dos louros da victoria e combates, o distinto marechal effectivo do exercito o Exm. Sr. marquez de Caxias, Em premio do alto serviço que fizera, restituindo a paz áquella provincia, esta, cheia de gratidão, apresentára seu nome á corôa, que o escolheu para substituir ao velho soldado da religião, que, exhausto de forças, com a fronte coberta de palmas e grinaldas colhidas nos jardins do christianismo, tombára, qual annoso cedro ao vento rijo da tempestade, e curvado aos pés da magestade de Deos recebe o premio de suas conquistas.

Já conhecemos os titulos, que ennobreceram a o senador do imperio, conego Antonio Vieira da Soledade; ouçamol-o agora como orador.

Reportemo-nos ao anno de 1812; é hoje o dia 8 de Julho. Penetremos na pequena igreja-matriz de Santa Rita de Cassia, que vestida de luto vae celebrar solemnes exequias por alma de Sua Alteza o principe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, almirante general da marinha portugueza, augusto genro de Sua Magestade el-rei o Sr. D. João VI, que falleceu e sepultou-se no convento dos franciscanos.

O templo está literalmente apinhado de povo e adornado com o maior esplendor e riqueza. Ergue-se sumptuoso mausoléo, grarnecido de centenas de luzes, que com seus pallidos clarões imprimem um aspecto de profunda tristeza, propria ao acto. Ao Evangelho, surge na tribuna sagrada o pregador regio padre Antonio Vieira da Soledade, que vai desempenhar a missão de que se acha encarregado, de traçar o elogio do infante de Hespanha, e no meio do mais profundo silencio assim começa:

«*Memor esto judicii mei, sic enim erit et tuum: mihi heri et tibi hodie*:—Lembra-te do estreito juizo pelo que já passei, porque assim o será tambem o teu: hontem por mim, hoje por ti. Eccl. cap. 38, vers. 23.

« Do fundo d'aquelle mausoléo, onde vêm quebrar-se todas as grandezas do mundo; do centro d'aquella habitação de luto, onde está assentada a morte como em seu throno, a vaidade, como em seu nada, o desengano, como em sua escola, d'aquella casa de horror habitada por ossos soberbamente disfarçados, casa de trevas, onde se extinguio todo o esplendor do mundo e da grandeza, dahi mesmo eu ouço uma voz, que de concerto com a religião nos ensina a importante lição que uma morte infallivel e um juizo irreparavel é a sorte indispensavel de todos os homens: *Memor esto judicii mei, sic enim erit et tuum*; *mihi heri et tibi hodie*; voz que humilha e aterra os homens que a temem, os grandes que a disfarçam, os ricos que a esquecem, e os incredulos que a affrontam; e a sua verdade é tanto mais vingada de seus direitos, quanto é maior o erro dos homens; que se

prova sem controversias por esses mesmos que se esforçam por desterral-a de sua lembrança, á proporção que a religião se mostra com suas ameaças e a fé com seus dogmas: *Memor esto judicii mei, sic enim erit et tuum*, etc.; voz que espanta, á medida que estamos mais certos da sua verdade, que é constantemente provada pela existencia successiva de uns homens a outros homens no mesmo mundo. Os nossos antepassados morreram e tambem morreremos como elles; uma similhante sorte está reservada a nossos vindouros, que se succederão entre si como nós a nossos pais. Já fomos espectadores da sua morte e foi então que nós vimos logo n'elles o espectaculo, que representaremos um dia á vista de outros homens, subditos, como nós, da mesma lei, sujeitos á mesma pena e esperados no mesmo juizo. E quando nós oramos pelos mortos, formamos então uma especie de contrato, pelo qual obrigamos nossos vindouros a orar tambem por nòs, cujas orações lhes darão um igual direito aos suffragios dos outros, quando elles como nós tiverem terminado a carreira de sua vida: *Memor esto judicii mei, etc.*, voz que falla a todos sem distinção de estado, de idade e de condição. Os empregos e a autoridade, as riquezas e grandezas, a mocidade e a saude têm uma igual sorte, que é a sujeição e a pobreza, a enfermidade e a velhice; tudo igualmente acaba no mundo e anniquilla-se.

« A saude, esse bem tão ufano de si mesmo, nada tem de mais solido do que o nome, a vida é realmente um sonho, a opulencia uma sombra que foge, a gloria mundana uma figura, e a grandeza mesma do throno não passa de um exterior brilhante, sempre mais fraco do que o tempo, a que o tempo não perdôa.

« Grandes do mundo, avisinhai-vos áquelle tumulo que enfeita e esconde as cinzas do principe, que merece hoje os nossos respeitos e ouvireis decidida esta verdade. Frias e mortas parecem recobrar uma nova vida para vos dizerem:

« Grandes do mundo, nem a grandeza nem os annos puderam dispensar-me da lei commun a todos os mortaes, e do severo juizo do Creador dos reis e dos vassallos; estudai pois em mim a lei primeira dos vossos

deveres: *Memor esto judicii mei, sic enim erit et tuum*, etc. As reflexões pois, de que acompanhamos a lembrança da sua morte intempestiva, que murchou nossas consolações, e frustrou nossas esperanças, serão a melhor doutrina de nossa vida.

« O tumulo do morto é a melhor escola dos vivos. Entretanto eu tenho de apresentar-vos no elogio a que sou destinado, qualidades que lhe dão uma nova vida. Tal é o privilegio da virtude, qualidades que são o exemplo do mundo christão, e um novo esplendor que acredita, honra e abrilhanta o sangue real, que o gerou; qualidades emfim dignas dos elogios do homem, mas que só de Deus podem haver o digno premio. Os poucos annos de vida, que são ordinariamente um titulo, que desculpa os defeitos que se commettem, e disfarçam a virtude que se não obra, são no Sr. infante de Hespanha um novo titulo que o immortalisa: *Consummatus in brevi explevit tempora multa.* »

. . . . . .

« A Providencia, que dá vida ao homem, lhe dá tambem o destino, que o homem nem sempre enche, ainda que seja grande o numero de seus dias. Idolatra da vida, novos dias formam o seu dezejo, novos prazeres a sua fortuna e uma velhice esteril o seu termo. Victima das paixões e do vicio fazem os ultimos dias de sua vida menos sentidos da inutilidade de sua carreira do que da vergonha de seus vicios; com menos pezar de ter perdido virtude, gloria e merecimentos que o honrassem, do que dias, annos e prazeres que não tornam. Arrastado pelos encantos da vida, que quer prolongar, desconhece os attractivos da virtude, que o podem immortalisar.

« Pode-se dizer com o sabio, que ainda que fosse longa a sua vida, os seus annos são incompativeis no numero dos annos e a sua velhice é sem respeito: *Et si longæ vitæ erunt in nihilum computabuntur, et sine honore erit respectus illorum.* » Estranho ao seu destino, ou antes, morto para a virtude que deve animar a vida de todo o homem, em sua velhice não vê o mundo mais do que um espectador enfadonho de muitos dias e annos vasios de merecimentos e de glorias. Póde dizer-se com o sabio,

que depois de muitos annos morre, como si não tivesse vivido um só dia: *Perierunt quasi qui non fuerint, et nati sunt quasi non nati.*

« Entretanto enche o seu destino aquelle que aprecia a virtude como a alma da vida, mais do que a mesma vida; aquelle que julga não viver logo que não cresce na justiça e sabedoria, á medida que cresce nos dias e nos annos; aquelle que collocado pela fortuna entre os grandes sóbe pelas virtudes á par dos sabios, ou antes eleva-se sobre a sua sorte pelo merecimento; mas ainda não me expliquei, aquelle que seria grande entre os homens, ainda que não houvesse grandeza no mundo pelo uso glorioso que dá aos seus talentos, ao seu espirito, ao seu poder e grandeza. Póde dizer-se com o sabio, que ainda que fossem poucos os seus annos, na sua mocidade consummada entre o merecimento e a justiça, o impio tem de ver a condemnação de seus longos dias: *Condemnat justus mortuus vivos impios, et juventus celerius consummata longam vitam injusti.*

« Tal fôra a vida do serenissimo Sr. infante de Hespanha D. Pedro Carlos, animada pela virtude, a quem a morte roubou dias e annos, mas não pôde roubar-lhe o merecimento e a gloria aos dias que viveu e menos o direito incontestavel aos seus elogios depois da morte. O céo é quem destina ao homem o berço junto ao throno, e o mundo é obrigado a respeitar esta escolha do céo por uma especie de homenagem devida á memoria de seus antepassados, que foram o esteio, o recurso, a alma e a gloria da nação, e como por um certo pagamento de divida que a patria contrae sempre com seus heróes, aos quaes não pôde satisfazer emquanto vivos, obrigando-se a respeitar a sua posteridade para o seu desempenho.

« Tal é a gloria que cerca o berço do serenissimo infante de Hespanha, a quem dera nascimento um sangue, que tem dado reis a quasi todos os estados da Europa. Vós sabeis, que tivera por pai um irmão e filho de opulentos e gloriosos monarcas, e por mãi uma digna filha da mais justa, mais santa e maior de todas as rainhas. Eu pararia n'esta gloria elevando o augusto principe que elogio ao maior merecimento, si não fosse attrahido de

maior gloria, que o eleva a merecimentos mais solidos. Eu espalharei agora sobre o seu tumulo louros, palmas e trophéos, que, tendo abrilhantado a vida de seus pais, venham a encher o vasio de sua vida; mas não! O serenissimo Sr. infante de Hespanha possuia qualidades proprias e pessoaes, e não precisa d'esses elogios e privilegios, que a fortuna concede muitas vezes para desvantagem d'aquelles mesmos que engrandece.

« Ser grande pelo nascimento, e querer ser ainda maior pela virtude, isto é, preferir a nobreza do espirito á nobreza do sangue; ser rico e não dar outro uso á sua riqueza do que o allivio da pobreza, receber respeitos e merecel-os tanto mais, quanto menos o exigia, possuir thesouros e sacrifical-os á amisade, convencido com o sabio, de que vale mais um amigo do que mil thesouros, ou antes, que nada póde comparar-se com o amigo fiel, e que o ouro e a prata não merecem ser postos em balanço com a sinceridade da sua fé: *Amico fideli nulla est comparatio, et non est digna ponderatio auri, et argenti contra bonitatem fidei illius*: eis aqui a que eu chamo qualidades proprias e meritorias, que o mundo louva, que a religião consagra, e que eu devo desenvolver-vos no elogio do serenissimo Sr. infante D. Pedro Carlos. Qualidades dignas de encher a mais longa vida, mas que apenas bastaram aos poucos annos de um espirito elevado, de um caracter affavel e de um coração nobre e generoso. O seu espirito, caracter e coração foram as raizes fecundas d'essas grandes virtudes, que em vida faziam a nossa edificação e hoje formam a nossa esperança na divina bondade, sempre benigna ao espirito da fé e de obediencia. Espirito profundo, que obrava e não impunha. Caracter affavel, que se facilitava sem se abater. Coração generoso, que socorria com discrição.

« Enviára Portugal á Hespanha, para conjugal alliança, uma princeza que fazia as delicias de Lisboa e attrahia os louvores de Madrid, e o serenissimo Sr. D. Pedro Carlos é o especioso fructo d'esta santa alliança. Filho do amor e da dôr mais sensivel... a dôr póde vencer uma vida extremosa no amor, não consentindo que sobrevivesse muitos dias ao emprego de seu coração; e o joven

principe apenas começa seus dias, quando a inhumana morte termina os dezejados dias de seus amantes pais. Entretanto a relação do amor é aqui mais extensa do que a relação da natureza. Limita-se a natureza a dar-nos um só pai e uma mãi, mas o amor póde dar-nos muitos pais e muitas mãis.

« Suscita o amor em Portugal uma segunda mãi, que quer dar ao illustre recem-nascido uma educação igual á que recebera sua propria mãi, e a nossa augusta soberana, que formára com suas doutrinas a serenissima Sra. infanta D. Maria Anna Victoria, digna de muitos thronos, si para muitos thronos fosse necessario toda a sorte de merecimentos. Depara-lhe o amor um segundo pai, que quer reproduzir no sobrinho os exemplos da bondade, que dá a seu povo ; é o excelso principe de Portugal nosso Senhor, a quem a natureza de acôrdo com a graça ornaram das qualidades do melhor dos pais e do melhor dos soberanos. Debaixo de tão habeis conductores, no caminho das virtudes que honram a nação, o throno e a religião, oh! que espirito, que caracter, que coração não devêra formar-se no Sr. infante?... Sim, senhores, é pelas virtudes de suas raizes fecundas, que ainda até hoje não murchou na arvore um ramo da casa de Bragança.

. . . . . .

« A gratidão, esta virtude grande, filha da sinceridade do amor, esta virtude nascida no céo, a quem o céo deve as suas recompensas e a terra os seus louvores, é virtude caracteristica do Sr. infante D. Pedro Carlos, origem de muitas outras virtudes da mesma sinceridade e amor de que é filho, do zelo, da humanidade e obediencia constante do soberano de Portugal. A Hespanha, sua patria, quando o chamou, nunca esperava, que em uma idade tão pequena se encerrasse uma alma maior do que as riquezas de sua casa, que desprezava, e superior ao throno mesmo que renunciaria, si, para gozar riquezas e occupar um throno, fosse preciso deixar um principe que o amava.

« Recebera de Portugal a cultura de seu espirito e as regras do seu coração ; a Portugal mesmo se contempla

responsavel dos deveres de um e de outro, primeiro que possuidor dava riquezas de que era senhor; da Hespanha contempla, que só tivera o nascimento e as riquezas, mas estas qualidades accidentaes do merecimento não puderam captivæl-o, assim como não captivam aos grandes principes; entretanto que de Portugal teve a sabedoria e a virtude, qualidades verdadeiramente reaes, solidas e admiraveis, que distinguem os grandes principes, e que accrescentam á gloria do nascimento um novo esplendor, que os immortalisa na posteridade; qualidades emfim impagaveis ao instrumento de que se servio a graça de quem são filhos.

. . . . . .

« Lisongea-te pois já tu ó Hespanha! do merecimento que acompanha a singular demonstração de amor, que o serenissimo Sr. D. Pedro Carlos dá a seu augusto tio o principe regente, nosso Senhor, que é obrigado a passar-se ao novo-mundo, quando protestando-lhe entre lagrimas a dor de o deixar e o dezejo de o seguir, prostrado a seus pés lhe pede a graça de o acompanhar. O mais pio, o mais religioso dos soberanos edifica-se, louva, agradece e quer corresponder a tanto amor, que talvez não esperasse, mórmente nas actuaes circunstancias, da tranquillidade de sua patria. O povo portuguez vê n'elle o seu modelo, e o serenissimo Sr. infante de Hespanha ensina ao mundo politico e religioso, que ha um tempo em que é preferivel o sacrificio á tranquillidade, o risco de vida ás commodidades da mesma vida, os contratempos á serenidade, os infortunios ás delicias e as privações á abundancia; e vem a ser: o tempo em que a justiça, a razão, a politica e a religião unanimemente nos pedem as provas do devido amor e gratidão. Que lição tão importante!... Que virtude tão gloriosa, tão solida e tão constante!... Que presagio para os futuros tempos! Oh! morte!... cruel morte!... tão indiscreta na escolha de tuas victimas, que nos roubaste tão depressa a esperança de maior gloria...»

O orador descreve eloquentemente o alto merecimento, o talento e as virtudes, que ornavam o coração do illustre finado; relata os altos gráos a que subira na

escala social, e no desempenho dos quaes captára as graças de seu muito alto e poderoso sogro, não conhecendo perigos, apparecendo em todo o lugar, não se importando com as commodidades de sua pessoa, zombando dos rigores das estações e dos perigos de sua vida, e sempre firme no cumprimento do dever a que o chamava o exercicio de almirante da real marinha portugueza. Tratando da bondade, virtude esta que tanto distingue e eleva o coração dos principes, diz o orador:

« O maior gráo a que póde elevar-se o elogio de um principe é louvar-se a sua bondade; primeiro, porque esta virtude preenche os destinos dos principes, que não nasceram sinão para a felicidade dos povos; segundo, porque a gloria d'esta virtude transcende do principe, onde brilha, aos povos que felicita. Mais poderosa que toda a força do mundo avassalla corações, que nem sempre o poder sujeita aos reis. A bondade, eis aqui, senhores, o ultimo realce, que acaba o elogio do serenissimo Sr. infante, por que já não é a lingua do homem quem aqui louva, são os corações de todos aquelles a quem fez bem, que o abençoam, que o immortalisam e que choram a magoa de o haver perdido. O elogio do coração é o elogio o mais glorioso, e tanto mais nos principes, quando a elevação do nascimento ordinariamente os difficulta aos homens para não lhes fazer o bem. »

A caridade, esta mimosa filha do céo, que dilata o coração de prazer, todas as vezes que se lhe offerece occasião de enxugar as lagrimas á orphandade, á viuvez e ao necessitado; a caridade, este brazão do coração humano, foi tambem exercida pelo infante de Castella; e o distinto orador assim a descreve em seu elogio:

« A compaixão da miseria é sem duvida um dever da natureza, mas nem por isso perde o privilegio de ser uma virtude superior a todos os elogios, porque é dos corações bemfeitores, que o homem indigente e abatido espera o socorro e allivio do peso que o aggrava.

« Digamos pois, que são os protectores da humanidade, e digamos tudo : são uma imagem do Creador sobre a terra, e de um certo modo uns delegados da Divindade no mundo para conservar ao miseravel com a caridade

a existencia que elle recebera com a creação. O pobre socorrido é igualmente responsavel da sua vida ao rico bemfeitor.

« Riquezas mundanas, ordinariamente amontoadas pela avareza ou dissipadas pelo luxo e pela vaidade, o serenissimo Sr. infante de Hespanha desconheceu em vós este uso que vos avilta, e vos deu um outro destino que vos ennobrece, o socorro dos pobres ; a humanidade e a religião foram vingadas do uso indigno, a que vos sacrifica a maior parte do mundo opulento. Ah! senhores, quanto é bello para a religião ver-se um principe, que na flôr dos annos, na idade dos prazeres, n'esta estação da vida, em que a religião póde menos do que aquillo que encanta, que recreia e que lisongeia, se mostrar consagrado á religião o que até recusa a idade e offerecendo á pobreza o que qualquer outro principe daria á grandeza! Que singular exemplo na ordem do Evangelho !... Homem avarento, olha para este espetaculo, que te confunde e lê n'elle a tua accusação ! Ricos e grandes do mundo, eis-aqui o modelo que tenho mais de prompto a apresentar-vos para vossa santificação, imitai-o. Eu não saberei dignamente engrandecel-o, mas Deus obriga-se a recompensal-o ; eu fallo de esmolas grandes e continuadas, que remedêam a necessidade, e não d'essas sommas vis e ridiculas que apenas disfarçam a miseria ; esmolas abundantes que o privavam das riquezas que antes possuia, e remiam o pobre da miseria que o vexava, e não d'essas pequenas quantias, que deixavam ao rico toda a sua opulencia e ao pobre toda a sua necessidade e indigencia; ellas eram não só o remedio da necessidade, mas o preservava da desgraça : « *Neque inopem derelinquas illum* » E convencido como o sabio, de que a esmola é menos uma generosidade do rico, do que uma restituição ao pobre, o Sr. infante dava não só a esmola, mas até mesmo o direito de a exigir : *Redde debitum tuum*. Novo Zachêo, pensionava-se a socorrer mensalmente os mesmos pobres com a metade de seus soldos : *Dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus* ; reservando-se por uma sorte de generosidade verdadeira, real para esmolas

abundantes e diarias, que davam pão aos esfaimados, vestido aos nús, socorro aos pobres e curativo aos enfermos; esmolas que o constituiam o pai de muitas familias, abençoadas por sua caridade, a que deveis vossa subsistencia; morreu o vosso segundo pai... Ah! que talvez as vossas precisões, depois de sua morte, vol-o tenha feito saber primeiro do que eu!...

«Mas, nunca deverá morrer jamais em vossas almas a lembrança do beneficio, que a justiça e a religião vos apresentam de continuo, para reconhecerdes com as vossas orações os favores, que facilitavam a vossa sorte...

... O bemfeitor tem direito a uma especie de immortalidade nos corações d'aquelles que socorreu; mas quando fallo da caridade, vós sabeis, que fallo de uma virtude que distingue a illustre e sempre abençoada casa de Bragança; herdara-a o serenissimo Sr. infante de Hespanha com o sangue, a educação lh'a ensinou e foi animado do exemplo.

« Convinha pois, que a religião apertasse os vinculos que o sangue e a virtude tinham já ligado; e tanto mais quanto uma tão digna alliança interessava o soberano de Portugal e a nação. Vós sabeis, senhores, que fallo dos sagrados vinculos a que o serenissimo Sr. infante de Hespanha se prendera com a serenissima princeza de Beira... Mas eu não posso recordar o maior dia de prazer na côrte sem que ao mesmo tempo vos recorde o cruel momento, que eternisará nossas lagrimas... ainda o applauso não estava acabado, começa o luto!... os pezames vêm desfigurar os mutuos parabens que nos davamos! o berço do filho parece preparar-se ao mesmo tempo, em que já se dispunha o sepulcro do pai!

... Um amor innocente os ligára, um amor constante, extremoso e ardente os unira sempre; e seria mais inconsolavel a perda, si no innocente filho não deixasse o penhor de suas curtas delicias; eterno monumento da santidade do pai!... Grande Deus! assim é que vós nos instruis d'esta importante verdade: que no mundo não ha ventura completa, quando apenas nos deixaes gostar o começo da felicidade, porque de repente quebraes, logo que assim o quereis, os vinculos mais

amados e converteis em amargura o que nos assegurava o maior prazer? Christãos! que exemplo mais vivo da vaidade das cousas mundanas do que o funebre espectaculo, que faz hoje o objecto da nossa magoa?... Acabou... e nada lhe resta mais de seus titulos, poder e grandeza! Pois assim termina no mundo a grandeza a mais solida e duravel!... O sepulcro é o termo fatal dos pobres da terra... Só a virtude, de que elle (como tendes visto) déra exemplos, o faz sobreviver ao tumulo, que é hoje o seu patrimonio commun com todos os mortaes... Permittam os céos, que seja eternamente ditosa sua alma virtuosa! Seja pois tambem a virtude o negocio mais importante da vossa vida; porque só ella poderá dar-vos um ascendente sobre os temores da morte: *Justus si morte præoccupatus fuerit in refrigerio erit*, e advogar a bem de vossa salvação n'aquelle severo juizo, que é tão infallivel como a mesma morte: *Memor esto judicii mei, sic enim erit et tuum: mihi heri et tibi hodie... Requiescat in pace. Amen.*

XXXVII

Entre os filhos do Carmelo brazileiro, que viveram, floresceram e morreram no convento de Nossa Senhora da Lapa do Desterro da cidade do Rio de Janeiro, sobresae, entre outros, o nome do douto padre-mestre frei José de Santa Eufrazia Peres.

Este distinto carmelita nasceu n'esta cidade a 15 de Setembro de 1784, e aos 16 annos de idade deixou a casa paterna para fazer-se religioso, escolhendo a ordem carmelitana, na qual tomou o habito no dia 1 de Março de 1800, e a 2 do dito mez de 1801 fez a sua profissão solemne e publica, lançando-lhe o escapulario, por commissão do Exmo. Revmo. bispo do Rio de Janeiro D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, que então era o reformador e visitador apostolico d'esta provincia carmelitana, o douto padre-mestre Dr. frei José de Santa Thereza Costa, prestando solemne juramento

nas mãos do padre-mestre provincial, que então era o illustrado padre-mestre Dr. frei Antonio Gonçalves Cruz; e tomando o nome de frei José de Santa Eufrazia Peres em substituição ao de José de Santa Thereza e Oliveira, que trazia no seculo. Foram seus progenitores José Peres de Oliveira e sua mulher D. Joanna Francisca de Jesus, aquelle natural e baptisado na freguezia de S. João da Foz do bispado do Porto, e esta d'esta côrte e bispado. Aos 22 annos de sua idade recebeu as ordens do presbiterado, que lhe foram conferidas pelo bispo diocesano.

Talentoso e applicado aos estudos o padre-mestre frei Peres dentro em pouco tempo tornou-se digno por suas habilitações de encarregar-se do ensino da mocidade. Correram os annos, e o discipulo, elevando-se á categoria de mestre, não só occupou a cadeira de philosophia em seu convento na côrte e em São-Paulo, como no mosteiro de S. Bento e no seminario de S. José, tornando-se digno de encomios pela maneira honrosa com que se distinguio no ensino da juventude. Pessoas altamente collocadas na escala social ainda hoje vivem, as quaes beberam suas sabias lições, e saudosas se recordam de seu distinto lente.

O Revmo. bispo, que amava de coração aos religiosos illustrados e moralisados, sabendo que ao padre-mestre frei Peres ornavam estas preciosas qualidades, distinguio-o com a nomeação de examinador synodal do seu bispado. Em sua ordem foi frei Peres prior do convento de São-Paulo e provincial no do Rio de Janeiro. Ecoando aos ouvidos do governo, a alta fama de seus talentos e virtudes, quiz este nomeal-o bispo, honra que o frade agradeceu, rejeitando.

Suscitando a questão do celibato clerical, em que tomaram parte varios sacerdotes illustrados, que se assentavam nas cadeiras do parlamento, o padre-mestre frei José de Santa Eufrazia Peres publicou um opusculo, o qual corre impresso, sustentando a necessidade do celibato. Este escripto mereceu os mais subidos elogios, entre outros, do finado D. Romualdo Antonio de Seixas, de saudosa recordação. Tambem escreveu a vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

Frei Peres era eloquente, e possuia todos os predicados precisos que constituem um bom orador. O Exmo. bispo de Chrysopolis era amigo dedicado do padre-mestre frei Peres, e tecia elogios a seus talentos e virtudes.

Aos 63 annos de idade, no dia 4 de Março de 1847, frei José de Santa Eufrazia Peres deixou de existir, e em uma das catacumbas do seu convento encerrou-se para sempre o seu cadaver.

Quiz a fortuna, que se salvassem das garras voraz do tempo dois de seus sermões em manuscripto, de um dos quaes extrahirei alguns trechos, e á vista d'elles os admiradores da oratoria sagrada serão forçados a confessar comnosco, que o padre-mestre frei José de Santa Eufrazia Peres conquistou, com verdadeira justiça, a reputação de orador, além da de consummado philosopho, que grangeára na cadeira do magisterio.

Transportemo-nos á cidade de São-Paulo, capital da heroica provincia do mesmo nome; berço de varões illustres taes como Feijó, Paula Souza, Andradas, e outros laureis da tribuna parlamentar brazileira; terra em que o heroe dos dois mundos proclamou a nossa independencia ás margens do Ipiranga. Corre o anno de 1819: a igreja da ordem 3ª do Carmo d'aquella cidade, situada nas margens do Tamanduátehy, está coberta de galas; é hoje o dia 16 de Julho, em que a santa igreja solemnisa cheia de jubilo radiante a festa da virgem Senhora do Monte do Carmo.

Tudo quanto ha de grande na antiga Piratininga ahi se acha reunido. Ao Evangelho sobe á cadeira da verdade o padre-mestre frei José de Santa Eufrazia Peres, que vai tecer o panegyrico da excelsa soberana dos céos, protectora de sua distinta corporação. O auditorio é numerosissimo e illustrado; o silencio é completo, rompe o orador dizendo: « *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti*: Bemaventurado o ventre que te trouxe, bemaventurados os peitos que te alimentaram. (S. Lucas, cap. 11).

« A eloquencia, meus senhores, essa arte que se preza de fundar as republicas, sustentar os imperios, banir os criminosos, horrorisar os impios, dispôr á sua

vontade da fortuna dos Estados; essa arte que faz durar na memoria dos homens as acções famosas, os pomposos triumphos d'esses intrepidos guerreiros que se elevam ás suas capitaes entre as acclamações de um povo immenso, que os reputa deuses tutelares de seus Estados; a eloquencia, este poderoso atractivo do coração humano, que faz agradavel aos homens o mesmo que se lhes persuade; que na boca dos Chrysostomos, dos Jeronimos, dos Ambrosios e dos Agostinhos, diminuia o vicio e fortificava a virtude; a eloquencia, esta arte encantadora que muda a natureza do homem o mais barbaro, trocando-o em animal domestico de raivoso tigre que d'antes era; que nas antigas republicas abolia as leis, ordenava a guerra, fazia marchar os exercitos, conduzia os cidadãos aos campos da batalha e consagrava suas cinzas, quando morriam no combate; a eloquencia emfim, que detinha os cidadãos dias inteiros a escutarem seus oradores, avidos das emoções que recebiam, a eloquencia mesma não é sinão uma nuvem, quando se trata de fazer o elogio de Maria. Sim, senhores, a eloquencia dos homens só é propria para celebrar acções humanas; e como Maria é uma pessoa toda celeste, só participando da graça que a santifica, é que se póde dignamente louvar esta rainha das Virgens. Só vós portanto, espirito santificador, só vós, que enchestes Maria de vossas luzes e de vossos dons, desde o primeiro instante de sua conceição, que a cobristes com vossas azas nos dias de sua mortal vida, que obrastes n'ella mesma a grande obra da nossa salvação, só vós podieis inspirar a um fraco mortal esse magnifico elogio, que uma mulher d'entre as turbas consagrou a Maria: *Beatus venter, etc.*

« E com effeito, uma Virgem, cuja vida foi toda miraculosa e sobrenatural, uma Virgem, que não reconhece acima de si sinão Deus, só póde ser dignamente elogiada pelo mesmo Deus; taes eram os sentimentos do grande Bernardo, quando nos transportes do seu zelo e amor exclamava: « Eu não sei, oh! Virgem incomparavel, de que louvores poderei servir-me para exaltar vossos triumphos e virtudes. » Eu conheço, meus senhores, que esta empreza é das mais difficeis e ousadas,

mas tambem conheço, que Maria foi sempre um modelo de humanidade, e que, sensivel a nossos votos, permittirá, que nossas vozes se misturem com as d'essa feliz mulher e com ella exclamamos: *Beatus venter, qui te portavit, etc.*

« E' n'esta confiança unica, ó mãi da graça, mãi de misericordia, que eu hoje venho excitar todos os fieis a vos louvar e bemdizer; e é n'esta mesma confiança, christãos, que me ouvis, que eu hoje venho expôr ás vossas vistas a grande devoção do monte Carmelo. E que motivo de reconhecimento para com Maria vos não apresenta esta devoção! De um lado, Maria, toda poderosa no céo, collocada aos pés do throno do Cordeiro immaculado, lançando ternas vistas sobre os fracos humanos; de outro lado, os homens cercados de inimigos sobre o cume do abismo, tristes objectos da colera de um Deus irritado, que se vestem com a libré, e que se esforçam por sua poderosa mediação a fazer succeder os decretos de reconciliação ás sentenças de morte: tal é, meus senhores, o fundo da devoção, sobre a qual tenho a honra de fallar-vos; devoção, que tendo a seu favor o sacerdocio e o imperio, tem por inimigos todos os que gostam de condecorar-se com o triste e infeliz epitheto de homem desabusado. E' pois para consolação vossa, fieis que me ouvis, que eu hoje pretendo mostrar a solidez da devoção do monte Carmelo, confundindo seus inimigos pelas illustres provas que vou apresentar.

« Eis aqui o plano do meu discurso.

« E vós, affectados espiritos fortes, vós que muitas vezes criminaes os oradores sagrados de confundirem nos seus elogios a verdade com a mentira, attendei-me, e vêde si as provas, que eu aponto á favor da devoção do monte Carmelo, podem ter esta nota. Eu não me encostarei a tradições por muito tempo respeitadas e hoje suspeitosas, e com effeito difficeis de justificar. Não! eu não quero obrigar a vossa credulidade, só quero vos poupar novas blasphemias. »

Finda o orador o exordio, e assim começa a narração.

« A religião christan é uma religião toda espiritual: os verdadeiros oradores do Pai, dizia Jesus Christo,

fallando á Samaritana, são os que o adoram em espirito e verdade. Mas esta religião toda espiritual foi dada e estabelecida unicamente para os homens: entre elles é que ella deve, não só subsistir e perpetuar-se, mas ainda produzir-se e manifestar-se. E' pois necessario, que, espiritual como ella é, se faça sensivel por praticas exteriores, pelas quaes reconhecendo nós a soberana grandeza do primeiro Ente, nós o glorifiquemos, como recommenda o apostolo, por testimunhos visiveis de nossa obediencia; porque, ah! filhos de um pai carnal, todos nós nascemos carnaes: nossa alma, envolta nos sentidos, não póde passar sem seu ministerio. São-nos pois precisos objectos sensiveis, que ajudem nossa fé, que nutram nossa esperança, que despertem nossa caridade. A religião da terra deve portanto ter sombras, deve ter symbolos e enigmas, que determinem e instruam os homens.

« E' pois especial á religião christan ter um culto sensivel, porque o corpo, interprete da alma, e como ella, obra do Ente Soberano, deve annunciar á face do universo o nosso reconhecimento e o nosso amor. Mas só á igreja fundada sobre as palavras de Jesus Christo pertence o purificar as nossas acções, e fazel-as dignas do céo. Tal é a regra infallivel e invariavel, pela qual se deve julgar de todas as praticas que se têm introduzido na igreja, desde o estabelecimento do christianismo até os nossos dias: tal é a regra pela qual eu me atrevo a julgar do culto, que nós hoje damos á santissima Virgem debaixo do honorifico titulo do Carmo. E que brilhante carreira se apresenta agora á minha imaginação! Eu vejo esta devoção estabelecida na igreja, ha cinco seculos, e a vejo em todo este tempo respeitada e juntamente calumniada.

«Sim, senhores, a devoção, que nós hoje veneramos, tem seus inimigos; aquelles mesmos homens, que se mostram submissos ás menores leis do mundo, são os que se levantam contra as praticas da mais subida piedade; com o pretexto de defender um culto illuminado, elles intentam destruir o que nós rendemos á Maria, e para distinguirem-se do povo, elles abandonam inteiramente

nossas solemnidades. Mas ah! pretendidos espiritos fortes de nossos dias, vós não tendes jamais sondado a solidez do nosso culto, na devoção do monte Carmelo.

« Sim, christãos que me ouvis, não vacille a vossa fé, os mundanos que a moral do Evangelho reprova, e que o mundo arrasta após seu vacillante carro, não são de um grande credito. Os sabios, que censuram a devoção da Senhora do Carmo, são uns homens de prazer, que deixam correr seus dias no meio das delicias criminaes; que, invejosos de se elevarem acima de seus similhantes, por suas duvidas e incertezas, negam aos annaes da igreja os respeitos, que professam aos dourados pergaminhos dos imperios mais remotos; que elevam sempre trophéos ás descobertas dos sabios, que criticam da piedade; e que emfim depois de abalarem os altares erigidos em honra da Divindade, prodigalisam as glorias da apotheose aos heróes de seu partido. Quão desprezivel pois deve ser sua linguagem, quando ella se dirige a atacar nossas solemnidades, nossas devoções? Si homens eminentes em santidade arrostassem a devoção do escapulario, elles poderiam talvez abraçar nossa veneração; mas são mundanos os que a censuram, são santos os que a defendem. Consultem a historia da devoção do monte Carmelo e então conhecerão toda a sua grandeza. »

O orador passa a descrever eloquentemente o historico do monte Carmelo, e põe em jogo os abalisados conhecimentos, que possuia da variada historia do mundo.

Nos fundos das cavernas do Carmelo viam-se anacoretas veneraveis, que marchavam sobre os vestigios de Elias: elles santificavam esses desertos lugares pelas virtudes admiraveis, que praticavam. Discipulos e successores do vencedor de Achab, o brilhantismo de suas virtudes se espalhou bem depressa no mundo christão, e pelas continuas honras, que tributavam á mãi do Altissimo, elles foram olhados sempre como homens especialmente dedicados ao seu culto, e suscitados pela Providencia para o perpetuar. Luiz IX, a quem o zelo da religião fez sair do seio da França, passando os mares, admirou sobre o Carmelo a conducta d'estes novos

athletas, a quem não intimidava o furor do Musulmão e do Sarraceno, a eminencia de suas virtudes o edificou, e si Luiz pensou enriquecer os templos da França com os instrumentos da paixão do Redemptor, elle tambem tratou da salvação dos seus povos, pondo diante de seus olhos modelos da caridade christan.

« Bem depressa, meus senhores, os filhos do Carmelo inundaram toda a Europa, e a mesma Inglaterra, que, similhante á antiga Tyro, se gloriava com o numero de seus baixeis, a Inglaterra tão aguerrida como Carthago, tão commerciante como a Phenicia, a Inglaterra emfim, esta potencia tão tempestuosa, como o mesmo mar que a rodeia, vio logo em seu seio estes novos conquistadores ; é ali que Simão Stoch, este homem todo maravilhoso, este novo Elias, conhece e admira os novos Elizêos. Esta é a época em que a devoção do monte Carmelo recebeu novo gráo de gloria ; esta é a época em que as honras que estes santos religiosos rendiam a Maria, ha tantos seculos, foram magnificamente recompensados.

« Maria, meus senhores, esta rainha dos anjos, visita ao veneravel anacoreta de Inglaterra, e enriquecendo-o com o santo escapulario, lhe annuncia, que este é o canal por onde Deus quer fazer correr os thesouros da graça no seio da igreja. Tal é, meus senhores, o personagem, sobre cuja fé se considerou sempre o escapulario como um signal particular de alliança com Maria, como um penhor especial da sua omnipotente protecção, dado por Maria mesmo á sua ordem do Carmo, para o communicar depois, com conhecimento da igreja, a todos os fieis. Ah ! senhores, e que fiador ! E' um santo que o publica, e que santo, christãos !

« Si consulto os annaes da igreja, vejo um homem que desde a mais tenra infancia seguio o caminho do deserto, qual outro João Baptista, que no mais intrincado de uma floresta, sem outro abrigo que a cavidade de uma antiga arvore, collocado entre o céo e a terra, passava os dias puros e innocentes, honrado de extases, de transportes, de communicação intima com Deus e Maria ; um homem, emfim cujas virtudes espantaram o seculo XIII. Si considero o credito, que mereceu este

homem extraordinario, apenas publicou esta revelação tão honrosa aos religiosos do Carmelo, tão consolante para a igreja, como edificante aos christãos pios e doceis, vejo uma multidão innumeravel de pontifices e reis, de sabios e ignorantes recebendo á porfia o santo escapulario como uma dadiva do céo. E quão respeitaveis se apresentam ao meu espirito similhantes defensores !... Eu fallo primeiramente das magestades da terra.

« Vós sabeis, meus senhores, que os monarcas têm feito a consolação da igreja por sua piedade, assim como têm sido o terror de seus inimigos pelo seu valor ; a nobreza brava e grosseira, que marcha sobre os seus vestigios, merece nossos respeitos, nossos elogios. Os monarcas pois são os mesmos que não temem escurecer o brilhantismo do diadema, trazendo em si a libré da mãi de Deus ; debaixo da mesma opa real eu descubro o escapulario de Maria, e no transporte da minha justa admiração eu posso dizer aos mais atrevidos criticos : Porque chamais vós devoção dos simples á devoção dos proprios reis ? Sim, apparecei aqui, inimigo de todos os vicios, flagello dos hereges, terror dos Sarracenos, vós grande Luiz IX, que reinais no céo depois de terdes reinado nos corações dos vossos povos, vós que sempre vos occupastes d'este momento decisivo, em que os soberanos vêm seus thronos, seus sceptros e suas corôas fugirem e desapparecerem. Vós fostes santo, quando deixastes de ser grande. As virtudes christans sustentaram as virtudes reaes. E os religiosos do Carmelo, estabelecidos na Europa debaixo de vossa protecção, são monumentos brilhantes da vossa devoção. E vós, grande Henrique IV, tão instruido como os Davids na arte dos combates, que merecerieis uma corôa pelo vosso valor, si ella não fosse devida a vosso nascimento, vós que longo tempo naufragastes no seio da heresia, vós que ouvistes os ministros da mentira, os ministros da reforma e desprezastes então a igreja romana ! Comtudo, que consolação para vós, quando vos contámos entre os filhos mais velhos da igreja? Eu te opponho hoje aos nossos inimigos, como catholico mais sincero, e um rei sacrificado ultimamente á gloria do Carmelo.

E vós, Luiz justo!... Mas que necessidade temos nós de exemplos estrangeiros?

« Sim, christãos que me ouvis, ide em espirito á formosa capital de todo o Brazil, entrae n'essa real basilica consagrada a Maria santissima debaixo do titulo do Carmo, e admirai ao nosso augusto monarca, este principe conformado aos religiosos preceitos de seus reaes progenitores, este principe detalhado á medida na grande alma de seus augustos avós, este principe que faz toda a nossa felicidade, principe emfim com todas as qualidades, generoso, benevolo, perfeito; vêde este mesmo principe, que se não envergonha de confessar á face de todo o Universo, que sua devoção para com a mãi de Deus, é a mesma de seus povos. Que gloria para a devoção do Carmelo contal-o no numero de seus defensores!

« Sim, venturosos confrades do Carmelo, publicai por toda a parte esta importante verdade, escrevei-a sobre as paredes e as portas de vossas casas, depois de a terdes gravada no fundo de vossos corações, e as primeiras palavras que vossos filhos principiarem a gaguejar sejam que o nosso augusto principe é do numero dos defensores da devoção do Carmelo. Novos defensores continuam, meus senhores, a apresentar-se ao meu espirito!... Apparecei, apparecei aqui, celebres universidades de França e da Hespanha; famosas escolas de Sorbona e Salamanca, escolas consultadas de todos os religiosos do mundo, e vinde asseverar aos meus ouvintes, que vós tendes approvado esta devoção e suas indulgencias. Embora vossos inimigos deixem de respeitar vossas luzes, de admirar vossa excellencia, de erigir trophéos ás vossas obras e aos grandes homens que tendes formado em todos os seculos. Ah! a heresia só tantas vezes condemnada e proscripta nas vossas sabias assembléas, fará apparecer o brilhantismo da vossa gloria, servirá de novo lustre aos louros, que haveis amontoado em todos os combates, sustentados pelos interesses da igreja.

« E vós, sábia congregação dos ritos, que approvastes a devoção do Carmelo, apparecei tambem; e vós, illustre Belarmino, que tivestes a honra de presidir esta assembléa, eu admiro mais os vossos talentos do que a

vossa eminente dignidade. O brilho da purpura romana não offuscou o clarão de vossas virtudes. Eu sei, senhores, que os protestantes espantados por este sabio controversista, naufragaram ante suas luzes. Si a tão illustres defensores da devoção do monte Carmello eu ajuntasse dezesete papas, que concederam bullas para autorisar esta mesma devoção, esta porção magestosa da igreja não poria remate á sua grandeza ! !...

. . . . . .

O distinto orador e consummado philosopho mostrou á luz da mais clara evidencia os serviços valiosos prestados por uma infinidade de soberanos pontifices e bispos de todo o orbe catholico em prol da religião carmelitana; e querendo mostrar como não necessita procurar em paizes extranhos exemplos, que comprovem esta asserção, por encontral-os entre nós, diz elle, nos transportes da mais seductora eloquencia.

. . . . . .

« E será ainda necessario, que eu apresente todos os povos submissos á decisão da igreja? Não, fieis, para acabardes de comprehender a grandeza da devoção do monte Carmelo levantai os olhos para o santuario d'este templo, e vêde a devoção com que o anjo da igreja paulopolitana vem assistir ás nossas solemnidades. *

« Inimigos da devoção do escapulario, esse testimunho só é mais que sufficiente para desmanchar vossas objecções. Sim, vinde, vinde ver um grande sacerdote, chamado por Deus á dignidade pontificia, cujos sagrados deveres desempenha e preenche em sua conducta toda exemplar e edificante. Vinde ver um grande prelado sabio, justo e irreprehensivel, que, qual outro Simão, filho de Ozéas, segura a casa do Senhor, e corrobora o seu templo; que se esforça em amplificar a cidade, e merece alcançar gloria na conversão das gentes. Um pontifice escolhido, senhores, por honra, digno da mitra que o decóra e de elevar ainda sobre ella a preciosa corôa de seus merecimentos e virtudes; vinde e vêde, si será

* D. Matheus de Abreu Pereira, bispo de São-Paulo.

possivel, que um tão grande pontifice preencha as funcções gloriosas do seu grande sacerdocio, perante os altares consagrados á devoção do monte Carmelo, si elle não estivesse persuadido da sua verdadeira grandeza!... Sim, Exmo. e Revmo. Senhor, quando eu vejo a V. Ex. todos os annos honrar nossas solemnidades; quando eu admiro a V. Ex. esforçando-se em augmentar o brilhantismo d'esta devoção, eu posso exclamar sem temor de ser desmentido, que a devoção do escapulario é a devoção dos sabios, a devoção dos espiritos solidos, a devoção das almas grandes, a devoção emfim dos catholicos illuminados!... »

. . . . . .

O orador combate na linguagem a mais energica o protestantismo, esses encarniçados inimigos da religião catholica apostolica romana, a mais bella e a mais sublime de todas as religiões do Universo, e assim termina:

« Considerai tantos actos brilhantes, tantas heroicas virtudes que elles praticaram, attendei principalmente aos thesouros immensos de merecimentos, que elles têm adquirido, e lembrai-vos, que tudo é para vós, tudo vos pertence: *Omnes isti congregati sunt, venerunt tibi*.

« Deixemos pois, senhores, os pretendidos espiritos fortes dos nossos dias combater o culto, que nós rendemos a Maria; deixemos, que desprezem nossas solemnidades, e que evitem com affectação certos termos, que a igreja tem escolhido e consagrado; deixemos emfim, que se esforcem em distrair os fieis das sociedades destinadas a honrar a mãi do Altissimo; elles, senhores, exprimem o genio da heresia. Assim antigamente os Julianos e os Nestorios, assim em nossos tempos Luthero e Calvino vomitaram injurias contra esta filha de principes, zelosos das honras publicas que a igreja lhe rende. Não, senhores, as honras, que a devoção do monte Carmelo rende á Maria, são conformes á doutrina da igreja; as promessas que ella faz aos peccadores não destroem a severidade do Evangelho, nem as regras da penitencia: ella não se tem estabelecido contra a ordem dos legitimos pastores; logo, é uma devoção illuminada, util e autorisada.

« Porém, meus amados irmãos, as promessas da salvação, o penhor da gloria, e todas as graças promettidas aos irmãos do escapulario supprem uma vida innocente. Tal é a intelligencia da igreja, e é sobre este principio, que eu vos annuncio esta magnifica devoção, que tanto enhoja nossos inimigos. Persuadi-vos portanto, meus senhores, da grandeza e das vantagens da devoção do monte Carmelo; mas não a façais inutil por uma vida toda criminal, porque nós jamais agradaremos a Maria, si não fôrmos agradaveis a seu filho. E' necessario ajuntar virtudes christans ao caracter de christão; é preciso unir ao titulo de servos de Maria uma vida pura e innocente. Marchemos pois com amor, com coragem e com perseverança para chegarmos á morada da eternidade feliz.

XXXVIII

Na ordem dos capuchinhos da cidade do Rio de Janeiro tomou o burel e o cordão do pobre de Assis, em dias do anno de 1776, um joven filho da provincia de São-Paulo, que no perpassar dos annos devia honrar com seu nome as chronicas d'aquella tão distinta e respeitavel corporação, que ainda hoje lamenta saudosa a lacuna deixada por sua morte. Esse joven, que, antes de cingir-se do habito dos frades menores, se chamava Ignacio Leite de Oliveira, tomou n'aquella religião o nome de frei Ignacio de Santa Justina.

Dotado de superior intelligencia e dos mais puros e severos costumes, o joven filho de Francisco de Assis legou ao mundo um nome, que jamais se apagará, não só das chronicas de sua ordem, onde exerceu com subida reputação a cadeira do magisterio, como da memoria de seus discipulos, que, cheios de gratidão e saudade, o vão transmittindo aos vindouros como gloriosa tradição do claustro de S. Francisco.

Ouçamos o que a seu respeito nos diz o illustrado chronista de sua ordem :

« Frei Ignacio de Santa Justina, que no seculo se chamava Ignacio Leite de Oliveira, é natural e baptisado

na freguezia de Aracaceguama, na villa de Itú, provincia de São-Paulo, filho legitimo de Josè Leite de Oliveira e de sua mulher D. Justina Leite de Oliveira, naturaes da mesma freguezia e bispado de São-Paulo. Foi aceito á ordem pelo ministro provincial o padre-mestre frei Lourenço Justiniano de Santa Thereza; tomou o habito no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, sendo guardião o padre-mestre frei José de Jesus Maria Desterro, aos 15 dias de Julho de 1792; professou em 16 de Julho de 1793; entrou para o estudo de philosophia, no convento de São-Paulo, onde era lente o distinto padre-mestre pregador frei Joaquim de Santa Leocadia, que fôra eleito a 28 de Fevereiro de 1795; ordenou-se *in sacris* com letras do padre-mestre frei Joaquim de Jesus Maria, então provincial, pelo bispo de São-Paulo D. Matheus de Abreu Pereira, a 6 de Agosto de 1797; confessor de seculares na congregação de 24 de Março de 1798; pregador e passante de philosophia em 28 de Setembro de 1799; lente de theologia moral e dogmatica na congregação de 8 de Março de 1801; e a instancias do bispo diocesano, que o autorisou com provisão sua para ter essa faculdade e ensinal-a ao clero de sua diocese, deu principio em 12 de Fevereiro de 1801.

Com patente do ministro provincial frei Antonio de S. Bernardo Monção, de 2 de Outubro de 1802, foi nomeado lente de philosophia, tendo em Fevereiro do mesmo anno, por provisão do Revm. bispo diocesano, occupado com a maior distinção trez cadeiras no seminario episcopal de S. José.

Em 7 de Abril de 1804 foi nomeado lente de artes no convento de São-Paulo; em 1805, lente de prima, presidente *in capite* com patente de visitador geral o padre-mestre frei Manoel Luiz da Madre de Deus, guardião em Taubaté em 1810, exercendo igual cargo em 1813 no convento de São-Paulo, onde fôra regente de estudos.

Por supplica da camara municipal da villa de Itú, foi eleito lente de philosophia para os estudantes seculares d'aquella villa em 15 de Outubro de 1814, sendo jubilado no capitulo geral de 18 de Abril de 1818. Terminou seus

dias no conventó de S. Luiz na cidade de Itú, berço de seu nascimento, e ahi jaz sepultado no claustro.

Frei Francisco de Monte Alverne, o famoso orador sagrado, tecia os mais pomposos elogios aos talentos do famigerado theologo frei Ignacio de Santa Justina, de quem recebera lições e fôra discipulo.

Si a cadeira do magisterio foi dignamente preenchida pelo padre-mestre frei Ignacio de Santa Justina, não menos o foi a cadeira do Evangelho, e para que possamos avalial-o como orador, vamos ouvil-o na villa de Itú.

Estamos em 1821, e pisamos o sólo que servira de berço a Feijó, Paula Souza e bispo D. Antonio Joaquim de Mello; é hoje o segundo domingo de Outubro, em que a igreja celebra a festa de S. Benedito, esse leigo famoso da ordem de S. Francisco, astro brilhante da igreja catholica. A matriz de Itú está elegantemente adornada. O panegyrista do grande servo de Deus é o famoso theologo frei Ignacio de Santa Justina, digno filho da ordem de S. Francisco.

O talentoso orador, cuja oração em manuscripto é talvez a unica existente das muitas producções do seu talento, prima pela pureza da linguagem, que correcta e elegante está ao alcance de todas as intelligencias.

Ei-lo no pulpito, e assim começa:

« *Dixit Jesus Petro: Sequere me*; Jesus disse a Pedro: Segue-me. (Joan. 21).

« Que magnifico, admiravel e espantoso, que profundo e que elevado assumpto se apresenta á meu coração e á meus olhos! Escuta, oh! céo. Escuta tambem tu, oh! terra. Povos do Universo, escutai vós tambem. E vós, meus irmãos, chegai-vos a mim e dai-me attenção. E' afortunado aquelle que segue, e é desgraçado aquelle que não segue á Jesus, meu e vosso libertador. E porque? Porque este Homem-Deus é fiel, e porque este Homem-Deus sabe amar e sabe premiar aquelles que o amam. E' amigo de seus amigos. Si pretendeis ou si quereis, meus irmãos, entrar hoje no seu amor e na sua amisade, vêde, que elle vos chama, e que elle agora vos convida, quando na pessoa do principe dos apostolos diz a cada um de vós: Segue-me: *Sequere me*.

« Esta voz valente e poderosa, que em outro tempo desfez em Damasco a braveza de S. Paulo, fez que Benedito, no reino da Sicilia e no seculo XVI, fosse o espanto e admiração das quatro partes do mundo. Porém que, meus irmãos, que digo eu?

« Benedito? Ah! que heróe! Ao proferir seu nome o inferno se espanta, o ceo se alegra, a natureza põe-se a rir e com razão; porque elle brilhou em virtudes, e porque elle se faz assás digno da minha e da vossa imitação. Tal é o plano do abreviado discurso, que tendes de ouvir. Deus e Senhor meu, dai-me a vossa benção e prosperai o trabalho em que entro debaixo da protecção d'aquella virgem pura e immaculada, a quem saúdo, a quem digo: *Ave Maria.*

« Vós sabeis, meus irmãos, sabeis, que n'este mundo não ha mais que dois caminhos, um que conduz ao céo, e outro que conduz ao inferno. O caminho que conduz ao céo é apertado, e o caminho que conduz ao inferno é largo. Este traz comsigo a maldição, e aquelle a benção de Deus, nosso senhor.

« Benedito, o preto Benedito, logo que chega ao uso de razão, abre os olhos e vê estes dois caminhos, pondera sobre elles e propõe fugir do caminho do inferno e marchar pelo caminho do céo. Concorreu muito para este proposito a boa educação, que lhe deu Christovão, seu pai, e Diana, sua mãi, e isto no castello de São-Philadelpho, no reino da Sicilia, onde moravam.

« Ah! meus irmãos! quanto aproveita a boa educação, principalmente quando ella encontra e quando ella acha boa disposição, tal qual encontrou e tal qual achou em Benedito!

«Instruido por seus piedosos pais na doutrina christan, elle brilha em virtudes. Não! elle não é el-rei David, que justamente lamenta, e que justamente chora seus crimes, não! Elle é o mancebo Daniel, que desde a infancia põe em Deus seu coração e seu amor, seus prazeres e seus regalos, suas consolações e suas delicias; em Deus, a quem ama, a quem adora, a quem bemdiz e a quem rende graças pelas esmolas e pelos favores, que d'elle recebe.

« Sua fé é viva, como a fé de Abraham; sua esperança é firme como a esperança de Job; sua caridade é desinteressada e ardente como a caridade do velho Tobias; sua religião e sua devoção é solida e é edificante como a religião e como a devoção dos patriarcas, dos prophetas, e dos apostolos.

« Não era desconfiado, não! Era soffredor e era carinhoso, e isto para com todos, principalmente para com os afflictos ou desconsolados.

« Ultrajado, não se vinga, e beija os pés áquelle que o ultraja.

« Era puro, era manso, era sincero, qual Nathaniel, porque sabia, que Deus aborrece a impureza, que Deus aborrece a ira, e que Deus aborrece o fingimento ou a hypocrisia.

«Umas vezes é Paulo, que corrige os peccadores, para os apartar de seus peccados, e outras vezes é o anjo do Apocalypse, que reprehende aos tibios para os apartar de sua tibieza.

« Aqui se occupa na oração mental ou vocal e acolá se suspende na mais profunda e na mais elevada contemplação da visão beatifica, tal qual o abbade Santo Antão.

« Temia o peccado venial mais que todos os males do mundo.

« Sua confissão sacramental era similhante ás confissões de S. Agostinho, a quem seguia e a quem imitava, porque ella era acompanhada de lagrimas de pezar e de proposito.

«Pezar e proposito que não paravam nas palavras, e que appareciam nas obras. E quando recebia a sagrada communhão... Oh! Deus! Que prodigio! Que ternura! que suspiros, que paz, que amor! Abria os olhos e parecia estar vendo com elles a Jesus, nosso senhor, tal qual está no céo. N'este tempo elle se esquecia até de si mesmo, e só se lembrava d'este Deus de amor, a quem tinha e a quem hospedava em seu peito, como mais de vinte vezes aconteceu a Santa Thereza de Jesus. Peçamos, meus irmãos, dizia elle, peçamos ao Senhor, que nos faça humildes de coração. Assim, carissimos ouvintes, é assim

que Benedito brilha em virtudes. Porém que? Isto não basta. Elle sabe depois de S. Jeronimo, sabe, que o mundo está cheio de laços, e laços perniciosos que mão imiga arma e tece. Sabe, que pecca aquelle que não foge do perigo, e que se expõe ao perigo. Sabe, que o christão deve não parar, e que o christão deve aspirar sempre a maior perfeição. Sabe, e quer executar o que sabe, vende pois tudo quanto possue e dá aos pobres. Não escuta os suspiros de seus amigos, não ouve os gemidos de seus parentes, não attende ao pranto de seu pai, não attende ás lagrimas de sua mãi, não attende e caminha... Santo Deus! Deus santo! Para onde caminha este formoso mancebo na flor de seus bellos annos? Já entendo, Senhor, já percebo. Vós o conduzis á deliciosa solidão do ermo e lá fallareis a seu coração com mais energia e com mais aproveitamento, que no barulho do povo, e assim renovareis as bellezas e os encantos da famosa Thebaida. Ermo de S. Domingos, ermo aspero e desabrido, ermo em que habitam feras raivosas, ermo feliz e abençoado, transportate de jubilo e de prazer, bate palmas, canta ao Senhor, teu Deus, canticos novos. Este Moysés, que agora sóbe apressado ao elevado cume de teus montes, fará sobre elle prodigios e maravilhas taes que a sua fama os porá entre o Sinai e Oreb. Benedito, meus irmãos, apartado do barulho do mundo, e encorporado com certos anacoretas, que n'aquelle paiz e n'aquelle deserto viviam debaixo da regra de S. Francisco, meu patriarca, Benedito dobra os rigores com que trata e com que castiga a si mesmo. Dorme sobre a terra, come uma só vez ao dia, usa de uma tunica ou habito que elle mesmo teceu, e que elle mesmo fez de folhas de palmeira, traz cilicios, rasga seu corpo com asperas disciplinas, banha-se no proprio sangue e nas proprias lagrimas. Ora de joelhos, com os olhos levantados ao céo e com os braços estendidos e postos em cruz, a similhança do conductor de Israel, quando o povo de Deus guerreava com o povo de Satanaz.

« Os companheiros se assombram, e os povos circumvisinhos acodem á cova, em que habita o santo ermitão. Muda de habitação, mas debalde; parece, que Santo Antonio não fez em Lisboa mais estrondo, que este santo

monge em Sicilia. Porém isto é nada. As virtudes em que brilham não param aqui; ellas vão muito adiante; este sol não fez ainda o seu meio-dia. O papa Pio IV ordena, que estes heroes do desapego e da mortificação, que estes anacoretas edificantes, que nos montes de S. Domingos professavam o instituto franciscano, ordena e manda, que elles se recolham aos conventos de qualquer ordem approvada pela Sé apostolica.

«Benedito, que estava acostumado a negar a propria vontade, e que estava acostumado a fazer a vontade do superior, na qual elle via e na qual elle adorava a vontade de Deus; Benedito abandona e despreza a ermida em que habita, põe-se a caminho, e afinal chega a cidade de Palermo. Grande Deus! Que é o que vejo! Convento de Santa Maria de Jesus, parabens! Eternos parabens te sejam dados. Chegou o tempo de teu jubilo e do teu prazer! O tempo da tua consolação chegou!...Este preto, este ermitão, este religioso leigo, que bate agora ás tuas portas vai promover e vai adiantar a tua reforma e o teu brilho. Senhores, qual Pedro de Alcantara, tal Benedito se apresenta entre os frades. Francisco, seu pai, é o modelo, que elle apresenta, e a que elle propõe imitar. Posto sempre na presença de Deus, evita tudo quanto é escusado, e faz tudo quanto é preciso. Quando de noite não apparecia o clarão da lua ou estrellas, elle andava ás escuras, porque sua pobreza era tal que não admittia luz na cella ou corredores. E quando foi elevado á prelazia de sua ordem, não era prelado que mandava; era escravo que acarinhava e que attrahia aquelles a quem presidia. Nas jornadas que fazia caminhava a pé e descalço sem provimento e sem viatico, com a cabeça descoberta e com os olhos em terra para não ver objectos perigosos.

«Não sabia ler, e comtudo decidia as duvidas theologicas qual outro Ambrosio de Milão, e qual outro Cyrillo em Alexandria. Conhecia e revelava segredos os mais escondidos; isto com espanto e com admiração de todos. Predizia futuros os mais remotos, e as suas predições se realizavam como as prophecias de Izaias. Fazia prodigios e fazia milagres, como Jesus, seu e nosso libertador. Si elle faz o signal da cruz...oh! Deus!...os cegos cobram

vista, os mudos fallam, os entrevados andam, os enfermos saram, os mortos resuscitam e os demonios fogem. Seu corpo brilha como estrella e arrebata ao ar como Elias.

«Não é debalde, que este corpo sagrado, depois de duzentos annos, ainda existe inteiro, formoso e divinamente cheiroso. Ide, meus irmãos, ide ao convento de Palermo e lá o vereis. Porém que espectaculo se apresenta a meus olhos! Benedito sabe, que está enfermo, e Benedito sabe, que acaba seus bellos e preciosos dias. Todos choram e só elle se põe a rir. Contava 63 annos, quando depois de uma longa e aguda febre que o atacou e que o poz em grandes tormentos, entrando já em agonia e batendo já ás portas da eternidade, repentinamente se levanta da cama, em que jazia enfermo, põe-se de joelhos, cruza as mãos adiante do peito, eleva, como Santo Estevão, os olhos ao céo e diz: Deus e Senhor meu, eis-aqui o preto Benedito. Dai-me a vossa benção, e dai-me o vosso amor. Nas vossas mãos encommendo o meu espirito.» Diz assim, e morre.

«Não, meus irmãos, elle não morre, elle vive, brilha em virtudes, e se faz assás digno da minha e da vossa imitação. Comtudo, isto não obsta; deviam todos chorar uma tal perda... Choraram, e choraram muitos dias. Deviam todas visitar um tal sepulcro... Visitaram, e receberam grandes favores. Deviam todos solemnisar um tal dia....Solemnisaram e ainda solemnisam. Deviam todos...Basta, meus irmãos, si vos não aproveitardes do que tendes ouvido, tambem vos não aproveitareis do que vos resta ouvir. A graça de Deus e a protecção de S. Benedito venha sobre vós e sobre vossos filhos, para que, vivendo como elle viveu, e morrendo como elle morreu, alcanceis o que elle alcançou, a saber: a eterna salvação. Amen.»

XXXIX

Um dos mais assombrosos talentos, que o Brazil teve a fortuna de produzir no seculo XVII, foi sem contestação alguma o do padre-mestre Eusebio de Matos, cujo natalicio teve lugar na provincia da Bahia, ao correr do

anno de 1629. Eusebio de Matos, esse famoso ornamento da companhia de Jesus, que depois o fôra tambem da religião carmelitana, era filho legitimo de Gregorio de Matos e de D. Maria Guerra, honrados lavradores da terra de Catharina Paraguassú. Na idade da razão, Eusebio de Matos deixa o lár paterno, e tomando a roupeta da companhia de Jesus frequenta com notavel aproveitamento as aulas da celebre companhia, que tão assignalados serviços prestou á terra de Santa-Cruz na cathechese e civilisação dos indigenas; acontecimento que teve lugar aos 15 annos de sua idade, e a 24 de Março de 1644.

O joven jesuita, na frequencia das aulas, desabrochou tal intelligencia, que assombrou aos proprios mestres, em cujo numero destacavam-se o vulto grandioso do padre Antonio Vieira, esse oraculo da mais profunda sabedoria, que, encantado dos rapidos progressos que nos estudos fazia o joven Eusebio de Matos d'elle dizia: que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e que não fôra mais por não querer. Cultivador incansavel das letras humanas e das sciencias ecclesiasticas, tornou-se o discipulo em mestre, dictando aos domesticos e catechumenos trez annos philosophia e dez theologia especulativa e moral, deixando tantos mestres quantos foram os discipulos, que frequentaram estas faculdades e ouviram as lições de tão excellente quão consummado theologo e philosopho.

No dia 15 de Agosto de 1664, em que a igreja catholica celebra a festa da Assumpção da Virgem mãi de Deus, Eusebio de Matos fez a profissão solemne dos quatro votos, e continuou a transmittir seus profundos e raros conhecimentos aos discipulos da companhia de Jesus, até que em 1677, despindo a roupeta do grande Santo Ignacio de Loyola, fundador dos jesuitas, por causas que seus biographos occultaram ou desconheceram, e tomando e escapulario e a tunica da Virgem santissima do Carmelo, fez-se religioso carmelitano, deixando o appellido de Matos para chamar-se na religião carmelitana frei Eusebio da Soledade. Os jesuitas, saudosos, choraram a perda immensa causada pela separação de tão insigne ornamento do seu collegio; e os carmelitas exultaram de

prazer pela acquisição d'esse prodigio de sabedoria, que vinha honrar as paginas da chronica de sua ordem.

O padre-mestre frei Eusebio da Soledade continuou a reger a cadeira de philosophia e theologia moral, e os carmelitas a quem leccionava foram tornando-se mestres, como fizera com os discipulos dos jesuitas.

O sabio religioso era, além de consummado theologo e philosopho, artista, pintor, poeta, insigne orador sagrado e musico notavel e ainda grande arithmetico, reunindo a todos estes dotes da natureza a qualidade de discreto e jovial na conversação.

Como artista, reunia um apurado gosto em suas obras, reputadas pelos profissionaes mimos da arte; era engenhoso na pintura, primando na delicadeza com que manejava a palheta.

Como poeta vulgar e latino brilhou com aurea por seus versos discretos e elegantes.

Como musico, que se fizera por arte e natureza, compunha letras e executava-as com summa pericia em qualquer instrumento.

Como arithmetico era sempre indigitado para arbitro das mais importantes operações, e finalmente, como orador sagrado, fôra interprete fiel das doutrinas dos grandes astros da igreja catholica e um verdadeiro gigante no pulpito.

A' companhia de Jesus cabe a gloria de haver adquirido e cultivado aquelle talento raro, transformando-o de discipulo em mestre; trinta e tres annos ali viveu honrando a roupeta do jesuita. A religião carmelitana cita com ufania seu nome como um de seus dignos ornamentos; 15 annos ali viveu elle de 1677 a 1692, porque n'esse anno, em que contava 63 de idade, entregou a alma ao Creador, sepultando-se no claustro de seu convento do Carmo da cidade da Bahia. A memoria de frei Eusebio de Matos ou de frei Eusebio da Soledade não morrerá jamais; seus sermões impressos em Lisboa em 1694 e outros escriptos notaveis, que deixou, são mais que sufficientes para o recommendarem á gratidão da posteridade; e quando isso não bastasse frei Manoel de Sá em sua *Historia dos escriptores portuguezes do Carmelo*, cap. 24

pag. 140, tece-lhe subidos elogios; e o mesmo faz abbade Diogo Barboza Machado no 1° vol. de sua *Bibliotheca Luzitana*, e o Exm. Sr. conselheiro Dr. João Manoel Pereira da Silva tambem d'elle não se esquecera, fazendo honrosa menção em seus *Varões Illustres do Brazil*. O distinto religioso carmelita era irmão do grande poeta satirico Gregorio de Matos Guerra, o qual tambem com suas poezias satiricas immortalisou seu nome.

Transportemo-nos agora á capital da heroica provincia da Bahia, e entremos no convento dos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, para ouvirmos orar ao padre-mestre frei Eusebio da Soledade, esse astro luminoso da tribuna sagrada. O anno é o de 1689, a festa a que vamos assistir é a da Soledade da Virgem santissima; o vasto templo dos carmelitas da capital da Bahia está literalmente cheio de povo; o orador começa o seu discurso tomando por thema as palavras dos Threnos, cap. I: « *Quomodo sedet sola? Facta est sub tributo domina gentium, et lacrimæ ejus in maxillis ejus.* »

« Assim com estas palavras lamentára o propheta Jeremias o triste estado da cidade de Jerusalém entre as ruinas de sua destruição, e com estas mesmas palavras quizera eu ponderar a dor e os sentimentos da Virgem santissima entre as lagrimas de sua soledade: bem sei o excesso que vai de Maria solitaria a Jerusalém destruida; mas bem sabem todos, que de ordinario se costumam explicar as dores de Maria pelas magoas de Jerusalem; pelo que com estas palavras nos explicaremos hoje, não só por que ha grande parte de similhança entre Jerusalém destruida na morte de seu amado Jozias, e entre Maria solitaria na morte de seu querido Jesus, sinão especialmente, porque posto que o propheta no sentido literal descrevia a destruição de Jerusalém, bem sabido é, que debaixo d'esta figura prophetisava misteriosamente a dor e a soledade da mãi de Deus; porém como me será possivel explicar esta dor e esta soledade? explicar aquella dôr, cujo encarecimento consiste em se não saber explicar; reduzir a vulgaridades da lingua a grandeza d'aquella magoa, que a Senhora fiou só dos segredos de seu coração, como me será possivel? Até agora imaginava

eu, que profanar com vozes o silencio d'esta soledade era acção facil, agora me persuado, que é tambem empreza impossivel; porque como é possivel, que cheguem as nossas vozes a explicar a dôr, que nossos discursos nunca chegarão a comprehender?

« O mesmo propheta Jeremias empenhado em declarar ao mundo o tormento d'esta soledade, pegando na penna com que havia de escrever este tormento, e olhando para a Senhora, que queria descrever, entre o horror e a lastima, ou de compadecido ou de assombrado, rompeu n'esta admiração: *Quomodo sedet sola*? Que só e que solitaria está! Pois de que modo está solitaria? Não é este o ponto para se referir, só é materia para se admirar: *Quomodo sedet sola*? E na verdade, si a mesma Senhora em sua soledade não póde explicar sua dor sinão só com o pranto e com o silencio, bem visto está, que com muito maior razão só com pasmos e admirações podemos explicar o tormento de sua soledade; porque caber na breve esphera de um coração lastimado todo o peso e toda a immensidade de tão desigual tormento, este lastimoso assumpto não é materia, que se haja de reduzir aos estilos da eloquencia, quando muito sómente se poderá fiar aos horrores da admiração; por isso o propheta vendo a Senhora em sua soledade, em vez de a descrever tratou sómente de admirar: *Quomodo sedet sola*?

« Mas todavia, posto que o propheta não descrevesse a soledade da Senhora pelo que era em si, descreveu comtudo a principal consequencia e effeito da soledade; e qual foi esta consequencia? O mesmo propheta a declarou; disse, que em sua soledade ficára a Senhora tributaria, pagando o tributo ao mar de seu amargo pranto: *Facta est sub tributo domina gentium, et lacrimæ ejus in maxillis ejus.*

« Com razão deu o propheta ao rigor d'este tormento este nome do tributo, porque tributo é um tormento composto de dor e de dispendio, é um tormento que, obrigando a despender, dá muito que sentir, e como a Senhora em sua soledade teve tanto que sentir e tanto que despender, como o seu tormento se compunha da dor de sua soledade: *Quomodo sedet sola*? e do que despendeu

de suas lagrimas : *Et lacrimæ ejus in maxillis ejus*, com razão deu o propheta o nome de tributo ao rigor de seu tormento : *Facta est sub tributo domina gentium* : Esta foi a principal consequencia da soledade da Senhora, como nos refere o propheta Jeremias, ficar a Senhora em sua soledade tributaria de sua dor, e aqui se vê, que a consequencia, sim, descreveu-a, porém a soledade admirou-a ; porque entendeu-a judiciosamente, que o tormento da soledade da Senhora era só assumpto para se admirar. *Quomodo sedet sola?* etc., que só os effeitos d'ella era materia para se dizer: *Facta est sub tributo domina gentium* ; *et lacrimæ ejus in maxillis ejus*. Segundo pois este mesmo estilo fique a Senhora, emquanto solitaria, para emprego de vossos assombros, e sómente emquanto tributaria seja o assumpto de nossos discursos.

« Grande e lastimoso assumpto ! E verdadeiramente, si tivessemos de ponderar a natureza d'este tributo, que a Senhora pagou em sua soledade, veriamos, que este foi de todos os tributos o mais tirannico e o mais custoso ; o mais tirannico, porque o paga sómente uma afflictissima mãi, sendo ella a senhora de todo o mundo, sem que a pudessem libertar das pensões de tributaria nem ainda as soberanias de Senhora : *Facta est sub tributo domina gentium :* ó mais custoso, porque é tributo, que se paga com lagrimas, que nas faces da Senhora não só foram de derretida prata, mas ou desatadas perolas ou successivos diamantes : *Et lacrimæ ejus in maxillis ejus*. Porém nem hade ser o meu cuidado ponderar o preço, nem ainda a tirannia d'este tributo, que hoje se paga n'esta soledade; todo o meu cuidado será sómente saber hoje, que não paga este tributo.

« Bem sei, que a alma da santissima Senhora foi a que n'esta sua soledade ficou só a tributaria de sua dor, porém uma alma tem diversas faculdades e operações ; uma alma vê com os olhos, discorre com o entendimento, e ama com o coração ; pois qual d'estas faculdades da alma, qual d'estas foi a que pagou este tributo ? Os olhos, porque não viram Christo, o entendimento pelo que discorria ou o coração pelo que amava? Fundemos no thema este reparo. O mesmo propheta Jeremias, para nos propôr a Senhora

como tributaria, representou-a debaixo da metaphora de uma cidade: *Quomodo sedet sola? Civitas plena populo?* Uma cidade é uma republica composta de diversos estados ecclesiasticos, nobreza e povo: d'estes trez estados de uma republica um sómente paga os tributos, e ficam izentos os demais estados; pois da mesma sorte n'esta solitaria Jerusalém celeste nem todos os estados devem pagar tributo; pois qual o deve pagar os olhos, o coração ou o entendimento?

« O entendimento representa o estado ecclesiastico por mais espiritual, por mais sublime e por mais acertado; o coração representa a nobreza, ou porque a nobreza é o coração do povo, ou porque o sangue mais clarificado reside no coração; os olhos representam o povo, ou por mais occupados, ou por mais vulgares, ou tambem por mais chorosos; pois qual d'estas faculdades da alma santissima da Senhora (torno a perguntar), qual d'estas foi a que principalmente pagou as pensões d'este tributo? Os olhos, o entendimento, ou o coração? Dias ha que trago esta duvida commigo; hoje havemos de ver si a podemos averiguar. Primeiramente parece, que a parte principal, que n'esta triste soledade pagou o tributo ao sentimento, foi sem duvida o coração da Senhora; porque quem duvida, que, sendo ella a parte mais amorosa, seria tambem a porção mais magoada? Na imposição do tributo das saudades observa-se mui differente estilo, que nos outros ordinarios tributos: aos outros tributos sempre paga mais quem mais ama; e como nas leis da natureza o coração é a parte que ama, bem claro fica, que no tributo das saudades quem mais o paga é sempre o coração; e verdadeimente que sendo o coração da Senhora sobre tão amoroso tão amante d'aquelle seu tão prezado filho, que duvida faz, que por sua ausencia a parte mais saudosa, mais sentida e mais magoada havia sempre de ser aquelle amorosissimo coração?

« Já disse o Espirito Santo pelo propheta Ozéas, que havia de fallar ao coração da Senhora quanto estivesse em sua soledade: *Ducam eam in solitudinem et ibi loquare ad cor ejus*. Dois reparos faço aqui: 1°, porque havia o Espirito Santo de assistir á Senhora em sua soledade? 2°,

porque meios assistio e fallou ao coração da Senhora? Quanto ao primeiro responde S. Anselmo, que foi necessario ao Espirito Santo com sua especial assistencia acompanhar a Senhora em sua soledade, porque de outra sorte não era moralmente possivel, que tivesse a Senhora nem alento para tanto dôr, nem vida para tanto sentimento: «*Non crediderim te potuisse tal cruciatus sustinere, quia vitam amitteris, nisi ipse spiritus vitæ, et spiritus consolationes te confortaret et consolaretur*. D'aqui fica já facil a resposta ao segundo reparo.

« Digo pois, que na soledade da Senhora lhe assistio o Espirito Santo mais especialmente ao coração, porque sendo o Espirito consolador e assistindo a Senhora em sua soledade, para de algum modo a alliviar em suas penas, necessariamente havia de assistir com o allivio e consolar aquella parte que estivesse mais affligida e que se achasse mais necessitada; pois porque verdadeiramente o coração da Senhora foi a parte mais anciada e mais affligida em sua soledade, e porque todo o vigor da soledade carregou mais especialmente sobre aquelle affligidissimo coração, por isso justissimamente a parte mais affligida e mais animada pelo Espirito Santo foi o coração da Senhora: *Ducam eam in solitudinem et ibi loquare ad cor ejus*. Mas si o coração da Senhora, para attenuar seu tormento, necessitou a especial assistencia do Espirito Santo, que cruel seria a dor, que rigoroso seria o tormento que padeceu e sentio aquelle saudoso coração? A mesma Senhora revelou á Santa Brigida, que fôra tão cruel o tormento que seu coração chegou a padecer, que esteve quasi a ponto de estalar, e parece, que se lhe queria dividir: *Cor meum quasi scindebatur præ tristitia*. Notavel agonia do coração! Ora, que razão haveria para que um coração se quizesse dividir, estando tão ancioso de padecer?

« Parece primeiramente, que foi força de emulação. Estava o cadaver santissimo de Christo depositado no coração da terra, podendo estar mais dignamente recolhido no coração da Senhora: *Sic erit Filius hominis in corde terræ*. E vendo o coração da Senhora a dita e a felicidade do coração da terra sagradamente invejoso como arrebentando de dor, ou pretendia rasgar-se, preparando lugar onde o

mesmo Senhor se recolhesse, ou dezejava partir-se, abrindo porta por onde sua dor se manifestasse, poderemos tambem dizer, que se quiz dividir o coração por força da saudade, a saudade pedia que o coração se arrancasse do peito da Senhora e fosse a sepultar-se no mesmo tumulo da Senhora; porém, pedia a razão que em occasião de tanta dor, onde a Senhora tinha tanto que chorar, lhe assistisse o coração para lhe ajudar a sentir; pois para que lhe não faltasse nem a fôrça da saudade, nem a obrigação do sentimento, pretendia dividir-se em duas partes o coração, para que assim uma parte fosse assistir ao Senhor em sua sepultura, e outra parte ficasse sentindo com a Senhora em sua soledade: porém a mais fundada razão, porque se quiz dividir o coração da Senhora, cuido eu, que foi por força de sentimento; assim o colho das palavras da mesma Senhora: *Quasi scindebatur præ tristitia*. Ora notem: ajuntaram-se n'aquelle coração por affecto todos os tormentos, todas as dores e todos os martirios que Christo padeceu em realidade; alli sè ajuntaram a cruz, a columna, a lança, a esponja, os cravos, os espinhos, os açoites, as paixões, finalmente todos os crueis instrumentos da paixão sacratissima de Christo: sobre estes tormentos de Christo se accumularam alli tambem, n'aquelle coração, os sentimentos e os martyrios da mesma Senhora; alli se juntaram as ancias, as angustias, as tristezas, as saudades, a pena, a magua, a dor, a commiseração, e finalmente os sentimentos todos que padeceu a Senhora em sua soledade; todos estes tormentos juntos, estes martyrios todos opprimiam e occupavam tão violentamente aquelle affligidissimo coração, que, não cabendo tanta dor em tão breve esphera, quiz o coração arrebentar de dor, ou por não sentir seus tormentos tão inteiro, ou para dilatar os espaços onde coubessem todos os tormentos: *Quasi scindebatur præ tristitia.*

« Esta foi a rigorosa oppressão, este o lastimoso estado em que se vio o coração da Senhora, e sendo assim tão cruel, que muito que diga eu, que o coração da Senhora foi a parte que n'esta soledade pagou maior tributo ao sentimento? que muito? quando o Espirito Santo, como quem bem conhecia, que o coração era o mais angustiado

assistio mais principalmente a tão angustiado coração? *Ducam eam in solitudinem et ibi loquare ad cor ejus.* Sendo pois o coração da Senhora n'esta soledade triste, a parte mais sentida e a mais magoada, necessariamente havemos de dizer, pelo mesmo conseguinte, que a parte mais executada pelo tributo das lagrimas foi tambem o mesmo coração, porque, sendo o coração da Senhora a parte mais carregada de dores e de pezares, que tinha que ver que elle era o que devia chorar? As saudades que sentia a Senhora em sua soledade, ou por sua grande dor, eram enfermidades que padecia, ou por sua muita oppressão, era peso que carregava; pois si o coração padecia principalmente todo o mal, e carregava todo o peso, bem visto está, que, em razão do mal que padecia, elle havia de ser quem pelos olhos se havia sangrar; e que em razão do peso que carregava elle era quem devia suar pelos olhos. São as lagrimas na hora da ausencia ou correios da alma, que costuma enviar o sentimento, ou fiadores do sentimento, que costumam abonar uma alma; pois si o coração da Senhora era a parte mais quebrada, que duvida que só o coração era obrigado a dar aquelles fiadores de sentimento? E si o coração era a parte mais saudosa, quem duvida, que aquelles correios da alma só os devia mandar o coração? Todos os devotos contemplativos d'este doloroso misterio dizem, que a soledade da Senhora se representou n'aquella lança, que ferio o lado de Christo no Calvario; com razão: porque assim como aquella lança foi ferir o coração de Christo, assim tambem a soledade da Senhora a parte que mais lhe magoou, já vimos, que foi o coração. Mas reparo, que o coração de Christo lança sangue e juntamente agua: *Exivit sanguis et aqua*: e que misterio tem lançar agua além do sangue? Um coração póde lançar sangue, pois logo como lançou sangue tambem lança agua? Direi, lançava sangue pelo que era, lançava agua pelo que representava: era o coração de Christo ferido na cruz e como tal lançára sangue, representava o coração de Maria traspassado na soledade e como tal lançava agua; para que assim se entendesse, que as lagrimas que chorou Maria em sua soledade eram sim distilladas pelos olhos, mas eram bem nascidas

do coração, ou para que assim se entendesse, que o tributo de suas lagrimas que pagou em sua soledade foi o mesmo coração distillado em lagrimas: *Lancea latus ejus aperuit, et exivit aqua*.

« Algum dia, me lembra a mim, que comparava eu n'este mesmo dia as lagrimas da Senhora aos quatro rios do Paraiso, e agora me persuado, que as comparava bem; porque aquelles quatro rios, diz o texto, que nasciam do meio do Paraizo: *de medio Paradisi*: translada o *Abrilense* « de corde Paradisi: quer dizer que nasciam todos do coração do Paraiso, e que bem nasciam; porque como aquelles tão celebrados rios represetavam por aquelle deserto as lagrimas da Senhora em sua soledade, para que se vissem que eram bem nascidas do coração as lagrimas da Senhora, claro está, que todos aquelles rios haviam de nascer de um coração: *de corde Paradisi*. A dôr da soledade, sabem todos, que era um mar de amarguras, que fluctuava no coração da Senhora: *Magna est enim velut mare contritio tua*. As lagrimas eram os rios, que nasciam d'este mar; e por isso, porque lá andava tão tormentoso o mar, appareciam cá tão caudalosos os rios; pois si o mar da soledade estava no coração da Senhora, e si as lagrimas eram os rios, que nasciam d'aquelle mar, bem se segue, que lá do coração nasciam as lagrimas, e fique logo por conclusão d'este discurso, que a parte mais opprimida da pensão das saudades, e a parte mais executada pelo tributo das lagrimas foi sem duvida o coração: *Facta est sub tributo domina gentium*.

« Comtudo eu tenho n'esta materia grande duvida; imagino, que o coracão não foi o principal tributario nem das lagrimas nem das saudades; pois logo quem? Entendo, que o entendimento; porque quem nasceu para mais entender, quem duvida, que o foi para mais sentir? Houve de encarnar uma das trez divinas pessoas, e é commun reparo, porque encarnam o Verbo Divino, porém quem sinão elle havia de encarnar? Deus encarnára para padecer pelos homens, e como Verbo Divino é a mesma intellecção de Deus, a quem sinão a elle devia tocar o padecer? Não nego, que tambem costuma sentir o coração, porém o coração não póde sentir sinão a dôr material, e como todas as

razões de sentimento, que padeceu a Senhora em sua soledade, tocavam só á parte intelligivel, segue-se, que sobre o entendimento carregou toda a dôr da soledade; e sinão pergunto: Quaes foram os tormentos, que padeceu a Senhora? Primeiramente padeceu a dôr de suas saudades; e saudades que vem a ser? Saudades são aquellas amorosas lembranças que ficam de um bem ausente; são aquellas tristes memorias que se conservam de um bem perdido; pois si as saudades são lembranças, si as saudades são memorias, e as lembranças operações do entendimento, a quem sinão ao entendimento toca o padecer saudades? Logo, si o tributo, que pagou a Senhora n'esta rigorosa ausencia, foram as saudades de seu amado Jesus, bem se segue, que seu entendimento foi quem principalmente pagou este tributo. Descreve S. João no seu Apocalypse a soledade d'esta Senhora, e diz, que lhe deram umas azas de aguia para assistir em sua soledade: *Raptus est filius ejus et datæ sunt mulieri alæ aquilæ magnæ, et mulier fugit in solitudinem.* Reparava aqui porque razão havia a Senhora em sua soledade tomar azas de aguia; que fosse aguia a Senhora em quanto fosse vivo o divino Sol de justiça bem está; mas depois de defunto o Sol? Ao Sol costumam as aguias beber-lhes os resplendores; porém contemplar-lhes os paroxismos? Si quiz vestir-se de azas para carregar-se de pennas, não tomaria com mais propriedade ou azas de pomba como mais saudosa, ou azas de phœnix como mais solitaria? Pois logo porque azas de aguia? Porque as aguias são o symbolo dos entendidos e como pelos discursos se apuram os sentimentos, para que entendessemos nós, que a Senhora padeceu em sua soledade com todos os sentimentos de entendida, ou que só emquanto entendida padeceu, por isso em sua soledade a representou S. João com azas e com vôos de aguia: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, et mulier fugit in solitudinem?!...* ».

. . . . . .

O talentoso orador continua a demonstrar, com argumentos baseados nas doutrinas dos prophetas e dos evangelistas, em como no entendimento está a soledade da Virgem, até que passa a mostrar, que nem no coração e

nem no entendimento elle está e sim nos olhos. Em outro topico diz o orador:

« Comtudo ainda esta resolução tem sua duvida, ainda me persuado, que não foi o entendimento o principal tributario nem das penas, nem das lagrimas; pois, logo, qual havemos de dizer, que foi o principal tributario? Si ao povo sómente costumam abranger os tributos, e si os olhos, como diziamos, representam o povo, que tinha que ver, que este tributo só o havia de pagar os olhos? Porém como este sentimento será talvez sem razão, busquemos nova razão, que nos sirva de melhor fundamento. Argumento assim: toda a pena, toda a dôr, todo o tormento, que n'este seu retiro padeceu a Senhora, foi a ausencia e a soledade do Senhor; esta soledade não a padeceu o coração, esta soledade não a padeceu o entendimento, só os olhos padeceram esta soledade; logo, esta pena só a pagaram os olhos.

« A primeira vista parecerá a proposição, que digo menos verdadeira, mas eu a mostro a olhos vistos, e provo d'esta sorte estar em soledade e estar em ausencia; logo, quem tem a Christo presente não está em soledade de Christo; o entendimento da Senhora tinha a Christo mui presente por lembrança, o coração da Senhora tinha a Christo mui presente por amor; porque posto que Christo estava sepultado, estava comtudo mui impresso n'aquelle entendimento e mui dentro d'aquelle coração; logo, nem o coração nem o entendimento estavam em soledade de Christo, só aos olhos da Senhora faltava Christo de todo com sua presença, só os olhos estavam totalmente em ausencia e soledade de Christo; logo, só os olhos padeciam rigorosamente toda a soledade. Não deixo de conhecer, que foi grande o sentimento do coração, e que foi grande a pena do entendimento, porém digo, que a pena do entendimento e o sentimento do coração não foi, porque a soledade a padecessem elles, sinão por acompanharem aos olhos na dôr de sua soledade; assim o disse profundamente David: *Conturbatum est cor meum, dereliquit me virtus mea et lumen oculorum et ipsum non est mecum*. Singulares palavras! De sorte que faltando a luz e estando a Senhora em ausencia do Sol,

et ipsum non est mecum; o coração, não ha duvida, que ficou turbado; *conturbatum est cor meum*; o entendimento, é verdade que ficou desfallecido: *dereliquit me virtus mea*; mas isso não porque se ausentasse a luz, nem da presença do entendimento, nem da presença do coração, sinão porque a seus olhos lhe faltava a luz ou porque se lhe ausentasse a luz de seus olhos: *et lumen oculorum meorum et ipsum non est mecum*. Logo, com razão dizia eu, que, posto que n'esta soledade o coração e o entendimento acompanharam aos olhos na sua dôr, comtudo, sómente os olhos padeceram em si toda a dôr da soledade. N'esta mesma conformidade havemos de dizer, que assim como é certo, que os olhos sómente padeceram o tormento da soledade, assim tambem é certo, que só os olhos pagaram o tributo das lagrimas; e a razão é, não só porque as lagrimas são o thesouro dos olhos, sinão porque quem havia de pagar o tributo sinão quem era o devedor do sentimento? Pois como só os olhos padeciam a ausencia, quem devia as lagrimas sinão sómente os olhos? Notavel misterio foi, que derramando a Senhora tantas lagrimas em sua soledade: *et lacrimæ ejus in maxillis ejus*, que ao pé da cruz não derramasse uma só lagrima: *stabat juxta crucem*. Assim explica Santo Ambrosio a energia d'estas palavras: *Stantem lego, flentem non lego*; pois si tanto chora na cruz de sua soledade, porque não chora tambem ao pé da cruz! Para darmos resposta a este reparo nas lagrimas da Senhora, façamos este reparo mesmo nas lagrimas de Magdalena. Sendo Magdalena tão amante de Christo, não consta do Evangelho, que chorasse no Calvario; só nos consta, que derramou muitas lagrimas junto ao sepulcro: *Stabat ad monumentum foris plorans*; pois si tanto chora junto ao sepulcro, porque não chora tambem ao pé da cruz, ou já que não chorou ao pé da cruz, porque chora tanto no sepulcro? A razão é porque na cruz ainda via a seu mestre e a seu Senhor, e no sepulcro já o não via; bem é de crer, que á vista d'aquelle tão lastimoso espectaculo teria o coração mui magoado, e o entendimento mui sentido; porém ainda que o vêl-o era seu tormento, o vêl-o era seu allivio; e por isso, emquanto os olhos tinham

que vêr, não tinham ainda tanto que chorar; mas tanto que o Senhor se lhe occultou aos olhos em uma sepultura, tanto que seus olhos chegaram a não vêr o seu Senhor, claro está, que já então como os olhos padeciam, já então deviam lagrimas os olhos. Não é o pensamento menos que de S. Agostinho: *Oculi qui Dominum quæsierunt, et non invenerunt, jam lacrimis vocabant, plus dolentes quod fuerat de monumento sublatus, quam quod fuerat in ligno occisus*. Passando pois das lagrimas de uma Maria para as lagrimas de outra, passando das lagrimas de Maria Magdalena para as lagrimas de Maria Santissima, respondo da mesma sorte, e digo, que na cruz não chorou a Senhora, porque ainda os olhos tinham presente o Senhor, e chorou na soledade, porque já tinha o Senhor ausente de seus olhos; pois si até os proprios olhos de quem são proprias as lagrimas, si até elles não choraram, sinão depois que não viram, sendo certo que sempre a Senhora teve mui presente a Christo nos affectos de seu coração e nas lembranças do seu entendimento; e sendo certo outrosim que só aos olhos faltou a presença de Christo, que havemos de dizer, sinão que as lagrimas, que corriam por esta soledade, eram só o tributo que pagavam os olhos? Que havemos de dizer sinão que n'esta ausencia de Christo só os olhos pagaram tributo de seu amargo pranto, porque só os olhos padeceram a dôr de sua rigorosa soledade? E' toda a razão de suas lagrimas, que deu a mesma Senhora pelo propheta Jeremias: *Idcirco ego ploram, et oculus meus deducens aquas, quia longe factus es a me qui consolabatur me.*

« Por ultima confirmação: já sabem todos, que a arca do testamento foi expressa figura da Virgem Santissima, n'aquella occasião prodigiosa em que a arca do testamento atravessou no deserto as aguas do Jordão, entendo eu, que mais especialmente representára a Senhora entre as aguas de seu pranto, no deserto de sua soledade; por que assim como as lagrimas da Senhora iam todas dirigidas ao seu morto e sepultado Jesus, assim tambem as aguas do Jordão corriam a sepultar-se no Mar-Morto; e assim como as lagrimas da Senhora formavam na sua soledade um dilatado mar, assim tambem

as aguas do Jordão correram ao mar, que chamaram da Soledade. »

Assim continúa o orador, de argumento em argumento, até que eloquentemente demonstra, que nos olhos e lagrimas existe a soledade da Virgem, assim concluindo:

Oh! meu dulcissimo Jesus! Oh! meu Deus da minha alma! meu Senhor do meu coração! Oh! quem sempre vos amára, quem nunca vos offendera, meu Deus e Senhor! Mas já que tanto vos offendemos, não possam mais nossas offensas que vossas misericordias! Perdoai-nos, Senhor, o que somos por quem vós sois! Perdoai-nos por este sangue, por estas chagas, por estas feridas, pelos tormentos todos de vossa paixão sacratissima, e o que mais vos moverá, pelas lagrimas e soledade de vossa santissima mãi, para que assim, alcançando vossa divina misericordia, mereçamos a graça e depois a gloria. Amen.»

A' vista da magnifica epopéa da soledade da santissima Virgem de Nazareth, traçada com os primores da eloquencia, adornada com as galas da elocução pelo famoso panegyrista do bispo da Bahia, D. Estevão dos Santos, haverá ainda quem hesitar possa em affirmar de que o Brazil não tem que invejar as glorias dos oradores sagrados da França? Bossuet, esse digno ornamento do clero francez, esse astro brilhante do pulpito de Pariz, com os arroubos de sua eloquencia, seria capaz de tecer melhor uma epopéa á soledade da Virgem mãi de Jesus Christo? Certamente que não! A lingua de Corneille, de Racine, de Boileau e Lamartine terá mais seducções, mais harmonias do que a de Camões, de Garret, de Castello Branco e de Herculano?

Não!! trez vezes não!! A altiva aguia de Meaux, o famigerado autor da grandiosa historia ecclesiastica, que do alto do pulpito fascinava com o magico poderio de suas palavras facundas e seductoras a magestade real de sua terra, * Bossuet, não excederia certamente, e sim igualaria a frei Euzebio da Soledade. E si o digno filho

* Luiz XIV, rei de França.

do Carmelo brazileiro, que apenas teve os estreitos limites de sua cella, tivesse para cultivar seu entendimento os vastos horisontes, que teve o sabio bispo de Meaux, tornar-se-ia certamente, na extensão mais lata da palavra, um genio, que honraria, como honra, com as glorias de seu nome, a terra donataria de Francisco Pereira Coutinho, a cidade de Thomé de Souza, essa Athenas brazileira, cujas auras embalaram o berço de seu nascimento, em cuja terra dormem o somno eterno da morte seus restos mortaes, junto aos de seus pais, seus mestres e seus companheiros de glorias, até que raie a aurora do dia do juizo final.

INDICAÇÕES

SOBRE A

ISTORIA NACIONAL

POR

Tristão de Alencar Araripe

Socio do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro*

§ 1. *Utilidade da istoria*

A patria não é um nome vão; antes é objéto do amor de seos filhos; e os povos têem feito d'ela culto de seos nobres sentimentos; ninguem deixa de interessar-se pelo torrão natal. Dahi procede, que apenas entramos no movimento social, e tomamos parte na vida civica, olhamos em torno de nós, e vendo o sólo, em que pizamos, e em que nos agitamos com os nossos concidadãos, logo um dos primeiros sentimentos despertados em nós é o de querermos saber o que foi essa região, onde nos axamos, e porque modo xegou á prezente situação.

E quem póde satisfazer a nossa justa e conveniente interrogação? Somente a istoria o pode fazer; somente ela nos póde dizer quaes os elementos concurrentes para o prezente estado de nossa patria, quaes as senas ahi passadas, e qual a expansão dos sentimentos dominantes e produtores dos bens e males existentes.

---

* Vae conforme o original, como recomenda o autor

N. da R.

So o passado explica o prezente, e esclarece o futuro, diz Frederico Ancilon, notavel autor do «Quadro das revoluções do sistema politico da Europa». E na verdade si não tivermos a narração sincera dos acontecimentos e fatos sociaes da nossa patria, como explicaremos o que ela é, e o que póde vir a ser? Podemos ser indiferentes á condição prezente e futura da terra, em que nascemos e perzistimos com todas as emoções e conveniencias da vida? Certamente não.

Para que porém a istoria satisfaça os seos verdadeiros intuitos cumpre, que ela se escreva com criterio, apontando os fatos em relação aos sentimentos moraes, ás paixões, ás maravilhas da industria, á cultura da inteligencia, e a tudo quanto nos instrue acerca do proveito das grandes ações de patriotismo, e nos adverte contra os perigos dos erros politicos e das ambições malsofridas.

As siencias, o comercio, a industria, e a politica deverão ser na istoria reprezentadas em sua eficiencia com os fatos, em que primaram e se desinvolveram; dando-nos a conhecer o benefico influxo das virtudes sociaes, e a repulsa merecida pelo vicio depravador do omem social. A istoria no desempenho de tão nobre missão é evidentemente util e indispensavel ao desinvolvimento de um povo, que sem a sua propria istoria e a das outras nações seria um ente izolado no globo terrraqueo e destituido dos estimulos de grandeza social.

A istoria patria dará idéa de nós entre os demais povos da terra, e mostrará o contingente, com que contribuimos para o bem da comunhão umana; e embora sejamos novos no meio das nações do velho mundo, já podemos alegar com vangloria, que somos cooperadores uteis na regeneração e no melhoramento dos destinos sociaes.

§ 2. *Necessidade da instrução*

A istoria será tanto mais digna e grandioza quanto ela tiver por objéto um povo esclarecido pela instrução em todos os ramos da umana civilização.

A instrução publica é a baze de todo o desinvolvimento e prosperidade do nosso paiz, assim como o é

tambem de qualquer outro povo. Si porém todos os povos precizam de instruir-se ante o grandiozo espetaculo da civilização, muito mais precizamos nós curar d'este assunto, porque somos um povo novel, que, desprendido recentemente das faxas infantis, agora inceta a sua educação viril.

Começamos ontem a ocupar pozição entre as nações do mundo; já temos 14 milhões de almas espalhadas em vastissimo territorio; mas d'esses 14 milhões de individuos apenas 4 milhões talvez saibam ler e escrever! Estes simples algarismos mostram a magnitude da empreza em prol do ensino popular, e tornam patente o dever, que tem todo o Brazileiro de empenhar-se pelo derramamento das luzes na patria das nossas afeições.

Como poderá o Brazil sem larga instrução publica xegar aos seos destinos pela sensatez da politica, pelo incremento da industria, e pela progressão da riqueza nacional, cujas fontes pujantes e numerozas concitam a nossa atividade?

Um povo, que de si mesmo confia a sua sorte; que em sua mão tem os seos destinos; que dirige pelas inspirações da consiencia nacional os seos atos, esse povo, so instruido e ilustrado, poderá com vantagem figurar no mapa das nações. Sendo assim, é consequente, que todo o esforço empregado na propagação da instrução publica do Brazil será obra meritoria; eu jamais esquivar-me-ei no concurso d'esse grande cometimento.

Não levantam-se os palacios e as altas piramides sem que ahi, ao lado do granito e do marmore polido, coloque-se o diminuto grão de areia, que os cimenta e segura; eu, que não posso polir o marmore nem afeiçoar o granito, trarei o imperceptivel grão de areia para a obra da nossa civilização.

Todas as idéas no mundo passam, completando um ciclo determinado, findo o qual desaparecem para abrir campo a outras, que encerram novos principios, origem de novos bens ao genero umano. Duas idéas porém permanecem no pensamento da umanidade, e são *instrução e justiça*.

Por meio da instrução adquire o omem aquele gráo de aptidão e capacidade necessarias para o preenximento dos seos destinos na Terra; aptidão e capacidade, que tanto mais amplas devem ser quando esse omem é membro de uma sociedade regida por instituições livres, como é o Brazil.

Ao cidadão livre que toma parte nas deliberações publicas, elegendo mandatarios, a quem dá instruções, e de quem exige contas, é indispensavel a instrução, sem a qual nem saberá deliberar, nem conhecer do bom ou máo desempenho da missão d'aqueles a quem se confiam os publicos negocios.

Sem justiça a vida social, ingenita á natureza umana, é impossivel. A justiça nas sociedades umanas é o principio conservador, que as mantem, preservando-as da dissolução que rezultaria da contrariedade das paixões e dos interesses ilegitimos, suscitados pela auzencia do premio e do castigo. Como porém fazer justiça e avaliar d'ela sem instrução? E' tão necessaria a instrução para a existencia e pratica da justiça, que os sagrados livros ensinam-nos como impreterivel a luminoza maxima: *Erudimini, vos qui judicatis Terram.*

A instrução e a justiça pois são duas idéas fundamentaes, que não têm fim restrito, mas sim geral, constituindo condição indispensavel á vida das sociedades umanas.

Um povo na sua maxima parte sem ilustração, nem póde por si praticar a justiça, nem avaliar os atos dos poderes sociaes para os compelir ao exáto cumprimento dos seos deveres. Daqui rezulta grave perigo. Os povos sem luzes, em vez de conterem o poder social por atos de prudencia e sabedoria, quando vitimas de alguma injustiça, irrompem por assomos de irreflexão em lamentaveis catastrofes.

Assim o tempo da justiça nunca passa, nem tambem o da instrução, baze da justiça e do seo aperfeiçoamento. Portanto incumbe-nos como cidadãos brazileiros não poupar esforços para que nos nossos lares americanos a instrução derrame-se, tornando-se universal.

A istoria é um meio instrutivo do povo; a lição dos fastos nacionaes ensina aos cidadãos a eficacia das

maximas politicas, e o esclarece sobre a marxa dos publicos negocios, dando-lhe experiencia e tino preventivo. Convém por tanto sugerir a instrução nacional pelo doutrinamento da istoria.

§ 3. *Modo de escrever a istoria*

Feitas estas considerações falarei sobre o estudo da istoria nacional, considerando o modo por que cumpre escrevel-a; direi o que entendo dever o istoriador brazileiro ter em consideração no desempenho da nobre tarefa de compor a istoria de nossa patria.

Ninguem duvida da utilidade da istoria, a que um ilustre escritor antigo denominou *luz da verdade e mestra da vida*. N'estas palavras está o elogio da istoria, que não constitue uma siencia de mero deleite e recreação, mas uma escola de proveitoza lição para o omem e para a sociedade.

Expondo os acontecimentos que nos precederam, deve o istoriador ter por intuito duas couzas: premiar o merito dos bemfeitores do genero umano, aos quaes a prudencia dos seculos denomina eróes, e excitar novos estimulos de imitação dos grandes modelos de patriotismo, d'esse sentimento sublimado e generozo que dignifica o omem ante a propria consiencia, e infunde-lhe valor para as mais altas emprezas, que pode o cidadão cometer.

Si o istoriador não tiver nos seos intuitos conseguir estes dois fins supremos da lição da istoria, não compreenderá por certo o destino da mesma istoria, nem poderá portanto ser o seo fiel interprete.

O escritor brazileiro pois, que pretender escrever a istoria da nossa patria, terá em consideração dezenhar a figura respeitavel dos nossos omens benemeritos, de maneira que excitem em nossos corações o amor para com as suas venerandas sombras, e persuadam-nos quanto é doce a recompensa da virtude pela gratidão da posteridade. Para isso cumpre examinar com escrupuloza diligencia a verdade, e não desprezar fatos expressivos do caráter do patriota, que consagrou-se ao bem do seo paiz.

Si o pintarmos com perfeição, e si ao retrato dermos os traços carateristicos do verdadeiro eróe, oferecendo á imaginação do leitor as feições intimas da alma do omem egregio, teremos exhibido modelos capazes de excitar os mais santos dezejos de imitação. Quantos feitos generozos, quantos sacrificios uteis tem visto o mundo, nascidos da admiração de nobilissimos exemplos?

Póde o istoriador ser bemfeitor da patria, si souber no manejo da pena escolher assuntos e figurar os grandes moldes, em que deve fundir-se o patriotismo brazileiro.

§ 4. *Diferença da istoria antiga e da istoria moderna*

Escrevendo a istoria nacional, cumpre ao escritor refletir sobre a notavel diferença da istoria antiga e da moderna, em relação á compreensão dos assuntos.

Na istoria antiga o escritor, embora déstro e abilissimo, tinha diante de si idéas menos amplas do que as dominantes atualmente no seio da umanidade; e essa amplidão de idéas está na mesma proporção, em que está o mundo moderno para o mundo antigo. Outr'ora limitava-se o mundo á Europa, Azia e Africa e seos mares ribeirinhos com acanhadas ilhas; oje o mundo abrange essas trez grandes regiões, a vasta America, a remota Australia, as inumeraveis ilhas de todos os mares, e a amplidão quazi incomensuravel do Oceano!

O istoriador antigo possuia os fatos de pequenos povos, baldos de ilustração, si excetuarmos os Gregos e os Romanos; o istoriador moderno tem ante o seo pensamento os sucessos de grandes e ilustradissimas nações guiadas por uma civilização esplendida.

Na Jonia, Grecia e Italia estreitava-se a antiga civilização, que ministrava material para a istoria; a civilização moderna abrange todos os continentes, e já penetra nas apartadas ilhas de Pacifico, rezumidos vestigios da imensa catastrofe dos tempos primitivos. Que diferença na magnitude dos fatos e na vastidão da experiencia!

O omem diante de sucessos grandiozos exalta-se, estende a compreensão do seo pensamento, e vae buscar

na fonte primaria da sabedoria a explicação dos atos umanos, cuja razão se lhe oculta, quando laborioza investigação a não arranca dos intimos recessos do coração. A antiguidade, sem os elementos de critica, e sem a soma de experiencias da idade moderna, restringia a sua istoria ás individualidades ou a certa ordem de fatos mais ou menos memoraveis.

Os istoriadores de então celebravam os individuos pelas proezas belicas, e as guerras pela estenção do orror e do estrago. O estratagema e a felicidade celebrizavam o general; a vastidão dos males dava importancia ás guerras. O espirito moderno não encara a umanidade dentro de tão estreitos limites; ele a quer conhecer em toda a sua plenitude, e para esse fim estuda os fatos de todos os generos e analiza-os por todas as faces.

A istoria antiga reprezenta unicamente o drama de peripecias ruidozas; a istoria moderna narra os feitos dos capitães e dos reis, como narra as ações do operario para exhibir as ações de justiça e onestidade. D'estes contrastes pois nasce a grande diversidade da istoria antiga e da moderna. Em uma descobrimos mais compreensão de assuntos, e maior profundeza de vistas; n'outra maior artificio, e menos atenção ás cauzas providenciaes.

O que notamos com efeito entre a istoria das épocas remotas, e a dos tempos mais recentes? A comparação de uma e outra oferece-nos palpavel contrapozição.

Os istoriadores antigos não escreviam a istoria dos povos, narravam os acontecimentos, de que eram protogonistas os mais notaveis personagens; referiam as lutas entre cidades, dando preferencia aos atos mais estrondozos, porém não aos de maior proveito á umanidade.

A istoria antiga tem os eróes da guerra; o seo Ercules era um semi-deos, porque possuia enorme força muscular, e com a massa abatia a idra de Lerna, assim como trucidava os salteadores, seos emulos ou antogonistas: era a intronização da força material. A istoria moderna tem os eróes da paz, aqueles que no silencio dos gabinetes regem com sabedoria os povos, e aqueles que nos milagres da industria melhoram a condição dos omens, santificando assim os esforços do trabalho e da moral.

Por isso tambem os escritores da antiguidade não escreveram a istoria dos povos, a que pertenciam, com a estensão de vistas que cumpria; escreveram, sim, a istoria de reis e de generaes; expuzeram a cronica de uma ou de outra guerra mais ou menos notavel por seos orrores e estragos. A vida inteira de um povo nenhum d'eles escreveo. N'este ponto temos alcançado incontestavel melhoria sobre a antiguidade.

Si compulsarmos os modernos istoriadores, conheceremos logo esta verdade. A leitura das obras istoricas de Guilherme Robertson, de Frederico Ancilon, de Adolfo Thiers, e do preclaro cidadão americano Jorge Bancroft, dá-nos a medida do modo compreensivo, porque narram os sucessos das épocas, que se propuzeram comemorar.

Verdade é, que duas circunstancias, patentes ao espirito de todos, concorrem para dar essa superioridade generalizadora dos istoriografos modernos sobre os narradores antigos, aos quaes aliás não faltavam talentos e engenho.

§ 5. *Fontes de informação*

Outr'ora as fontes de informação eram escassas. Os atos dos governos de então escondiam-se nas sombras do segredo, e não divulgavam-se pela publicidade dos documentos, e pela discussão d'esses mesmos atos.

Nos dias de oje os governos têem necessidade de justificar-se; tudo ou quazi tudo publicam, e a imprensa vulgariza amplamente todos os fatos da vida social. E' pois facil ao istoriador dos nossos tempos coligir materiaes para fazer completa a istoria.

Além d'isso temos a estatistica, que os antigos ignoravam, porque não faziam do estudo complexo, e confrontação dos fatos sociaes essa nova siencia, que tão luminozos auxilios presta ao istoriador. A boa estatistica é, para assim dizer, a mais completa e perfeita istoria de um paiz; porquanto ela não é sinão a exibição dos fatos rezultantes da atividade de um povo em todas as suas manifestações, sem o enredo do drama, e sem o interesse das reflexões do escritor.

A istoria antiga rezumia-se, como já dicemos, na exaltação do individuo, e na expozição de uma certa ordem de fatos; era, para bem dizer, belicoza e individual: a istoria moderna é ampla, abrange todos os assuntos, e compreende todo o desinvolvimento da vida dos povos.

Os Gregos, por exemplo, encerraram toda a sua istoria nas contendas domesticas, e nas guerras contra os Persas.

Com as primeiras tinham por fim manter as instituições republicanas contra os tiranos internos; com as segundas defendiam a propria existencia contra os agressores esternos. Tudo quanto sahia fóra d'esses dois pontos, os Gregos julgavam indigno da gravidade da istoria. Calaram pois tudo quanto em sua vida como povo não tinha intima relação com estas duas ordens de acontecimentos.

Os Romanos consideravam como fim supremo da sua atividade sustentar o patriciado, e estender as suas conquistas. Só estes dois objêtos constituiram assunto das suas istorias. Daqui nasceo a mingua de noticias, que temos sobre o desinvolvimento interno do povo-rei.

Dominados pela estreiteza d'esses pensamentos, os escritores antigos falsearam a istoria.

Nos prezentes dias existe superabundancia de material e de noticias: o que já constitue dificuldade para a compozição sincera da istoria; porquanto os partidos contrarios, os interesses individuaes em luta empenham-se em divulgar falsos conceitos, a que a imprensa dá curso, e que exigem do escritor muita investigação, muita paciencia e grande imparcialidade e criterio.

As comoções politicas e as especulações financeiras nos tempos atuaes criam falsas noticias, que o telegrafo propaga com a rapidez do raio, dando o caráter de fatos veridicos, que abalam as consiencias, assustam os leitores e trazem muitas vezes a inquietação dos povos. Agora mesmo entre nós a rebeldia nas fronteiras do sul oferece-nos este espetaculo de estrategia partidaria, que cumpre em tempo desfazer.

E' laborioza a empreza para o istoriador; mas por isso mesmo mais meritoria e mais digna de apreço.

Bem vêmos, que os Gregos, escrevendo a sua propria istoria, apenas compuzeram narrações incompletas; só a

parte essencialmente politica e guerreira da sua vida nos é conhecida. As outras partes da istoria do povo grego, debalde buscaremos oje nos monumentos literarios da antiguidade.

Eródoto, Xenofonte, Tucídides, os mais conspicuos e abundantes istoriadores da Grecia, referem as guerras dos Gregos com os Persas, e as lutas intestinas de Atenas com Esparta, e outras cidades competidoras do supremo imperio. O que pertence ás siencias, á industria, ao comercio, aos costumes, e a todos os outros modos, por que manifesta-se a atividade dos povos, de taes materias só acidentalmente falaram. Assim apenas incompletas noções podemos colher sobre a economia publica, e sobre a riqueza particular d'essas famozas republicas da Grecia.

Da vida intelectual dos Gregos ajuizamos por fragmentos dos escritos dos seos sabios filozofos; os istoriadores não nos dão idéa do que era essa vida, aliás tão esplendida e luminoza.

Si recorrermos aos istoriadores romanos, vemos em Tito Livio, o mais completo d'eles, que a istoria do grande imperio sómente pelo lado politico e guerreiro foi encarada. Tam-somente a luta dos plebeos contra os patricios; tam-sómente as invazões e as vitorias de Roma contra os vizinhos nos primeiros tempos, e depois contra os povos mais distantes, merecêram do facundo escritor latino as suas locubrações e vigilias.

Contam-nos esses istoriadores como os patricios rezistiram ás pretenções dos plebeos; como estes pela insistencia, pelo valor e pela força do direito conseguiram assinaladas vitorias; contam-nos como o povo romano, começando com Romulo no Quirinal, roubou as donzelas sabinas, dominou as sete colinas, tomou o paiz dos Volscos, ocupou a Italia toda, e por fim transbordou, indo imperar na Africa, nas Galias e na Azia.

Mas si pretendemos saber quaes os direitos dos patricios, e quaes os dos plebeos; quaes os limites do poder publico, e quaes as regalias do cidadão; si queremos saber como o poder supremo levantava exercitos, creava rendas, e administrava os diversos serviços do estado, ahi começa a escuridão, e nada mais poderemos saber

sinão por inferencia dos rezultados geraes narrados por esses istoriadores.

Pela luta incessante da plébe e da nobreza conjeturamos, que o governo de Roma primitivo era do privilegio; e assim injusto e gerador de contendas interiores; pela grandeza das conquistas avaliamos das forças empregadas na guerra, as quaes se não mantêm sem grandes recursos pecuniarios, e sem administração inteligente e provida.

Nada porem nos é licito especificar, nem determinar a respeito de taes materias.

§ 6. *Missão do istoriador*

O istoriador porém não deve limitar a sua missão dentro de tão acanhada compreensão. É dever seo dar idéa completa e cabal da vida do povo, cuja istoria escreve. Não é só pelo lado politico, que um povo manifesta a sua vitalidade, e que convém estudal-o e conhecêl-o.

Para bem conhecermos um povo, cumpre saber quaes as suas instituições politicas, quaes as suas leis civis, e quaes as suas regras municipaes.

Sem este conhecimento, os fatos se não explicam suficientemente, nem poderemos penetrar a razão de certas revoluções, que na auzencia de informações consideraremos como desatinos populares, quando aliás as leis da nação explicam perfeitamente esses movimentos perturbadores do socego publico.

Nenhuma revolução surge sem cauza poderoza. A analize da istoria ensina-nos esta maxima. Os antigos istoriadores, ou porque não compreendiam bem o caráter da istoria, ou porque eram infensos ao espirito popular, narravam os sucessos, exibiam as catastrofes, e não nos iniciavam no segredo d'elas pela expozição da lei nacional. Assim si eram justificados os governos, o eram á custa e com o sacrificio dos povos.

Quem pois tiver de escrever a istoria da nossa cara patria, o Brazil, muito acautelado deve proceder contra os defeitos apontados.

Não deverá seguir um ou outro ramo sómente da nossa istoria, noticiando apenas as façanhas politicas e belicozas,

aliás as duas faces da istoria mais sedutoras, por isso mesmo que são aquelas em que contemplamos os sucessos mais estrondozos, e com os quaes mais se impressiona a imaginação.

Não é sómente a vida politica dos povos, que reclama a atenção do istoriador; a legislação do paiz com o seo desinvolvimento e progresso; a administração publica com o criterio do seo procedimento; a industria com os seos pacificos cometimentos e espantozo rezultado odierno; a religião com a doutrina santa dos costumes, são outras tantas manifestações da atividade de um povo, que devem ser plenamente conhecidas, para ajuizarmos d'ele e colhermos proficuas lições, conhecidos os fatores de suas grandezas.

Póde um povo ser consumado na arte politica, mas desprezar a justiça, porque não cultiva a religião dos costumes; póde ser audaz e belicozo, mas negligente no trabalho das artes pacificas.

O istoriador, que aprezentar-nos apenas o lado politico e o lado guerreiro do povo, e deixar nas sombras o lado dos costumes e o lado da industria, deixa-nos incompleta a noticia, e força-nos ás probabilidades da conjetura para crer, que esse povo nem curou dos bons costumes, nem onrou o trabalho, quando reprezenta-nos os seos males e a sua precipitada decadencia.

Um encargo importante incumbe ao istoriador brazileiro, qual é mostrar com clareza como operou-se a colonização das nossas terras, indicando porque modo e em que quantidade xegaram os colonos ao Brazil, como e em que proporções se foi realizando a mistiçagem das diversas nacionalidades vindas de fóra com os indigenas americanos, donde rezultou esse tipo, que oje nós aprezenta a população dos nossos sertões com certa originalidade de feições, de indole e de costumes.

Cumpre atender como vem nos tempos prezentes a emigração européa, afim de que no futuro possamos bem descriminar o influxo dos diversos elementos, que vão constituir o mólde definitivo do Brazileiro, o qual rezultará da mescla dos novos colonos com os individuos já formalizados em nossa patria.

Nos tempos passados os elementos principaes da mistiçagem consistiam no indigena brazilico, no colono portuguez e no escravo africano; d'estes trez elementos sahio a massa atual da nossa população, que de todas essas variedades recebeo sangue, idéas, costumes e linguagem, preponderando em maxima parte a natureza e o caráter portuguez, surgindo aliás dos outros elementos laivos mais ou menos perceptiveis. Agora novos elementos se juntam com a introdução do emigrante italiano, alemão, francez, espanhol e de outras nacionalidades européas, devendo brevemente termos de levar em conta os individuos de procedencia aziatica, que já começamos a importar. Do amalga de tantas especies organizar-se-á um povo, cujo caráter, indole e aptidões só no futuro se poderá reconhecer e apurar.

Convem pois verificar a proporção, em que entram para o meio de nós, afim de cotejarmos cada um dos elementos entre si, e distinguir a força e influencia de cada um d'eles na formação embrionaria do tipo e carater nacional rezultante d'essa continuada e sucessiva transformação da natureza pela fuzão de raças diversas.

Esta obra dos tempos será de seleção das raças, e augura-nos bom e favoravel exito para a nossa grandeza, quer no desinvolvimento material, quer no progresso moral.

Si tivermos istoriadores, que conservem os elementos d'essa elaboração, que oje é confuza em seos efeitos, mas que logo será nitida e pozitiva, quando compararmos o prezente com os rezultados vindouros, poderemos então bem apreciar as origens da nossa nacionalidade, e não sucederá o que acontece com as nacionalidades européas atuaes, cujos elementos de formação oriundos d'Azia não são distinguiveis e apreciaveis.

Quem nos poderá dar, por exemplo, os elementos da organização da sociedade elenica, substitutiva dos antigos Lelegas e Pelagios? Faltam esclarecimentos; pois só noções perfunctorias nos deixaram os antigos istoriadores.

As gerações atuaes prezenciam a serie de transformações antropologicas do mundo. Na India os Inglezes colocam os seos compatriotas, e conservam os 300 milhões de Indús para vender-lhes os seos produtos industriaes;

na Australia eliminam os indigenas para os substituir por 4 milhões de subditos britanicos. Na Africa esses mesmos Inglezes submetem os negros da Cafraria e da Zululandia para aproveitar as suas riquezas naturaes. A França toma Argel, domina a Tunizia, busca o Tonkin, e agora mesmo tenta ocupar Madagascar para suprimir os seos abitantes naturaes, os vigorozos Ovas. A Alemanha penetra no interior e no oriente da Africa para colonizar terrenos incultos. Portugal desde muito senhorêa grandes estensões de costas africanas. Em tudo isso opera-se a transformação das cinco principaes raças umanas por via da colonização.

As colonizações assimilham-se aos rios confluentes, que entram na corrente principal, misturam as suas aguas, sem que depois possamos bem distinguir as aguas de uma e outra procedencia; e si não conhecermos os rios confluentes, não atinaremos com as variedades de origem.

So na conjunção das aguas, pela diversidade da côr, notamos as diferentes veias, que depois totalmente se confundem e unificam. Tal sucede com as raças umanas, que se misturam; em principio da mistiçagem se distinguem, mas posteriormente desaparece toda a divergencia.

Deve pois o istoriador do Brazil assinalar os elementos de colonização, que recebemos, para no futuro, conhecermos e avaliarmos as origens da nossa nacionalidade ainda em elaboração de forma e de caráter.

§ 7. *Glorificação do patriotismo*

Si o istoriador nacional satisfizer a esse empenho, expondo os fatos da nossa vida social em todas as suas relações, nem por isso lhe não incumbirá atender a outro ponto de mui subida importancia. Será um dos sagrados deveres do istoriador brazileiro aprezentar á veneração dos posteros a memoria dos varões benemeritos, que engrandeceram esta patria com proezas generozas, invenções uteis, e obras excelentes.

A antiguidade oferece-nos n'este ponto insigne modelo de fórma, cujo estudo é digno do escritor sincero. Refiro-me

ás biografias paralélas de Plutarco.* Este biografo dos grandes varões gregos e romanos dá-nos com pincel magistral o retrato de seos eróes por tal fórma delineados, que impossivel é ao leitor não axar ahi uma escola de moral e patriotismo, que ennobrece o coração, e o enxe da inabalavel convicção, de que *patria* é entidade real, a que devemos sacrificios, e não artificioza invenção para egoisticas especulações.

Pinte o istoriador brazileiro os nossos grandes cidadãos, como Plutarco dezenhou os omens celebres da Grecia e Roma, e estou certo, que conseguirá fazer relevantissimo serviço á terra do nosso berço, em prol de quem suscitará patriotas sinceros e verdadeiros.

As nobres inspirações, que a leitura de ações eroicas fomenta, são uma fonte de bem geral; e quem desperta o nobre entuziasmo da virtude, auxilia as mais proficuas emprezas do espirito umano.

Cumpre-nos observar, que o ilustre escritor de Cheronéa, escolhendo os seos eróes, e oferecendo-os á imitação da posteridade, incorreo no erro comun d'esses tempos, em que só se reputavam benemeritos e grandes aqueles cidadãos, que pelas façanhas belicozas ou politicas conseguiam elevar o seo nome acima do vulgo, e dar-lhe fama. Erro é esse fatal, que não deve perdurar na opinião moderna.

Não são eróes somente aqueles a quem as proezas estrondozas deram celebridade, não; tambem o são aqueles que no silencio dos gabinetes descobrem as leis da gravitação; aqueles que nos laboratorios chimicos axam as combinações da materia; aqueles que no assiduo labor da industria inventam os teares, aplicam a força motriz do vapor, e sujeitam a faisca electrica á vontade e ao serviço do omem.

Verdadeiros eróes são esses, pois assinalam-se por façanhas pacificas e proveitozas á umanidade; e sem as devastações da guerra, e sem o sangue das batalhas, e sem

* Traduzi no idioma vernaculo esta obra tão digna de ser conhecida e estudada por sua lição proficua e deleite literario.

as lagrimas dos oprimidos operam uteis reformas, que centuplicam os bens e os gozos da umanidade.

Os antigos escritores imbuidos d'esse erro, e como ministros da injustiça, prodigalizavam em suas obras istoricas elogios a essas individualidades,a quem aliás muitas vezes atribuiam influencia nos publicos negocios superior á importancia real dos seos atos, e deixavam no olvido o merito do sabio e do artista, porque as ações modestas, como o regato que se desliza manso e calmo fertilizando os campos, passavam sem ruido e sem estrondo.

É d'este modo, que vemos os Gregos apregoar virtudes e talentos no seo Alexandre Magno, ficando tudo o mais nas sombras e no esquecimento.

Si Alexandre Magno foi notavel genio da guerra, nem por isso devemos exagerar o merito das suas proezas. Executor d'esse pensamento ostil dos Gregos contra os Persas, dos quaes buscavam vindicta, e contra cujas invazões dezejavam premunir-se, não é um eróe imaculado. O filho de Filipe de Macedonia executou uma empreza ardua e pasmoza, empreza sustentada pelo espirito da nacionalidade elenica; mas não basta isto para o seo completo elogio, e para merecer a verdadeira admiração do mundo.

Balancêemos a gloria do eróe macedonico com os rezultados finaes da sua empreza para avaliarmos do merecimento real d'ela.

Alexandre Magno formou mediocre sequito de soldados, invadio temerariamente a Persia, e aprizionou o seo soberano, em cujos soberbos palacios alojou-se como senhor absoluto de um reino povoadissimo, que absorto o contemplava. O maravilhozo acontecimento pasmou o mundo inteiro, e naturaes eram a admiração e os aplauzos.

O nome do destimido e feliz guerreiro soou em todos os ouvidos; as suas façanhas enxeram todas as cronicas e todas as istorias; e o omem, que do centro da Macedonia transpuzera o Indo, onde só Baco até então tocára, tornou-se o objéto do louvor de todos os istoriadores. O generalissimo dos Gregos foi o *non plus ultra* do eroismo.

Para a sua patria porém quaes foram os próes do grande cometimento? Melhor fôra a obra da paz, si o talento e a prudencia a tivessem dirigido.

Si a Grecia, recuzando entregar-se ao genio belicozo de um omem, rezistisse aos Persas, como até então rezistira; si a Grecia, deixando de consumir na guerra as suas forças e os seos tezouros, os tivesse empregado nas obras da paz, não ouvéra por certo sucumbido, recebendo em pouco tempo o jugo do poder romano.

Mantivessem os Gregos as suas forças vivas, sob o influxo da publica tranquilidade e do trabalho, e podemos assegurar, que nem Paulo Emilio os vencêra em Pidna, nem o consul Tito Flaminino lhes impuzera o jugo no meio das aclamações das assembléas dos jogos istmicos, quando finalmente sucumbia o generozo Filopemen com o onrozissimo titulo do *ultimo dos Gregos*.

O exito final pois da inaudita empreza do guerreiro, que intitulou-se *filho de Jupiter*, foi a ruina e o avassalamento da sua patria.

Nos nossos dias não vimos Napoleão Bonaparte dominar a Europa, elevando o nome francez á mais subida altura, para depois vir a reação contaminar o sólo da França com a invazão dos Cossacos?!

O merito das obras da paz é superior aos rezultados do genio dos combates; por isso não desdenha o filozofo o juizo de um maviozo poeta da nossa formoza lingua, quando, referindo-se ao vencedor de Isso e de Arbélas, dizia:

> Mas esse bom soldado, cujo nome
> Não ha poder algum, que não abata,
> Foi, Marilia, sómente
> Um ditozo pirata,
> Um salteador valente.

Os antigos istoriadores consagraram sempre os encomios aos omens notaveis por façanhas estrondozas, sem criticarem si essas façanhas eram proveitozas á patria, ou si méro rezultado de reprovadas paixões em desproveito da cauza comun. E' assim, que os escritores de Roma exaltaram a Julio Cezar.

De simples cidadão romano elevou-se a ditador para converter-se em opressor do seo paiz. Não duvido, que esse estadista ilustre tivesse na sua vida uma parte realmente glorioza e digna de legitimos aplauzos.

Em Roma pugnou pelo triunfo dos grandes principios das liberdades publicas, opondo rezistencia aos excessos do patriciado. Indo ás Galias preservou a patria de perigozos inimigos, que com assaltos repetidos incomodavam as populações pacificas dos municipios vizinhos, e que por constante rudeza de leis e costumes impediam as relações regulares do comercio em extensas regiões.

Julio Cezar, depois de subjugar os Gaulezes, e cobrir-se com os louros de inumeras vitorias, não quiz continuar no desempenho do serviço da cauza popular; abuzando das forças obtidas em nome da patria, arma-se contra ela, vem á Italia, expele o senado romano, que o espavorido Cneo Pompeo não soube defender, e vae em Farsalia dar o ultimo garrote nas instituições republicanas, que deram grandeza a Roma e esplendor ao nome romano. A patria dos Cincinatos e Fabricios sucumbia para levantar-se o imperio dos Caligulas e Caracalas.

Emquanto Julio Cezar, admiravel talento da guerra e da politica, servio aos interesses da sua patria, foi de certo digno dos elogios da istoria; na parte final das suas façanhas porém não devêra o istoriador prodigalizar-lhe os louvores, com que os seos encomiastas o exaltam.

Si o famozo ditador ao voltar das Galias, suplantando as facções rivaes e a petulancia de corrompidos tribunos, tivesse dado vigor ás leis patrias, por via do restabelecimento da dignidade do senado e da inteireza dos tribunaes, teria poupado os rios de sangue, que correram desde Farsalia até Munda, sangue preciozo, que depauperou a republica para convertel-a n'esse corpo debil e doentio, a que só Octaviano Augusto deo sombras de vida, para depois protrair-se na corrução da longa agonia do baixo imperio.

Si o eróe romano não preferisse o esplendor do seo nome ao bem da sua patria; si em vez de substituir a sua vontade ao voto popular; si em vez de destruir as instituições nacionaes as aperfeiçoasse, abdicando depois o supremo poder, como o grande orador Marco Cicero pedia; si em vez de derramar o sangue dos seos concidadãos, o poupasse para o desinvolvimento de uma prole generoza;

si em vez de desbaratar a riqueza nacional, lhe proporcionasse elementos de prosperidade, o nome do patricio romano e do vencedor das Galias xegaria a nós com menos ruido, é certo, porém com maiores titulos á simpatia e á gratidão universal.

Lucio Nero, Caio Caligula, Tito Domiciano e o abjéto Vario Eliogabalo de quem procedem? Esses reprobos tiranos dimanam dirétamente da gloria do vencedor de Farsalia e do projetado rei de Marco Antonio.

Não deve jámais o cidadão, a quem o destino das couzas umanas coloca na suprema eminencia social, curar d'essa gloria efemera dos aplauzos momentaneos, desprezando a satisfação de praticar o verdadeiro bem.

Si os triunfos da guerra levantam em roda do guerreiro o estrondo dos aplauzos, este com o decurso do tempo diminue, deixando apenas ouvir éco remoto; ao passo que o sincero bemfeitor da umanidade por obras proficuas da paz, si não assiste ao ruido das congratulações dos contemporaneos, ouve o brado ingente da posteridade, que aprecia o beneficio tanto mais quanto se distanciam os seculos. Notemos a contrapozição dos fatos.

Si Alexandre Magno, si Julio Cezar, e si o proprio Napoleão Bonaparte apenas deixaram após si, pelas eroicas façanhas da guerra, o estrondo das batalhas, que a distancia dos tempos diminue, Jorge Washington deixou após suas ações um povo generozo, que diariamente crece para exaltar o seo nome, o seo desinteresse, e o seo patriotismo. Jorge Washington é o tipo verdadeiro do eróe. Assim foi na America, que formou-se o modelo perfeito do patriota e da grandeza politica.

O que vale uma corôa? A coroa é o simbolo do poder; e si o poder não é bem desempenhado, o trono em que fulgura a corôa, reduz-se, como diceram os Parizienses em 1848, a alguns pedaços de taboa cobertos de veludo.

O grande cidadão americano compreendeo, que nenhum talento, por mais vasto e potente que seja, substitue a consiencia nacional. Ele pois, embora lhe fosse oferecido o diadema, preferio ao trono perecedouro de madeira, o trono invejavel das grandes ações, que dão aimortalidade.

Jorge Washington sustentou a independencia da sua patria, trabalhou em prol das suas instituições livres, e com o criterio do estadista cristão e do omem probo dice: «Povo americano, cumpri a minha missão; fui vosso xefe, sou agora vosso concidadão, restituo a força que me déstes para o serviço da patria; governae-vos.» Eis o que praticou o mais nobre e o mais grandiozo prototipo do eroismo politico, que os fastos antigos e os modernos oferecem á apreciação do mundo.

Alexandre Magno e Julio Cezar destruiram povos e cauzaram o aniquilamento da sua patria; Napoleão Bonaparte, depois de dar á França dias de esplendor, ocazionou-lhe o oprobio. Jorge Washington fundou um povo, que com os seos prodigios de atividade assombra o mundo e exalta a gloria do omem justo. Os trez primeiros eróes foram obreiros da guerra e da ambição pessoal; o quarto foi eróe da paz e da abnegação ao serviço do povo.

Quem não invejará a gloria do patriota americano desprezando a dos capitães europeos? Quem não preferirá ser o alvo da gratidão dos povos e não objéto de terror?

A gloria da guerra desvanece-se, porque a guerra apenas deixa de si a memoria da aniquilação; a gloria da paz perdura e se engrandece, porque a paz cria, e as criações frutificam.

Agora mesmo não estamos vendo o rezultado da obra do companheiro de Benjamin Franklin e de Tomaz Jeferson n'esse espetaculo de grandeza politica e de força industrial do povo americano?! Não o vimos exhibir-se n'essa imensa expozição internacional, que celebrou o aniversario secular da independencia americana, e exaltou o grande cidadão, que a consumou? E' assim, que os povos fazem justiça.

Si os istoriadores da antiguidade deixaram-se ofuscar pela gloria das armas e das conquistas, o istoriador dos nossos dias evita esse erro, e expõe á admiração e ao culto das nações o verdadeiro patriotismo, cujo intuito é o bem do genero umano.

Ao istoriador brazileiro, que intentar a narração dos nossos fastos, cumpre meditar n'esta verdade para dar valor aos nossos concidadãos pelo merito real das suas

ações, e pela moralidade dos seos intuitos. Inspire ele em nossos compatriotas os sentimentos de benevolencia e de confraternidade, mas não a ambição e o egoismo.

§ 8. *Valor do genio da paz sobre os feitos da guerra*

O marinheiro que inventou a bussola e o navegante que descobrio a America, são mais benemeritos do mundo do que o general, que avassala a sua patria, ou destróe reinos estrangeiros.

A America no correr dos mais longiquos seculos conhecerá o nome de Cristovão Colombo, e uma população de milhares de milhões de entes racionaes lhe tributará a grata recordação de dever-lhe a ventura de viver feliz em terra de prodigios. Talvez então mal se leiam nos livros os nomes dos famozos guerreiros, quando o do modesto Genovez será bemdito, e andará na memoria de todos.

De Ciro, de Cambizes e de Sezostris só falámos nas escolas; a memoria d'esses antigos conquistadores desaparece com o enfraquecimento do brado das vitorias, porque estas, destruindo vidas e riquezas, tiveram efeito transitorio, mas não criaram elementos permanentes de prosperidade e de ventura para o genero umano.

Os omens que trouxeram para o Brazil a raça bovina e a cana de assucar, são mais dignos dos encomio do istoriador do que os ouzados aventureiros, que em injustas pugnas destruiram as tribus indigenas.

Assim a memoria de Martim Afonso e Duarte Coelho, fundadores das colonias de São-Vicente e de Olinda, será em todos os tempos bem lembrada; nem merece menos grata recordação o nome do magistrado João Alberto, transplantador do café para esta cidade, donde difundio-se pelo paiz para constituir um dos elementos da nossa riqueza publica e particular. E convem recordar aqui o nome do agricultor pernambucano capitão-mór Jozé de Xerez, que, indo á França em 1740, dali trouxe para o Ceará plantas do preciozo arbusto, que prosperou e subzistio nas terras da fertil Meruoca do distrito do Sobral; e assim é esse modesto cidadão o primeiro introdutor do café no Brazil, e portanto merecedor de grata memoria dos Brazileiros.

Para mostrar quão superiores são as obras da paz aos feitos da ambição e da guerra, baste-nos memorar a sorte do vencedor de Marengo e Austerlitz. Após as batalhas esse engenho portentozo promulgou o codigo civil francez. Esta obra, em que colaborou com os jurisconsultos, subziste, fazendo a gloria do seo reinado; a obra porém das batalhas desapareceo e sumio-se no tumulto dos sucessos de poucos annos.

Imperio francez e rei de Roma, tudo evaporou-se com o ruido das armas, que os crearam; mas os codigos da França ahi permanecem, regulando os direitos de um grande povo, e servindo de norma a outros povos.

Alexandria, fundação da paz, ahi campêa na fóz do Nilo, para atestar uma obra meritoria do intitulado filho de Jupiter Amon; mas Arbélas, lugar da vitoria de um rei e da derrota de outro, ninguem distingue onde existio.

Estou certo, que a nossa patria terá no futuro vultos eminentes em todos os generos de merito. Deos, que fadou esta região americana com prodigios de grandeza material, lhe não negará a grandeza moral. A nossa istoria já nos dá amostras do que seremos. Ela oferece-nos exemplos mui valiozos, e do mais perfeito patriotismo. Esses exemplos ensinam-nos, que entre os nossos antepassados o nome patria não era uma vizão, ou mera palavra de convenção para proveito de poucos e sacrificio de muitos.

§ 9. *Admiração pelos primeiros exploradores*

Desde os tempos primitivos da nossa existencia social encontramos caratéres, que já pelo valor, e já pela prudencia, dão-nos modelo do amor patrio, d'esse puro sentimento que força-nos a emprezas arduas pelo dezejo de ver glorioza e prospera a terra do nosso nascimento.

Com efeito, quando considero nos dias primeiros de nossa vida social, observo logo o arrojo, com que da ultima parte ocidental da Europa sahiam omens, que vinham arribar ás nossas plagas para investigar um paiz

desconhecido, repleto de animaes bravios e ferozes, irriçado de imensas serranias e cortado de rios caudaes.

Nem o ignoto das paragens, nem o ermo das solidões, nem a desmedida distancia das situações os embargava; a fome, a sêde, as molestias, os riscos da travessia ante o indigena selvagem, nada os detinha. Parecia, que ante a grandeza do perigo crescia o valor e a destimidez.

Convencidos de que pugnavam pela propagação da fé catolica e pela riqueza da metropole, idéas em que rezumiam a patria, esses aventureiros penetravam em estensas e invias florestas, arrostavam a fereza dos animaes, e desprezavam a séta mortifera do incola bravio, que, absorto, mas valente, opunha-se á invazão do territorio, que possuia por dadiva de Tupan.

Estes ouzados Portuguezes, sem guia, sem noções do paiz, que a perder de vista estendia-se diante d'eles, intrepidos transpunham das ribas do Atlantico ás encostas dos Andes, regressando ufanos de descortinar para a patria novas terras, novos climas, novos assuntos de riqueza e de prosperidade. Porque não admiraremos o congenial valor d'esses omens?

Aleixo Garcia, com trez companheiros apenas, márxa das praias vicentinas, oje paulistanas, percorre estensos campos e dilatados bosques, atravessa largos rios, e penetra nas regiões do Paraguai! O Sol guiava-o como o dedo de Deos, e ouzado investigador passa do oriente ao ocidente d'essas brenhas, que, ainda sem denominação, deviam formar a nossa formoza patria sob o nome já gloriozo de Brazil.

Gabriel Soares, com onze pessoas de comitiva, deixa as margens do rio São-Francisco, a que os indigenas no seo armoniozo idioma xamavam Opára, e piza as raizes dos gigantescos Andes, maravilha da força eruptiva das éras plutonicas.

Outros exploradores já tinham percorrido e feito o roteiro das costas brazileiras desde o Amazonas até o Prata, quando Roberio Dias propalava a noticia do fabulozo romance das inexhauriveis minas de prata, em que fundava os sonhos de um marquezado.

Dentro de meio seculo o Brazil tinha limites ao nascente n'uma costa maritima de 1.200 leguas, ao norte e ao sul em dois rios principaes do mundo, e ao ocidente em serranias e florestas vizinhas dos Andes! Tão prodigiozo rezultado so o dá o valor estrenuo, que desafia a admiração e provoca o dezejo de tambem ser valorozo.

Si nos tempos da nossa primitiva vida social axamos materia para o istoriador, não faltará nos dias posteriores assunto para quadros de patrioticos estimulos.

Na guerra olandeza vamos deparar com os quatro eróes, que simbolizam n'essa época o patriotismo das raças então predominantes e o patriotismo das origens de nacionalidade.

Si Fernandes Vieira é oriundo da metropole, André Vidal, Antonio Camarão e Enrique Dias são filhos das terras brazileiras. Si Fernandes Vieira e André Vidal são da raça branca, Antonio Camarão é indigena, e Enrique Dias pertence ao tipo africano.

Fernandes Vieira, incendiando os seos canaviaes para cumprir a ordem suprema; André Vidal, arriscando a vida para ir na Parahiba despertar no animo de ricos proprietarios o levantamento contra os invazores estranhos; Antonio Camarão, guiando por agrestes sertões centenares de familias sans e salvas; Enrique Dias, empunhando com a mão esquerda a espada, quando o braço direito lhe era decepado pelo golpe inimigo, dão exemplo de feitos eroicos merecedores de justos encomios.

Si com atos taes de fortaleza de animo tornam-se credores da estimação do istoriador, muito mais a merecem pelo exito da sua nobilissima empreza. Pretenderam livrar a patria da estranha opressão, e o conseguiram com assinalada vantagem da cauza do Brazil, que readquirio a sua perdida integridade.

Si a empreza dos patriotas pernambucanos se não efetuasse, a Olanda seria dominadora do norte do Brazil, e este, retalhado, constituiria oje talvez varios insignificantes estados. Quem deo-nos pois o Brazil grande, unido e prospero dos nossos dias? Ao valor e esforço d'esses benemeritos patriotas nós o devemos. Gratidão a eles!

Em mais proximos tempos axamos sempre não desmentido o patriotismo brazileiro. Ahi está a malograda revolução de 1817. A essa tentativa em favor da independencia nacional não faltou coragem e civismo.

Sob o regimen de leis cruéis, que barateavam a pena de morte pelo crime de leza-magestade, cumpria ter brios e pundonor para arriscar-se em uma empreza, em que afrontava-se a regia autoridade, então onipotente. Sinceros patriotas entenderam xegada a óra de bradar pela patria; assim o fizeram, praticando ações de viril denodo. Vencidos, sofreram os rigores do carcere e os suplicios do cadafalso sem queixumes, mas ufanos de aver iniciado a idéa da independencia politica com o regimen democratico, que cêdo brotaria vigorozo e vivaz.

Os tipos, que se revelaram no padre João Ribeiro, e Domingos Teotonio, quando, vencidos, um ficava no Recife para manter ileza a população, e o outro retirava-se para o engenho Paulista com a força republicana para cuidar da sorte d'esta, são dignos de apreço istorico. De posse dos cofres publicos não os empregaram na fuga; mandaram entregal-os intactos á autoridade real, que restabelecia-se no paiz convulsionado.

Foi admirando o patriotismo dos protogonistas d'esse drama, que o distinto Paula Souza no senado brazileiro, em sessão de 22 de Maio de 1844, perguntava: «Todos os que têm amor á independencia e á gloria do paiz não deverão respeitar os martires d'essa revolução? »

A nossa istoria não é de seculos; é porém abundante de acontecimentos, que nos nobilitam, revelando a magnanimidade do caráter nacional.

Vemos, que em 1831 o principe, que tinha eficasmente concorrido para a nossa emancipação politica, deixára as plagas da patria adotiva, entregando-nos no berço o infante, que devia ser o imperador do Brazil.

Compreendemos todos nós, que em tal situação facil seria suscitar paixões para empolgar o poder. O futuro imperante era menino; e só o patriotismo dos guardas do seo berço podia preservar os seos direitos constitucionaes; assim aconteceo, e a obra ainda mal firmada do nascente

imperio subzistio para preparar-se para o evento definitivo da republica, como sucedeo pela incruenta revolução de 15 de Novembro de 1889.

A anarchia não teve alimento, porque um Diogo Feijó, um Costa Carvalho, um Francisco de Lima, um Carneiro Leão, um Rodrigues Torres, um Martiniano de Alencar e muitos outros guiaram-se pelas inspirações generozas do amor patrio, e não pelas sugestões da ambição.

E mencionando este ultimo nome, a mim conjunto pelo sangue, e caro pela amizade e gratidão, não me caberá censura, porque me não deve o parentesco inhibir de o fazer n'esta ocazião socio na gloria, de que notoriamente foi participante e cooperador n'esses tempestuozos dias, em que perigavam patria e liberdade.

A medida do patriotico desinteresse d'esses varões encontramos no ato do magnanimo Diogo Feijó, quando, em vez de lutar pelo dominio, depõe o mando supremo, por persuadir-se que o não exercitaria em pról da cauza publica. Eis o patriota, eis o cidadão benemerito, que a istoria requer e comemora!

§ 10. *Methodo comprobatorio*

Não proseguirei em apontar materiaes da nossa istoria; já vou assás demorado, quando cumpre-me passar a certa ordem de considerações sobre o modo de escrever os patrios acontecimentos, que não devo preterir.

Outr'ora o istoriador compulsava os documentos, formava o seo juizo, e o emitia depois de sucinta expozição dos fatos. Assim sentenciou o energico istoriador Cornelio Tacito os seos personagens istoricos.

Este sistema porém si oferece proporções para uma obra de perfeita estetica, nem por isso é completo pelo lado da justiça. O istoriador narra á sua feição, e julga ao seo caprixo. Daqui rezulta, que o leitor, na auzencia das fontes, não póde criticar o escritor, moderando-lhe a severidade, ou corrigindo-lhe a benevolencia.

Convém pois ao istoriador não descer ás minudencias da cronica, mas narrar com amplidão suficiente

para fundamentar o seo juizo sobre os fatos e seos autores, de maneira que o leitor dos seculos futuros encontre elementos de critica, e possa assegurar-se da exatidão da censura, ou do merecimento do louvor.

Orrorizamos-nos de Lucio Nero como matricida, reputamos Tito Domiciano mentecapto pelos enunciados juizos do incizivo estilista latino ; estarão porém devidamente comprovados os fatos para os severos estigmas do escritor?

Analizando os motivos determinativos da volição, sou ás vezes induzido a crêr, que o grande profligador da corrução romana excedeo-se na asseveração de fatos irracionaes e circunstancias atrozes, que se não justificam ante as induções da razão umana. Como crêr nas orgias e depravações de Tiberio Claudio sem consideral-o demente? Mas como julgal-o tal, si tão atilado governava o imperio?

Daqui nasce a necessidade oje reconhecida de documentar a istoria, de maneira que o istoriador não pareça arbitro das reputações, mas juiz imparcial, embora severo. Eis o que dezejára praticado pelos nossos futuros istoriadores.

Quizera, que eles, sem deixar essa dezejavel sobriedade do escritor sensato, fizessem a esplanação dos assuntos com estensão tal, que ao leitor ministrasse ocazião de xamar ao tribunal da sua consiencia os omens benemeritos e os máos cidadãos, para por si julgal-os. Assim a justiça istorica seria uma opinião universal, mas não a censura individual do escritor.

Por mais izenção de animo que possa ter o escritor, em relação aos odios particulares, nem sempre está livre do espirito de seita, ou do influxo de idéas politicas e religiozas. Cornelio Tacito era republicano, e só na republica encontrou virtudes; Adolfo Thiers foi monarchista na sua *Historia do Consulado e do Imperio*, e so na monarchia enxergou a salvação dos povos, salvação que depois do imperio de Luiz Napoleão tambem encontra na republica.

§ 11. *Nossos istoriadores*

O Brazil já tem varios escritores dos seos diversos periodos istoricos. Desde Pedro Gandavo até Róxa Pita

só temos narradores de lendas e de sucessos parciaes, sem elevação do espirito istorico. De Róxa Pita por diante só encontro dois escritores, que me parece terem desempenhado com vantagem o seo encargo. Falo de Roberto Southey e do conselheiro Pereira da Silva.

Aquele, estrangeiro e fóra do nosso paiz, escreveo a sua *Istoria do Brazil*, tendo á mão grande cópia de documentos e memorias; este, nacional e na patria, escreveo a sua *Istoria da fundação do Imperio*, possuindo os grandes subsidios, que a perseverante solicitude dos menbros do *Instituto Istorico e Geografico Brazileiro* tem acumulado nos seos archivos.

O escritor inglez dá-nos noticia tão cabal, quanto podiamos esperar dos monumentos, aliás escassos, que nos legaram os primeiros povoadores do territorio brazilico; ele creou um preciozo peculio da nossa istoria. Expozição clara e metodica, com critica justa e razoavel, são os meritos salientes d'este escritor. E' o seo trabalho istorico a mais completa narração, que temos dos tempos por ele investigados. Essa narração vae do descobrimento do Brazil até principios do cadente seculo.

O conselheiro Pereira da Silva como que serve-lhe de complemento; porque, noticiando-nos a fundação do imperio brazileiro, começa nos tempos em que o autor inglez acaba.

Ambos estes escritores, abundantes em fatos, todavia não consideráram o lado moral da istoria tão cabalmente, como eu dezejára. Os caratéres istoricos não ficaram em muitas partes bem dezenhados; faltou-lhes a energica brevidade de Crispo Salustio, e o colorido do pincel de Veleio Paterculo para delinear o retrato d'esses caratéres.

Ao conselheiro Pereira da Silva, tão credor das letras patrias, devemos um importante serviço pela compozição da sua istoria. Pela incorreção de circunstancias, seria razoavel pedir-lhe a revizão do seo trabalho, que subiria de merito pelo desinvolvimento de ação de certos personagens, que por justos titulos exigem mais perspicuidade no drama.

Jozé Clemente, por exemplo, requer maior reprezentação como um dos principaes protogonistas da emancipação nacional. Joaquim Lédo e Januario Barboza quazi perdem-se na turba dos simples agitadores da época glorioza da nossa independencia politica, quando foram lidadores conspicuos.

O autor da *Istoria da fundação do Imperio* começou a sua obra dando-nos siencia das maximas governativas, porque regia-se o Brazil colonial. Esta idéa assás aproveita ao leitor, que entra no relatorio dos sucessos abilitado para conhecer a importancia de certos fatos, sobretudo dos acontecimentos politicos.

A falta de taes esclarecimentos nos antigos istoriadores impossibilitam-nos oje, não só de dar o devido valor a sucessos graves, mas até de compreendel-os. Ignorando a lei politica, ignoramos tambem, que muitas vezes um levantamento popular motiva-se na infração dos seos preceitos.

O conselheiro Pereira da Silva expondo o transunto das leis do regimen colonial, proporciona ao leitor o conhecimento da justiça ou injustiça dos vice-reis e governadores e a apreciação do seo bom ou máo procedimento em relação aos cidadãos. Foi pois de bom alvitre esse modo, por que escreveo o ilustre literato fluminense.

Alguns outros escritores temos entre nacionaes e estrangeiros, que ocuparam-se da nossa istoria patria.

O autor francez Afonso de Beauchamp e o americano David Warden são méros recopiladores sem merito essencial.

Francisco de Varnhagen, que teve o titulo nobiliarchico de Visconde de Porto-Seguro, conferido pelo governo do segundo imperador do Brazil, escreveo sem critica e sem estilo, consumindo largas paginas com fatos somenos, quando deixava nas sombras de ligeiros traços acontecimentos notaveis, dignos de mais desinvolvida noticia.

E' porém autor de grandes serviços de investigação; foi ele quem despertou a necessidade, e mostrou o proveito da pesquiza de antigos documentos em bem da istoria nacional. Dos archivos nacionaes e europeos

desencavou preciozos testos, que formam rica contribuição para os nossos fastos primitivos. Si como investigador de fontes istoricas tem merito, como istoriador as suas obras *Istoria geral do Brazil* e *Olandezes no Brazil* o não realçam.

§ 12. *Conclusão*

O vigor, com que progride a literatura brazileira, augura-nos esperançozos istoriadores da magnanimidade nacional. Manter o sacro fogo do amor da patria é empreza digna dos mais altos engenhos; sem esse fogo vivificador os destinos d'esta nossa nacionalidade serão malogrados e pêcos.

Foi o patriotismo quem deo-nos por patria um paiz vastissimo; quem formou a independencia politica com regimen constitucional em 1822; quem assegurou a integridade do imperio em 1834; quem veio colocar-nos entre os povos do mundo sem a macula da escravidão domestica em 1888, e quem acaba de dar-nos o governo da democracia em 1889.

O patriotismo nos tem sempre aconselhado, e com ele temos executado reformas uteis. Assim fizemos o ato adicional reformador da nossa lei fundamental, que concedeo ás provincias meios de engrandecimento; assim fizemos a revolução pacifica da supressão dos morgados, com cuja permanencia estaria oje o paiz avassalado por uma classe de proprietarios imperiozos e intransigentes.

Si o ato adicional não tivésse dado ás provincias franquezas para o seo melhoramento e progresso, ter-se-ia tornado insuportavel a união d'essas subdivizões territoriaes ao centro governativo; união que cada vez mais se cimentará mediante as novas concessões, que os tempos já anunciavam como necessidades, e que a atual constituição politica da Republica reconheceo e ortorgou.

Propugnador da unidade nacional, quero que ela derive-se de reciprocos interesses entre o centro e os estados; porque d'esta fórma a união jámais perigará.

O futuro istoriador do Brazil será aquele que souber ensinar-nos donde veio, e como formou-se este povo

magnanimo, excitando ao mesmo tempo o patriotismo dos Brazileiros, já tão assinalado no passado, e tão prometedor no futuro.

Terminarei aqui, rematando o meo discurso por modo bem diverso d'aquele porque o fez um lirico latino. Este, depois de tratar do seo assunto, concluia dizendo: *Ornari res ipsa vetat, contenta doceri.*

O antigo poeta lamentava não ter materia para exornar na sua brilhante poezia; eu porém lamento não ter facundia para expender o relevante objéto, * de que agora me ocupo.

Rio 20 de Dezembro de 1894

---

* A materia d'este discurso foi assunto de uma conferencia por mim realizada em 7 de Fevereiro de 1876 perante a «Associação Promotora da Instrução» fundada em 1874 e ainda existente n'esta cidade.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1894

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 15 DE JANEIRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 12 horas do dia o Sr. Presidente declara aberta a sessão, estando presentes os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, General João Severiano, Major Silva Neto, Commendador Luiz Alves, Conselheiro Alencar Araripe, Dr. José Hygino, Capitão de Fragata Calheiros da Graça, Commendadores Gomes Brandão e Xavier da Motta.

Foi lida e approvada a acta da sessão ordinaria de 11 de Agosto de 1893.

O Sr. Presidente communicou o fallecimento dos illustres consocios Dr. João Charcot, honorario, e Capitão Bazilio Daemon, correspondente, nos seguintes termos:

« Senhores. — Foi uma grande perda para a sciencia e para a humanidade o inesperado fallecimento do afamado professor Dr. João Martin Charcot, no dia 16 de Agosto ultimo, em uma pequena cidade proxima á capital da França, segundo as noticias ultimamente para aqui transmittidas pelo telegrapho.

Haveis de estar lembrados das circumstancias especiaes e summamente honrosas com que em 1893 foi o distincto medico por nós acclamado socio honorario d'este Instituto.

Quizemos prestar uma publica homenagem de admiração e de respeito ao superior talento e reconhecida illustração do mestre, e ao mesmo tempo um sincero tributo

de gratidão e reconhecimento á bondade, e infatigavel zelo do amigo, que então por seus esforços logrou salvar a preciosa existencia do sempre saudoso protector d'este Instituto, acommettido de cruel enfermidade, longe da patria e das cordiaes affeições que aqui o rodeavam.

Charcot não accusou o recebimento do diploma que lhe foi expedido com lisongeiras expressões de apreço e cortezia por parte d'esta associação; mas, pela delicadeza de seus elevados sentimentos, devemos acreditar que não desestimasse a prova de consideração que se lhe dava por motivo tão nobre e generoso.

O eminente facultativo, pela sua vasta instrucção e provados merecimentos profissionaes, havia adquirido o indisputavel conceito de um verdadeiro sabio, com razão venerado não só na França, sua gloriosa patria, como em todo o mundo civilisado ; e nós com desvanecimento viamos esse illustre nome ligado á historia da vida do inclyto soberano que tanto engrandeceu a nossa patria.

Cedo pagou o tributo da morte, que assim arrebatou-nos um dos mais prestantes bemfeitores da humanidade soffredora.

O Instituto Historico, acompanhando o justo sentimento com que por toda a parte tem sido recebida a infausta nova, faz inserir na acta da presente sessão um voto de profundo pezar por esse triste acontecimento, que de subito veio fatalmente extinguir um dos mais fulgurantes luzeiros da sciencia moderna, digno e prestigioso membro d'esta associação litteraria.

Na capital do Estado do Espirito Santo, onde residia, falleceu no dia 2 de Dezembro de 1893 o nosso consocio Capitão Bazilio de Carvalho Daemon, antigo jornalista, fundador e redactor do *Itabira*, primeiro periodico publicado no sul d'aquelle Estado, e ultimamente alli bibliothecario. Como escriptor publicou a *Historia da Provincia do Espirito Santo*, trabalho que servio de titulo de admissão ao nosso gremio em 1890, e mais o romance *Arcanos* e *Reminiscencias*, miscellanea.

O Instituto sente ver-se tão cedo privado da valiosa cooperação de tão digno consocio, e á sua memoria presta

as justas manifestações de condolencia com que costuma registrar o fallecimento de seus membros.»

Achando-se na casa o Sr. Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, nomeado socio effectivo d'este Instituto, foi convidado a tomar posse n'esta sessão. O Sr. Presidente pronunciou algumas palavras de bom acolhimento e o orador Sr. Luiz Alves fez o discurso de recepção. O illustre recipiendiario manifestou em breves palavras a satisfação de que se achava possuido por pertencer a este Instituto.

« Em seguida o Sr. Presidente communica ao Instituto, que, por força dos acontecimentos politicos que profundamente tem alterado a ordem publica e a segurança pessoal, n'esta cidade, de continuo atacada pelas forças revoltosas, cujas balas tem por mais de uma vez attingido este estabelecimento, deixou o Instituto de reunir-se em suas sessões ordinarias desde 11 de Agosto do anno passado até hoje, posto que por diversas vezes houvesse sido para esse fim convocado. Assim não pôde ser em tempo celebrada a sessão anniversaria do dia 15 de Dezembro e nem a de eleições, a que se deveria ter procedido á 21, na fórma dos estatutos. Considerando porém, que a mudança da hora em que costumava reunir-se o Instituto poderia de algum modo remover o inconveniente que obstava o comparecimento dos Srs. socios, ainda por motivo do estado anormal que infelizmente perdura, resolveu a presidencia, na fórma dos estatutos, convocar uma sessão extraordinaria para hoje ao meio dia, afim de deliberar o Instituto o que tiver por conveniente, não só em relação ás sessões annuaes, que deixaram de ser effectuadas em tempo, por força maior, como ainda aos demais assumptos que passa á referir.

Pela lei do orçamento para o presente exercicio foi, de accordo com os reiterados pedidos do Instituto, elevada á 9:000$ a subvenção dada pelos cofres publicos ao mesmo Instituto; devendo porém a sua administração crear uma commissão central encarregada de organizar e publicar a bibliographia nacional das sciencias geographicas. Cumpre pois desde já resolver sobre a condição imposta pela lei e modo de satisfazel-a, procedendo-se

Lido o officio do Governo de 20 de Setembro do anno passado, em resposta á reclamação dos livros doados ao Instituto pelo ex-Imperador e dos quaes se acha de posse a Bibliotheca Nacional, a mesa deliberou que se respondesse que não houve accordo algum entre os membros da commissão distribuidora dos livros, no sentido do citado officio, segundo as declarações feitas por alguns membros, já publicadas na *Revista*, especialmente nas actas das sessões de 2 e 9 de Dezembro de 1892;— nem consta ao Instituto que o doador approvasse os actos da maioria da commissão na partilha que fez dos livros, com evidente e grave prejuizo dos legitimos interesses do Instituto, em vista da generosa intenção manifestada pelo mesmo doador nos officios que já foram lidos e publicados em sessões anteriores.

Sobre o officio do Governo de 4 do corrente mez, pedindo a remessa até 15 de Fevereiro, dos dados concernentes ao Instituto, necessarios para a confecção do relatorio que tem de ser apresentado pelo Governo a vice-presidencia da Republica, foi resolvido que se satisfizesse o pedido e se officiasse opportunamente.

Tratando-se do preenchimento do lugar de Escripturario o Sr. Presidente communicou que o Sr. 1° Secretario lhe escrevera dizendo que para esse lugar estava apto o Sr. Bruto Belli de Leonardi, que está trabalhando na revisão do catalogo dos livros doados pelo ex-Imperador. A mesa, acceitando a indicação do Sr. 1° Secretario nomeou o Sr. Belli Leonardi para o referido lugar, com o ordenado mensal de 100$, a contar do 1.° do corrente mez. Tendo o Sr. General Dr. Severiano feito sentir que o ordenado do escripturario era pequeno, attendendo ao actual estado de carestia de tudo, propoz que fosse augmentado. O Sr. Conselheiro Alencar Araripe lembrou não ser opportuno o augmentar-se o ordenado, porque as finanças do Instituto não o permittem, visto não haver ainda o suficiente para attender ás diversas despezas extraordinarias do anno findo, mas que poderia ser augmentado no correr d'este anno, si, como é de esperar, houver augmento de receita. No intuito de harmonizar os interesses da parte e os do Instituto, os Srs. General Dr.

João Severiano e Conselheiro Alencar Araripe combinaram e propuzeram que fosse dada a quantia de 200$ por conta da retribuição a que o Sr. Bruto Belli Leonardi possa ter direito pelo trabalho do catalogo, segundo o que houver sido ajustado pelo Sr. Secretario Henrique Raffard e fôr em tempo liquidado; o que foi approvado.

Foi lido e approvado o seguinte parecer da commissão especial nomeada para examinar a questão suscitada entre os illustres consocios Srs. Drs. Alfredo Nascimento e Cesar Marques, sobre a prioridade da idéa de ser realizada n'esta cidade em 1900 uma Exposição universal commemorativa do descobrimento do Brazil.

Parecer:— A commissão especial nomeada para resolver a desintelligencia que sobreveio, ou antes, que se aggravou entre os Srs. Drs. Alfredo Nascimento e Cesar Marques pela publicação na *Revista* do Instituto da proposta e pareceres relativos á um projecto de Exposição commemorativa do 4°. centenario da descoberta do Brazil em 1900, examinou com attenção e imparcialidade os documentos que lhe foram subministrados para aquelle fim.

São elles: – O volume respectivo da *Revista*, tomo 55, parte 2ª, 3°. e 4°. trimestres; uma narração dos factos pelo Sr. Dr. Alfredo Nascimento com o titulo *Rectificação para as actas de* 1892; e dois officios do Sr. Dr. Cesar Marques, explicativos do incidente e em um dos quaes, datado de 11 de Maio do corrente anno, pede exoneração de membro do Instituto.

Por esses documentos fidedignos, o caso é em resumo o seguinte:

Na sessão de 1 de Julho de 1892 (já lá vai d'isso mais de um anno) o Sr. Dr. Cesar Marques apresentou uma proposta de Exposição em 1900. O Sr. Dr. Alfredo Nascimento reclamou para si a prioridade da apresentação da idéa na imprensa. O Sr. Dr. Cesar Marques não desistio de sua iniciativa no Instituto.

E' de sentir, que do attrito da discussão havida n'essa occasião entre os dois propugnadores da Exposição, não tivesse brotado o alvitre de assignarem ambos essa ou outra proposta, concernente ao mesmo objecto. A desintelligencia teria morrido assim ao nascer.

Considerando que na acta da sessão de 1 de Julho de 1892 já se havia feito menção da proposta de que se trata e da nomeação da commissão incumbida de estudal-a, de modo que a publicação da mesma e de seus pareceres com a acta posterior de 12 de Agosto só trouxe o inconveniente, embora lamentavel, de aggravar a desintelligencia, que se tinha em vista fazer desapparecer e fôra a causa unica que aconselhara a sua omissão;

E finalmente considerando que em todas as phases d'essa ingrata pendencia *ab ovo usque ad mala*, o Instituto manifestou constantemente o mais vivo desejo de vêl-a terminada, a ponto de apressar-se a abandonar uma idéa, cujo exame podia ser adiado para occasião mais azada.

Por taes motivos, esta commissão especial entende, que não póde aconselhar ao Instituto, sem quebra da imparcialidade devida aos dois distinctos reclamantes, que annua á continuação, na *Revista*, da sua polemica, e submette á sua ratificação, em substituição do pedido d'aquelles senhores, a seguinte solução, salva a redacção:

Archive-se a reclamação do Sr. Dr. Alfredo Nascimento, e communique-se-lhe, que o Instituto não julga necessaria a sua publicação, esperando, como acto de deferencia que muito apreciará, que reassuma o exercicio do seu cargo de 2° Secretario, no qual tem prestado os mais relevantes serviços.

Restituam-se ao Sr. Dr. Cesar Marques os seus officios explicativos do incidente, declarando-se-lhe em resposta ao seu pedido de demissão, que o Instituto não acha procedentes os motivos por elle allegados, pois considera-o como um dos seus socios mais prestimosos.

Tal é a solução que esta commissão especial offerece ao Instituto e que só agora apresenta por não tel-a julgado urgente, pensando, de accôrdo com a interpretação do Exmo. Sr. Presidente, que a questão poderia ficar resolvida tacitamente pelo adiamento indefinido do seu laudo arbitral.

Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1893. *Barão de Alencar*, relator. *M. F. Correia*. *João Xavier da Motta*.

De conformidade com a deliberação do Instituto foi expedido o seguinte officio:

Rio de Janeiro 15 de Janeiro de 1894. Illm. Sr. Na sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, effectuada no dia 15 do corrente mez foi lide e approvado o parecer da commissão especial nomeada na sessão ordinaria de 7 de Abril do anno passado, para examinar e propôr o melhor meio de pôr termo á questão suscitada entre V. S. e o consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, sobre a prioridade da idéa referente a uma Exposição universal commemorativa do descobrimento do Brazil, que teria de ser realizada nesta capital em 1900.

A commissão tendo estudado detidamente as reclamações dos illustres consocios, e achando inconveniente á boa harmonia da associação a continuação do pleito, julgou-o terminado com a discussão havida, sem quebra da dignidade de qualquer dos contendores, e o Instituto conformando-se com esse parecer resolveu, que deixassem de ser publicados na *Revista* todos os papeis referentes a esse assumpto, sendo no entanto archivados; e mais que a cada um dos referidos socios fosse feita esta communicação, declarando-se que o Instituto deseja que ambos os consocios, dignos do apreço em que são tidos, voltem sem demora a prestar os seus valiosos auxilios ao mesmo Instituto, do qual se acham retirados muito a contra gosto de todos.

Sendo cumprido o que foi assim determinado, apresento a V. S. os protestos da minha mais alta consideração e estima. Deus guarde a V. S. Illm. Sr. Dr. Alfredo Nascimento, 2°. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *Henri Raffard*, 1°. Secretario.

Do mesmo teor ao Sr. Dr. Cezar Augusto Marques.

Para regularisar o funccionamento das commissões de admissão de socios, de historia e subsidiaria de geographia, foram nomeados interinamente: para a primeira, o Sr. Dr. José Hygino; para a segunda, o Sr. Major Silva Neto; e para a terceira, o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan.

Foram lidos e approvados os seguintes pareceres:

Da commissão de historia sobre o trabalho apresentado como titulo de admissão do Sr. Padre José Joaquim Corrêa de Almeida, proposto para socio correspondente.

Parecer:— Em officio de 18 de Agosto do anno passado a commissão de historia recebeu a proposta, aqui apresentada na sessão de 28 do mez anterior, do nome do Rvmo. Sr. Padre Mestre José Joaquim Corrêa de Almeida para membro correspondente da nossa associação.

A proposta lembra como prova principal para a sua admissão a *Noticia da cidade de Barbacena e seu municipio*, publicada em 1883.

E' um pequeno folheto, que contém 32 paginas impressas, e no prologo diz seu respeitavel autor, que a escreveu e publicou a pedido do nosso consocio o Sr. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, para fazer parte da collecção de manuscriptos.

Esta direcção, unida á lembrança de ser o Sr. Dr. Teixeira de Mello, um dos mais distinctos empregados da Bibliotheca Nacional, nos induz a crêr ter sido escripta para figurar na *Exposição*, que ahi houve á poucos annos, mormente quando seu autor confessa « que se vio obrigado a cingir-se ao questionario e modelo, e que por tanto não podia tratar de tudo para agradar a todos.»

Apesar de todas estas prisões, que lhe tolhiam o pensamento e a penna, o Revmo. Sr. Padre Corrêa de Almeida em linguagem corrente, e em portuguez puro, com bastante precisão, sem circuitos e rodeios, que as vezes cança, fatiga e obscurece a mente do leitor, tratou do aspecto geral, das serras, dos rios, da salubridade, dos mineraes, das madeiras, das frutas silvestres, dos animaes silvestres, da historia, da topographia, da população, da agricultura, da industria fabril, do commercio, da instrucção publica, da divisão ecclesiastica, da divisão policial, das obras publicas, das rendas ou rendimentos, das distancias, e das estradas finalmente.

Como não podia escrever tudo privou-nos do prazer da leitura do seu opusculo por mais algumas horas, e assim esqueceu-se de dizer-nos, como é de costume em escriptos d'essa ordem, a sua origem ou principio, que foi

n'um arraial, situado junto ao *rio das mortes*, onde os padres jesuitas congregaram os Indios Puris, que doutrinavam, e como foi essa aldeia transferida para o campo, onde já estava, por ahi perto, a igreja de Nossa Senhora da Piedade.

Desejaria a commissão, que o erudito candidato precisasse datas, que são, para assim dizer, os alicerces ou as bases para se avaliar dos progressos das villas e cidades.

Assim pois esqueceu-se de dizer-nos como á antiga povoação da Igreja-Nova foi por alvará de 16 de Janeiro de 1752 conferido o titulo de parochia.

Esta e outras datas são os marcos, que pela estrada dos seculos vae lançando o Governo, e o caminhante ao descançar n'um d'elles leria quando foi essa freguezia elevada a cathegoria de villa, á pedido e instancias do Visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, que a protegeu desde que a vio aldeia.

N'outro marco o viajante leria a data de 17 de Março de 1823, escripta n'uma carta imperial, onde o Sr. D. Pedro I a chamou *nobre e leal*, e finalmente veria tambem o titulo de cidade, que lhe foi conferida por lei provincial de 9 de Março de 1840.

Pondo de parte estas ligeiras observações, o autor nos capitulos com os titulos já indicados dá informações exactas, e assim derrama muita instrucção e conhecimentos uteis e necessarios no campo da historia patria, tão pouco amada, tão pouco apreciada, e tão pouco culti vada no Brazil.

A commissão nas breves e amistosas reflexões que fez, não o censura, quando só tem motivos para elogios, porém lamenta, que elle se visse tão tolhido nas estreitezas d'um plano tão acanhado.

N'este opusculo, que deve ser imitado ou seguido pelos seus conterraneos, em relação a outras cidades e municipios, o Sr. Padre Corrêa de Almeida, pondo de parte a lyra, onde dedilha versos e entôa canções, que o elevam á par dos melhores poetas satyricos d'este seculo, em termos claros, precisos e concisos, com genio observador, talento culto, e gosto apurado, apresentou fortes e

bem fundados motivos para que a commissão o julgue digno e muito digno de occupar um lugar entre nós.

Venha elle para o nosso gremio, e contaremos mais um cidadão benemerito em nosso seio. Sala das sessões do Instituto, 15 de Janeiro de 1894. O relator, *Dr. Cesar Augusto Marques. João Severiano da Fonseca.*

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia.

Da commissão subsidiaria de geographia sobre o trabalho do Sr. Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires, apresentado para o mesmo fim.

Parecer. — Encarregado pela Escola de Minas de Ouro Preto, da qual é um dos mais distinctos professores, de estudar os varios depositos diamantinos do noroeste do grande e florescente Estado de Minas Geraes, o Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires, depois de longa, trabalhosa e penivel excursão, publicou, com escolha sempre discreta de apurada dicção e em estylo lucido e elevado, extenso e luminoso relatorio, em que, revelando profundo conhecimento da sciencia geologica em todos os seus differentes ramos, mas concretisando-se mais especialmente na parte mineralogica, deu conta detalhada e minuciosa da difficil mas honrosa missão, que lhe fôra confiada.

O transumpto d'esse interessante trabalho póde ser assim resumido:

Partindo de Ouro Preto, e seguindo a estrada geral até a cidade de Curvello, o intelligente e esforçado engenheiro em todo esse percurso fez larga descripção das cidades e povoações intermedias que percorreu, dos rios que atravessou, das montanhas cujo plano contornou; e examinou detidamente, nos arredores de Sabará as suas notaveis rochas de *schistos*, de caracter estratiforme e estructura fossil, em Santa-Luzia as suas rochas *graniticas*, compostas principalmente de aggregados de feldspatho, de quartzo e mica e na Lagôa-Santa as suas *ardosias* argillosas, de estructura folhata, de côr cinzenta azulada, esverdinhada ou violacea e as *grutas* salitrosas com as suas estalactites de fórmas caprichosas e aspecto

fascinador, tornadas já celebres pelas poeticas descripções do sabio Dr. Pedro Lund, que as denominara—verdadeiros castellos de fadas.

Proseguindo em sua estudiosa viagem, o habil explorador, adiantando-se até os grandes rios São-Francisco e Santo-Antonio, examinou os vestigios ainda restantes das velhas escavações feitas pelos antigos *garimpeiros* em busca do precioso e cubiçado *diamante*, nos sertões de Abaeté e Nova-Lorena ; compendiou em excellente quadro synoptico a historia de suas descobertas e das providencias expedidas pelos Governadores d'aquelles tempos para fazerem redundar no maior proveito do fisco real os direitos pela achada das preciosas pedras ; mencionou a existencia de jazidas diamantinas, ainda ricas e estensas, apezar de terem sido já trabalhadas ; e exaltou a uberdade das terras d'essas regiões e o esplendor da sua luxuosa vegetação.

Prende a attenção do leitor, com um interesse sempre crescente, a descripção, com que pinta o insinuante narrador : o modo porque se formam os *garimpos* e se extraem os seixos de *gorgulhos*, que contém os diamantes, os indicios, que assignalam a natureza da preciosa pedra, desde o diamante de boa agua até o lindo diamante negro, e os varios rios, corregos e riachos, tributarios do rio Santo-Antonio, que abundam ainda de *gorgulhos* diamantinos, sobre as suas margens ou no fundo de suas *talwegs*.

Continuando em seu immenso itinerario, o ousado explorador percorreu sem descanço arraiaes e aldeias, atravessou diversos outros rios, examinou ainda outros *garimpos*, abandonados, encontrando em todos esses lugares escavações cheias de seixos amontoados, que attestavam os antigos trabalhos de mineração.

No largo curso de suas investigações, não se limitando o Dr. Olintho sómente ao desempenho do fim principal de sua missão, estudou e examinou tambem as outras grandes fontes de riquezas mineraes, que existem, pela maior parte ainda não exploradas, nas fecundas e ferteis terras por elle percorridas.

Por isso pôde observar a existencia em varios lugares, além de varios e importantes metaes, de abundantes

pedras finas, taes como *granadas* vermelhas, *turmalinas* verdes e negras, *perytes*, e brilhantes *topazios*.

Em conclusão é a commissão subsidiaria de geographia de parecer: que o valioso trabalho do Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires, publicado sob o titulo de *Viagem ás terras diamantinas do Abaeté*, é documento mais que sufficiente para autorizar o Instituto Historico e Geographico Brazileiro á recebel-o com muito especial agrado, como seu socio correspondente.

Rio 15 de Janeiro de 1894. *Ovidio F. Trigo de Loureiro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Francisco Calheiros da Graça.*

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. José Hygino.

Da commissão de historia sobre o trabalho offerecido pelo Sr. Dr. Christiano Frederico Seybold proposto para o lugar de socio correspondente estrangeiro.

Parecer:— A commissão de historia, cumprindo a designação recebida em 18 de Agosto do anno passado, passa a emittir seu parecer sobre a proposta aqui junta, do nome do Sr. Dr. Christiano Frederico Seybold, apresentada na sessão de 28 do mez anterior para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

A commissão recebeu tambem dois livros, que foram offerecidos como titulos para a admissão d'este candidato, que é doutor em philosophia, professor de linguas orientaes, e autor de varias obras litterarias de mais ou menos vulto, e por tanto desde já faz-lhe a justiça de declarar ser homem de verdadeiro merito.

Intitulam-se estes livros:

1.° Brevis linguæ Guarani Grammatica Hispanica à Reverendo Padre Jesuita Paulo Restivo, secundum libros Antonii Ruiz de Montoya et Simonis Bandinii, et brevis notitia de la Lengua Guarani, inscripta sub auspiciis Augustissimi Domini Petri II, Brasiliæ Imperatoris, ex unico, qui notus est, Suæ Magestatis Codice Manuscripto.

2.° Vocabulario de la Lengua Guarani, compuesto por el Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Jesus,

revisto e augmentado por otro religioso de la misma compañia.

A primeira parte da *Brevis Linguæ* já foi publicada em 1878 na *Bibliotheca Americana* com o titulo «Arte de la Lengua Guarani por el Padre Antonio Ruiz de Montoya, de la Compañia de Jesus, con los escolios, anotaciones y apendices del Padre Paulo Restivo de la misma compañia, sacado de los papeles del Padre Simon Bandini y de otros, no anno de 1704,» em formato de 4°. e com 256 paginas.

Está claro, que o Sr. Dr. Christiano Seybold, como elle mesmo confessa, editou de novo este trabalho, que enriqueceu com um erudito *Prefacio* escripto em latim, onde salientando o que já tinha feito em Stockholm, no Congresso dos Orientalistas no mez de Setembro de 1889 em relação á Lingua Tupi, que estudou por conselhos e instancias de Sua Magestade o Imperador, disse que esta *Arte é preciosissima e rarisisma*, sendo apenas conhecida uma em poder do nosso erudito consocio o Sr. Dr. Couto de Magalhães.

O *Vocabulario*, ou o segundo livro offerecido foi publicado em 1722 na *Bibliotheca Americana*, na secção da *Bibliografia de la Lengua Tupi*, e d'elle, tirados em edição a parte, só existem dois exemplares, um na *Bibliotheca Nacional* do Rio de Janeiro, e outro na *Bibliotheca do Sr. D. Pedro II, vermibus jam paululum corrosum, et in dies magis magis que delabens.*

Como se vê, são duas raridades e duas preciosidades de subido valor, pois referem-se a lingua tupi, isto é, a lingua dos primeiros habitantes d'esta terra, a qual foi estudada por esses venerandos sacerdotes, «Correios do céo» na primorosa frase do Dr. Antonio Muniz Barreto Corte-Real (Bellezas de Coimbra, 1831) que vinham da Europa, de Goa, do Japão e de Meliapor, encostados aos seus bordões de peregrinos, sobraçando o Breviario, trazendo pendente do pescoço a Cruz e as mãos sempre erguidas para o céo em fervorosas preces ao Ente-Supremo, e assim, como descreveu o grande Bossuet, destroçaram mais batalhões e preveniram mais males do que exercitos armados de mosquetes e de lanças.

Os reverendos e venerados padres jesuitas Manoel da Nobrega, Antonio Vieira, José d'Anchieta, Antonio Pires, Gabriel Malagrida e tantos outros foram os novos *Orpheos das Solidões do Brazil*, e como Orpheo, na frase de Frei Balthazar Telles, fingio a antiguidade da Grecia, vimos cumprido na gentilidade do Brazil, pois tantas e tão diversas feras, de natureza indomita, seguiram as doutrinas d'esses apostolos do Novo Mundo, que o percorreram em todas as regiões, subindo alcantilados montes, affrontando arriscados despenhadeiros, caminhando por planicies sem fim, e até mettidos em *ubás* ou pequenas canôas percorriam o magestoso rio São-Francisco, o soberbo Amazonas, o Itapicurú, o Tocantins, o Mearim, o Parnahiba e outros, ao som de instrumentos e de canticos sagrados attrahiam ás margens os selvicolas, e buscavam assim conquistal-os para o gremio da Igreja.

Convém lembrar, que a lingua tupi conquista hoje a attenção dos sabios da Europa, como ao obscuro relator abaixo assignado muitas vezes disse o Visconde de Porto-Seguro, nome que aqui deve ser proferido sempre com respeitosa gratidão e vivas saudades.

Não deixa por tanto de ser muito importante e opportuna a publicação ou reedição d'estas duas obras, e se assim não acontecesse, desappareceriam em breve do mundo litterario.

Sobe porém de valor pensando-se que o Sr. Dr. Christiano Seybold na pag. IX do prefacio do *Vocabulario* confessa «ter tido muitos trabalhos, que venceu muitas difficuldades para apresentar esta obra escoimada de erros, e de vocabulos corruptos, analysando sentenças, esquadrinhando-as com extrema industria, comparando citações, distribuindo as materias em ordem alphabetica, e corrigindo a orthographia» e além d'isto lêm-se ahi notas e observações, que denotam muito gosto para tal estudo e já muita somma de conhecimentos especiaes.

E' tempo de recordar, que em dia para nós sempre solemne, na 7.ª sessão publica anniversaria, celebrada no dia 9 de Setembro de 1847, o nosso então 1.º Secretario o illustre litterato Sr. Manoel Ferreira Lagos, proferio estas palavras que vamos copiar:

« De ha muito está o Instituto convencido da urgente necessidade do estudo da lingua geral dos aborigenes, e de seus dialectos, pois com Balbi reconhece, que o Brazil é ainda a *terra incognita* da ethnographia americana.

« Espera porém dar andamento a uma judiciosa proposta, formulada em 1840 pelo sr. Varnhagen, fazendo não só imprimir os vocabularios indigenas, que possue em manuscripto, assim como a preciosa collecção de orações e doutrinas christãs, attribuidas aos missionarios-jesuitas Anchieta e Nobrega, mais ainda imprimir as grammaticas e diccionarios já publicados, e hoje rarissimos; sobre tudo a grammatica da lingua *kiriri*, da qual apenas temos visto um exemplar existente na Bibliotheca Publica d'esta côrte.

« A carencia de meios tem inhibido ao Instituto de dar largas aos seus patrioticos desejos, vulgarisando por meio da imprensa estas e outras obras ineditas, que por extensas não cabem na sua *Revista*.»

O Instituto foi dahi em diante realizando, como lhe tem sido possivel, esta promessa, e nas paginas da sua *Revista* tem, por diversas vezes, apresentado *Vocabularios*, mais ou menos desenvolvidos, de Indios de diversas provincias, hoje Estados, escriptos por nacionaes e estrangeiros, e ainda no vol. de 1891 se encontra o *Diccionario da lingua geral do Brazil*, ou *Diccionario abreviado Tupinambá portuguez*, composto por Frei Onofre, e por acaso encontrado no convento dos frades franciscanos na cidade de São-Luiz, e conservado por Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres na sua *Poranduba Maranhense*.

As duas publicações feitas pelo Sr. Dr. Christiano Seybold, parece, que obedeceram á proposta do Sr. Visconde de Porto-Seguro, e aos desejos do Instituto Historico, prestando assim grande serviço ao nosso programma na secção ethnographica e demonstrando além d'isso amor e dedicação a este ramo de conhecimentos humanos, e por tanto julga esta commissão de seu dever solicitar, que o nome do Sr. Dr. Christiano Seybold seja inscripto no

quadro dos seus socios correspondentes, e espera que o Instituto assim o entenda em sua justiça e sabedoria.

S. R. Sala das sessões do Instituto Historico aos 15 de Janeiro de 1894. *Dr. Cesar Augusto Marques*, relator. *Dr. João Severiano da Fonseca. Joaquim Joseph Gomes da S. Neto.*

A' commissão de admissão de socios sendo relator o Sr. Barão de Capanema.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerrou a sessão ás 3 horas da tarde.

J. Xavier da Motta,
Secretario supplente

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE ABRIL DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino Castro

O Sr. Presidente abre a sessão ás 12 horas do dia, achando-se presentes os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, General João Severiano, Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Commendador José Luiz Alves, Marquez de Paranaguá, Dr. Cesar Marques, Barão de Alencar, Commendador Gomes Brandão, Dr. Sacramento Blake, Barão de Capanema, Dr. Machado Portella e Dr. Alencar Araripe Junior. Faltando com causa participada os Srs. Conselheiro M. F. Correia e Xavier da Motta, para substituir a este consocio, como 2° Secretario, o Sr. Presidente designa o Sr. Araripe Junior. Lê-se a acta da sessão anterior, que é approvada.

O Sr. Henrique Raffard, 1° Secretario, dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE.

Officios : Do director da Bibliotheca Nacional de Montevidéo, communicando não ter ainda recebido a *Revista Trimensal* do Instituto dos annos de 1892 e 1893 ; do

Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros convidando para a sessão solemne do 50° anniversario de sua fundação; do Centro Artistico, communicando que tomará parte nas demonstrações civicas do dia 7 de Setembro indo depôr uma corôa aos pés da estatua de José Bonifacio; da Società Adriatica di Scienze naturali de Trieste, accusando recebidos os tomos 44 II P. e 45 I P. da *Revista Trimensal* do Instituto; do The Geographical Society of the Pacific de S. Francisco, perguntando si o Instituto quer permutar a *Revista* com o seu *Boletim* annual; do Verein für Erdkunde zu Dresden, agradecendo a remessa de avulsos relativos a festa colombiana; da Escola Normal da capital federal, agradecendo o tomo LVI da *Revista*; do Governador do Estado do Piauhy, enviando as leis estadoaes promulgadas nos annos de 1891 e 1892, bem como a *Mensagem* apresentada por S. Ex. em 8 de Junho de 1893 á respectiva camara legislativa; da directoria do Lyceu Paraense, em Belém, participando achar-se em via de organização a sua bibliotheca e solicitando uma collecção da *Revista*; do VIII Congresso Internacional de Hygiene e de Demographia, que deve realizar-se em Budapest no corrente anno, pedindo a relação dos socios do Instituto; da Societé Neuchâteloise de Géographie, pedindo a *Revista* do Instituto desde 1885, época a partir da qual manda o seu *Boletim*; do socio Dr. João José Pinto Junior, acompanhando uma photographia; do mesmo socio acompanhando o *Jornal do Recife* de 11 de Novembro de 1893, em que se acha a biographia do remettente; da Sociedade de Geographia de Lisboa agradecendo diversos volumes do Instituto; da Societé Khediviale de Géographie do Cairo, accusando recebido com agrado varias publicações do Instituto; da Phsical-Economical Society de Könisgberg, pedindo os tomos XLIII P. II, XLVII, LII eLIII P. I da *Revista* do Instituto; da Société Royale de Géographie d'Anvers, indicando os numeros que possue da *Revista* do Instituto e pedindo numeros que lhe faltam; do socio Damasceno Vieira, participando achar-se em Santos no exercicio do cargo de conferente da alfandega; do socio Julio Meili acompanhando vinte e seis medalhas devidamente relacionadas;

dos irmãos Claes de Antuerpia, offerecendo seus serviços de agenciamento para a Exposição universal de Antuerpia em 1894; da California Midwinter Internacional Exposition, dando parte da projectada exposição de Janeiro a Junho de 1894, de S. Francisco; da Société Royale de Géographie d'Anvers dando como recebidos diversos volumes; dos livreiros R. Friëdläudeer & Sohon de Berlim, solicitando dados sobre os zoologistas brazileiros para um almanak especial em via de publicação; do livreiro H. Welter de Paris, pedindo alguns volumes da *Revista* para uma grande bibliotheca; do director da Officina de Estatistica da Provincia de Buenos-Aires, communicando a sua nomeação e offerecendo o seu prestimo do presidente do X Congresso de Orientalistas, sessão de Genebra, convidando o Instituto para se fazer representar; da Wisconsin Academy of Sciences, Arts and letters de Maddison Wis. U. S. A., accusando recebimento das *Revistas* do Instituto; da Smithsonian Institution, por si e pelo U. S. National Museum, participando ter em seu poder as ultimas remessas do Instituto; do Adirondark Survey Office, em Albany, declarando estar de posse dos volumes ultimamente remettidos; do U. S. Geological Survey de Washington, avisando do recebimento das *Revistas* do Instituto; do bibliothecario da Bibliotheca Publica da Bahia, acompanhando uma cópia do manuscripto que contém a memoria estatistica do Imperio do Brazil em 1808 e 1823 e pedindo as *Revistas* dos annos de 1844 e 1846; do socio Sr. F. M. da Cunha Junior, justificando a sua ausencia nas sessões; do Sr. D. I. Costescu, de Bucharest (Romania), perguntando quaes as condições em que poderia obter as *Revistas* do Instituto dos annos de 1889 a 1894 inclusive; do socio Sr. Dr. G. Studart, pedindo a primeira parte do anno de 1891 e 1892 e o anno todo de 1890; da secretaria do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, encarregada pela Real Academia de Jurisprudencia de Madrid de remetter ao Instituto o livro — *Actas del Congresso Juridico Ibero-Americano* e pedindo se accuse o recebimento; da Bibliotheca do Lyceu de Artes e Officios, solicitando a collecção da *Revista*; do Museu Nacional do Rio de Janeiro,

reconhecendo os direitos do Instituto sobre o craneo fossil, do Dr. Pedro Lund, solicitando porém a sua cessão ao mesmoMuseu; da Bibliotheca Publica do Estado do Pará, solicitando a collecção da *Revista*; da commissão do centenario do Infante D. Henrique, solicitando o concurso do Instituto para a celebração do 5° centenario do nascimento de D. Henrique; do Dr. Alfredo do Nascimento Silva, solicitando a sua exoneração dos cargos para que foi designado e pedindo licença para deixar de comparecer ás sessões do Instituto.

OFFERTAS

Pelo socio Conde de Motta Maia e outros:

1.° — Photographia da camara ardente em que repousou o corpo de S. M. o Imperador D. Pedro II em uma das salas do Hotel Bedford em Paris; 2.° photographia do catafalco em que repousou o corpo da Imperatriz D. Thereza Christina Maria na igreja da Lapa na cidade do Porto; 3.° 1 exemplar do *Le Journal Illustré* de Paris, 20 de Dezembro de 1891; 4°. um exemplar do *El Americano* de Barcelona, 15 de Novembro de 1889; 5°. 1 exemplar do *Le Soleil du Dimanche* de Paris, 20 de Dezembro de 1891; 6° 1 exemplar de *L'Ilustration* de Paris, 12 de Dezembro de 1891; 7°. 1 exemplar de *La France Moderne* de Paris, 21 de Junho de 1891; 8°. 1 exemplar do Discurso original de M. Daubrèe no Instituto de França a 9 de Dezembro de 1891; 9°. 1 exemplar de *L'Avenir d'Antibes*, 27 de Março de 1892; 10°. 2 exemplares do livro D. Pedro *In Memoriam* Dom Pedro The Second, the Magnanimue Emperor of Brazil; 11°. 2 exemplares do livro das *Poèsies Hebraico Provençales du Rituel Israélite Contadin traduites et transcriptes par S. M. Don Pedro II d'Alcantara, Empereur du Brésil*; 12°. 1 cartão de convite para assistir as solemnes exequias de S. M. o Imperador do Brazil Dom Pedro II, em Paris á 9 de Dezembro de 1891, na igreja de Sainte Madeleine; pelo autor, Geographia antiga comparada para o estudo e intelligencia da historia nos lyceus e escolas de Santiago de Chile; pela Officina Central de Estatistica do Chile, *Sinopsis Estatistica e*

Geografica de 1892 ; pelas sociedades de geographia da Russia, de Paris e de Madrid, *Boletins*; pela Schriften der Phisikalisch o *honomisckens Gesellschaft der Koigberg*, *Revista* ; pela Neundzwanzigsper Bericht der Oberhessischen Gesellschaft Giessen, *Revista*; pela 77 Jahresbericht der Naturporschen der Gesellschaft, *Revista* ; pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, *Revista dos Cursos Praticos e Theoricos*, 7.° *anno*; pelas sociedades Gesellschaft für Erdkunde de Berlin, *Boletins* ns. 2, 6 ; Geografia Italiana de Roma, *Boletim*, n. 6 ; Geografia de Lima, *Boletim*, 4.° Trimestre ; Instituto Geografico Argentino de Buenos-Aires, *Boletins*, ns. 13, 14, 16; American Geographical de New-York, *Boletim* ; Commissão geographica e geologica do Estado de São-Paulo, *Boletins*, n. 8 e 9 ; Universidade da Republica do Chile, *Anales* de Julho e Agosto de 1893 ; Cientifica Argentina de Buenos-Aires, *Anales* de Abril e Maio de 1893 ; Directoria Geral dos Correios, *Boletins Postaes*, ns. 8, 9 e 10 ; pelo Departamento Nacional de Hygiene de Buenos-Aires, *Anales* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Relatorio* ; Repartição Geral dos Telegraphos, *Relatorio* ; pelo Director Geral dos Correios, *União Postal Universal* ; pelo Tenente Affonso Barrouin, *Primeiro ensaio de um estudo racional sobre o aerostato dirigivel* ; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus de Seances*, e *Boletim* n. 15 ; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*, ns. 58, 59, 60, 63, 64 e 65 ; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, *Annaes* de Janeiro á Junho e de Julho á Setembro de 1893 ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim*; pela Secretaria dos Negocios do Interior e Justiça, *Relatorio* ; pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, *Revista*, 1.° e 2°. *Boletins*; pelo Dr. Camillo Ferreira, *Pareceres* e *Votos* do Exm. Conde de Prados; pelo Dr. Sacramento Blake, *O Marquez de Pombal*, obra commemorativa do centenario da sua morte ; pelo 1° Secretario, *D. Pedro II do Brazil*, discurso por Alfredo da Cunha ; pelo mesmo, *D. Pedro de Alcantara, segundo e ultimo Imperador do Brazil* ; por Scipião Ferreira, *a Vida*, (Reflexões) ; pelo Dr. Coriolano de Carvalho e Silva, *Mensagem* apresentada á Camara Legislativa do Estado do

Piauhy; pelo mesmo, *Leis do Estado do Piauhy*; pelo autor, Mr. Edward Muybridge, da Universidade da Pensylvania, seu livro *Zoopraxography or the Science of animal locomotion* ; pelo Sr. Dr. Guilherme Studart, do Ceará, sua photographia ; pelo Sr. Dr. João José Pinto Junior, sua photographia ; pelo Archivo do Districto Federal, *Revista* de documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro, ns. 1, 2, 3 e 4 ; pela Société Imperiale des Naturalistes de Moscou, *Boletim*, (dupl.) ; pela directoria do Archivo Publico da Bahia, em nome do Sr. Dr. Governador do Estado, *Memoria sobre o Estado da Bahia* ; pela Société Nationale des Sciences Naturelles et Mathematiques de Cherbourg, suas *Memorias* ; pela Academie des Sciences, des Lettres et des Arts d'Amiens, suas *Memorias* ; pela Académie de Stanislas, suas *Memorias* ; pela Société Linnéenne du Nord de la France, suas *Memorias*; pelo autor, a traducção em hespanhol da obra *Colombia*, de Elisée Reclus, por F. J. Vergara y Velasco ; pelo autor, Oscar de Araujo, *L'idée Republicaine au Brésil* ; pelo autor Giovanni Marinelli, *Saggio di Cartografia Italiana* ; pela Manchester Literary and Philosophical Society, suas *Memoirs and Procedings*; pela Cornells University, *Register*, 1893—94 ; pela Geographischen Gesellschaft zu Greifswald, *V. Jahresbericht der* ; pelo autor, o *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul* ; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya, o seu *Annuario* ; pelos livreiros Hachette & C., de Pariz, os fasciculos 72, 73 e 74 do *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle* ; pela Academia delle Scienze fisiche e matematiche di Napoli, seu *Rendiconto* ; pelo autor, o seu livro o *Bispo de Damão* ; pelo autor Lafayette de Toledo, *Indice synoptico, chronologico e analytico dos decretos, leis, regulamentos etc. do Estado de São-Paulo* ; pelo autor advogado Argemiro da Silveira, *Appellação civel N.* 353 ; pelo Presidente do Estado do Espirito-Santo, *Mensagem* e *leis do Congresso* do mesmo Estado ; pelo autor Luiz de Castilho, *Notas e formulas para uso dos fabricantes de assucar, refinadores e distilladores* ; pelo autor Elisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*: *La terre et les hommes*— XIX Amerique du Sud; pelo National

Geographic Magazine *Procedings of the International Geographic Conference in Chicago* 1893; pela Smithsonian Institution, *Natural History of New-York*, *Palæontology Archiv für osterreichische Geschichte*, *Mitteilungen des Vereins für Erdukne zu Halle und zu Leipzig*, 2 volumes, *Sitzungsbrichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, 17 volumes, *Fontes rerum Austriacarum*, 2 volumes, *Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, *Evolution of the colours of North American Land Birds*, *Mittheilungen der kais königl Geographischen Gesellchaft in Wien*, *The Pensylvania Magazine of History and Biography*, 4 volumes, *Procedings of the American Association for the advancement of Science*, 2 volumes, *Report of the U. S. National Museum*, *Mineral resources of the United States*, *Société Royale Belge de Geographie*, Boletins, 5 volumes, *Jahres bericht der Naturfoeschenden Gesellschaft in Emden*, *Annual report of the American Historical Association for the year* 1891, 2 volumes, *Memoirs and Procedings of the Manchester Literary*, *Philosophical Society*, 4 volumes, *Tenth annual report of the Board of Trustees of the Public Museum of the city of Milwankee*, *The transactions of the Academy of Science of St. Louis*, 2 volumes, *Almanak der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, 1892; pelo autor *The supposed glaciation of Brasil*, 2 copias; pela Royal Geographical Society of Australasia *Procedings and Transactions of the Queensland Branch*, da mesma; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro seus *Annaes*; pelo autor e socio J. Barboza Rodrigues, *Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro*; pelo Canadian Institute, seu *Fifth annual report*, e suas *Transactions*; pela Veneravel Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo, seu *Relatorio*; pelos editores, *The Dominion Illustrated Monthly*; pelo autor o socio Dr. Domingos Jaguaribe, *Influence de l'Esclavage et de la Liberté*; pelo Instituto de Ingenieros de Santiago de Chile, seus *Anales*, 5 vols.; pela Société Royale de Géographie d'Anvers, seus *Bulletins* 1 et 5; pela Société Linnéenne du Nord de la France, *Boletins*, 12; pela Sociedade Nacional de Agricultura de Chile, *Boletins*; pela mesma *Fabricacion*

de Mantequilla y Queso; pela Société Normande de Géographie, *Boletins* 1892—93, 5 vols.; pela Sociedad Cientifica *Antonio Alzate* do Mexico, suas *Memorias y Revista*- 4 vols.; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya, *Boletins*, ns. 13, 14 e 15; pela Sociedade de Geogra; phia de Lisboa, seus *Boletins*, ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Boletim* 1; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Boletins*, ns. 1, 2, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24; pela Società Adriatica di Scienze Naturali di Trieste, *Boletino* n. 15; pela Directoria dos Correios do Brazil, *Boletim Postal*, ns. 11 e 12; pela Société de Sciences historiques et naturelles de l'Yonne, *Boletim* n. 46; pelo traductor J. Arthur Montenegro, as *Memorias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*; pelo socio José de Vasconcellos, sua photographia; pela Real Academia de Jurisprudencia y Legislacion de Madrid, por meio do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, o seu livro *Actas del Congresso Juridico Ibero-Americano*; pelas redacções: *Revista Pedagogica*, ns. 25, 26, 27, 28, 29 e 30; *Revista da Associação Rural do Uruguay*, ns. 1, 2, 3, 4, 20, 21, 22, e 23; *Revue Medico-Chirurgicale du Brésil et de Pays de l'Amerique Latine*, ns. 1, 11 e 12; *Revista Industrial*, de Minas Geraes, ns. 1, 2, 3, 4 e 5; *Revista de Educação e Ensino*, do Pará, ns. 7, 8, 9 e 10; *Revista da Commissão Technica Consultiva*; *L'Oriente*, Revista trimensal de Roma, n. 1; *Revista Azul*, ns. 1, 2, 3, 4 e 5; *Jornal de Curitiba*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Apostolo*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Estrella*, *Diario Official*, do Estado do Amazonas, *Gazeta Americana*, *The Graphic*, de Chicago, *Gazeta de Alemquer*, *El Eco de Gallicia*, *El Colleccionista Argentino*, revista; pelo socio Visconde de Nogueira da Gama, seu livro *Minhas memorias*; pelo socio Julio Meili, *diversas medalhas*; *Documentos historicos da cidade de Evora*, 3ª parte, fasc. XXII; pelo autor *Quem deu o nome ao Lavrador* (Breve estudo.)

O Sr. Presidente tomando a palavra, profere a seguinte allocução:

« Na noite de 18 de Março proximo passado falleceu n'esta capital um dos nossos mais illustrados consocios o

Conselheiro Dr. Ladislau de Souza Mello Neto. São geralmente conhecidos os relevantes serviços prestados á sciencia por este distincto funccionario no importante cargo que por longo tempo exerceu de director do Museu Nacional, no desempenho de varias commissões scientificas, em exposições nacionaes e universaes, no Congresso dos Americanistas, na qualidade de presidente, e ainda os que, já alquebrado pela enfermidade a que succumbio, prestou como vice-presidente e mais tarde como presidente da commissão nomeada para representar o Brazil na Exposição de Chicago.

« Infatigavel cultor das lettras, preciosos testimunhos do seu talento e variada instrucção deixou nos trabalhos que correm impressos e são pelos entendidos devidamente apreciados. Figuram entre esses uma importante memoria dirigida á Academia de Sciencias de Paris sobre physiologia botanica, diversas monographias, insertas nos *Annaes do Museu Nacional*, creação sua, e a que deu grande impulso com toda a efficacia de sua actividade e reconhecido saber.

« Deixando-nos, depois de fazer parte da nossa associação por mais de vinte annos, na qualidade de socio correspondente e effectivo, indelevel será a lembrança que do seu nome guardarão os fastos do nosso Instituto.

« De conformidade com os estatutos fica registrada na acta da presente sessão a funesta noticia que tão profundo pezar veio causar-nos.»

Sobre o officio do consocio Sr. Dr. Alfredo Nascimento deliberou o Instituto que o Sr. Commendador Xavier da Motta assumisse o exercicio do cargo de 2.° Secretario, como supplente, na conformidade dos estatutos.

Em seguida são tomadas estas resoluções :

Autorisa-se o Sr. 1.° Secretario a satisfazer aos pedidos de collecções de Revistas feitos por associações e que estejam nos casos de merecer essa attenção ; é acceita a renuncia apresentada anteriormente pelo consocio Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto, do lugar de membro do Instituto ; o Sr. Presidente nomeará quem represente a associação no Congresso de Orientalistas, sessão de Genebra, que se deve reunir este anno.

O Sr. 1.° Secretario pede, que no ultimo numero da *Revista* (tomo LVI) se faça uma rectificação, lendo-se á pagina 155, 5ª linha, — 950 — em lugar de — 912 — e 6.ª linha, — 850 — em lugar de 980.

Continuando com a palavra, o Sr. 1.° Secretario lembra a necessidade de deliberar-se sobre a materia do officio do director do Museu Nacional relativamente á cessão do craneo fossil offerecido pelo Dr. Pedro Lund, e cuja propriedade foi reconhecida ao Instituto. Havendo divergencia de opiniões, e posta a questão a votos, votaram pela cessão ao Museu os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, General João Severiano, Dr. Sacramento Blake, Commendador José Luiz Alves, Marquez de Paranaguá, Conselheiro Alencar Araripe e Dr. Araripe Junior; pela restituição ao Instituto os Srs. Drs. Cesar Marques, Barão de Alencar, Commendador Gomes Brandão, Barão de Capanema, Henrique Raffard, Dr. Machado Portella e Conselheiro Aquino e Castro; havendo empate, ficou a resolução adiada para a sessão seguinte.

O Sr. Dr. Cesar Marques apresenta e offerece ao Instituto os apontamentos de sua biographia e propõe, que seja marcado um prazo de trez a seis mezes para que os socios approvados tirem os seus diplomas, sob pena de caducidade, sendo o primeiro prazo para os residentes na capital federal e o segundo para os que forem domiciliados nos Estados da União. Essa proposta é remettida á commissão de estatutos, sendo relator o Sr. Conselheiro Alencar Araripe.

Pelos Srs. Dr. Cesar Marques, Conselheiro Alencar Araripe e Commendador Gomes Brandão é apresentada a seguinte

Proposta:— Propomos para socio correspondente o Sr. Gabriel do Monte Pereira, natural de Portugal, colleccionador e publicador de muitos e varios folhetos intitulados: *Documentos historicos da cidade d'Evora* e director da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Declaramos, que o Sr. Gabriel do Monte é muito elogiado pelo nosso erudito consocio o Sr. Dr. Guilherme Studart, residente no Ceará, que o conhecia em Lisboa, e que n'elle notou espirito culto,

trabalhador, e amante de estudos historicos. Rio 6 de Abril de 1894. *Dr. Cesar A. Marques. A. J. Gomes Brandão. Tristão de Alencar Araripe.*

A proposta é enviada a commissão de historia, sendo relator o Sr. General João Severiano da Fonseca.

Para preencher interinamente a falta que se dá na commissão de geographia é nomeado o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan.

Pelo Sr. 1°. Secretario são lidos os seguintes pareceres :

Da commissão de geographia :

Foi presente a commissão de geographia a seguinte proposta assignada pelos illustres consocios Dr. Alfredo Piragibe, José Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake e Barão de Miranda Reis :

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, preparador da cadeira de hygiene da Faculdade de Medicina d'esta capital e encarregado dos trabalhos micrographicos do Observatorio do Rio de Janeiro, autor do importante trabalho sobre a topographia medica da cidade do Rio de Janeiro, hoje offerecido ao Instituto.»

A commissão leu attentamente o livro a que allude a proposta, apresentado como titulo para admissão do Dr. Azevedo Pimentel no gremio do Instituto. Além da parte technica concernente a hygiene d'esta capital, que o autor desenvolve com a competencia que lhe dão seus talentos e estudos especiaes, o livro contém, no cap. 1°., o resumo historico do desenvolvimento do Brazil, seguido de um estudo sobre a fundação do Rio de Janeiro, em que se mencionam os principaes factos do governo colonial, serviços relevantes prestados pelos governadores e pelos vice-Reis até a chegada de D. João VI.

No 2°. capitulo do livro acha-se determinada a posição geographica do municipio federal e a d'esta capital, a descripção das montanhas do Rio de Janeiro derivadas com differentes denominações e diversas direcções da cordilheira oriental maritima e serra do mar, do systema orographico brazileiro que estende-se do Rio-Grande

do Sul até o cabo de São-Roque. Trata depois da parte hydrographica mencionando os cursos d'agua que se lançam na nossa bahia no perimetro da cidade ou fóra d'elle, pertencentes ao municipio ou ao Estado do Rio de Janeiro. Discorre sobre o desenvolvimento material do Rio de Janeiro desde a chegada de D. João VI até o anno de 1887, occupando-se para maior clareza, da descripção dos differentes valles e bairros da cidade e suburbios, sob diversos pontos de vista relativamente á edificação, estabelecimentos uteis, condições de salubridade, novos elementos de progresso, etc.

Dá finalmente circunstanciada noticia das lagôas, pantanos antigos e actuaes, bem como dos aterros que se tem feito ou estão projectados.

Assim a commissão é de parecer, que este importante trabalho justifica assaz a proposta apresentada. Rio, 6 de Abril de 1894. *Marquez de Paranaguá. Visconde de Beaurepaire Rohan.*

Da commissão de admissão de socios :

Foi presente á commissão de admissão de socios o parecer da illustrada commissão de historia relativo a admissão do reverendo José Joaquim Corrêa de Almeida, como socio correspondente. Pelos fundamentos constantes d'esse bem elaborado parecer, e pela respeitabilidade do proposto, a commissão de admissão de socios, acceitanto a conclusão do mesmo parecer, opina tambem no sentido de que o proposto « é digno e muito digno de um lugar no Instituto. » Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 2 de Março de 1894. *Manoel Francisco Correia. Barão de Capanema.*

Da commissão de fundos e orçamento :

A commissão de fundos e orçamento vem em desempenho de seu mandato trazer ao conhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o seu parecer em virtude do exame que fez no balanço geral, que lhe foi apresentado pelo muito digno e zeloso thesoureiro o Exm. Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

O balanço geral de receita e despeza fechado a 31 de Dezembro do anno de 1893, mostra que a receita incluida ao saldo de Rs. 3.367$000, que passou no anno de 1892, montou em Rs. 11.509$000, e a despeza montou em Rs. 11.373$000, que deduzida da receita mostra um saldo a favor do Instituto de Rs. 136$000, que passa ao anno de 1894.

As verbas que formam a receita são as seguintes :

Saldo que passou de 1892.....		3.367$000	
Subsidio do Governo :			
1ª prestação...	2.250$000		
2ª prestação...	2.250$000	4.500$000	
Juros das apolices :			
Do 1º semestre	1.680$000		
Do 2º semestre	1.680$000	3.360$000	
Prestações semestraes dos socios.....		228$000	
Joia de 1 socio.....		205000	
Venda da Revista.....		34$000	11.509$000
A despeza é justificada nas seguintes verbas.....			
A edição do poema Colombo	4.000$000		
Gravuras e biographia do Barão de Santo Angelo.....	372$000		
	4.372$000		11.509$000

Impressão de 1 discurso.....	160$000		
Idem do tomo 55 da *Revista Trimensal* parte 2ª p/c.	2.134$000	6.666$000	
Idem da brochura da acta e mais peças da sessão solemne.....		1.350$000	
Honorarios dos empregados			
Do 1º semestre	1.200$000		
Do 2º semestre.	900$000		
De 1 auxiliar nos mezes de Janeiro e Fevereiro.....	200$000	2.300$000	
Despezas miudas			
Do 1º semestre	350$000		
Do 2º semestre	100$000	450$000	
Pago a Ernesto A. Boulanger custo de livros e documentos...	500$000		
Diplomas e concerto de 1 livro.....	14$000	514$000	
Papel, tinta, lapis para o expediente.....		62$000	
Declarações na imprensa.....		6$000	
Velas para illuminação.....		25$000	11.373$000
Saldo que passa S. E. ou O.			Rs. 136$000

O pequeno saldo de Rs. 136$000, que passou ao anno de 1894 é insufficiente para fazer face ao pagamento de varias contas cuja importancia não se póde precisar por não terem ainda sido apresentadas e por isso tambem não póde a commissão dizer em quanto montará o deficit.

Achando-se perfeitamente documentadas todas as contas que formam as verbas da despeza e legalisadas pelo visto do muito digno 1.° Secretario e o pague-se do Exm. Sr. Conselheiro Presidente, e a escripturação feita com claresa, methodo e limpeza, a commissão ainda uma vez julga digno de louvores o muito illustre consocio, que tem sob sua guarda e responsabilidade os haveres do Instituto, pela rara dedicação e zelo com que procura desempenhar tão ardua missão. A commissão julga as contas dignas de approvação.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 6 de Abril de 1894. O relator, *José Luiz Alves. Dr. Cesar Augusto Marques.*

D'estes pareceres, o 1.°, depois de approvado, é remettido á commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia; o 2.° fica sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte; e o ultimo é approvado.

O Sr. 1.° Secretario apresenta os recibos dos Srs. Conde de Mota Maia, Drs. Charcot, Semmola e De Giovanni pela devida entrega das medalhas commemorativas do restabelecimento de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, em reconhecimento dos desvelados cuidados dos mencionados senhores, todos socios d'este Instituto.

O consocio Sr. Dr. Sacramento Blake dando noticia do que ha occorrido, com relação a proposta do Sr. Mercier para socio d'este Instituto, pede dispensa da commissão de historia, que tem de pronunciar-se sobre a mesma proposta, e sendo-lhe concedida, é nomeado para o substituir o Sr. Araripe Junior.

Foi resolvido que a seguinte sessão se effectue no dia 20 do corrente, ao meio dia.

Levanta-se a sessão ás 3 horas da tarde.

T. A. Araripe Junior,
servindo de 2.° Secretario

2ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL DE 1894.

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro.

Ao meio dia, achando-se presentes os Srs. Visconde de Baurepaire Rohan, Conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros, Henrique Raffard, Dr. Castro Carreira, General João Severiano, Dr. Cesar Marques, Commendadores José Luiz Alves e Gomes Brandão, o Sr. Presidente declara aberta a sessão, tendo justificado a sua ausencia os Srs. Commendador Xavier da Motta e Dr. Araripe Junior. Não tendo comparecido o 2.º Secretario e os Srs. supplentes, o Sr. Dr. Cesar Marques serve de 2.º Secretario.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois da seguinte rectificação:

Escapou na acta anterior a declaração de ter ficado o Sr. Presidente autorisado a liquidar como melhor entender o pagamento do trabalho feito para a catalogação dos livros doados pelo Augusto Protector Immediato do Instituto; trabalho para o qual contribuio o Sr. 1.º Secretario com cerca de quinhentos mil réis, que a titulo de gratificação deu ao encarregado d'esse serviço para que menos onerado fosse o cofre do Instituto.

O 1º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios: Da *Geographical Society of Pacific*, communicando que á pedido da junta directiva da *California Midwin international Exposition* resolveu, que durante a Exposição de S. Francisco, no dia 4 de Maio, realizar-se-á uma conferencia de geographos, e convidando o Instituto a fazer-se representar ou mandar uma memoria para ser lida na dita conferencia; da *American Antiquarian* acompanhando seu *Boletim*, pedindo permuta e uma lista dos especialistas de archeologia e

ethnographia do Brazil, para n'ella escolher um representante; da *Academia de Stanislas*, communicando que estabeleceu um premio para uma obra; da *Oberhessische Gesellschaft fur Natur und Heilkunde*, de Giessen, pedindo as *Revistas do Instituto* vols. 46, 1. 2., 49, 3. 4., 51, supplementos, 52, 1., 53, 1 2., 54, 1. 2; do Internato do Gymnasio Nacional pedindo algumas *Revistas* do Instituto para a sua bibliotheca; do ministro da justiça e negocios interiores communicando que, segundo declarou por carta o Sr. Visconde de Taunay, o Sr. D. Pedro II approvou o que fez a maioria da commissão incumbida da distribuição dos livros da bibliotheca da quinta imperial da Boa-Vista.

OFFERTAS

Pelo socio Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, *Le problème monetaire et sa solution*, por G. M. Boissevain, *a Bahia de Todos os Santos com relação ao melhoramento do seu porto*, pelo Capitão-tenente A. Alves Camara e o *Compendio da Lingua Brazilica* por F. R. C. de Faria, 2 exemplares; pelo socio Lafayette de Toledo *a Bernarda de Francisco Ignacio em São-Paulo a 23 de Maio de* 1822, por Paulo Antonio do Valle (manuscripto); pelo autor Honorio Lima, *Noticia historica e geographica de Angra dos Reis*; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche di Napoli, seu *Rendiconto*; pelo autor Dr. Carlos Costa, seu *Annuario Medico Brazileiro*; pelo autor Lodovico Nocentini, seu folheto *La scoperta dell'America attribuita ai Cinesi*; pela Universidade de Santiago de Chile, seus *Anales*, ns. 22 e 23; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes rendus des Seances* n. 5; pela Société de Géographie de Genève, *Boletim*, tomo 5; pela Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, *Boletim* n. 6; pela Société Royale de Géographie d'Anvers, *Bulletin* n. 18; pela Societá Geografica Italiana, *Bulletino* n.6; pela Societé de Géographie de Paris, *Bolletin* n. 14; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* n. 4; pelas redacções: *Revista Industrial de Mins Geraes*,

Nouveau Monde, Estrella, Diario Popular; pelo socio General João Severiano da Fonseca uma nota de 20$000 estampada por lei de 6 de Outubro de 1835.

Sobre o officio do Sr. ministro do interior declarando haver S. M. o Imperador approvado a distribuição de seus livros, segundo uma carta do ex-socio Sr. Visconde de Taunay, abrio-se larga discussão na qual tomaram parte os Srs. Presidente, 1° Secretario, 1° e 2° Vice-Presidentes, Thesoureiro e Dr. Cesar Marques.

Pelas razões que foram ponderadas, resolveu-se não tratar-se presentemente d'este assumpto, comquanto não tenha o Instituto conhecimento de tal approvação e nem dos termos em que foi ella pedida; persistindo por isso na convicção de que deveriam fazer parte da sua bibliotheca todos os livros que podessem interessar-lhe, como é expresso na carta publicada na acta de 31 de Julho de 1891. E' de notar-se que muitos livros, mesmo sobre o Brazil, não foram ainda restituidos, como deveriam sêl-o, em vista do que é agora allegado como impugnação; e assim resalva o Instituto o direito de em todo o tempo haver o que entende pertencer-lhe, sendo que pela propria allegação está reconhecido, que pertence ao Instituto tudo quanto se refere á assumptos americanos e especialmente brazileiros, como opinaram os Srs. Commendador Gomes Brandão e outros socios.

Segundo o precedente estabelecido na ultima sessão deliberou-se conceder as Revistas pedidas, estando os que as pedem em condições de merecel-as.

Tendo ficado empatada a votação relativa ao craneo doado pelo fallecido consocio Dr. Pedro Lund, tomaram-se de novo os votos, sendo decidido por maioria que fosse conservado no museu do Instituto, a que pertence, e para esse fim removido do Museu Nacional onde se acha por emprestimo. Votaram pela cessão ao Museu Nacional os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, General João Severiano, Commendador José Luiz Alves e Conselheiro Alencar Araripe; pela restituição os Srs. Drs. Cesar Marques, e Castro Carreira, Commendador Gomes Brandão, Conselheiro Pereira de Barros, Henrique Raffard e Conselheiro Aquino e Castro.

O Sr. Dr. Machado Portella compareceu a sessão depois de finda a votação.

O Sr. Presidente nomeou o Sr. Commendador José Luiz Alves para substituir interinamente o Sr. Dr. Affonso Celso na commissão de admissão de socios.

E' lido e fica sobre a mesa para ser votado na sessão immediata o seguinte parecer da commissão de admissão de socios, relativo ao Dr. Antonio Olyntho:

Parecer: — A commissão de admissão de socios tendo em vista o parecer da commissão subsidiaria de geographia, relativo ao trabalho do Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires, entende, que o mesmo doutor está no caso de ser admittido ao gremio d'este Instituto na qualidade de socio correspondente. Rio 20 de Abril de 1894. *José Hygino Duarte Pereira. José Luiz Alves.*

Os Srs. Dr. Cesar Marques e Gomes Brandão retiram a proposta feita do Commendador Eduardo Mercier para socio do Instituto, dando o 1.º d'esses senhores a razão por que o fazem, e lendo uma carta do mesmo Commendador, referente ao assumpto.

Foram lidas e approvadas as seguintes propostas:

Proponho, que os socios correspondentes Dr. José Hygino Duarte Pereira, Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire e Luiz Rodolfo Cavalcante d'Albuquerque passem para a classe dos socios effectivos, visto terem transferido as suas residencias para esta capital; e que o socio effectivo Dr. José Vieira Couto de Magalhães passe para a classe dos socios correspondentes, visto ser residente no Estado de São Paulo desde muitos annos, o que tudo é de accôrdo com os nossos estatutos. Rio 20 de Abril de 1894. *T. Alencar Araripe.*

Não se tendo organisado orçamento para o corrente anno de 1894, em consequencia da falta de nossas sessões em fins do anno proximo passado, proponho que no corrente anno subsista o orçamento anterior. Em 20 de Abril de 1894. *T. Alencar Araripe.*

Proponho, que das actas das nossas sessões se exclua a relação especificada das offertas feitas ao Instituto, bastando mencional-as com referencia a lista geral, que deve

organisar-se com a devida especificação do nome do offertante e da sessão da apresentação das mesmas offertas para publicar-se no fim de cada anno, como outr'oras e praticava, em seguimento ao relatorio do 1.° Secretario. Em 20 de Abril de 1894. *T. Alencar Araripe.*

Procedeu-se á escrutinio secreto sobre a proposta de admissão do Padre José Joaquim Corrêa d'Almeida, e sendo unanimemente approvada, foi elle proclamado socio correspondente do Instituto.

Em seguida o Sr. Thesoureiro leu o balanço relativo ao movimento de fundos do Instituto durante os mezes de Janeiro á Março ultimos e foi approvado.

BALANCETE DE JANEIRO A MARÇO DE 1894

Receita

Saldo de 1893	136$000
Juros de apolices	1:680$000
Prestações semestraes e joias de socios	192$000
	2:008$000

Despeza

Vencimentos do Escriturario e Porteiro	600$000
Gratificação a um Auxiliar	200$000
Despezas miudas	100$000
	900$000
Saldo em caixa	1:108$000

Rio 1 de Abril de 1894.— *T. Alencar Araripe*, Thesoureiro.

O Sr. General João Severiano mostrou a conveniencia de se fazer o catalogo do museu para depois de lido e approvado ser impresso; informou o Sr. 1.° Secretario, que já estava em andamento o alludido trabalho.

Resolveu-se: officiar de novo, para os devidos effeitos, aos socios que se acham incursos na disposição do art. 43

dos estatutos, tendo-se em vista a informação do Sr. Thesoureiro. E mais que as sessões do Instituto se realizassem d'ora avante nas sextas-feiras, de 15 em 15 dias, á 1 hora da tarde, e não a noite como antigamente.

Não havendo mais nada a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

Dr. Cesar Marques,
servindo de 2.º Secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE MAIO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

Ao meio dia, achando-se presentes os socios General João Severiano, 1.º Secretario Henrique Raffard, 2.º dito supplente Major Gomes Neto, Conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cesar Marques, Dr. Castro Carreira, Commendadores Gomes Brandão e Machado Portella, faltando por motivo justificado os Commendadores Luiz Alves e Xavier da Motta e o Dr. Araripe Junior, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente foi approvada sem debate.

O Sr. 1.º Secretario fez leitura do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios do Sr. Conselheiro Correia participando não poder comparecer á presente sessão ; do bibliothecario do Museu « Taylor Van Hults », accusando e agradecendo a remessa do tomo LV, 3.º e 4.º trimestres da *Revista* d'este Instituto.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume, segundo foi resolvido pelo Instituto em sessão de 20 de Abril do corrente anno.

ORDEM DO DIA

Foi lido e approvado o seguinte

Parecer: — A' commissão de geographia foi presente para sobre elle dar o seu parecer, o trabalho historico do Dr. Evaristo Nunes Pires, sob o seguinte titulo :

O Descobrimento do Brazil. Memoria sobre uma nova apreciação d'esta these já outr'ora discutida pelo Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil, addicionada de alguns complementos inherentes á materia.

A celebração do quarto centenario do descobrimento da America por Christovão Colombo determinou um grande movimento de renovação dos estudos historicos na parte referente ás primeiras explorações das terras do Novo Mundo nos fins do seculo decimo quinto e antes, e começo do decimo sexto.

E' honroso para as lettras brazileiras o facto, que aqui registramos com prazer, de ter sido aquelle movimento litterario antecipado no Brazil pelas pesquizas e pacientes investigações dos nossos historiadores e litteratos.

Em 1844 o General José Ignacio de Abreu Lima tratou com grande superioridade este assumpto na erudita dissertação historica, de que fez preceder sua Synopsis da Historia do Brazil, sobre os predecessores de Colombo na America.

Em 1850 o nosso consocio Joaquim Norberto de Souza Silva, penultimo presidente d'esta associação, abalançou-se com grande talento á demonstração de uma these nova: « O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral não foi devido ao acaso. »

Em 1857 o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, depois Visconde de Porto-Seguro, tendo tido occasião de estudar na Europa codices e manuscriptos antigos, pôde em sua historia geral do Brazil apresentar sob um aspecto novo a historia d'aquelle periodo memoravel.

Finalmente em 1887 o Dr. Evaristo Nunes Pires, então lente de historia e geographia do Brazil na Escola Normal da cidade do Rio de Janeiro, escreveu o trabalho

de que ora nos occupamos relativo ao descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral.

O autor passa em revista e discute o que sobre o assumpto escreveram João de Barros, Garcia de Rezende, o padre José Lafitau, Barão de Humboldt e outros escriptores, procurando elucidar este ponto tão controvertido de nossa historia.

Ponderando com summo criterio que é ainda este um ponto mais para ser estudado com paciente investigação nos archivos, nos documentos e nas correspondencias dos soberanos do tempo, do que em obras impressas, o autor inclina-se a opinião de que Cabral scientemente afastou-se da corrente de noroeste. que o levaria as Antilhas e cortando a linha equinocial dirigio-se propositalmente no rumo de sudoeste. E assim descobrio o Brazil.

Em resultado de seu exame a commissão de geographia entende, que o trabalho apresentado pelo Dr. Evaristo Nunes Pires revela da parte de seu autor comprovado criterio historico e reconhecida competencia. E como tal o reputa digno de consideração d'esta illustrada associação.

Sala das sessões do Instituto Historico 23 de Agosto de 1893. *Homem de Mello*. *Marquez de Paranaguá*.

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Conselheiro Correia.

Correndo o escrutinio a respeito do candidato Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires foi approvado unanimemente; e por isso proclamado como socio correspondente.

Obtendo a palavra o socio Dr. Machado Portella pedio permissão para n'este Instituto um desenhista tirar para o Archivo Publico uma cópia do livrinho, de que fazem parte figurinos representando os trajes da antiguidade : disse que esta obra, pertencente a bibliotheca do Instituto, fôra levada para fóra (por emprestimo) pelo nosso consocio Dr. Joaquim M. de Macedo; e que por fallecimento d'este o tambem nosso socio Dr. Moreira de Azevedo, seu então 1.° Secretario, procurara entre os livros do finado, e achando-a depois de algumas diligencias, a trouxera e restituira á bibliotheca d'este Instituto. O 1.° Secretario declarou, que a obra indicada seria franqueada ao desenhador, que se apresentasse para aquelle fim.

O Conselheiro Alencar Araripe exhibio uma carta, que lhe fôra escripta pelo socio Dr. Azevedo Castro, presentemente em Londres, na qualidade de delegado do thesouro nacional, offerecendo ao Instituto 400 exemplares das obras de Corrêa Garção, existentes na antiga livraria de B. L. Garnier e informando já ter expedido a conveniente ordem para a entrega. Agradeceu-se a offerta.

O mesmo Conselheiro apresentou um masso de papeis, officios, cópias de consultas, etc., pertencentes á secretaria do ministerio dos negocios do interior, os quaes foram encontrados, entre os do Instituto, na gaveta de uma mesa em que costumava trabalhar o fallecido socio Joaquim Norberto. Foi resolvido, que, ficando no archivo uma relação de todos esses papeis, fossem elles remettidos á dita secretaria.

O mesmo consocio, em nome do Conselheiro Correia, pede para a bibliotheca da escola do Barão do Rio-Doce uma collecção das Revistas d'este Instituto: foi satisfeito o pedido.

Nada mais havendo á tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

J. J. Gomes da Silva Neto,
servindo de 2.º Secretario.

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE MAIO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A uma hora da tarde, reunidos os Srs.: Visconde de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Commendador Machado Portella, Dr. Cesar Marques, Dr. Macedo Soares, Commendador Gomes Brandão, Barão de Capanema, Dr. Castro Carreira e Barão de Alencar, servindo de 2.º Secretario, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Não tendo sido apresentada a acta da sessão anterior o Sr. Henrique Raffard, 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, agradecendo a remessa do tomo LVI da *Revista*; da Minnesota Academy of Natural Sciences, agradecendo a remessa da *Homenagem* a D. Pedro II e do tomo LV da *Revista*; da Oberhessiche Gesellschaft für Natur und Keilkunde de Giessen, pedindo alguns numeros da *Revista*; da Directoria do Archivo do Districto Federal, pedindo a collecção da *Revista*; do socio Sr. Conselheiro Correia, desculpando-se de não poder comparecer ás sessões; do Observatorio do Rio de Janeiro, acompanhando 20 exemplares do *Relatorio* da Commissão exploradora do planalto central do Brazil.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

O Sr. Presidente consulta a mesa sobre os pedidos de collecção e numeros avulsos da *Revista* para o Archivo do Districto Federal e Sociedade de Giessen e resolve-se concedel-os, segundo os precedentes estabelecidos.

Em seguida S. Ex. communica ter nomeado o Sr. Barão de Alencar para servir na commissão de admissão de socios, no impedimento de um dos respectivos membros.

Obtendo a palavra o Sr. Conselheiro Alencar Araripe participa achar-se concluida a reimpressão do tomo XVI da *Revista* do Instituto e que vai tratar da reimpressão do tomo XVII, para o que precisa utilisar-se do exemplar em duplicata existente na collecção de livros que foram da bibliotheca particular do Sr. D. Pedro II, como aliás já fez com outro tomo: o que é approvado.

Falla por sua vez o Dr. Cesar Marques, lembrando que na sessão de 11 de Agosto de 1893 principiou a leitura da biographia de D. Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth, bispo do Maranhão, e depois bispo de

Coimbra, conde d'Arganil e par do reino, e accrescenta que tendo perdido o original deste seu trabalho, que lhe custou muitas investigações pede que se insira na acta esta sua declaração para acautelar seus interesses, quanto á propriedade do dito trabalho; o que é concedido.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1.º Secretario procede a leitura dos seguintes pareceres da commissão de admissão de socios:

Parecer: Pelo exame dos trabalhos do Dr. Christiano Frederico Seybold, feito pela commissão de historia, ficou evidenciado ter o dito doutor os requisitos necessarios para ser admittido como socio no Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Dr. Seybold representará no nosso Instituto uma recordação saudosa do periodo em que elle foi progredindo á sombra de um sincero desejo de promover o quanto na sua esphera interessa ao Brazil, pois a historia abrange a evolução de sua prosperidade sempre crescente.

Anteriormente o Instituto inscrevia-se tambem Ethnographico; é esta uma parte muito importante, e que não deve ser desprezada; pelo contrario, é indispensavel acoroçoar por todos os meios o seu estudo.

O que se póde colher da historia se encontra em documentos, ou conservados em bibliothecas e archivos, ou em poder de particulares; a geographia da mesma fórma conserva a sua fonte perenne, que é o territorio, trabalhos feitos para conhecimento de sua configuração, sendo perdidos, a todo o tempo se refazem, e cada vez mais perfeitos, corrigindo erros crassissimos que até hoje foram e são ainda com bastante frequencia commettidos, o que é desculpado pelas circumstancias que presidiram a esses trabalhos.

Não está n'essas condições a Ethnographia; ella occupando-se da origem dos povos, seus habitos, aptidões, transformações, lingua, etc. foi bastante desprezada e cada dia se tornam mais escassos os elementos para seu estudo.

Os aborigenes do Brazil tiveram grande influencia sobre os invasores da Europa, modificando seus habitos, e sendo primitivamente seus auxiliares, ora em guerras, ora como escravos, representam parte importante na evolução da nossa civilisação.

São raros e muito deficientes os estudos que possuimos. Lembro como exemplo os *Coroados* conhecidos desde os primitivos tempos com esse nome, e nas missões Paraguyas eram denominados pelos jesuitas Tupis infieis.

Essa tribu era numerosa, oriunda de Matto-Grosso, ella estendeu-se atravessando o Paraná, estabeleceu-se entre o Uruguay, Iguassú e o Piquirigunssú, encontram-se ainda seus restos no Chopotó, afluente do rio Pomba no éste de Minas.

Eram os *Coroados* inimigos figadaes dos *Guaranis*, os quaes eram sempre vencidos nos encontros por aquelles e nunca conseguiram os jesuitas domal-os. Uma prova de que elles eram conquistadores das regiões occupadas pelos *Guaranis* são os vocabulos d'estes adoptados por aquelles na sua lingua, não existindo aliás entre os dois idiomas a menor analogia.

Os *Coroados* são inimigos irreconciliaveis dos *Botucudos*, ou Bugres, cuja séde é a bacia do alto Itajahy, de onde fazem incursões armadas para o litoral e para o Rio Grande do Sul para roubar e assassinar.

Os *Coroados* quando se apoderam de algum *Botucudo*, ainda hoje fazem d'elle seu escravo.

Sobre costumes d'essas tribus, pouco sabemos e ainda menos sobre a lingua: o relator d'este parecer teve occasião de estar em contacto com os *Coroados* em Missões; pôde colher alguma cousa sobre seus costumes e a sua lingua, porém tudo muito incompleto pela escassez do tempo.

Essas tribus rapidamente vão desapparecendo, por isso urge que se procure promover por todos os modos os estudos referentes ás nossas tribus indigenas; os trabalhos do Dr. Seybold mostram quanto criterio e quanta perseverança são necessarios.

Sala das sessões 18 de Maio de 1894. *Barão de Capanema*. *Barão de Alencar*.

Parecer.—A' commissão de admissão de socios foi presente o parecer da illustrada commissão de geographia relativo ao trabalho apresentado pelo Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel como titulo para seu ingresso no Instituto Historico.

Concordando com a conclusão do referido parecer, a commissão de admissão de socios opina tambem pelos fundamentos expostos no sentido de ser o Dr. Azevedo Pimentel recebido como socio effectivo do Instituto.

Sala das sessões 10 de Maio de 1894. *Manoel Francisco Correia. Barão de Alencar.*

Ambos os pareceres, favoraveis a admissão dos candidatos, ficam sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Perguntando o Sr. Presidente si algum dos socios presentes queria a palavra para fazer alguma leitura, com a devida venia, o Dr. Cesar Marques iniciou a leitura de um escripto seu intitulado: *Porque por longos annos andou em confusão o nome de Maranhão, sendo por muito tempo conhecido por tal o Rio Amazonas.*

Achando-se a hora adiantada o Sr. Presidente levanta a sessão.

Barão de Alencar,
servindo de 2°. Secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE JUNHO DE 1894.

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs.: Visconde de Beaurepaire Rohan, 1.° Secretario Henrique Raffard, Major Gomes Neto, 2.° Secretario supplente, Drs. Cesar Marques, Castro Carreira e Macedo Soares, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Alencar, Commendadores Gomes Brandão e Xavier da Motta, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e sem debate approvadas as actas de 4 e de 18 de Maio proximo passado.

O Sr. Presidente communica ao Instituto o passamento do nosso consocio Dr. J. Jansen do Paço, proferindo as seguintes palavras :

« No dia 19 do mez proximo passado falleceu na cidade de Nictheroy um dos nossos mais antigos consocios, o Sr. Dr. José Jansen do Paço, admittido ao nosso gremio em Outubro de 1843.

Não frequentava o Instituto, mas, como homem illustrado e amigo do seu paiz, prezava as letras e as instituições que as cultivavam.

Politico militante durante o regimen passado, representou a sua provincia natal em diversas legislaturas, como deputado do Maranhão.

O Instituto Historico, de conformidade com os seus Estatutos, faz inserir na acta da presente sessão, um voto de pezar pelo fallecimento de tão digno consocio. »

O Dr. Cesar Marques juntou algumas considerações, e referiu varios factos em louvor do mesmo finado.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : do Director da secretaria do Senado Federal acompanhando uma collecção dos *Annaes* do anno de 1893; de Mr. Jay Arnos Barrett, asst. secret. da Nebraska States Historical Society, e cartão, solicitando a permuta das publicações d'este Instituto com as da dita sociedade ; do secretario da sociedade Geographica Americana, em New-York, accusando o recebimento e agradecendo a remessa dos tomos 1, 48 e 52 da *Revista* e pedindo a dos tomos 49, 50, 51 e 55; do Director da bibliotheca publica do Estado do Pará, solicitando os 2 volumes da obra sobre o Oyapoc, publicada por este Instituto, e bem assim os catalogos da bibliotheca e archivo, e outras quaesquer publicações impressas, ou que d'ora em diante o Instituto mandar imprimir.

Foram satisfeitos os pedidos, menos quanto a obra sobre o Oyapoc, por se achar esgotada.

OFFERTAS

Constam do appendice, no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Correndo o escrutinio sobre a admissão dos candidatos Drs. C. Frederico Seybold e Antonio Martins de Azevedo Pimentel, foram estes approvados unanimemente, e proclamados o 1° socio correspondente e o 2° efectivo do Instituto Historico.

Correspondendo ao convite do Congresso de Orientalistas em Genebra para que o Instituto se faça representar no mesmo Congresso, que ha de funccionar no corrente anno, foram para esse fim nomeados os socios Dr. Christiano Frederico Seybold e Julio Meili, fazendo-se ao Congresso e aos nomeados as devidas communicações.

Obtendo a palavra, o Sr. 1.° Secretario pondera, que convém quanto antes providenciar-se sobre a accommodação das obras offerecidas, por não haver mais lugares disponiveis nas estantes da bibliotheca.

Ficou o mesmo Sr. Secretario encarregado de providenciar como convier.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe communica que o socio Dr. Virgilio Martins de Mello Franco offereceu ao Instituto diversos exemplares da sua obra :— *Viagens pelo interior de Minas-Geraes e Goyaz*, e propõe que sejam distribuidas pelos socios effectivos, não só essa obra, como a de Corrêa Garção, anteriormente offerecida pelo socio Dr. Azevedo Castro. Assim se resolve, sendo recolhidos ao archivo os exemplares restantes, para terem em tempo o conveniente destino; e agradecendo-se ao Dr. Mello Franco a offerta que acaba de fazer.

O Sr. Dr. Cesar Marques pede restituição dos papeis relativos ao Sr. Eduardo Mercier, e lembra a conveniencia de se resolver sobre a indicação referente aos socios que deixam de procurar pelos seus titulos, e não tomam posse ou não comparecem ás sessões. Foi attendido o pedido,

ficando reservada para occasião opportuna a deliberação que se houver de tomar sobre a alludida indicação.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2°. Secretario supplente.

6ª. SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JUNHO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, achando-se presentes os Srs.: 1°. Secretario Henrique Raffard, Major Gomes Neto, 2°. secretario supplente, Dr. Cesar Marques, Commendadores Gomes Brandão e Luiz Alves, e Conselheiro Alencar Araripe, o Sr. Dr. Presidente declara aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Achando-se na sala immediata o Exm. Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, socio do Instituto, com as formalidades do estylo foi introduzido no recinto, e tomou assento, tendo sido acompanhado pelos 1.° e 2.° Secretarios commissionados para este fim pelo Sr. Presidente. Seguiu-se uma breve allocução do Sr. Presidente, felicitando o Instituto pela acquisição de tão illustrado e prestimoso consocio, que certamente pelas suas luzes, posição social, e preponderancia na camara dos Srs. deputados muito cooperará para a sustentação e engrandecimento d'esta util instituição.

Dada a palavra ao Sr. Dr. Antonio Olyntho, S. Ex. proferiu a seguinte allocução:

« Aos illustres membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro agradeço a honra insigne que me conferiram, admittindo no seu gremio quem tão exiguos titulos pôde exhibir para merecel-a.

E' com justo respeito que penetro n'este recinto, transformado em sanctuario do saber, onde ha mais de meio seculo e em labores incessantes se

elementos necessarios para o conhecimento perfeito da historia e geographia patria. Si a consciencia, que tenho da humildade do meu cultivo intellectual não bastasse para justificar o acanhamento que tolheu meus passos ao transpor os limiares d'esta sala, não precisava para isso mais do que recordar-me de que aqui tem tido assento os homens mais eminentes, a selecta congregação do que o Brazil possue de mais preclaro nos dominios de litteratura e das sciencias.

Que significa pois minha presença n'este recinto, admittido como vosso consocio, sinão o attestado da animação generosa com que acolheis aos que desejam estudar, aos que querem se illustrar em vosso convivio e se preparar para serem os continuadores da obra patriotica em que vos achaes empenhados?

Ao Instituto Historico tributo de longa data a homenagem respeitosa, que me inspira essa assembléa de homens estudiosos, que afanosa e desinteressadamente se entregam ás excavações da verdade para a reconstrucção de nossa historia e conhecimento de nossa geographia.

E não é isso um serviço de somenos para um povo, cuja nacionalidade desabrochou aos primeiros clarões do seculo das luzes e que tem diante de si um horisonte tão amplo, como talvez nenhum outro do nosso continente.

Na substanciosa *Revista*, que é o repositorio de vossos trabalhos e lucubrações, podem já hoje os que se dedicam ao estudo das cousas de nossa terra beber o filtro da verdade que os conforte e anime no proseguimento de suas pesquizas e esforços.

N'este placido remanso de confraternidade e de paz, onde ora me acho, afastado do torvelinho das paixões e dos odios, na convivencia amiga dos cultores das sciencias e lettras e na intimidade salutar dos livros, me sentirei feliz se puder collaborar convosco n'essa obra patriotica e imperecivel, cujos elementos, nos paizes cultos, as gerações se transmittem umas ás outras, formando os élos d'aquella grande cadeia, sem fim, que se intitula a solidariedade humana.

Não merecia, eu o reconheço, o benevolo acolhimento com que o Instituto ennobreceu o meu nome; á vossa

generosidade procurarei corresponder, hypothecando os esforços e boa vontade que em mim couberem, em bem de tão util instituição. »

Em seguida o orador Commendador Luiz Alves, respondeu em nome do Instituto.

Obtendo a palavra o Sr. Dr. Cesar Marques propoz, e foi approvado, que se consignasse na acta um voto de agradecimento pelo relevante serviço, que o Exm. Sr. Dr. Antonio Olyntho, como digno deputado, prestara a este Instituto na Camara de que faz parte.

O Sr. 1° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: da Societá geografica Italiana de Roma, agradecendo a remessa da *Revista*; do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro agradecendo a offerta da *Revista*; da Université Royale de Norvége acompanhando seu livro *Beskrivelse of en Rœkke Norske Bergarter* e agradecendo a remessa da *Revista*.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1° Secretario propoz, que este Instituto se associe ás projectadas manifestações de homenagem á memoria do nosso finado consocio Dr. Pedro Lund.

Fallou o Exm. Sr. Dr. Antonio Olyntho no mesmo sentido, propondo que ficasse autorizado o Sr. Presidente a proceder a respeito do modo que julgar mais adequado; o que foi approvado.

Nada mais havendo a tratar, foi pelo Sr. Presidente levantada a sessão depois das 2 horas da tarde.

J. J. Gomes da Silva Neto,
Servindo de 2°. Secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE JUNHO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 2 horas da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, 1°. Secretario Henrique Raffard, 2°. Secretario supplente Major Gomes Neto, Barões de Capanema e de Alencar, Conselheiro Alencar Araripe e Commendador Gomes Brandão, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Achando-se na sala immediata o candidato ultimamente approvado, Sr. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, o Sr. Presidente nomeia para introduzil-o no recinto, afim de tomar assento, os Srs. 1º e 2º Secretarios. O mesmo Sr. Presidente dirige ao illustre recipiendario algumas palavras de congratulação pela entrada do novo consocio, a que este responde agradecendo.

O Sr. 1°. Secretario, substituindo o orador, que se acha ausente, igualmente responde em nome do Instituto.

O Sr. 1°. Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Director geral interino do museo do Rio de Janeiro, communicando que foram dadas as necessarias previdencias para que seja entregue ao Instituto o craneo fossil da Lagôa Santa; do Bibliothecario da Escola Polytechnica pedindo alguns tomos da *Revista* para completar a sua collecção; do Director da *Revista Geografica Italiana* pedindo permuta de *Revistas*; de Mr. A. Gallois, director do jornal de Pariz, *Le Courrier de la Presse*, remettendo um retalho do mesmo jornal, em que vem publicada debaixo da epigraphe « Belles Lettres » a noticia e apreciação de Mr. Maxime Formont, do livro *Colombo*, poema do nosso finado consocio Manuel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, que este Instituto

mandou reimprimir por occasião da festa commemorativa do descobrimento da America.

A esta remessa acompanham boletins dos preços das publicações d'este jornal e informações sobre jornaes estrangeiros e revistas que se publicam em Pariz.

São satisfeitos os pedidos de *Revistas*.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente, communicando o fallecimento do Presidente honorario d'este Instituto, Sr. Sadi Carnot, profere a allocução seguinte:

« Senhores. — Triste e lamentavel acontecimento acaba de nos ser communicado pelas noticias publicadas na imprensa.

Na noite de 24 do corrente, foi barbaramente assassinado, em uma das ruas da cidade de Lyon, o distincto chefe de Estado, Sr. Sadi Carnot, presidente da Republica Franceza, por nós acclamado, a 17 de Abril de 1891, presidente honorario d'este Instituto, em homenagem ás suas virtudes e reconhecido saber.

A dolorosa impressão causada no espirito de todos quantos viam na eminente personalidade que presidia os destinos da gloriosa França, o respeitado symbolo do patriotismo, da integridade e da justiça, dá prova inequivoca do subido merecimento que exornava o primeiro magistrado de uma grande nação, e do justo apreço em que era tido o legitimo representante das ideias democraticas por um povo livre, educado á luz da civilisação e do progresso.

O golpe vibrado pela mão homicida do fanatismo e da perversidade contra o egregio cidadão que dignamente occupava o mais elevado cargo politico do seu paiz, não ferio só a França; mas veio ainda ameaçar a estabilidade das instituições politicas firmadas no regimen da liberdade e da ordem e garantidas pela suprema autoridade da lei.

A acção demolidora da anarchia não se limita ao ponto unico fatalmente agora attingido; invade o mundo civilisado, abalando a sociedade em suas bases fundamentaes.

Para debellar o perigo, são de mister providencias que os poderes publicos saberão, sem duvida, empregar.

Sadi Carnot foi uma nobre victima do dever; cahio, sacrificado pelo crime ás más paixões que no momento agitam animos desvairados, espalhando a desordem, a desolação e o terror nos grandes centros de actividade e de civilisação.

E' mais um lutador heroico que succumbe na defesa da causa sacrosanta da justiça, da razão e da humanidade, e a quem a historia prestará a devida homenagem de reconhecimento e admiração.

O Instituto Historico, associando-se ás geraes manifestações de sentimento tributadas á memoria de tão illustre cidadão, faz inserir na acta de hoje, de conformidade com os Estatutos, um voto de profundo pezar pelo deploravel fallecimento de um dos seus mais dignos e respeitaveis consocios.»

Em seguida communica, que ao ter noticia do lamentavel acontecimento a mesa mandou cerrar as portas do Instituto, aguardando a presente reunião para deliberar sobre o modo de manifestar os sentimentos de pezar de que se acha possuido o mesmo Instituto.

Tomaram a palavra diversos socios e ficou resolvido:

1.° Apresentar os pezames do Instituto á Nação Franceza em officio dirigido á respectiva legação no Brazil.

2.° Nomear uma commissão para assistir ás exequias, que forem mandadas celebrar no Rio de Janeiro, sendo nomeados os socios Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Alencar e Conselheiro Alencar Araripe, além dos mais socios que queiram comparecer.

3.° Fechar o Instituto até o dia do funeral em Pariz.

Continuando com a palavra o Sr. Presidente expoz o que ha occorrido sobre o encargo que a si tomou o Instituto, com relação á bibliographia nacional das sciencias geographicas, e fez ver a necessidade de ser apresentado em prazo breve algum trabalho da parte da commissão

que para esse fim foi nomeada. Respondeu o Sr. Barão de Capanema expondo as difficuldades que tem encontrado a commissão no desempenho do trabalho que lhe foi confiado e lembrando algumas providencias que devem ser tomadas para esse fim.

O Sr. Presidente nomeou o mesmo Sr. Barão para servir de relator da referida commissão, e o incumbio de consultar aos demais membros da commissão se conviria, a bem do serviço a seu cargo, que fosse augmentado o numero dos seus membros; ficando reservada para occasião opportuna a adopção de outras medidas convenientes.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe, obtendo a palavra disse que, faltando em alguns tomos o indice da *Revista Trimensal* n. 16, mandára reimprimil-o, para remediar esta falta, na Imprensa Nacional, já encarregada da reimpressão dos outros volumes.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente deu por finda a sessão.

J. J. Gomes da Silva Neto,
servindo de 2º Secretario.

8ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE JULHO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 2 horas da tarde, estando presentes os socios Srs. General João Severiano, Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Capanema, Dr. Cesar Marques, Commendador Gomes Brandão e Barão de Alencar, servindo de 2° Secretario, o Sr Presidente declara aberta a sessão.

E' lida a acta da sessão antecedente, e approvada com algumas modificações.

Em seguida o Sr. 1° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. A. Imbert, Ministro da Republica Franceza no Brazil, agradecendo ao Instituto as manifestações de sympathia pelo finado Presidente Sr. Sadi

Carnot; da Directoria da Escola Normal de São-Paulo, pedindo concessão dos numeros que lhe faltam para completar sua collecção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; do Instituto dos Bachareis em Lettras convidando o Instituto para se fazer representar na sessão anniversaria de sua fundação em 28 de Junho proximo passado; da Sociètè Royale de Gèographie d'Anvers, agradecendo o tomo LV, parte II, da *Revista* do Instituto; da Associação Promotora de Instrucção, agradecendo a collecção das *Revistas* que lhe foi concedida.

Foi satisfeito o pedido da directoria da Escola Normal de São-Paulo.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Os socios General João Severiano e Dr. Cesar Marques pedem que se consigne na acta a declaração de que têm faltado ás sessões com causa participada.

O Barão de Alencar participa que a commissão nomeada para assistir ás exequias do Sr. Sadi Carnot, cumprio o seu dever.

O Sr. Presidente communica nos seguintes termos o fallecimento do consocio Sr. Visconde de Beaurepaire:

«Senhores.—Ainda ha poucos dias tomava activa parte nos nossos trabalhos litterarios o illustrado consocio Sr. Marechal Visconde de Beaurepaire Rohan, digno 1°. vice-presidente d'este Instituto, e infelizmente hoje não o contamos mais no numero dos vivos. Rapida e cruel enfermidade nol-o arrebatou, a 10 do corrente, deixando-nos entregues á profunda magua, que n'este momento todos nós sentimos.

Fatal destino, que assim nos vai roubando em repetidos golpes os mais preciosos ornamentos da nossa já bem dizimada associação! Perdeu a patria um servidor prestante, leal e dedicado; a liberdade um estrenuo defensor,

e a sciencia um douto eximio e infatigavel, cujo merito se revela nos trabalhos que se adornam com o seu preclaro nome.

Na pratica do bem empregou toda a sua longa e laboriosa existencia; hoje resta a grata memoria que de si deixa o egregio cidadão, que tanto se destinguio pela sua actividade e intelligencia, consagradas ao serviço do paiz, que soube honrar e engrandecer, e a terna saudade que, para os que o presavam, será sempre pungente e immorredoura.

Não é cabida a occasião de tecer o elogio biographico de tão distincto consocio; em tempo será cumprido esse dever; seja-nos, porém, licito affirmar n'estas breves phrases proferidas em cumprimento de doloroso encargo, que o respeitado nome do Visconde de Beaurepaire Rohan synthetisa tudo o que de mais puro e elevado póde ennobrecer o caracter de um homem, que por norma de sua vida, só conheceu o dever e por timbre só teve a honra, a moralidade e a virtude.

O Instituto Historico cordialmente deplora a grande e irreparavel perda que acaba de soffrer; faz inserir na acta da presente sessão sincero voto do intimo pezar por tão luctuoso acontecimento, e reserva-se para opportunamente descrever a vida d'esse venerando brazileiro e offerecel-a aos vindouros como luminoso padrão e salutar exemplo bem digno de ser imitado.»

O Sr. 1°. Secretario communica que acompanhou com o Sr. Thesoureiro o enterro do socio Visconde de Beaurepaire Rohan, em commissão do Instituto.

O Sr. Presidente convida os socios a assistirem a missa de 7° dia que será em tempo annunciada.

Obtendo a palavra o Dr. Cesar Marques, dá conhecimento de alguns factos dignos dos maiores encomios, como outros muitos do mesmo finado Visconde de Beaurepaire Rohan.

O Sr. Barão de Alencar pede, que se transcreva na acta o officio dirigido ao Instituto pelo Sr. A. Imbert, Ministro da Republica Franceza, relativo ao fallecimento do Sr. Sadi Carnot.

E' satisfeito o pedido.

Rio de Janeiro, le 7 Juillet 1894.— Monsieur le Secrétaire — L'Institut Historique et Géographique Brésilien, dans sa seance du 28 juin dernier, a bien voulu s'associer aux manifestations que faisait naître partout l'odieux attentat dont le Président de la République Française venait d'être victime.

Votre honorable corporation, qui depuis le 17 avril 1891 avait Mr. Carnot pour Président honoraire, m'a transmis ses condoléances par votre intermédiaire et s'est fait representer á la cérémonie funèbre célébrée le 1er Juillet á l'intention de l'illustre défunt. Je vous prie d'agréer pour vous même et de faire parvenir à S. E. Mr. le Président ainsi qu'à tous les membres de l'Institut Historique et Géographique Brésilien, l'expression de ma vive gratitude pour ces démonstrations de douloureuse sympathie dont j'ai été profondèment touché. Agréez, Monsieur le Secrètaire, les assurances, de ma considération très distinguée.—Monsieur *Henri Raffard*, 1.er Secrètaire de l'Institut Historique e Gèographique Brésilién. —Capitale Federale—*A. Imbert*.

Pede a palavra o Sr. Barão de Capanema, que communica ao Instituto não ter podido ainda conferenciar convenientemente com os Srs. Barão Homem de Mello e Capitão de Fragata Calheiros da Graça, seus collegas na commissão de bibliographia geographica nacional e accrescenta, que a commissão iniciára os trabalhos com os recursos de que dispõem, sendo conveniente pedir auxilio ás autoridades dos Estados, e aos consocios que ahi residirem.

Tomam parte em longa discussão diversos socios, sendo proposto e approvado augmentar-se o numero dos membros da commissão, afim de tornar-se o trabalho menos pesado a cada um.

Resolve-se mais adiar a questão até que o Sr. Barão de Capanema tenha conferenciado com os demais membros da commissão sobre as providencias que devam ser desde já tomadas; convocando-se uma sessão extraordinaria para tratar d'este assumpto.

O Sr. 1° secretario faz sciente ter entregue ao Sr. Commendador Eduardo Mercier, como prova o recibo que

apresenta, o trabalho cuja restituição fôra reclamada pelo socio Dr. Cesar Marques e dá conhecimento da retirada do escripturario provisorio Sr. Bruto Belli de Leonardi, propondo que se eleve á vinte mil reis mais, mensalmente, o vencimento do porteiro da casa o Sr. Antonio José d'Araujo Braga; foi approvado.

O Sr. Dr. Cesar Marques pede informações á respeito de titulos ainda não expedidos a alguns socios ultimamente nomeados; e sobre os termos em que se acha a proposta feita para admissão do candidato Dr. Evaristo Nunes Pires. Os Srs. Conselheiro Alencar Araripe e 1.° Secretario satisfazem o pedido, expondo o que ha a respeito.

Sobre reclamação de alguns socios, de novo foi deliberado que as sessões do Instituto continuariam á ser de dia e á hora já designada.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

Barão de Alencar,
Servindo de 2°. Secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 21 DE JULHO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 2 horas da tarde, achando-se presentes os socios Srs. General João Severiano, Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Commendador Luiz Alves, Dr. Antonio Olyntho, Commendador Gomes Brandão e José Verissimo, servindo de 2.° secretario *ad hoc*, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° Secretario informa não ter recebido a acta da sessão anterior e procede a leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: de Francisco Pires de Carvalho Aragão agradecendo em seu nome e no de sua mulher as manifestações de pezar tributadas pelo Instituto à memoria de

seu finado sogro e pai o Visconde de Beaurepaire Rohan; do administrador dos Correios do Districto Federal communicando a sua nomeação; do bibliothecario do Verein fur Erdkunde pedindo alguns numeros da *Revista* do Instituto para completar sua collecção.

PROPOSTAS

Foram lidas as seguintes:

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. José Arthur Montenegro, nascido no Ceará a 20 de Fevereiro de 1864, auxiliar de 1ª classe da construcção da estrada de ferro de Porto-Alegre á Uruguayana, fundador do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, e notavel pelo empenho com que se preoccupa da historia da America do Sul e particularmente da do Brazil, na época actual. Além da «Historia da guerra da triplice alliança contra o Paraguay» em seis grandes volumes e mais dois volumes de documentos e um atlas com 75 mappas parciaes; do «Diccionario Historico-Geographico do Rio Grande do Sul»; da «Historia da guerra do Pacifico» e das «Monographias historicas por Juan Silvano de Godoy, seguidas de um appendice, contendo o depoimento do general Francisco Izidoro Rasquin, e o capitulo 8.º do livro de Benjamin Mossé «D. Pedro Segundo», trabalhos promptos para serem dados á luz, mas com varios trechos insertos em jornaes, tem publicado:

Guarda Nacional. Resumo das ordenanças sobre os exercicios e evoluções dos corpos de infantaria do exercito, parte applicavel á infantaria da Guarda Nacional, obra dividida em seis partes;

Christovão Colombo e o descobrimento da America. Historia da geographia do novo continente e dos progressos da astronomia nautica nos XV e XVI seculos por Alexandre Humboldt. Versão;

Causas que prepararam e produziram o descobrimento do Novo Mundo;

Guerra do Paraguay. Memoria de M.me Dorothéa Dupont de Lasserre. Versão e notas:

De seus escriptos offerecem-se como titulo á sua admissão:

Esta ultima obra e o Itinerario seguido pelas senhoras condemnadas ao degredo de Iguatemy (3615 kilometros percorridos em 665 dias) pelo traductor.

Viagem pittoresca pelos rios Paraná, Paraguay, São-Lourenço e Arinos, e noticias da provincia de Mato-Grosso debaixo de seu aspecto physico, geographico, ethnographico, mineralogico, producções naturaes, etc., etc. por B. Bossi. Versão e notas.

Monographias historicas por Juan Silvano de Godoy, seguidas de um appendice, contendo o depoimento do general F. I. Rasquin e o capitulo VIII do livro de Benjamin Mossé « D. Pedro Segundo » Versão e notas.

Historia da guerra Chileno—Perú—Boliviana. 1879—1891. Batalha de Iquique.

Diccionario geographico historico do Estado do Rio-Grande do Sul. Ibicuhy.

O desastre de Itororó.

Rio 21 Julho 1894. *T. Alencar Araripe. José Verissimo. José Luiz Alves.*

A's commissões de geographia e historia, sendo relator da 1ª o Sr. Marquez de Paranaguá e da 2ª o Sr. Dr. Cesar Marques.

Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, natural de Portugal, bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade de Direito de São-Paulo, negociante matriculado na Junta Commercial d'esta capital, director do Banco Rio e Matto-Grosso, autor de varios trabalhos historicos e litterarios, dentre os quaes se destacam as noticias historicas do Hospital dos Lazaros d'esta cidade e da instituição da caridade na igreja matriz da Candelaria, que servirão de titulo á sua admissão ao gremio do Instituto, offerecidas pelo proprio autor ao Instituto. Sala das sessões, em 21 de Julho de 1894. *José Luiz Alves. A. J. Gomes Brandão. T. Alencar Araripe. José Verissimo de Mattos.*

A' commissão de historia, sendo relator o Sr. General João Severiano.

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. Vicente Chermont de Miranda, engenheiro civil, cidadão brazileiro, residente na cidade de Belém do Pará, servindo-lhe de titulo de admissão o seu trabalho *Marajó, estudos sobre seu sólo, seus animaes e suas plantas*, 1 fasciculo, Pará, 1894, do qual offereceu um exemplar a este Instituto. Sala das sessões, em 21 de Julho de 1894. *José Verissimo. José Luiz Alves. T. Alencar Araripe.*

A' commissão subsidiaria de geographia, sendo relator o Sr. Calheiros da Graça.

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. João Lucio de Azevedo, cidadão portuguez, domiciliado e residente na cidade de Belém do Pará, servindo-lhe de titulo de admissão a sua obra *Estudos de Historia Paraense*, que n'esta data, em nome do autor é offerecida ao Instituto. Sala das sessões em 21 de Julho de 1894. *José Verissimo. José Luiz Alves. T. Alencar Araripe.*

A' commissão de historia, sendo relator o Sr. Dr. Cesar Marques.

Proponho, que as sessões do Instituto passem a ser celebradas á noite, como sempre foram ha 55 annos passados. Sala das sessões em 21 de Julho de 1894.—O orador *José Luiz Alves.*

Esta ultima proposta torna-se objecto de discussão e depois de terem usado da palavra varios Srs. socios propõe o Sr. 1.° Secretario e é resolvido que se adie a sua solução para a sessão seguinte, prevenindo-se os socios nos respectivos convites da materia que tem de ser discutida e votada na dita sessão.

ORDEM DO DIA

Passando-se á ordem do dia o Sr. 1.° Secretario faz leitura do seguinte officio dirigido ao Sr. Presidente pelo relator da commissão de bibliographia geographica

Nacional, Sr. Barão de Capanema, sobre o assumpto que motivara a presente sessão extraordniaria:

« Rio de Janeiro 16 de Julho de 1894. — Illm. e Exm. Sr. — Tendo conferenciado com os meus collegas membros da commissão incumbida de organisar um trabalho sobre publicações referentes a geographia do Brazil, assentamos na conveniencia de que sejam, pelo Instituto Historico na fórma que V. Ex. reputar mais conveniente, designados os membros que segundo ficou assentado na ultima sessão devem fazer parte da commissão.

Além d'isso precisamos que V. Ex. por parte do Instituto se sirva dirigir-se aos Presidentes e Governadores dos Estados, sollicitando auxilio que facilite ás pessoas que a commissão designar para coadjuval-a, nas pesquizas que tem de fazer.

Outrosim rogo a V. Ex. se sirva fornecer á commissão um exemplar das instrucções que devem ter sido remettidas ao Instituto pelo comité de Berne, bem como relatorios ou actas de conferencias geographicas que já tiveram lugar, e os respectivos programmas.

Igualmente rogo a V. Ex. se sirva mandar promptificar 500 blocs de 50 folhas cada um para os assentamentos a fazer, segundo o modelo junto.

Até agora tem sido, ainda resumido o trabalho da commissão: 1.° porque os seus membros têm occupações que lhes tomam as horas do dia em que estão abertos os estabelecimentos em que encontram os elementos que lhes são indispensaveis; 2.° porque todos esses estabelecimentos, como Bibliotheca Publica, Instituto Historico, Sociedade de Geographia, Archivo, Bibliotheca de Marinha, Bibliotheca Fluminense, do mosteiro de S. Bento, etc., no primeiro trimestre d'este anno, se achavam ao alcance das balas dos revoltosos, ás quaes ninguem se queria expor, com justos receios; 3.° V. Ex. comprehende quão ardua é a tarefa em um paiz tão extenso como o Brazil, onde ainda não se acha reunido em um centro o material necessario para organisar uma completa bibliographia geographica, e a difficuldade de se obter informações dos diversos Estados.

Seria igualmente conveniente o Instituto procurar obter obras publicadas afim de se ir remettendo para a commissão central de Berne. Illm. e Exm. Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *Barão de Capanema.* »

Discutida a materia foram adoptadas as conclusões seguintes :

1.° Augmentar o numero dos membros da commissão, sendo nomeados os socios General João Severiano, Conselheiro Alencar Araripe, Commendador Machado Portella e Henrique Raffard.

2.° Officiar ao Governo da União pedindo que recommende aos presidentes e governadores dos Estades que attendam aos pedidos da commissão do Instituto relativos ao trabalho de que se trata.

3.° Officiar ao consul geral da Suissa, no Brazil, para obter-se por sua intervenção os relatorios publicados pelas associações congeneres, tratando de bibliographias geographicas, de accordo com as deliberações do Congresso de Berne.

4.° Encommendar 500 blocs, segundo o modelo apresentado pelo Sr. Barão de Capanema.

Achando-se a hora adiantada, e não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão.

José Verissimo,
servindo de 2° Secretario.

9ª. SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE AGOSTO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 2 horas da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Drs. Cesar Marques e Castro Carreira, Barões de Alencar e Capanema, General João Severiano, Conselheiro Alencar Araripe, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão, Major Gomes Neto, José Verissimo e o socio correspondente Desembargador T. Garcez Paranhos

Montenegro, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão, servindo como 1°. Secretario o supplente Major Gomes Neto, no impedimento do effectivo Sr. Henrique Raffard, que participou não poder comparecer por incommodado.

Igual communicação foi feita pelo Sr. Dr. Cesar Marques por parte do Sr. Marquez de Paranaguá.

O Sr. Major Gomes Neto deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do secretario geral da Academia de Sciencias de Lisboa agradecendo a remessa das *Revistas* d'este Instituto, T. 54, part. 2ª e T. 55, parts. 1ª e 2ª, acompanhando a obra — Homenagem do Instituto á Memoria do ex-Imperador Sr. D. Pedro II, na sessão commemorativa do seu fallecimento; do Secretario d'Estado dos Negocios do Interior do Estado de São-Paulo, acompanhando um exemplar do relatorio dos trabalhos inherentes á repartição a seu cargo, apresentado em 28 de Março do corrente anno a presidencia do mesmo estado.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente communicou ter recebido uma carta do Dr. Seybold agradecendo a sua admissão ao gremio do Instituto, acceitando de bom grado a missão de representar este Instituto perante o Congresso Internacional de Genebra e promettendo entender-se àcerca do assumpto com o consocio Julio Meili. Ao mesmo tempo enviou para ser offerecido a este Instituto um retrato do Sr. D. Pedro II, conforme um processo praticado na Allemanha. Agradeceu-se a offerta.

O Sr. Dr. Cesar Marques fallou sobre uma indicação ou proposta sua relativamente ao prazo que cumpria marcar-se para solicitação dos diplomas e pagamento das joias e contribuições dos socios admittidos n'este Instituto,

que não tivessem cumprido o seu dever em tempo competente. O Sr. Conselheiro Alencar Araripe, obtida a palavra, explicou que o parecer da commissão de Estatutos, de que faz parte, e á qual foi affecta aquella proposta ou indicação, não foi mais cedo apresentado por falta de assignatura de um dos membros da commissão; agora porém o apresenta, para que sobre o assumpto seja resolvido o que parecer melhor.

Parecer. A commissão de Estatutos examinou a proposta apresentada pelo illustre consocio Dr. Cesar Marques, na qual indica, que se marque prazo dentro do qual os cidadãos admittidos como socios d'este Instituto tirem o respectivo diploma, satisfazendo a competente joia de entrada, sob pena de ser annullado o mesmo diploma, determinando-se o prazo de 3 mezes para os cidadãos residentes na Capital Federal, e de 6 mezes para os residentes nos Estados da União.

A commissão não encontra nos nossos Estatutos disposição especial relativa á falta de solicitação do diploma social; mas parece, que o remedio está na applicação do disposto no art. 43 § 2 dos ditos Estatutos. Determina este artigo, que o socio contribuinte, que por espaço de 2 annos deixar de pagar as suas contribuições, tendo para isso recebido aviso do 1.° Secretario, entende-se ter renunciado a sua qualidade de socio.

Assim pois parece dever proceder-se com o cidadão admittido ao nosso gremio, que deixar passar o sobredito prazo de 2 annos sem pagar a joia de entrada, nem as respectivas prestações semestraes; sendo por isso desnecessario estabelecer disposição nova para o caso da não solicitação do diploma.

Rio 3 de Agosto de 1894. *T. Alencar Araripe. Barão de Alencar.*

Submettido o parecer a discussão, foi approvado, resolvendo-se que Sr. Thesoureiro apresente na seguinte sessão a relação nominal dos socios que estão em atrazo, ou em falta absoluta para com a thesouraria, para deliberar-se a respeito, de conformidade com os Estatutos.

O mesmo Sr. Conselheiro Alencar Araripe communica, que já recebeu 198 exemplares da obra do Sr. Dr. Virgilio

Martins de Mello Franco, offerecidos ao Instituto. Já foi deliberado que se agradecesse a offerta e fossem os exemplares distribuidos pelos socios.

O Sr. Presidente expoz, que por causa dos acontecimentos occorridos na capital durante a revolta e já communicados ao Instituto, foi resolvida a interrupção das sessões nocturnas até certo tempo ; que depois julgou-se conveniente, que as sessões ordinarias fossem celebradas de dia; e finalmente que em consequencia das occupações e obrigações de alguns socios que não podem comparecer ás sessões diurnas, nos dias uteis, pedem estes, que como antes, sejam as sessões á noite.

N'este sentido ha uma proposta apresentada na ultima sessão, e que deve ser hoje votada. O que lhe parece conveniente, no intuito de conciliar as opiniões oppostas, é fazer as sessões aos domingos, á noite ou de dia.

Discutido o assumpto e procedendo-se á votação, resolveu-se por grande maioria de votos, que d'ora em diante as sessões do Instituto sejam celebradas aos domingos, de 15 em 15 dias, á 1 hora da tarde.

Votaram pelo restabelecimento das sessões á noite os Srs. Commendador Luiz Alves, Barão de Capanema e José Verissimo.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão depois das 2 horas.

J. J. Gomes da Silva Neto,
servindo de 1°. Secretario.

10ª. SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE AGOSTO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, presentes os socios Srs.: Henrique Raffard, 1°. Secretario, Drs. Cesar Marques e Castro Carreira, Major Gomes Neto, 2°. Secretario supplente, Conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros,

Commendadores Gomes Brandão, Luiz Alves e Xavier da Motta, e Desembargador Paranhos Montenegro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas das duas sessões anteriores.

O Sr. Conselheiro Correia participa não poder comparecer por motivo de molestia.

Achando-se na sala immediata o socio Revm. Sr. Padre José Joaquim Corrêa de Almeida, o Sr. Presidente nomeia os Srs. 1°. e 2°. Secretarios para acompanhal-o ao recinto afim de tomar assento. Feita pelo Sr. Presidente em phrases lisongeiras a apresentação do novo consocio, este em breves palavras agradece a sua admissão; respondendo o orador Sr. Commendador Luiz Alves, na forma do estylo.

O Sr. 1° Secretario faz a leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Sr. Eug. Emile Raffard, Consul Geral da Suissa no Brazil, accusando o recebimento do officio do Sr. 1°. Secretario de 18 do corrente mez, em que é solicitada, em nome d'este Instituto, a intervenção do mesmo senhor perante o seu Governo, afim de obter-se a remessa ao Instituto, das diversas publicações relativas á bibliographia das sciencias geographicas, de conformidade com as resoluções tomadas no Congresso de Sciencias Geographicas realizado em Berne, assim como de todos os dados concernentes ás commissões organizadas em diversos paizes quanto ao mesmo assumpto, assegurando que levará este pedido ao conhecimento do seu governo que certamente o tomará na devida consideração; carta official do 1°. Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia, remettendo a lista dos nomes dos socios componentes da mesa administrativa, nomeada para o periodo annual de 1894 — 1895; e pedindo para a bibliotheca da mesma sociedade as *Revistas* do Instituto e todos os mais trabalhos publicados sobre Geographia, Historia e Ethnologia em geral, e particularmente sobre aquelle Estado, em troca das suas *Revistas*; officio do encarregado da

secretaria do Instituto Smithsonian de Ethnologia em Washington, de 12 de Fevereiro do presente anno, propondo a permuta das suas publicações annuaes, relatorios e boletins pelas d'este Instituto, incluindo as revistas trimensaes; carta particular do consocio Dr. Christiano Frederico Seybold, em resposta á do Sr. 1°. Secretario, em que lhe communicava a sua nomeação de membro correspondente deste Instituto, e a designação feita para representar o Instituto no congresso Internacional dos Orientalistas em Genebra, agradecendo a nomeação e a designação, declarando que no começo de Setembro do corrente anno assistirá ao congresso, onde espera encontrar-se com o seu collega Mr. Julio Meili, para conferenciar sobre os meios de bem representar o Instituto perante o referido congresso; e por ultimo offerecendo para ser presente ao Instituto o seu retrato photographado, e notas biographicas; do livreiro de Paris, H. Welter, em solução á carta de 29 de Maio ultimo, relativamente á remessa dos tomos 20, 31, 36, 37, 39 e 40, e seguintes da *Revista*, pedidos para a bibliotheca de Paris, e em troca da collecção completa, declarando que se obriga a remetter as obras, que o Instituto achar conveniente adquirir d'entre as dos catalogos 61 e 63, que enviou; do Sr. Hyppolito Cassiano de Miranda, pedindo copias de documentos existentes na bibliotheca d'este Instituto, de que necessita para corrigir e ampliar a 2ª. edição das « *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia* », pelo coronel Ignacio de Accioli, promettendo em compensação remetter o tomo que fôr reimpresso, tendo já em 1893 enviado o 1° volume; do consocio Dr. José Hygino Duarte Pereira, pedindo uma collecção das *Revistas*, de que necessita para trabalhos historicos, que tem em mãos e que em tempo apresentará ao Instituto.

São attendidos os pedidos, e aceitas as propostas nos termos das deliberações anteriores; quanto as copias pretendidas, poderão ser tiradas na Secretaria pela parte interessada, de accordo com o Sr. 1°. Secretario.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente communica, que achando-se vago o lugar de escripturario do Instituto, e sendo urgente preenchel-o, a mesa nomeou para esse lugar Francisco Martins Guimarães, que se mostra habilitado para bem servil-o, sendo-lhe marcado o vencimento de 120$ por mez. E' approvado.

O Sr. 1° Secretario expõe, que, lendo um catalogo de leilão de livros, vira mencionada a obra hoje rara de Mauricio Rugendas sobre a America, da qual poucos têm conhecimento; e não tendo ella sido arrematada pelo preço baixo offerecido, comprou-a por 100$, afim de ficar-se com a obra, que n'este acto é apresentada, si o Instituto não a quizer para si. Resolve-se, que seja examinada pelos socios até á proxima sessão, para depois deliberar-se a respeito.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levanta a sessão.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2.° Secretario supplente.

11.ª SESSÃO EM 2 DE SETEMBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs.: Henrique Raffard, 1.° Secretario, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Alencar, Desembargador Paranhos Montenegro, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão, General João Severiano, Major Gomes Neto, 2.° Secretario supplente e o Capitão de Mar e Guerra F. Calheiros da Graça, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. 1.° Secretario communica, que o Sr. Commendador Xavier da Motta deixava de comparecer por incommodado.

Passou-se á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : do Monsenhor Dr. Pedro Peixoto de Alvem Lima, convidando ao Presidente e demais membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro para assistirem ao desembarque do Exm. e Revdm. Sr. D. João Esberard; do Lyceo do Engenho Velho pedindo a *Revista* d'este Instituto para sua bibliotheca; da Camara Municipal de Casa-Branca, São-Paulo, pedindo remessa de quaesquer exemplares de relatorios annaes, revistas, etc., que possam enriquecer a sua bibliotheca; da Superintendencia Geral do Ensino Publico de Curitiba, pedindo doação de alguns livros para augmentar a sua bibliotheca; do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros convidando ao Presidente e demais membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro para assistirem a sessão solemne commemorativa do 51° anniversario de sua fundação, que deve effectuar-se no dia 7 de Setembro, ás 7 horas da noite, no edificio do Cassino Fluminense; do socio Dr. João José Pinto Junior enviando um exemplar da *Revista* do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que traz transcriptos os apontamentos biographicos concernentes ao mesmo socio.

Sobre os novos pedidos de *Revistas*, inclusive o do consocio Dr. Domingos Jaguaribe, relativo a trez volumes que lhe faltam, resolveu-se que fossem attendidos, depois de verificar-se na Secretaria se haviam sido ou não entregues ou remettidas as *Revistas* enumeradas na lista das corporações e pessoas, que as têm pedido ou a quem por costume são enviadas.

Quanto ao convite constante do officio do 1° Secretario do Instituto da Ordem dos Advogados, foi acceito e nomeada pelo Sr. Presidente uma commissão composta dos Srs. Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Alencar, Commendador J. Luiz Alves e Dr. Cesar Marques, afim de assistir á sessão solemne commemorativa do 51.° anniversario da fundação do mesmo Instituto.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Obtida a palavra pelo Sr. 1.° Secretario, foi dito, que constando-lhe existir na livraria do Alfarrabista Brazileiro a excellente e de bem poucos conhecida obra de Mr. Debret, 3 volumes in-folio, que custa em Pariz mais de 300 francos, intentára adquiril-a para a bibliotheca do Instituto; mas o possuidor pedia muito caro: entretanto este propoz a troca por duas collecções das nossas *Revistas* publicadas até esta data e tal proposta é sujeita á approvavação do Instituto. Resolveu-se aceitar a proposta ficando o Sr. 1.° Secretario autorizado a effectuar a troca. Outrosim conceder ao Instituto Geographico e Historico Bahiano alguns livros, que a bibliotheca possue em duplicata, sendo em tempo apresentada á mesa a relação dos livros concedidos.

O Sr. Thezoureiro expoz a necessidade de contractar-se uma pessoa para servente effectivo do estabelecimento, ficando encarregado não só da limpeza da casa como da conservação dos livros da bibliotheca, visto o porteiro só por si não poder diariamente bem desempenhar esse serviço. Foi approvado, ficando a cargo do 1° Secretario providenciar a respeito. O mesmo Sr. Thesoureiro apresentou uma nota da receita e despeza do 1° de Janeiro a 31 de Agosto do corrente anno.

NOTA

Receita de 1 de Janeiro a 31 de Agosto.	8:793$000
Despeza » » » » ...	7:920$000
Saldo.....	873$000
A pagar até o fim do anno:	
Vencimento dos empregados.....	960$000
Servente e despezas miudas (provavel).	220$000
Impressão da *Revista Trimensal*.....	4:800$000
	5:980$000

Arrecadação	
Subsidio do Governo Nacional (2.° semestre de 1894)	4:500$000
Prestações semestraes dos socios (provavel)	400$000
	4:900$000
Saldo supra	873$000
	5:773$000
Deficit (provavel)	207$000
	5:980$000

N. B. Não se inclue a despeza com o livro, que se está imprimindo relativo ao finado ex-imperador.

Rio 2 de Setembro de 1894.

Foi á commissão de orçamento para o competente exame, sendo relalor o Sr. Commendador Luiz Alves.

Ao terminar a sessão o Sr. Capitão de Mar e Guerra Calheiros da Graça expoz trez grandes cartas hydrographicas, sendo a 1ª do porto do Pará; a 2ª da costa das Salinas, n'esse Estado, e a 3ª da costa de Gurupy com o curso do rio d'este nome até a cidade de Viseo, dando minuciosos esclarecimentos sobre esse trabalho, offerecido ao Instituto, que muito lh'o agradeceu.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2.° Secretario supplente.

12.ª SESSÃO EM 16 DE SETEMBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A uma hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs.: Henrique Raffard, 1.° Secretario, Desembargador Paranhos Montenegro, Capitão de Fragata Garcez Palha, Capitão-Tenente Indio de Brazil, General João Severiano,

Dr. Castro Carreira, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão e major Gomes Neto, supplente do 2.° Secretario, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. Dr. Cesar Marques continúa a faltar por doente.

O Sr. Presidente communica ao Instituto nos seguintes termos o fallecimento do consocio Sr. Conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira.

« Senhores. — No dia 12 do corrente falleceu n'esta capital o Conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira, membro d'este Instituto desde 17 de Julho de 1874.

« O finado consocio não frequentava o Instituto, mas pelo seu caracter e illustração mereceu sempre toda a nossa estima e consideração ; e o Instituto com grande pezar faz inserir na acta da presente sessão a noticia de uma perda tão lamentavel. »

O Sr. 1.° Secretario passou á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Dr. A. Lopes Machado, participando que reassumio o cargo de Presidente do estado da Parahiba do Norte; do sub-secretario d'estado do ministerio de industria e obras publicas da Republica do Chile, enviando um *Boletim* do mesmo ministerio e pedindo que se lhe enviem todas as publicações do Instituto; de Gesellschaft fúr Erdkunde zu Berlin, participando achar-se a sua collecção de *Revistas* do Instituto incompleta com falta dos seguintes volumes: tomo 50, parte 2,ª tomo 51, partes 1ª e 2ª, tomo 52, parte 2ª, tomo 53, parte 2ª, e pedindo que lhe sejam remettidos: carta do major Manoel Luiz Barreto Falcão, participando ter estabelecido na cidade de Itaparica, estado da Bahia, uma bibliotheca e pedindo ao Instituto os exemplares da *Revista Trimensal*.

Foi resolvido, que se satisfizessem os pedidos de *Revistas*, informando a secretaria sobre o ultimo pedido feito em carta pelo director da bibliotheca particular de Itaparica.

OFFERTAS

Constam da relação publicada no fim d'este volume.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente consulta a mesa sobre o que conviria fazer-se em relação ao manuscripto secreto, sellado, e depositado na arca de sigillo, a pedido do seu autor o Conselheiro Correia, visto ser chegada a época determinada para a sua abertura e publicação no Instituto e não se achar na capital um dos clavicularios da arca.

Foi resolvido, que se esperasse até a seguinte sessão, dando-se d'isso conhecimento aos socios no aviso de convocação.

O Sr. Commendador Luiz Alves communica, que o Exm. Arcebispo D. João Esberard, nosso consocio, lhe dissera, que havia de assistir ás sessões deste Instituto quando lhe fosse possivel, e que por parte do Instituto compareceu á solemnidade celebrada a 7 do corrente pelo Instituto da Ordem dos Advogados.

O Sr. Capitão de Fragata Garcez Palha, obtendo a palavra disse : que sómente ha dias lhe chegou ás mãos o catalogo dos livros da bibliotheca do Instituto ultimamente publicado; que teve sincero prazer ao recebel-o; pois que desde muito se sentia a necessidade de similhante livro, e que esse prazer cresceu de vulto ao ver, na ultima pagina, que em breve outros catalogos identicos se seguiriam; que infelizmente, entretanto, essa satisfação pouco durou, e entende que é sua obrigação chamar a attenção dos seus collegas sobre o modo porque foi confeccionado este trabalho.

Sem entrar em analyse muito detalhada, sem referir-se mesmo á pagina 158, onde se encontra uma nota que destôa completamente da norma de proceder que tem sabido conservar o Instituto, e convencido que nenhum dos seus illustrados consocios teve occasião de examinar esse catalogo, antes de impresso, citará alguns dos muitos senões que encontra, e que justificam a proposta,

que pretende apresentar, e taes são: a falta de systema na divisão e classificação das sciencias que se succedem alphabeticamente, tendo-se abandonado sem razão plausivel, o adoptado no catalogo de 1860: a repetição da mesma obra tantas vezes, quantos são os volumes, de que se compõe: a omissão do formato e data da impressão de de cada obra: a catalogação a esmo pelo primeiro substantivo do titulo, como na pag. 157 — *Lições* de Historia do Brazil, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, ora pelo segundo substantivo do mesmo titulo, como na pag. 154: *Historia* do Brazil (Lições de...) pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo; umas vezes pelo primeiro nome do autor (pag. 156) *Joseph Anchieta*, Epistola quam etc.; outras pelo sobrenome (pag. 130) *Grinaldi* (Francez) societatis Jesu etc,;aqui sob o titulo *Provincia*, como á pag. 161, Provincia de Espirito Santo, sua descoberta, etc. alli pelo nome d'essas mesmas provincias (pag. 157) *Maranhão* (Historia da Independencia do...); ora por um adjectivo qualquer como na pag. 159, *Nouvelles Etudes*, etc.; ora finalmente pelo titulo scientifico do autor (pag. 152) *Docteur* Pires de Almeida, etc.; que muitas obras acham-se classificadas sem razão de ser, em sciencias differentes d'aquellas de que tratam, acontecendo ainda que cada exemplar se encontra com classificação distincta, como por exemplo: a batalha naval do Riachuelo do chefe de divisão I. J. da Fonseca, de que se encontra um exemplar em guerra, exercito, (pag. 76) e outro em marinha (pag. 115): as obras de Tenreiro Aranha, de que um exemplar é incluido na classe *poesia* (pag. 132), e outro em polygraphos, (pag. 148). Dos almanaks administrativos uns se acham em Historia do Brazil, outros em Miscellaneas; que não existindo a classe de historia antiga ou média acha-se na de historia moderna uma memoria sobre a descoberta da America no seculo X, etc.: que livros de botanica se encontram em diversas classificações, como por exemplo: — *Flora Brazil. Meridionalis* de Saint-Hilaire (pag. 80) em historia natural; a Flora de Martius (pag. 163) em Historia do Brazil; a Flora de José Marianno (pag. 224) em sciencias naturaes; que os Motins politicos do Pará de Domingos Raiol se acham em *politica*, etc. Muitos outros

equivocos que deixão de ser citados para não fatigar o Instituto, o aconselham, por bem dos creditos da corporação, a propor o seguinte:

Proponho que o Instituto Historico não consinta que o livro intitulado — *Catalogo dos Livros*, etc, seja distribuido a quem quer que seja, principalmente a associações estrangeiras; e que seja substituida a folha do rosto por outra, em que se imprima — *Inventario dos Livros*, etc. *Garcez Palha*.

Additamento: Proponho que seja nomeada uma commissão especial para examinar e dar parecer sobre a indicação do socio Capitão de Fragata Garcez Palha. Rio, 16 de Setembro de 1894. *Indio do Brazil*.

Foram approvadas ambas as propostas: mas resolveu-se,que a nomeação d'esta commissão fosse adiada para depois da conclusão do arrolamento dos livros da bibliotheca removida da Quinta da Bôa Vista.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2.° Secretario supplente

13.ª SESSÃO EM 30 DE SETEMBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs.: General João Severiano, Conselheiro Alencar Araripe, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão, Drs. Castro Carreira e Antonio Olyntho, Barões de Capanema e de Alencar, Capitão de Fragata Garcez Palha e Padre Correia de Almeida, o Sr. Presidente declara aberta a sessão. Os Srs. Henrique Raffard, Dr. Cesar Marques e Commendador Xavier da Motta, communicam não poder comparecer, os dois primeiros por incommodo de saude e o ultimo por auzente.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. Presidente em falta dos Srs. Secretarios, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. D. Vasquez Sagastume, Ministro da Republica Oriental no Brazil, offerecendo para o archivo do Instituto dois exemplares do opusculo com que teve necessidade de contestar a exposição do Sr. Conselheiro Saraiva, relativa á guerra do Paraguay. Resolveu-se agradecer a offerta e mandar que tanto a contestação como a exposição, pelo seu valor historico, fossem publicadas na *Revista*, para o que serão presentes á commissão de Redacção.

Officio do bibliothecario da Sociedade africana da Italia, pedindo alguns numeros que faltam da *Revista* do Instituto, e cuja relação envia, para completar-se a collecção que possue a bibliotheca da mesma sociedade. Mandou-se satisfazer.

Officio do director do Museo Paulista pedindo, para a respectiva bibliotheca, a remessa das publicações d'este Instituto, promettendo do anno vindouro em diante mandar igualmente ao Instituto as publicações do museo, contendo o 1.° vol. um extenso estudo comparativo-critico sobre a archeologia brazileira. Deliberou-se pôr á disposição do museo uma collecção da *Revista*, tão completa quanto possivel, remettendo-se em tempo os volumes que estão sendo reimpressos.

OFFERTAS

Constam da relação que será publicada no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Procedeu-se a abertura da arca de sigillo, com as formalidades legaes, afim de ser d'ella tirado um envolucro lacrado, contendo uma memoria que o Conselheiro Manoel Francisco Correia fez apresentar na sessão de 3 de Março de 1893, e que deveria ser aberta e lida quando

o mesmo Conselheiro deixasse o lugar que occupou de Presidente do Tribunal de Contas, condição que ha pouco foi realizada. Verificada e lida a memoria pelo Sr. Presidente perante a mesa do Instituto, foi nomeada uma commissão especial composta dos socios Srs.: Conselheiro Alencar Araripe, General João Severiano e Dr. Antonio Olyntho, afim de dar parecer á respeito, na fórma prescripta pelos Estatutos.

Pelo Sr. General João Severiano foi apresentada a seguinte

Proposta. Estando na consciencia do Instituto, que, devido sobretudo á sua escassez de meios, se deve o estrago que vae tendo a sua bibliotheca, por não se ter podido conserval-a como fôra de mister, já pelo estrago, já pelo extravio de livros e documentos, e isso devido á falta de pessoal apropriado e responsavel; certo o Instituto de que essa conservação é imprescindivel e inadiavel e tão urgente que não ha sacrificio que se não deva fazer, porquanto trata-se de salvar parte de riquissimo cabedal de sciencia e de importantes e valiosissimos documentos da historia patria, convencido de que o serviço especial da secretaria é por si só sufficiente, sinão demasiado para pretender-se de seu digno funccionario o encargo e responsabilidade da bibliotheca, archivos, e museo, resolve:

Art. 1.° Crear na mesa administrativa o lugar de bibliothecario com o encargo não só da bibliotheca como dos archivos e do museo.

Art. 2.° O exercicio d'este cargo será por 10 annos, podendo dar-se reeleição.

Art. 3.° O bibliothecario será responsavel pelas faltas que se derem, repondo ao Instituto o objecto que faltar ou o seu equivalente no valor corrente ou estimativo, na forma dos Estatutos.

Art. 4.° Formulará um regulamento para a sua repartição, que será submettido a approvação da casa.

Art. 5.° Organisará o mais breve possivel o catalogo methodico dos livros e objectos á sua guarda; ao qual accrescentará, quando necessario, catalogos supplementares.

Art. 6.° Findas as sessões e depois de registrados na acta respectiva receberá do 1° Secretario todos os livros e mais objectos offerecidos ao Instituto ou por elle obtidos, os quaes fará immediatamente escripturar.

Art. 7.° Para o bom desempenho das suas funcções poderá despender nos seis primeiros mezes até 500$, e depois 300$ mensaes; devendo ter á sua conta e de sua confiança um conservador e dois serventes; devendo a medida que necessitar de quantitativos para as despezas requisital-os da thesouraria em documento sufficientemente explicativo.

Art. 8.° Para de algum modo onerar o menos possivel á thesouraria, o Instituto providenciará de modo que a *Revista Trimensal* seja diminuida em materia; publicando somente o que fôr indispensavel relativamente á economia interna do Instituto, e documentos ineditos ou raros de reconhecido valor; e do mesmo modo restringirá ou supprimirá outras despezas que não tenham o alcance e o valor d'essa, destinada á conservação do valiosissimo patrimonio especial do Instituto. Sala das Sessões, em 30 de Setembro de 1894. *João Severiano.*

Foi remettido ás commissões de Redacção e de orçamento, servindo de relator o Sr. Conselheiro Alencar Araripe.

N'esta occasião foi apresentado á mesa um longo trabalho manuscripto offerecido por pessoa desconhecida, que se faz designar por 4 estrellas, e intitulado « *Indice alphabetico das Revistas do Instituto Historico etc* ».

Foi remettido á commissão de redacção para examinal-o e dar parecer sobre o seu merecimento, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

Henri Raffard,
servindo de 2.° Secretario.

14ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE OUTUBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, achando-se presentes os Srs. socios: General João Severiano, Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Dr. Antonio Olyntho, Commendador Luiz Alves, Desembargador Paranhos Montenegro, servindo de 2.° Secretario, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o 1.° Secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do socio Julius Meili, participando que por incommodo de saude não poude tomar parte no Congresso de Genebra; da Société de Sciences Historiques et Naturelles, participando a morte de seu presidente Mr. Gustave Honoré Cotteau; do socio Luiz Rodolfo Cavalcanti de Albuquerque, offertando 25 exemplares da obra *Amazonia em 1893*, afim de serem distribuidos pelos membros d'este Instituto.

Em seguida o Sr. Presidente communica o fallecimento do Sr. Conselheiro Pitanga proferindo a seguinte allocução:

« Senhores. — Falleceu no dia 5 do corrente nesta capital o nosso distincto consocio, Sr. conselheiro Epiphanio Candido de Souza Pitanga, lente jubilado e ex-director da Escola Polytechnica.

Foi uma perda sensivel para a patria, que n'elle contava um servidor leal e dedicado e para as lettras, que com as suas luzes tanto engrandeciam-se.

Hoje revive na brilhante e esforçada legião de aproveitados discipulos a immensa gloria do illustrado mestre, que com a sua doutrina e nobre exemplo soube educar uma geração nova em proveito da patria, que tanto d'ella espera.

Cruel e prolongada enfermidade por muito tempo privou-nos da assidua presença d'este prestimoso companheiro; estão, porém, na memoria do Instituto os serviços que prestou-lhe, desde que com prazer o acolheu em 1867, e o justo

apreço e particular affeição, que dedicava á nossa sociedade litteraria. Correspondendo a tão generosos sentimentos, tributou sempre o Instituto ao digno consocio a estima e consideração que merecia, e hoje, possuido do mais vivo pezar, faz registrar na acta da presente sessão, o luctuoso acontecimento que tanto contristou-nos. »

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Obtendo a palavra o Thesoureiro Sr. Conselheiro Alencar Araripe apresenta o balancete da Receita e Despeza de Janeiro a Setembro do anno corrente.

Balancete da Thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de Janeiro a Setembro de 1894

RECEITA

Saldo de 1893.....	136$000
Subsidio do Governo Nacional...	9:000$000
Juros de apolices.....	3:360$000
Venda da *Revista Trimensal*, e 1 volume das poesias de Corrêa Garção.....	30$000
Prestações semestraes e joia dos socios.....	1:238$000
	13:764$000

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*..	5:653$000
Idem do catalogo dos livros.....	2:250$000
Expediente e despezas miudas...	515$000
Escripturario, Porteiro e auxiliares.....	2:368$333
Porcentagem ao cobrador.....	127$800
	10:914$133

Receita.....	13:764$000
Despeza.....	10:914$133
Saldo.....	2:849$867

Este saldo está sujeito ao pagamento da importancia da 1.ª parte da *Revista Trimensal* do corrente anno, cuja conta já foi apresentada, ao vencimento dos empregados até Dezembro, e despezas miudas do expediente.

Rio 30 de Setembro de 1894. *T. Alencar Araripe*, Thesoureiro.

A' commissão de fundos e orçamento.

O Sr. Commendador Luiz Alves envia á mesa a seguinte proposta que depois de lida é approvada:

«Ha annos falleceu na provincia, hoje Estado de Pernambuco, o padre-mestre frei Lino do Monte Carmello Luna, religioso carmelita, escriptor notavel e membro honorario deste Instituto.

No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva, lê-se: «Frei Lino tem em mãos e prestes a concluir uma *Memoria* sobre os arcebispos e bispos do Brazil para ser offerecida ao Instituto Historico.

Proponho que a Secretaria officie ao nosso digno consocio o Sr. José Domingues Codeceira para investigar a respeito afim de que a *Memoria* venha para o Instituto. Rio de Janeiro 14 de Outubro de 1894. *José Luiz Alves.*»

O 1.° Secretario procede a leitura dos seguintes pareceres, que são approvados:

Parecer sobre o trabalho intitulado Marajó: Estudo sobre o seu sólo, seus animaes, suas plantas pelo Dr. Vicente Chermont de Miranda. — Logo á leitura das primeiras paginas do trabalho intitulado *Marajó*, escripto pelo Dr. Vicente Chermont de Miranda, se reconhece um estudo consciencioso, feito por este illustre engenheiro, sobre essa interessante parte do seu estado natal, tão desconhecido ainda sob muitos pontos de vista.

Elle se occupa da configuração do sólo, das mudanças que n'elle opéra o Amazonas, não só por seus effeitos erosivos, como tambem pela agglomeração de seus detrictos; combate, e com vantagem, a idéa, por muitos acceita, de

um abaixamento do solo americano n'essa parte do Brazil; estuda, a largos traços embora, a fauna e a flora d'essa ilha, e desenvolve criteriosas considerações tendentes a provar a these que avança na *Advertencia* do alludido trabalho: *A ilha de Marajó está fadada para ser em relação ao Pará o que a Sicilia era para a antiga Roma.*

Na deficiencia de dados positivos e seguros, consequentes de estudos aprofundados, sobre essa grande area da região paraense, o livro do Dr. Vicente de Miranda muito nos adianta, e tem o grande valor de firmar suas opiniões em observações directamente por elle colhidas na propria ilha de Marajó.

Julgo portanto, que o trabalho em questão constitue honroso titulo para que seu autor seja admittido ao gremio deste Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 30 de Setembro de 1894. *Francisco Calheiros da Graça.*

Concordo com o parecer do illustrado consocio. Rio 8 de Outubro de 1894. *Ovidio Fernando Trigo de Loureiro.*

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Capanema.

Parecer.—A' commissão de historia foram presentes os *Estudos Eborenses* do Sr. Gabriel do Monte Pereira, bibliothecario da bibliotheca nacional de Lisboa, por elle remettidos como documentos para a sua admissão no Instituto, e que, como excepção do folheto n. 24, unico apresentado, suppunham-se extraviados.

E' uma collecção de documentos importantissimos para a historia de Portugal, e n'elles se descobre não só o litterato de boas lettras, o epigraphista, o archeologo, o curioso da verdade, o critico judicioso, e o bom narrador; pelo que a commissão julga-o no caso de ser admittido como membro correspondente do Instituto. Sala das sessões 16 de Setembro de 1894. *João Severiano da Fonseca,* relator. *Dr. Cesar Augusto Marques. Henri Raffard.*

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

Parecer.—Os abaixo assignados, nomeados em sessão de 30 do passado, para na fórma dos Estatutos darem parecer sobre a *Memoria* junta, depositada na arca de sigillo, em 3 de Março de 1894, pelo socio honorario o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, com a declaração expressa de só ser aberta quando o seu autor houvesse deixado o cargo de presidente do Tribunal de Contas; e aberta e lida na referida sessão por ter-se dado a condição estabelecida; tendo examinado attentamente para cumprirem o dever que lhes foi commettido: acham ser esse documento a exposição minuciosa e singela da maneira porque foi seu autor convidado para aquelle cargo, e do acanhamento e escrupulos com que o acceitou, tendo préviamente ouvido a opinião e conselho de seus amigos e parentes, dos quaes só um se pronunciou em contrario.

Para a commissão esse documento é apenas a comprovação de escrupulos honrosos e dignos, mas talvez exagerados e até certo ponto alheios aos interesses historicos do Instituto; mas como contém a inserção da acta da installação do Tribunal de Contas e contendo assim um facto historico, julga que deve essa *Memoria* ser conservada em nossos archivos. Sala das sessões ds Instituto Historico e Geographico do Brazil em 14 de Outubro de 1894. *Antonio Olyntho dos Santos Pires. Tristão de Alencar Araripe. Dr. João Severiano da Fonseca.*

Depois o 1.° Secretario communica achar-se recolhido ao museo do Instituto o craneo fossil da Lagoa-Santa, que a pedido dos Srs. socios é trazido á mesa e examinado, sendo devidamente apreciado.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente levanta a sessão ás 2 3/4 horas da tarde.

Thomaz Garcez Paranhos Montenegro,
Servindo de 2.° Secretario.

15.ª SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE OUTUBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro.

A 1 hora da tarde, presentes os socios Srs. Dr. Cesar Marques, 1°. Secretario Henrique Raffard, Drs. Machado Portella e Castro Carreira, Desembargador Paranhos Montenegro, Commendador Luiz Alves, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Alencar, e Major Gomes Neto, servindo de 2.° Secretario, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: da Academy of Natural Sciences of Phidelphia pedindo diversos numeros da *Revista* deste Instituto, que lhe faltam para completar a sua collecção; da Boston Society of Natural History participando ter recebido os tomos da *Revista*, 51, 1ª e 2ª partes, 56, 1ª parte; do almirante Ignacio Joaquim da Fonceca, offerecendo ao Instituto exemplares da sua obra: *Estudo-Reorganisação Naval*; do Sr. Guilherme Augusto de Mendonça e Brito, sobrinho do finado socio d'este Instituto, o 1°. Tenente da armada Francisco Manoel Alvares de Araujo, solicitando a graça de lhe ser vendida uma collecção completa da *Revista* d'este Instituto, obrigando-se á pagal-a em prestações mensaes, como fôr arbitrado pelo Instituto; do Secretario do Governo do Estado de Santa Catharina, communicando ter assumido o exercicio do cargo no dia 28 de Setembro proximo passado; de Manoel de Oliveira Lima, acompanhando o seu livro *Pernambuco — seu desenvolvimento historico*; do General João Vicente Leite de Castro, presidente da commissão militar brazileira, nomeada para fazer a recepção dos officiaes da republica do Estado Oriental do Uruguay, que vêm trazer as medalhas commemorativas da campanha do Paraguay, bem como para dirigir os festejos por occasião da inauguração da estatua do Marechal Osorio, pedindo ao Instituto

para tomar parte na marcha civica em homenagem á memoria do mesmo marechal.

O Sr. Commendador Gomes Brandão participa, que não póde comparecer á presente sessão por motivo imperioso. O Sr. Conselheiro Alencar Araripe communica, que o Sr. General João Severiano deixa de comparecer por impedimento justificavel.

Respondeu-se ao officio do Sr. General Leite de Castro, agradecendo o convite, e communicando que este Instituto far-se-á representar nas solemnidades para que é convidado por uma commissão composta dos socios Conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cesar Marques e Desembargador Paranhos Montenegro.

Forão concedidos os numeros reclamados da *Revista*, e agradeceu-se a offerta dos livros supra indicados.

A proposta do Sr. Mendonça Brito fica sobre a meza para ser resolvida opportunamente.

OFFERTAS

Constam do appendice no fim do volume.

O Sr. Commendador Luiz Alves, obtendo a palavra, expõe, que em Maio de 1882 alguns associados do Club Guanabarense, com o intuito de celebrar o 1.° centenario do Marquez de Pombal, tinham feito imprimir em Lisboa um livro, e cunhar uma medalha de ouro em commemoração dos feitos do referido marquez; objectos estes destinados ao ex-Imperador o Sr. D. Pedro II, mas como tivessem chegado aqui, quando este já se achava fóra do paiz, em nome do mesmo Club, por delegação de seu irmão o Conselheiro Thomaz Alves, offerece-os a este Instituto, e apresenta o officio qne os acompanha, o qual é do theor seguinte:

Illm. Sr. Em 8 de Maio de 1882 alguns associados do Club Guanabarense, alliando-se a outras pessoas de prestigio social, celebraram com festas publicas o primeiro centenario do Marquez de Pombal.

Para essa festa havia sido impresso em Lisboa um livro e cunhada uma medalha.

O livro e a medalha que á commissão dos festejos destinava a S. M. o Sr. D. Pedro II, só chegaram ao Rio de Janeiro depois que elle sahiu do paiz.

E como por sua alta vontade mandou entregar ao Instituto Historico grande parte de sua bibliotheca, parece, que fazendo-vos entrega d'esse livro e d'essa medalha temos acompanhado a vontade em tempo manifestada pelo Sr. D. Pedro II.

Assim pois espero, que o Instituto Historico se dignará receber sob sua guarda tão valioso deposito, que servirá de testimunho aos vindouros como foi entre nós celebrado o centenario do Marquez de Pombal.

Deos guarde a V. S. Rio de Janeiro 28 de Outubro de 1894. Illm. Sr. 1°. Secretario do Instituto Historico do Brazil. Dr. *Thomaz Alves Junior.*

O Instituto recebe com muito apreço os mencionados objectos e agradece tão importante offerta.

ORDEM DO DIA

E' lido e approvado sem debate o seguinte parecer da commissão de historia:

Parecer.—Com officio de 23 do proximo passado a commissão de historia recebeu o livro intitulado *Estudos de Historia Paraense*, que hoje restitue e passa a emittir seu parecer.

E' importante este trabalho que se compõe das seguintes partes:

1.ª A Companhia de Commercio do Grão-Pará e Maranhão e o Marquez do Pombal;

2.ª Jezuitas expulsos;

3.ª Appendice ás memorias do Bispo do Pará;

4.ª Noticias sobre o piloto João Affonso;

5.ª Os Francezes no Amazonas.

Em todos estes enumerados seu autor revelou talento cultivado na historia patria, genio investigador e de tudo tratou, não ás carreiras, porém detidamente, descrevendo tambem outras instituições do tempo,

taes como a mesa dos homens de negocio, o caracter, o genio e a parte activa que tomaram muitos homens notaveis.

Descrever cada uma d'ellas é impossivel, porque n'elle nada se póde escolher e por isso anima-se a recommendal-o a leitura dos nossos consocios.

Finalmente recommenda seu autor o Sr. J. Lucio de Azevedo, negociante portuguez no Pará, aos suffragios benevolentes do Instituto, podendo prognosticar que será digno de ser acolhido entre nós como intelligente operario nos nossas fadigas.

Sala das sessões em 2 de Setembro de 1894. O relator Dr. *Cesar Augusto Marques*. *Henri Raffard*.

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Capanema.

O Sr. Dr. Cesar Marques apresenta a seguinte proposta, com os requisitos do art. 11 dos Estatutos para na conformidade do art. 10 ser conferido o titulo de socio honorario ao Exmo. e Rev. Sr. D. João Esberard, digno arcebispo da diocese do sul do Brazil:

Proposta. Desde 25 de Setembro de 1891 que abrilhanta o quadro dos nossos socios correspondentes o Illmo. Exmo. Rvmo. Sr. D. João Esberard, então venerando bispo de Olinda.

Hoje que sua Ex. Rvma. veio residir entre nós como muito digno arcebispo da diocese do Rio de Janeiro, consultando os nossos Estatutos, lê-se no art. 10 que pode ser conferido o titulo de socio honorario ás pessoas que têm idade provecta, consummado saber e distincta representação.

Felizmente Sua Ex. Rvma. ainda está no vigor da idade, porém é geralmente reconhecido o seu profundo saber em diversos ramos dos conhecimentos humanos, e para attestal-o ahi avultam os seus escriptos, onde muito se aprende e se aproveita.

Tem elle distincta representação, porque é um dos virtuosos principes da Igreja Catholica e Apostolica Romana, e acha-se hoje á frente da populosissima diocese do

sul do Brazil, e portanto muito no caso de ser elevado á classe dos socios honorarios.

A mesa administrativa d'este Instituto, acceitando a indicação suggerida pelo consocio infra assignado em 1° lugar, offerece a presente proposta para que siga os devidos tramites.

Sala das Sessões em 28 de Outubro de 1894. *Dr. Cesar Augusto Marques. O. H. d'Aquino Castro Henri Raffard. J. J. Gomes da Silva Neto. T. de Alencar Araripe. José Luiz Alves.*

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro Correia.

O Sr. Desembargador Paranhos Montenegro propõe que se mande publicar em alguns dos jornaes d'esta capital, ao menos um resumo das nossas sessões, porquanto muitas pessoas, mesmo dentro do nosso paiz, ainda ignoram a existencia do Instituto Historico, e outras duvidam da sobrevivencia d'elle, depois da ausencia perpetua de seu socio protector o Sr. D. Pedro II, por tal maneira que mesmo na camara dos Srs. deputados, elle e o Exm. Sr. Dr. Antonio Olyntho precisaram de esforços para convencer os collegas da persistencia do Instituto, afim de não ser eliminada do orçamento a subvenção ou subsidio do Governo.

Resolve-se autorisar ao Sr. 1°. Secretario a entender-se com as redacções de alguns jornaes a respeito da publicação das sessões, sem onus para os cofres do Instituto, sendo que pela avultada despeza que com esse serviço se fazia, foi que elle cessou desde algum tempo. Da vitalidade do Instituto, apezar das difficuldades com que luta, dá testimunho a publicação nunca interrompida da *Revista*, que é de sentir-se não seja conhecida dos homens de lettras do nosso paiz, quando com o maior interesse é procurada e lida pelos estrangeiros.

E' apresentado o seguinte parecer da commissão de estatutos e redacção:

Parecer. A commissão de estatutos e redacção examinou a proposta do illustre consocio Dr. João Severiano da Fonseca, na qual indica a creação de um bibliothecario

que servirá por 10 annos, podendo ser reeleito, com o encargo da bibliotheca, dos archivos e do museo do nosso Instituto, sendo coadjuvado por um conservador e dois serventes, afim de que possa zelar o nosso deposito litterario e organizar o catalogo dos livros e de mais objectos sob sua guarda.

Basta a enunciação da proposta para conhecermos a importancia e a conveniencia d'ella, e certamente a commissão não duvidaria acceital-a, si porventura só tivessemos de attender ás suas vantagens, e não fosse tambem preciso considerar os meios de leval-a a effeito.

Na verdade pela proposta o bibliothecario deverá nos primeiros 6 mezes despender a quantia de 500$000, e depois a de 300$ mensaes; o que importaria na despeza de 3:000$000 no primeiro semestre depois da creação do novo serviço, seguindo-se o dispendio de 3:600$000 annualmente.

Não póde a commissão deixar de ponderar, que para o Instituto obter pessoa idonea para o cargo de bibliothecario seria preciso uma retribuição ao menos de 500$000 mensaes ou 6:000$ por anno, o que equivaleria a um dispendio permanente de 6:000$ por anno. Esta despeza permanente com a de 3:600$ com o conservador e serventes, que tambem será permanente, sujeitaria o Instituto ao onus annual de 9:600$. Mas as rendas da nossa associação não são avultadas, podendo ser calculada a sua receita annual em pouco mais de 12:600$, uma vez que subsista o subsidio do Governo Nacional, que ora temos.

Si d'esta renda deduzirmos a quantia necessaria para o bibliothecario, conservador e serventes, ficaremos reduzidos a dispor apenas de pouco mais de 3:000$. Com esta quantia não poderemos pagar a impressão da *Revista Trimensal*, e manter os empregados da secretaria; donde seguir-se-ia faltarem-nos os meios para os fins principaes do Instituto.

Verdade é, que já foi lembrada a idéa de dispormos das 68 apolices da divida publica, que o Instituto possue, e com o producto d'ellas occorrer á despeza creada pela proposta. A commissão porém adverte, que vendidas as

apolices, cessará a renda certa que actualmente temos de 3:360$, a qual, no caso extremo de falta do auxilio official, nos poderá servir ao menos para manter o pessoal indispensavel ao expediente d'esta associação. Alienadas porém as apolices e faltando-nos o sobredito auxilio official, teriamos a dolorosa necessidade de fechar o Instituto; e assim a commissão julga inacceitavel o recurso da venda do nosso fundo social.

Já o Instituto admittio um servente para o trabalho da limpeza dos livros e manuscriptos; e proseguindo esse trabalho com insistencia e cuidado, muito ganharemos pelo lado da conservação do nosso material literario assás precioso e merecedor de ser guardado e bem zelado. Uma das vantagens da nova creação é a organização do catalogo da nossa livraria; mas por esse lado cabe observar, que já temos de parte d'ella um catalogo recentemente impresso; e o catalogo da outra parte já está formado, cumprindo apenas revel-o para a impressão. Tambem já temos feito o catalogo do museo, cuja impressão já foi determinada em sessão da meza administrativa.

Em taes condições a commissão, não desconhecendo a utilidade da proposta sujeita á sua apreciação, é de parecer, que a approvação d'ella fique adiada para quando o Instituto tenha maiores rendas, ou possa crear um rendimento especial que baste para custear a nova despeza.

Eis o que pensa a commissão de estatutos e redacção, submettendo-se ao justo criterio dos illustrados consocios.

Rio 28 de Outubro de 1894. *T. Alencar Araripe. Henri Raffard. Barão d'Alencar.*

Sobre o parecer posto em discussão pronunciam-se diversos socios, sentindo verem-se forçados, pelas circumstancias pouco favoraveis das finanças do Instituto, a adiar um serviço que seria de manifesta utilidade para o mesmo Instituto.

O Major Gomes Neto, pedindo a palavra, diz que apezar da sua avançada idade, possuindo ainda um resto da sua antiga actividade physica, e da mediocridade da sua intelligencia, achando-se presentemente desoccupado, com prejuizo da hygiene d'alma e do corpo, de

algum tempo para cá pensava no melhor meio de ser util a este Instituto, dedicando-lhe o pouco que lhe resta, do seu limitado prestimo; que nunca achou occasião mais azada, do que a que se lhe offerece para offertar ao Instituto os seus serviços, e assim aproveitava o ensejo da leitura do parecer da commissão de estatutos e de redacção para propor-se a servir gratuitamente como bibliothecario do Instituto. E como para melhor exercicio d'este emprego seja conveniente a residencia do bibliothecario dentro do edificio, apenas pedia que se lhe désse o commodo necessario, independente e decente, pois que para o seu sustento diario tinha os recursos necessarios. O que ouvido pelos socios presentes é acceito o offerecimento com geral agrado, esperando o Instituto muito aproveitar com o generoso e desinteressado offerecimento do prestante consocio.

Approvado o parecer, fica o Sr. 1.° Secretario encarregado de, quanto antes, providenciar a respeito do aposentamento e mudança de que se trata.

Nada mais havendo a tratar-se, o Sr. Presidente levanta a sessão.

J. G. Gomes da Silva Neto,
2°. Secretario supplente

16.ª SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, reunidos os socios Srs.: Drs. Cesar Marques e Machado Portella, Henrique Raffard, 1.° Secretario, Dr. José Hygino, Desembargador Paranhos Montenegro, Conselheiro Alencar Araripe, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão, Barão de Capanema e Major Gomes Neto, servindo de 2.° Secretario, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. 1.° Secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Director da Escola de pharmacia de Ouro Preto, accusando o recebimento da *Revista Trimensal* deste Instituto e agradecendo; do Secretario do Gabinete de Leitura Botucatuense, solicitando do Instituto que lhe conceda uma collecção das suas *Revistas*. A' secretaria para informar. Do Consul Geral da Suissa no Brazil, enviando cópia de um officio do Governo Suisso relativamente a remessa de livros e documentos referentes a trabalhos da commissão de bibliographia geographica Brazileira. Agradeceu-se.

Os officios são do teor seguinte:

Rio de Janeiro 17 de Novembro de 1894. — Illm. Sr. Tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. S. por cópia inclusa, para que o communique ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o teor do officio que me dirigio o Departamento Federal Suisso dos Negocios Estrangeiros sob n. 5121 em 10 de Outubro ultimo, pois trata d'este Instituto em termos, devendo ser transmittidos na sua integra.

Prevalecendo-me do ensejo offereço-lhe, Sr. 1.° Secretario, assim como a todos os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, os protestos da minha estima e consideração distincta. — Illm. Sr. Henri Raffard, 1°. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. O Consul Geral da Suissa no Brazil, *Eug. Emile Raffard*.

Cópie.— Département fédéral des affaires etrangères. Division politique. N. 5121. —Berne le 10 Octobre 1894.—Monsieur le Consul Général.—En nous référant à votre lettre du 23 août dernier, n. 257, nous avons l'honneur de vous informer qu'a teneur d'une communication de la Société de Bibliographie Geographique Suisse, celle-ci a appris avec plaisir que le Gouvernement Brésilien avait délégué à l'Institut Historique Géographique du Brésil la mission de s'occuper de la bibliographie géographique brésilienne.

La Société vous prie, en consequence de vouloir bien être son interprete auprès du dit Institut pour lui exprimer toute la reconnaissance de son utile et précieuse collaboration et pour lui faire savoir que les documents et renseignements qui pourront le guider dans son travail lui seront adressés incessamment par la Société Suisse.

Veuillez agreér, Monsieur le Consul Général, les assurances de notre considèration la plus distinguée.

Le chef du Département fédéral des affaires etrangères, *Sig. Lachenal*. Rio de Janeiro. Monsieur le Consul Général de Suisse.

OFFERTAS

São as que constam do appendice no fim do volume.

ORDEM DO DIA

Entrando-se na ordem do dia, o Sr. Presidente expressou o seu sentimento pelo fallecimento do nosso consocio Sr. Octaviano de Toledo, do modo seguinte:

« De uma publicação feita na imprensa d'esta capital, consta, que na cidade do Araxá, em Minas, falleceu no mez de Outubro passado, o Sr. Octaviano de Toledo, que por muitos annos tomou parte activa na imprensa de Uberaba, sendo seus escriptos sempre lidos com agrado.

Foi admittido ao nosso gremio em Junho de 1892. O Instituto sentindo a perda de mais este digno consocio, faz inserir na acta da sessão de hoje um voto de profundo pezar por tão triste acontecimento ».

O Sr. Desembargador Paranhos Montenegro, como um dos membros commissionados pelo Instituto Historico para represental-o no acto da inauguração da estatua equestre do General Osorio, deu parte de haver assistido a esta solemnidade com os seus collegas da commissão nos lugares para este fim preparados e designados. Aproveitando o ensejo perguntou. si o Instituto recebeu a medalha commemorativa do mesmo acto e o folheto analogo publicado pela Commissão Militar encarregada dos festejos do dia

15 do corrente. Sendo a resposta negativa, comprometteu-se a obter estes objectos para presenteal-os ao Instituto.

Retirou-se por incommodado o Sr. 1.° Secretario.

O Sr. Commendador Gomes Brandão, propoz que se nomeasse uma commissão para ir cumprimentar o Presidente da Republica Exm. Sr. Dr. Prudente José de Moraes Barros. Depois de breve discussão, em que tomaram parte diversos socios, não no sentido de opposição, mas no de ampliar-se a ideia da proposta, de accôrdo com os Estatutos, o Sr. Presidente consultou os socios sobre o melhor dos meios lembrados, e mais consentaneo com os mesmos Estatutos. Decidio-se,que fosse conferido a S. Ex. o titulo de presidente honorario d'este Instituto, na conformidade do art. 13, combinado com o 4 no § 5; o Sr. Presidente ponderou a necessidade de algum dos socios apresentar a proposta escripta para ser assignada por todos os presentes. Então o referido Sr. Commendador offereceu a seguinte proposta:

Propomos para presidente honorario d'este Instituto o Exm. Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, Dr. Prudente José de Moraes Barros. Em sessão de 18 de Novembro de 1894. *A. J. Gomes Brandão. José Luiz Alves. T. de Alencar Araripe. O. H. de Aquino e Castro. Dr. Cesar Augusto Marques. T. G. Paranhos Montenegro. José Hygino Duarte Pereira. Joaquim Pires Machado Portella. B. de Capanema. J. J. Gomes da Silva Neto.*

Estando a proposta assignada por todos os socios presentes, foi tida como approvada, ficando prejudicada a primeira, que o seu autor pediu para retirar.

Em seguida o Sr. Presidente proclamou Presidente Honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Exm. Sr. Dr. Prudente José de Moraes Barros, actual Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Suscitando-se duvida sobre o meio mais conveniente da entrega do respectivo diploma, visto mandarem os Estatutos que seja enviado por officio, tomaram parte na

discussão os socios Drs. José Hygino, Machado Portella, Paranhos Montenegro, e Conselheiro Alencar Araripe, e ficou resolvido, que fosse nomeada uma commissão de trez membros, para ser portadora do diploma. Pelo Sr. Presidente foram para esse fim nomeados os socios Desembargador Paranhos Montenegro, Dr. José Hygino e Commendador Gomes Brandão.

Foi apresentada a seguinte proposta:

Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Dr. Manoel de Oliveira Lima, natural de Pernambuco, de 30 e tantos annos de idade, secretario da legação brazileira na Allemanha, servindo de titulo para a sua admissão a excellente monographia que recentemente publicou sobre Pernambuco e seu desenvolvimento historico. Sala das sessões em 18 de Novembro de 1894. *José Hygino T. G. Paranhos Montenegro. José Luiz Alves. Joaquim Pires Machado Portella.*

A' commissão de historia, sendo relator o Sr. Dr. Cesar Marques.

O Sr. Presidente pediu ao Sr. Barão de Capanema, relator da commissão de bibliographia nacional das sciencias geographicas, que informasse o Instituto sobre o estado dos trabalhos da mesma commissão; o que foi satisfeito pelo dito relator, communicando as providencias já tomadas, e o desejo que tem a commissão de bem desempenhar o laborioso encargo que lhe foi confiado; para o que aguarda o recebimento dos livros, planos e esclarecimentos já requisitados por intermedio do consulado da Suissa.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão depois de 2 horas da tarde.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2º. Secretario supplente.

17.ª SESSÃO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1894

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs.: General João Severiano, Dr. Cesar Marques, Henrique Raffard, 1.° Secretario, Major Gomes Neto, servindo de 2.° Secretario, Capitão Tenente Indio do Brazil, Commendadores Luiz Alves e Gomes Brandão, Conselheiro Alencar Araripe, e Dr. Antonio Olyntho, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da antecedente, e feitas algumas rectificações, foi approvada.

O Sr. 1.° Secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Superintendente geral do Ensino publico do Estado do Paraná, Dr. Victor Ferreira do Amaral Silva, participando ter recebido o officio de 27 de Outubro ultimo que este Instituto lhe remetteu, e pedindo para a bibliotheca publica do Paraná os ns. 11° 20, 22, 55, 56, e o supplemento do n. 51 da *Revista* deste Instituto para completar a collecção que a mesma bibliotheca possue. A' secretaria para satisfazer, estando em termos; do socio Desembargador Paranhos Montenegro communicando não poder comparecer á sessão de hoje, e offerecendo os seus serviços no Estado da Bahia, para onde tem de retirar-se brevemente, e ao mesmo tempo enviando para o museo do Instituto uma medalha commemorativa que vae mencionada entre as offertas

O Sr. 1.° Secretario communica que acha-se prompto e publicado o livro especial, de cujo trabalho fôra encarregado, contendo a compilação de todos os artigos publicados nos jornaes do paiz com relação á pessoa do Augusto Protector do Instituto, desde a sua sahida do Brazil, contendo os telegrammas referentes á sua molestia, fallecimento, pezames, e respectivas exequias, precedendo a

tudo o retrato do mesmo Augusto Senhor, e uma noticia sobre a fundação e a actualidade do nosso Instituto, trabalho este, que fizera imprimir sob sua direcção e revisão com o titulo de – *Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á Memoria de S. M. O Senhor D. Pedro II*—; tendo sido já alguns exemplares distribuidos pelos socios.

O Sr. Presidente declara, que o Instituto agradece o bom serviço que o Sr. 1.° Secretario prestou, encarregando-se da direcção e publicação do importante trabalho apresentado.

O Sr. Dr. Cesar Marques aproveitando o ensejo, em particular, felicita o mesmo Sr. Henrique Raffard por esta sua notavel obra, especialmente pelo que diz respeito ao que é da sua lavra.

OFFERTAS

São as que constam do appendice, no fim do volume.

O Sr. 1°. Secretario offereceu para o museo do Instituto uma medalha de bronze, rara e muito procurada no sul do Brazil, principalmente no Rio Grande do Sul e nas republicas vizinhas, tendo em uma face a effigie da Princeza Sra. D. Izabel, e na outra a corôa imperial e a data de 1892.

O Sr. Desembargador Paranhos Montenegro, em desempenho da sua promessa, enviou uma medalha tambem de bronze commemorativa do 5.° anniversario da Republica.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe offereceu uma medalha do mesmo metal, cunhada aqui no Rio de Janeiro, em homenagem á commissão militar da republica do Uruguay—1894. Todas as offertas foram acceitas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Commendador Luiz Alves disse: que fôra informado de que a redacção do *Jornal do Brazil*, propunha-se a publicar as sessões deste Instituto mediante uma modica retribuição pecuniaria. Em resposta o Sr. 1.°

Secretario informou, que, tendo sido encarregado de entender-se com os redactores dos jornaes sobre a publicação das sessões, conseguira mais do que isso, a saber: que fosse feita sem estipendio algum.

O Sr. Capitão Tenente Artur Indio do Brazil apresentou a seguinte proposta:

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o deputado federal pelo Estado da Bahia Dr. Aristides Augusto Milton, natural do Estado da Bahia, com 48 annos de idade, formado em sciencias juridicas e sociaes e servindo de titulo para a sua admissão os seus trabalhos sobre historia especial do Estado da Bahia, os quaes offerecemos em nome do autor. Rio, 2 de Dezembro de 1894. *A. Indio do Brazil. Severiano da Fonseca. José Luiz Alves. Henri Raffard.*

A' commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Major Gomes Neto.

O Sr. Presidente levantou a sessão, depois de lembrar aos socios que no dia 15 do corrente ás 7 horas da noite será celebrada a sessão anniversaria, com toda a simplicidade e modestia, compativeis com as nossas actuaes circumstancias.

J. J. Gomes da Silva Neto,
2°. Secretario supplente.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1894

HONRADA COM A PRESENÇA DO EXM. SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

Prezidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 15 de Dezembro de 1894, 56° anno da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sala das sessões do mesmo Instituto, de conformidade com os estatutos, foi celebrada a sessão magna anniversaria.

A's 8 horas da noite, achando-se presentes os socios: Exm. Sr. Presidente da Republica e Presidente honorario do Instituto, Dr. Prudente José de Moraes Barros, que foi recebido com as devidas formalidades e tomou assento entre os socios, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Ministro dos Negocios da Industria, Viação Obras publicas Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro, General Dr. João Severiano, Henrique Raffard, Commendador J. Luiz Alves, Conselheiro T. d'Alencar Araripe, Major J. J. Gomes da Silva Neto, Barões Homem de Mello e de Alencar, Conselheiro J. M. F. Pereira de Barros, Drs. José Hygino Duarte Pereira, Americo Braziliense de Almeida Mello, L. de Castro Carreira, A. V. A. Sacramento Blake, Feliciano P. de Bittencourt, Capitão de Fragata J. E. Garcez Palha, Capitão-Tenente Arthur Indio do Brazil, Coronel P Paulino da Fonseca, e Commendador Antonio José Gomes Brandão, com assistencia de diversas senhoras e pessoas gradas, o Sr. Presidente effectivo Aquino e Castro

abrio a sessão, proferindo um discurso analogo a esta solemnidade litteraria, findo o qual deu a palavra ao 1° Secretario, Sr. Henrique Raffard, que leu o relatorio dos trabalhos dos annos sociaes de 1893 e 1894, e depois ao orador do Instituto, Sr. Commendador J. Luiz Alves, que igualmente leu o elogio biographico dos socios fallecidos durante os dois ultimos annos.

Foram ouvidos com a devida attenção todos esses trabalhos, que vão em seguida transcriptos, dando o Sr. Presidente a sessão por encerrada ás 10 horas da noite.

O *Jornal do Brazil*, de 18 de Dezembro de 1894 e *L'Echo du Brésil*, de 23 de Dezembro de 1894, dão noticia da sessão magna anniversaria do Instituto, acima trascripto, nos seguintes termos:

INSTITUTO HISTORICO

A sessão magna e anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como noticiámos hontem, publicando o discurso lido pelo Sr. Dr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, realisou-se na noite de 15 do corrente.

A casa estava convenientemente preparada, sobresahindo a sala das sessões.

A's 7 horas, annunciada a chegada do Sr. Presidente da Republica, todos os socios foram ao encontro de S. Ex. recebendo-o na porta do salão, onde penetrou S. Ex. sendo cumprimentado pelas mais pessoas presentes.

Dignando-se o Sr. Dr. Prudente de Moraes informar aos Srs. socios do Instituto que os Srs. Ministros das Relações Exteriores e da Justiça e Negocios Interiores não podiam comparecer como o pretendiam, disse que viria sem falta o Sr. Ministro da Industria, apezar de fazel-o com alguma demora, porque a conferencia ministerial havia terminado tarde.

Então o Sr. presidente do Instituto convidou o chefe do Estado a visitar as diversas salas e assim foram á

Bibliotheca D. Thereza Maria Christina e ao *Museo Imperatriz Leopoldina*, onde são conservados os livros e objectos removidos da quinta de São Christovão em virtude da doação feita pelo Sr. D. Pedro II.

O craneo fossil da Lagoa Santa que voltou do Museo Nacional onde permaneceu por algum tempo, o relogio do padre Foijó, a mascara em gesso de José Bonifacio, foram objectos de especial attenção.

A's 8 horas resolveu-se principiar a sessão e chegando o momento de tomar assento o Sr. Presidente da Republica, movido pela sua excepcional modestia e ao mesmo tempo extrema gentileza, indagou quem costumava occupar a cabeceira da mesa, e sendo informado que dos Presidentes Honorarios sómente o Sr. Conde d'Eu quando ausente o Sr. D. Pedro II, disse que desejava sentar-se ao lado dos Srs. membros do Instituto.

Ficou assim acatada a cadeira do Immediato Protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e estabelecido o lugar do Sr. Presidente Honorario, defronte dos Srs. Presidente e Secretario, porém em cadeira especial, e que se acha sobre um estrado, em signal de respeito pela sua alta posição.

Fazem annos que não se reuniam no Instituto tantos socios; ao lado do Sr. Presidente da Republica sentou-se o Vice-presidente do Instituto General Dr. João Severiano da Fonseca e promiscuamente dos dois lados da mesa o Capitão-Tenente Arthur Indio do Brazil, Barão de Alencar, Dr. Sacramento Blake, Barão Homem de Mello, Dr. Americo Braziliense, Coronel Pedro Paulino da Fonseca, Commendador Gomes Brandão, Conselheiro José Mauricio, Dr. Liberato de Castro Carreira, Major Silva Neto, Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, Conselheiro Araripe, Dr. José Hygino Duarte Pereira, Capitão de Fragata Garcez Palha, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Commendador José Luiz Alves, Henrique Raffard e Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, isto é, estes tres cavalheiros, como já se disse, em frente ao Sr. Presidente Honorario Dr. Prudente de Moraes.

Ouvimos o Sr. Capitão de Fragata Garcez Palha dizer ao Sr. 1° Secretario que não vinha sómente como

socio, porém, incumbido pelo Sr. Ministro da Marinha, de quem é digno secretario, de o representar na sessão e que o Sr. Ministro sentia não poder comparecer por motivos de ordem superior.

Não se havia feito convites, entretanto, entre as pessoas presentes vimos o Sr. Barão Pereira Franco, Dr. Joaquim de Toledo Pisa e Almeida, Conselheiros Pindahyba de Mattos e Souza Martins, Dr. Marques Pinheiro, Drs. Aquino e Castro (Thomaz e Manoel), Major Silveira Pinto, Eugenio Emilio Raffard, consul geral da Suissa e seu collega da Belgica Sr. L. Laureys Junior, o Sr. Léon Drugman e outros.

Aberta a sessão procederam ás leituras dos trabalhos ordenados pelos Estatutos o Sr. presidente Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro; secretario Henrique Raffard; orador, Commendador José Luiz Alves, sendo depois encerrada a sessão.

O Sr. Presidente da Republica ouvio com toda attenção os trabalhos lidos e depois de cumprimentado pelos Srs. socios e demais pessoas presentes, retirou-se ás 10 horas da noite, sendo acompanhado até a porta por todos os socios, aos quaes deixou, sem excepção, penhorados pela delicadeza e prova de consideração que dispensou ao Instituto assistindo a sessão.

Trajava S. Ex. casaca, gravata e luvas pretas. Acompanhou S. Ex. o Sr. Coronel Luiz Mendes de Moraes.

Subindo de novo para o segundo andar do edificio, pois é onde funcciona o Instituto, o Sr. Dr. Antonio Olyntho ficou conversando com os seus collegas, manifestando a estima que lhes consagra e que lhe é retribuida.

(*Jornal do Brazil.*)

INSTITUT HISTORIQUE ET GÉOGRAPHIQUE BRÉSILIEN

La séance solennelle et anniversaire de l'Institut a eu lieu le 15 courant, comme nous l'avions annoncé dans un précédent numéro. Le *Jornal do Brazil* a

donné un intéressant compte-rendu de ce qui s'y est passé.

Nous ne pouvons ici reproduire la longue description donnée par notre éminent confrère. Mais nous dirons à ceux de nos lecteurs qui n'on pas eu connaissance de l'article en question, qu'à l'Institut il y a une tradition fort touchante. On a toujours conservé avec le plus profond respect, et laissé toujours à la place d'honneur qu'il occupait le fauteuil, où venait autrefois prendre place le Protecteur de l'Institut Dom Pedro II.

Depuis le départ de l'Empereur, le fauteuil était resté vide. On n'avait guère le temps, paraît-il, à Itamaraty de s'occuper de l'Institut, les affaires militaires et de politiquerie primant tout.

M. le Docteur Prudente de Moraes pense, *lui aussi*, que le Haut-Pouvoir doit encourager et aider toutes sociétés scientifiques, surtout celles qui, comme l'Institut Historique e Géographique, ont pour unique mobile l'intérêt de la Patrie Brésilienne; et reprenant à ce point de vue la tradition de Dom Pedro II, il a trouvé qu'il n'était pas au-dessous d'un chef d'Etat d'assister à cette séance solennelle de l'Institut.

Nous qui avons été présents à la réunion, samedi, à l'Institut, nous pouvons témoigner de l'abnégation, de la correction et de la dignité de Mr. le Dr. Prudente de Moraes qui s'est acquis certainement toutes les sympathies de l'assistance.

Mais il nous faut ici rendre compte d'une attention délicate de M. le Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, et qui peut-être sera passée inapperçue du représentant du *Jornal do Brazil* puisqu'il n'en a point parlé; ce qui était assez naturel dailleurs, attendu que ce petit incident s'était passé à *mezza vocce* entre son Exellence et la personne chargée de le recevoir à son entrée, ainsi que l'huissier devant accompagner chacun de ces Messieurs à la place qui leur était réservée.

La séance fut ouverte à huit heures; à neuf heures arriva le ministre de l'Agriculture; et il fut invité à prendre place à la droie du Président de la République, où était réservée, hors de la table des sociétaires, une place spéciale

pour le ministre de l'Intérieur, lequel à son grand regret ne put assister à la séance.

Mais aussitôt protesta le Dr. Antonio Olyntho revendiquant sa place au milieu de ses collègues; Son Excellence affirma qu'il s'honorait beaucoup du titre de Membre de l'Institut Historique e Géographique Brésilien, et qu'il ne voulait pas renoncer aux privilèges de sociétaire, même pour être traité comme ministre d'Etat.

Très-bien! Très-bien, Messieurs de l'Institut.

Le ministre de l'Extérieur, M. Carlos de Carvalho, vient également de donner les preuves de son indépendance politique et de ses sentiments vraiment républicains, en président au Banquet de la Société de Bienfaisance Portugaise, où, disait-il, il assistait non officiellement, mais officieusement.

Bravo! Mr. le Président de la République e ses Secrétaires suivent la vraie route, le droit chemin; nul doute que se maintenant constamment dans cette orientation politique, Mr. le Dr. Prudente de Moraes ne soit le Sadi Carnot du Brésil.

(*L'Echo du Brésil.*)

DISCURSO

DO PREZIDENTE DO INSTITUTO

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

« Senhores. —Ainda uma vez cabe-me a honra, devidamente apreciada, de abrir a sessão anniversaria da installação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em cujo gremio com prazer contamos hoje o 1° magistrado da nação, muito digno presidente honorario do Instituto, e aqui presente por extrema delicadeza e obsequiosa attenção, que cordialmente agradecemos.

Penhora-nos tambem muito a honrosa assistencia das distinctas pessoas que se dignaram de concorrer á nossa modesta festividade litteraria. Somos gratos á tanta gentileza.

Ao dirigir-vos a palavra nesta occasião, é de meu dever começar dando publico testemunho da boa vontade, constancia e fervoroso empenho que, ainda na quadra mais critica da nossa vida social, tem animado os poucos, porém dedicados amigos das lettras, que perseveram no louvavel proposito de realizar por seus esforços o grandioso intuito dos sabios fundadores desta util instituição, já vantajosamente conhecida no mundo civilisado pelos valiosos e reaes serviços que ha prestado, colligindo e publicando preciosos dados, seguros elementos para o exacto e perfeito conhecimento da nossa historia.

Quando por toda parte se manifesta o applausivel desejo de acompanhar de perto o desenvolvimento intellectual dos povos cultos, e no estudo e aprofundado exame

das doutrinas e questões litterarias e scientificas expostas á luz da opinião se mostram interessados os espiritos mais esclarecidos do nosso tempo, seria na verdade de lamentar-se que por quaesquer motivos affrouxasse o zelo dos nossos illustrados consocios, vindo assim a fenecer agora a fagueira esperança que por tanto tempo alimentamos de ver sempre occupando a primeira associação litteraria do nosso paiz, a posição de honra que por tantos titulos lhe é devida.

E' pouco, entretanto, o que tem produzido ultimamente o Instituto; e dir-se-hia que o desanimo vae-se apoderando do alentado espirito de muitos dos nossos consocios, se, para ajuizar da situação em que nos achamos, só tivessemos de attender á escassez de trabalhos apresentados, á falta de leituras instructivas, e á pouca frequencia que de algum modo tem esterilizado as nossas sessões. Mas, cumpre accrescentar, desde já, que circumstancias anormaes têm infelizmente concorrido para tão desfavoravel resultado.

Foram, como é sabido, muito agitados os ultimos tempos, que acabamos de atravessar. Graves acontecimentos de ordem politica, que não nos cabe agora investigar, e a que foi o Instituto inteiramente estranho, influiram para que se paralysasse por muitos mezes todo o movimento litterario da nossa sociedade, e não pudesse revelar-se a activa coadjuvação que de costume traziamos para a grande obra a que nos destinamos.

Assim que, tendo o Instituto, com a regularidade habitual, encetado os seus trabalhos annuaes na sessão de 3 de Março de 1893, viu-se forçado, pelas circumstancias que sobrevieram, a suspendel-os alguns mezes depois, para só proseguir na sua laboriosa tarefa em Abril do anno seguinte, depois de restabelecidas a ordem e a tranquillidade publica, que tanto seria de desejar-se não fossem jámais entre nós perturbadas.

Do que occorreu no Instituto antes e depois dessa longa interrupção dar-vos-ha detalhada noticia o nosso habil e prestimoso 1° Secretario no relatorio que vos vae ser apresentado.

Farei apenas especial menção de alguns factos que pela sua importancia serão desde agora referidos.

Foram até hoje baldados todos os esforços feitos pelo Instituto para rehaver parte dos excellentes livros que lhe foram doados pelo Sr. D. Pedro II, e dos quaes se acha de posse a bibliotheca nacional. Está o Instituto convencido de que assiste-lhe perfeito direito á reclamação até hoje desattendida, e com desgosto vê-se privado d'aquillo que julga pertencer-lhe, e a que liga todo o apreço, sendo a doação feita uma prova mais, e inequivoca, da extrema benevolencia com que foi sempre o Instituto distinguido pelo seu generoso protector.

Deste desagradavel assumpto occupam-se ainda algumas das actas das sessões do corrente anno, para as quaes chamo toda a vossa attenção.

Sem embargo do muito empenho que desde longos annos tem feito o Instituto por corresponder condignamente ao elevado intento de sua creação, já colligindo e archivando com cuidadoso escrupulo inestimaveis documentos para a historia patria, já publicando trabalhos de subido interesse, que enriquecem os 57 volumes da sua acreditada *Revista*, ainda assim parece que, ao menos para alguns, pouco valem tão cançadas lidas, pois que foi proposta na organisação da lei do orçamento para o exercicio futuro a reducção da exigua quota com que o Thesouro Nacional concorre para as nossas despezas, sempre crescentes, como accrescidos são os encargos que pesam sobre o Instituto; e se tão grande damno não foi levado a effeito, devemol-o especialmente á opportuna e benefica intervenção do nosso distincto consocio, hoje digno ministro dos negocios da Industria, Viação e Obras Publicas, fazendo sentir com o peso de sua autorisada palavra a conveniencia de se não restringir o auxilio dado a uma corporação que tão bons serviços ha prestado ás lettras, e outros ainda melhores poderá prestar, se de mais largos meios puder dispor para o futuro.

Por tão clara e espontanea manifestação de interesse pela sorte do Instituto, receba o Sr. Dr. Antonio Olyntho os agradecimentos que por mim lhe dirige a Associação,

que se desvanece de o contar no numero dos seus mais prestantes consocios.

Pela lei do orçamento do anno passado foi o Instituto encarregado de importante tarefa, que, nem por haver sido acceita de bom grado, o recommendou á benevolencia daquelles que logo depois quizeram prejudical-o.

Foi a administração do Instituto incumbida de crear uma commissão central, tendo por fim organisar e publicar a bibliographia nacional das sciencias geographicas. A idéa havia partido de governo estrangeiro (Suissa) e foi, como era natural, bem acolhida pelo nosso.

Está a commissão nomeada pelo Instituto tratando de satisfazer do melhor modo, e certo que com a proficiencia que é de esperar-se de suas luzes e provada aptidão, a difficil e trabalhosa incumbencia que lhe foi confiada, e em tempo será conhecido o resultado de suas aprestadas diligencias.

Bem notoria se tornou, pela invocada cooperação do Instituto, em objecto de tanta monta, a injustiça com que se pretendia diminuir os parcos recursos de que elle dispunha, quando, ao mesmo tempo, se lhe redobrava o trabalho, aliás estranho ao programma de suas funcções ordinarias.

Seria de desejar-se que o Instituto pudesse já dispensar de todo o auxilio que recebe dos cofres publicos; ser-lhe-hia sobremodo agradavel occupar-se de sua nobre missão sem dependencia de favores officiaes, custosamente obtidos e sujeitos ás eventualidades da occasião; mas não o permittem as circumstancias actuaes; á ellas sujeitemo-nos.

A' exposição universal Colombiana de Chicago, por solicitações de alguns dos seus promotores, concorreu o Instituto Historico, offerecendo diversos trabalhos que tem composto ou publicado, e grato nos deve ser deixar aqui mencionado que, pela collecção completa de suas *Revistas*, foi o Instituto graciosamente premiado.

Sirva-nos de lenitivo considerar o apreço que no estrangeiro é dado ao trabalho muitas vezes desdenhado pelos nossos conterraneos.

Com relação ás nossas ultimas publicações, é justo aqui salientar a que acaba de ser feita, por deliberação do

Instituto, sob a immediata e attenta direcção do nosso activo Secretario, o Sr. Henrique Raffard.

Intitula-se: *Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II.*

E' precedida de minuciosa e interessante noticia sobre a existencia desta sociedade, desde o seu começo até hoje, e com fidelidade relata o que é o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o que foi para elle o seu augusto protector, e o que ficou sendo a memoria do egregio brazileiro nas tradições gloriosas que com respeitoso affecto aqui guardamos.

Foi esse um preito ainda de admiração e reconhecimento que o Instituto julgou dever prestar ao seu grande bemfeitor, cuja falta vê que de dia em dia se lhe vae tornando mais sensivel e lamentavel e cuja memoria será, para todos quantos sinceramente o amavam, sempre cara, saudosa e veneranda.

Muitas e sentidos perdas soffreu o Instituto no espaço que decorre de ultima sessão anniversaria, celebrada á 15 de dezembro de 1892, até a data da presente reunião.

O nosso estimavel e diligente consocio, Sr. Commendador J. Luiz Alves, occupando a alta cadeira de orador do Instituto, relembrará em phrases eloquentes os preclaros nomes dos companheiros que tão cedo deixaram-nos e os feitos que os recommendam á consideração dos vindouros.

E' a suprema homenagem de amizade e gratidão tributada em honra daquelles que com o brilho do seu nome, com a sua illustração e proveitoso auxilio concorreram para o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Possa a evocação de tantos mortos illustres fortalecer-nos o animo e incitar-nos á seguir-lhes o exemplo, na pratica das virtudes que prezaram, no amor ás lettras e as sciencias que cultivaram e na dedicação á patria que tanto souberam honrar e á qual devemos todos o leal e inteiro concurso das nossas forças, da nossa intelligencia e energia, para que seja ella grande e magestosa, como elevados e gloriosos são os sentimentos que se inspiram no culto da liberdade, da justiça e da razão.

Senhores consocios do Instituto Historico — permitti que ao concluir o que tinha á dizer-vos, em cumprimento de um dever do cargo que me conferístes, eu appelle cheio de confiança para o vosso patriotismo e amor ás lettras, pedindo que não esmoreça o vosso zelo em favor da nossa bella instituição, hoje mais do que nunca precisada do robusto amparo de todos os seus associados; não a deixeis cahir; antes redobrem os vossos esforços para que progrida e desenvolva-se, como é de mister para que seja attingido o nobre e elevado fim a que se propõe.

Vae nisso um empenho de honra que sabereis sustentar, levando de vencida as difficuldades que surgem e que com o tempo avultam, dependendo só de vossa firme vontade o conjural-as.

Animo e vigor; persistencia e coragem no trabalho!

A historia é a sciencia social que mais reclama a accurada e criteriosa attenção do homem de lettras.

A sciencia caminha, acompanhemol-a; o movimento intellectual celere avança, secundemos tão efficaz impulso; se hoje assoberba-nos a fadiga, amanhã serão colhidos os fructos dos nossos labores e porfiadas lucubrações.

Não está esgotada a mésse superabundante da sciencia; ainda ha muito ahi á respigar; campo vasto se estende aos nossos olhos; seja embora immensa e ardua a missão á cumprir; longo e espinhoso o estadio á percorrer.

Na ordem providencial do mundo, diz um celebre escriptor dos nossos dias, nada se obtem sem sacrificios; elles são condições imprescindiveis da nossa perfectibilidade; para que se manifeste o desenvolvimento e o progresso das sociedades, faz-se preciso que uma geração, offerecendo o aspecto de uma redempção continua, seja votada em holocausto á outra.

Para nós os tormentos de uma época critica; o ardor dos combates; a faina da construcção; para as gerações novas as flores da primavera, o orvalho do céo, a fruição não disputada da pingue herança de um futuro auspicioso.

Eia, avante! E o fulgor das glorias conquistadas na luta incruenta da intelligencia contra a ignorancia, da

actividade contra a indolencia, de desvelo contra a indifferença, da luz, emfim, contra as trevas, illuminará as vossas frontes cingidas de virentes louros, assignalando os esplendidos triumphos alcançados pelos infatigaveis apostolos da verdade, luzeiros da sciencia, eximios cultores das lettras, verdadeiros benemeritos da patria e da humanidade!

« Está aberta a sessão. »

RELATORIO

DOS

Trabalhos annuaes de 1893 e 1894

PELO 1.º SECRETARIO

HENRIQUE RAFFARD

Tenho de ser ainda hoje o relator das occurrencias da nossa associação e assim como precedentemente devo passar em revista dous exercicios.

Serei, porém, breve, mesmo muito breve, não só por conhecer a rudeza do meu estylo, mórmente para um assumpto de natureza pouco attrahente como é este a que os Estatutos obrigam o vosso 1° Secretario, mas tambem porque o biennio que vai findar foi pouco feliz até para o Instituto.

Não são precisas grandes referencias á respeito de 1893, pois ha mezes se acha publicada e distribuida a parte II do tomo LVI da nossa *Revista* que contem as actas das suas doze sessões, sendo uma extraordinaria.

O Instituto não se poude reunir nas sessões convocadas por diversas vezes no ultimo trimestre do anno passado, por motivo dos acontecimentos politicos que tem perturbado a ordem e segurança pessoal n'esta cidade.

Continuaram os membros da mesa e das commissões no exercicio dos respectivos cargos por deliberação da assembléa extraordinaria de 15 de Janeiro de 1894, em que foi tambem determinado adiar as sessões para melhores tempos

A 6 de Abril começaram os trabalhos regulares do Instituto que chegou a realizar 17 sessões ordinarias e 2 extraordinarias n'este anno de 1894.

Em homenagen á grande nação que tantas honras concedeu a memoria do nosso Immediato Protector, vou fazer especial menção da lamentavel perda do primeiro magistrado dos Francezes e nosso Presidente Honorario, Mr. Sadi Carnot, fallecido á 24 de Junho de 1894, victima do dever, no correctissimo desempenho das obrigações de seu alto cargo.

O Commendador José Luiz Alves fará breve o elogio historico dos treze consocios fallecidos durante o periodo em questão e que são o mencionado Sadi Carnot,—Visconde de Souza Fontes—Dr. José de Barros Pimentel—Dr. Ricardo Gumbleton Daunt—Conselheiro José Tavares Bastos—Dr Jean Martin Charcot—Dr. José Jansen do Paço—Commendador Basilio de Carvalho Daemon—Conselheiro Ladisláu de Souza Mello Netto—Visconde de Beaurepaire Rohan.—Conselheiro Dr. Nicoláo Joaquim Moreira - Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga—e Octaviano de Toledo.

Muito diminuto é o numero dos auxiliares admittidos —2 em 1893 e 4 em 1894.

Foram inscriptos: na classe dos honorarios o Cardeal *Mariano Rampolla*, diplomata gozando de alta consideração em varias côrtes da Europa pela sua vasta illustração, virtudes e saber; na dos effctivos o Dr. *Tristão de Alencar Araripe Junior*, romancista propagador de conhecimentos historicos e Dr. *Antonio Martins de Azevedo Pimentel*, medico hygienista; na dos correspondentes o padre *José Joaquim Corrêa de Almeida*, rezidente em Barbacena, dado á pesquizas de historia e geographia; o sabio orientalista e americanista Dr. *Christian Friederich Seybold* e o Dr. *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, distincto professor na escola de minas de Ouro Preto e jornalista, actualmente ministro da Industria, Viação e Obras Publicas. Tomaram posse em 1894 o Dr. Araripe Junior á 15 de Janeiro, o Dr. Antonio Olyntho a 15 de Junho, o Dr. Azevedo Pimentel á 28 de Junho e Padre Corrêa de Almeida á 19 de Agosto.

De conformidade com os Estatutos e segundo o precedente estabelecido, sobre proposta dos Srs. socios presentes * aos 18 de Novembro ultimo, foi acclamado Presidente Honorario o Sr. Dr. *Prudente José de Moraes Barros*, actual Presidente da Republica.

Os Srs. Conselheiros Olegario e Araripe, o Commendador José Luiz Alves, merecem louvores pela sua dedicação e tambem pela sua assiduidade, conjunctamente com o General João Severiano, Dr. Cesar Augusto Marques, Major Silva Neto, Barão de Capanema, Commendador Gomes Brandão, Barão de Alencar e Desembardador Montenegro.

Accrescentarei os Srs. Commendador João Xavier da Motta e Conselheiro Manoel Francisco Correia, que não se apresentaram mais as sessões em consequencia de seus incommodos physicos. O Conselheiro Correia, entretanto, continúa a prestar-nos seu valioso concurso, lavrando os pareceres que lhe são pedidos.

Um bom serviço nos fez o Sr. João Xavier da Motta, catalogando os objectos conservados no nosso Museu e igualmente o socio Dr. Felisbello Freire, quando ministro da fazenda, mantendo as ordens de seus antecessores para a reimpressão dos numeros ja esgotados da *Revista*.

Na camara o Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires trabalhou ao lado dos nossos collegas Capitão-tenente Arthur Indio do Brazil em 1893 e Desembargador Paranhos Montenegro em 1894 para o restabelecimento do nosso subsidio que as commissões pretendiam reduzir como o fizeram em 1892.

Com especial agrado o Instituto recebeu os livros periodicos e photographias tendo relação com Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, offerecidos pelo socio Conde da Motta Maia, que tambem fez entrega das declarações passadas por elle e pelos professores Charcot, Semmola,

---

* Proposta dos Srs. Antonio José Gomes Brandão, José Luiz Alves, Tristão de Alencar Araripe, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dr. Cesar Augusto Marques, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, José Hygino Duarte Pereira, Joaquim Pires Machado Portella, Barão de Capanema e Joaquim José Gomes da Silva Neto.

e de Giovanni—todos socios do Instituto— pelo recebimento das medalhas mandadas cunhar com o producto de uma subscripção popular, feita no Rio de Janeiro em signal de gratidão pelo desvelo com o qual haviam tratado o Imperador em 1888 na Europa.

Foi devidamente apreciada a resolução tomada pelo Conselheiro Thomaz Alves Junior offertando, em nome do Club Guanabarense de que é Presidente, o livro especial e a medalha de ouro e prata tardiamente recebidos para serem remettidos ao Sr. D. Pedro II como lembrança das festas aqui celebradas no centenario do Marquez de Pombal.

No seu officio disse S. Ex. o seguinte:

« E como por sua alta vontade mandou entregar ao Instituto Historico grande parte de sua bibliotheca, parece que fazendo-vos entrega d'esse livro e d'essa medalha temos acompanhado a vontade em tempo manifestada pelo Sr. D. Pedro II.»

A proposito de medalhas, algumas nos foram dadas por diversos socios, porém, o nosso Museu deve a gentileza do socio General João Severiano 19 enviadas em 1893 e a do socio Sr. Julius Meili no anno de 1894 uma collecção de 26 de varias procedencias e na maior parte cunhadas em homenagem a Christovão Colombo.

O Sr. Julius Meili, que reside em Zurich, na Suissa, presenteou-nos ainda com um autographo do finado professor Heinrich Handelman, autor de um bom trabalho sobre o Brazil.

Fomos favorecidos pelo nosso decano, o socio Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, com autographos de dous socios—Pinheiro Chagas e Ferdinand Denis (fallecido) —e pelo socio Barão de Alencar com a carta que lhe, dirigio em Maio de 1880, o socio Dr. Andrés Lamas, hoje fallecido, em que se falla da lei aurea.

O mesmo Sr. Barão trouxe ainda a copia da carta que escreveu ao distincto litterato D. Martin Garcia Merou, então Ministro Argentino no Perú, hoje acreditado no Brazil, na qual trata S. Ex. das annotações feitas pelo Sr. D. Pedro II n'um exemplar que tem do livro «Perfis e Miniaturas» de que é autor aquelle diplomata.

Nosso consocio Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Black nos tem obsequiado com o 2º volume de seu Diccionario Bibliographico Brazileiro e bom numero de livros e folhetos relativos á cousas nacionaes.

O Instituto foi objecto de particular attenção para o Sr. Conselheiro Azevedo Castro, este consocio mandou-nos entregar, para dispormos a nossa vontade, 400 exemplares da edição das obras de Garção publicada á expensas suas.

O Dr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque, tambem nosso consocio, fez destribuir entre os collegas seu livro « A Amazonia em 1893.»

O Sr. Commendador Manoel Joaquim do Nascimento e Silva, digno pai do nosso consocio Dr. Alfredo do Nascimento e Silva e chefe de Secção na Secretaria da Guerra, offereceu um excellente trabalho intitulado—*Indice Alphabetico da Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brazileiro de* 1838 a 1893, *comprehendendo os vols. 1 á 56.*

Agradecidos ficamos ao Sr. Dr. A. Graciano de Azambuja pela sua offerta de 4 photographias das ruinas dos templos de S. Luiz, S. Lourenço, S. Miguel e S. João, das antigas missões dos Jesuitas no Rio Grande do Sul.

Entre as muitas offertas destacarei mais: a Collecção de documentos mandada pelo Sr. Innocencio Manoel de Araujo Goes—Pernambuco seu desenvolvimento historico pelo Dr. Manoel de Oliveira Lima—General Osorio pelo Dr. Fernando Luiz Osorio—Elementos de Geographia Geral pelo Sr. Carlos de Mello—e os livros do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros: Cincoenta annos de existencia pelo Secretario Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna e Catalogo da Exposição de Trabalhos Juridicos realizada em 7 de Setembro de 1894.

Continuamos a receber com regularidade alguns jornaes e a permutar nossa *Revista* com as publicações de 237 instituições publicas e particulares a saber, 100 nacionaes e 137 estrangeiras.

Acham-se na Secretaria 21 biographias * novamente recebidas e 36 retratos ** de socios para as collecções recentemente encetadas.

Felizmente conseguio-se fazer voltar ao Instituto o craneo fossil da Lagôa Santa, preciosidade unica no seu genero na America do Sul e que nos deu o finado socio Dr. Pedro Lundo em cuja homenagem estão projectadas manifestações ás quaes se associará o Instituto.

Retirou-se da arca do sigillo, no dia 16 de Setembro ultimo, um involucro que havia sido depositado em 3 de Março de 1893 para ser aberto depois de ter deixado a presidencia do Tribunal de Contas o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia.

---

* Biographias ou autobiographias dos Srs. socios: 1.° Commendador Antonio José Gomes Brandão—2.° Dr. Carlos Arthur Moncorvo Figueredo —3.° Dr. Domingos Jaguaribe—4.° Major Joaquim José Gomes da Silva Neto—5.° Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros—6.° Dr. Maximiano Marques de Carvalho—7.° Dr. Liberato de Castro Carreira —8.° Dr. João Mendes ds Almeida—9.° Luiz de França Almeida e Sá— 10.° Lafayette de Toledo—11.° Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira— 12.° General Dr. João Severiano da Fonseca—13.° Dr. José Alexandre Teixeira de Mello—14.° Dr. Guilherme Studart—15.° Barão de Oliveira Castro—16.° José de Vasconcellos—17.° Dr. Cesar Augusto Marques—18.° Professor Dr. Christian Friedrich Seybold—19.° Commendador Dr. João José Pinto Junior—20.° Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro—21.° Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.

** São dos socios seguintes:—1.° Visconde de Beaurepaire Rohan —2.° Henri Raffard—3.° Dr. Maximiano Marques do Carvalho—4.° Dr. Cezar Augusto Marques—5.° Monsenhor Manoel da Costa Honorato— 6.° Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo—7.° Major Joaquim José Gomes da Silva Neto—8.° Capitão de Mar e Guerra José Candido Guillobel—9.° Barão de Alencar—10.° Commendador Antonio José Gomes Brandão—11.° Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira—12.° Antonio Borges Sampaio—13.° Dr. Virgilio Martins de Mello Franco—14.° Dr. José Verissimo Dias de Mattos—15.° Luiz de França Almeida e Sá— 16.° Capitão de Navio D. Constantino Bammen—17.° Franck Vincent— 18.° Conselheiro João Manoel Pereira da Silva—19.° Dr. João Mendes de Almeida—20.° Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira—21.° General Dr. João Severiano da Fonseca—22.° Barão de Guajará—23.° Marquez de Mulhacen—24.° D. Carlos Luiz d'Amour Bispo de Cuyabá—25.° Dr. Augusto Victorino Alves de Sacramento Blake—26.° Dr. José Alexandre Teixeira de Mello—27.° Dr. Guilherme Studart—28.° Conselheiro Tristão de Alencar Araripe—29.° João Damasceno Fernandes Vieira—30.° Commendador Dr. João José Pinto Junior—31.° José de Vasconcellos—32.° Dr. Estanilau Zeballos—33.° Professor Dr. Christian Friedrich Seybold —34.° Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro—35.° Julius Meili.

Lido a 30 de Setembro o documento encontrado, foi elle commettido á uma commissão especial e depois archivado.

Em 1893 o Instituto figurou no certamen da Exposição Universal Colombiana de Chicago e foi premiado. Aguardamos ainda a completa entrega do que confiamos á respectiva commissão.

Em 1894 fizemo-nos representar no Congresso dos Orientalistas em Genebra pelo socio Dr. Christian Friedrich Seybold, que dissertou a respeito de seus estudos hospano-arabes.

A situação financeira do Instituto, si não é lisongeira, tambem não póde ser considerada má, pois que mantida a nossa anterior subvenção orçamentaria, a receita dará para cobrir a despeza ordinaria e se temos a pagar uns 8 contos de réis de despezas extraordinarias, possuimos apolices na importancia de 67 contos de réis que procurámos guardar e augmentar afim de formar peculio.

Passo a fallar-vos agora de assumptos sobre os quaes cumpre-me ser menos laconico.

Na sessão de 12 de Maio de 1893 entrou em discussão a materia de um officio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, consultando o Instituto sobre o convite feito pelo Governo Federal da Suissa de ser organisada no Brazil uma commissão de Bibliographia Geographica Nacional para a divulgação dos respectivos trabalhos, segundo os desejos manifestados no ultimo Congresso de Geographia que teve lugar em Berna no anno de 1891.

Respondeu-se que para semelhante encargo, que comportava despezas avultadas, principalmente para a acquisição dos productos scientificos, colleccional-os e fornecer com franca reciprocidade de permuta, não se recusava a coparticipar o Instituto correndo as despezas por conta do Governo a exemplo do que se dá com o da Suissa, Belgica, Hollanda, Allemanha, Austria-Hungri, Argentina e do Perú.

No seu officio o Instituto ponderou que, antes de tudo, era preciso restabelecer-se a subvenção paga pelos cofres publicos e que no anno anterior fôra reduzida de nove contos para quatro contos e quinhentos mil réis.

N'este sentido providenciou o Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores que resolvêra confiar ao Instituto a alludida missão.

Nos tempos passados já era difficil para o Instituto manter-se com a subvenção annual de 9:000$000, no presente torna-se quasi impossivel fazel-o. No emtanto apenas recebeu 4:500$000 em 1893 e de facto pouco mais recebeu no corrente anno de 1893, parte dos 9:000$000 consignados na lei de orçamento geral, sendo destinado a creação e manutenção da secção affecta a commissão encarregada de organisar e publicar a bibliographia nacional de sciencias geographicas.

As associações congeneres de Lima e Buenos-Ayres mereceram avultadas sommas, dos legisladores de seus paizes para semelhante compromisso, só aquella 20.000 soles de ouro além de subvenções annuaes extraordinarias.

Não se querendo, porém, escusar de prestar o serviço reclamado pelo Governo, acceitou o nosso Instituto a incumbencia do trabalho a que tenho alludido, propondo-se a desempenhal-o com os elementos de que puder dispor contando, que, reconhecida á sua insufficiencia, será a referida subvenção augmentada como é de equidade.

A commissão ficou organisada, na sessão de 15 de Janeiro de 1894, com os socios Barão de Capanema, Barão Homem de Mello e Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça que naturalmente nada puderam fazer até Abril e depois encetaram os seus trabalhos. Na sessão de 21 de Julho entendeu-se conveniente augmentar a commissão com os socios General Severiano da Fonseca, Conselheiro Alencar Araripe, Commendador Dr. Machado Portella e Henrique Raffard; resolveu-se mais officiar ao Governo para recommendar aos presidentes estadoaes de attender aos pedidos da Commissão do Instituto * e

---

* Foram expedidas circulares do teôr seguinte:

«Ministerio da Justiça e Negocios Interiores — Directoria da Instrucção — 2ª secção — Capital Federal, 21 de Dezembro de 1894.

Sr. Presidente do Estado.

Tendo a Confederação Helvetica convidado o governo do Brazil para promover, por meio das sociedades geographicas brazileiras, a creação de uma commissão central encarregada de organisar e publicar a bibliographia nacional das sciencias geographicas e que se corresponda

recorrer ao intermedio do Sr. consul geral da Suissa para obter os trabalhos e relatorios já publicados na Europa sobre bibliographia geographica.

O Sr. Eugène Emile Raffard a 17 de Novembro enviou copia do officio de seu Governo pelo qual se vê o apreço em que foi tida a noticia da tarefa commettida ao Instituto e annunciada a proxima remessa de documentos, podendo guial-o no respectivo desempenho.

Effectivamente a commissão central para Bibliographia Nacional Suissa remetteu-nos diversas publicações, recentemente chegadas, com um officio confirmando o que já nos havia sido communicado.

Ainda quando tivesse tido tempo para examinar estes interessantes trabalhos, não poderia aqui occupar-me d'elles longamente e vou, tão sómente, aproveitar alguns dados para melhor vos orientar sobre o objecto d'essa commissão central.

Desde muito tempo fazia-se sentir a necessidade de se possuir um inventario systematico de todas as publicações relativas á Suissa e seus habitantes; este sentimento foi externado em 1889 pelo professor Dr. Brückner, no seio da sociedade de Geographia de Berna, dizendo ainda:

« Não ignoraes que nos paizes que nos circumdam fazem-se louvaveis esforços para o estudo da Geographia Nacional.

Ha longos annos, que a Allemanha já tem uma commissão central para a geographia nacional *Central Commission für Wissenschaftlichen Landeskunde von Deutschland*. De seu lado a Sociedade Geographica Hollandeza acaba de publicar, em dous volumes, um repertorio completo

---

e permute com as congeneres de outros paizes os seus trabalhos, documentos, materiaes, etc., foi commettida a direcção e execução d'esse serviço ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo art. 2º § 57 da lei n. 191 B de 30 de Setembro de 1893.

E porque o assumpto interessa não sómente a sciencia, como tambem ao bom conceito da Republica perante as outras nações julgo conveniente solicitar a vossa intervenção, no sentido de serem prestados á commissão do Instituto Historico os esclarecimentos, informações e documentos que forem pedidos a esse governo pela mesma commissão, directamente ou por intermedio de seus auxiliares no estado.

Saude e fraternidade.—*Gonçalves Ferreira.*»

da geographia dos Paizes Baixos — a Austria Hungria e a Belgica trabalham no mesmo sentido e pode-se esperar que estes trabalhos propagar-se-hão breve por toda a Europa Central.

A Suissa não pode ficar atrazada n'este movimento. »

Senhores, a Sociedade de Berna poz-se em acção e, tendo conseguido o concurso de 35 associações congeneres da Suissa, promoveu a assembléa de 8 de Março de 1890, na dita cidade, onde se fizeram representar 26 sociedades ou repartições helveticas.

Foi quando se nomeou a commissão central de 11 membros tendo por Presidente o Dr. *Guillaume*, Vice-Presidente o Dr. *Brückner* e Secretario o Dr. *Graf* e a cujo convite corresponderam mais de 200 sabios ou chefes de administrações publicas garantindo o seu concurso.

O Governo da Suissa, que logo accudira com 1.000 francos para as primeiras despezas, fez votar para ella uma subvenção annual de 3.000 francos durante um quinquennio — alguns cantões e varias sociedades tambem vão contribuindo pecuniariamente.

Em 1891, aproveitando-se do Congresso Internacional de Sciencias Geographicas realizado em Berna, a commissão central Suissa propoz as resoluções que motivaram a organisação entre nós de outra para identicos fins — approvou-se :

1.º — Ser urgente elaborar e publicar bibliographias das sciencias geographicas conformando-se tanto quanto possivel à um plano uniforme.

O melhor modo de proceder n'este sentido consiste na organisação em cada paiz de uma commissão central incumbida d'este encargo.

2.º — Terem as commissões centraes de cada paiz de manter relações tão seguidas quanto possivel, devendo especialmente :

— *a*) procederem de um modo uniforme no desempenho de sua tarefa ;

— *b*) Coadjuvarem-se com a permuta de seus documentos, communicações, etc.

Em consequencia dos trabalhos da commissão central de Berna, o Governo Suisso vio-se obrigado a decretar, a 5

de Dezembro de 1893, a creação de uma bibliotheca especial com a despeza annual de 15,000 francos só para o pessoal.

A commissão já distribuio 6 relatorios e um livro de 193 paginas in 8° francez, intitulado *Répertoire Méthodique de ce qui a été publié sur la Suisse et ses habitants.*

E' bom trabalho e guia excellente para nós.

A commissão especial do Instituto, convenientemente preparada para preencher os fins a que se propõe, poderá satisfazer a quantos se interessam pela divulgação dos trabalhos concernentes á geographia brazileira, salvo se fôr impedido de levar avante o seu intento por falta de meios pecuniarios.

Possuimos hoje importante cabedal de livros e mappas, tendo sido augmentada a nossa primitiva collecção com boa copia procedente da Bibliotheca Imperial da Quinta da Boa Vista em S. Christovão e em cujo catalogo está se trabalhando. A proposito vou informar que ainda nada se resolveu definitivamente com relação aos livros removidos para a Bibliotheca Nacional e que em qualquer hypothese nos devem pertencer.

Como vos lembraes, sem duvida, na sessão de 7 de Dezembro de 1891 determinou-se conferir um premio á quem apresentasse o melhor trabalho historico e biographico do nosso finado Protector.

Terminado o prazo do concurso, appareceu um trabalho anonymo intitulado «Biographia de D. Pedro de Alcantara 2.° Imperador do Brazil.»

A leitura foi iniciada na sessão de 26 de Maio de 1893 e concluida na de 2 de Junho seguinte, em que tambem se approvou o parecer lavrado pelo socio Visconde de Beaurepaire Rohan, concluindo não se achar o trabalho no caso de ser premiado por não se conformar com o plano adoptado pelo Instituto.

Outra disposição da mencionada sessão de 7 de Dezembro de 1891 mandava fazer um livro especial com a compilação de todos os artigos publicados nas folhas do Rio de Janeiro á respeito do illustre morto —S. M. o Sr. D. Pedro II — trabalho que chamou a si o vosso 1.° Secretario.

Peço venia para dar conhecimento de uma das cartas que acompanharam os dous volumes remettidos a 12 de Novembro ultimo para Boulogne sur Seine, perto de Paris.

« A Sua Alteza Real o Senhor Conde d'Eu.

Senhor.

« E' com o maior prazer que faço chegar ás mãos de Vossa Alteza e n'ellas deposito o trabalho que tive a fortuna de iniciar e concluir no desempenho da tarefa de que me incumbio o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no intuito de prestar devida homenagem a grande memoria de seu Immediato Protector.

« Infeliz foi, sem duvida, o Instituto na escolha, pois bem modesto é o contingente de materiaes que representa o livro ora publicado, sendo vastissimo o campo de estudo que offerecem os cincoenta annos de inolvidavel reinado de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

« Faz prova, entretanto, de toda a minha boa vontade em contribuir nos limites das forças de que disponho para a glorificação do nome do magnanimo soberano, Pai da excelsa Princeza — a augusta consorte de Vossa Alteza — que tambem já foi sagrada com o justo e tão eloquente titulo de Izabel a Redemptora.

« A ella dignar-se-ha Vossa Alteza offerecer este singelo trabalho no dia 5 de Dezembro proximo futuro. anniversario do fatal acontecimento que encheu de luto o coração dos verdadeiros brazileiros.

« Contando com a conhecida benevolencia de Vossa Alteza, tenho a honra de assignar-me—De Vossa Alteza Real.

« Mui respeitador e sincero admirador. — *Henri Raffard.* »

Todos vós, senhores, haveis recebido um exemplar d'este livro que, por varios motivos, reclamou para sua organisação quasi tres annos de constante attenção.

Eis o teor da carta com a qual se dignou honrar-me um dos nossos consocios:

« Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1894. Illm. Sr. Henri Raffard. — Como os meus padecimentos não me permittem comparecer ás sessões do Instituto

Historico, dar-lhe-hei por este meio os meus agradecimentos pelo ingente e paciente esforço que revela o livro D. Pedro II, de 948 paginas.

« O fim a que o Instituto se propoz autorisando esse trabalho, V. S. o satisfez plenamente, compilando tudo quanto foi possivel em referencia ao Augusto Protector do mesmo Instituto.

« E como se não bastasse o importante escripto de sua lavra de pag. XVII á pag. CXXXIX que tanto labor lhe deve ter custado, V. S. promette ainda na pag. 805 outro que complete o que acabou de ser publicado. Estou certo que ha de desempenhar-se da promessa, e para isso o emprazo.

« Si para alguma cousa puderem servir os meus applausos, receba os que bem os merece

«De V. S. collega amigo attento e obrigado.— *Manuel Francisco Correia.*»

Na acta da sessão de 2 do corrente, nosso Presidente fez inserir as bondosas palavras que se seguem: «*O Instituto agradece o bom serviço que o Sr. 1º Secretario prestou na publicação do trabalho apresentado.*»

Está, pois, sanccionado o que resumi n'estes termos:

«*Lembre-se com effeito o Instituto Historico e Geographico Brazileiro e como a sua lei organica lhe ordena colligir, methodizar e publicar documentos concernentes a historia do Brazil, saberá elle, honrando a memoria do seu Augusto Protector Immediato, cumprir a grata missão de trabalhar para que se faça luz e luz completa sobre a historia patria durante o reinado de D. Pedro II.*»

O Instituto me deixou penhorado. Podeis acreditar, senhores, que o meu concurso jámais vos faltará para o desempenho do referido compromisso. Estou me preparando, certo de não contar em vão com a collaboração dos estudiosos, alguns já me tem fornecido novos elementos de trabalho, assim logo que possua material sufficiente não duvidarei preferir o Instituto para a respectiva publicação.

Resta-me chamar a attenção dos nossos consocios sobre a impertinencia com que pessoas estranhas á nossa

instituição exigiram ha pouco tempo do pessoal da casa que o Instituto fizesse demonstrações publicas sem precedente nos 56 annos da sua existencia.

A não ser a satisfação dos serviços prestados a patria brazileira, nenhuma outra vantagem auferimos em troca de reaes sacrificios e nossa associação, se bem que possa ser considerada instituição nacional, não passa de sociedade particular e meramente litteraria.

O Governo do paiz sempre entendeu nos dever auxiliar sem, porém, dar direito de nos importunar a qualquer seu funccionario.

Congratulo-me comvosco de poder noticiar semelhante facto em época de maiores garantias.

Manda a verdade que reconheçamos sermos um tanto culpados pela nossa indifferença até as cousas do Instituto.

Difficil se torna a organisação da mesa administrativa, ha reluctancia para os cargos de maior actividade, o que explica a longa permanencia do menos habilitado para 1.° Secretario.

Os Srs. socios estão perdendo o habito de lerem trabalhos nas sessões e alguns tem deixado de frequental-as com a boa vontade de outr'ora.

Falta-nos o influxo da augusta pessoa do nosso Immediato Protector — o *Mestre Invisivel* mas presente a nossa memoria como o é na *Académie d'Emulation* em Cannes, no dizer do seu Presidente M. L. Fournier.

Continua e espero que sempre permanecerá na cabeceira d'esta nossa mesa a cadeira em que se sentava o Sr. D. Pedro II e debaixo d'aquelle docel auri-verde, entre nossos benemeritos fundadores Cunha Mattos e Januario da Cunha Barboza, a marmorea imagem do Marco-Aurelio Moderno com a sua bem merecida corôa de louros.

E', porém, certo que as vezes parece que nos temos esquecido do nosso lemma e como devemos tel-o sempre em vista, com elle termino a presente exposição.

Auspice Petro Secundo Pacifica Scientiæ Occupatio.

ELOGIO HISTORICO

DOS

Treze socios nacionaes e estrangeiros que falleceram nos annos de 1893 e 1894

Proferido pelo Orador do Instituto

COMMENDADOR JOSÉ LUIZ ALVES

NA

Sessão Magna Anniversaria e Publica

QUE TEVE LUGAR A 15 DE DEZEMBRO DE 1894

Ainda mais uma vez cabe-me a mais que distincta honra de subir a esta cadeira para com a minha palavra mediocre traçar o elogio dos membros do Instituto Historico e Geographico do Brazil que desappareceram na onda da morte para subirem ao plano illuminado da gloria.

A morte é, na frase ardente e poetica de Mendes Leal, a magestosa realidade da vida, que começa no berço e termina no tumulo. A quelles que na passagem do mundo á eternidade deixaram seu campo esmaltado de flores e enriquecido de fructos, forçarão a admiração e o respeito de todos os tempos para esses, nos feitos que produzirão são esplendidas lições para os vindouros e assim triumpham sobre as illusões da morte.

Ao pé de toda a cidade viva está a cidade dos mortos. Na cidade viva o bulicio das ruas, o jorro das emprezas o enxamear das turbas, a ancia do trafico, a altercação dos interesses, a versatilidade da fortuna, o fervor e porfia de tantas lidas e labores quasi não deixam vagar de discorrer.

Na cidade morta porque tudo em roda já é outro mundo, olha-se como de cima para as lastimas deste e mais de uma vez o que no concurso e apertão se nos representava grandeza dessa distancia parece-nos demencia.

Ahi onde os pés se imprimem em cinzas, onde se ergue a cruz e o cypreste, onde se abraça a rendição e a morte, onde o infinito da sombra ao finito a placidez convida á paz, á soledade, á cogitação, o silencio ao extase. Que se diria e pensaria se da Babylonia altiva ninguem sahisse nunca a dilatar o coração por esse ossario dos avós tão cheio de advertencias.

Os que se desviam ou atrazam para aguardar na mansão grave e triste o fim das tempestades, fortificando-se na oração e nas lagrimas, levam depois o gremio revolto, para o abonançar e reconfortar, um pouco daquellas confidencias do céo que se recebem nos degráos das campas. E' esse tambem um serviço. Na voz do passado ha sempre sublimes lições e salutares conselhos. O tumulo, disse nos arrobos da mais seductora eloquencia o mavioso cantor de Nictheroy, escancarando-se para confundir em seu pó aquelles que no transito da vida se notabilisaram por virtudes e saber, e impotente para eclypsar o brilho luminoso de seus feitos e serviços, por que seus nomes caros e sympathicos são salvos de seus tyranos estragos pelo grandioso poder da virtude.

Que importa que ali tenham termo os prazeres e affeições da terra retornando a ella o que della sahio; mas tambem aqui começa o juizo severo e justo da imparcialidade quando ella repousa sobre virtudes que são apreciadas pelo mundo e santificadas pela religião, então pode-se afoutamente asseverar que o homem não desce todo á sepultura, porque embora os vermes da terra reduzam as carnes a pó, seus nomes mais valiosos do que os mais opulentos thesouros sobrevivem ás grandezas da terra, zombam da acção poderosa e destruidora do tempo e vão passando coberto de bençãos de geração em geração.

A dor é a companheira inseparavel da vida. Emilio Castelar, o laureado orador do seculo XIX, com a mais esmaltada eloquencia e sublime estylo, fez a apologia da

dor e a apotheose da morte. Calemo-nos para ouvirmos o inspirado e eximio orador da patria de Ximenes, o cardeal Ministro.

No limite onde começa o sentimento inicia-se a dor que é a companheira da vida; avisa-nos de nossas faltas e auxilia-nos nos nossos grandes trabalhos, porque não podemos achar a verdade sem esforço, nem chegar ao bem sem combate, nem desejar a perfeição sem essa sêde insaciavel, signal da origem celeste e infinita da sua alma.

Tristes de nós no dia em que se acabasse o desasocego do nosso ser; sem ser isso se acabaria o mais sublime da vida.

E o que digo da dor, digo-o da morte.

O homem seria um eterno Lobo se não soubesse que, ao menos, ha de haver um acto solemne, tragico, sublime, em sua existencia: a morte.

A morte, porém, não mata; a morte aniquilla; é um renascimento a outra vida, parece uma decomposição, porque nunca brota a semente, nem o fructo, sem seccar a flor, nem uma nova fórma sem se apagarem as fórmas antigas, no crescimento e progresso de todos os seres.

Se não houvesse a morte, não havia renovação, a natureza seria um lago immovel e miasmatico, a humanidade uma velha impotente e preoccupada.

O sepulchro é um berço.

Choramos entretanto um morto como a personalidade trabalhosamente conquistada, que se não póde perder; n'esta morte revestem outros seres um renascimento, porque a vida é infinita.

E emquanto houver dor e morte haverá religião, o raciocinio ficará immovel ás portas do sepulchro e abrirá suas azas luminosas á fé.

Se tirassemos a morte, talvez pudessemos supprimir a fé.

Ao tirar a morte, porém, converteriamos o mundo em vicioso harem.

Uma vida em que não cahe uma lagrima, é como um d'esses desertos em que não cahe uma gotta d'agua; só engendra serpentes.

Se tirassemos do rosto do obreiro o suor, das grandes causas o martyrio, da obra artistica a penna, do amor a tristeza, da vida essa corôa de cyprestes que se chama morte, não haveria fé e muito menos virtude, esperança, poesia, belleza moral no mundo; porque tudo que é grande nasce da dor e cresce no succo das lagrimas.

O vasto campo da morte é o lugar onde impera a mais perfeita igualdade, no fundo das sepulturas desapparecem as grandezas illusorias do mundo.

D'entre as centenas de milhares de sepulturas mudas ha sepulturas que fallam ao coração e á mente, e do amago das quaes surgem esplendidos fachos que illuminam o futuro.

Falam as Catacumbas dos grandes heroes e martyres do Christianismo, aquelles pelo muito que fizeram em honra e gloria de Deus e do amor do proximo, e as destes por aquelle denodo e coragem que ostentaram nos momentos terriveis em que se lhes rasgavam as carnes e mutilavam os membros, louvavam o seu Deus e desafiavam os tyranos, fitando docemente os olhos no Céo, deixando transparecer em seus labios o riso por entre as contracções do soffrimento que lhes despedaçavam o coração e a alma e, mais melodiosos do que os cysnes na proximidade da morte, entoavam harmoniosos e suavissimos hymnos ao Creador do Universo.

Falam os Mausoleos dos soberanos Pontifices que, como chefes visiveis da Igreja Santa de Jesus Christo e dignos successores do Principe dos Apostolos depositarios do poder espiritual e temporal, exerceram com applauso do Universo a suprema autoridade sobre a Igreja Catholica, fazendo observar os sagrados canones, presidindo aos mais sabios concilios e n'elles proclamando *urbi et orbe* os mais sagrados e sublimes dogmas, velando por sua manutenção, approvando e reprovando as doutrinas publicas e por essa fórma ligando seus illustres nomes aos seculos em que viveram.

Falam as Sepulturas dos principes da igreja que, no exercicio de seus deveres pastoraes e vestidos da suprema autoridade que Deus e a Santa Sé Apostolica, confiaram a sua paternal solicitude, apascentam seus rebanhos com

tino, prudencia, sabedoria e mansidão e por essa fórma angariam a estima, admiração e respeito e com elle os louvores da posteridade.

Falam as dos Imperadores, Reis, Principes e chefes supremos dos estados que no exercicio de seus poderes magestaticos muito se esforçam em prol da grandeza de seus Imperios, Reinos e Republicas, promovendo a felicidade dos povos, mantendo a paz interna e externa, e fazendo prosperar e florescer as artes, a industria, o commercio, a lavoura, e protegendo as associações litterarias e scientificas.

Falam as dos missionarios que abrasados nas chammas ardentes da caridade e do amor do proximo olvidaram patria e familia, affrontando impavidos os maiores perigos, barateando a vida para irem aos mais remotos climas pregar nas selvas o Evangelho de Jesus Christo e desbravar os instinctos ferozes dos filhos de Tupan, defendendo a preço de seu sangue do halito impuro da impiedade as flores mimosas que rebentavam das raizes dos sagrados lenhos que atrevidos argonautas ergueram nas terras que novamente descobriram como immorredouros padrões de suas famosas conquistas.

Falam as desses famosos navegantes que avidos de gloria e de renome affrontavam com frageis bateis a furia desordenada dos elementos para irem a mares ignotos e que ainda não estavam classificados na geographia dos mares, descobrirem novos mundos para unil-os ao mundo conhecido, e tambem as desses afamados e intrepidos guerreiros que para salvar a honra ultrajada de suas nações voaram impavidos aos campos da peleja e no calor dos combates receberam o baptismo de sangue, ostentando o maior valor, denodo e sangue frio, zombando do sibilar das ballas e do rebentar das metralhas que por todos os lados semeavam estragos e mortes e vendo sem temor o altar da morte engrinaldado de victimas.

Falam as dos insignes diplomatas que como representantes de seus soberanos e chefes supremos de seus estados nas côrtes estrangeiras por seu alto valor, tino saber e sagacidade firmaram os mais importantes tratados, com os quas conseguiram evitar o choque das armas e os

horrores da guerra, esse terrivel flagello das nações e horror das mães.

Falam as dos eximios estadistas, que pelos fulgores do talento e raro tino administrativo dirigiram com sabedoria o leme da náo do estado em revoltosos mares e assim puderam ver seus nomes aureolados de prestigio no vasto mundo politico.

Falam as dos legisladores que na factura das leis que são a mais alta expressão da sociabilidade e primeira e unica condição de ordem cooperam com os fulgores de seus talentos e conhecimentos juridicos para dotar as suas nações com os mais sabios e sublimes codigos.

Falam as dos magistrados que no santuario da justiça, se mostraram rectos e severos no julgamento das grandes causas e dos réos dos mais nefandos crimes, com a mente em Deus e os olhos na lei, foram surdos á voz da amizade e do suborno conciliando os rigores da justiça com os sentimentos sublimes e doces da piedade.

Falam os dos insignes artistas, que com o escopro e o pincel rasgaram no ouro, na prata, no marmore e no bronze essas formosas estatuas e traçaram na tela a imagem dos varões illustres e os mais brilhantes feitos da legenda e da historia, com o que conseguiram a celebridade de seus nomes no templo das artes.

Falam finalmente as dos sabios em todos os ramos dos conhecimentos humanos, porque transmittiram aos posteros os fructos de seu vasto saber e illustração nessas obras monumentaes que correm mundo e que serão lidas com avidez e apreciadas e admiradas até a consummação dos seculos.

No meio das sepulturas que falam estão tambem aquellas onde dorme o eterno somno da morte os membros d'este Instituto Historico pelo muito que fizeram em prol do esplendor d'esta illustre associação nos dias de sua vida, investigando os factos mais notaveis da historia patria e colleccionando-os n'este vasto Archivo para que um dia habeis e profundos historiadores os venham compulsar, afim de escreverem a historia d'este grande paiz, porque a historia de uma nação é o mais alto brazão de sua nacionalidade.

Se para fazer a apotheose de seus meritos tenho forçosamente de avivar as saudades e de reviver a dor no amago dos corações de tantos quantos a elles se prendiam pelos laços do parentesco e da amizade, fazendo deslizar as lagrimas que pela acção do tempo se tinham já crystallizado, tambem compartilho d'esse sentimento e d'essa saudade, não só por ter convivido intimamente com alguns d'elles como porque n'este solemne dia em que pelo dever do cargo tenho de fazer a glorificação de seus meritos e serviços, revivo em meu coração iguaes sentimentos; porque funebre anniversario enluta ha 28 annos que n'esta data choro por meu pai no altar da morte.

Em phrases singelas e despretenciosas passo a fazer a commemoração dos nossos finados consocios desenhados por suas proprias acções e esplendidas qualidades no quadro luminoso da historia.

I

O Marechal de Campo Dr. Visconde de Souza Fontes

O Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, 1.° Barão e 1.° Visconde de seu appellido, nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro aos 9 dias do mez de Agosto do anno de 1821, recebendo a graça christan na pia baptismal da Matriz de N. S. da Candelaria. Filho legitimo de Joaquim de Souza Fontes e D. Anna Izabel de Souza Fontes, sendo aquelle natural do Reino de Portugal e esta da cidade do Rio de Janeiro.

Seu pai negociava e gozava da mais bem firmada reputação e credito n'esta praça. O pendor que mostrou na juventude pelo cultivo das lettras na frequencia das aulas dos Seminarios de S. Joaquim e no Episcopal de S. José, onde levou a termo o curso de humanidades com notavel aproveitamento, demoveram seu pai a fazel-o seguir os estudos superiores; e como fosse os de sua predilecção o cultivo das Sciencias Medicas, matriculou-se na Escola de Medicina, onde na frequencia das aulas sustentou com

applauso os mesmos creditos que trazia dos Seminarios de S. Joaquim e S. José.

Aos 21 de Dezembro do anno de 1844 depois de ter sido plenamente approvado na defesa da these *Algumas considerações sobre a infecção purulenta* foi-lhe conferido o gráu de doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Entrou logo na luta pela vida, dedicando-se ao ramo da medicina operatoria, onde angariou por sua actividade, dedicação, zelo e pericia numerosa clinica.

A 30 de Abril de 1857 após brilhante concurso foi nomeado lente cathedratico de anatomia descriptiva na Faculdade de Medicina desta Capital, em substituição do laureado Dr. José Mauricio Nunes Garcia que acabava de ser jubilado. Na cadeira do magisterio e no amphitheatro anatomico o Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, transmittio a vasta pleiade de discipulos, applicados e talentosos, os segredos da sciencia em que era profissional por espaço de muitos annos até baixar o decreto de sua jubilação.

Durante esse longo tempo exerceu com zelo e caridade o cargo de cirurgião effectivo nos hospitaes da Santa Casa de Misericordia e das Ordens 3ª de S. Francisco da Penitencia, Carmo, e S. Francisco de Paula, onde teve occasião de operar com exito feliz a numerosos enfermos, que graças á sua dedicação e pericia foram salvos das garras da morte.

A 21 de Dezembro de 1857 foi nomeado cirurgião-mór de divisão, e a 10 de Junho de 1865 partio em commissão para os campos do Paraguay na qualidade de chefe do Corpo de Saude do Exercito em operações, onde teve ensejos de prestar á humanidade valorosos serviços nos hospitaes de sangue.

A 20 de Julho de 1866 passou a cirurgião mór do exercito graduado e pouco depois a effectivo.

Pelo Imperial Decreto de 7 de Outubro do mesmo anno recebeu o titulo de Conselho de S. M. o Imperador, e aos 27 de Março de 1890 foi reformado no posto de marechal de campo. Como medico effectivo da Imperial Camara acompanhou a S. M. o Imperador em uma das

viagens á Europa. Como remuneração de seus serviços foi agraciado pelo Imperial Decreto de 28 de Setembro de 1882 com o titulo de 1° Barão de Souza Fontes e pelo de 6 de Fevereiro de 1886 elevado a Visconde do mesmo titulo.

Brilhavam-lhe no peito a commenda da ordem de Christo, a dignitaria da Ordem Imperial da Rosa, a commenda de S. Bento de Aviz e a medalha n. 9 com passador de ouro conferida ao exercito em operações na guerra com o Paraguay. Era tambem commendador das ordens de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, do reino de Portugal, da ordem de Santo Sepulchro, de Jerusalém e grande official da Ordem da Corôa de Italia. Teve ingresso nesse instituto como socio correspondente no anno de 1848, passando mais tarde á classe dos honorarios; exerceu o cargo de 1° secretario e servio em differentes commissões.

Seus escriptos honram as paginas da *Revista Trimensal* e d'entre elles destaca-se o estudo e analyse que fez por ordem de S. M. o Imperador nos ossos exhumados da sepultura existente na capella-mór da igreja de S. Sebastião do Castello, convento de religiosos Capuchinhos, que a tradição dizia serem de Estacio de Sá, sobrinho do muí illustre Mem de Sá, fundador d'esta cidade do Rio de Janeiro.

Medico effectivo da Imperial Camara e membro honorario da Academia Imperial de Medicina o visconde de Souza Fontes foi um cidadão altamente considerado pelos muitos e bons serviços que prestou ao seu paiz e pela dedicação, zelo e caridade com que soube exercer os arduos misteres de sua nobre profissão. No dia 14 de Março de 1893 transpoz os porticos da eternidade, quando na pendula do tempo soavam 7 horas da tarde. No dia 15 pelas 5 horas da tarde seu despojo mortal baixou ao carneiro n. 3146 do cemiterio publico de S. Francisco Xavier.

A patria perdeu um filho extremoso e dedicado; a Academia Nacional de Medicina um de seus distinctos membros e esse Instituto um socio que muito considerava.

II

Dr. José de Barros Pimentel

Em uma das cryptas do cemiterio publico de S. João Baptista da Lagoa foi sepultado a 7 de Maio do anno de 1893 o nosso illustre consocio Dr. José de Barros Pimentel, que na idade de 76 annos adormeceu no regaço da morte, no dia anterior.

Nasceu este illustre brazileiro em um engenho junto á cidade de Maroim da provincia, hoje estado de Sergipe, no dia 11 de Maio do anno de 1817, fructo do consorcio do coronel José de Barros Pimentel e D. Maria Victoria Brito de Barros Pimentel. Seu pai depois de ter seguido a carreira das armas fez-se agricultor.

O joven Josè de Barros Pimentel começou os primeiros estudos na cidade da Bahia, donde seguio para França, matriculando-se na Faculdade de Medicina de Paris, onde com distincção recebeu o grau academico. Em Paris, conviveu na maior intimidade com alguns jovens brazileiros que ali foram tambem procurar a instrucção e dentre estes ainda vivem os Exms. Srs. Conselheiros visconde de Cansanção de Sinimbú, o Dr. João Manoel Pereira da Silva. Ao regressar ao Brazil em 1841 exerceu a medicina por por pouco tempo; foi eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa pela provincia de Sergipe, que renovou-lhe o mandato em muitas das legislaturas seguintes. Na tribuna parlamentar tomou activa parte na defesa dos revolucionarios de Minas e S. Paulo em 1842, para os quaes pedio a amnistia, e em 1864 interpellou o governo, sobre negocios do Sul, de que resultou a missão especial confiada ao Exm. Sr. Conselheiro José Antonio Saraiva, seguida da declaração da guerra ás Republicas do Uruguay e Paraguay.

Era o illustre finado condecorado com o officialato da Imperial Ordem da Rosa e socio correspondente deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro desde 23 de Janeiro de 1845. Já vergado ao peso dos annos assistiu na

sua cadeira a festa celebrada pelo Instituto em honra ao 4° centenario do descobrimento da America em 12 de Outubro de 1892. O Exm. Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva que era amigo intimo do illustre finado, no dia seguinte ao de seu passamento em artigo que publicou no *Jornal do Commercio* lamenta a morte e rememora os serviços d'esse benemerito consocio, nas seguintes phrases:

« Fere-me os ouvidos tristissima noticia, annuncia o *Jornal* que cessou de viver o Dr. José de Barros Pimentel.

Ao sentimento que me esmaga o coração, junta-se uma reminiscencia de tempos passados, que a torna mais intensa e profunda.

Moravamos sete brazileiros em Paris, durante o anno de 1836, na mesma casa rua Saint Germain proximo das escolas de direito, de medicina, de litteratura e de sciencias naturaes e mathematicas. Os mais velhos Lima de Itaparica e Cansanção de Sinimbú consideravam-se os chefes da pequena colonia alli, pela razão de haverem attingido a idade muito superior, quando os companheiros não passavam ainda de estudantes muito verdes em annos. Eu era o mais joven e pouco mais tempo de vida devia contar José de Barros Pimentel.

Dos sete brazileiros restam apenas Sinimbú e eu.

Lima e Lopes de Leão, da Bahia; Bayma, do Maranhão; Fonseca, de Pernambuco; e agora Barros Pimentel, já partiram d'este mundo.

Era Barros Pimentel, excellente collega, estudioso, morigerado e amigo dedicado.

De regresso para o Brazil conseguio estima, popularidade, influencia na provincia de Sergipe, onde nascera.

Foi illustre deputado a Assembléa Geral Legislativa e não poucas vezes tomou parte notavel em discussões politicas.

No tocante aos acontecimentos de S. Paulo e Minas em 1842, mostrou-se mais do que ninguem moderado, conciliador e tolerante, e em varias questões revelou tambem criterio e talento, que lhe grangearam as sympathias da Camara.

Desappareceu depois da scena politica; outros predominaram em sua provincia, e o afastaram das lutas eleitoraes.

Uma ou outra vez mostrava-se no Rio de Janeiro a passeio ou a negocios particulares.

Vi-o ultimamente e nossas conversações versavam sempre a respeito de nossa juventude e nossos estudos de outr'ora, nessa antiga convivencia que tantas saudades nos suscitava e que rasgaram o painel risonho dos tempos mais felizes da vida em que ella se desliza tão alegre e descuidada, tão repleta de esperanças e sonhos.

Que expressão posso empregar que pinte a mais viva dor que me acabrunha ao saber que já não existes?

Descança, coração nobre, patriota desinteressado, modesto e laborioso operario da sciencia, descança na mansão dos justos, emquanto teu velho amigo que conserva ainda o sopro da vida, lamenta e prantea o teu passamento.»

Fazendo minhas as eloquentes palavras de illustre autor da Historia da Fundação do Imperio Brasileiro concluo o elogio do nosso prezadissimo consocio, cuja separação lamento com saudade e dor.

III

Dr. Ricardo Gumbleton Daunt

Nova infausta nos é transmittida pelos jornaes do Estado de S. Paulo de ter fallecido em Campinas, no dia 7 de Junho do anno proximo passado o nosso prezado consocio o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.

Nasceu esse illustre finado na cidade Hull, no reino da Grã Bretanha, onde seu pai commandava uma brigada do real exercito a 30 de Agosto do anno de 1818.

O Solar de sua familia era o castello de Kilcascan junto a cidade de York ao sul da Irlanda, onde ainda presentemente reside seu primo Irmão, o illustrado W. J. O. Niell Daunt, insigne litterato e profundo historiador, que foi outr'ora membro da Camara dos Communs.

Em sua arvore genealogica se vê que o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt descendia dos nobres e antigos Condes, Dauntre da Normandia, que acompanharam Guilherme o conquistador para a Grã Bretanha e deram-lhe uma corôa na Batalha de Hastings no anno de 1066. Pelo ramo O' Connor sua genealogia perde-se na noite dos tempos até a éra remotissima do Rey Propheta.

Descendia pois dos O' Connor Kerry descendentes de Roderick O' Connor que foi o ultimo Suzerano de Irlanda.

Na capital da Inglaterra fez com maior distincção e applauso o seu curso de Humanidades, seguindo para Pariz inscreveu-se na matricula da Faculdade de Medicina, onde por seu talento e amor ao estudo recebeu as mais subidas provas de distincção e estima, dahi passou a frequentar as aulas da celebre Universidade de Vienna da Austria, indo concluir o curso academico na de Edimburgo, onde em premio de seus estudos recebeu o gráu de doutor em medicina.

Avido de saber viajou por toda a Europa e depois de ter visto suas cidades-capitaes e admirado as primeiras sumidades da sciencia, que professava acompanhando-os na clinica dos hospitaes, tomou a resolução de seguir para as Indias Orientaes, mas ao chegar no Cabo da Boa Esperança deliberou por conselhos de amigos seguir para o Brazil em direcção á provincia de S. Paulo, onde aos 18 de Setembro do anno de 1845, uniu-se pelos laços do hymineu com D. Anna Francellina de Camargo que falleceu no anno de 1885.

Era a illustre senhora descendente da nobre familia dos Camargos de Sevilha, prima irmã do conselheiro padre Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio, e senador pela provincia do Rio de Janeiro, senhora que á nobreza da origem juntava os mais elevados dotes do coração e da alma.

Na provincia, hoje estado de S. Paulo, onde sempre residio o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt angariou numerosos amigos e as mais profundas sympathias pela amenidade de seu trato, e pela dedicação com que exerceu os misteres de sua nobre profissão, acudindo com presteza e

rara solicitude a todos os chamados, quer partissem do palacio do rico e do poderoso ou viessem do albergue do pobre, e foi por essa sua dedicação e caridade que teve a satisfação de ver seu nome rodeado de prestigio. Representou a provincia de S. Paulo na Assembléa Provincial, naquelle tempo em que as cadeiras d'aquella illustre Assembléa eram ocupadas pelos vultos mais proeminentes da tribuna parlamentar.

Tambem exerceu com a maior distincção e honradez o cargo de vereador, juiz de paz e o de juiz municipal supplente.

No exercicio do cargo de vereador da Illma. Camara Municipal da importante cidade de Campinas prestou os mais relevantes serviços, com os quaes provou exuberantemente o seu entranhado amor as franquias municipaes.

Exerceu com a maior circumspecção e zelo o cargo de Inspector de Instrucção publica na cidade de Itú, no tempo em que alli residio e muito cooperou pelo desenvolvimento da instrucção publica.

Entre os dotes de sua bella alma resplandecia a caridade e o amor do proximo; era incansavel na pratica do bem, soccorrendo a todos sem distincção de classes ou condições e n'isto consistia o seu mais vivo prazer.

Concorreu para a educação de muitos jovens desfavorecidos de fortuna, e graças a essa protecção occupam muitos as mais bellas posições na sociedade.

Conhecia a fundo as linguas grega, celta, latina, fallava e escrevia correctamente a allemã, a ingleza, a franceza, a hespanhola e a russa.

Dedicado aos estudos historicos e litterarios, escreveu um opusculo sobre a importancia dos estudos philosophicos da escola do grande Astro d'Aquino, isto muitos annos antes de apparecer o memoravel e luminoso trabalho sobre estes estudos, devido a delicada penna de SS. o Santissimo Padre Leão XIII.

Tambem escreveu e publicou em differentes jornaes, gazetas e revistas do velho e do novo Mundo, numerosos artigos sobre assumptos diversos que foram lidos com avidez e interesse.

Em medicina sua opinião era acatada com respeito por seus estudos e profundos conhecimentos praticos e theoricos.

Não dispondo de bens da fortuna muito fez na esphera de seus haveres em beneficio da vinva, do orphão, do pobre e dos desvalidos.

Educou nos mais severos principios da moral christã e com desvelo e carinhos a 9 filhos que lhe nasceram na constancia do matrimonio, dos quaes apenas lhe morreram dois. Dentre os vivos destaca-se o Rvm. Sr. Padre Mestre Dr. Tergo O' Connor de Camargo Dauntre muito digno Vigario Geral do Bispado de S. Paulo, que por seu saber, illustração, virtudes e moralidade, é digno ornamento do clero paulistano.

Na arena politica o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt militou sempre nas fileiras do antigo partido conservador e foi altamente considerado pelos grandes estadistas desse credito politico.

Era o illustre finado membro correspondente do Instituto Historico Geographico do Brazil desde o anno de 1847 e tambem membro honorario da Sociedade Medica psychologica Neerlandeza, da Sociedade Medica de Paris, da Sociedade Geographica de Buenos Ayres e de outras muitas corporações scientificas da Europa e da America.

Taes foram as distincções academicas que o illustre finado recebeu nos dias de sua gloriosa existencia em honra da patria e da humanidade.

Vulto de estatura de nosso presado consocio, a morte não póde aniquilar, porque seu nome aureolado de prestigio passa de geração em geração, e sua memoria será eterna no plano illuminado da gloria.

IV

O Conselheiro José Tavares Bastos

A magistratura brazileira perdeu um dos seus mais dignos ornamentos, a patria um dedicado e prestimoso filho e activo servidor, o Instituto Historico um de seus

mais considerados consocios, na pessoa do Conselheiro Dr. José Tavares Bastos, que no dia 8 de Agosto de 1893, cerrou para sempre os olhos a luz do dia nesta Capital Federal.

Este illustre cidadão, gloria da magistratura brazileira nasceu na cidade de Alagoas, antiga capital da provincia e hoje Estado do mesmo nome, que no anno de 1813 em que teve logar o seu nascimento fazia parte da capitania de Olinda. Era filho legitimo de Joaquim Tavares Bastos.

Fez em sua terra natal o curso de humanidades e no anno de 1831 matriculou-se na Academia Juridica de Olinda. Em 1853 desposou D. Rosa Candida de Araujo Bastos fruindo as doçuras do hymeneu até o dia 10 de Abril de 1889 por ter nesse dia a tesoura das parcas cortado os fios da vida, deixando envolto no crepe da viuvez depois de uma união de 56 annos.

Aos 18 de Novembro de 1856 com distincção e applauso recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Quando ainda estudante de direito inscreveu-se no concurso aberto na provincia de Alagoas, para a cadeira de philosophia racional e moral, convicto do bom preparo que tinha dessa materia e do direito natural, e com geral applauso obteve a preferencia sobre o seu competidor que foi o muito illustre monsenhor Dr. Francisco Moniz Tavares, que posteriormente foi vigario geral do bispado de Olinda e distincto ornamento do clero pernambucano. Durante o tempo que lhe era preciso para frequentar as aulas da Academia de Olinda, era substitui do na cadeira de philosophia pelo padre-mestre Francisco de Assis Ribeiro.

Exerceu o magisterio até ao dia em que teve ingresso na carreira da magistratura, cujas portas lhe foram abertas com a nomeação de juiz de direito da comarca de Atalaia, no anno de 1837, e exerceu esse cargo desde principios do anno de 1839, sendo a nomeação d'esse cargo feita pelos presidentes das provincias que exerciam essa faculdade *ex-vi* da primeira intelligencia que teve o acto addicional á constituição politica da nação brazileira, até seus retoques a titulo de interpretação pela lei de 12 de Maio de 1840.

A 27 de Junho de 1839 foi nomeado juiz de direito da comarca de Villa Nova do Rio de S. Francisco, em Sergipe d'El Rei, do qual não tomou posse por exigir o presidente daquella provincia a conservação do juiz a quem tinha de substituir.

Abrio banca de advocacia grangeando logo immensa clientela por sua proficiencia juridica e actividade politica. Por esplendida votação foi eleito deputado á assembléa provincial em biennios consecutivos sempre distinguido com grande votação. Na tribuna parlamentar revelou os mais bellos dotes oratorios.

Na legislatura que começou em 1842 foi eleito deputado á assmbléa geral legislativa pela provincia de Alagoas e sendo a camara dissolvida foi de novo reeleito para a legislatura que tambem foi dissolvida pelo imperial decreto de 29 de Setembro do anno de 1849.

As commoções partidarias da época foram a causa dessas dissoluções.

Na arena parlamentar soube bellamente honrar o mandato, advogando os interesses do seu torrão natal, que ao voltar foi acolhido por seus correligionarios com as maiores provas de distincção, sympathia e apreço.

A essas ovações sympathicas respondia:

«O que eu era e sou, devo a vossa estima e por isso volto a viver comvosco.»

Apenas chegou reassumio logo o cargo de juiz de direito da comarca de Penedo, para o qual foi nomeado por imperial decreto de 29 de Agosto de 1846 e removido pelo de 20 de Setembro de 1848 para a comarca de Maceió, capital da provincia hoje Estado de Alagoas, que então abrangia varios termos como fossem Villa do Norte, Camaragibe, Porto de Pedras e Porto Calvo, que mais tarde foram desmembrados e creadas comarcas em separado, acummulando as varas de juiz dos feitos da fazenda geral e provincial e a auditoria de guerra. O juiz de direito Dr. José Tavares Bastos exerceu com sabedoria e rectidão tão onerosos cargos, providenciando de forma tal que aquellas localidades de sua jurisdicção nunca tiveram razão de queixar-se de serem de prompto attendidas em suas reclamações.

Facto por demais notavel e digno de mencionar-se é que sendo publicado o Codigo Criminal a 20 de Junho de 1850 e sua execução principiando seis mezes depois da publicação na Côrte, ao juiz de direito de Maceió já era familiar o novo Codigo, dando elle para sua execução o devido cumprimento de varias disposições do regulamento geral, instrucções e esclarecimentos em audiencia aos escrivães e officiaes do fôro.

Esse facto não consta que fosse praticado em nenhuma das numerosas comarcas do Imperio.

A educação de seus presados filhos, e o estado precario da saude de sua estremecida esposa obrigaram-no a solicitar a sua remoção para a provincia de S. Paulo, a qual lhe foi concedida pelo imperial decreto de 18 de Junho de 1854, que o nomeou juiz de direito da capital d'aquella provincia. Assumindo a jurisdicção teve por vezes de interrompel-a para exercer interinamente o cargo de chefe de policia interino, e de encarregar-se de melindrosas commissões em varios pontos da provincia, que soube desempenhar com zelo, criterio e energia e com applauso do Governo geral e Provincial. O alto e avantajado conceito que angariou da parte mais illustrada da população d'aquella heroica cidade foi devido ao severo e intelligente desempenho de todas as attribuições de sua vara, e tal foi a sua actividade official que revio em correcção feitos das mais antigas comarcas e os assentamentos em execução das sentenças de reus julgados pela antiga junta da justiça; e, cousa notavel, nessas suas investigações achou enpoeirados, indecisos uns autos do executivo fiscal contra a Municipalidade de S. Paulo e outros por não terem entrado para os cofres da antiga Junta de Fazenda em S. Vicente com as quotas proporcionaes ao seu compromisso assignados por procuradores do Rio de Janeiro, para o pagamento do taxado ordenado annual do 1° juiz e escrivão, a seu pedido enviados da Côrte Portugueza. O interesse historico de tão curioso feito despertou tamanho interesse que os envelhecidos embargos oppostos em Santos foram por elle decididos a favor das Camaras.

Removido a seu pedido para a comarca de Nictheroy, capital da provincia do Rio de Janeiro e depois do Estado

do mesmo nome pelo Imperial Decreto de 1 de Maio de 1863, entrou logo no exercicio do cargo.

Em 1864 seu nome aparecendo pela primeira vez na lista dos 15 juizes de direito mais antigos foi por decreto de 20 de Julho do mesmo anno escolhido Desembargador da Relação do Rio de Janeiro e em 5 de Agosto tomou posse e entrou no exercicio do cargo. Por sua consumada experiencia e pratica em materia de Direito Commercial foi designado pelo Ministro da Justiça, Visconde de Nictheroy para substituir a um juiz togado no extincto Tribunal do Commercio.

Em 28 de Junho de 1878 baixou o Imperial Decreto nomeando o Desembargador José Tavares Bastos, Presidente do Egregio Tribunal da Relação, referendado pelo Conselheiro de Estado Dr. Laffayette Rodrigues Pereira, Ministro da Justiça do Gabinete presidido pelo seu illustre comprovinciano Conselheiro de Estado Visconde Cansanção de Sinimbú; n'esse honroso cargo foi reconduzido em dous biennios, e quando pelo direito de antiguidade coube-lhe a vez de preencher a vaga aberta no Supremo Tribunal de Justiça, foi nomeado para aquelle elevado cargo, pelo Imperial Decreto de 14 de Fevereiro de 1885. Ahi no Tabernaculo da Justiça assim como em todos os cargos que exerceu na magistratura o Conselheiro Dr. José Tavares Bastos advogou com rectidão e justiça a causa da Lei e do Direito, até ao dia 12 de Abril de 1889 em que por effeitos do Imperial Decreto de 6 do mesmo mez foi aposentado por haver attingido a idade de 75 annos.

Quando se approximava o tempo de ser attingido pela execução da lei, que aposentava os magistrados juizes perpetuos pela lettra da Constituição politica da Nação Brazileira, simplesmente pelo peso dos annos dizia elle a seus illustres collegas: « Até lá se ainda subsistir semelhante lei espero manter a immorredoura consolação, que nenhuma lei ou executor poderá abafar-me a de uma fé de officio limpa da qual não consta que uma só suspeição me fosse opposta mesmo quando politico nas causas de adversarios, nem que no officio de juiz tivesse eu erros voluntarios, sendo os de intelligencia por conta de uma

immaculada que recorre a todas as perfeições de omnisciencia.

Na carreira administrativa o Conselheiro Dr. José Tavares Bastos exerceu a autoridade na provincia do Rio de Janeiro na qualidade de vice-presidente, passando pouco depois a presidir a provincia de S. Paulo. No exercicio deste cargo provou alto tino administrativo pela energia e felicidade com que em ambas (as provincias) e já quando pela longa duração da guerra do Brazil com a Republica do Paraguay tinha arrefecido o enthusiasmo popular conseguiu elle por seu prestigio levantar os brios patrioticos enviando diversos contingentes de voluntarios ao campo da batalha.

Por tão relevantes serviços mereceu ser distinguido com o grau de Commendador da Ordem Imperial da Rosa, por Imperial Decreto de 6 de Setembro de 1866 e pelo o de 17 de Julho de 1867 com o titulo de Conselho de S. M. o Imperador, e como premio dos longos annos que exerceu com a maior circumspecção, zelo e immaculada probidade os arduos encargos da magistratura foi condecorado com a Gran Cruz da Ordem de Christo.

Tal foi o cidadão, que nos bancos escolares, na cadeira do magisterio, no sanctuario da justiça, na chefatura de policia, na presidencia de duas importantes provincias deixou os mais profundos traços de seu saber, tino e moralidade.

Foi exemplar chefe de familia, educou seus filhos nos mais severos principios da moral christan e teve a gloria e a felicidade de vel-os collocados em eminentes posições, e estes foram os Drs. Aureliano, Americo e Cassiano. Todos tres foram distinctos academicos da Faculdade juridica de S. Paulo, o 1° foi arrebatado pela onda da morte na aurora da vida, eximio parlamentar e laureado jornalista como provam seus discursos e as obras que publicou.

O 2° tambem desappareceu do scenario do mundo no verdor dos annos deixando a mais honrada memoria como distincto advogado no fôro da cidade de Valença no Estado do Rio de Janeiro.

O 3° que felizmente vive seguio a carreira da magistratura onde gosa de alto renome por seu saber e probidade

é hoje Dezembargador da Camara Civel e vantajosamente considerado e conhecido pelas obras de Direito e pratica judiciaria que tem dado a publicidade.

O Conselheiro Dr. José Tavares Bastos, teve ingresso n'este Instituto Historico no anno de 1845 na qualidade de socio correspondente passando pela reforma dos Estatutos em 1890 a categoria de socio effectivo.

V

Dr. João Martin Charcot

Um dos astros de primeira grandeza que rebrilhavam nos céos do mundo scientifico da França eclypsou-se no dia 17 de Agosto de 1893.

O Dr. João Martin Charcot, clinico da mais notoria e vasta celebridade da cidade de Pariz, capital da Republica Franceza onde gosava da mais alta reputação scientifica e cujo nome era altamente considerado, não só em toda Europa como em ambas as Americas, desappareceu para sempre da face da terra, victimado pela angina pectoris, deixando seu nome estereotypado em aureas letras na historia de seu paiz e nos fastos da humanidade.

Cabe a cidade de Pariz, a gloria immorredoura de ter embalado com suas auras, o berço de seu nascimento, que teve lugar aos 29 dias de Novembro do anno de 1825. Seus progenitores eram oriundos de modesta e honrada descendencia, porquanto seu pai exercia o officio de segeiro, circumstancia esta que seu illustre filho nunca occultou e até tinha vivo prazer em revelar.

Não podendo seu pai, como tanto desejava dar a seus filhos a mais esmerada e fina educação, por não possuir fortuna para tanto, chamou-os um bello dia e disse-lhes:

« Meus filhos, não posso mandar estudar a todos por deficiencia de meios, o que, porém, se mostrar mais applicado aos estudos com as notas do anno, este seguirá a

carreira das letras, outro a das armas e o terceiro abraçará a minha arte. »

Cursavam todos tres as aulas do Lycêo de S. Luiz, no fim do prazo marcado, o que melhor notas exhibio de sua applicação aos estudos foi o joven João Martin Charcot. Em cumprimento da promessa paterna concluiu os estudos matriculando-se na Faculdade de Medicina de Pariz, por ser essa a sciencia de sua predilecção.

Se no Lycêo de S. Luiz, o joven Charcot salientou-se como estudante applicado e talentoso, iguaes triumphos obteve na frequencia das aulas da Faculdade de Medicina.

No anno de 1848 já era interno dos hospitaes e no de 1853, depois de ter brilhantemente defendido a These doutoral e obtido distincção e louvor, e plena aprovação de todo o corpo docente d'aquella illustre Faculdade foi-lhe conferido o gráo de doutor em medicina.

A sua applicação, talento e rara actividade valeram-lhe merecer de seu sabio mestre o Dr. Bayer o confiar a seus cuidados um de seus enfermos pertencente a uma familia de financeiros e politicos, que tinha de partir para a Italia em busca de allivio a seus crueis padecimentos.

O Dr. João Martin Charcot partiu em companhia do enfermo rodeando-o de todos os cuidados, desvelos e carinhos, e como fosse dotado de espirito severamente economico conseguiu juntar alguns milhares de francos, e com esse peculio installou-se na cidade de Trevesse onde exerceu por algum tempo a sua profissão até ser nomeado chefe de clinica medica, funcções que exerceu de 1853 a 1855 e nas poucas horas de lazer dedicou-se a dar lições particulares para assim angariar meios para poder recompensar a seus progenitores os sacrificios extraordinarios que tinham feito com a sua educação.

Em 1856 foi nomeado medico do *Bureau Central* onde permaneceu por espaço de quatro annos. Em 1861 em um segundo concurso escreveu brilhante these dissertando por uma nova fórma morbida, que denominou «Peneumonia chronica ulcerosa» e assim provou com esse seu trabalho a dedicação e amor com que se entregava aos estudos scientificos.

No anno de 1862 vamos encontral-o outra vez com chefe do serviço na Salpetriére onde era interno, reunindo ahi os elementos de sua these inaugural e unido a seu amigo o Dr. Vulpian procuraram ambos recolher as observações dos enfermos confiados a seus cuidados e zelo.

Com esses estudos e observações scientificas conseguiu formar o Archivo Medico da Salpetriére; assim que uma affecção acommettia aos enfermos da enfermaria geral elle procurava observar minuciosamente a marcha d'essa molestia fazendo logo o seu historico pathologico.

No amphitheatro anatomico eram as autopsias feitas com esmero e cuidado, dictando elle mesmo aos seus discipulos as suas observações. No periodo das férias ninguem o excedia no cumprimento de seus deveres.

A tarefa a que se entregava por amor á sciencia tomava-lhe toda a manhã e muitas vezes mais e isso constituia uma fonte inesgotavel que augmentava de dia para dia, de anno para anno. Essas observações e estudos eram por elle enviadas a Sociedade de Biologia na qual occupava então o cargo de Secretario, passando depois o de Vice-Presidente, e eram dados á luz da publicidade no grande hebdomadario do qual foi elle um dos mais assiduos collaboradores.

Além das memorias originaes que escreveu sobre a endocardite ulcerosa, as embolias pulmonares, a molestia de Basedow e gangrenas visceraes, publicou varios artigos sobre historia e critica que são modelos no genero.

Seu nome já era vantajosamente conhecido no vasto mundo scientifico desde o anno de 1866, quando inaugurou suas lições na Salpetriére, não no bello amphitheatro que se sabe, mas simplesmente em uma das enfermarias desoccupadas e preparadas para esse mister.

Com essas sabias lições muito aproveitaram os antigos internos candidatos ao escriptorio central, por que todos tinham certeza de ir encontrar alli nas materias discutidas, a pneumonia dos velhos. o rheumatismo chronico e a gotta, tratados com incontestavel proficiencia e postos ao correr da sciencia.

No anno de 1867 o Dr. João Martin Charcot fez o curso livre de escola pratica, estudando a hemorrhagia

e o amollecimento cerebral, depois da primeira lição de philosophia medica, denominada «Parallelo entre a medicina empirica e a medicina scientifica.»

Em 1868 voltou a continuar na Salpetriére o curso que inaugurou em 1866.

Descreveu profissionalmente, entre outras, a paralysia agitante, a sclerose em placas, até então desconhecida e que a elle devem a sua descoberta, e sobre essas enfermidades fez uma descripção exacta e minuciosa de forma tal a nada mais se poder accrescentar.

No curso que fez em 1869 tratou da hemorrhagia e do amollecimento cerebral, infelizmente só uma parte das suas bellas lições foram aproveitadas.

Essa perda é para a sciencia por demais lamentavel, por serem essas lições repletas de novos casos sobre o diagnostico e prognostico da pathogenia.

Além dessas lições deu elle no mesmo anno outras sobre a importancia da thermometria na clinica das enfermidades dos velhos.

Ao illustre Dr. Charcot cabe a gloria de ser «vulgarisador da thermometria em França,» e os interessantes dados muitas vezes aproveitados em seu ensino.

Nesse mesmo anno descobrio «Les Arthropathies Ataxiques» a que os inglezes, em honra ao seu descobridor, denominaram «Charcot».

Fundou os archivos de physiologia com os Drs. Vulpian e Brown Sequard.

No anno de 1870 abriu o curso sob os mais lisonjeiros auspicios.

O vasto salão onde tinham logar as consultas tornou-se por demais insufficiente.

Já não eram só os discipulos que alli compareciam para ouvirem as lições de tão sabio mestre, era avultadissimo numero de medicos estrangeiros, principalmente allemães, que, attrahidos pelas maravilhosas descobertas do sabio clinico francez, vinham avidos de curiosidade, ouvil-o no theatro de suas glorias.

Mais que notaveis foram as lições que elle deu nessa época; sobre as causas das doenças do cerebro e da

medulla que infelizmente foram interrompidas pela guerra que rebentou em 1870.

No theatro da guerra cumprio religiosamente o seu dever com o mesmo zelo e dedicação com que se portou nos tempos da invasão do Cholera, já nos hospitaes de sangue como no abarracamento dos militares acommettidos pelas febres.

N'esse mesmo anno surgio um facto imprevisto e insignificante na apparencia, mas que influio poderosamente nos destinos scientificos do muito illustre e sabio Dr. Charcot.

Ameaçava desabar em ruinas o velho edificio denominado de Santa Laura onde estava installada a longos annos a enfermaria do Dr. Delasiuve, composta de epilepticos, hystericos e idiotas adultos. A administração daquella casa de caridade foi obrigada a desoccupal-a.

Os idiotas adultos foram recolhidos ao Hospicio de Alienados e divididos em tres secções.

Os epilepticos e os hystericos considerados alienados na secção do Dr. M. Baillarer e os hystericos e epilepticos considerados não alienados a uma secção especial, e como fosse o Dr. Charcot o mais antigo dos medicos d'aquelle hospicio offereceram-lhe a direcção dessa secção que elle de bom grado acceitou.

Graças ao favor inesperado do acaso a sciencia e humanidade muito lucraram.

Com aquella rara dedicação á sciencia o Dr. Charcot explorou magistralmente esse novo campo de investigações posto á sua disposição, como attestam as lições que deu á publicidade na *Gazeta dos Hospitaes*, e que se teriam perdido para a sciencia, se não fosse a intervenção de sua idolatrada consorte Mme. Charcot, que poderosamente influio sobre seu animo, fazendo-o tomar a resolução de as mandar publicar; graças pois ao papel benefico dessa esposa dedicada e intelligente, não se perderam as investigações e estudos profundos que por amor á sciencia e a bem da humanidade fez o illustre sabio, ornamento da Corporação Medica e do Instituto de França.

Em 1872 o Dr. João Martin Charcot foi nomeado professor de anatomia pathologica da Faculdade de

Medicina de Paris em substituição ao seu illustrado amigo o Dr. Vulpian, que por longos annos e com inexcedivel brilho regeu aquella cadeira.

O Dr. Charcot, regeu com a sua costumada pericia esta cadeira até o anno de 1881, e durante esse tempo escreveu as lições sobre as molestias dos pulmões, figado e dos rins e sobre as condições pathologicas da albuminuria, e sobre as localisações nas molestias do cerebro e da medula espinhal.

Apesar de só tratar-se alli de um ramo de sciencias medicas que não tem o attractivo e seducções da clinica, comtudo a fama de seu vasto saber e profundos estudos attrahia numeroso auditorio.

Querendo tornar mais ameno e comprehensivel aos estudantes menos adiantados, dava-se elle ao trabalho de fabricar estampas ou as mandava fabricar representando as lições das molestias que elle magistralmente descrevia, methodo este que applicou aos seus cursos na Salpetriére desde o anno de 18-6 com os mais esplendidos resultados.

Para tal fim servia-se as vezes dos desenhos dos autores e principalmente das peças anatomo-pathologicas colligidas em seu rico serviço na Salpetriére ou na Sociedade Anatomica.

Querendo dar a seu curso um caracter absolutamente pratico o Dr. Charcot convenceu-se que se as riquezas anatomo-pathologicas da Salpatriére eram sufficientes para o estudo de um certo numero de molestias, não eram do mesmo modo para muitas outras.

Para preencher esta lacuna aceitou com vivo prazer a Presidencia da Sociedade Anatomica onde servio desde 1872 a 1882.

A maioria dos estudantes internos dos hospitaes, que sabiam que elle era infallivel ás sessões vinham trazer-lhe as peças mais interessantes e ouvir dos labios do eminente professor as mais uteis e sabias observações. As sessões eram extraordinariamente frequentadas, e porfiavam todos em pôr á sua disposição tudo quanto julgavam ser sufficiente ao ensino.

Durante os 10 annos que regeu com fulgor e inescedivel brilho a cadeira de anatomia pathologica da

Faculdade de Medicina de Pariz, não interrompeu o curso livre de Salpetriére entregando-se voluntariamente a um trabalho insano como poucos o terão feito.

Por esse inaudito esforço é que elle conseguio levar a termo diversos trabalhos conhecidos em todo o Mundo forçando a admiração de todos quantos buscam com o mais vivo interesse pôr-se a par das descobertas da sciencia. Durante esse tempo deu ao prelo as suas lições sobre as anomalias da ataxia locomotora sobre a compressão lenta da medula espinhal.

Auxiliou em 1873 a fundação do *Progresso Medico* o creou a Revista Mensal de Medicina e de Cirurgia e os archivos de neurologia em 1877 e 1880 onde foram publicadas as suas importantes descobertas sobre a metalloscopia e o hypnotismo.

No verão de 1876 revio os trabalhos de Burkc sobre metalloscopia e a metallotherapia. Seguiram-se varias e interessantes descobertas taes como as modificações que soffreu a achromatopesia sob a influencia das applicações metallicas; a anestesia metallica.

Essas curiosas descobertas foram o ponto de partida das importantes investigações que fez sobre a acção dos ferros magneticos, dos electromagneticos das solénáides, da electricidade estatica e das vibrações de um corpo sonoro, etc.

As assombrosas descobertas feitas na Salpetrière sobre o hypnotismo datam do anno de 1878 sob sua direcção e auxiliado por alguns de seus mais applicados e talentosos discipulos.

Nessas suas descobertas o illustre sabio afastou-se tanto quanto poude do original e do extraordinario perigo difficil de evitar em um terreno pouco explorado scientificamente.

Em 1882 regeu com a sua costumada pericia a cadeira de clinica das molestias nervosas creada expressamente para elle no Hospicio de Salpetriére.

A fama de seus interessante estudos e das descobertas scientificas fizeram seu nome conhecido universalmente.

De todos os pontos do Universo vinham a Pariz grande numero de doentes afim de consultal-o sobre as molestias

que soffriam e que constituiam a sua especialidade e graças a seus conselhos e prescripções a maxima parte delles recuperavam a saude e a vida. Aquella magestade de sciencia vio prostradas aos pés de seu solio as primeiras grandezas da terra, e entre aquelles a quem salvou das garras impias da morte citaremos S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, de quem o illustre sabio era amigo sincero e dedicado.

Longas paginas seriam precisas para descrever todos os estudos e descobertas que fez o illustrado Dr. Charcot, não só para debellar os males que affligem a especie humana como tambem pelo esplendor da sciencia que com tanto afan professava.

Em 1883 foi o Dr. João Martin Charcot eleito membro do Instituto de França na vaga aberta pelo obito de J. Croquet e em 1892 condecorado com o grão de Commendador da Ordem da Legião de Honra.

As suas obras completas e publicadas compõe-se de 9 volumes e elevar-se-iam a 15 se fossem terminadas.

Para pôrmos em relevo o seu valor e merito scientifico bastará sómente dizer que grande parte dellas foram traduzidas em allemão, inglez, italiano, hespanhol e na lingua russa.

Este facto é tão extraordinario, porque nenhum dos Medicos illustrados e insignes poderão conseguir tão grande honra que reverta para a sciencia franceza.

O hospicio da Salpetriére era a 2.ª casa de sua residencia.

Ligara elle o maior e o mais vivo interesse a tudo que ali se praticava e foi por essa forma que muito contribuio para o bom exito da Escola dos Enfermeiros, que ali foi estabelecida.

Aquella casa de caridade, vasto Asylo das miserias humanas, abriga debaixo de seus hospitaleiros tectos numerosa população enferma, taes como velhos, chronicos, alienados epileticos e crianças, e foi por essa variedade de enfermidades que foi escolhido de preferencia, para nelle fundar-se a 1ª escola de Enfermeiros.

O illustre Dr. Charcot, que sabia por experiencia o que se praticava nos hospitaes de Londres animou a creação

dessa escola concorrendo com numerosas dadivas nas quaes Mme. Charcot tomava activa parte, fazendo com que as enfermeiras aproveitassem os meios de instrucção postos ao seu alcance.

Como poderia esse devotado apostolo da sciencia deixar de interessar-se por uma obra que punha o seu pessoal mais apto para ajuda-lo?

Graças á sua rara dedicação e benevolencia obtinha elle d'aquelle pessoal tudo quanto desejava apezar de muita exigir.

O sabio Dr. Charcot permanecia longas horas junto dos catres de seus doentes acompanhado por seus numerosos discipulos e pelo pessoal do estabelecimento.

Querendo elle dar uma prova viva e solemne do quanto era grato a tanta dedicação e desvelo, aguardou o dia do quinquagesimo anniversario de installação dos serviços hospitaleiros de Melle Bottard para manifestar a sua gratidão áquelles seus auxiliares no brilhante discurso que pronunciou n'aquella pomposa solemnidade. Calemos para ouvirmos um eloquente trecho do discurso do sabio professor de anatomia da Faculdade de Medicina de Paris. Ha 3 annos, disse elle, e talvez um pouco mais — dirigindo-se á sua vigiadora — que vós e eu andamos cada dia lado a lado aqui n'este grande Asylo das miserias humanas que se chama Hospicio da Salpetriére, tratando e consolando o melhor que podemos aos doentes, cada qual segundo as suas attribuições especiaes.

Posso por conseguinte ter a pretenção de vos conhecer bem e poder apreciar a vossa longa e laboriosa carreira visto que a segui de algum modo passo a passo. Pois bem, não hesito em dizer, mesmo tenho a declarar absolutamente, e a proclamar publicamente depois de vos conhecer como conheço na minha opinião, os que pretendem que as vigiadoras leigas e seculares dos hospitaes são incapazes de mostrar no exercicio de suas funcções este desinteresse absoluto, esta dedicação sem limites, estas qualidades moraes subtilisadas em uma palavra, cujo monopolio pertenceria segundo elles, as vigiadoras de outro systema, áquelles digo eu, enganam-se e querem enganar aos outros.

Simples leiga, com effeito; leiga, segundo a tradição do Hospicio que remonta ao anno de 1656 (fundação de S. Vicente de Paulo) por consequencia sem outro estimulante que o sentimento imperioso do dever e da dignidade pessoal aguçado é verdade, em vós, por uma sympathia profunda pelos desherdados, os incuraveis, os disformes, tanto moral como physicamente, em uma palavra os infelizes de toda especie; durante mais de 50 annos, sem ruido, modestamente, sem outro fito que a satisfação de vossa consciencia, sem outro arrobo senão o vosso coração ardente para o bem; não levaste, digo eu, esta vida de abnegação e de sacrificios que commandava o cargo de honra que vos fora confiado?

A sua benevolencia não era somente para com seus auxiliares vigiadoras e enfermeiras; era tambem para com todos os doentes das enfermarias, a seu cargo aos quaes não cessava de dirigir-lhes palavras de consolação e conforto, para assim levantar-lhes o animo abatido.

Era excessivamente liberal não só para com seus discipulos e interdictos como para com todos os estudantes que se apresentavam.

Não só leccionava as materias communs como muitas outras inteiramente originaes taes como La Sclerose em palacas, Les Arthropathies, a Pathogenie da hemorrhagia cerebral.

Expunha com a maior precisão e clareza a materia, traçava o plano, fornecia as observações e as notas bibliograficas necessarias ao historico da questão e eram feitos por elle os exames analyticos.

Conhecendo a fundo as linguas de Goethe e de Shakspeare estava sempre a par dos progressos da sciencia, que com tanto amor cultivava.

Avultadissimo é o numero das theses de dotourandos, memorias e theses de aggregação, a que elle empregou o seu tributo.

A recompensa que recebia por esses importantes trabalhos ficavam sempre muito aquem do real merecimento d'elles, mas essa circumstancia longe de esmorecer-lhe o enthusiasmo augmentava cada vez mais a sua generosidade scientifica.

O seu mais ardente desejo era crear um verdadeiro estimulo, pelo progresso da sciencia e foi por essa fórma que elle fundou a escola da Salpetriére, que brilha com os fulgores de peregrino astro no vasto mundo das sciencias medicas.

Seu futuro, desenvolvimento e progresso, repousam nas mais solidas bases e sobre vasta pleiade de talentosos discipulos, dignos do mestre e de sua meritoria obra. Os antigos internos eram os seus melhores amigos, faziam parte de sua familia, elle ajudava-os em seus trabalhos, protegia-os em suas luctas, tomava activa parte em seus cuidados e angustias, e mostrava-se profundamente dedicado, quando alguns d'elles eram victimas das injustiças da sorte e da maldade dos homens.

A ingratidão despedaçava-lhe o coração. N'esses traços ficam ligeiramente esboçados a vida scientifica do muito illustre e sabio Dr. João Martin Charcot e por elles bem se pode aquilatar o alto merito d'esse genio das sciencias de observação.

Foi elle inquestionavelmente um apostolo fervoroso e dedicado da sciencia, pois suas descobertas bastam para perpetuar seu nome no futuro, pode ser comparado a um desses brilhantes, porém raros pharóes que de tempos a tempos surgem no caminho da humanidade para guial-a na senda do progresso.

O Dr. Charcot, era tambem um consummado philosopho, um espirito superior e um artista habil na entonação da palavra.

Conhecia a fundo todos os museos da Europa, e pela vasta extensão de seus profundos conhecimentos sobre as artes forçára a admiração d'aquelles que a professam.

Era perito no desenho das mais finas pinturas, apaixonado em extremo pela musica, pela litteratura e pela poesia.

Amava apaixonadamente a arte como amava a sciencia.

As qualidades artisticas faceis e brilhantes não tinham para elle seducções, encanto, valor e merito, se não representassem conhecimentos serios e profundos da arte e seus processos technicos.

O desenho era para elle a base fundamental da pintura e do trabalho como a primeira condição de toda obra d'arte. Tributava ao genio de Declacroix a mais profunda admiração, guardava com religioso cuidado um album original d'esse mestre cheio de aquarellas e esboços feitos em Marrocos.

Tambem cultivava com vehemente paixão e ardor as sciencias de Euterpe, era enthusiasta dos mestres da escola antiga; não o attrahiam as novas escolas e era profundo admirador de Gluck, Beethoven e Weber.

Na arena da litteratura eram os seus favoritos Dante, Shakespeare e Rabellais, lia e relia suas obras sempre com o mais vivo ardor, interesse e admiração.

Desenhava primorosamente como attestam os seus albuns repletos de notas e esboços.

As poucas horas de lazer eram por elle empregadas em trabalhos artisticos.

Copiou duas vezes os celebres esmaltes de Leonardo Limousin representando os doze apostolos, a primeira vez sobre faiança, quasi do tamanho natural e a segunda um pouco menor sobre um esmalte em cobre.

Reproduziu fielmente a dança dos loucos de Alberto Diurer sobre grandes placas de faiança que ornamentam a fachada de seu sumptuoso palacio em Paris, e pintou um apparelho de porcellana de Sevres com desenhos originaes de suas viagens.

A sua casa de residencia era uma verdadeira escola da arte decorativa.

Os moveis que ornamentavam seus salões eram verdadeiras maravilhas artisticas. Sua esposa e filha tambem cultivavam com amor e esmero as artes e para proval-o bastará dizer que as pinturas decorativas do tecto de estuque do seu gabinete de trabalho em Paris foram por ellas executadas sob sua inspiração.

Em suas conversações scientificas dava logo a conhecer seu genio artistico pelo extraordinario realce que dava das suas demonstrações.

Na cadeira do magisterio não teve rival e nisto consiste o segredo de sua originalidade.

Pelos dous memoraveis estudos que deixou « Les Demoniaques dans l'art et les difformes et les malades dans l'art » vê-se que a arte e a sciencia tomam nelles activa parte.

O Dr. João Martin Charcot, é no dizer de um de seus illustrados biographicos, a mais alta respeitabilidade neste tempo cuja existencia inteira prova até que ponto a sciencia e a arte longe de prejudicarem-se, servem-se uma a outra por secretas e estreitas afinidades.

O seu inesperado passamento emocionou o Mundo e encheu de consternação e magua a seus collegas, amigos e discipulos, e cobrio de crepe a sua illustre corporação, que nelle perdeu um de seus maiores ornamentos.

Quem ao ler a sua memoria do fim do anno de 1892 escripta com tanta elegancia e simplicidade sobre a *La foi qui guerit*, e o Relatorio recente sobre a candidatura de Lister na Academia das Sciencias, tão nitido, tão formal, tão recto, poderia pensar que tão perto estivesse elle do portico augusto da eternidade, conservando em toda a sua plenitude todas as faculdades intellectuaes de seu genio que promettia dotar ao seu paiz de novas obras originaes para guiar as novas gerações na vereda escabrosa da sciencia?

A onda da morte arrojando a esse insigne luzeiro inesperadamente ás praias da eternidade, privou a sciencia do muito que ainda lhe podia prestar com seu alto saber e seu genio investigador profundo.

As suas obras são mais que sufficientes para perpetuar o seu nome no livro da historia.

A sciencia perdeu um de seus luminares, a França um patriota ardente e apaixonado e uma de suas mais nobres illustrações, o Instituto de França uma de suas aguia e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro um de seus mais illustres socios correspondentes estrangeiros.

O illustre Dr. Charcot por sua vasta illustração e saber teve a gloria de pertencer ás seguintes associações scientificas.

Presidente honorario da Sociedade Anatomica de Pariz e vice-Presidente da Sociedade Biologica, membro

da Academia de Medicina de Pariz, membro correspondente da Sociedade Real das Sciencias de Bruxellas e da Sociedade de Electricidade e Neurologica de New-York, da Real Sociedade de Medicina de Buda-Pesth, honorario da Sociedade Chimica de Londres, correspondente da Imperial Sociedade de Medicina de Vienna d'Austria, membro honorario da Homar Society de Londres e correspondente da Sociedade Pathologica da mesma cidade, socio estrangeiro da Sociedade Medica de Edimburg e correspondente da Real Academia da Belgica e honorario das Sociedades de Sciencias Naturaes e Medicas de Dresde e da Sociedade Medica de Finlandia, membro da Associação Medica e Psychologica de Londres, e honorario estrangeiro da Sociedade Physica Medica de Florença e correspondente da Academia de Medicina de New-York e honorario da Sociedade Psychiatrica de S. Petersburgo e das dos Medicos Russos de Moscow, honorario da Sociedade Medica de Lisboa e da de Medicina de Londres, honorario da Academia de Medicina de Roma, e da Associação Neurologica Americana, membro honorario da Real Academia de Sciencias de Dublin e correspondente Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, da Sociedade Medica Publica da Belgica, da Sociedade de Medicina da Suecia, da Academia Frenopatica Hespanhola, membro da Academia das Sciencias, Instituto de França e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Universidade de Koef, honorario da Academia de Medicina da Irlanda e da Academia de Sciencias da Bolonha, da Academia Real das Sciencias da Suecia, membro honorario do King and college of Phisician Irland, honorario da Sociedade Franceza de Hygiene, e da Trinity historial Society Dallas Texas, honorario estrangeiro da Sociedade Medica de Noruega, Dr. na Universidade de Bolonha, membro honorario da Sociedade Imperial de Medica de Constantinopla, da Academia Medica Cirurgica da Turquia, da Imperial Sociedade de Medicina do Caucaso, membro do collegio dos phesus de Philadelphia e da Sociedade Real das Sciencias de Upsala, Vice-Presidente honorario da sociedade British Hypnotic de Londres, e membro da Sociedade Medica legal de New-York, e

correspondente do Instituto Veneto de Sciencias Lettras e Artes da Sociedade de Medicina de Vienna, da Universidade de Dublim, da Academia das Sciencias, das Lettras e das Artes de Padua, da Sociedade dos Neurologistas de Moscow e honorario da Sociedade Medica Psychologica Neerlandense. Dr. honorario da Faculdade de Wagsburg n. 311. Anniversario de sua fundação 1882.

O Instituto de França confiou-lhe na anno de 1881 o premio de 2500 francos no concurso Montyon de Medicina e Cirurgia pela obra intitulada « *As Localisações na molestia do cerebro e da medula espinhal.* »

Eis aqui em phrases singelas e em resumidos traços o perfil biographico e resenha dos feitos e serviços dessa aguia da sciencia que no perpassar da sua vida só cogitou no progresso da sciencia e no bem da humanidade.

VI

Major Basilio de Carvalho Daemon

O fio telegraphico que une a capital federal á cidade da Victoria, capital da Estado do Espirito Santo, communicou aos grandes orgãos da imprensa a triste nova do fallecimento d'este prestimoso cidadão que desde o anno de 1890, figurava no numero de socios correspondentes d'este Instituto, que tivera logar no dia 5 de Dezembro do anno de 1893.

O major Basilio de Carvalho Daemon era natural do municipio do Pirahy da provincia hoje Estado do Rio de Janeiro.

Tendo estudado alguns preparatorios dedicou-se a arte typographica, trabalhando nas officinas do *Correio Mercantil* da então Imperial Cidade de Petropolis, donde mais tarde se passou á provincia hoje Estado do Espirito Santo, domiciliando-se na villa do Cachoeira de Itapemirim onde montou uma typographia, e foi redactor e proprietario dos periodicos *Itabira* e *Estudante* e mudando-se para a cidade da Victoria foi de 1870 a 1883 redactor

do periodico *Espirito Santense* jornal politico, scientifico litterario e noticioso, que foi creado pelo auctor da Selecta Brasiliense, J. M. Pereira de Vasconcellos, o qual foi mais tarde orgão do partido conservador. Para dar expansão a seu genio investigador o major Basilio de Carvalho Daemon, deu ao prélo em 1879 um trabalho historico no qual gastou cerca de 9 annos a confeccional-o e ao qual denominou *A Provincia do Espirito Santo*, sua descoberta historica, chronologica e estatistica.

Os factos historicos que n'elle descreve datam do anno de 1504 a 1869.

O merito d'esse trabalho valeu-lhe a distincta honra de pertencer a esta illustre associação. E' tambem o illustre finado auctor do romance denominado *Arcanos*.

Era official da Imperial ordem da Rosa e negociante matriculado na Junta Commercial d'esta capital federal.

VII

O Conselheiro Dr. Ladisláo José de Souza Mello Netto

Ao cambar do sol do dia 19 de Março o conselheiro Dr. Ladisláo José de Souza Mello Netto, que em companhia de sua familia voltavam de uma visita, ao chegar á estação do Engenho Novo cahio fulminado pelo raio da morte. Esse nosso prezadissimo consocio cujo nome gosava de alta consideração tanto em seu paiz como na Europa e em ambas as Americas, pelo muito que trabalhou na esphera scientifica, era natural da provincia, hoje Estado das Alagôas.

Abrio os olhos á luz do mundo na cidade de Alagôas, antiga capital d'essa provincia, aos 21 dias de Junho do anno de 1839, fructo do legitimo consorcio de Francisco de Souza Mello Netto, honrado commerciante d'aquella cidade, onde pela lisura de seu trato e rara probidade, tornou-se vantajosamente conhecido nas provincias da Bahia e Pernambuco, gozando do mais bem merecido credito e de D. Maria Pereira Leite Netto.

Graças aos desvelos e carinhos de seus progenitores, o joven Ladisláo Netto recebeu a mais esmerada educação.

Fez os estudos primarios em sua cidade natal e o de humanidades na capital da Bahia. Pelos creditos de seu saber, fez parte de uma commissão astronomica dirigida pelo nosso illustradissimo consocio o Sr. Emmanuel Liais.

Essa commissão tinha por objectivo levantar a planta do porto de Pernambuco e d'esta passou a outra, que tinha a missão de explorar o magestoso rio de S. Francisco. Os desejos que nutria de conhecer a fundo os mais reconditos segredos das sciencias naturaes que eram os estudos de sua predilecção, foram amplamente satisfeitos. Regressando a esta capital frequentou por algum tempo as aulas da Academia Imperial de Bellas Artes, até tomar a resoução de partir para França, para ahi ultimar seus estudos.

Inscreveu-se o joven alagoano na matricula da Universidade de Paris e depois de exhibir alli as mais valentes provas de sua applicação aos estudos, recebeu em premio das lutas academicas o grau de doutor em sciencias naturaes, que era o alvo dos seus desejos.

Regressando ás terras patrias onde já á mesma havia chegado a fama de seus triumphos academicos, porque fôra elle o primeiro brazileiro que teve a mais que distincta honra de figurar em seus escriptos nos *compte-rendus* da Academia de Sciencias de Pariz, foi-lhe confiada pelo governo imperial a direcção do Museo Nacional por serem seus conhecimentos scientificos n'aquella especialidade mais que dignos de serem aproveitados.

Collocado á frente d'aquelle notavel estabelecimento, o Dr. Ladisláo Netto, não poupou esforços para pol-o a par dos primeiros museos do mundo.

Fundou os annaes do Museo Nacional e n'essa publicação encontram-se numerosas monographias. Com o mesmo ardor e enthusiasmo com que se dedicou ao estudo da flora brazileira, o Dr. Ladisláo Netto entregava-se tambem com inexcedivel amor ás indagações anthropologicas e geologicas com o que muito contribuio para o esclarecimento de pontos controversos.

Ainda perdura na memoria de todos quantos tiveram a ventura de com elle cultivar estreitas relações de amizade e sympathia, o inexcedivel brilho das conferencias scientificas feitas por elle no curso instituido n'aquelle importante estabelecimento, nas quaes tambem tomavam activa parte com igual fulgor e brilho o Exm. Sr. general Couto de Magalhães, os Drs. Pizarro, Lacerda, Conti e outros.

Importantissimos foram por certo os serviços que o illustre finado prestou como membro de varias commissões scientificas, taes como nas exposições nacionaes, universaes e no Congresso dos Americanistas de Berlim, do qual teve a mais que distincta honra de ser escolhido presidente por unanimidade.

Seu nome conquistou a mais bem merecida fama entre os naturalistas europeos. Os naturalistas mais eminentes em reconhecimento a seus meritos scientificos, não trepidaram em dar-lhe as mais vivas e valentes provas de consideração e apreço, e para proval-o bastará dizer que o sabio Dr. Bailon, eximio e laureado professor de historia natural da Faculdade de Medicina de Pariz, em honra ao botanico brazileiro, deu o nome de Netto a um novo genero de plantas Nova Caledonnensis.

O seu estado natal tambem quiz ren-der-lhe as mais vivas homenagens. Deu a uma das principaes ruas da sua cidade capital, o nome de Ladisláo Netto, elegendo-o membro de sua Assembléa Legislativa, distincção esta que elle recusou assim como não quiz aceitar o diploma de deputado ao Congresso Constitucional por seu torrão natal, preferindo a essa distincta honra os seus estudos scientificos.

No anno de 1892 completaram se a 12 de Outubro 400 annos que o audaz genovez Christovão Colombo realizou a obra de seus sonhos, descobrindo a joven America.

Para solemnisar esse grande acontecimento pomposas festas foram celebradas no mundo civilisado, sendo de todas a mais imponente a grandiosa exposição de Chicago. Todas as nações do mundo se fizeram representar n'aquella formosa exposição e a nação brazileira nomeou

para esse fim uma commisão presidida pelo general José Simeão de Oliveira sendo o Dr. Lasdiláo Netto, vice-presidente, e por morte do general Simeão assumio a presidencia.

Para attestar o seu alto merecimento e saber, bastará citar-se as obras monumentaes que escreveu e publicou sobre botanica, ethnographia, e archeologia, e a bella exposição anthropologia que por sua iniciativa, esforços e actividade realisou em 1882 no edificio do Museo Nacional.

Ao regressar da exposição de Chicago já alquebrado por effeito de grave enfermidade, voltou á direcção do Museo, mas isto por curto tempo, porque eivado de desgostos e de contrariedades, solicitou e obteve a sua aposentadoria recolhendo-se á vida privada. Rarissimas vezes sahia á rua; passava a maxima parte do dia entregue aos seus estudos predilectos, rodeado dos entes que idolatrava — sua esposa e seus filhos.

N'essa suasoledade esgotaram-se-lhe os dias preciosos da vida, sendo inesperadamente arrebatado pelo Anjo da morte.

O Sr. Dr. Ladisláo José de Sousa Mello Netto, pertencia a este instituto desde o anno de 1871, servindo por muitos annos nas commissões de archeologia e ethnographia e na de pesquizas de manuscriptos, socio da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e presidente da secção de Agricultura e membro do conselho fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, e de muitas sociedades scientificas estrangeiras, que muito e muito se desvaneciam de contar em seu gremio o sabio naturalista brazileiro.

Em premio de seus serviços foi agraciado com o titulo de conselho de S. M. o Imperador e a dignitaria da Imperial Ordem da Rosa, a commenda da Ordem de Christo, a de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, do reino de Portugal, official das ordens da Legião de Honra, de França e da Academia Franceza. Depois do advento da Republica recebeu de S. M. o Imperador d'Allemanha, a mais significativa prova de distincção e apreço. Tendo-o condecorado com um gráo elevado de uma das ordens honorificas

o seu imperio e não podendo o conselheiro Dr. Ladisláo Netto aceital-a em virtude das disposições constitucionaes, o imperador da Allemanha enviou-lhe seu retrato em tamanho natural, sendo a dedicatoria escripta pelo seu proprio punho. Esse retrato vê-se na Academia Nacional de Bellas Artes.

A sciencia de Linêo perdeu um dos seus mais brilhantes luzeiros, a patria um filho dedicado e estremecido, seu nome passou ao proscenio da historia e fulgurará n'ella a par do de frei José Marianno da Conceição Velloso, frei Custodio Alves Serrão, frei Leandro do Sacramento e outros astros de primeira grandeza no mundo da sciencia.

VIII

Dr. José Jansen do Paço

Na tarde do dia 20 de Maio pelas 5 horas, a sineta do cemiterio de S. Pedro de Maruhy, na cidade de Nictheroy, dava o mysterioso signal, de que mais um cadaver vinha á sombra de seus cyprestes dormir o somno eterno da morte em uma de suas cryptas. O morto que transpunha o portico d'aquella necropole era o nosso illustrado consocio o Dr. José Jansen do Paço, que cessára de existir no dia anterior.

O Dr. José Jansen do Paço era natural da provincia, hoje Estado do Maranhão, onde vio a luz do mundo nos primeiros annos do seculo actual.

Seus pais eram abastados e por isso puderam dar-lhe esmerada e fina educação. Aprendeu em seu torrão natal a ler e escrever, e seguindo para Paris ahi fez o curso de preparatorios.

Na Academia Juridica de Olinda recebeu o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Regressou ao Maranhão, onde entrou na carreira politica, da qual foi membro proeminente.

Membro da Assembléa Provincial em mais de uma legislatura e depois deputado á Assembléa Geral Legislativa pelo Maranhão, e na tribuna de ambas as camaras advogou com calor os interesses de seu torrão natal.

Foi redactor dos periodicos *Bemtevi* e *Correio Maranhense* e collaborou em outros jornaes.

Na arena politica teve real influencia e prestigio.

Por mais de uma vez teve ensejo de entrar na lista de senador nas vagas que se deram no senado, não quiz disputar o lugar para dal-o a seu cunhado e particular amigo o conselheiro José Marianni, que nunca foi escolhido apezar de ser o mais votado da lista por tres ou quatro vezes.

Passando a residir na Côrte, dedicou-se á advocacia por muitos annos e ha muito se recolhera á vida privada.

Pertencia a este Instituto desde 12 de Outubro do anno de 1843,como socio correspondente, passando depois á classe de effectivo, sendo o terceiro na ordem da antiguidade no dia de sua morte.

Sadi Carnot

PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA—PRESIDENTE HONORARIO DO INSTITUTO

Deslisava-se da face do eterno o dia 24 de Junho, em que a Igreja catholica commemora nos transportes do mais intenso jubilo o glorioso nascimento do Santo percursor de Jesus Christo.

Nesse dia tão sublime em toda a christandade, será sempre da mais triste recordação para a Nação Franceza, porque n'essa data do anno que está prestes a terminar pelas 9 horas da noite foi barbaramente assassinado na Archiepiscopal cidade de Lyon o muito illustre Sadi Carnot, Presidente da Republica Franceza, que alli tinha ido abrilhantar com a sua graciosa presença a pomposa festa da industria e que durante o dia fôra alvo das mais esplendidas manifestações de seus compatriotas e depois de

ter inaugurado a Exposição e presidido ao lauto banquete onde se trocaram os mais expressivos brindes, tomou o landau para ir assistir á representação de gala que em honra á sua pessoa devia ter lugar no theatro da Opera, daquella antiga capital do departamento do Rhodano. Ondas de povo enchiam as ruas por onde tinha de passar, saudando freneticamente ao primeiro magistrado da Nação.

O carro seguia a passos lentos por entre as alas do povo. De repente rompe a compacta massa do povo um homem, approxima-se do carro na attitude de offerecer ao illustre Sadi Carnot um ramo de flores naturaes, que trazia na mão. Sadi Carnot que mal pensava naquelle instante que tinha perante seus olhos o seu miseravel assassino, com a gentileza de seu costume estendeu a mão para receber o mimo fatal.

O miseravel instrumento da seita anarchista ergue o braço e com o punhal que trazia occulto no ramilhete de flores, fere mortalmente ao primeiro magistrado da Nação. Sadi Carnot sentindo-se ferido, solta o grito de dor e o miseravel assassino cahe immediatamente nas garras da justiça.

Este triste e inesperado acontecimento que teve por desfecho a morte do egregio cidadão, cobrio de rigoroso luto a nação franceza e foi pela electricidade communicado a todas as potencias do mundo, emocionando a todos quantos presavam o elevado caracter e as virtudes civicas e privadas do grande cidadão que com applauso geral soubera reger os altos destinos de sua patria, e que acabava inditosamente de passar ao bronze da historia.

Mary François Sadi Carnot, que tão proeminente papel representou no vasto mundo politico e cujo nome burila as paginas da historia contemporanea, respirou as auras da vida na cidade de Limoges, capital do alto Verne, a 11 de Agosto de 1837, tendo por seus legitimos progenitores a Lazaro Hypolite Carnot, filho do celebre convencional Lazaro Nicoláo Carnot, e de D. Margarida Carnot. Seu pai figurou no vasto mundo politico, foi ministro no reinado de Luiz Felippe, e era senador e membro da Academia de Sciencias Moraes e Politicas.

Ojoven Sadi Carnot fez com notavel applicação e talento em sua cidade natal o curso de humanidades, e aos 20 annos de idade matriculou-se sob o n. 5 na Escola Polytechnica de Paris, e posteriormente na de Pontes e Calçadas, e tanto nesta como naquella foi altamente considerado por seus lentes e condiscipulos, não só por seu genio docil como por sua applicação aos estudos, nos quaes revelou peregrino talento.

Seis annos depois recebia com distincção e applauso o gráu academico.

Em 1863 foi nomeado secretario adjunto do Conselho de Pontes e Calçadas, lugar que exerceu com circumspecção e zelo até ao dia em que foi nomeado Engenheiro em Annecy, e no periodo de 8 annos teve occasião de mostrar o seu raro e brilhante talento em innumeras obras de arte e caminho de ferro na ponte de Coullanges sobre o Rhodano, melhorando a navegação. Rebentando a guerra franco Prussiana em 1870, offereceu os seus serviços á defesa nacional, foi a 10 de Janeiro de 1871 nomeado Prefeito, com a qualidade de commissario extraordinario da Republica nos departamentos do Sena inferior, Eure e Calvados, onde mais uma vez poz em evidencia os seus conhecimentos technicos de engenharia, fazendo obras de defesa e fortificações que ainda hoje perduram com grande proveito para o futuro.

Aos 8 de Fevereiro d'esse mesmo anno foi eleito deputado do Côte d'Or.

Tomando assento na esquerda da Assembléa Nacional crendo ainda na possibilidade da resistencia, foi elle um dos 107 que negaram sua assignatura da cessão da Alsacia e Lorena.

Votou contra as preliminares da paz e a revogação das leis do exilio, e a validação da eleição dos principes, e votou como governo na questão do poder temporal e a favor da proposta Ferry, e pela manutenção dos tratados de commercio e pelo regresso d'Assembléa á Paris. A maneira brilhante porque desempenhou o mandato legislativo mereceu o ser-lhe elle renovado em muitas outras legislaturas. Ministro de finanças no ministerio Freycinet em 1886, foi elle o 1° ministro que teve a coragem de expor claramente

o estado financeiro do paiz, denunciando deficits até então dissimulados. A 5 de Novembro de 1887 e quando já tinha solicitado a sua demissão de ministro das finanças, o deputado Bouvier tendo declarado que o antigo ministro recusava a restituição dos direitos de registro que tinha sido reclamado pela Sociedade Dreyfus, a Camara manifestou por meio de applausos sua sympathia e sua estima por Mr. Sadi Carnot.

Na tribuna parlamentar quando tomava a palavra era somente como emissario de qualquer commissão ou como membro do Governo. Não se deixava levar pelo improviso e nunca se servio dos meios de acção aos quaes as mais das vezes recorrem a maxima parte dos oradores.

Sua demonstração era clara, methodica e decisiva, seus gestos e o tom de voz moderados, abstinha-se de todo o effeito oratorio, seus desejos eram somente o esclarecer e não arrastar as massas pelos esplendores da eloquencia, no dizer de seu illustrado biographo.

A sua personalidade crescia sempre para não dizer-se que a sua candidatura á Presidencia da Republica tinha sido levantada.

Os suffragios em caso de morte ou demissão do Presidente Grevy deviam cahir em Freycinet, Jules Ferry, Floquet ou Brisson.

A difficuldade de poder reunir-se em um só destes nomes a maioria republicana, quando renunciou o mandato o Presidente Grevy, foi que fez recahir no illustre Sadi Canot a escolha como um homem limpo e de um passado immaculado, tendo a gloria de ser um dos maiores nomes da Revolução, nome que não tinha deixado de ser glorificado durante os longos dias de um seculo.

No escrutinio previo de 2 de Dezembro de 1887, Carnot não tinha sinão 169 votos na 1ª vez e na 2ª obteve 61 votos e 69 na 3ª, mas no Congresso logo no 1º dia teve 303 votos; desistindo porém Julio Ferry a candidatura Presidencial da Republica, que só tinha alcançado 202 votos, foi o illustre Sadi Carnot eleito por 616 Presidente da Republica Franceza. Esse esplendido triumpho não conseguiram Adolpho Thiers, nem

Mac-Mahon, nem Grevy, porque não tiveram quando eleitos tão elevado numero de votos.

Seu pai, Lazaro Hypolytte Carnot que era senador da Republica já vergado ao peso de 86 annos, exultou de contentamento ao ver seu filho elevado á Presidencia da Republica, e derramou copiosissimas lagrimas quando lhe soára aos ouvidos as memoraveis palavras que n'esse acto pronunciou M. Le Royer Presidente do senado quando fez conhecido o resultado da eleição. Disse elle: Não é somente uma parte do corpo legislativo que acaba de renovar-se tambem o foi o poder executivo.

Tudo o que me compete dizer n'esta occasião é que o Congresso de 3 de Dezembro quiz por sua escolha manifestar um voto de paz interior e exterior, e se quiz fazer comprehender que as leis constitucionaes devem ser respeitadas e a bandeira republicana segura por uma mão firme.

Logo que assumio as redeas do poder o novo Presidente encontrou as mais serias difficuldades na formatura de seu 1º ministerio, somente a 12 de Dezembro Mr. Tirard conseguio constituir o gabinete de que foi chefe; no dia 13 o Presidente Sadi Carnot dirigia ás Camaras uma mensagem na qual expunha suas vistas sobre a politica interna e externa.

Assim deu começo a sua obra de equilibrio.

Entre os partidos, entre as fracções, entre as volubilidades do genio francez, entre as aventuras e paixões provou ser superiormente um verdadeiro poder moderador. Dahi a sua força e o seu prestigio. Durante um longo periodo de quasi 7 annos que dirigio os destinos da Nação Franceza soube bellamente corresponder a confiança nelle depositada. Por sua alta sabedoria, tino administrativo e politico, sagacidade diplomatica, conseguio manter a paz interna e externa, estreitando os laços de amisade e sympathias com as primeiras potencias do mundo maximé com o collossal imperio da Russia.

A' sua prodigiosa actividade e raro tino politico deve a França o florescimento de sua industria, de seu commercio e das Artes e o prospero estado de suas finanças, dando a mais efficaz protecção ás lettras e ás sciencias.

Esse egregio cidadão que tão alto renome conquistou perante o mundo civilisado pela energia de seu caracter que honra a França e a Ordem da Legião de Honra da qual era Gran Cruz, cahio no desagrado dos Anarchistas por ter cumprido o seu dever não assignando os decretos commutando a pena capital a que foram condemnados dous famigerados membros dessa seita maldita, pelos attentados commettidos na capital do mundo civilisado, que do alto da guilhotina juraram vingança, que se realisou infelizmente na noite do dia 24 de Junho tendo por executor do tão negro attentado o miseravel italiano Caserio Giovani Santo.

Esse triste successo que emocionou o mundo inteiro, que transformou as galas em luto, que levou a consternação e a dor ao Palacio do Elyseu, fazendo cahir de suas hastes a bandeira das tres côres, symbolo glorioso da França, que alli fluctuava aos beijos das brisas, e que echoou tambem neste Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que se desvanecia de contar entre os seus Presidentes honorarios o filho da Revolução. Fui eu o primeiro signatario de sua admissão e mal pensava que em tão breve praso seu nome illustre seria apagado pela esponja da morte dentre os Presidentes honorarios e eu o encarregado de fazer a sua glorificação.

Vultos da estatura de Sadi Carnot passam[illegible] da historia ali viverão eternamente para estimulo das gerações que se levantam no berço da patria.

Seu corpo inanimado repousa no Panthéon de Paris ao lado de Turenne, do principe de Condé, de Condé de Montalambert, de Montesquieu, de Vauban de Chateaubriand, Lamartine, Adolphe Thiers, Toupaniny, João Jacques Rousseau e de Massillon, e muitos outros nomes de primeira grandeza que redobram nas paginas da historia daquella grande e gloriosa Nação.

Para aos Deus que em desagravo do sangue illustre do martyr Sadi Carnot que perpetuou o nome e são da França seu [illegible] e illustrado successor [illegible] sumir Deus agora que tem em suas mãos a [illegible] signaria do mundo procure [illegible] todos os esforços para evitar novos attentados dessa seita maldita que [illegible]

atrocidades espanta e horrorisa o mundo tendo por timbre de seu estandarte escripto em letras de fogo : A Destruição e a Morte.

O povo francez tem os olhos voltados para o egregio cidadão a quem estão confiados os destinos da patria e muito espera e confia na energia do insigne estadista que tão altas e significativas provas deu de seu alto valor e coragem quando no exercicio do cargo de Presidente do Conselho de Ministros e na occasião em que ali se tratava de decretar medidas de rigor para severamente reprimir e castigar os autores dos barbaros attentados de que foi theatro a Cidade de Pariz, respondeu ao Presidente Carnot nestas memoraveis palavras: « Mr. President — Il uy á pas des Lois de chasse par les bêtes faures » isto quando o primeiro magistrado da Nação com a gentileza de seu costume, dizia : Sim, mas é preciso que tudo se faça dentro dos limites das Leis.

IX

Marechal do Exercito Visconde de Beaurepaire

Na primeira hora da manhã do dia 19 de Julho proximo passado, após ligeira enfermidade desprendeu-se dos laços da vida na avançada idade de 82 annos, o nosso presadissimo consocio e 1.º vice-Presidente o Conselheiro de Estado e marechal do exercito Visconde de Beaurepaire, deixando de seus serviços a mais preclara memoria.

Esse illustrado brazileiro cujo nome fulgurará sempre com irresistivel brilho no pantheon das nossas maiores illustrações, pelo muito que se distinguio na carreira das armas e das lettras, nasceu a 12 de Maio do anno de 1812 no sitio denominado Sete Pontes da freguezia hoje villa de S. Gonçalo, do municipio de Nictheroy, antiga capital da provincia hoje Estado do Rio de Janeiro. Do assentamento de seu baptismo que teve lugar na capella Imperial do Rio de Janeiro, Cathedral desse arcebispado, vê-se que Henrique de Beaurepaire Rohan, era filho legitimo de

Jacques Antonio Mans, Conde de Beaurepaire e de sua consorte D. Maria Margarida Skeys de Rohan, Condessa do mesmo titulo, servindo de padrinho o Principe Real D. Pedro de Alcantara que depois foi o 1° Imperador do Brazil e madrinha S. M. a Rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon. Tanto pelo lado paterno como pelo materno descendia da mais elevada nobreza da França.

A seus illustres progenitores deveu elle a sua instrucção primaria. Seu pai ensinou-o a ler e sua mãi a escrever e tambem lhe foram communicadas por seu pai as primeiras noções de arithmetica, geometria e geographia e por sua mãe a grammatica elementar e o desenho.

Aos 9 de Junho de 1819 contando de idade 7 annos, por graça especial do rei D. João VI e em commemoração aos serviços de seu pai teve praça de cadete.

Proclamada a Independencia do Brazil, foi seu pae nomeado commandante militar das comarcas de Ilheus e Porto Seguro, na provincia da Bahia, cuja capital se achava então occupada pelas tropas portuguezas, e partio para assumir o seu commando a 28 de Janeiro de 1823. O joven Henrique de Beaurepaire foi por sua mãi collocado em um collegio francez, do qual era director Pedro Felix Mallet, onde estudou por tempo de um anno.

Aos 12 annos de idade foi, por portaria do ministerio da guerra de 23 de Abril do anno de 1824 nomeado para, na comarca de Porto Seguro, ser empregado como conviesse ao serviço publico. Partio para Caravellas com toda a sua familia e durante seis mezes que alli permaneceu, acompanhou seu pai a uma viagem á villa de Santa Cruz, tendo então occasião de ver e admirar a esplendida bahia onde, no dia 21 de Abril do anno de 1500 ancoraram as naus que compunham a armada, da qual era palinuro Pedro Alvares Cabral, que deu áquella enseada o significativo nome de Porto Seguro.

Por despacho do governador das armas da Bahia, fez passagem para o batalhão n. 15 de 1ª linha e mais tarde foi desligado desse batalhão por ter de acompanhar seu pai á provincia do Piauhy, que acabava de ser nomeado commandante das armas d'aquellla provincia.

Em 23 de Setembro de 1827 passou a pertencer ao corpo de artilheria de posição n. 9 de 1ª linha. Na qualidade de 1º cadete exerceu o logar de secretario do commando das armas do Pianhy, sendo promovido depois a 2º tenente, continuando n'esse emprego e no de ajudante de ordens do commando das armas.

Em 7 de Julho de 1831, deixou a cidade do Oeiras, capital do Pianhy, afim de vir matricular-se na Academia Militar d'esta capital onde chegou a 6 de Novembro, incorporando-se ao batalhão de officiaes soldados voluntarios da patria que acabava de ser organisado para auxiliar o governo da Regencia na manutenção da ordem publica alterada pela abdicação do imperador D. Pedro I.

Em 1892 matriculou-se na antiga Academia Militar. A 19 de Junho de 1835 foi promovido a 1º tenente do corpo de Ligeiros de Matto Grosso e promovido a capitão por decreto de 11 de Setembro de 1837 no mesmo corpo e a 11 de Dezembro teve passagem para o corpo de engenheiros.

Tendo concluido o curso de engenharia em 1837 com distincções plenas, foi praticar na provincia do Rio de Janeiro sob a direcção do sabio major Henrique Luiz da N. Bellegarde.

Por aviso de 28 de Março de 1838 foi em commissão á provincia da Bahia, cuja capital se achava em plena revolta, capitaneada pelo celebre Dr. Sabino. Antes de partir já a revolta tinha sido vencida pelo marechal Calado. Ao chegar á Bahia teve ordem do marechal Calado de levantar as plantas das posições occupadas pelo exercito, trabalho que executou e foi lithographado no Archivo Militar.

Recebendo ahi a triste nova do fallecimento de seu pai, teve licença para regressar á Côrte afim de tratar dos negocios de sua casa.

Lavrava no Sul do Imperio a guerra civil desde 1835, foi por aviso de 8 de Abril de 1839, nomeado para seguir em commissão activa para aquella provincia, para onde seguio em companhia do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, do general Manoel Jorge Rodrigues, depois 1º Barão de Taquary e do chefe de divisão João Pascoal Grisenfeld,

presidente da provincia, governador das armas e chefe de esquadra. Apenas chegou, foi encarregado de levantar a planta da cidade de Porto Alegre, e da inspecção das obras militares da mesma cidade. Por ordem de 17 de Dezembro de 1840 passou-se ao Quartel-General para desempenhar deveres inherentes á sua arma. Acompanhou o commandante em chefe do districto até ao acampamento do Passo de Jacuhy cuja planta levantou comprehendendo uma parte do rio de Jacuhy.

Por aviso de 10 de Janeiro de 1842, ficou á disposição da Illma. Camara Municipal da Côrte na qualidade de engenheiro das obras do Municipio Neutro até 1843 em que pedio a sua exoneração.

Por decreto de 7 de Setembro de 1842 foi promovido a major graduado e alcançou a effectividade em 2 de Janeiro de 1847.

Seguio para Matto Grosso e ahi foi encarregado de explorar o Baixo Paraguay. Regressando á Côrte para tratar-se de grave enfermidade publicou no *Jornal do Commercio* a relação de sua viagem pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina.

Em 1846 foi encarregado de traçar uma estrada entre Guarapuava e a margem esquerda do Paraná e de reconhecer se o Rio Iguassú era navegavel até sua confluencia com o Paraná.

Tendo sido eleito deputado supplente pela provincia de Matto Grosso, pedio dispensa da commissão. Não tomou assento na camara temporaria por ter-se apresentado o deputado eleito Dr. João Chrispiniano Soares.

Em 1848 seguio em serviço para provincia de São Paulo, ahi foi encarregado das obras da Casa de Correcção da capital da provincia. Em 1850 foi nomeado director da estrada entre S. Paulo e Santos, executou a abertura da nova picada do Peraequé na face oriental da serra de Cubatão. Por decreto de 13 de Julho de 1852 foi promovido a tenente coronel.

Em cumprimento de aviso do ministerio de guerra seguio para a nova provincia de Paraná, ahi explorou differentes pontos da serra do mar e levantou a planta da Estrada entre Corytiba e o littoral, e seguio logo para o

Campo das Palmas onde fez os reconhecimentos necessarios afim de solver duvidas relativas a estrada entre os rios Iguassú e Uruguay; no relatorio que apresentou deu sua opinião que foi acolhida pelo presidente d'aquella provincia. Por carta imperial de 27 Julho foi nomeado 2.° vice presidente da provincia do Paraná, de que prestou juramento e posse a 1° de Setembro, assumindo o governo e 6 mezes depois d'elle fez entrega ao presidense nomeado que foi o Conselheiro Padre Dr. Vicente Pires da Motta.

Por carta imperial de 4 de Abril foi nomeado presidente da provincia do Grão Pará e pelo decreto de 3 de Maio nomeado commandante das armas. A 29 do mesmo mez tomou parte de ambos os cargos e os exerceu até 27 de Outubro em que passou a administração da provincia ao Dr. João da Silva Carrão e o commando das armas ao coronel Francisco Xavier Torres. Por carta imperial de 3 de Setembro de 1857 foi nomeado presidente da provincia da Parahyba do Norte.

Antes de assumir o governo d'aquella provincia foi visitar o Rio Amazonas indo até a Cidade de Manáos onde demorou-se dois dias. A 9 de Dezembro de 1857 assumio o governo da Parahyba, recebendo-o das mãos do vice presidente Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

Por decreto de 2 de Dezembro de 1858 foi promovido a coronel por merecimento.

Exonerado a seu pedido do cargo de Presidente da Parahyba, passou a administração ao Exm. Sr. Dr. Ambrosio Leitão da Cunha, hoje Barão de Mamoré.

Regressando á Côrte foi logo nomeado director das obras militares da Côrte e 22 dias depois foi por ordem do ministro da justiça e conjunctamente com o brigadeiro Antonio Joaquim de Souza e o Coronel José da Victoria Soares de Andréa examinar a causa do desmoronamento das obras da casa de correcção.

A 11 de Abril de 1860 recebeu o titulo de bacharel em mathematicas pela Escola Central. Em 1861 passou das obras militares para a commissão de melhoramentos do material do exercito.

A 3 de Março de 1862 foi nomeado para em commissão ir a Fabrica da Polvora da Estrella investigar das causas da explosão que ali acabara de dar-se.

Em cumprimento da ordem do ministerio da guerra seguio para Ilha de Fernando de Noronha afim de estudar os meios de transformar aquelle Presidio em colonia agricola e penitenciaria, alli permaneceu um mez procedendo aos estudos, e apenas concluio-os recebeu nova commissão para ir examinar o littoral e fortalezas do Pará, Pernambuco, Bahia, cumprir a commissão e propor os melhoramentos de defesa que julgasse opportunos. Recolhendo-se á Côrte foi nomeado por aviso de 18 de Junho de 1864 presidente interino da commissão de melhoramentos de material do exercito.

Por decreto de 18 de Maio do mesmo anno, foi agraciado com o gráu de commendador da Imperial Ordem da Rosa e pelo de 29 de Julho, promovido ao posto de brigadeiro. No gabinete de 31 de Agosto de 1864 organisado e presidido pelo conselheiro Dr. Francisco José Furtado, foi o brigadeiro Henrique de Beaurepaire Rohan, nomeado por carta imperial d'esse dia, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, servindo esse honroso cargo até 12 de Janeiro de 1865, em que lhe foi concedida a demissão, sendo substituido pelo official general Visconde de Camamú.

A sua retirada dos conselhos da corôa foi occasionada por não terem os seus collegas acceito a sua proposta de ser o marquez, depois duque de Caxias nomeado commandante em chefe do exercito e presidente da provincia do Rio Grande do Sul. Não quizeram, por motivos politicos, que o marquez sendo conservador, fosse encarregado do governo civil d'aquella provincia. Ao entrar para a pasta da guerra foi-lhe expedida a carta de conselho de S. M. o Imperador.

Por decreto de 19 de Abril do mesmo anno foi elevado a commendador da ordem de S. Bento de Aviz, da qual já era ha muitos annos cavalleiro, e a 17 de Maio foi, por decreto d'essa data, nomeado director da Fabrica da Polvora.

A 7 de Julho foi nomeado guarda roupa da Imperial Camara de S. M. o Imperador.

Em 1 de Agosto, seguio em companhia de S. A. Real o Sr. Conde d'Eu para o Rio Grande do Sul, onde já se achava S. M. o Imperador, foi testemunha ocular da rendição de Uruguayana no dia 18 de Setembro, e por isso foi condecorado com a medalha de campanha.

De volta a esta capital assumio a direcção interina da Fabrica da Polvora.

A 23 de Novembro foi nomeado commandante do corpo de estado-maior de 2ª classe, e membro da Commissão Revisora de Legislação Militar pelo Aviso de 18 de Dezembro de 1865, tendo sido antes, a seu pedido, exonerado do cargo de director da Fabrica de Polvora.

Em 1866 foi nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco.

Pelos relevantes serviços que prestou á guerra do Paraguay foi agraciado, por decreto de 17 de Outubro do mesmo anno, dignitario da Imperial Ordem da Rosa.

Seguio para Pernambuco, assumio o commando das armas até 27 de Março de 1867 em que solicitou e obteve a sua exoneração. Em Maio de 1867 foi nomeado commandante do corpo de estado-maior de 2ª classe e no mesmo dia assumio o commando.

Por decreto de 7 de Julho de 1869 foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar e de Justiça.

Sem preterição das funcções militares que estavam a seu cargo, foi, pelo aviso de 23 de Julho de 1873 encarregado de examinar o serviço da commissão da carta geral do Brazil, e pela portaria de 29 de Novembro do mesmo anno, foi, pelo ministerio da guerra, louvado pelo zelo e dedicação com que se houve no desempenho da commissão encarregada de apresentar um plano para o novo Arsenal de Guerra.

Nomeado em 1874 presidente do conselho de compras do Arsenal de Guerra, continuou no exercicio do commando do corpo de estado-maior de 2ª classe.

Por decreto de 10 de Junho de 1874 foi promovido ao posto de marechal de campo graduado, e pelo de 1 de Julho do mesmo anno, condecorado com a commenda da Ordem de Christo em remuneração dos relevantes

serviços prestados por occasião da exposição universal de Vienna d'Austria.

Aos 10 de Dezembro do mesmo anno, baixou o aviso do ministerio da agricultura e obras publicas nomeando-o chefe da commissão do levantamento da carta geral do Brazil, cargo que exerceu até o anno de 1878, em que por motivos de economia foi extincta essa commissão que tão bons serviços prestou.

Teve a effectividade do posto de marechal de campo e a nomeação de conselheiro da guerra por decreto de 18 de Junho de 1876 e pelo de 13 de Julho de 1878 foi nomeado veador de S. M. a Imperatriz.

Nesse mesmo anno foi pela portaria de 8 de Agosto dispensado a seu pedido do cargo de presidente do conselho de compras, sendo que por aviso da mesma data manifestou-lhe o governo o alto apreço em que eram tidos os bons serviços que com zelo e intelligencia prestou ao paiz.

A 27 de Janeiro de 1880 baixou o Imperial decreto pelo qual foi promovido a tenente general e no 1.° de Setembro outro, agraciando-o com a Gran Cruz da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Tendo o governo imperial creado em 21 de Dezembro de 1881 conferencias sobre historia e geographia do Brazil, foi o tenente-general Henrique de Beaurepaire Rohan eleito para o cargo de presidente.

Para servir na commissão de promoção foi nomeado por portaria de 13 de Maio de 1883 e della dispensado pelo aviso de 14 de Janeiro de 1885, de conformidade com o disposto no art. 5.° de Lei n. 2 991 de 21 Setembro de 1870, e em portaria de 7 de Outubro foi novamente nomeado para servir na mesma commissão durante o impedimento do finado marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Em 28 de Outubro de 1886 foi dispensado nos termos da já citada lei n. 2991. Pelo imperial decreto de 4 de Dezembro d'esse anno foi nomeado conselheiro d'estado e pelo de 13 de Junho de 1888 teve a mercê do titulo de 1.° Visconde de Beaurepaire com honras de grandeza. Presidente do conselho de compras da Intendencia de Guerra por portaria de 31 de Dezembro de 1888.

A 14 de Janeiro de 1890 foi designado para fazer parte da commissão organisadora do Codigo Militar Penal e do Processo, redigido de accordo com os principios modernos de direito e conforme ao estado de civilisação a que se tem attingido.

Esse trabalho foi apresentado ao governo, seu voto foi contra a pena de morte.

Por effeito da reforma compulsoria foi reformado no elevado posto de marechal do exercito por decreto de 30 de Janeiro do mesmo anno, e pelo de 28 foi exonerado a seu pedido do cargo de presidente do conselho de compras da Intendencia de Guerra.

Aos 22 de Julho de 1893 foi nomeado por decreto dessa data ministro do Supremo Tribunal Militar.

Os postos que subio na carreira militar, as distincções honorificas que lhe foram concedidas obteve-as unicamente pelo seu real merecimento e relevantes serviços.

Nos dominios da litteratura seu nome é vantajosamente conhecido pelos trabalhos que deu á luz da publicidade e grande parte delles honram as paginas da *Revista Trimensal* d'este Instituto e foi por esses seus trabalhos que teve ingresso n'esta illustre associação no anno de 1847. Fez parte de differentes commissões, e ha muitos annos honrava com seus talentos e prestigio a cadeira de 1.° vice-presidente

Apezar do cansaço dos annos, sempre era assiduo às sessões e se algum motivo o impossibilitava de comparecer justificava-o por meio de carta.

A' instrucção publica prestou relevantes serviços. Em S. Paulo exerceu por vezes o lugar de professor e examinador de historia, geographia e geometria, annexas a Faculdade de Direito, e nesta capital presidio por vezes as mesas examinadoras na directoria de Instrucção Publica.

Por sua vasta illustração e saber o Visconde de Beaurepaire Rohan foi socio honorario e 1.° vice-presidente d'este Instituto Historico e socio do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, do Club Litterato Curytibano, da Sociedade Auxiliadora da Industria

Nacional, da Sociedade Academica Franco Hespano Portugueza de Tolosa, Delegado no Brazil da Sociedade Indo Chineza de Pariz, membro correspondente do Museu Nacional, da Sociedade de Acclimação de França, do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco, da Sociedade Geographica de Lisboa, do Instituto Fluminense de Agricultura, socio protector do Congresso Humanitario Ferreira Vianna, da Associação Promotora da Instrucção, socio effectivo da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, socio fundador e vice-presidente da Associação Protectora da Infancia Desamparada, socio benemerito da Confederação Abolicionista, da Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro, da Acclimação Brazileira, do Saneamento da Capital do Brazil, do Ensaio philosophico Paulistano, do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro e do Instituto Historico de Goyana.

Aos serviços que prestou nos longos dias de sua preciosa existencia em que revelou acendrado patriotismo, cumpre não olvidar a parte activa que tomou na propaganda da libertação do elemento servil, tendo muito antes pelos dotes de seu coração no anno de 1839 restituido á iberdade quatro escravos que lhe couberam em partilha. Seu mais ardente desejo era ver desapparecer essa mancha negra das paginas da historia contemporanea. Escreveu innumeros artigos em prol da liberdade da escravatura e teve o gosto de ver realizados os seus mais ardentes desejos no dia 13 de Maio de 1888, em que baixou o imperial decreto extinguindo a escravidão na terra de Santa Cruz.

X

Conselheiro Dr. Nicoláo Joaquim Moreira

Mais um cidadão illustre desappareceu do numero dos vivos para abrigar-se á sombra da justiça de Deus e esse foi o conselheiro Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, que nasceu nesta capital federal a 10 de Janeiro de 1824. Do assentamento do seu baptismo que teve lugar no mesmo

anno na parochia e antiga igreja de Santa Anna, vê-se ser elle filho legitimo de Nicoláo Joaquim Moreira e D. Carlota Maria Gonçalves Moreira. Desde a idade de 7 annos se mostrou dedicado aos estudos primarios, e aos 16 annos já tendo o curso de preparatorios que fez no Seminario Episcopal de S. José, matriculou-se na Escola de Medicina, por ser a profissão que desejava seguir.

Na Escola de Medicina foi desde logo mostrando-se applicado e talentoso; no 1° anno foi approvado unanimemente, no 2° obteve distincção, no 3° e 4° com a nota de simplesmente, no 5° e 6° approvado com distincção e no exame de clinica que fez a 18 de Novembro de 1847 foi aprovado com laude. Aos 4 de Dezembro do mesmo anno defendeu these e foi approvado com laude dissertando sobre a Escarlatina. Foram os arguentes da these o conselheiro Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, presidente, o conselheiro Dr. João José de Carvalho, Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire e o Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano. Aos 20 de Dezembro de 1847 recebeu o gráu de doutor em medicina na augusta presença de Sua Magestade Imperador o Sr. D. Pedro II.

Começou a exercer a sua nobre profissão, e facil lhe foi angariar vasta clinica pelo zelo e dedicação e presteza com que acudia a todos os chamados. Fiel ao juramento de seu gráu prestava-se da melhor boa vontade em acudir aos pobres e aos desvalidos e muitas vezes além do serviço pessoal que fazia sem exigir a minima paga, soccorria-os com os remedios e dieta, seguindo o exemplo do venerando Dr. João Alves Carneiro, que naquelle mesmo bairro da Saude deixou eterna e saudosa memoria nos actos de caridade que praticou nos dias de sua vida. O Dr. Nicoláu Joaquim Moreira prestou aos pobres os mais importantes serviços nas invasões da epidemia do cholera e da febre amarella que assolou esta capital no anno de 1850 e 1856.

Por sua extrema dedicação e rasgos de generosidade captou sinceras amisades e profundas sympathias.

Pelo voto popular foi juiz de paz e eleitor de sua parochia e vereador da Illma. Camara Municipal desta capital.

No principio do governo do Exm. Sr. marechal Floriano Peixoto foi nomeado presidente da Intendencia Municipal desta cidade que mais tarde resignou.

Por sua rara actividade foi nomeado membro das Commissões das Exposições industriaes que se realizaram nesta capital, as quaes prestou valiosos serviços com o concurso de seu saber e experiencia.

Fez parte da commissão que representou o Brazil na Exposição de Philadelphia.

Ha muitos annos servio na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, da qual era presidente e principal redactor do *Auxiliador da Industria Nacional*, membro do conselho da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, vice-presidente e director em chefe da *Revista da Associação Brazileira de Acclimação*, Membro titular e thesoureiro da Imperial Academia de Medicina, hoje Academia Nacional de Medicina, membro do conselho do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e redactor da *Revista Agricola* dessa Associação, membro correspondente d'este Instituto Historico desde 1871 passando á classe dos effectivos pela reforma de estatutos. Foi por muitos annos membro da commissão de pesquizas de manuscriptos e documentos.

Em premio de seus serviços foi agraciado com o gráu de cavalleiro da ordem de Christo e com a commenda da Imperial Ordem da Rosa e com o titulo de conselho de S. M. o Imperador e era cavalleiro da Ordem da Legião de Honra da França.

O conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira, servio ao seu paiz com o maior patriotismo e dedicação. Era ha muitos annos enthusiasta das idéas republicanas.

XI

Octaviano de Toledo

Ao 1° orgão do commercio d'esta capital, transmittio o seu correspondente da cidade de Uberaba a triste nova do passamento do nosso estimado consocio Octaviano de

Toledo, que a 23 de Setembro do corrente anno exhalou os derradeiros alentos, no Arraial da Conceição de Araxá, no Estado de Minas Geraes, em cuja cidade nasceu a 20 de Dezembro de 1863, tendo por seus legitimos progenitores o capitão Antonio Augusto de Toledo e sua consorte D. Thomasia Augusta de Toledo. Cursou com brilhantismo as aulas publicas em sua cidade natal, distinguindo-se nos estudos das linguas latina e franceza. Aos 16 annos de idade seguio para Uberaba a unir-se a seu irmão Laffayete de Toledo, que para alli fôra no anno anterior, empregando-se ambos no commercio.

Por seu pendor aos estudos, frequentou a Escola Normal, tendo antes particularmente estudado alguns preparatorios. Dedicando-se ao jornalismo escreveu artigos no *Volutivo* de que seu irmão era redactor, no *Caipira*, *Paladino* e outros jornaes. De Uberaba seguio para Dores do Atterrado onde permaneceu até 1887 redigindo a *Gazetinha Mineira*. Volvendo ao Araxá, constituio-se collaborador assiduo da *Gazeta de Uberaba*, notando-se-lhe então um estylo primoroso a par do muito senso e fundo scientifico.

Fallecendo sua extremosa mãi no anno de 1891, mudou-se para o Arraial da Conceição do Araxá, onde terminou a sua missão no mundo, victimado pela « Influenza » e no estado de solteiro.

Noticiando a sua morte, disse a *Guzeta de Uberaba*:

« Octaviano de Toledo, o honrado e conhecido nome que epigrapha esta despretenciosa noticia, prende-se ainda á nova geração dos homens de talento, que abrilhantaram a litteratura de Minas Geraes.

A mysteriosa mão do fado separou-o d'entre os vivos para o sarcophago dos homens illustres.

Agora, na verdadeira idade em que a razão escreve reflectidamente, que falla com acerto e observa com paciencia, é que a morte fel-o transportar ás regiões invisiveis da natureza, onde o seu espirito lucido por certo irá fulgurar com maior brilhantismo.

Moço, muito moço ainda, pois apenas contava trinta dezembros, deixou em cada coração amigo uma saudade, em cada admirador uma grata recordação, pelas finissimas

qualidades que tinha, pelo caracter elevado e distincto que o ornava, pelas idéas que defendia com ardor e a pericia com que captivava as mais preciosas sympathias.

Collaborador assiduo que foi d'esta folha, onde assignalou sempre com criterio uma orientação aproveitavel em prol das causas que sabia defender, soube conquistar um nome modesto com a sua penna mimosa n'um estylo admiravel.

Varios jornaes do Estado, souberam tambem aproveitar as fagulhas da sua intelligencia publicando seus trabalhos, que revelavam sempre um estudo perfeito, uma escola original.»

O Instituto Historico Geographico Brazileiro conferio-lhe, em 1892, o titulo de seu socio correspondente, pelo merito da *Noticia Historica e Geographica do Araxá*, anotada por seu illustrado irmão o Sr. Laffayete de Toledo, tambem socio correspondente d'este Instituto, sendo o 1° signatario de suas admissões o nosso pranteado 1° vice-presidente o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan.

XII

Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga

No dia 5 de Outubro proximo passado pelas 4 horas da tarde soou na pendula da eternidade o derradeiro instante da vida do nosso prezadissimo consocio o muito illustre conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga, laureado professor jubilado de physica experimental da Escola Polytechnica, onde se notabilisou por sua proficiencia n'essa especialidade scientifica. Este illustrado brazileiro cuja perda lamentamos na effusão do mais profundo sentimento, teve por berço de seu nascimento a cidade de S. Salvador, capital da Provincia e hoje Estado da Bahia, tendo aberto os olhos á luz do mundo no dia 3 de Outubro do anno de 1829. Era filho de João Gomes de Souza e de D. Maria Clara de Jesus Pitanga.

Aos 18 annos de idade e já habilitado com os estudos de preparatorios que fez em sua terra natal veio para o Rio de Janeiro e no anno de 1848, matriculou-se na Escola Militar.

Durante todo tempo que cursou as aulas conquistou sempre as melhores notas e o primeiro gráo nas notas de aproveitamento, não só por sua dedicação aos estudos como por seu exemplar comportamento.

Completando o curso de engenharia recebeu o gráu de bacharel em mathematica em 1854.

Ainda estudante foram-lhe concedidas as honras de 1° cadete, e esta distincção mereceu-a pelo brilhante exame que fez em presença do conselheiro d'Estado, Marquez de Monte Alegre, presidente do conselho de ministros e ministro e secretario dos negocios do Imperio.

Apenas recebeu gráu scientifico o governo imperial confiou-lhe uma commissão que tinha por fim a exploração dos rios Tybagi, Paranapanema, Serinhaem, Brilhante, Nioac e outros, e proceder aos estudos para poder conhecer se as suas condições de navegabilidade e estabelecer-se a communicação com a então provincia de Matto Grosso para o litoral do Paraná. Ao regressar em 1856 d'essa commissão que executou com zelo e pericia, foi pelo governo imperial louvado e condecorado, ulteriormente promovido a capitão de engenheiros.

Nesse mesmo anno de 1856 foi nomeado expositor da Escola Central e assim encetou a sua carreira no magisterio, consagrando a essa honrosa e nobre missão toda a sua actividade intellectual e na qual conquistou com os fulgores de seu luminoso talento honroso, renome entre os educadores da mocidade como abalisado mestre de vasta pleiade de engenheiros que cursaram as Escolas Central e Polytechnica e muitos dos quaes vivem e choram hoje com magoada saudade a morte do seu mestre.

Encarregado pelo Dr. João Silveira de Souza, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros do gabinete de 3 de Agosto de 1866 quando acabava de regressar da commissão de que fôra incumbido na provincia do Maranhão e da qual dera satisfactoria conta, para chefe da commissão de limites entre o Brazil e Republica

da Bolivia para onde partio e algum tempo depois foi chamado ao Rio de Janeiro pelo gabinete presidido pelo conselheiro d'Estado Visconde de Itaborahy por julgar necessario seus serviços no professorado. Foi então nomeado lente Cathedratico da então Escola Central e assim investido do gráu de Doutor nas sciencias de Euclides.

Na cadeira de physica experimental que com inexcedivel brilho regeu na Escola Central e Polytechnica desde a sua criação no anno de 1874, o Dr. Epifanio Candido de Souza Pitanga notabilisou-se n'essa especialidade scientifica. Em 1875 o governo imperial, convicto de seu merito e proficiencia nomeou-o para ir em commissão a Europa afim de ali estudar os ultimos progressos da sciencias physicas, justamente na occasião em que assombravam o mundo as maravilhosas descobertas da electricidade e especialmente onde Edison chamava a attenção do mundo scientifico.

Coube ao nosso illustrado consocio a gloria de ser o primeiro que por cartas que dirigio a redacção do *Jornal do Commercio* popularisou entre nós o telephone, o phonographo e outros inventos hoje tão apreciados e uteis.

Durante a sua longa carreira do magisterio teve a grata satisfação de ver a muitos de seus talentosos discipulos occupando posições elevadissimas na politica, na engenharia, na industria e no professorado.

Por differentes vezes occupou o cargo de director da Escola Polytechnica já como decano do corpo docente daquella illustre corporação e já na qualidade de effectivo na proclamação da Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil.

Collaborou em um periodico para a confecção do Codigo das disposições communs dos Institutos do ensino superior ora vigentes e nos projectos de reforma da Escola Polytechnica sujeitos ao estudo e apreciação do governo.

Por sua excessiva amabilidade, cavalherismo recebeu durante o tempo que exerceu o cargo de Director da Escola as mais altas e significativas provas de respeito, consideração e apreço, quer do corpo decente, quer dos alumnos, pelos muitos e reaes serviços que prestou em

seu proficuo magisterio, e por elles foi agraciado com o titulo de conselho de S. M o Imperador.

Em 1861 unia-se pelos sagrados laços do matrimonio á Exma Sra. D. Marianna dos Santos Machado, filha do respeitavel ancião o finado Pedro de Alcantara Machado, que foi em mais de uma legislatura deputado por Minas Geraes e Director do Banco Agricola fundado em 1863.

O conselheiro Epiphanio Candido de Souza Pitanga aos titulos de saber que tanto o elevaram, tinha o raro dom de angariar a amisade e sympathias por seu modo delicado, ameno e attencioso, foi altamente considerado em nossa sociedade, que guardará de sua memoria saudosa e eterna recordação.

Era socio correspondente deste Instituto Historico Geographico Brazileiro desde o anno de 1867, passando pela reforma dos Estatutos de 1891 a classe dos effectivos, fazendo parte de varias commissões e se não foi dos mais assiduos a frequentar as nossas sessões, a causa disto era a gravissima enfermidade que longos annos padecia, da qual resultou-lhe a morte.

Era tambem membro de diversas associações scientificas tanto nacionaes como estrangeiras, occupou o logar de presidente do Instituto Polytechnico Brazileiro e fez epoca nas lutas da imprensa collaborando em Jornaes e Revistas e manteve activa correspondencia com as Aguias scientificas do velho mundo.

No santuario da familia foi chefe exemplar, desvelado esposo e carinhoso pai, desappareceu do scenario da vida para surgir no proscenio da historia que transmitriá seu nome e seus feitos ás novas gerações.

SESSÃO DE ELEIÇÃO DA MESA E COMMISSÕES PARA O ANNO DE 1895

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

Aos vinte e oito de Dezembro de mil oito centos e noventa e quatro, ás 7 horas da noite, presentes os socios Srs: General João Severiano, Henrique Raffard, Commendadores Luiz Alves e Xavier da Motta, Conselheiro Alencar Araripe, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Drs. Castro Carreira e Ramiz Galvão, Commendador Gomes Brandão, Capitão de Fragata Garcez Palha e Capitão Tenente Indio do Brazil, foi pelo Sr. Presidente aberta a sessão em Assembléa Geral para a eleição da mesa e das commissões, que deverão servir no anno de 1895, sendo esta a 2.ª convocação, por não ter comparecido o numero legal de 21 socios, na 1.ª, marcada para o dia 21 do corrente, na forma dos Estatutos.

Procedendo-se a votação foram eleitos:

PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro.

1.º VICE-PRESIDENTE

General João Severiano da Fonseca.

2.º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

3.º VICE-PRESIDENTE

Marquez de Paranaguá.

1.º SECRETARIO

Henrique Raffard.

2.° SECRETARIO

Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt.

1.° SECRETARIO SUPPLENTE

Major Joaquim José Gomes da Silva Neto.

2.° SECRETARIO SUPPLENTE

Commendador João Xavier da Motta.

ORADOR

Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador José Luiz Alves.
Dr. Liberato de Castro Carreira.
Commendador Antonio José Gomes Brandão.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Conselheiro Tristão do Alencar Araripe.
Henrique Raffard.
Barão Homem de Mello.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Capitão Tenente Arthur Indio do Brazil.

COMMISSÃO DE HISTORIA

General João Severiano da Fonseca.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Major Joaquim José Gomes da Silva Neto.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Marquez de Paranaguá.
Barão Homem de Mello.
Barão de Capanema.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça.
Conselheiro Ovidio Fernando Trigo de Loureiro.
Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA E ARCHEOLOGIA

Dr. Luiz Cruls.
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.
Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS

Commendador Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. José Hygino Duarte Pereira.

COMMISSÃO DE BIOGRAPHIAS

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.
Commendador José Luiz Alves.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Barão de Alencar.
Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.

RELAÇÃO DAS OFFERTAS

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 24 DE MAIO DE 1894

Pela Geographische Verein in Finland *Vetenskapliga Medde landen of Geographiska Föraningen i Finland.* 1892—93; pelo The National Geographic Magasine, *Shawangunk Mountain by N. H. Darton*; pelo Archivo do Districto Federal, *Tiradentes*, supplemento historico; pela Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlim, *Bolletins* ns. 2 e 3; pela *Revue Medico-Cirurgicale du Brèsil*, *Boletins*, ns. 2 e 3; pela Société de géographie commerciale de Bordeaux, *Boletins*, ns. 5 e 6; pelo Observatario astronomico nacional de Tacubaya, *Boletim* n. 16; pela Repartição do correio, *Boletim Postal*, ns. 2 e 4.

Pelas redacções: *Revista de educação e ensino*, do Estado do Pará, n. 2; *Diario Official, Diario Popular, Nouveau Monde, Minas-Geraes, Gazeta de Alemquer, Estrella, Papel y Prensa.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 18 DE MAIO DE 1894

Pelo Archivo do Estado de São-Paulo a *Bernarda de Francisco Ignacio*; pelo autor F. B. Marques Pinheiro o seu livro *Hospital dos Lazaros*; pelo autor Tancredo do Amaral *Geographia Elementar*; pelos editores Hachette & C· de Pariz, o 75°. fasciculo do *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*; pelo autor A. Biolchini, prospecto da *Grammatica descriptiva da lingua italiana*;

pela Société de géographie de Paris, *Comptes rendus des scéances*, n. 6; pela Real Academia de la Historia de Madrid seu *Boletim* n. 4; pela Sociedad Geografica de Madrid seus *Boletins* ns. 4, 5 e 6; pela Alfandega do Rio de Janeiro *Boletins*, ns. 1 e 2; pelo Archivo do Districto Federal, *Registro do alvará de privilegios que gozam os cidadãos e moradores d'esta cidade*; pelo Sr. deputado Lima Bacury por intermedio do consocio Dr. Cesar Augusto Marques, *Movimentos revolucionarios de 30 de Dezembro de 1892 e de 26 e 27 de Fevereiro de 1893*, e *Conservação do leite de seringueira, pelo sistema Torres*; pelo consocio Damasceno Vieira, a sua poezia *Crença*.

Pelas redacções: *Revista Pedagogica*, ns.31, 32 e 33; e *Revue Medico Chirurgicale du Brésil*, n. 4; *Nouveau Monde*, *Diario Official*, *Diario Popular*, *Estrella*.

Pelo autor Dr. Estevam Leão Burroul o seu livro *Esboço geographico por um amigo e collega*; pela directoria do Observatorio do Rio de Janeiro 26 exemplares do *Relatorio* da commissão exploradora do planalto central do Brazil.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 1 DE JUNHO DE 1894

Pelo governador do Estado da Bahia, *Memoir of State of Bahia*; pelo autor Dr. Domingos Jaguaribe, seu livro *Brazil ou o Estado do Ceará*, 3 exemplares; pelo consocio Dr. Ireneo Joffily, *Sinopsis das sesmarias da capitania da Parahiba*; pelo Canadian Institute, suas *Transactions* e *Seventh annual Report*; pela Société de géographie commerciale de Bordeaux, *Boletim*, n. 7; pela American geographical Society, *Boletins*, ns. 1 e 4; pela Societá geografica Italiana, *Boletim*, n. 7; pela Sociedade de geographia de Lisboa, *Boletins*, ns. 1-2 e 11-12; pela Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, *Zeitschrift*, n. 1 e *Vernhandlingen*, n. 4; pelas redacções: *Revista Academica da faculdade de Direito do Recife*, anno III; *Revista Industrial de Minas-Geraes*, n. 7; *Revista de educação e ensino do Pará*, n. 3;

Minerva, revista scientifica do Mexico, n. 1; *Diario Official, Nouveau Monde, Diario Popular, Estrella. Boletim Postal do Brazil*, n. 5, Maio de 1894, VI anno.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 15 JUNHO DE 1894

Pelo consocio Dr. João Barbosa Rodrigues, *Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro*; pelo Archivo do Districto Federal, *Registro da provisão do governador Pero de Mello*; pela Université Royale de Norvege, *Besckrivelse of en Raekke norsk- Bergarter*; pelos autores A. Stübel e M. Hule, *The ruins of Tiahuanaco*; pelos livreiros Hachette & C. o 76° fasciculo do seu *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*; pela Manchester Literary and Philosophical Society, suas *Memoirs and Proceeding*; pelo Public Museum of the city of Milwankee seu *Eleventh annual report*; pelo Gymnasio Nacional, *Discurso* proferido na solemnidade da distribuição dos premios etc; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim*, n. 5; pela Société commerciale du Havre, *Boletim*, Maio-Abril-94; pela Société de géographie commerciale de Bordeaux, *Boletim*, n. 9; pelo National Geographic Magazine of Washington, *Boletins*, ns. 5 e 6; pela Société de géographie de Pariz, *Compte rendus des séances*, ns. 7, 8 e 9; pela Societá geographica Italiana, *Boletim*, n. 8; pela Commissão geographica e geologica do Estado de Minas-Geraes, *Boletim*, n. 1; pela Sociedad geographica de Madrid, *Boletins*, ns. 1, 2, 3 4; pela Société Imperiale de Russie, *Boletim*, n. 6; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, n. 3; pelas redacções: *Revista de la Associon rural del Uruguay*; *Nouveau Monde, Diario Popular, Estrella.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 28 DE JUNHO DE 1894

Pelo consocio Dr. Antonio Pimentel seo livro: *Nova capital federal e o planalto central do Brazil*; pelo autor Dr. Theodoro Sampaio Campos do Jordão: *Na*

Serra da Mantiqueira, Notas de viagens; pelo Dr. Max Freiher von Oppenheim seu livro *Bericht uber seine reise durch die Syrische Wüste nach mosul*; pela *Societé Imperiale Russe de Géographie, Boletim* n. 1; pela *Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, Boletim* n. 5; pelo Instituto de Ingenieros de Santiago de Chile, *Anales*, n. 5; pela Société de géographie de Pariz, *Bulletins*, ns. 10 e 11, pela Revista geografica Italiana *Boletim*, n. 3; pelas redacções: *Revue Medico Chirurgicale du Brésil*, n. 5; *Oriente, Revista Trimensal de Roma*, n. 2; *Diario Official, Nouveau Monde, Diario Popular, Gazeta de Alemquer, Estrella, Tempo, Trabalho.*

A Exma. Sra. Baroneza de Sobral, acquiescendo ao pedido do Presidente do Instituto, offerece um trabalho manuscripto de seu fallecido marido, o Barão do mesmo titulo; desejando entretanto que por algum tempo se conserve em reserva o dito trabalho. Respondeu-se agradecendo a importante offerta, e assegurando que será cumprida a recommendação da offertante.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 13 DE JULHO DE 1894

Pelo socio Dr. Sacramento Blake; *Ordens religiosas. Sermão de S. Bento*, pregado na igreja do respectivo mosteiro pelo Dr. Joaquim do Monte-Carmello; *Discurso* proferido na inauguração do retrato do finado lente Dr. José Rubino de Oliveira por Alcantara Machado; *Prismas. Miscelanea literaria*, por Scipião Jucá; Presidencia do Barão Homem de Mello na Bahia. Excursões administrativas; *Annotações da lei n. 3028 de 8 de Janeiro de 1881*, pelo Dr. Francisco Gomes Parente; *Da Pharmacia no Brazil e de seu exercicio*, por Euzebio de Almeida Martins Costa; *Recurso de graça segundo a legislação brazileira*, pelo Dr. A. H. de Souza Bandeira; *Sistema eleitoral da Constituição do Imperio do Brazil*, pelo Dezembargador Joaquim Rodrigues de Souza; *Estudo de algumas questões constitucionaes*, por Hermenegildo Militão de Almeida; *Resposta* do discurso pronunciado

no senado pelo Sr. Conselheiro Affonso Celso, acerca da planta cadastral do Rio de Janeiro, por Augusto Fomm Junior; *Discursos* proferidos na camara dos Srs. deputados nas sessões de 1879 e 1880 por Candido Luiz Maria de Oliveira; pelo Dr. E· Goeldi : *Monographias Brazileiras*. I. *Os mamiferos do Brazil*; pelo Dr. Joaquim de Toledo Pisa e Almeida para serem destribuidos entre os socios alguns exemplares da *Carta de Despedida* do bispo D. José Pereira da Silva Barros; pelo Archivo do Estado de São-Paulo, *Actas* das sessões do Governo Provisorio do Estado de São-Paulo em 1821 e 1822; pelo Ministro de negocios da fazenda, *Relatorio do Tribunal de Contas em* 1894; pela universidade de Santiago, *Annales* de Abril e Maio de 1894: pela Société Imperiales des Naturalistes de Moscou, *Boletins*, ns.1 e 4; pelo autor advogado Francisco P. Contigge, *Jiurisprudenza Internazionale*, fasciculos I a XII; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletins*, ns. 6 a 12; pelo The National Geography Magazin, vol. VI para 23 Maio 1894 ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim*, Maio 1894; pela Societé de géographie de Paris, *Bulletin*, 4.° trimestre, 1893, *Comptes rendus*, 1894, ns. 12 e 13; pela Academia delle scienze fisiche matematiche de Napoli, fasciculo para Março e Maio 1894 ; pela Academia Pontificial de Muorihuicei sessão de 21 de Febraio de 1891 a 20 de Marzo de 1892 e 24 de Aprile de 1892 a 15 de Maggio de 1892; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim* de 2 de Julho de 1894; pelas respectivas redações: *Revista Industrial de Minas-Geraes*, *Club Curitibano*, *Estrella*, *Nouveau Monde*, *Diario Popular e Tempo*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 3 DE AGOSTO DE 1894

Pelo socio Dr. Sacramento Blake : *Les Curiosités de l'Exposion universelle*, por M. Hippolite Gautier; *Compendio historico sobre os costumes dos Romanos*, por Joaquim Lopes Carreira de Mello; *Hygiene para uzo dos mestres escolas*, pelo Dr. Gallard; *La Tour Eiffel*, por Gaston

Tissandier; *Les avantages de la vaccination animale*, pelo Dr. Cintra; *A travessia e exploração geographica do continente africano*, por Capello e Ivens; *Agricultura em Minas*, pelo Desembargador Joaquim Caetano da Silva Guimarães; *Considerações geraes sobre a provincia do Ceará*, pelo Dr. Alipio Luiz Pereira da Silva; *Reorganisação naval, um assumpto opportuno*, pelo 1° Tenente João Augusto dos Santos Porto; *Politica monarchica*, por Antonio de Souza Pinto; *Banco do Commercio*. Analyse do accordão do Tribunal da Relação, pelo Dr. João Baptista Pereira; *Banco do Commercio*. Sua iniação, fundação e installação, por Manoel José Soares; *Elemento servil*, discurso do deputado Moreira de Barros; *Condição actual dos escravos*, pelo Dr. João Baptista Pereira; *O ex-inspector das obras publicas da côrte e o accidente do reservatorio D. Pedro II*, por Jeronimo Rodrigues de Moraes Jardim; *Elogio historico* do Dr. José Albino de Oliveira, pelo Dr. Aureliano de Souza Oliveira Coutinho; *Assembléa Provincial da Bahia*, discurso do Dr. Joaquim Ignacio Tosta; *Portarias da directoria geral das obras publicas*, colligidas por Egidio Ribeiro de Andrade; pela Secretaria da camara dos deputados: *Annaes* da camara dos deputados de Abril a Setembro de 1893, 5 vols; pelo professor Raimundo Cyriaco Alves da Cunha, *Pequena Geographia da provincia do Pará*; pelo Dr. Satiro de Oliveira Dias, *Relatorio sobre a instrucção publica do Estado da Bahia*; por Lafayette de Toledo, *Indice dos decretos, leis, regulamento*, publicados pelo *Diario Official* do Estado de São-Paulo; por Luiz Roussellet, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, 77° fasciculo; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, ns. 9 e 7; *Zoologia*, Res. n. 1; *Schriften der Phisikalisch-Oknomischen Gesellschaft* 1893; pela *Academia Pontificia dei Nuovi de Lincei Atti*: Abril a Julho de 1893, 3 folhetos; pela redacção: *Revista* de educação e ensino do Pará, Abril e Maio de 1894; *Progresso Educador*, ns. 1 e 2 em 1 folheto; pela Sociedade de geographia de Lisboa, *Boletim*, ns. 3 e 4, 1894; pela Sociedade de geographia do Havre, *Boletim*, Maio e Junho de 1894-em 1 vol; pela redacção: *Revista Pedagogica*, ns. 34, 35 e 36-em 1 vol; *Revista*

Medico-Chirurgicale du Brésil, n. 6; *Revista da Associacion Rural del Uruguay*, de Julho de 1894; *Nerhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 6; *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 2; pelo Dr. Marques Pinheiro, *Relatorio* da irmandade do Sacramento da freguezia da Candelaria; pelas redacções; *Tempo, Diario Popular, Diario Official do Amazonas, Estado de Minas, Estrella, Nouveau Monde, Soldado.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 19 AGOSTO DE 1894

Pela Sociedade de geographia de Genova, o jornal geographico *Le Globe;* pela Sociedade geographica Italiana, *Boletim*; pela Sociedade de geographia commercial de Bordeaux, *Boletim*; pela Sociedade geographica de Madrid, *Boletim*; pela Sociedade Imperial Russa de Geographia, *Boletim*; pela Directoria geral dos correios, *Boletim Postal*, ns. 6 e 7; pela Universidade da Republica do Chile, *Anales*, tomos 87 a 89; pelo Instituto de Ingenieros do Chile, *Anales*; pela Real Academia dei Lincei, *Atti*; pelo Archivo dos Açores, *Historia Açoriana*; pelo Instituto geographico e historico da Bahia, *Estatutos*; pelas redacções: *Revue Medico Chirurgia e du Brésil*, n. 7, 2° anno, Julho de 1894, *Revista de educação e ensino*, *Revista da Commissão technica consultiva*, *Progresso Educador*, n. 3, e os jornaes, *Diario Popular, Tempo, Estrella, Estado de Minas, Diario Official do Amazonas, Gazeta de Alemquer, Noveau-Monde*; por Zurgeneigten Bresprechung, *Altas portatil* de Justus Perthes; pelo socio Dr. Cesar Augusto Marques, uma moeda da Republica Argentina, para o muzeo do Instituto; pelo socio Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, *Regulamento interno do Asylo de Santa Leopoldina*, *Breve noticia* sobre este util e pio estabelecimento, *Relatorio* do Asylo de Santa Leopoldina de 3 de Março de 1889, *Relatorio* do Asylo de Santa Leopoldina de 1 de Março de 1891, *Relatorio* do Asylo de Santa Leopoldina de 5 de Fevereiro de 1893,

Compromisso da irmandade de S. Vicente de Paula administradora do Asylo de Santa Leopoldina; pelo socio Commendador Xavier da Motta, Apontamentos sobre o Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, *Diabruras, santidades, e professias*; *Breve noticia* sobre o descobrimento da America.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 2 DE SETEMBRO DE 1894

Pelo socio Commendador João Xavier da Motta, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, tomo XII; pela Faculdade de Medicina, *Primeiro supplemento do catalogo sistematico* da bibliotheca da mesma Faculdade do Rio de Janeiro; pela Academia delle scienze fisiche e matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pela Société de géographie, *Comptes rendus des séances*, 1894; pelo Instituto geographico historico da Bahia, *Estatutos*, 1894; pela Societá geografica Italiana, *Bolletino*; pela Geographical Society of California, *Bulletin*, vol. II; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pelo Instituto archeologico e geographico Pernambucano, *Revista*, ns. 44 e 45 em duplicata; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, anno VIII n. 8; pelo Observatorio astronomico nacional de Tacubaya, *Boletim*, tomo I, n. 17; pelas redacções: *Progresso Educador, Diario Popular, Tempo, Estrella, Estado de Minas, Diario Official do Amazonas, Nouveau Monde*; pela Imprensa Nacional, *Collecção das Leis* da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1892, partes 1ª e 2ª; pela Comission de l'exposition preparatoire de l'E'tat de Minas-Geraes à Ouro Preto, *L'or a Minas-Geraes*, vol. I.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 16 DE SETEMBRO DE 1894

Pelo conego Ulysses Pennaforte o seu trabalho *Cenontologia ou Ensaios de sciencias e religião*; pelo

Ministerio de Industria e Obras Publicas de Santiago do Chile, *Boletim*, anno VI, tomo XIII; pela Academia nacional de sciencias de Cordoba, *Boletim*, tomo XII, 1890 e 1891; pela Sociedade de geographia de Bordeaux *Bulletin*; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, anno VIII n. 9; pela Universidade de Quito, *Anales*; pela Associação Rural del Uruguay, *Revista*; pelo Archivo do Disctricto Federal, *Revista*, n. 9; pelo Real Instituto Orientale in Napoli, *Oriente, revista trimestral*; pelas redacções: *Revista Medico Chirurgicale du Brésil*, ns. 8, 2°. anno, Agosto de 1894; *Revista El Derecho*, anno V, n. 122, 123; *Revista de educação e ensino*; e os jornaes: *Diario Popular*, *Estado de Minas*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*, *Nouveau Monde*, *Estrella*, *Tuba*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 30 DE SETEMBRO 1894

Pelo Instituto de Ingenieros, *Anales*, anno V, tomo VI; pelo Instituto fisico geografico y del museu nacional de Costa-Rica, tomo IV de 1894, *Anales*; pelo Archivo da secretaria dos negocios do interior do Estado do Ceará, *Indice Catalogo*; pela Société Imperiale Russe de géographie, *Bulletin*, tomo XXX; pela Academia nacional de ciencias de Córdoba, *Boletim*, tomo XII; pela Sociedad geografica de Madrid, *Boletin*; pela Societá geografica Italiana, *Boletino*, fascicolo VII; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Real Academia de la Historia, *Boletim*, tomo XXV; pelo Dr. Domingos Jaguaribe, *Brazil, Estado do Ceará*; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, n. 10; pelas redacções: *Revista da commissão technica militar consultiva*, n. 2, *Revista do Instituto do Ceará*, 1°. e 2°. trimestres de 1894; e os jornaes: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Estado de Minas*, *Estrella*, *Gazeta de Alemquer*, *Progresso Educador*. O socio padre José Joaquim Corrêa de Almeida offerece o XIII livro de seus versos a pouco publicado, promettendo mandar os anteriores. Da parte do consocio Sr. arcebispo D. João Esberard

offerece o Sr. Commendador José Luiz Alves a carta pastoral impressa sob o titulo: *Do Chefe da Igreja e da sua acção social.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1894

Pela Societá geografica Italiana, *Bolletino*; pela Academia nacional de ciencias en Cordoba, *Boletin*, tomo XII e XIII; pela Sociéte de géographie commerciale du Havre, *Bulletin*; pelo Instituto geografico Argentino, *Boletim*; pela Sociedad geografica de Lima, *Boletim*; pela Société Royale de géographie d'Anvers, *Bulletin*; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*; pela Academia Pontificia dei Nuovi Lincei, *Atti*; pela Officina central de estatistica e geografica, *Sinopsis estadistica e geographica* do Chile, en 1893; por Alessandro Corsi, *Arbitrati Internazionale*; pelo Conselheiro José Antonio Saraiva, *Resposta do mesmo* ao Dr. Vasquez Sagastume; pelo Collegio de abogados, *El Derecho*, *Revista*, ns. 124 e 125: pelo Archivo do Districto Federal, *Revista*; pela Associacion del Uruguay, *Revista*; pela redacção, *Revue Médico Chirurgicale*; pelo socio Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque, *Amazonia* em 1893; pelo socio Julio Meili um autographo de H. Handelman, autor de uma obra importante sobre o Brazil, e pelo mesmo socio um exemplar de sua photographia; pelas redacções os jornaes: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Estado de Minas*, *Estrella* e *Nouveau Monde*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 28 DE OUTUBRO DE 1894

Pelo socio o Sr. Dr. Guilherme Studart, *Datas para a historia do Ceará no seculo XVII*; pelo Sr. Carlos de Mello, *Elementos de geographia geral*; pela Associação Promotora da Instrucção, *Actas* das sessões de assembléa geral dos annos de 1892 e 1893; pelo Sr. Manoel de Oliveira Lima, *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*; pelo autor, *Imprensa em Minas-Geraes*, por intermedio

do socio Dr. Teixeira de Mello; pelo socio Dezembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, *Revista Trimensal* do Instituto geographico e historico da Bahia, anno 1º, vol. 1º, de Setembro de 1894; pelo almirante Ignacio J. da Fonseca, *Estudo, Reorganisação Naval*, e outros artigos; pela Universidade da Republica do Chile, *Anales*, de Agosto e Setembro de 1894; pela Société de géographie commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*; pela Associação Rural del Uruguay, *Revista*; pelas respectivas redacções: *Revista Pedagogica*, ns. 37, 38, 39, *Revista Industrial de Minas-Geraes, Progresso Educador*, n. 6; e os jornaes: *Diario Popular, Estado de Minas, Jornal do Recife, Diario Official do Amazonas, Estrella, Nouveau Monde*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1894

Pelo Instituto da ordem dos advogados Brazileiros, *Cincoenta annos de existencia*, memoria, e o catalogo da exposição de trabalhos juridicos realizada em 7 de Setembro de 1894; por Graciano A. de Azambuja, *Annmario* do Estado do Rio Grande do Sul para o anno de 1895; pela Société de géographie, *Comptes rendus des séances*; pela Universidade de Quito, *Anales*; pela Sociedade cientifica Argentina, *Anales*; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, n. 13; pelo Ministerio de industria e obras publicas do Chile, *Boletim*, anno VII, tomo XV; pelo Observatorio astronomico nacional de Tacubaya, *Boletim*, n. 18; pela Sociedade de geographia de Genova, *Globe*, jornal geographico, tomo 33; pela Faculdade livre de Direito do Estado de Minas-Geraes, *Revista*, anno 1º, n. 1; pelo collegio de e abogados de Lima, *El Derecho, Revista*, anno V, ns. 126 127; pela Asociacion Rural del Uruguay, *Revista*, Outubro 15 de 1894; pela Sociedade cientifica do Mexico, *Memorias e Revistas*, tomo VII, 1893 e 1894; pela Revue Medico Chirurgicale, *Boletim*; pela Commissão technica militar consultiva, *Revista*, anno III, n. 3; pelo Dr. Fernando Luiz Osorio, *Historia do General Osorio*; pela Sociedade de geographia commercial de Bordeaux, *Bulletin*; pela Sociedade

Imperial Russa de Geographia, *Boletim*; pelas respectivas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular, Jornal do Recife, Club Curitibano, Diario Official do Amazonas, Progresso Educador, Estado de Minas, Estrella, Gazeta de Alemquer, Nouveau Monde.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 2 DE DEZEMBRO DE 1894

Pelo Instituto da ordem dos advogados Brazileiros, *Parecer* da commissão especial sobre o decreto n. 1030 de 14 de Novembro de 1890; pela Repartição de estatistica e Archivo de São-Paulo, *Publicação official* de documentos interessantes para a historia e costumes de São-Paulo, vols. IV e V; pelo United States National Museum Smithsonian Report, 2 volumes, 1891, 1892; pela Direccion general de correos e telegrafos de la Republica Argentina, *Jurisprudencia postal y telegrafica*, anno de 1893, vols. IV e V; pela Manchester literary and philosophical Society, *Memoirs and proceedings*, 1893-94; pela Nebraska historical Society *Proceedings and collections*, vol 1°; pela Royal geographical Society of Australasia. *Proceedings and transactions*, vol. IX; pela Sociedade de geographia de Lisboa, *Boletim*, ns. 7 e 8; pela Academia nacional de cincias en Cordoba *Boletim* de Julho e Dezembro de 1893; pela American geographical Society, *Bulletin*; pela Directoria geral dos corrêos, *Boletim Postal*, ns. 8 e 9; pela Societá geografica Italiana, *Bolletino*, vol. VI; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim*, n. 14; pelo Instituto de Ingenieros de Santiago do Chile, *Anales*, anno V, tomo VI; pela Asociacion Rural del Uruguay, *Revista*; pelo Archivo do Districto Federal, *Revista*; pelo Instituto archeologico e geographico Pernambucano, *Revista*, n. 44; pelas respectivas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular, Jornal do Recife, Apostolo, Diario Official do Amazonas, Nouveau Monde*; pelo Sr. Eugenio Teixeira, *Discurso* pronunciado em Madrid pelo offertante por occasião do 4°. centenario de Colombo e *Carta Juridica* ao Egregio Tribunal de Justiça.

ARCA DE SIGILLO

Memoria apresentada pelo socio honorario Conselheiro Manoel Francisco Correia

E LIDA NA

SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO DE 30 DE SETEMBRO DE 1894 *

A minha entrada para o Tribunal de Contas

Em 7 de Janeiro de 1893 achava-me em Barbacena com a familia, havia dous dias, quando recebi do Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, presidente do Banco do Brazil, onde eu servia como director eleito pelos accionistas na ultima assembléa geral, o seguinte telegramma: «Conselheiro Correia — Barbacena — Tenho negocio urgente serviço publico. Peço venha até cá fallar-me.—*Dantas.*» Achava-me adoentado, mas respondi: « Sigo já ».

No dia 9, pois cheguei no domingo 8, ás 9 da noite, fallei ao Conselheiro Dantas, que me declarou ter expedido o telegramma de accordo com o Sr. ministro da fazenda, tenente-coronel Dr. Innocencio Serzedello Corrêa, que lhe communicou haver o governo resolvido nomear-me presidente do Tribunal de Contas, recentemente creado, visto não ter aceitado esse lugar o senador pelo Estado de São Paulo, Dr. Francisco Rangel Pestana.

---

* Veja-se o parecer á pag. 376.

A minha impressão foi a recusa, estando arredado dos negocios publicos desde a proclamação da Republica. O Conselheiro Dantas pediu-me que não respondesse logo e ouvisse a amigos. Apparecendo pouco depois o Conselheiro Paulino José Soares de Souza, o ultimo presidente do Senado no tempo da monarchia, e com quem entretenho relações de particular amizade desde a juventude, foi tambem de parecer que eu devia aceitar.

Na terça-feira, dia do despacho collectivo do Ministerio, o ministro da fazenda escreveu inquirindo sobre a minha decisão. Respondi, por intermedio do Conselheiro Dantas, que só em 48 horas a poderia dar.

Quiz ouvir em particular os membros de minha familia reunidos em casa do meu genro Dr. Joaquim Galdino Pimentel. Houve um só voto divergente, assim laconicamente manifestado: «Acho melhor que não aceite.» Opinaram os outros de accordo com os Conselheiros Dantas e Paulino.

A' familia ponderei: Que o chefe de uma familia deixa aos filhos seus bens e seu nome, e as mais das vezes este sómente; Que eu queria deixar-lhes um nome, ao qual não se pudesse imputar falta digna de nota; Que tendo servido a monarchia até ao ultimo dia, sem jámais recusar a responsabilidade de meus actos, e estando afastado de negocios publicos desde a sua queda, podia ver-se na minha reentrada para o serviço da nação alguma cousa que destoasse da correcção no procedimento.

Observaram-me: Que sendo a patria uma só, é dever servi-la, quando para isso regularmente convidado pelo governo legal; que o cargo de presidente de um Tribunal por cuja creação eu havia pugnado, cargo vitalicio, não era incompativel com os que eu exercera na monarchia de ministro, senador, e conselheiro de Estado; que não devia eu assumir a responsabilidade de contrariar o proposito, em que parecia estar o governo, de chamar ás funcções publicas os homens experientes no manejo dos negocios, proposito em tudo favoravel aos interesses do Estado; que portanto não viam na aceitação offensa ao principio da correcção de procedimento.

Na quarta-feira procurei o Conselheiro Dantas para dizer-lhe, afim de communicar ao governo: que eu havia reflectidamente feito baixar o panno do scenario official e não podia deliberar-me a levanta-lo por mim; que o governo fizesse o que julgasse mais conforme ao interesse do Brazil, certo de que, se outro fosse o nomeado para o cargo de presidente do Tribunal de Contas, não me ficaria magoa nem resentimento.

Na quinta-feira vi publicada officialmente a minha nomeação. No dia 16 installou-se o Tribunal, cuja primeira acta é do teor seguinte:

« Aos dezesete dias do mez de Janeiro de 1893, achando-se presentes na sala destinada para as reuniões do Tribunal de Contas os respectivos membros, Presidente o Exmo. Sr. Dr. Manoel Francisco Correia, Directores os Srs. José da Cunha Valle, Francisco Augusto de Lima e Silva, José Ignacio Ewerton de Almeida e Dr. Didimo Agapito da Veiga Junior, representante do Ministerio Publico, tomaram assento por precedencia de idade, afim de installar-se o novo Tribunal.

Nesse acto compareceu o Exmo. Sr. tenente-coronel Dr. Innocencio Serzedello Corrêa, e o Sr. Presidente do Tribunal convidou-o a tomar assento na cadeira da presidencia; o que feito proferiu S. Ex. as palavras seguintes:

«Felicita o paiz e a Republica pelo estabelecimento de uma instituição que será garantia de boa administração e o maior embaraço que poderão encontrar os governos para a pratica de abusos no que diz respeito a dinheiros publicos. Sente-se feliz por ser o ministro que teve a honra de fazer a reforma e de fazer as nomeações, pois foi buscar os directores desse Tribunal entre os altos funccionarios publicos que, por sua integridade moral, por seu zelo, por sua competencia, são a maior garantia de que essa instituição será collocada em seu verdadeiro papel.

« Cabe especial menção á nomeação do Presidente o Sr. Correia, ex-senador do Imperio. Por determinação do Sr. Marechal Presidente foi buscar esse presidente entre os mais notaveis homens do regimen passado. A lealdade, a dedicação com que serviu esse digno homem de

estado no regimen passado são a garantia do modo por que hade servir a Republica, isto é, a Patria, que todos nós temos o dever de amar e collocar acima de tudo.

«Como republicano, com a responsabilidade do governo, sente-se feliz em fazer tal nomeação, pois ella significa que para o governo actual não ha distincção entre brazileiros, desde que honestos, puros, abnegados, patriotas, caracteres respeitados e honrados pelo paiz, como é o Conselheiro Correia, queiram servir a Patria dentro da lei, nas instituições que ella consagrou em sua Constituição.

« Em nome do governo, mais ainda, em nome da Republica, que não desapparece com os governos, agradece a tão prestantes cidadãos o terem acceitado as nomeações; e para bem da Republica, moralidade da administração, exacto cumprimento do orçamento e economia nos dinheiros publicos, declara installado o Tribunal de Contas.»

O Sr. Presidente do Tribunal, tomando a palavra, «agradece ao Sr. ministro a gentileza com que se dignou de dar o realce de sua presença á inauguração do Tribunal, e bem assim, em nome de seus collegas, as honrosas palavras que lhes dirigio, ás quaes inteiramente se associa, como merecidas e justas que são. Pelo que lhe diz respeito agradece igualmente as expressões com que S. Ex. o distinguio, mais benevolas que justas; e, aceitando o convite que lhe foi dirigido pelo governo para exercer o cargo de Presidente do Tribunal de Contas, o fez convencido de que o governo deseja viver de conformidade com a Constituição e as leis; pois se, em sua opinião, outra fosse a orientação, não poderia ter a menor co-participação com o governo absoluto. O que vai fazer no posto que afinal aceitou é o que sempre tem feito: pugnar pela lei, qualquer que seja o desagrado pessoal que dahi possa vir. Felizmente o Sr. ministro, de cuja severa probidade póde dar testemunho em uma importante negociação na qual tambem tomou parte, manifesta o pensamento do Sr. Marechal Presidente da Republica, e o seu, de accordo com as idéas que acaba de expender.

Eis como se acha o presidente do Tribunal de Contas, creação que julga vantajosa e propria para a melhor applicação dos dinheiros publicos.

E' possivel que tenha errado: si o fez, deve-o a entender que servir ao Brazil, servir á sua Patria, que é insubstitutivel, quando em taes condições se appella para os seus sentimentos civicos, nunca póde ser uma falta.»

Em seguida o Sr. director Didimo Agapito da Veiga Junior, tomando a palavra, disse «que não vinha insistir sobre o agradecimento ás expressões de tão grande generosidade quanto apurada gentileza que endereçou o Sr. ministro da fazenda aos membros deste Tribunal, porquanto foi precedido pelo Sr. presidente que de modo completo tornou-se interprete do reconhecimento de todos os membros do Tribunal. Vem, porém, applaudir na pessoa de S. Ex. o ministro de grande elevação moral e de exacta comprehensão de sua missão que não enxergando no Tribunal de Contas senão o auxiliar do Governo na fiel execução da lei orçamentaria, promoveu a sua installação, prendendo-se assim á tradição gloriosa legada por Manoel Alves Branco que em 1845 offereceu á apreciação do parlamento um projecto sobre a creação do Tribunal de Contas.

Lembra os nomes do Sr. Ruy Barbosa, autor do decreto de 7 de Novembro de 1890 que traçou os lineamentos desse instituto, que quatorze constituições de paizes adiantados têm adoptado, e do Sr. Rodrigues Alves que poderosamente concorreu para a elaboração da lei organica do Tribunal, suggerindo com seu judicioso conselho muitas das disposições que hoje estão adoptadas na lei em vigor.''

Retirando-se em seguida o Sr. ministro da fazenda foi acompanhado até ao seu gabinete pelos membros do Tribunal.

Continuando a sessão da installação do Tribunal, o Sr. presidente proferiu as palavras seguintes:

« Srs. membros do Tribunal de Contas. Cabendo-me a honra de presidir, já alcançado em annos e despido de ambições, a primeira sessão do Tribunal de Contas,

recentemente creado, e por cuja creação pugnei mais de uma vez no interesse respeitavel dos contribuintes, julgo opportunas algumas palavras. Temos não só de desempenhar a tarefa que a lei nos commette, como de organisar praticamente o Tribunal. Do nosso procedimento tem de depender, em não pequena parte, a sorte futura da nova instituição.

« Em casos semilhantes, não ha como desconhecer a influencia dos primeiros lineamentos. Se em começo nos apartarmos do rumo direito, com muito custo acertaremos com a rota mais conveniente e proficua. Estou convencido de que empenhareis todo o esforço para que o Tribunal encete sua marcha com segura direcção; vossos conhecimentos, vossa experiencia, vosso provado zelo são a garantia, almejada pelo governo, como acabais de ouvir pela voz autorizada do Sr. ministro da fazenda, de que o novo Tribunal preencherá satisfactoriamente sua elevada, embora difficil missão. Uma luz benigna alumiará o caminho. Felizmente ella tem sido o guia de que em vossa vida não vos haveis apartado. Essa luz é o patriotismo. Obedecendo exclusivamente aos seus dictames, teremos cumprido o nosso dever. »

Dando por installado o Tribunal, o Sr. presidente marcou para primeira sessão ordinaria o dia 25 do corrente mez, salvo caso urgente, para o qual será extraordinariamente reunido o Tribunal; e por nada mais haver a tratar levantou a sessão. E para constar eu Ignacio de Loyola Gomes da Silva, secretario do Tribunal de Contas, lavrei a presente acta que, depois de lida e approvada, vae assignada pelo presidente e directores. *M. F. Correia. Didimo Junior. J. Valle. Ewerton de Almeida. Lima e Silva.* »

Relatados os factos como se deram, quero ser julgado por meus concidadão com severa rectidão. Para o seu consciencioso julgamento elles não hão de esquecer as minhas opiniões publicamente manifestadas na carta que em 28 de Novembro de 1889, treze dias depois de proclamada a Republica, dirigi, em resposta, ao Dr. José Luiz de Almeida Nogueira, redactor do *Correio Paulistano*, que a estampou na mesma folha em o numero de 1 de

Dezembro; e no artigo *A' meus concidadãos*, inserto no *Jornal do Commercio* de 5 de Junho de 1890. Verificarão que, em meu sentir, a forma republicana impõe-se agora ao Brazil; e que é dever civico dos que assim encaram o futuro torna-la apreciada pelo povo.

Hesitando embora, quanto ao exito de meu esforços, procedi no desejo de obedecer a esse dever, contribuindo para que não seja malbaratada a fortuna publica.

Rio de Janeiro 3 de Março de 1893. *Manoel Francisco Correia.*

LISTA DOS SOCIOS

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO*

Prezidentes honorarios

		ADMISSÃO NO INSTITUTO
1	Principe de Joinville	20 Abril 1843
2	Conde d'Aquila	14 Set. 1843
3	Christiano, rei da Dinamarca	14 Set. 1843
4	Conde d'Eu	16 Set. 1864
5	Duque de Saxe	16 Set. 1864
6	Miguel Juarez Celman, ex-presidente da Confederação Argentina	13 Set. 1889

Socios nacionaes honorarios por ordem alfabetica

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA ACTUAL
1	Barão de Alencar	13 Set. 1889	Capital Federal
2	Barão de Capanema	19 Out. 1848	»
3	Barão Homem de Mello	3 Jun. 1859	»
4	Cezar Augusto Marques	4 Ag. 1865	»
5	João Alfredo Correia de Oliveira	19 Out. 1887	»
6	João Manoel Pereira da Silva**	1 Dez. 1838	»
7	João Severiano da Fonseca	1 Out. 1880	»
8	Jozé Francisco Diana	13 Set. 1889	Rio Grande do Sul
9	Luiz Rodrigues de Oliveira	13 Ag. 1888	Capital Federal
10	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5 Dez. 1862	»
11	Manoel Francisco Correia	1 Out. 1886	»
12	Maximiniano Marques de Carvalho	23 Jan. 1845	»
13	Olegario Herculano de Aquino e Castro	14 Jul. 1871	»
14	Pedro Augusto de Saxe Coburgo (D.)	2 Ag. 1889	Austria
15	Tristão de Alencar Araripe	21 Out. 1870	Capital Federal
16	Visconde de Mota Maia	25 Out. 1889	»

* Socios existentes em 31 de Dezembro de 1894.

** E' o unico sobrevivente dos socios da fundação do Instituto em 1838.

Socios effectivos por ordem alfabetica

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA ACTUAL
1 Affonso Celso d'Assis Figueiredo..	2 Dez. 1892	Capital Federal
2 Alfredo Ernesto Jacques Ourique..	5 Dez. 1890	»
3 Alfredo do Nascimento Silva.....	12 Dez. 1890	»
4 Alfredo Piragibe.....	26 Nov. 1880	»
5 Americo Braziliense de Almeida Mello.....	1 Jun. 1877	»
6 Angelo Thomaz do Amaral.....	10 Out. 1851	»
7 Antonio Joaquim de Macedo Soares	3 Out. 1890	»
8 Antonio Martins d'Azevedo Pimentel	1 Jun. 1894	»
9 Artur Indio do Brazil.....	13 Ag. 1888	»
10 Artur Sauer.....	19 Jun. 1891	»
11 Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake..	4 Out. 1883	»
12 Barão do Ladario.....	7 Nov. 1862	»
13 Barão de Miranda Reis.....	15 Jul. 1887	»
14 Barão de Ramiz.....	16 Ag. 1872	»
15 Barão de Ribeiro de Almeida.....	11 Out. 1866	»
16 Barão do Rio-Branco*.....	7 Nov. 1867	»
17 Barão de Tefé.....	29 Set. 1882	»
18 Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo.....	28 Mai. 1880	»
19 Eduardo Jozé de Moraes.....	7 Jul. 1862	»
20 Feliciano Pinheiro de Bitencourt.	25 Out. 1889	»
21 Francisco Calheiros da Graça.....	29 Set. 1882	»
22 Francisco Manoel da Cunha Junior	2 Dez. 1892	»
23 Henrique Raffard.....	16 Out. 1885	»
24 João Barboza Rodrigues..	29 Set. 1876	»
25 João Capistrano de Abreo.....	19 Out. 1887	»
26 João Carlos de Souza Ferreira....	1 Ag. 1890	»
27 João Esberard (D.), Arcebispo do Rio de Janeiro.....	25 Set. 1891	»
28 João Vicente Leite de Castro.....	25 Out. 1889	»
29 João Xavier da Mota.....	23 Set. 1892	»
30 Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto	17 Abr. 1891	»
31 Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja.....	23 Set. 1853	»
32 Joaquim Pires Maxado Portella...	17 Jun. 1870	»
33 Jozé Alexandre Teixeira de Mello.	24 Nov. 1882	»
34 Jozé Candido Guillobel.....	24 Nov. 1882	»
35 Jozé Egidio Garcez Palha.....	7 Dez. 1883	
36 Jozé Higino Duarte Pereira.....	1 Out. 1886	»
37 Jozé Luiz Alves.....	13 Ag. 1886	»
38 Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros	19 Set. 1856	»

* Presentemente nos Estados-Unidos d'America.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA ACTUAL
39 Jozé Ricardo Pires de Almeida....	25 Out. 1889	Capital Federal
40 Jozé de Saldanha da Gama.....	18 Ag. 1865	»
41 Jozé Verissimo de Matos.....	16 Nov. 1887	»
42 Liberato de Castro Carreira.....	22 Abr. 1892	»
43 Luiz Cruls.....	13 Ag. 1888	»
44 Luiz Francisco da Veiga..... ...	22 Mai. 1868	»
45 Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque.	23 Set. 1892	»
46 Manoel Pinto Bravo.....	7 Dez. 1883	»
47 Marquez de Paranaguá...	13 Ag. 1888	»
48 Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro	2 Abr. 1892	»
49 Pedro Paulino da Fonseca.....	7 Dez. 1883	»
50 Torquato Xavier Monteiro Tapajoz	5 Jul. 1888	»
51 Tristão de Alencar Araripe Junior	30 Jun. 1893	»
52 Visconde de Barbacena.....	2 Ag. 1845	»
53 Visconde de Ibituruna.....	13 Jul. 1888	»
54 Visconde de Nogueira da Gama...	4 Nov. 1841	»
55 Visconde de Sinimbú.....	1 Out. 1840	»
56 Visconde de Valdetaro.....	23 Jan. 1845	»

---

* O socio Dr. Rozendo Moniz Barreto despedio-se; e foi a sua renuncia de socio aceita em sessão de 6 de Abril de 1894.

Socios nacionaes correspondentes por ordem alfabetica

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA ACTUAL
1 Antonio Borges de Sampaio.....	9 Dez. 1886	Minas
2 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.....	17 Jul. 1871	Pará
3 Antonio Ribeiro de Macedo.....	19 Out. 1887	Paraná
4 Argemiro Antonio da Silveira.....	25 Set. 1891	São-Paulo
5 Artur Viana de Lima.....	25 Set. 1891	Europa
6 Barão do Desterro..	23 Jan. 1845	Bahia
7 Barão de Guajará.....	8 Nov. 1866	Pará
8 Barão de Lopes Neto.....	14 Out. 1840	Europa
9 Barão de Penedo.....	12 Ag. 1841	Europa
10 Bento Severiano da Luz.....	25 Nov. 1892	Mato-Grosso
11 Bernardo Saturnino da Veiga.....	13 Ag. 1880	Minas
12 Brazilio Augusto Maxado d'Oliveira	12 Set. 1890	São-Paulo
13 Carlos Luiz d'Amour (D.), Bispo de Cuiabá.....	9 Dez. 1892	Mato-Grosso
14 Evaristo Affonso de Castro.....	14 Ag. 1891	Rio-Grande do Sul
15 Felisbelo Firmo de Oliveira Freire	26 Set. 1890	Sergipe
16 Francisco Augusto Pereira da Costa	9 Dez. 1886	Pernambuco
17 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri	13 Nov. 1885	Europa
18 Guilherme Studart.....	20 Mai. 1892	Ceará
19 Ireneo Ceciliano Pereira Joffily...	4 Dez. 1891	Parahiba
20 João Baptista Perdigão de Oliveira	19 Jun. 1891	Ceará
21 João Damasceno Vieira Fernandes	31 Out. 1890	Rio Grande do Sul
22 João Jozé Pinto Junior.....	19 Dez. 1890	Pernambuco
23 João Mendes de Almeida....	3 Out. 1890	São-Paulo
24 Joaquim Floriano de Godoi.....	4 Ag. 1876	São-Paulo
25 Jozé Antonio de Azevedo Castro..	24 Jul. 1853	Europa
26 Jozé Domingues Codeceira.....	20 Março. 1891	Pernambuco
27 Jozé Francisco da Silva Lima....	17 Jun. 1892	Bahia
28 Jozé Joaquim Correia d'Almeida.	20 Abr. 1824	Minas
29 Jozé de Vasconcellos.	10 Dez. 1875	Pernambuco
30 Jozé Vieira Couto de Magalhães...	5 Dez. 1862	São-Paulo
31 Lafaiete de Toledo..... .	17 Jun. 1892	São-Paulo
32 Luiz da França Almeida Sá.....	29 Set. 1876	São-Paulo
33 Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	19 Out. 1887	Ceará
34 Rodolfo Marcos Teofilo.....	11 Jul. 1890	Ceará
35 Tito Franco de Almeida.....	21 Ag. 1857	Pará
36 Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.....	10 Mai. 1878	Bahia
37 Virgilio Martins de Mello Franco.	13 Ag. 1888	Minas

Socios benemeritos por ordem alfabetica

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA ACTUAL
1	Albino da Costa Lima Braga.....	6 Mar. 1891	Europa
2	Antonio Jozé Dias de Castro.....	28 Nov. 1890	Capital Federal
3	Antonio Jozé Gomes Brandão.....	10 Out. 1890	»
4	Barão de Ibiapaba.....	22 Mai. 1891	Ceará
5	Barão de Mendes Tota	3 Abr. 1891	Capital Federal
6	Barão de Oliveira Castro.....	12 Nov. 1890	»
7	Barão de Quartim.....	6 Mar. 1891	»
8	Candido Gaffrée.....	26 Set. 1890	»
9	Conde de Figueiredo.....	1 Ag. 1890	»
10	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe Filho.....	19 Jun. 1891	São-Paulo
11	Francisco de Paula Mayrink.....	20 Mar. 1891	Capital Federal
12	Jozé Joaquim da França Junior...	9 Out. 1891	»
13	Luiz Augusto Ferreira de Almeida	5 Dez. 1890	»
14	Luiz Augusto da Silva Canedo	6 Mar. 1891	»
15	Luiz Jozé Lecoq de Oliveira.....	5 Dez. 1890	»
16	Luiz Ribeiro Gomes.....	4 Dez. 1891	»
17	Manoel Jozé da Fonseca.....	28 Ag. 1891	»
18	Manoel de Matos Gonçalves.....	4 Dez. 1891	»
19	Manoel Vicente Lisboa.....	3 Abr. 1891	»
20	Tobias Lauriano Figueira de Mello	12 Dez. 1890	»
21	Urbano de Faria.....	31 Jul. 1891	»
22	Visconde de Assis Martins.....	3 Abr. 1891	»
23	Visconde de Carvalhaes.....	14 Nov. 1890	»
24	Visconde de Leopoldina.....	5 Dez. 1890	Europa
25	Visconde de Moraes.....	3 Abr. 1891	Capital Federal

Socios honorarios estrangeiros por ordem alfabetica*

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1	Achiles de Giovanni	25 Out. 1889	Italia
2	Alexandre de Serpa Pinto	7 Jul. 1881	Portugal
3	Bartolomeo Mitre	20 Nov. 1871	Confed. Argentina
4	Blasco Vidal	29 Nov. 1889	Uruguai
5	Enrique Moreno	13 Set. 1889	Confed. Argentina
6	Estanisláo E. Zeballos	7 Dez. 1883	»
7	Francisco Garcia Çalderon	12 Ag. 1892	Perú
8	Guilherme A. Seoane	22 Maio 1891	»
9	Gustavo Duarte Nogueira Soares	25 Out. 1889	Portugal
10	Jozé Ceva Grimaldi, Marquez de Pietracatella	3 Ag. 1843	Italia
11	Jozé Vargas	23 Dez. 1845	Venezuela
12	Manoel Villamil Blanco	29 Nov. 1889	Chile
13	Mariano Rampolla (Cardeal)	7 Abr. 1893	Italia
14	Mariano Semmola	25 Out. 1889	»
15	Miguel Antonio de la Lama	12 Ag. 1892	Perú
16	Nicoláo de Santo Angelo	23 Fev. 1843	Italia
17	Norberto Quirno Costa	13 Set. 1889	Confed. Argentina
18	Principe de Cariati	13 Jul. 1839	Italia
19	Principe de Scilla, Duque de Santa Cristina	13 Jul. 1839	»
20	Ricardo Rossel	12 Ag. 1892	Perú
21	Roland Bonaparte, Principe	22 Maio 1891	França
22	Tomaz C. Mosquera	14 Nov. 1844	Equador

---

* N'esta relação e na seguinte continuam a figurar nomes de socios talvez já falecidos, mas que não são eliminados por não se ter conseguido informação veridica do obito. Procuraremos conseguir taes informações para que as listas só contenham socios existentes.

Socios correspondentes estrangeiros por ordem alfabetica

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1	Agatino Longo	9 Jun. 1842	Italia
2	Alexandre Baguet	7 Dez. 1882	Belgica
3	Alexandre Sorondo	29 Nov. 1889	Confed. Argentina
4	Alexandre W. Bradford	14 Mar. 1846	Estados-Unidos
5	Angelo Justiniano Carranza	7 Out. 1887	Confed. Argentina
6	Anibal Echeverria i Reis	25 Out. 1889	Chile
7	Anibal Ferrero	25 Out. 1889	Italia
8	Antonio Muniz Barreto Corte Real	15 Jan. 1882	Portugal
9	Antonio Ramon Vargas	28 Out. 1847	Espanha
10	Aristides Marre	25 Set. 1891	França
11	Arturo de Leon	3 Jul. 1891	Uruguai
12	Augusto Carlos Teixeira de Aragão	7 Nov. 1871	Portugal
13	B. M Norman	14 Mar. 1846	Estados-Unidos
14	Bouquet de la Grie	25 Out. 1889	França
15	Carlos Zucchi	24 Ag. 1839	Italia
16	Carlos Wiet	18 Mar. 1846	Belgica
17	Cezar Cantu	21 Out. 1870	Italia
18	Clovis Lamarre	19 Jun. 1891	França
19	Constantino Bannen	29 Nov. 1889	Chile
20	Diogo de Barros Arana	17 Nov. 1871	»
21	Emmanuel Liais	8 Nov. 1866	França
22	Felix de Santo Angelo	14 Set. 1843	Italia
23	Filipe Rizzi	9 Nov. 1843	»
24	Francisco Cervelleri	14 Set. 1843	»
25	Frank Vincent	9 Dez. 1892	Estados-Unidos
26	Frederico Francisco (Visconde de Figanière)	14 Ag. 1863	Portugal
27	Giacomo Castrucci	14 Set. 1843	Italia
28	Giovani Semmola	14 Set. 1843	»
29	Girolamo Perozzi	14 Set. 1843	»
30	Henrique Schutel Ambauer	11 Set. 1868	»
31	Imbert des Mottelletts (Conde)	25 Dez. 1845	França
32	James G. Fletcher	7 Nov. 1862	Estados-Unidos
33	João Jozé da Cunha Bastos Estrella	 1839	Portugal
34	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa	14 Nov. 1840	»
35	Joaquim Jozé da Silva Correia de Matos	18 Ag. 1847	»
36	João Water House	16 Nov. 1839	Inglaterra
37	Jorge Martinho Thomaz	21 Out. 1864	Baviera
38	Jozé Antonio Pardo	14 Nov. 1844	Equador
39	Jozé C. Barandier	14 Nov. 1840	França
40	Julio Bañados Espinoza	14 Ag. 1891	Chile
41	Julio Meili	11 Mar. 1892	Suissa
42	Julio Victor Armand Hain	17 Ag. 1840	França
43	Luigi Rizzi	14 Set. 1843	Italia
44	Luigi Sementini	14 Set. 1843	»
45	Marion de Procé	14 Nov. 1841	França
46	Manoel Pinheiro Chagas	21 Ag. 1885	Portugal

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
47 Martim Rivadavia	29 Nov. 1889	Confed. Argentina
48 Paulo Anania de Luca	14 Set. 1843	Italia
49 Paulo Gafarel	 1882	França
50 Pedro Jozé Mesnard	4 Nov. 1841	»
51 Pedro Venceslão de Brito Aranha	7 Ag. 1885	Portugal
52 Rafael Zarienga	14 Set. 1843	Italia
53 Roberto Greenham	18 Mar. 1846	Alemanha
54 Samuel Dutot	20 Jul. 1841	França
55 Ulrico Valia	10 Jun. 1847	Italia
56 Vicente G. Quezada	7 Dez. 1883	Confed. Argentina
57 Vicente Martillaro, Marquez de Villarena	17 Set. 1846	Italia
58 Vicente Rocafuerte	14 Nov. 1844	Equador
59 Vicente Stellati	14 Nov. 1843	Italia
60 Visconde de Wildick	13 Ag. 1880	Portugal
61 Vivien de Saint-Martin	11 Set. 1868	França
62 William B. Hodgson	14 Mar. 1846	Estados-Unidos
63 William Burchell	1 Jul. 1841	Inglaterra
64 William Smith	23 Maio 1840	»

Socios admittidos em 1894

NACIONAES	ADMISSÃO
1 Jozé Joaquim Correia de Almeida, padre, socio correspondente	20 Abr. 1894
2 Antonio Olinto dos Santos Pires, socio correspondente	4 Maio 1894
3 Antonio Martins de Azevedo Pimentel, socio effectivo	1 Jun 1894
ESTRANGEIRO	
4 Christiano Frederico Seybold, socio correspondente	1 Jun. 1894

Socios falecidos em 1894

NACIONAES	OBITO
1 Ladisláo de Souza Mello Neto	18 Març. 1894
2 Jozé Jansen do Paço	19 Maio 1894
3 Visconde de Beaurepaire Rohan	10 Jul. 1894
4 Nicoláo Joaquim Moreira	12 Set. 1894
5 Epifanio Candido de Souza Pitanga	5 Out. 1894
6 Octaviano de Toledo	23 Set. 1894
ESTRANGEIRO	
7 Sadi Carnot	25 Jun. 1894

Socios estrangeiros falecidos anteriormente a 1894, cujo obito foi agora conhecido

	OBITO
1 Alberto Gallatin	1849
2 Artur de Capel Brooke	1859
3 Bernardino Jozé Lessa de Freitas	
4 Carlos van Lede	
5 Duque de Poix (Antonio Claudio Domenico Just, Conde de Noailles)	1846
6 Duque de Serra de Falco (Domenico de la Fassa Pietrasanta)	1863
7 Fernando de Luca	1869
8 Francisco Markoe Junior	
9 João Russell Bartlets	28 Mar. 1886
10 Joaquim Eleodoro da Cunha Rivara	20 Fev. 1879
11 Jozé Maria Correia de Lacerda	25 Fev. 1877
12 Mariano Eduardo de Rivero	
13 Samuel Jorge Morton	1851
14 Woodbine Parish	Out. 1882

BALANÇO

da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1894

RECEITA

Saldo do anno de 1893, conforme o balanço anterior....	136$000
Subsidio do Governo Nacional, nos dois semestres de 1894.	9:000$000
Juros de apolices do 2°. semestre de 1893 e 2° de 1894....	3:360$000
Venda da *Revista Trimensal*.....	205$000
Idem de 1 volume das poezias de Garção Stockler.....	5$000
Idem da Cronica da Companhia de Jezus por Simão de Vasconcelos.....	2$000
Joia de entrada de socios, nota n. 1.....	160$000
Prestações semestraes dos socios, nota n. 2.....	1:254$000
Remissão de um socio, nota n. 3.....	100$000
	14:222$000

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*, (tomo 55, parte 2.ª, tomo 56, parte 1.ª e 2.ª, e acta da sessão comemorativa do finado imperador D. Pedro II) doc. n. 1, 2, 3.....	5:653$000
Catalogo dos livros da sala das sessões, doc. n. 4.....	2:250$000
Diplomas de socios, envelopes impressos e encadernações, doc. n. 5, 6.....	123$500
Cartões, etiquetas, e cadernetas em branco para notas, (blocks) doc. n. 7 e 8.....	135$000
Papel, penas, canetas, tinta, lapis, e uma pasta para retratos, doc. n. 9, 10, 11.....	136$500
Ordenado ao Escriturario, Porteiro e um servente nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1894, doc. n. 12 a 24	2:568$333
Gratificação a um Auxiliar para os trabalhos da catalogação, doc. n. 25, 26.....	550$000
Compra do *Brésil Pittoresque* de Maurice Rugendas, doc. n. 27.....	100$000
Despezas miudas feitas pelo Porteiro, por ordem da Secretaria, doc. n. 28 a 32.....	500$000
Porcentagem ao Cobrador, na razão de 15 por cento sobre a quantia de 1.034$000 arrecadada pelo mesmo, de Janeiro a Dezembro d'este anno.....	155$100
	12:171$433

REZUMO

Receita.....	14:222$000
Despeza.....	12:171$433
Saldo.....	2:050$567

NOTA

N.º 1

Joias de entrada pagas em 1894

o Martins d'Azevedo Pimentel	20$000
o Olinto do Santos Pires	20$000
los, Bispo de Cuiabá	20$000
aquim Correia d'Almeida	20$000
odolfo Cavalcanti d'Albuquerque	20$000
Fernandes Trigo de Loureiro	20$000
Garcez Paranhos Montenegro	20$000
de Alencar Araripe Junior	20$000
	160$000

N.º 2

Prestações semestraes pagas em 1894

Celso de Assis Figueiredo, 1893, 1894	24$000
Nascimento Silva, 1893, 1894	24$000
o Borges de Sampaio, 1894	12$000
o Joaquim de Macedo Soares, 1893, 1894	24$000
o Martins d'Azevedo Pimentel, 1894, 2.º semestre	6$000
o Olinto dos Santos Pires, 1894	12$000
iro Antonio da Silveira, 1893, 1894	24$000
Sauer, 1893, 1894	24$000
o Victorino Alves do Sacramento Blake, 1890, 1891, 1893	48$000
de Miranda Reis, 1893, 1894	24$000
de Tefé, 1892, 1893, 1894	36$000
os, Bispo de Cuiabá, 1893, 1894	24$000
Artur Moncorvo de Figueiredo, 1893, 1894	24$000
lo Jozé de Moraes, 1893, 1894	24$000
e Rafard, 1893, 1894	24$000
io Candido de Souza Pitanga, 1893, 1894	24$000
no Pinheiro de Bitencourt, 1893, 1894	24$000
lo Firmo d'Oliveira Freire, 1893, 1894	24$000
sco Calheiros da Graça, 1892, 1893, 1894	36$000
rne Studart, 1893, 1894	24$000
arboza Rodrigues, 1892, 1893, 1894	36$000
arlos de Souza Ferreira, 1893, 1894	24$000
apistrano d'Abreo, 1893, 1894	24$000
Esberard, Arceb. do Rio de Janeiro, 1892, 1893, 1894	36$000
avier da Mota, 1894	12$000
m Jozé Gomes da Silva Neto, 1893, 1894	24$000
	642$000

OBSERVAÇÃO

Este saldo está sugeito ao pagamento da impressão da 2.ª parte da *Revista Trimensal* de 1894, cuja publicação se deve fazer até fins do proximo futuro mez, e tambem ao pagamento de outras despezas já realizadas, mas ainda dependentes de aprezentação das respectivas contas. Estas despezas importam em mais de 10.000$000, sendo a principal d'elas o custo do livro publicado em omenagem ao finado Imperador D. Pedro II, cuja impressão excede 8.000$000.

O Instituto continúa a possuir as 68 apolices da divida publica mencionadas na relação sob n. 6 junta ao balanço de 1892, não tendo dahi por diante aparecido saldo para a compra de novas apolices, como tanto convém.

Não pagaram suas prestações semestraes no corrente anno de 1894 os socios constantes da relação manuscrita anexa a este balanço, na importancia de 1.904$000, não obstante a diligente solicitação do Cobrador, e avizos por carta. Na relação vão declarados os semestres com a importancia devida, sendo algumas de procedencia antiga.

Rio 31 de Dezembro de 1894.

Tristão de Alencar Araripe.
Tezoureiro

NOTA

N.º 1

Joias de entrada pagas em 1894

1	Antonio Martins d'Azevedo Pimentel	20$000
2	Antonio Olinto do Santos Pires	20$000
3	D. Carlos, Bispo de Cuiabá	20$000
4	Jozé Joaquim Correia d'Almeida	20$000
5	Luiz Rodolfo Cavalcanti d'Albuquerque	20$000
6	Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro	20$000
7	Tomaz Garcez Paranhos Montenegro	20$000
8	Tristão de Alencar Araripe Junior	20$000
		160$000

N.º 2

Prestações semestraes pagas em 1894

1	Afonso Celso de Assis Figueiredo, 1893, 1894	24$000
2	Alfredo Nascimento Silva, 1893, 1894	24$000
3	Antonio Borges de Sampaio, 1894	12$000
4	Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1893, 1894	24$000
5	Antonio Martins d'Azevedo Pimentel, 1894, 2.º semestre	6$000
6	Antonio Olinto dos Santos Pires, 1894	12$000
7	Argemiro Antonio da Silveira, 1893, 1894	24$000
8	Artur Sauer, 1893, 1894	24$000
9	Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1890, 1891, 1892, 1893	48$000
10	Barão de Miranda Reis, 1893, 1894	24$000
11	Barão de Tefé, 1892, 1893, 1894	36$000
12	D. Carlos, Bispo de Cuiabá, 1893, 1894	24$000
13	Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1893, 1894	24$000
14	Eduardo Jozé de Moraes, 1893, 1894	24$000
15	Enrique Rafard, 1893, 1894	24$000
16	Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1893, 1894	24$000
17	Feliciano Pinheiro de Bitencourt, 1893, 1894	24$000
18	Filisbelo Firmo d'Oliveira Freire, 1893, 1894	24$000
19	Francisco Calheiros da Graça, 1892, 1893, 1894	36$000
20	Guilherme Studart, 1893, 1894	24$000
21	João Barboza Rodrigues, 1892, 1893, 1894	36$000
22	João Carlos de Souza Ferreira, 1893, 1894	24$000
23	João Capistrano d'Abreo, 1893, 1894	24$000
24	D. João Esberard, Arceb. do Rio de Janeiro, 1892, 1893, 1894	36$000
25	João Xavier da Mota, 1894	12$000
26	Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, 1893, 1894	24$000
		642$000

	Transporte	612$000
27	Joaquim Pires Maxado Portéla, 1891, 1892.....	24$000
28	Jozé Alexandre Texeira de Mello, 1892, 1893, 1894.....	36$000
29	Jozé Egidio Garcez Palha, 1893.....	12$000
30	Jozé Francisco da Silva Lima, 1893, 1894.....	24$000
31	Jozé Iginio Duarte Pereira, 1887 a 1894 (resgate de debito)	72$000
32	Jozé Joaquim Correia d'Almeida, 1894.....	12$000
33	Jozé Luiz Alves, 1893, 1894.....	24$000
34	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1893, 1894...	24$000
35	Jozé Verissimo de Matos, 1893.....	12$000
36	Liberato de Castro Carreira, 1893, 1894.....	24$000
37	Luiz Cruls, 1894.....	12$000
38	Luiz Rodolfo Cavalcanti d'Albuquerque, 1893, 1894.....	24$000
39	Manoel Pinto Bravo, 1893, 1894.....	24$000
40	Marquez de Paranaguá, 1893, 1894.....	24$000
41	Nicoláo Joaquim Moreira, 1893, 1894.....	24$000
42	Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, 1893, 1894.....	24$000
43	Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 1892, 1893, 1894....	36$000
44	Pedro Paulino da Fonseca, 1892, 1893.....	24$000
45	Tomaz Garcez Paranhos Montenegro, 1879 a 1894 (resgate de debito).....	60$000
46	Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 1893, 1894.....	24$000
47	Tristão de Alencar Araripe Junior, 1894.....	12$000
48	Visconde de Ibituruna, 1893.....	12$000
49	Visconde de Sinimbú, 1893, 1894.....	24$000
50	Visconde de Valdetaro, 1893, 1894.....	24$000
		1.254$000

N.º 3

Remissão de socio

Visconde de Ibituruna, tendo mais de 10 annos de antiguidade..... 100$000

N.º 4

Prestações semestraes devidas no fim de 1894

Veja-se a relação nominal junta em manuscrito ao balanço.

N. 5

Socios izentos de pagamento de prestações semestraes.

1.º — ONORARIOS

1 Barão de Alencar.
2 Barão de Capanema.
3 Barão Homem de Melo.
4 Cezar Augusto Marques.
5 João Alfredo Correia d'Oliveira.
6 João Manoel Pereira da Silva.
7 João Severiano da Fonseca.
8 Jozé Francisco Diana.
9 Luiz Rodrigues d'Oliveira.
10 Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.
11 Manoel Francisco Correia.
12 Maximiano Marques de Carvalho.
13 Olegario Erculano de Aquino e Castro.
14 Pedro Augusto de S. Coburgo.
15 Tristão de Alencar Araripe.
16 Visconde da Mota Maia.

2.º — BENEMERITOS

1 Albino da Costa Lima Braga.
2 Antonio Jozé Dias de Castro.
3 Antonio Jozé Gomes Brandão.
4 Barão de Ibiapaba.
5 Barão de Mendes Tota.
6 Barão de Oliveira Castro.
7 Barão de Quartim.
8 Candido Gafrê.
9 Conde de Figueiredo.
10 Domingos J. Nogueira Jaguaribe.
11 Francisco de Paula Mayrink.
12 Joaquim Jozé de França Junior.
13 Luiz Augusto Ferreira d'Almeida.
14 Luiz Augusto da Silva Canedo.
15 Luiz Jozé Lecoq d'Oliveira.
16 Manoel Jozé da Fonseca.
17 Manoel de Matos Gonçalves.
18 Manoel Ribeiro Gomes.
19 Manoel Vicente Lisboa.
20 Tobias Lauriano Figueira de Melo.
21 Urbano de Faria.
22 Visconde de Assis Martins.
23 Visconde de Carvalhaes.
24 Visconde de Leopoldina.
25 Visconde de Moraes.

3.º — REMIDOS.

1 Angelo Tomaz do Amaral.
2 Barão do Desterro.
3 Barão de Guajará.
4 Barão do Ladario.
5 Barão de Lopes Neto.
6 Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.
7 Jozé Vieira Couto de Magalhães.
8 Tito Franco d'Almeida.
9 Visconde de Barbacena.
10 Visconde de Ibituruna.

Os socios estrangeiros rezidentes fora do territorio da Republica não estão sugeitos ao pagamento de prestações semestraes.

N. 6

Socios nacionaes auzentes no estrangeiro, que não pagaram suas prestações semestraes

1 Artur Viana de Lima.
2 Barão do Penedo.
3 Barão do Rio-Branco.
4 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
5 Jozè Antonio d'Azevedo Castro.

N. 7

Distribuição da Revista Trimensal

Durante os dois ultimos annos foram distribuidos 1.488 exemplares da *Revista Trimensal* na fórma seguinte:

	Na Capital Federal	Nos Estados	No Estrangeiro
1893.....	237	258	156
1894.....	217	183	437
	454	441	593

Além d'estes exemplares sahiram 8 coleções em 1893, e 5 em 1894.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LVII

PARTE SEGUNDA

Os claustros e o clero no Brazil, por José Luiz Alves..... 1
Indicações sobre a historia nacional, por Tristão de Alencar Araripe..... 259
Actas das sessões de 1894..... 291
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no dia 15 de Dezembro de 1894..... 393
Sessão da eleição da meza e commissão para o anno de 1895.... 485
Relação das offertas..... 489
Arca de Sigillo: Memoria apresentada pelo socio honorario conselheiro Manoel Francisco Correia..... 501
Lista dos socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 509

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LVII

PARTE I

(1° E 2° TRIMESTRES)

Hoc fuit, ut longos durent bene gesta per annos
Et posuit serâ posteritate fruî

RIO DE JANEIRO

Companhia Typographica do Brazil

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

1894

Fins do Instituto.—Revista Trimensal.—Admissão de socios.—Sessões.—Correspondencias.

O Instituto tem por fim colligir, metodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brazil, e á archeologia e ethnographia e linguas de seos indigenas.

Publica uma *Revista Trimensal*, á qual no fim do anno forma dous tomos de mais de 200 paginas cada um, contendo, além dos trabalhos do Instituto, antigos codices ineditos relativos a objectos patrios, e tambem exemptos interessantes das obras sobre o mesmo assumpto, dadas á luz por outras sociedades ou literatos nacionaes ou estrangeiros.

Os socios são effectivos, correspondentes, honorarios e benemeritos, havendo uma classe de socios com o titulo de presidentes honorarios que só póde ser conferido ao chefe do Estado, ou aos chefes de outras nações.

Admittem-se como socios tanto os nacionaes como estrangeiros.

As sessões ordinarias do Instituto, á que podem assistir todos os socios, tanto effectivos como honorarios, correspondentes e benemeritos, têm logar de 15 em 15 dias.

A correspondencia e todas as remessas devem ser dirigidas ao 1º secretario e encaminhadas para o Instituto, aberto todos os dias das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Commissão de redacção da Revista Trimensal

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Barão Homem de Mello
Henrique Raffard.

Thezoureiro do Instituto

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

AVIZO

De qualquer obra sobre historia, geographia e ethnographia, assumptos com que especialmente se occupa o Instituto, será publicada na capa da *Revista Trimensal* uma noticia, pela qual se possa avaliar o merito da obra.

O Instituto receberá:

1.º Para a sua bibliotheca quaesquer obras literarias e principalmente sobre historia e geographia;

2.º Para o seu archivo originaes ou copias de documentos, mappas, diplomas e escriptos historicos ineditos.

3.º Para o seu museu quaesquer objectos de valor historico, como retratos de homens illustres, artefactos antigos ou de recordação historica, moedas raras e objectos de merito artistico em geral.

ed on

Stanford University Libraries
3 6105 013 855 338

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

FEB 22 '70
MAR 24 '70
APR 24 '70